

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PSICOLOGIA DA SAÚDE

Olga Rebordão de Oliveira Cunha

Os Adolescentes e a sua sexualidade:
conversas com Adultos no contexto do
Movimento Escutista
Estudo Exploratório

ORIENTADOR:

Professor Doutor António Pires
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

CO-ORIENTADOR:

Professor Doutor Duarte Vilar
ISSSL/Universidade Lusófona

2008



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de
Documentação

Registo: 18314
Data: 08/06/09

Tel.: 21 881 17 50 • bilispa@ispa.pt

Agradecimentos

"Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."

Antoine de Saint-Éxupéry

Aos Dirigentes que voluntariamente participaram neste estudo e sem os quais, ele não teria sido possível.

À Junta Central 2003/2004 pela abertura que revelou e pelas facilidades que concedeu.

Ao Pedro Duarte Silva, Helena Leite, João Armando, José Santos, Maria Helena Guerra e à Nucha pela amizade e apoio dado durante os bons e maus momentos.

Aos Professor Doutor Duarte Vilar e Professor Doutor António Pires, pelas palavras de encorajamento, críticas e opiniões durante a elaboração deste trabalho, ao longo da sua execução.

Aos meus Pais, pelo seu apoio e pela paciência que tiveram em rever todo o texto, pelas suas críticas e opiniões, e sobretudo, por serem quem são. Aos meus Sogros, também pelo seu apoio e pela ajuda inestimável com as miúdas.

Ao Pedro pelo seu apoio incondicional ao longo destes anos. À Patrícia e à Marta, que nasceram durante este Mestrado e são o que de mais importante existe na minha vida.

RESUMO

As vivências dos adolescentes relativas à sexualidade constituem, actualmente e sem qualquer contestação, uma preocupação constante da maioria dos Dirigentes, que com eles desenvolvem um projecto educativo no Corpo Nacional de Escutas.

Neste âmbito efectuou-se um levantamento de opiniões acerca da imagem que os adultos da associação têm da sexualidade dos seus jovens, quais as dificuldades que encontram e que propostas fazem para o futuro tratamento desta temática dentro da associação, no que se refere à formação de adultos e à educação dos jovens.

Com o presente estudo, optámos por recolher a informação de carácter qualitativo, o que nos permitiu obter informação mais aprofundada e relevante para a temática em causa. Visando uma maior percepção do modo como os Dirigentes vêem a sexualidade, optámos pela técnica de focus group como técnica privilegiada da recolha de dados.

Em matéria de conclusões são abordados os diversos discursos produzidos pelos Dirigentes onde uma parte evidencia uma forte vivência da sua religiosidade e considera esta temática como uma temática interna à família enquanto que outros, em maior número, apesar de vivenciarem de acordo com os valores preconizados sentem que são colocados em causa pela mutabilidade e diversidade da própria comunidade onde estão inseridos.

Abstract

The adolescents experiences towards sexuality constitute, currently and without any contestation, a constant worry of the majority of the Adult Leaders, that with them develop an educational project in the National Scout Movement Association.

Within this scope, an opinion enquiry was performed regarding the image that the association adults have about their youths sexuality, which difficulties they find and what proposals they make for the future handling of this theme inside the association, related to the adults formation of and to the youths education.

With the present survey we have chosen to collect qualitative information which has allowed us to get more comprehensive and relevant information for the subject in question. Considering a better perception of our Leaders regarding the way they see sexuality, we have chosen the 'focus group' technique as more appropriate for collecting data.

In a way of conclusions, different talks produced by the Managers are approached, where a part of them shows up a strong experience of their religiosity and considers this thematic as an internal theme to the family, whereas others, in bigger number, despite of a life experience according to the advocated values, feel that they are challenged by the mutability and diversity of their own community.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
PARTE UM – Sexualidade e Adolescência num contexto de mudança	15
1. A sexualidade	16
1.1 Contexto histórico	16
1.2 Atitudes face à sexualidade	27
2. A sexualidade na adolescência	31
2.1 A adolescência	31
2.2 Características da sexualidade nos adolescentes	34
3. Atitudes face à sexualidade dos adolescentes	38
PARTE DOIS – O Escutismo e o Corpo Nacional de Escutas	42
1. O Escutismo.....	43
1.1 O Corpo Nacional de Escutas.....	46
1.1.1 História	46
1.1.2 Estrutura	50
1.1.3 Formação de Dirigentes	53
1.1.4 Escuteiros do CNE: quem são e quantos são	55
2. O CNE e a sexualidade dos jovens.....	57
2.1 Metodologia	57
2.2 A Revista Flor de Lis	58
2.2.1 Até 1971	58
2.2.2 De 1972 a 1974	59
2.2.3 De 1975 a 1980	60
2.2.4 Década de 80	61
2.2.5 Década de 90	66
2.2.6 O novo milénio... até 2004	71

PARTE TRÊS – Os Dirigentes e a sexualidade dos adolescentes no contexto do Corpo Nacional de Escutas – Um estudo empírico.....75

A. Aspectos metodológicos

1. Fundamentação do problema	76
2. Caracterização da amostra	78
3. Método de recolha de dados: o focus group	82
3.1 Breve perspectiva histórica	82
3.2 Focus group ou grupos de discussão	84
3.2.1 Vantagens e limitações dos grupos de discussão	85
3.2.2 Limitações ou inconvenientes	86
3.3 Aspectos do desenho, campo e análise dos grupos de discussão	87
3.4 A actuação do moderador e os participantes na discussão	89
3.5 Análise e apresentação da informação	91
3.6 Algumas recomendações teórico-práticas sobre o tratamento dos grupos de discussão	91
4. Procedimento	93
5. Tratamento dos dados	96
5.1 Análise de conteúdo	96

B. Apresentação e análise dos resultados98

1. Tema 1 – A adolescência vista pelos Dirigentes	99
2. Tema 2 – Os intervenientes na socialização dos adolescentes	101
3. Tema 3 – A sexualidade na adolescência segundo os Dirigentes	109
4. Tema 4 – A Educação sexual nos adolescentes vista pelos Dirigentes	115
5. Tema 5 – O CNE e a Educação Sexual dos Adolescentes	122

PARTE QUATRO - Discussão dos resultados130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS139

ÍNDICE DE QUADROS E DE FIGURAS

• Quadro 1 – Atitude face à homossexualidade	28
• Gráfico 1 – Evolução lobitos, desde 1990 a 2003, por género sexual	55
• Gráfico 2 – Evolução exploradores, desde 1990 a 2003, por género sexual	55
• Gráfico 3 – Evolução pioneiros, desde 1990 a 2003, por género sexual	56
• Gráfico 4 – Evolução caminheiros, desde 1990 a 203, por género sexual	56
• Gráfico 5 – Evolução do efectivo de Dirigentes, desde 1990 a 2003, por género sexual ...	57
• Gráfico 6 – Distribuição da amostra por género sexual e por grupo	78
• Gráfico 7 – Distribuição da idade pelos grupos e na totalidade da amostra	78
• Gráfico 8 – Estado Civil, dos sujeitos da amostra	79
• Gráfico 9 – Escolaridade por grupo	79
• Gráfico 10 – Escolaridade por género sexual	80

INTRODUÇÃO

Se se define o ser humano pela experiência, ou seja, pela sua maneira própria de representar o mundo... um ser humano sem sistema sexual é tão incompreensível quanto um ser humano sem pensamento.

Há osmose entre sexualidade e existência.

A sexualidade é todo o nosso ser.

Merleau Ponty, 1975

A sexualidade é definida, actualmente, pela Organização Mundial de Saúde como “um aspecto central da qualidade humana durante toda a vida, implicando sexo, identidade e papéis do género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Enquanto a sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem todas elas são sempre experimentadas e expressas. A sexualidade é influenciada pela interacção de factores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais” (site da OMS, 2006)

São várias as influências na construção da sexualidade humana. Desde os sistemas de família e parentesco, mudanças económicas e sociais, os contextos políticos, até às

formas de regulação social, nomeadamente a lei e os grupos de pares (Weeks, 1989; citado por Vilar, 2003).

A sexualidade faz parte integrante da vida e da identidade pessoal e influencia a personalidade, iniciando-se à nascença e mantendo-se presente até ao fim da vida. As atitudes e valores relacionados com a sexualidade são culturalmente impostos, sendo definidos pela família, pela religião, pelos parceiros sexuais, pelos grupos de pares, pela economia, pela escola, pelos órgãos de comunicação social e claro, pelas associações a que pertencemos. Compreender a nossa própria sexualidade e a dos outros, constitui um aspecto da vida de tal modo importante que não podemos ficar alheios (Cortesão, 1989; Lopez, 1989, Sampaio, 1987).

Em qualquer comunidade ou sociedade, devido ao facto da sexualidade humana ser, em grande parte, definida e/ou influenciada pelos diversos factores já enumerados, poderão colocar-se as seguintes questões: que queremos que os jovens saibam, entendam, sintam e façam em resultado da abordagem do tema?

Por outro lado, o aparecimento do VIH e da SIDA aumentou em muito a consciência pública da necessidade de programas de educação sexual bem organizados. Importa que tal educação não seja considerada apenas uma medida preventiva de combate às infecções sexualmente transmissíveis, ou IST como são vulgarmente conhecidas, e/ou outros problemas correlacionados. A educação para a sexualidade deverá contribuir para a realização do indivíduo, para a formação integral da pessoa e para o estabelecimento de relações sólidas (Amaro, 1995; Araújo, 2001).

Dilys Went (Young, 1999) refere que existirão pelo menos sete importantes objectivos a atingir com a educação sexual:

- ⇒ combater a ignorância e melhorar a compreensão;
- ⇒ reduzir a culpa e a ansiedade;
- ⇒ incentivar comportamentos responsáveis;
- ⇒ combater a exploração sexual;
- ⇒ cultivar a capacidade de tomar decisões bem fundamentadas;
- ⇒ facilitar a comunicação sobre temas sexuais;

⇒ desenvolver a capacidade educativa dos futuros pais e doutras pessoas que cuidem de jovens e crianças;

Ainda que esteja já implícito nos objectivos anteriores, o mesmo autor refere que é útil acrescentar ainda um outro:

⇒ ampliar a compreensão da importância do respeito por si próprio e do respeito pelos outros no âmbito das relações humanas.

Como se poderá considerar óbvio, e no âmbito deste trabalho, importa aprofundar, tanto quanto possível, a imagem que os nossos educadores têm sobre esta temática e sobre o desenvolvimento de estratégias para explorar este tema.

Numa altura em que as crianças são bombardeadas com imagens e linguagens dos variados meios de comunicação, imagens e palavras essas que não entendem inicialmente, mas que vão interiorizando e que as despertam muito cedo para “realidades tão aliciantes quanto perturbadoras” (Dias, Ramalheira, Marques, Seabra & Antunes, 2002), torna-se indispensável promover a integração equilibrada destas experiências no desenvolvimento das crianças e jovens.

O Corpo Nacional de Escutas (CNE) – Escutismo Católico Português é uma associação de juventude que tem por fim a formação integral dos jovens de ambos os sexos, através da aplicação do método educativo do Escutismo. Fundado em 27 de Maio de 1923, o CNE é a maior organização portuguesa de juventude, com cerca de 70.000 membros, que abrange todos os Distritos nacionais, do Continente e Ilhas.

Os educadores constituem um valioso recurso, pois o que as crianças e jovens aprenderem, será directamente influenciado pela maneira como os educadores respondem às perguntas por eles formuladas, como reflectirem sobre pontos de vista divergentes e, sobretudo, pelo respeito que mostrem aquando das perguntas e respostas dos jovens. É imprescindível que os educadores Dirigentes se sintam bem com a sua própria sexualidade e que, sem entraves, estejam habilitados a falar dos problemas, do relacionamento e do comportamento sexual.

A par da escola e do seu currículo formal, é possível que os jovens consagrem grande parte do tempo e da energia de que dispõem a assuntos respeitantes à sexualidade, sobretudo quando atingem a puberdade. Os Dirigentes deverão tomar consciência deste facto e ser sensíveis a este assunto.

Surgem então as seguintes questões, que servem de ponto de partida ao presente estudo:

- Dada a complexidade que esta temática envolve, uma vez que deverá estar implícito “o desenvolvimento de referências éticas, de atitudes, de afectos e de valores na família, na escola e na sociedade”, sendo destacada a “consciência clara da importância da tomada de decisão, de recusa de comportamento não desejado e do conhecimento de recursos para apoio quando este for necessário” (Resolução do Conselho de Ministros n.º 124/98), como é que a sexualidade dos jovens escuteiros é percebida pelos Dirigentes que os enquadram?
- Por outro lado, e tendo em conta que no dia a dia, os Dirigentes emitem mensagens que têm implicações nos relacionamentos interpessoais, embora nem sempre sejam conscientes, como é que estes Dirigentes encaram essa sexualidade?
- Finalmente, que práticas são realizadas no trabalho com estes jovens, tendo em conta as percepções e atitudes evidenciadas anteriormente?

Destas questões, surgem os objectivos do estudo:

- A. Atendendo à falta, no CNE, de instrumentos e/ou ferramentas de avaliação da informação sobre a sexualidade, proceder ao diagnóstico da qualidade da mesma;
- B. Verificar, de acordo com a literatura, quais os estilos educativos que encontramos no contexto do Movimento Escutista;
- C. Determinar em que medida a percepção da sexualidade dos jovens adolescentes é influenciada pelas mensagens emitidas no quotidiano;

Estes objectivos prendem-se com:

- A promoção de um debate que envolva os Dirigentes da Associação sobre a temática apresentada;
- Reconhecimento dos efeitos das mensagens emitidas no quotidiano e a sua implicação no relacionamento interpessoal;
- Da reflexão conjunta pretende-se escolher o modelo de educação sexual orientador das acções a realizar;

Citando Bach, (1995), *“Se a criança que fomos nos questionasse hoje sobre o melhor que aprendemos na vida, o que diríamos e o que poderíamos vir a descobrir?”*.

PARTE UM – Sexualidade e Adolescência num contexto de mudança

1. A sexualidade

1.1 Contexto histórico

A sexualidade era vista como algo perigoso, não só do ponto de vista moral e religioso, como também do ponto de vista científico, tendo surgido ao longo de todo o século XIX, literatura onde a sexualidade é vista como um instinto necessário para a procriação mas que deve ser limitado, sendo condenados os excessos do coito heterossexual, bem como a masturbação, a homossexualidade, as manifestações de sexualidade na infância e na adolescência, dos deficientes ou dos idosos (Allen Gomes, 1987; Jimenez, 1990).

Por outro lado, a intimidade não era cultivada. As casas particulares, incluindo todas as divisões, eram locais públicos onde as pessoas se encontravam para o trabalho, o convívio, as refeições, o divertimento, entre outros. A cama, considerado como um símbolo por excelência da intimidade era um móvel desmontável (Maça & Andrade, 1997).

Esta visão da sexualidade era ainda mais restrita no que se refere às mulheres. Segundo Scanzoni e Scanzoni (1988, p. 107; citado por Vilar, 2003), era tido como inquestionável que “nenhuma mulher decente tivesse desejos sexuais; só as mulheres “perdidas” gostavam de sexo”. Esta visão dicotômica entre mulheres decentes e perdidas levava a que fosse considerada uma doença, de neurose, histeria para as primeiras e uma característica normal nas segundas (Vilar, 2003).

Já no caso do sexo masculino, a manifestação da sexualidade era considerada normal e inata, sendo-lhes reconhecido o direito ao prazer, com moderação (Vilar, 2003).

Concluindo, a sexualidade era um tema que não deve ser falado seja em público, seja em família ou mesmo entre o casal.

Até meados do século XIX, a sexualidade encontrava-se “cuidadosamente encerrada”. Nas famílias burguesas, os serões eram de acesso restrito, sendo admitidas, para além das pessoas da casa, alguns vizinhos, parentes próximos e figuras tidas como respeitadas, como o padre, o médico e/ou o professor.

As saídas nocturnas que os adolescentes hoje em dia tanto gostam, eram simplesmente para visitar o lausperene à igreja, algum doente, assistir à novena, ao mês Mariano ou à trezena de Santo António.

Quanto ao casamento, este regia-se por leis mais terrenas, de propriedade, sendo que o amor e/ou a vida sexual eram quase exclusividade de relações extra matrimoniais.

Uma experiência estatística da altura, publicada num jornal manuscrito “Mercúrio de Lisboa”, de 4 de Janeiro de 1744, indicava-nos que no ano anterior, teriam sido colocados na “roda dos enjeitados”, cerca de 1033 crianças. A acrescer a este número, os abortos e os infanticídios, resultantes de relações ilegítimas, ocorriam por toda a parte. Em resultado desta situação, é publicado em 1783 a célebre circular de 10 de Maio, que manda criar e abrir em todas as comarcas do país, as famosas “casas de roda” (Pais, 1999).

Mais ou menos por esta altura, mais precisamente em 26 de Setembro 1769, é publicado o alvará que punia não só a mulher adúltera como o marido enganado, em virtude dos escárnios públicos frequentes a que estes eram sujeitos. De facto, tal era a situação, que o próprio Marquês de Pombal foi obrigado a proibir, sob pena de Aljube, quem *“persistisse na brincadeira de mau gosto de andar de noite a pendurar chavelhos pelas portas de toda a gente”* (Pais, 1987, p.6). O adultério representava assim, não apenas uma violação dos direitos do marido como também uma demonstração do seu fracasso no “cumprimento do seu dever”.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a sexualidade esteve sujeita a um conjunto de convenções e actuações que hoje nos parecem, no mínimo, desajustadas. Como exemplo, é referido que o desejo sexual estava estreitamente dependente com a ocultação de determinadas partes do corpo. A virgindade era garantida por uma escala de pudor segundo a qual as partes visíveis tinham um código muito próprio. Por exemplo, na rua, a mulher só deveria mostrar a cara e as mãos; no teatro já se podiam ver os braços e o peito, na praia, estendia-se às pernas.

No entanto, em meados do séc. XIX, começa a assistir-se a uma crescente valorização do corpo, proliferando na altura literatura sobre higiene do corpo, métodos para ter filhos saudáveis e processos para melhorar a descendência humana, entre outros.

No caso das classes mais altas, as preocupações higienistas levaram à proliferação de variados odores, o que as distanciava das classes ditas “perigosas”.

Já com Freud (Pais,1987) e durante grande parte do século XX, se reconhecia a necessidade de controlar a sexualidade dos jovens através de mecanismos como a separação dos sexos, a utilização da linguagem, dos gestos e do vestuário. Em relação aos namoros, por exemplo, estes devem ser autorizados pelos pais, terem sempre presente alguém para além do casal (conhecido popularmente como pau-de-cabeleira) e fazerem-se em sítios públicos.

A sexualidade devia assim ser controlada até ao casamento. A virgindade nas raparigas continuava a ser algo a preservar e mesmo nos rapazes, embora fosse tolerado a procura do prazer sexual, era-lhes proposto que o fizessem recorrendo à prostituição onde haveria menos riscos de escândalo (Vilar, 2003).

O receio de uma gravidez antes do casamento era o maior factor que contribuía para este comportamento, pois a sua existência colocava em causa o “bom nome” da família bem como a possibilidade de “fazer” um bom casamento.

No entanto, e segundo Shorter (1995), deram-se duas revoluções sexuais. A primeira durante o séc. XVIII, quando os afectos passaram a ser primordiais na escolha da pessoa com quem se iria casar, apesar das restrições já antes mencionadas. A segunda já na década de 60 do séc. XX, quando as relações pré-conjugais se tornaram comuns, ocorrendo não só com a pessoa com quem se pretende casar, ou seja, tinham-se relações sexuais com alguém porque se gostava, sem que isso implicasse um compromisso de casamento.

A sexualidade deveria ser encarada a partir de um ponto de vista social, relacionando-a, sempre que possível, com a carga de impressões rituais, mecânicas e ocultas da sociedade que invariavelmente lhe aparecem associadas.

Segundo Eli Zaretsky, o sexo é “o acto mais supremamente social, uma troca humana de amor e poder” (Eli Zaretsky, 1976; citado por Pais, 1987, p.5).

Ainda durante o século XX, as associações e organizações juvenis permitiam um maior convívio entre os jovens noutros países sobretudo na Europa. Em Portugal, tal não acontecia. A mocidade portuguesa tinha espaços separados, as escolas não eram mistas havendo mesmo uma entrada para raparigas e outra para os rapazes.

Os manuais escolares não continham qualquer alusão à sexualidade. Os mapas referentes ao corpo humano eram assexuados, sendo a reprodução estudada somente nas plantas e noutros animais (Vilar, 2003).

Nos EUA, e após um estudo publicado por Kinsey (Vilar, 2003), verificou-se que a masturbação não só era um fenómeno quase universal entre os homens solteiros, como era pratica corrente entre as mulheres, casadas e solteiras. A relações sexuais antes do casamento era um comportamento sexual praticado por uma parte significativa do rapazes e das raparigas. Os estudos revelavam ainda que uma em cada quatro mulheres tinha tido contactos antes da adolescência com homens com mais de 15 anos, 52% dos quais eram desconhecidos, 32% eram amigos ou conhecidos e 16% eram membros das suas famílias (tios, irmãos ou pais).

No entanto, existiram correntes de alguma resistência, sobretudo os trabalhos científicos (Meyer-Bahlburg, 1993; Shah & Zelnik, 1993) publicados nas áreas da medicina, da psicologia e da pedagogia. Após a II Guerra Mundial, os pais começam cada vez mais a interrogarem-se sobre as suas vidas sexuais e a sexualidade dos filhos.

As classes médias começam a exercer uma força no sentido da mudança para uma visão mais inovadora em detrimento das ideias tradicionalistas. O desenvolvimento dos media e a crescente intervenção do estado em áreas como a saúde, a educação, a juventude e a assistência social leva ao desenvolvimento de práticas ligadas à família, sobretudo no campo do desenvolvimento infantil e juvenil.

Com a implantação de um regime ditatorial apoiado pela Igreja Católica, esta vai ter uma influência determinante na vida social e familiar dos portugueses. A educação moral e religiosa dos adolescentes e jovens em relação à sexualidade é feita de forma muito metafórica, sobretudo através da escola e de organizações com cariz militar, como é o caso da Mocidade Portuguesa. São censuradas obras consideradas como um ataque à moral vigente sendo ainda revogada a legislação mais permissiva sobre o casamento, o aborto ou a contracepção.

Em 1954 é inventada a pílula contraceptiva, tendo sido comercializada a partir do início dos anos 60. Trata-se de um novo método, seguro, pouco dispendioso. A sua grande importância prende-se com o facto de os casais poderem controlar a natalidade e usufruírem do prazer sexual.

A própria Igreja Católica, com a convocação de um Concílio, pelo Papa João XXIII, e no seguimento de mudanças de posição favoráveis à contracepção por parte das principais igrejas protestantes, reconhece nos anos 60 o direito aos casais (casados) de regularem a sua fecundidade, reconhecendo, assim, que a dimensão do prazer é importante no desenvolvimento e manutenção da relação. Isto não quer dizer que aceite a pílula ou outros métodos artificiais, pelo contrário, aceita unicamente os chamados “métodos naturais” de regulação propostos por Ogino e Knauss, no início da década de 30 (Vilar, 2003).

As décadas de 60 e 70 constituem nas sociedades ocidentais, como já vimos, um marco na viragem e ruptura visíveis entre duas épocas da moralidade individual e social no que diz respeito à sexualidade. Na década de 60, por exemplo, há cada vez mais casais a utilizarem a pílula, crescimento dos nascimentos em mães adolescentes e fora do casamento, e o aumento do número de divórcios.

O planeamento familiar surge neste contexto sobretudo através de organizações e movimentos de mulheres, com a reivindicação do direito à contracepção (que era ainda criminalizada nos EUA, França ou Portugal), e a mudança da legislação que proibiam e criminalizavam o aborto.

Em Portugal, no entanto, e apesar de na restante Europa, os ditadores terem caído e as economias apresentassem prosperidade, os jornais e os filmes continuavam a ser censurados e a dança moderna fortemente criticada, (Mónica, 1999). Outras características da sociedade portuguesa descritas pela autora, abarcam várias áreas, como a obrigatoriedade das adolescentes calçarem meias de vidro quando iam à Igreja ou vestirem fatos de banho com um longo saiote.

No ano de 1961, outro episódio marcou a então sociedade coimbrã. Em Abril, era publicado no *Via Latina*, o porta-voz da Associação Académica de Coimbra, o artigo “*Carta a uma jovem portuguesa*”, escrito por A. Marinha de Campos, que defendia a emancipação feminina, criticando fortemente o facto das raparigas universitárias serem *enclausuradas* em lares governados por freiras. Este artigo ficou conhecido através de um artigo publicado num jornal católico denominado *O Encontro*, que decidiu defender “*a honra das virgens*” (Mónica, 1999).

No que se refere à Igreja Católica, em 1963, os católicos mais progressistas acompanharam a discussão e o debate interno do Concílio Vaticano II. No Seminário dos Olivais aparecia uma disciplina sobre sexualidade e casamento (Vilar, 1991) e alguns professores de Moral debatiam em escolas secundárias, como no Liceu de Leiria, de uma forma aberta, questões ligadas às preocupações e comportamentos sexuais dos jovens (Dinis, 1993).

No entanto, mesmo dentro da Igreja Católica havia um grupo que desejava reflectir sobre os limites que lhes eram impostos, nomeadamente no que se referia à sexualidade.

Em 1963 era publicada uma nova revista “*O Tempo e o Modo*”, com o patrocínio de um advogado católico, de seu nome António Alçada Baptista. A equipa redactorial dedicou-se à escrita de uma série de monografias onde um dos números mais polémicos tinha como tema o casamento (Mónica, 1999). Aí, o advogado contava algumas histórias, entre elas, uma que teria tido lugar numa quinta da Covilhã, onde alguns membros da antiga nobreza discutiam se a procriação seria um dever ou um prazer. A determinada altura, um dos intervenientes, ter-se-ia virado para o seu criado questionando-o sobre esta temática, ao que o mesmo lhe terá respondido: “*Oh, Senhor D. Luís, é claro que é*

um prazer, porque se fosse uma obrigação já há muito que me tinha mandado fazer os seus” (citado por Mónica, 1999; p. 22).

A mulher era também tida como um ser de segunda. Não podia ter cartões de visita do mesmo tamanho que os do seu marido ou com a morada impressa, e só podiam votar quando eram chefes de família ou possuísem cursos superiores (Mónica, 1999).

A introdução da coeducação nas escolas surge em Portugal com a Reforma Veiga Simão, em 1973, tendo sido ainda proposta a reformulação dos manuais escolares (Frade et al, 1992).

A 24 de Abril de 1974, dá-se a Revolução com o mesmo nome, pondo fim ao regime do Estado Novo o que veio trazer um incremento nas mudanças ao nível da sexualidade, nomeadamente no que se refere ao puritanismo até aí existente, à censura, que deixou de existir, as organizações às quais foi permitido a sua implementação e divulgação das ideias, a Concordata foi revista e o divórcio foi permitido, só para citar algumas.

Em 1976 e com a revisão da constituição portuguesa, o planeamento familiar é reconhecido, sendo integrado nas políticas de saúde. É criada a Comissão da Condição Feminina, cujo grande contributo foi as modificações introduzidas no Direito da família e na protecção legal dos direitos das mulheres (Diniz, 1993). Já em 1967 tinha sido criada a Associação para o Planeamento da Família (APF) que pretendia divulgar os métodos mais actuais da contracepção, associação que ainda hoje se mantém.

As últimas três décadas do século XX constituíram, entre nós, o prosseguimento de uma via mais liberal e tolerante no que se refere à sexualidade e a tudo o que lhe diz respeito. Há um aumento da discussão pública em torno dos pressupostos da moral sexual, não só em relação aos adultos mas também aos adolescentes.

O denominado modelo reprodutivo, impregnado de uma moralidade limitadora que restringia a sexualidade à função de reprodução, deu lugar a um modelo denominado de recreativo, no qual a sexualidade assume uma faceta lúdica, de prazer. A sexualidade volta, assim, a ser entendida, como uma dimensão presente ao longo da vida, com

manifestações próprias em cada estágio, tendo sentido a necessidade de aceitação e não repressão das manifestações da sexualidade na infância e na adolescência e juventude.

A sexualidade passa a ser vista também não só no masculino mas também no feminino havendo alguma convergência de atitudes e comportamentos (Zani, 1991). A diversidade é a palavra de ordem sendo a sexualidade cada vez mais aceite não só entre os dois sexos mas entre os ou as do mesmo sexo.

Tem havido bastantes estudos que evidenciam estas mudanças. No que se refere às atitudes, Robinson et al. (1991; citado por Vilar, 2003), num estudo e respectivas replicações efectuadas em 1965, 1970, 1975, 1980 e 1985, com estudantes americanos de ambos os géneros sexuais, há uma liberalização em relação à sexualidade antes do casamento significativa, e um crescimento de atitudes negativas face ao facto de se poder ter numerosos parceiros sexuais.

Já na Grã-Bretanha, num estudo efectuado por Jowell et al.(1992), é referido que em 1983, apenas 28% dos britânicos encaravam a sexualidade antes do casamento como um comportamento quase sempre errado; no entanto, em 1991, esta percentagem diminuiu para 19%.

Em Portugal, os estudos obtiveram resultados semelhantes. Pouco tempo antes do 25 de Abril de 1974, foi realizado um estudo com estudantes do Liceu, em Lisboa onde apenas 27% dos rapazes e 8,5% das raparigas concordavam com as relações sexuais antes do casamento (Santos, 1975). Dez anos depois, no estudo do IED (1983), com uma amostra de jovens entre os 15 e os 25 anos de idade, 83,1% dos rapazes e 63,7% das raparigas concordavam com as relações sexuais antes do casamento. O mesmo estudo referenciava que 73,7% dos jovens eram a favor da contracepção, indicando no entanto, uma opinião desfavorável à homossexualidade.

Em 1991, num estudo efectuado pela Comissão para a Igualdade e Direitos da Mulher, com uma amostra de sujeitos acima dos 15 anos, foram 26,1% os que afirmaram não concordar com o facto das mulheres terem relações sexuais antes do casamento, sendo 13,4% em relação aos homens. No que diz respeito ao planeamento familiar, 83,4% são de opinião que os solteiros devem ter acesso ainda que não exista consentimento por

parte dos pais. 5,1% são contra a educação sexual e 58,5% são de opinião que a mesma deve ter lugar nas escolas. Em relação à fidelidade, 53,3% acham que não deve ser aceite enquanto que 40,5% são de opinião que deve ser aceite (Costa, 1992).

Num estudo efectuado no Concelho de Loures (Almeida et al., 1996), apenas 7% dos jovens inquiridos no estudo não concordava com relações antes do casamento. Em relação à contracepção, 18% dos rapazes e 2,9% das raparigas admitiam não vir a utilizar a pílula, sendo a percentagem de 4,1% e 3,9% em relação ao preservativo, respectivamente. Em relação às representações sobre a sexualidade, 64,5% é favorável a todos os tipos de relacionamento sexual incluindo os homossexuais enquanto que 29,8% só admitem em relação a uma relação heterossexual. Relativamente à base para haver relações sexuais, 69,5% acha que o sexo não tem sentido sem amor e 26,3% são de opinião contrária. 59,2% não concordam com a infidelidade enquanto que 35,8% a toleram.

No estudo do Observatório Permanente da Juventude Portuguesa (ICS), publicado em 1998, a maioria dos sujeitos, de ambos os sexos, é de opinião que as relações sexuais não tem sentido sem amor (Vasconcelos, 1998). Também Pais et al. (1998), num estudo realizado em 1995, chegou aos mesmos resultados acrescentando ainda que somente 46% aceitavam as relações antes do casamento. Pode-se verificar, assim, que existe uma ligação entre a vida sexual e a amorosa valorizando de forma positiva a sexualidade.

A uma sociedade cada vez mais permissiva para com o comportamento sexual dos jovens, contrapõem-se um sistema educativo e de saúde que nega, por outro lado, a existência de uma vida sexual activa nesta faixa etária.

Segundo López e Oroz (1999), esta dupla realidade faz com que os jovens corram dois tipos de riscos: riscos ligados a experiências sexuais e relacionais inadequadas e riscos ligados à gravidez não desejada e à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

Ainda segundo estes autores: “...a contradição actual é insustentável e constitui uma grave irresponsabilidade dos adultos para com os jovens. Este é, em nosso entender, o principal problema actual sobre a regulação da sexualidade” (López & Oroz, 1999, p.14).

Por outro lado, as diferenças de género continuam presentes na sexualidade juvenil mas de forma mais atenuada. As raparigas, apesar de “carregarem” com o peso de uma educação considerada mais tradicional, têm a possibilidade, socialmente legitimada, de uma sexualidade juvenil e pré-conjugal e o direito ao prazer (Roque, 2000, APF, ?).

Existe ainda, segundo Vasconcelos (1999), um duplo-padrão social pois quanto mais se avança de um eixo socialmente desfavorecido para um eixo socialmente favorecido, mais se avança de posições tradicionalistas para posições modernistas.

Os estudos em Portugal são ainda poucos. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (1998), 15.3% da população portuguesa eram jovens entre os 15 e os 24 anos.

Em relação a alguns valores, Lucas (1993) descreve, no seu estudo, uma taxa de virgindade de 34% para os homens e 12% para as mulheres até aos 19 anos; e de 27% para homens e 14% para as mulheres entre os 20 e os 24 anos. No grupo dos 18-19 anos, 12% das raparigas e 34% dos rapazes eram sexualmente activos, sem parceiro regular.

Quanto ao casamento, a idade do primeiro casamento, legal ou de facto, é sempre mais baixa nas mulheres do que nos homens. No grupo etário dos 15-19 anos, cerca de 4% das mulheres já haviam iniciado uma ligação conjugal, contra pouco mais de 1% no caso dos homens (INE, 1998).

A SIDA surge como um problema ligado à sexualidade durante a década de 80. As relações sexuais anais foram a primeira via de transmissão identificada, embora as relações sexuais vaginais sejam responsáveis pelo maior número de infecções no mundo (European Group Study, 1992).

Relativamente à família, existiu nos anos 80, uma Secretaria do Estado da Família na orgânica do governo da altura o que pode ser entendido como uma manifestação das preocupações que a realidade das famílias suscitava (Leal, 1985).

Com o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação, não são só os corpos que podem viajar e atravessar o mundo mais depressa. Mais do que isso, este desenvolvimento traz-nos a possibilidade de viajar através do espírito, difundir mais rapidamente e de forma mais vasta os diversos modos de pensar e sentir, o que origina numerosas repercussões.

O próprio fluxo migratório tem sido catalizador de mudanças profundas na forma de ser do homem, que por contacto com outros costumes e ideias, modificam a sua forma de agir e de pensar. Multiplicam-se assim, as relações do homem com os seus semelhantes, ao mesmo tempo que a própria socialização introduz novas ligações, sem no entanto, deixar o processo maturativo acontecer convenientemente.

A transformação da mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes, conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível.

No seio da família, originam-se tensões, quer devido às pressões demográficas, económicas e sociais, quer pela dificuldade que surgem entre as várias gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre homens e mulheres.

1.2 Atitudes face à sexualidade

Por definição, as atitudes que temos face a situações ou a pessoas vão influenciar o nosso comportamento, sobretudo quando estão ligadas a temas como a sexualidade ou nas quais estamos envolvidas de forma pessoal.

Segundo Insko e Schopler as atitudes podem ser definidas como “predisposições para avaliar favorável ou desfavoravelmente os objectos” (citado por Lopes & Fuentes, 1999, p.22) e vão sendo construídas ao longo da nossa vida, na interacção com os outros.

Estes autores distinguem ainda dentro das atitudes, as opiniões: ideias ou crenças sobre as quais os sujeitos não têm informação científica; sentimentos: reacções fisiológicas que traduzem as mudanças biológicas internas e externas.

Como exemplo de opinião podemos referir a ideia que ainda muitas pessoas têm face à homossexualidade, considerando-a como uma doença. Relativamente ao sentimento, podemos evidenciar a comunicação não verbal que um sujeito transmite por não estar de acordo com alguma situação.

As atitudes têm assim três componentes interligadas:

- cognitiva (opiniões ou crenças)
- afectiva (sentimentos)
- comportamental (actuação de uma forma determinada).

Lopes & Fuertes (1999), no seu livro apresentam o seguinte exemplo:

ATITUDE FACE À HOMOSSEXUALIDADE

	Positiva	Negativa
Opiniões	<ul style="list-style-type: none"> ♦ É uma orientação minoritária, mas natural. ♦ Os homossexuais são como os outros. Há de tudo. 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ É anormal ♦ São perigosos, estranhos...

Sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Aceitação. ♦ Não específicos. 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Rejeição. ♦ Nojo, medo.
Comportamentos	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Convivência normal. 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Evitamento, troça, agressão.

Quadro 1 – Atitude face à homossexualidade.

Mas como têm evoluído as atitudes face à sexualidade? Nas décadas 40 a 60 do século passado, predominou uma concepção de homem (antropológica) como sendo constituído por duas partes, alma e corpo. A primeira seria a parte nobre, merecedora de todas as atenções e alvo de salvação. O corpo, pelo contrário, era a fonte do pecado pelo que era necessário controlar. Esta visão do Homem era defendida não só pela Igreja Católica como também pelos poderes públicos instituídos.

A sexualidade era, assim, considerada, como algo ligado ao corpo, devendo ser escondida, tendo apenas sentido dentro do casamento e com fins reprodutivos.

As atitudes mais comuns eram as de negação, interdição, proibição e obsessão. Não se podia falar de sexualidade, era algo clandestino sendo fortemente punida qualquer manifestação pela lei, moral ou até mesmo pelos costumes vigentes. Ora este tipo de atitudes levaram a uma obsessão pelo tema sendo tratado através de anedotas ou por regras como a separação dos sexos nas escolas (Carvalho, 1996).

Actualmente, e sobretudo após o 25 de Abril de 1974 em Portugal, a atitude predominante na sociedade portuguesa, é mais liberal, de acordo com uma cultura europeia e ocidentalizada onde se concede liberdade aos sujeitos e se defendem e respeitam liberdades formais (Figueiredo, 1985). Saliente-se, no entanto, que os factores económicos e os meios de comunicação exercem, também eles, uma forte influência no estabelecimento dos valores actuais.

São frequentes e de fácil acesso as publicações hoje existentes dentro da temática da sexualidade, sejam elas científicas ou de cariz mais popular como as revistas, filmes ou

programas. Os próprios governos, ainda que timidamente, defendem a necessidade de uma educação sexual e cuidados de planeamento familiar.

A própria Igreja Católica, sobretudo nalguns sectores mais progressistas, tem seguido algumas ideias inovadoras do Concílio Vaticano II.

No entanto, e apesar desta liberdade de acesso à informação, muito há ainda por fazer pois a informação sem uma educação sexual e planeamento familiar de forma mais frequente e assente em pressupostos teóricos científicos poderão resultar, a médio e longo prazo, em alguns problemas e/ou situações mais graves, nomeadamente no que diz respeito à adolescência.

No campo individual, López e Fuertes (1999, citado por Vilar, 2003) indicam-nos algumas atitudes face à sexualidade que é possível encontrar nas sociedades ocidentais:

- *atitudes de interdição que correspondem ao modelo dominante descrito para as sociedades tradicionais e que foi continuado na primeira fase da modernidade e que integram fundamentalmente sentimentos de negação, obsessão e culpa face à sexualidade;*
- *atitudes de dependência em que o sentimento fundamental é o medo da crítica social e a vulnerabilidade face aos discursos da autoridade;*
- *atitudes de falsa naturalidade em que se combinam um discurso liberal sobre sexualidade com comportamentos tradicionais nessa matéria que são, portanto, incongruentes com esse discurso;*
- *atitudes conservadoras integradas em que se aceitam alguns aspectos e expressões da sexualidade desde que apenas se exerçam dentro de um contexto de relações amorosas estáveis;*
- *atitude liberais individualistas em que o único critério de aceitação das expressões da sexualidade é o da satisfação individual;*

- *atitude liberais impositivas baseadas, à semelhança, das atitudes mais conservadoras, na presunção de verdades únicas, desta vez, numa perspectiva permissiva face à sexualidade;*
- *atitude liberais abertas, baseadas igualmente numa apreciação positiva e permissiva da sexualidade mas também na aceitação da diversidade de possibilidades de expressão e pensamento.*

2. A sexualidade na adolescência

2.1 A adolescência

É normal que o adolescente se comporte de maneira inconsciente e imprevisível. Lutar contra os seus impulsos e aceitá-los; amar os seus pais e odiá-los; ter vergonha de os assumir perante outros e querer conversar com eles; identificar-se e imitar os outros enquanto procura uma identidade própria. O adolescente é idealista, artístico, generoso e altruísta, como jamais o será novamente, mas também é o oposto: egoísta, calculista, egocêntrico.

Anna Freud, *In Educação Sexual: contextos de sexualidade e adolescência* (Pereira & Freitas, 2001, p.19)

Etimologicamente, a palavra adolescência tem origem no latim, *adolescere*, que significa *crescer*.

A adolescência, como fenómeno ou grupo característico surge com a industrialização, que mantém o jovem na família de origem durante um período mais alargado, dando origem ao “*fenómeno adolescente contemporâneo*” (Claes, 1990, pag.13). Até aí, era a puberdade que marcava a saída do jovem da família de origem e a sua integração noutra unidade familiar, onde se mantinha como criado ou aprendiz (Pinto, 2002).

Esta manutenção do jovem na família de origem cerceava uma vivência social mais alargada provocando o desaparecimento dos ritos de passagem à fase adulta. Actualmente, considera-se que estes ritos de passagem estão extintos na sociedade ocidental (Pinto, 2002).

De acordo com o desenvolvimento do ser humano, esta etapa situa-se entre a última fase do desenvolvimento infantil e o estado adulto. Segundo vários autores, não se pode ou deve falar de idades que marquem o início e o fim desta fase (Dias et al, 2002; López &

Fuertes, 1999), uma vez que ocorrem diversas modificações psicossociais com uma variabilidade quase de sujeito para sujeito.

É comum, no entanto, marcar o início com as mudanças morfofisiológicas (corporais, psíquicas e comportamentais) que ocorrem em ambos os sexos, havendo também durante esta fase uma organização da personalidade, em que o passado, o presente e futuro adquirem uma nova formulação que se repercutem nas expectativas face ao futuro (Dias et al, 2002).

Entre as mudanças apontadas podemos encontrar o aparecimento da menstruação na rapariga e a primeira ejaculação no rapaz, a auto-imagem, no humor, nas emoções, nas relações com a família e com os colegas (Nodin, 2002).

Do ponto de vista afectivo, os adolescentes autonomizam-se em relação aos seus progenitores investindo na construção do Eu, o que provoca, não raras vezes, sentimentos contraditórios face à definição da sua própria identidade, por um lado, e à necessidade de integração no seu grupo de pares, por outro.

É também durante a adolescência que se vai atingir a maturidade intelectual, que o ajudará, por exemplo, a fazer a sua escolha profissional uma vez que, segundo Piaget (1976), é nesta altura que ocorre o pensamento formal, caracterizado pelo raciocínio hipotético-dedutivo. Isto permite-lhe diferenciar o real do possível, colocando em dúvida tudo aquilo o que até aí considerava como verdade absoluta (López e Fuertes, 1999).

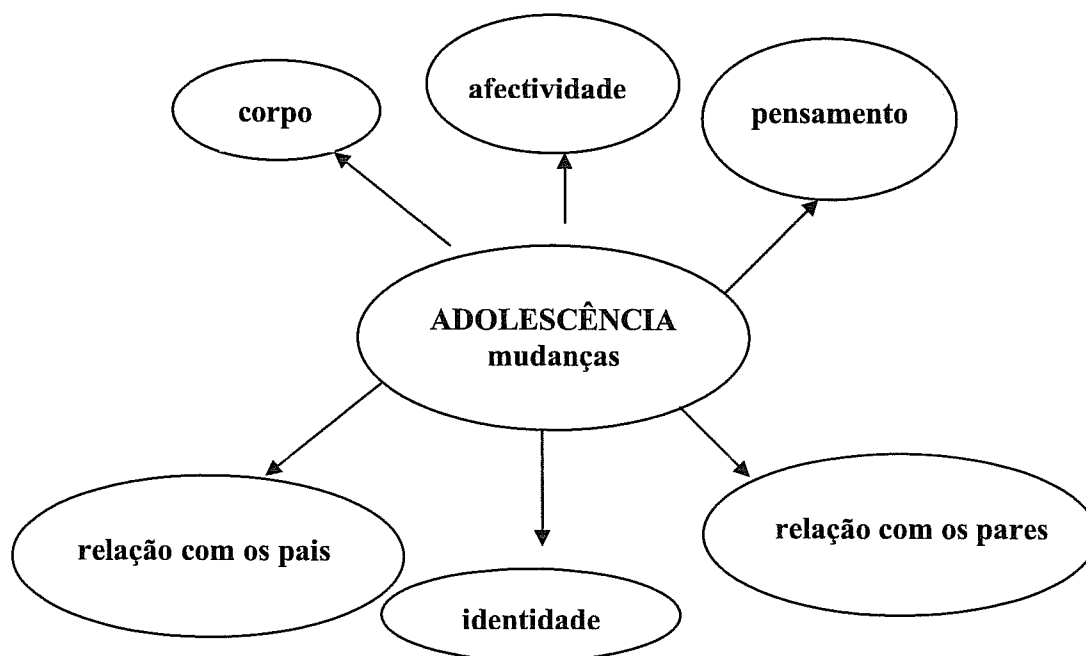
São várias as razões que têm vindo a adiar a entrada dos jovens na vida adulta, sobretudo na sociedade ocidental, onde a linha de separação é cada vez mais ténue. Ao contrário de outras sociedades consideradas primitivas, nas quais o início e o fim da adolescência estão claramente definidos por rituais ou cerimónias, na sociedade ocidental, é o factor idade (18 anos no caso português) que marca o início da responsabilidade jurídica, sendo certo que esta autonomia não é acompanhada da existência de recursos financeiros e/ou outros para a independência face à família de origem (Nodin, 2002; Roque, 2000).

Actualmente este período ocupa quase a totalidade da segunda década de vida de um ser humano, sobretudo se tivermos em conta as sociedades ocidentais. O adolescente é olhado, inicialmente, com alguma desconfiança, mas aí ganhando o seu próprio espaço, *“o grupo de iguais que o contém e no qual ele se projecta, se pensa e se escolhe”* (Pinto, 2002, p. 27).

No que se refere à promoção da saúde, o adolescente adquire progressivamente a capacidade de reflectir antes de agir, ou seja, de analisar as consequências do seu comportamento.

Os conflitos que entretanto vão surgindo poderão ser suavizados, caso os adolescentes tenham acesso a uma educação sexual, que não passa somente pela informação mas que lhes permite perceber as mudanças que irão ocorrer, havendo também uma atitude positiva e de aceitação das mesmas por parte dos adultos que os rodeiam (Nodin, 2002).

Como podemos verificar do modelo que apresentamos em seguida, existem possibilidades, alternativas e tensões que podem gerar conflitos emocionais:



In Educação da Sexualidade no dia-a-dia da prática educativa (Dias et al, 2002, p. 53)

2.2 Características da sexualidade nos adolescente

É durante a gestação que, à semelhança de outros órgãos, se define o género sexual do bebé e, consecutivamente, as hormonas que irão actuar na organização básica do sistema nervoso, que controla as respostas sexuais na vida adulta (Pagès & Pagès, 1999; Sprinthall & Collins, 1999).

Os estudos científicos na área da sexualidade, desenvolvidos sobretudo nos dois últimos séculos, permitiram a constituição de um *corpus* científico vasto e de grande complexidade. A sexualidade deixou de ser sinónimo de pecado e impureza para passar a fazer parte integrante dos afectos, do prazer, da comunicação interpessoal (Pereira & Freitas, 2001; Santos, Ogando & Camacho, 2001).

No entanto, e para alguns autores (Miguel, 1989; Pinto 2002), a sexualidade é vivida de forma pouco harmoniosa pois, existe uma discrepância entre o desenvolvimento afectivo e psicológico e o físico. O adolescente sente-se, não raras vezes, invadido por desejos, sonhos e fantasias sexuais. Estas situações, embora possam provocar vergonha e inibição, são importantes já que lhe permitem vivenciar o desejo, controlar a passagem ao acto e prepará-lo para um envolvimento futuro.

De facto, e segundo Machado Vaz, Vilar & Cardoso (1996), a sexualidade na adolescência é *“vivida interiormente em fantasias eróticas e verdadeiros sonhos acordados”* (p.85).

Aqui surgem comportamentos como a masturbação, considerado até algum tempo atrás como algo pecaminoso, podendo funcionar como uma espécie de preparação para uma relação afectiva, ou as trocas de carícias entre pessoas do mesmo sexo cujo objectivo principal está relacionado com o conhecimento do outro igual a si (APF, data?, Miguel, 1989, Pagès & Pagès, 1999), uma vez que a orientação sexual só fica definida já na fase adulta.

O estabelecimento de relações com os outros por parte do adolescente torna-se possível quando este aceita o seu corpo e está mais seguro da sua própria identificação. Outros comportamentos mais íntimos são, também eles, comportamentos sexuais comuns entre os adolescentes para darem resposta ao desejo sexual (Santos, Ogando & Camacho, 2001). Quanto à relação sexual (coito) entre adolescentes, é uma actividade

habitualmente experimentada num contexto de relações afectivas mais estáveis e com uma frequência pouco regular uma vez que exige privacidade que o jovem dificilmente tem nesta fase. (Machado Vaz, Vilar & Cardoso, 1996).

No que se refere à orientação sexual, é na adolescência que se começa a definir, sendo consideradas as seguintes formas: heterossexual, homossexual, bissexual, assexual e parafilica. As heterossexuais sentem-se atraídas por pessoas do sexo oposto, as homossexuais por pessoas do mesmo sexo, as bissexuais por ambos, as assexuadas não têm desejo sexual e as parafilicas por objectos não humanos, animais, menores ou pessoas que não o consentem.

Actualmente entende-se a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade como diferentes alternativas do desejo sexual, que não contêm em si mesmas qualquer tipo de riscos psíquicos e/ou físicos.

A dificuldade em compreender a sexualidade dos adolescentes está no facto de esta começar na biologia mas ser determinada também pela cultura. O peso que cada uma destas componentes tem na evolução da adolescência leva a que seja necessário ter em conta as diferenças entre homens e mulheres e entre sociedades e culturas.

William Simon e John Gagnon afirmaram que o sexo era uma actividade *socialmente prescrita* (Sprinthall & Collins, 1999, pag. 409). Os adolescentes desenvolvem as suas experiências sexuais sob os constrangimentos impostos pelos papéis e expectativas sociais.

Segundo alguns autores (Sprinthall & Collins, 1999; Pereira & Freitas, 2001), as mulheres têm uma maior probabilidade de experienciar a sua primeira relação sexual como parte de um relacionamento emocional, enquanto que o comportamento sexual dos homens tende a ser direccionado para objectivos da realização da actividade sexual. Como descrevem Simon e Gagnon (citado por Sprinthall & Collins, 1999; pág. 412): *“... as mulheres parecem ser educadas precisamente na área em que os homens mostram estar menos preparados e em relação à qual não se espera que eles possuam grandes capacidades (...). Quando a activação sexual é referida pelas mulheres durante*

este período, ela surge, com maior frequência, como uma resposta às representações do amor romântico do que como uma reacção às representações eróticas...”.

Em Portugal, e segundo Figueiredo (1985), houve no início da década de 80 uma evolução dos valores dos jovens no sentido de uma maior predominância dos valores pessoais sobre os sociais. De facto, a auto-realização e um maior individualismo ocupam um lugar de destaque, sendo o futuro encarado com bastante preocupação, dada a importância da crise económica nacional e mundial da época.

Num estudo coordenado por José Machado Pais & Manuel Villaverde Cabral (2003), Pedro Ferreira afirma que *“a pressão que o jovens sentem no sentido de adoptarem posturas ou comportamentos consentâneos com determinados estilos de vida pode contribuir para afectar a saúde dos jovens e, inclusive, conduzi-los a uma morte prematura”* (Ferreira, 2003, p. 41).

Neste estudo efectuado em 2000, os resultados demonstram que quase 70% dos jovens são sexualmente activos. O género continua a ser um diferenciador importante ainda que não seja o único. O inquérito apurou ainda que os dois métodos contraceptivos mais utilizados são o preservativo e a pílula, utilizados por 46% e 40% dos jovens, respectivamente, o que indica que cerca de 13% dos 1471 inquiridos já tiveram relações sexuais sem qualquer método contraceptivo. Quando questionados sobre este comportamento, um número significativo responde que o parceiro utiliza (no caso feminino) e que a responsabilidade da contracepção é das mulheres (no caso masculino). No que se refere à idade com que começaram a ter relações sexuais, esta encontra-se na faixa etária dos 15 aos 17 anos, observando-se um início mais precoce nos rapazes.

Ainda neste estudo, quando questionados sobre o número de parceiros sexuais no último ano, 64% responderam só ter tido um parceiro, diminuindo o número de jovens à medida que aumenta a frequência de troca de parceiros. Os rapazes tendem para uma maior rotatividade e privilegiando o uso do preservativo. De facto, os rapazes “monogâmicos” privilegiam o uso da pílula como método contraceptivo.

Os dados analisados pelo autor permitem afirmar que a sexualidade pode ser considerada como uma área de risco dos comportamentos juvenis. Em relação ao receio

de gravidez verificou-se que 18% dos inquiridos passou por essa situação, tendo-se registado valores semelhantes para o risco de contrair uma infecção sexualmente transmissível.

3. Atitudes face à sexualidade dos Adolescentes

A sexualidade dos adolescentes sofreu uma evolução muito grande em pouco mais do que o tempo de uma geração, sendo um dos poucos domínios em que as mudanças sociais foram tão profundas num tão curto espaço de tempo. De facto, tendo a sexualidade sido objecto de repressão durante tanto tempo, tornou-se uma coisa aceite, mostrada e até mesmo exibida (Braconnier & Marcelli, 1998).

Mas esta evolução levou a que os adolescentes sintam, em muitas ocasiões, uma invasão do seu espaço pessoal, inclusive por parte dos meios de comunicação, levando a que mostrem pudor e reticências em falar da sua sexualidade.

A intimidade adquire assim uma importância vital: *“A necessidade de intimidade influencia todos os padrões e hábitos dos adolescentes, especialmente os que se relacionam com as amizades profundas e os interesses românticos (...) à medida que o adolescente se vai tornando capaz de explorar o seu mundo interior, ele(a) deseja partilhar experiências emocionais profundas”* (Mitchell, 1976; citado por Vilar, 2003, p.65).

Com a intimidade vem a necessidade de desenvolver uma autonomia perante o ambiente envolvente. A autonomia constitui-se assim como a grande tarefa a empreender. *“O adolescente deve, primeiro, reconstruir, modificar a sua identidade para aí integrar esta nova identidade sexual”* (Braconnier & Marcelli, 1998, p. 99).

O desenvolvimento de atitudes perante a sexualidade assume-se como um processo que deverá passar pela educação para os afectos, ajustada à idade e ao tempo de maturação psicológica e emocional. O modelo subjacente deverá promover o desenvolvimento integral de cada jovem através da promoção da capacidade de tomar decisões autónomas e responsáveis (Dias, Ramalheira, Marques, Seabra & Antunes, 2002, Rutllant, 2001).

A igreja defende que há uma necessidade de formação dos adolescentes que seja *“plena e contínua e dada de modo que a cultura religiosa e a formação espiritual vão a par com o conhecimento científico e com os incessantes progressos técnicos...”* (Concílio Vaticano II, p.247)

Os programas relacionados com a díade pais-adolescentes são ainda limitados apesar de constituírem um processo muito importante quando se fala da sexualidade nos adolescentes. Esta intervenção varia com o grau de participação dos pais, o seu formato e a avaliação (Miller, 1998). Miguel (1989), refere que as atitudes e comportamentos das raparigas e dos rapazes são diferentes, não só devido às diferenças biológicas entre mulheres e homens mas sobretudo como consequência dos critérios utilizados na educação afectiva e sexual (Noronha & Noronha, 1994).

No caso das raparigas, o “ser mãe” surge como o valor mais importante da mulher, culpabiliza o desejo e prazer sexuais valorizando apenas os sentimentos, criando uma desconfiança em relação às intenções nos rapazes e reprovando a iniciativa por parte das raparigas. No que se refere aos rapazes, apresenta a capacidade sexual como um dos valores mais importantes do homem, desculpabilizando o desejo e a actividade sexual, considerando-os como necessidades, estimula a habilidade do rapaz no seu relacionamento com as raparigas e promove a iniciativa.

Quando se fala de sexualidade, e segundo alguns estudos (Ferreira, 2003; Pereira & Freitas, 2001), os adolescentes aprendem pouco e recorrem a fontes de informação consideradas pouco fidedignas. As revistas para adolescentes estão repletas de questões que revelam um desconhecimento grande acerca de aspectos considerados básicos. Por outro lado, os pais não constituem uma fonte de informação para cerca de dois terços dos adolescentes da sociedade norte-americana (Noronha & Noronha, 1994; Sprinthall & Collins, 1999).

Este distanciamento é também referido pelos pais. Quando existe, é dirigido sobretudo às raparigas e um papel destinado às mães. Os pais preocupam-se sobretudo com a masturbação dos rapazes e com a homossexualidade dos filhos rapazes.

Uma grande maioria dos adolescentes afirma que adquiriu a maior parte dos conhecimentos sobre sexo através dos colegas, embora a informação que recolhem seja frequentemente incorrecta (Sprinthall & Collins, 1999; Santos, Ogando & Camacho, 2001). Estes autores afirmam ainda que, provavelmente, os adolescentes confiam nos “ensinamentos” dos amigos, uma vez que o grupo de colegas é, geralmente, um importante contexto para o desenvolvimento de relações heterossexuais.

Vilar (2003, p.360) definiu então quatro diferentes estilos educativos nos progenitores:

- ***estilo de negação***: caracterizado por ambientes familiares muito conservadores e por objectivos educativos de acomodação às regras da moral tradicional, concretizados pela abordagem pouco frequente de questões sexuais, sendo que, quando estas questões são pontualmente abordadas, essa abordagem se faz através de mensagens moralizadoras (...) este estilo caracteriza-se por um forte sentimento de desconfiança em relação ao exterior e por uma estrutura de papéis duplamente diferenciada através de papéis distintos do pai e da mãe e de mensagens diferentes para rapazes e raparigas;
- ***estilo evitativo***: com objectivos educativos igualmente de acomodação, caracterizado igualmente pela pouca abordagem das questões sexuais e por um tipo de mensagens moralizadoras de aviso ou de preocupação (...) traduzido no “juizinho!”;
- ***estilo permissivo***: com objectivos educativos que envolvem uma componente forte de auto-regulação, caracterizado por ambientes e mensagens não proibitivas nem erotofóbicas e por uma maior frequência de conversas sobre questões sexuais, ainda que estas conversas não se centrem explicitamente no comportamento dos jovens nem se traduzam em práticas de apoio parental à sexualidade dos jovens; é um estilo de diferenciação simples porque se expressa frequentemente em diferentes mensagens para rapazes e raparigas; em relação ao exterior, este é um estilo de grande delegação noutros agentes, nomeadamente os “mass meda” e a escola;
- ***estilo apoiante***: com objectivos de auto-regulação e com métodos pedagógicos de relação e motivação, caracterizado por maior frequência de conversação sobre estas questões, por ambientes e mensagens que valorizam a sexualidade dos jovens e que se traduzem em práticas parentais concretas de escuta e de eventual apoio concreto aos jovens ao nível da informação, do conselho ou, inclusivamente, de acompanhamento em termos preventivos; é também indiferenciado e aberto, mas cooperante em relação a outros agentes de socialização dos jovens”.

PARTE DOIS – O Escutismo e o Corpo Nacional de Escutas

1. O Escutismo

“O Escutismo é um movimento cuja finalidade é educar a próxima geração como cidadãos úteis e de vistas largas. A nossa intenção é formar Homens e Mulheres que saibam decidir por si

próprios, possuidores de três dons fundamentais: Saúde, Felicidade e Espírito de Serviço”.

Baden-Powell

Fundador do Escutismo

O princípio do século XX foi marcado por problemas sociais, alguns deles muito semelhantes ao que encontramos actualmente na nossa sociedade, como por exemplo, desemprego e incerteza quanto ao futuro.

Aliás, é também nesta época que Baden-Powell, recentemente chegado a Inglaterra, viu um rapaz, chamado Daniel, “*um dos muitos danieis que na altura*” (Flor de Lis, 1991, Janeiro), deixara a escola e queria ir trabalhar. Segundo B.-P. teria dito na altura, seria “*um candidato desde cedo à fadiga e à tristeza*”. É de opinião que a sociedade de então caminha para a destruição e que “*está a criar jovens vencidos e escravizados*”, tornando-os como Daniel, revoltados, intolerantes e infelizes. Este encontro e as inúmeras experiências que havia tido com soldados jovens rebeldes, agressivos, leva-o a criar o “*Scouting for Boys*” (1908). Recordemos que no início do século XX, os jovens começavam a trabalhar mais cedo, de uma forma geral.

O discurso vigente na altura baseava-se nas tensões vividas, nas transgressões e nos conflitos protagonizados pelos adolescentes (Vilar, 2003). Ao adolescente era-lhe solicitado que se enquadrasse dentro de um modelo de obediência aos progenitores, modelo esse que era colocado em causa, sobretudo após a II Guerra Mundial (López & Fuertes, 1989).

O *Scouting for Boys* seria então uma forma de lhes alargar os horizontes, de os tornar desportistas, pioneiros, exploradores, aventureiros. É a aventura do imaginário humano mas controlada pelas regras do jogo.

Baden-Powell teve a ideia de criar e desenvolver um método educativo para essa juventude, não só devido às condições sociais que entretanto encontrou, mas também devido às suas viagens, onde teve contacto com grandes pensadores do século XIX e XX, como por exemplo, Nietzsche, Freud, Lenine, Bergson, Einstein, Marconi, Blériot, os irmãos Lumiere, Montessori, entre outros.

Um dos principais investigadores que influenciaram Baden-Powell foi Stanley Hall, através dos estudos em que este se debruçou sobre os problemas da criança e do adolescente em três aspectos: conflitos com os pais, perturbações de humores, comportamentos de risco (Bastin, 1980).

Estas viagens permitiram-lhe desenvolver um método pedagógico alicerçado na pedagogia da Escola Nova, tendo sido ele próprio responsável por alguma inovação no campo educacional: a não directividade (mais tarde defendida por Carl Rogers), o trabalho de grupo, a que ele chamou de Sistema de Patrulhas e o Jogo como estratégia fundamental da aprendizagem.

Não se pode falar do Escutismo sem falar do seu Fundador, Baden-Powell, figura nem sempre pacífica, mas reconhecida como marcante no início do século XX.

Nascido em 22 de Fevereiro de 1857, em Londres, Robert Baden-Powell, foi o quinto de sete irmãos, filho do Rev. Prof. Baden-Powell e Henriqueta Graça Smyth, teve uma infância com muitas actividades de ar livre, o que lhe permitiu aprender através de caminhadas e excursões algumas das técnicas mais tarde aplicadas e desenvolvidas no escutismo. Baden-Powell fez os seus estudos em escolas públicas e quando terminou os estudos secundários, ingressou no exército (Baden-Powell, 1984).

Como oficial, viajou muito, conhecendo grande parte do mundo. Durante as suas viagens conheceu tribos de guerreiros da África, os vaqueiros americanos e conviveu com os índios da América e do Canadá.

Fez uma carreira militar considerada brilhante pelos seus pares, sendo um exemplo amplamente citado a Guerra do Transvaal em 1889, onde comandou a guarnição de Mafeking, importante entroncamento ferroviário, cuja posse era de grande valor

estratégico. A cidade foi duramente atacada, durante 217 dias, pelas forças inimigas, entre os anos de 1899 e 1900. Como havia poucos soldados regulares em Mafeking, Baden-Powell treinou os cidadãos capazes de empunhar uma arma e para isso teve que organizar um grupo de jovens cadetes, os adolescentes da cidade, que desempenhavam todas as tarefas de apoio, tais como: cozinha, comunicações, primeiros socorros, etc. Graças a esses recursos, à inteligência e coragem de seu comandante, foi possível a cidade resistir a forças muito superiores, até que chegassem reforços (Bastin, 1980).

A maneira como os jovens desempenharam suas tarefas, os seus exemplos de dedicação, lealdade, coragem e responsabilidade, causaram grande impressão em Baden-Powell e, anos mais tarde, aquele acontecimento teve grande influência na criação do Escutismo.

Graças aos seus feitos na vida militar, Baden-Powell tornou-se um herói no seu país. Durante uma viagem a Inglaterra, Baden-Powell viu alguns rapazes criarem brincadeiras através de um livro, que ele havia escrito para batedores do exército e que continha explicações sobre como acampar e sobreviver em regiões selvagens. Então, conversando com os amigos, ele entusiasmou-se e resolveu realizar, em 1907, na ilha de Brownsea, um acampamento com vinte rapazes dos 12 aos 16 anos, onde transmitiu conhecimentos técnicos tais como: primeiros socorros, observação, técnicas de segurança para a vida na cidade e na floresta, entre outros (Bastin, 1980).

Devido aos bons resultados deste acampamento, Baden-Powell começou a escrever o livro "Escutismo para Rapazes" que, inicialmente, foi publicado em fascículos e vendido nas bancas de jornais, durante o ano de 1908. Os jovens ingleses entusiasmaram-se tanto com o livro que Baden-Powell organizou e fundou o Movimento Escutista. Em 1920 conseguiu reunir cerca de vinte mil jovens naquele que é considerado o primeiro acampamento mundial, em Londres.

Rapidamente o Escutismo alastrou-se por vários países do mundo. Em Portugal o Escutismo deu os primeiros passos ainda no território de Macau em 1911, tendo os seus impulsionadores regressado ao nosso país e fundado, em 1913, a Associação dos Escoteiros de Portugal. O Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português, veio a ser fundado 10 anos mais tarde, em 27 de Maio de 1923, na cidade de Braga.

Para o desenvolvimento do método escutista, Baden-Powell contactou com inúmeras personalidades ligadas à pedagogia, como é o caso de Montessori, com quem manteve

uma correspondência ao longo de alguns anos. Fundou ainda um campo de formação, Gilwell Park, para os adultos que trabalham com jovens, campo este que é ainda hoje uma referência mundial, como atesta a reunião anual de portadores da Insígnia de Madeira, símbolo atribuído após a qualificação num curso específico, de acordo com as normas de cada Associação local (Bastin, 1980).

Depois de vários anos de dedicação ao Escutismo, viajando pelo mundo e fundando Associações Escutistas em vários países, Baden-Powell retirou-se então para uma propriedade que possuía próximo da cidade de Nairobi, no Quênia. na companhia da esposa, fundadora das guias (movimento escutista feminino). Faleceu a 8 de Janeiro de 1941 enquanto deixando um texto que é ainda hoje o texto de referência para todos os Escuteiros do mundo, conhecida como *Ultima Mensagem*.

1.1 O CNE – Corpo Nacional de Escutas

1.1.1 História

O CNS – Corpo Nacional de Scouts (antiga denominação do CNE), foi fundado a 27 de Maio de 1923, em Braga. Nessa primeira década, procurou-se sobretudo legalizar e organizar a associação, tendo sido criada o órgão oficial, a *Flor de Lis*, e organizado os dois primeiros Acampamentos Nacionais. Registaram-se as primeiras presenças em acontecimentos internacionais e é criada a primeira escola dedicada à formação de chefes. O Escutismo alastra por todo o território português tendo sido criado o primeiro na Ilha da Madeira nessa época. Baden-Powell e a sua esposa, visitaram Portugal pela primeira vez em 1931. Em 1932 morre um dos fundadores do CNE, D. Manuel Vieira de Matos.

Na segunda década da sua existência, o CNE funda grupos inclusive em Angola e em Moçambique. São publicados novos regulamentos e realizam-se Concelhos e Acampamentos Nacionais. Isto vai permitir a consolidação da Associação. É ainda

durante esta década que é feito o primeiro Acampamento Nacional de Dirigentes. Surgem as patrulhas de estudo e os campos escola para chefes. O CNE está representado nos Jamborees (actividades internacionais) da Hungria e Holanda e recebe a visita dos exploradores da vizinha Espanha. Em 1934, BP visita pela segunda vez Portugal e pouco tempo depois, em 1939, rebenta a Segunda Guerra Mundial trazendo com ela o desaparecimento do escutismo na Alemanha, Itália, Rússia e outros países do leste europeu. Ainda a salientar a Exposição do Mundo Português onde o CNE marca presença relevante.

Na década de 43 a 53, foi marcada pelo lançamento de novos estatutos e regulamentos e pela mudança da Junta Central e respectivos serviços, de Braga para Lisboa. Em 1944 o CNE completava 21 anos e em 1947 eram já 2303 filiados e 621 aspirantes. Já no final da década, em 1952, nota-se um desenvolvimento acelerado em toda a associação e Coimbra, no seu acampamento nacional, são recebidos, pela primeira vez contingentes estrangeiros.

A década seguinte, de 53 a 63, ficou marcada por uma nova dinâmica na Associação, que sentia, cada vez mais, dificuldade em responder às necessidades das Juntas e Agrupamentos. Os Conselhos Nacionais vão-se aperfeiçoando em organização e o DMF (Depósito de Material e Fardamento) desenvolve-se, prestando um serviço cada vez mais eficaz e com artigos mais variados. É inaugurado o primeiro Campo-Escola do CNE, em Fraião, Braga e realiza-se nos Olivais, em Lisboa, a 18ª Conferência Internacional do Escutismo. Com o final desta década, dá-se início à Guerra Colonial que criou inúmeras dificuldades à Associação e ao Movimento Escutista.

Na década de 63 a 73, dão-se grandes transformações no seio da Associação. Em 1964 são já 9.283 filiados. Apesar de uma grande crise financeira do movimento, o intercambio com as organizações internacionais aumenta e as grandes actividades começam a ser notadas pelo público. O Dia de S. Jorge chega mesmo a aparecer na televisão. Em 1967 o Papa Paulo VI visita Portugal tendo o Movimento tido um papel importante nas celebrações em Fátima. Os anos da Guerra Colonial continuam a afectar o Movimento. Em 1968 celebram-se as Bodas Sacerdotais de um dos Fundadores do CNE, Monsenhor Avelino Gonçalves e realiza-se o I Encontro Nacional de Assistentes. O Acampamento Nacional realizado em Portalegre é o primeiro vivido em Patrulhas e

não por regiões e em Lisboa surge o seguro escuta. Em Fraião decorrem os cursos da Insignia de Madeira. No final da década dão-se os preparativos para a comemoração dos 50 anos do escutismo, a nível nacional, em Marrazes.

A década de 73 a 83 foi a grande explosão. Com o 25 de Abril de 1974, Surgem as primeiras eleições no CNE – Região de Lisboa – a Junta Central demite-se e é nomeada uma Comissão Executiva Nacional. A Mocidade Portuguesa tinha sido extinta.

Em 1975 aparecem duas listas concorrentes à Junta Central e é eleita a lista chefiada pelo Chefe Velez Costa. São aprovados novos estatutos e regulamentos e com eles é aberta a porta às raparigas, permitindo a coeducação. É criada a III Secção. Iniciam-se as grandes transformações na área da Formação e Animação. Arrancam os cursos e a revisão do sistema de progresso. São lançadas as propostas juniores e seniores. Os efectivos sobem em grande número e os agrupamentos também. Surge o calendário escutista.

Em 1977 morre o chefe nacional honorário, D. José de Lencastre. O ano de 1979 fica marcado pelo Ano Internacional da Criança. Publica-se o regulamento da formação e é instituída a Federação Escutista de Portugal (Corpo Nacional de Escutas e Associação de Escoteiros de Portugal). A abordagem da IV secção é implementada. Em 1982 João Paulo II visita Portugal. Celebram-se os 60 anos do CNE, plantando cada Agrupamento sessenta árvores.

A nível nacional, foi declarado Instituição de Utilidade Pública, em 1983 e alvo da atribuição, pelo Estado Português, da Ordem do Mérito, da Medalha de Bons Serviços Desportivos e da Medalha do Infante D. Henrique.

Em 1984 juntam-se dez mil escuteiros em Braga e inicia a campanha de sede própria para a Sede Nacional. Celebra-se o Ano Internacional da Juventude. Em 1985 realiza-se o primeiro Rover Ibérico, que termina com o Congresso do Escutismo Católico – “Que caminho para o ano 2000?”.

Em 1987 as propostas Pedagógicas avançam, tendo sido concluídas nos anos 90. O CNE é membro co-fundador do Conselho Nacional da Juventude. Realiza-se em Ofir, a Conferencia Europeia de Escutismo e Guidismo.

O CNE é membro fundador do Conselho Nacional de Juventude e da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente, sendo uma Organização Não-Governamental de Ambiente Equiparada.

É ainda, membro do Conselho Nacional dos Movimentos e Obras de Apostolado dos Leigos, da Associação de Informação, Educação e Promoção da Saúde, do Movimento Tabaco ou Saúde e do Conselho Executivo do Prémio Infante D. Henrique.

Anualmente, proporciona mais de 20 milhões de horas de actividades (incluindo actividades de ar livre e de formação de animadores e adultos).

De entre o grande número de acções que os mais de 1000 Agrupamentos empreendem ao nível local, destacam-se as acções de educação ambiental e conservação da natureza (vigilância de incêndios, plantação de árvores, campanhas de reciclagem, “Bandeira Azul”, estudos em áreas de risco, “Coast-Watch”, “Limpar o Mundo. Limpar Portugal”), de sensibilização para a conservação do património histórico-cultural (recenseamento de moinhos e fornos, limpeza de monumentos), as actividades de animação socioeducativa (música, danças populares, radioamadorismo, entre outros), a prática do desporto e a vida ao ar livre (campismo, espeleologia, montanhismo, canoagem, vela, “windsurf”, cicloturismo), as actividades de solidariedade e serviço social (prestação de serviços em lares e hospitais, socorrismo, colaboração com instituições de protecção civil, bombeiros, Socorros a Náufragos), a integração de jovens deficientes, as acções de desenvolvimento comunitário, de intercâmbio e cooperação internacionais, numa dinâmica de Educação para a Paz.

“O vosso desenvolvimento progressivo é o mais rápido da Europa, e mesmo do mundo, segundo o meu conhecimento. Se todos os Escuteiros do planeta pudessem fazer como vocês, seríamos mais de 50 milhões no ano 2000. O vosso Escutismo é um exemplo

graças ao vosso dinamismo e ao vosso entusiasmo. (...) continuem também nesta direcção: ela é boa e mostra o caminho aos outros”

Jacques Moreillon, Secretário-Geral da OMME, dirigindo-se à delegação escutista portuguesa no Eurofolk' 89, em Itália, composta por 200 jovens do CNE.

1.1.2 Estrutura

Os associados do CNE repartem-se por mais de 1000 agrupamentos locais, apoiados por estruturas regionais de animação, coordenação e formação em todos os distritos e regiões autónomas. Mais de 10.000 animadores adultos consagram-lhe o seu tempo livre, em regime de voluntariado, em tarefas de animação educativa e de gestão; destes, cerca de 50% têm menos de 30 anos e cerca de 60% menos de 35 anos.

O órgão máximo é o Conselho Nacional, sendo a Junta Central o executivo nacional, competindo-lhe assegurar a gestão e a implementação das políticas nacionais e sectoriais do CNE.

O CNE é um movimento da Igreja Católica. A Animação da Fé, característica do Escutismo do CNE, é feita naturalmente através do jogo escutista, vivido à luz de Jesus Cristo e do Evangelho, procurando contribuir para a formação humana e cristã dos seus associados, pelo testemunho de vida em comunhão eclesial.

O CNE filia-se, através da Federação Escutista de Portugal – que engloba o CNE - Corpo Nacional de Escutas e a AEP - Associação dos Escoteiros de Portugal – na Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME), que representa mais de 25 milhões de escuteiros de ambos os sexos espalhados por 216 países e territórios.

O CNE filia-se, igualmente, na Conferência Internacional Católica do Escutismo (CICE), que agrupa, para fins de intercâmbio, os escuteiros católicos de todo o Mundo.

Juntamente com todas as associações escutistas de todos os países de língua oficial portuguesa, o CNE é membro da CEL – Comunidade do Escutismo Lusófono, que visa a criação de um espaço e de ocasiões de diálogo internacional, no âmbito do Escutismo, tendo por finalidade última contribuir para o aprofundamento das relações entre os povos e os países que representam.

Ao nível das unidades locais, terrestres ou marítimas, o CNE distribui os seus membros etariamente:

- **Lobitos**

Na idade de Lobito (6 – 10 anos), o importante é brincar com os outros, no meio da alegria e da imaginação. O Lobito gosta de inventar jogos, gosta de brincar, de colecção de toda a espécie de coisas. A sua curiosidade é inexcedível. O Escutismo propõe-lhe “Caçadas” (actividades típicas de secção) em torno de interesses comuns, apoiadas por contos e lendas conhecidos.

- **Exploradores / Moço**

Os Exploradores/Moços (10 – 14 anos) estão na idade de querer descobrir o mundo e a vida; é a idade da aventura, dos projectos fabulosos, dos heróis invencíveis. O Escutismo propõe-lhes a “Aventura”, verdadeiramente decidida em comum e vivida por todos, na qual a pessoa de um herói é ao mesmo tempo um desafio e o cimento necessário à coesão do grupo.

- **Pioneiros / Marinheiros**

Entre os 14 e os 18 anos é a idade do grande desafio: os jovens querem dar provas do que são capazes, querem ver reconhecida a sua personalidade, desejam conhecer os outros a fundo, viver em grupo e, com eles, “ajudar a transformar o mundo”. O “Empreendimento / Cruzeiro” é uma acção criada, enriquecida e vivida em grupo, onde muito se descobre e muito se constrói, onde a função e a responsabilidade de cada um, tal como a cooperação entre as equipas, são igualmente indispensáveis para o êxito final.

- 3º O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção;
- 4º O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros escutas;
- 5º O Escuta é delicado e respeitador;
- 6º O Escuta protege as plantas e os animais;
- 7º O Escuta é obediente;
- 8º O Escuta tem sempre boa disposição de espírito;
- 9º O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio;
- 10º O Escuta é puro nos pensamentos, palavras e acções.

1.1.3 Formação de Dirigentes

Com a introdução, em 1908, de um programa para os rapazes, surge a necessidade de formação dos adultos que com eles põem em prática o método desenvolvido por Baden-Powell. Assim, em 1919, oferece-se finalmente a formação aos chefes sob o nome “Curso da Insígnia de Madeira”. O programa do curso e os métodos seguidos aproximam-se muito do programa para os rapazes. No decorrer dessa formação, os chefes desempenham muitas vezes os papeis normalmente desempenhados pelos rapazes.

De 1919 a 1939 não existe ainda nenhum sistema de formação para os que teriam como missão formar os Dirigentes, situação que veio a ser contornada com o primeiro curso experimental para Instrutores em Gilwell Park em 1947. Somente em 1956 ocorre o primeiro curso oficial de formação para estes Dirigentes.

Em 1969, é adoptada uma nova política de formação na Conferência Mundial de Helsínquia. Esta política teve como objectivo dar às associações uma maior flexibilidade no desenvolvimento dos seus métodos de formação em relação aos chefes de unidade. Esta política vem propor a divisão dos formadores em dois níveis, os “instrutores adjuntos” e os “instrutores”, que no CNE têm a designação de Formadores Adjuntos e Directores de Formação. Define ainda as atribuições de cada nível no que se refere à formação de adultos.

No CNE, e desde a sua fundação, a formação de dirigentes tem sido uma preocupação clara, tendo sido publicado, em Março de 1925, o Regulamento das Escolas Regionais de Instrutores, que, na prática vigorou até aos fins dos anos 40. No Congresso Técnico de 1928 (Junho), nasceu o voto de frequentar cursos no estrangeiro, o que se concretizaria somente em 1952. E a propósito do I Campo Escola em Cacia, 1933, nasceu a figura das Patrulhas de Estudo, uma iniciativa de formação permanente para Caminheiros e Dirigentes, que teve grande expansão e sucesso (houve inclusive uma que funcionou até 1970).

Ainda referente a estas Patrulhas de Estudo, teriam sido fundadas, à semelhança das Masculinas, as Patrulhas de Estudo Femininas, para preparação de Dirigentes de Alcateias e que, mais tarde, permitiram ainda, antecipando em idade, a admissão de raparigas no CNE.

De facto, desde a sua fundação, o CNE tem dado grande relevo à formação dos adultos voluntários que aplicam o método escutista e que estão com os jovens. De acordo com o órgão oficial da Associação, a revista Flor de Lis, são dedicados inúmeros artigos e editoriais a esta temática desde os primeiros números, salientando a importância do perfil, da técnica necessária e dos valores associados à *missão de um Dirigente*.

Com a última revisão, foram publicadas a Política Nacional dos Recursos Adultos e as Normas para a Formação dos Dirigentes, em 2003.

1.1.4 Escuteiros no CNE: quem são e quantos são

Os escuteiros repartem-se por quatro secções ou unidades, como já foi referido. Os números aqui apresentados correspondem aos censos de 1990 a 2003, por secção.

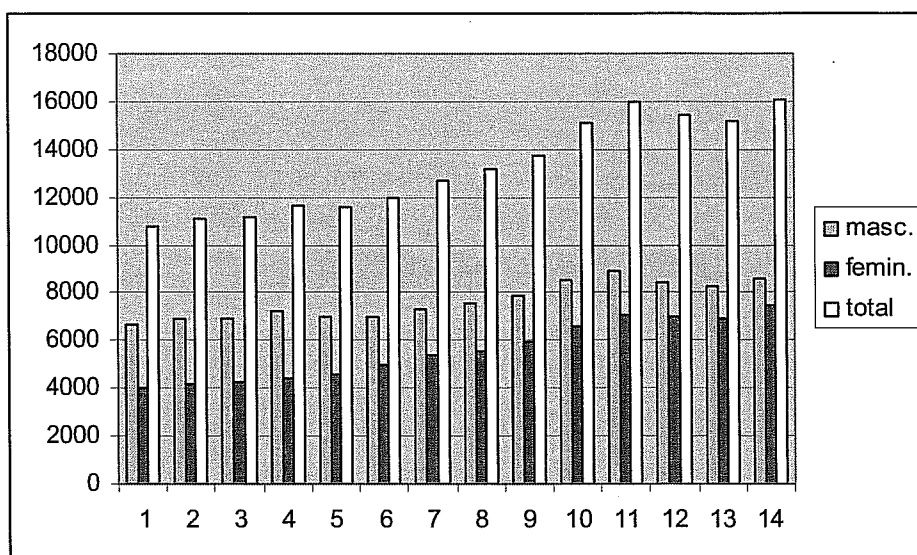


Gráfico 1 - Evolução lobitos, desde 1990 (1) a 2003 (14), por género sexual

Como podemos verificar, o número de efectivos nesta faixa etária aumentou até ao ano 2000 (11), tendo sofrido um pequeno decréscimo. Saliente-se o facto de a diferença entre o número de rapazes e raparigas ter vindo a diminuir.

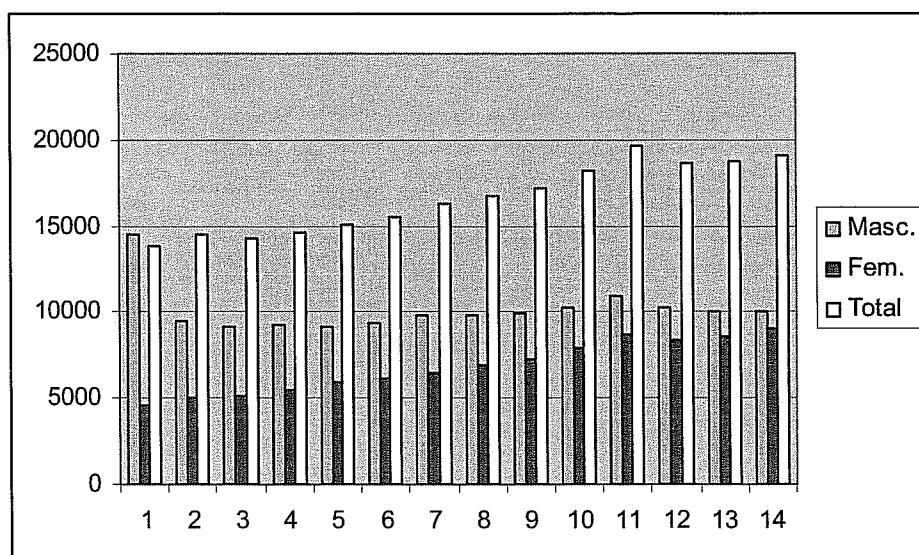


Gráfico 2 – Evolução exploradores desde 1990 (1) a 2003 (14), por género sexual

A análise do quadro anterior repete-se no que se refere aos Exploradores.

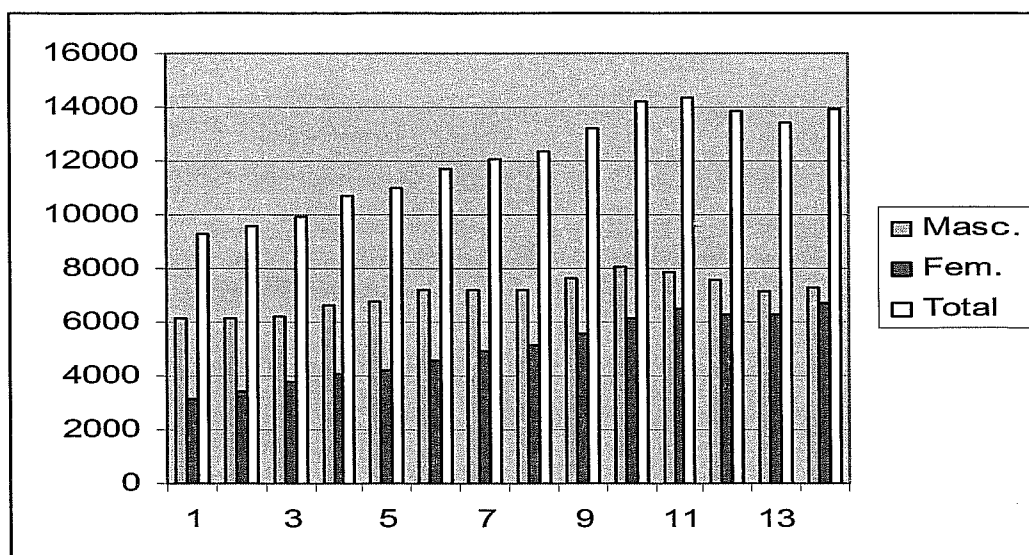


Gráfico 3- Evolução dos Pioneiros desde 1990 (1) a 2003 (14), por género sexual

Note-se a evolução idêntica desta faixa etária. O número absoluto de efectivos é que varia de secção para secção, diminuindo à medida que a idade aumenta.

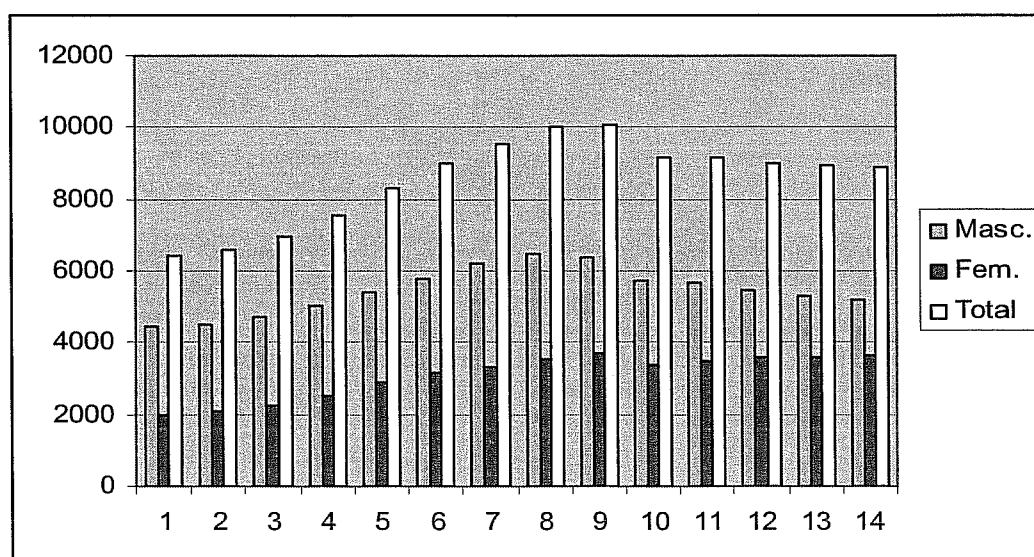


Gráfico 4 - Evolução Caminheiros desde 1990 (1) a 2003 (14), por género sexual

Nesta secção, e ao contrário do que sucedeu até aqui, o crescimento deu-se até 1998, diminuindo desde então. Também a diferença entre o número de rapazes e raparigas é mais acentuado.

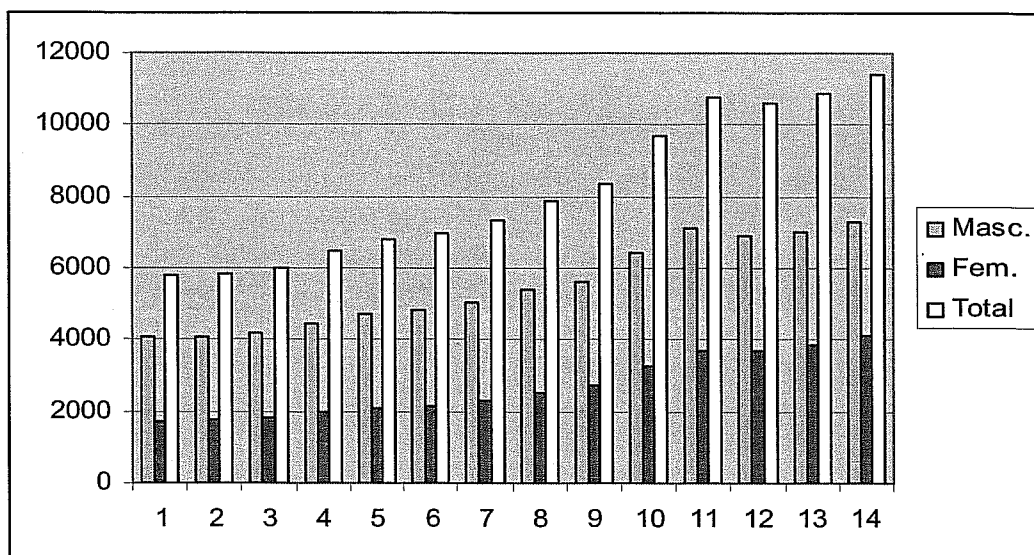


Gráfico 5- Evolução do efectivo de Dirigentes desde 1990 (1) a 2003 (14), por género sexual

Neste grupo (os Dirigentes não são considerados uma secção), tem havido um aumento de efectivos, tendo havido somente uma pequena inflexão em 2002. Note-se, no entanto, a diferença entre o número de Dirigentes masculinos e femininos.

2. O CNE e a sexualidade dos jovens

O ponto de partida para este estudo ficou a dever-se à revisão dos conteúdos dos cursos de formação e à publicação de uma Política Nacional de Recursos Adultos, Normas para a formação de Dirigentes e ao início do processo de revisão das Metodologias Educativas de cada uma das Unidades (ou Secções).

2.1 Metodologia

Esta primeira parte do estudo envolveu dois passos. Por um lado, o desenvolvimento de três entrevistas de exploração a três pessoas que escreveram e estiveram/estão no CNE durante as últimas décadas, nomeadamente desde 1970, por outro lado, a análise de todos os números da revista Flor de Lis, publicadas até 2004. As entrevistas efectuadas pretenderam tão somente confirmar alguns artigos e/ou clarificar alguns momentos vividos na Associação.

Quanto à análise da Revista Flor de Lis, optámos pelo seguinte procedimento:

- a) Recolha de todos os números da Flor de Lis, publicados desde a sua fundação, em Fevereiro de 1925 até ao número de Dezembro de 2004.
- b) Selecção de palavras-chave que orientassem a análise de conteúdo dos e nos diversos artigos (sexualidade, coeducação, juventude, jovem(ns), adolescentes, adolescência);
- c) Leitura dos conteúdos das mesmas;
- d) Selecção dos artigos que contivessem as palavras chave seleccionadas previamente;
- e) Análise dos conteúdos seleccionados;
- f) Elaboração do texto, dividindo-o por épocas;

2.2 A revista Flor de Lis

O CNE publica, ininterruptamente desde Fevereiro de 1925, a revista “Flor-de-Lis” – a mais antiga revista portuguesa sem interrupção ou suspensão de publicação – com uma tiragem média mensal de 10.500 exemplares e um público na casa dos 70.000 leitores. É fundamentalmente destinada ao público mais jovem do CNE, sem esquecer, contudo, o apoio aos animadores pedagógicos.

Da leitura efectuada a todos os números publicados até Dezembro de 2004, verificámos que existiram seis grandes épocas, às quais não foram alheios o(s) contexto(s) histórico(s) do país. Assim sendo, apresentamos a análise efectuada de acordo com essas “divisões históricas”, que não têm, propositadamente, o mesmo intervalo temporal.

2.2.1 Até 1971

Nos primeiros anos do CNE, as grandes preocupações revestiram-se do crescimento dos “rapazes”, nomeadamente no carácter e no aspecto físico. A Pátria e a Igreja eram/foram os temas mais mencionados embora nalguns números sejam mencionados

os problemas da juventude “actual”, em como alguns dizem ser esta uma juventude fraca (número Março-Abril-Maio 1959, editorial).

As raparigas nunca são mencionadas a não ser em pequenas notícias locais onde os escuteiros teriam realizado promessas onde as Guias teriam estado presentes. Há somente algumas referências às Àquelas, mulheres que tinha a cargo a I Secção, os Lobitos, rapazes entre os 6 e os 10 anos.

Não transparece qualquer artigo relacionado com a coeducação nem com a sexualidade dos jovens, o que não causa qualquer estranheza uma vez que o próprio contexto histórico no qual o CNE se encontrava, assim o impunha.

2.2.2 De 1972 a 1974

Nos dois anos que antecederam o 25 de Abril, nota-se uma mudança na tónica dos artigos publicados na revista. Embora ainda de forma ténue ou indirecta, há Dirigentes que começam a revelar algumas preocupações com o rumo da Associação e inclusive com a necessidade de fazer eleger os órgãos executivos. Continua a não aparecer qualquer referência à coeducação ou a questões ligadas à sexualidade.

Em Abril de 1974, no seu editorial, Narciso Elias refere alguns problemas que eventualmente iam surgindo no CNE, nomeadamente na quantidade e qualidade dos Dirigentes existentes, nas actividades realizadas que estariam a “pedir uma lufada de ar fresco”. Outro dos problemas encontrados pelo dirigente em questão era: *“o problema é já dos nossos dias como o provam as “experiências” que aqui e além vamos detectando. Uns tentam introduzir modificações “apropriadas” no uniforme; outros concebem provas e graus de especialização para uso local; até outros ainda aceitam “escuteiras” e até “lobitas” nas unidades”*.

Em Maio de 1974, surgia uma notícia sobre as promessas do Agrupamento do Cacém, onde dos aspirantes iniciais, *“chegaram à promessa, 14 patas-tenras, 20 aspirantes e 4 raparigas”*. De referenciar que, oficialmente, ainda não existiam escuteiras.

2.2.3 De 1975 a 1980

Este período é marcado pela entrada oficial de raparigas para o CNE. Em 1975, no número de Março/Abril, e ainda antes da decisão do Conselho Nacional, é publicado um artigo de página inteira da autoria de José Luís Castanheira, com base numa comunicação por este apresentada no 1º Encontro CNE-AGP-AEP (15 e 16 Março) intitulado *“Coeducação no Escutismo”*. Neste artigo, o então Dirigente do CNE, começa por definir o conceito de coeducação, bem como as vantagens para a associação em assumir este passo. Coloca sobretudo a tónica na necessidade de reflectir sobre a temática, impacto na associação e a preocupação em estudar outras experiências.

No número de Novembro, ainda em 1975, há mais uma referência a Promessas de um Agrupamento onde teriam também estado incluídas *“membros de uma Patrulha de Estudos Feminina”*. Em Dezembro é referenciado um acampamento onde também teriam participado raparigas, o que na altura não era comum, sobretudo porque a decisão oficial da entrada das raparigas no CNE só aconteceria em 1976.

De facto, 1976 foi o ano em que o CNE *“abriu”* as portas aos elementos do sexo feminino. Num artigo publicado em Junho desse ano, o autor faz uma reflexão e propõe o debate em torno do tema *“CNE... só para rapazes? Sobre o escutismo feminino”*. Dando indicação de ser adepto da abertura da associação ao género feminino, contrapõe ao que ele considera serem as três objecções principais ao processo. Afirma ainda ter a associação de procurar a coerência e *“franquear”* a entrada, e não *“camuflar”* as secções femininas em Patrulhas de Estudo ou como Aquelas. Ainda neste número da Flor de Lis, há a publicação de um artigo proveniente do Escutismo nas Filipinas, que defende a coeducação no escutismo e a sua introdução de forma gradual, de acordo com a *“cultura ambiente, estilo de vida, tradições e convicções”* (Flor de Lis - Junho, 1976, p.9).

No número de Julho/Agosto, há uma descrição do decorrer dos trabalhos do Conselho Nacional e de todo o ambiente que se viveu na aprovação da entrada das raparigas na associação. Foi uma discussão acesa mas aberta, e onde o Assistente Nacional parece ter tido um papel importante, sobretudo quando duas das regiões mais a norte, se mostraram contra a coeducação. A votação foi muito equilibrada entre o sim e o não tendo sido 34 votos a favor, 28 contra e 4 abstenções.

Ainda durante o ano de 1976, e no seu número de Setembro/Outubro, há uma reflexão sobre a experiência da coeducação no acampamento regional de Lisboa. Foi considerada uma experiência bastante positiva e que requeria uma análise mais aprofundada, a ser apresentada no Conselho Regional e elaboração de relatório até ao final do ano.

Em 1977, são duas as referências feitas à temática em estudo. A primeira, no seu número de Abril, onde é dada relevância “aos quatro Eus” do adolescente: social, sexual (definido como a *“gama de sentimentos desde a indiferença amigável até ao envolvimento profundo com o representante do sexo oposto”*), vocacional e filosófico. Trata-se, a nosso ver, da primeira vez na história da Flor de Lis, em que é dada a ênfase ao adolescente e às então consideradas, quatro áreas principais, onde a sexualidade ocupa um lugar em paridade com outras dimensões. A segunda referência não é tão directa e caracteriza a Juventude, os seus “males” e os tipos de educação”.

Em 1980 surge, no número de Janeiro/Fevereiro, um artigo sobre a adolescência da autoria do então Chefe Nacional dos Scouts de France, uma das associações mais emblemáticas de escutismo na Europa e muito próxima do CNE português. Nesse artigo, Dominique Bénard afirma, baseado nalguns estudos, que os grandes interesses dos adolescentes franceses se prendem sobretudo com os bens materiais e o sucesso imediato, em detrimento das grandes causas e ideais.

2.2.4 Década de 80

No início da década de 80, mais precisamente em 1981, no número de Junho/Julho, há a notícia de uma reunião tida entre a Divisão Pedagógica Nacional e a extinta Comissão da Condição Feminina onde se trocaram ideias sobre coeducação e o Projecto Mudar as Atitudes. No número de Agosto, o Dirigente João Teixeira coloca o desafio de

aprofundar e não deixar cair a coeducação. Ainda neste número é publicado um folheto informativo sobre o Projecto já referido acima.

Três anos são decorridos antes que hajam novas referências à(s) temática(s) aqui estudadas. De facto, só em 1984 é feita referência ao fórum escutista mundial, decorrido em Julho 1983, e a uma das recomendações que daí saíram: *a promoção da coeducação nos países onde ela é aceite pela sociedade*. Neste primeiro número do ano (Janeiro/Fevereiro) é ainda feita referência ao falecimento (20.10.1983) da primeira escuteira do CNE, Adozinda Moreno, com as seguintes palavras: *a ela se ficou a dever a entrada de outras escuteiras, que deram um largo contributo para o desenvolvimento do Lobitismo no Corpo Nacional de Escutas*.

Em Março, há uma referência a Promessas num novo Agrupamento, de escuteiros de ambos os sexos, e no número de Abril, numa entrevista de D. José Policarpo, este dizia-se preocupado com a *clivagem que tem actualmente oposto o cidadão crente a outros cidadãos*. Refere ainda a importância de se deixar incluir *a Fé e a Igreja, num ghetto acantonado no centro da sociedade*. Há uma notícia da abertura de um Agrupamento onde pensam admitir rapazes e raparigas na “*próxima Páscoa*”. Na rubrica “Consultório do Regulamento Geral”, um Dirigente escreve a perguntar se o novo regulamento prevê patrulhas mistas para os grupos juniores (11 aos 14 anos) e quais as normas em vigor para a admissão de raparigas para unidades mistas. Na resposta (transcrevo): *segundo o artigo 178º, as patrulhas de exploradores juniores são só de rapazes ou de raparigas. O artigo 168º regula a admissão de raparigas para unidades mistas:*

1. *Compete à Junta Regional ou de núcleo permitir a formação de unidades mistas (com associados efectivos não dirigentes do sexo masculino e feminino)*
2. *A junta Regional ou de Núcleo competente deve saber:*
 - a. *a situação do Agrupamento*
 - b. *a capacidade pedagógica dos animadores da unidade*
 - c. *ao parecer da Direcção de Agrupamento*
 - d. *ao parecer do Assistente de Agrupamento*
 - e. *ao parecer do Conselho de Pais*

3. *Nos três primeiros anos de funcionamento, após a respectiva autorização, as Direcções de Agrupamento com Unidades mistas (que tenham escutas masculinos e femininos) têm que enviar relatório anual circunstanciado sobre a experiência verificada.*
4. *Compete à Junta Regional ou de Núcleo verificar o cumprimento das obrigações impostas e apreciar a experiência feita, podendo deliberar o que tiver por conveniente.*
5. *Recomenda-se que a Equipa de Animação de Unidade mista seja composta por dirigentes de ambos os sexos.*

Em Maio, transcrevem-se as resoluções da 29ª Conferencia Mundial, que tinha decorrido entre 18 e 22 de Julho de 1983, em Detroit, EUA. Transcrevemos aqui a resolução n.º 3/83 sobre Coeducação: *A Conferência, reconhecendo que todo o programa de coeducação deve promover o desenvolvimento pessoal dos rapazes e raparigas, sente que é importante reconhecer e procurar satisfazer as necessidades individuais do rapaz e da rapariga, recomenda que o Bureau Mundial faça um levantamento, à escala mundial, das tendências existentes no Escutismo no que se refere à coeducação, as examine e coloque as informações assim obtidas, à disposição de todas as associações escutistas; solicita à OMME que colabore com a AMG para produzir orientações e meios adequados, sobre a coeducação, no domínio do programa e da formação de animadores, e no sentido de planear actividades conjuntas a nível regional e mundial que possam aumentar o número de oportunidades de cooperação; recomenda que todas as Organizações Escutistas Nacionais tenham em conta as potenciais desvantagens e vantagens da coeducação no contexto específico das respectivas sociedades, e empreendam as acções mais apropriadas para bem de todos os jovens dessas sociedades.*

No número de Julho dá-se conta de uma reunião da Divisão Pedagógica Nacional, a terceira, que terá decorrido no Porto a 9 de Junho, tendo sido abordado, entre outros, o tema da coeducação e quais as suas orientações.

Já após o Verão, no número de Outubro, há um artigo intitulado “O que é a juventude” onde vem escrito que, muitos dos indivíduos com idades entre os 15 e os 24 anos, a faixa etária que as Nações unidas consideram como “juventude”, consideram-se a si

mesmos como adultos e na verdade, alguns já teriam características de adultos uma vez que alguns são já pais. Noutro artigo sobre a situação actual da juventude, vem escrito *“o consumo de álcool e de drogas, a gravidez e o aborto nas adolescentes, a violência, o crime e o suicídio atingem hoje em dia mais jovens do que qualquer outra época”*. No artigo “O que pode o AIJ (ano internacional de juventude) fazer, há uma proposta: um acesso mais amplo à educação e à formação técnica e vocacional; a promoção dos jovens em acções junto das suas comunidades, visando a melhoria da educação sanitária, de educação para a vida familiar, da nutrição e higiene alimentar e do saneamento básico.

No número de Dezembro, no editorial da revista, está escrito: *estamos conscientes dos problemas levantados aos jovens, hoje – sistema escolar, primeiro emprego, ocupação dos tempos livres, família (relação pais-filhos), dinheiro, solidão, droga, sexualidade, violência, etc.* De facto, o ano de 1984 foi um ano onde as temáticas ligadas à juventude surgiram. No entanto, e como iremos verificar, são sempre referências gerais e raramente concretizadas em reflexões.

No ano de 1985, há algumas referências à temática, ainda que não sejam directas, como aliás, raramente o são. No ano internacional da Juventude, a revista, no seu número de Janeiro/Fevereiro publica uma mensagem dos Bispos de Portugal, aos seus jovens, onde ressalva as qualidades da juventude e exorta-a a viver a sua juventude em plenitude, nomeadamente no que se refere aos valores da família, do amor, do trabalho e da cultura, com o seu sentido crítico e tendo poucos vícios os adultos.

Na edição de Abril, há uma carta de um guia de patrulha que fala nas características dos jovens, como por vezes desistem facilmente de atingir um objectivo e que recorrem a métodos nem sempre os mais desejáveis para resolverem os seus problemas. Afirma, por outro lado, que há também jovens que não têm o apoio dos pais, da família *“necessários para terem um vida alegre com espírito bom e aberto”*. Noutro testemunho, um dirigente apresenta alguns números da altura, ligados aos jovens:

- Desemprego: 200 mil à procura do 1º emprego

- Ensino: dos 24 441 candidatos em 84 ao superior foram excluídos 11 641

- Insucesso escolar: 500 mil terminam o ano sem aproveitamento

- *Drogas: 83 mil consumidores, sendo 36 mil habituais*
- *Álcool: metade da população juvenil consome habitualmente, sendo 21% de forma viciada*
- *Delinquência: 75% dos reclusos têm idade entre 16 e 29 anos*
- *Sexualidade: 75% dos partos em mães dos 12 aos 19 anos, tiveram origem na primeira relação sexual (que educação sexual?)*

Após estes números, o referido Dirigente coloca a tónica de onde se situa a proposta do CNE deixando algumas sugestões: encontros, seminários, conversas ao redor da fogueira para falar sobre os problemas dos jovens; articulação de acções de formação com outras instituições em diversas áreas, entre outras.

Na Edição de Junho, o tema principal é *Coeducação: que educação?* Escrito por um Assistente da Associação. Aqui são focados os seguintes aspectos:

- a importância da coeducação, sobretudo na II e III Secções, nomeadamente no que se refere à idade e à constituição das equipas de animação;
- na idade a grande preocupação advém da tentativa de não colocar dirigentes com idades muito próximas dos seus elementos e atentar sobretudo na sua maturidade, mais até que na idade, tendo em conta as idades mínimas autorizadas para se ser dirigente. Refere que sem se ter em conta a maturidade, não há coeducação que possa ser bem feita.
- quanto às equipas, estas deverão ser, segundo a opinião deste Assistente, de constituição mista, num diálogo de complementaridade de sexos e que possa dar um testemunho de um ideal necessário. Dá um exemplo, no caso da existência de um namoro entre membros das equipas de animação, algo que considera muito normal, que estes deverão saber distinguir os momentos adequados para a sua intimidade e as atitudes que deverão definir as suas funções, como membros de uma equipa em serviço do CNE e perante o escalão etário dos adolescentes.

Finalmente acrescenta que coeducação não é sinónimo de promiscuidade e que deverá ser de crescimento mútuo, numa aprendizagem gradual do respeito e do amor pelo outro sexo e numa preparação cuidadosa em relação ao futuro. Afirma que seria inconcebível pensar que coeducação e pernoitar na mesma tenda são sinónimos nem tão pouco

acertado serem os dirigentes homens a resolver os problemas das adolescentes ou as dirigentes resolverem os problemas dos rapazes. Diz que existe, no entanto, um vasto campo da vida em comum que muito ajudará a rapariga e o rapaz a quebrarem preconceitos e a caminharem, com uma mente sã num corpo são “na senda do enriquecimento e da maturação mútua, sem egocentrismos nem “apartheids”.

Em Abril 1986, há uma referência sobre o Rover Ibérico (Acampamento de Caminheiros/Companheiros Portugueses e Espanhóis), onde terão decorrido fóruns subordinados, entre outros temas à “destruição do relacionamento interpessoal, inter-sexual (homossexualidade), dificuldades de relacionamento inter-gerações”. Não dá qualquer pista sobre as conclusões ou até mesmo o que se teria falado nestes fóruns.

No número de Julho, há mais um artigo sobre o CNE e os desafios do futuro, onde o então Chefe Nacional, Vítor Faria, afirma que se colocam 3 desafios ao CNE: a sua Juventude, que continua a desacreditar no futuro, crise de modelos, de ideais e valores, o desenvolvimento das actividades escutistas e a sua transformação em algo mais que somente acampamentos e raides, sobretudo ligado às comunidades, e um terceiro desafio ligado aos novos modos de vida e às novas tecnologias.

O ano de 1987 traz-nos, no seu número de Janeiro, uma referência sobre o Congresso “Escutismo no ano 2000”, onde estiveram presentes cerca de 600 pessoas, que debateram não só a estrutura do CNE como as suas novas metodologias, onde a coeducação tem um papel relevante. Em Abril é feito um pequeno artigo intitulado “A coeducação em retrospectiva”, dando conta dos passos principais dados pelo CNE e noticiando próximos artigos ligados às questões pedagógicas.

2.2.5 Década de 90

Logo no início da década, na edição de Fevereiro de 1990, surge um artigo que relembra o acampamento nacional (V) em 1934, em Benfica. A nota interessante é haver uma referência à existência de *“600 rapazes e algumas escuteiras enchem de bulício e alegria a Quinta do Magistério Primário”*.

Em Abril, num artigo sobre acampamentos nacionais, surge a referência ao de Ílhavo, em 1978, onde teria sido apresentado o projecto educativo da coeducação.

No número de Agosto e Setembro, fala-se nas jornadas pedagógicas realizadas entre 29 de Junho e 1 de Agosto onde se analisaram e debateram as novas propostas pedagógicas nas *“seguintes vertentes: aprofundar os aspectos pedagógicos intrínsecos a cada proposta; estabelecimento dos pontos de ligação entre as propostas, equacionar os pontos polémicos das propostas e propostas de pistas tendentes à implementação efectiva das mesmas no seio da Associação”*. Um dos cinco grupos de trabalho dedicou-se exclusivamente à temática da coeducação.

No ano seguinte, também na edição de Fevereiro, surge a notícia da realização das II jornadas pedagógicas, realizadas em 18 a 20 de Janeiro, onde continuaram a discussão dos grupos de trabalho.

Finalmente, e após vários anos de trabalho, são aprovadas as novas metodologias, no Conselho Nacional de 29 de Junho em Fátima. Esta notícia sai no número de Setembro/Outubro, e em Novembro surge a notícia das III Jornadas Pedagógicas, realizadas em 28 e 29 de Setembro, onde se fala nas dificuldades em conseguir terminar o processo das propostas educativas mas com a finalização do trabalho criação de grupos para a sua implementação. Fala também na pessoa que foi D. Eugénia de Mello, primeiro guia e depois escuteira, através do convite para ser Chefe das Aquelas.

Na edição de Janeiro de 1992, a revista publicou um documento traduzido com o tema *“Rumo a uma Estratégia para o Escutismo”* documento da autoria do Comité e Bureau e saído da Conferência Mundial de Melbourne, na Austrália, onde podemos encontrar a preocupação de muitas associações conseguirem oferecer propostas educativas adequadas às necessidades específicas dos adolescentes – do sexo masculino mas também, cada vez mais, do sexo feminino, apesar de este ser o grupo etário mais crítico em muitos países, no que se refere ao desenvolvimento dos jovens para assumirem um papel construtivo na sociedade.

No número de Fevereiro, um dos Dirigentes mais destacados do CNE faz um artigo de opinião sobre a família e o escutismo, em que o escutismo e os escuteiros são, sobretudo

desde a II Guerra Mundial, uma das associações que mais fez pela juventude, sobretudo ao nível do controlo emocional e no equilíbrio e bem estar dos jovens, substituindo a família nalgumas das suas atribuições.

Na edição de Setembro/Outubro, no rescaldo do Acampamento Nacional do Palheiro, há uma avaliação à coeducação. É feita referência à forma como a coeducação está a ser levada a cabo na Associação, onde se refere que juntar jovens de ambos os sexos não é coeducação e que há que rever estes aspectos e *“arrumar a casa”*.

No ano de 1993, na edição de Janeiro, pode ler-se um artigo sobre a saúde onde são apresentados os resultados de um inquérito feito em França, com estudantes entre os 12 e os 13 anos. No artigo, as maiores preocupações no que se refere às doenças estiveram relacionadas com as DST's, a Sida, o Cancro, mas também com o álcool, tabaco e drogas. O autor português deste artigo, José Luís Castanheira, chama a atenção para a necessidade de participação dos jovens no desenvolvimento dos programas de promoção da saúde.

No editorial de Julho/Agosto, o director de então, Carlos Mana, fala do escutismo enquanto movimento de educação destinado a rapazes e raparigas, no sentido de uma verdadeira coeducação. Também em Setembro, num artigo publicado no *“Juventude Agora”*, intitulado *“Qualidades de um Dirigente Adulto”* e que a Lis publicou também, há uma referência sobre as crises da adolescência para as quais o dirigente deverá estar preparado, nomeadamente os namoros e os casos de gravidez.

Quase a *“fechar”* o ano, na edição de Novembro, há a referência à primeira mulher eleita para o Comité Mundial, Jocelyne Gendrin. Na última página, há um artigo intitulado *“O Sexo”*. Nele é defendido que é necessário *“pôr o dedo na ferida”*, trabalhar na educação sexual e fazer face *“ao marketing sexual que vai trabalhando contra nós”*. Para isso, defendem os autores, é necessário formação e informação de forma colmatar falhas, contornando ideologias e credos que esquecem a necessidade de respostas às questões do dia a dia. Como dizia o autor do artigo *“O Escuteiro é também um ser sexuado”*.

Com um hiato no ano de 1994, surge em 1995, na sua edição de Fevereiro, numa entrevista dada pelo então Chefe Nacional Adjunto, Manuel Tomás, a afirmação que *“a formação deverá estar atenta para formar e desmistificar assuntos que até agora eram “tabus”, tais como sexo, sida, droga, violência, xenofobia, entre outros”*.

Já em Abril, o tema dos cursos de formação pedagógica desse ano foi a coeducação, tendo sido utilizada a técnica dos fantoches/marionetas. Este tema teria surgido porque a Divisão Nacional Animação Pedagógica sentiu que *“algumas Regiões e Núcleos não estavam a aplicar correctamente o processo coeducativo”*. Mostra ainda a preocupação em enriquecer as Unidades de Formação dos diversos cursos sobre coeducação para que *“haja sintonia de linguagem”*.

No número de Maio surge a seguinte frase: *Para mim a coeducação é a verdadeira forma de educação de uma sociedade completamente evoluída*. (E. Hugnin). É publicado um artigo traduzido de E. Breuse e retirado do livro *“Para uma pedagogia da Coeducação”*, editado pelo Ministério da Educação nacional. Neste artigo afirma-se

“que a coeducação é uma concepção renovada da educação que consiste em reunir rapazes e raparigas numa mesma escola e nas mesmas aulas e dar-lhes, em conjunto, uma educação idêntica, substituindo a escola de instrução pelo de comunidade educativa. Esta instrução não deverá ter interrupção desde o jardim de infância até a universidade, sendo esta continuidade importante para o seu sucesso. Isto permitirá que as tensões geralmente desenvolvidas entre os sexos quando não se conhecem ou não estiveram ou quando foram colocados uns contra os outros.

A coeducação deriva de uma doutrina que afirma o valor específico mas complementar de cada sexo e postula o reconhecimento não da semelhança mas da igualdade. A coeducação dos sexos é uma concepção que implica uma Fé. Fé naquilo que uma total colaboração, que se estende ao longo de toda a vida, permitirá aos indivíduos dos dois sexos conhecerem-se melhor, situarem-se correctamente uns em relação aos outros e destruir as barreiras que uma longa separação ergueu entre eles. Fé na possibilidade de os jovens se tornarem mulheres e homens autênticos, prontos para o diálogo e para uma cooperação franca e sincera que deve conduzir a uma cultura verdadeiramente humana.

A coeducação é, para além do mais, um estilo de vida feito de compreensão, de aceitação recíproca e de respeito. Deve desenrolar-se num clima de clareza, de saúde e, também, num clima de verdade que dará confiança aos jovens. A coeducação não se improvisa, exige toda uma série de condições particulares”.

No número de Julho/Agosto, um dirigente fala na necessidade de falar/debater alguns assuntos considerados “quentes”. No seu entender, os dirigentes do CNE deveriam ter a oportunidade de reflectir um pouco sobre os temas que preocupam os jovens na actualidade. No que se refere à sexualidade, ele pergunta se *“já alguma vez tiveram a oportunidade de debater com o vosso assistente a vasta literatura que a igreja tem referente ao assunto?”*

Na edição de Setembro /Outubro, há uma notícia da organização de uma actividade do clã de Ponta Delgada, onde uma das vertentes teve a ver com a sexualidade, embora não especifique de que forma ou conclusões retiradas.

Em Dezembro, e numa entrevista do Pe. Filipe Vieira, este fala na data em que as raparigas foram aceites oficialmente. Nas suas palavras: *“... uma outra mudança muito importante foi a oficialização da pertença de jovens do sexo feminino aos quadros do CNE... apesar de existirem lobitas e exploradoras em várias regiões, havia, do ponto de vista institucional, uma resistência a reconhecer-se aquilo que já era um facto... e posso dizer que foi uma luta, nesse Conselho de Representantes em Julho de 1976, no Seminário do Verbo Divino,..., presidido pelo Chefe Nacional Adjunto e no qual a decisão favorável ao reconhecimento ganhou por apenas dois votos”.*

Em 1996, só no último número, em Dezembro surge uma notícia da realização de um Curso do Programa Educativo, subordinado à temática da Coeducação. Informa ainda que, a convite da Região da Guarda, participaram os Agrupamentos de Figueira de Castelo Rodrigo, Santa Maria e S. Pedro, de Manteigas, Unhais da Serra, Escalhão, Fundão, Seia, Teixoso e Tortosendo, tendo os trabalhos sido conduzidos pelo secretário Nacional do Programa Educativo e com os Departamentos Nacionais das quatro secções.

Ainda neste número se faz referência à conclusão do I volume do Manual do Dirigente, onde o fascículo n.º 9 é dedicado à coeducação, no qual se relata a história da coeducação na associação bem como dos factores biológicos, culturais, sociais e outros, indispensáveis ao conhecimento dos dirigentes.

No número de Abril de 1997, uma Dirigente ressalva a necessidade de se falar em vários temas com os jovens, nomeadamente sobre a SIDA, a sexualidade, o alcoolismo e a droga. Que os dirigentes podem e devem recorrer a associações que trabalhem estas áreas.

Em 1998, surge na edição de Maio um artigo sobre o referendo sobre a liberalização do aborto, pelo Assistente Nacional, onde faz um apelo aos jovens que não defendam a morte em quaisquer circunstâncias. Logo no número seguinte (Junho) há um esclarecimento da posição do CNE relativamente ao referendo sobre a liberalização do aborto, com o esclarecimento também da posição da Igreja.

Em Julho é feita uma referência à primeira mulher a integrar a Junta Central por cooptação, ou seja, não por eleição directa mas por escolha após a saída de um dos membros.

2.2.6 O novo milénio... até 2004

Com o ano 2000, surge, em Janeiro uma notícia sobre a inauguração do Gabinete de Apoio à Sexualidade Juvenil de Lisboa, protocolo entre o Instituto Português da Juventude e a Sub-Região de Saúde de Lisboa. Falam ainda na existência de uma linha telefónica de aconselhamento sobre a sexualidade juvenil com número gratuito.

Já em Abril é noticiada a 35ª Conferência Mundial do Escutismo que teve lugar em Julho 1999, onde, entre vários assuntos, se destacou a *“Adopção da política sobre rapazes e raparigas, homens e mulheres no escutismo para assegurar que se satisfaçam as necessidades educativas dos jovens de um e outro sexo”*.

No número de Março, em 2001, mais propriamente no artigo "O Escutismo e os Pais", o Dirigente autor do artigo refere que, em sua casa, em assuntos referentes ao tabagismo e sexo livre, afirma terem sido fruto de conversas descontraídas em família, nomeadamente com os seus filhos. Afirma tinha permitido que tivessem relações sexuais quando muito bem entendessem mas alertando-as com explicações pormenorizadas para as consequências dessa liberdades e responsabilizando-as pelos resultados. Este mesmo autor/Dirigente afirma não ser possível fazer educação ou formação sem uma grande afectividade.

No número de Setembro/Outubro deste mesmo ano, na rubrica, "*pelo sim, pelo não*", é colocada a questão da educação sexual na escola. Nas opiniões pelo sim, a sexualidade é ainda considerada um tabu, que continua a ser vista como algo de natural assumindo uma conotação pejorativa. É defendido que a educação sexual não deve ser relativizada e que o facto de ser a escola a tratá-la, é um assunto que levanta polémica. Deve ser dado, no entanto, aos jovens a oportunidade de, num espaço próprio, poderem expor as suas dúvidas e pedir aconselhamento independentemente de ser a família ou a escola, podendo ser feita uma parceria. Nas opiniões pelo não, surge a questão de esta vir a ser uma disciplina autónoma, qual o papel a desempenhar pelos pais, o que se pretende com esta disciplina, e qual o contributo para o auto conhecimento dos jovens. Há quem defenda que os jovens perdem cada vez mais cedo a virgindade sobretudo devido à pressão grupal. E que continuam a aparecer jovens grávidas mesmo com acesso à informação. Propõe reforçar as consultas de planeamento familiar incluindo também os rapazes.

Em 2002, na edição de Fevereiro, há um artigo sobre "igualdade entre sexos" onde se afirma que a igualdade de oportunidades ainda não é algo adquirido para todos. No caso do escutismo, a distinção rapaz/rapariga, mulher/homem também terá existido em tempos recuados. Afirma que o movimento escutista acabou por ser uma das associações de juventude que melhor soube inverter esta tendência adaptando-se aos novos tempos e às novas realidades sociais, não só pela forma como se reorganizou, como pelas técnicas e métodos que passou a utilizar. Actualmente o CNE conta com um efectivo nacional de aproximadamente 70000 associados, de ambos os sexos e de 20 regiões distintas. Destes setenta mil, cerca de 30000 são do sexo feminino. É nas

secções mais novas que a maioria dos elementos femininos surgem. Os números menores situam-se ao nível dos caminheiros e dirigentes.

Na edição de Março, na rubrica “*Ask the boy*”, a então Secretária de Estado para a Igualdade colocava a seguinte questão: “*sabes porque é que esta secção da tua revista se chama “Ask the boy”? Não achas, que se BP vivesse hoje, também perguntava às girls? Já pensaste que as palavras podem chamar ou afastar?”*. A maioria das respostas refere a questão histórica para esta frase. Dizem que se fosse hoje, BP teria criado um escutismo misto e esta frase seria *ask the scouts* ou *ask the people*. Por outro lado, afirmam que as raparigas não se sentem discriminadas e que o livro base do escutismo “*Scouting for boys*” também se aplica às raparigas que não conhecem quem se sinta discriminado por isso. Reconhecem no entanto, que as palavras podem chamar ou afastar dependendo do tom ou da maneira de o fazer/dizer.

Na edição de Novembro, mas do ano de 2003, há um artigo que destaca a missão dos guias de patrulha, o cargo mais importante no escutismo e para o qual existem inúmeros escritos. Nesta edição destacam-se, então, alguns escritos e algumas directrizes. Numa nota de rodapé, diz “*A maior parte dos escritos de B.-P. dirigem-se aos rapazes porque assim nasceu o escutismo: para rapazes. É claro que os mesmos se aplicam às raparigas e em especial às guias de patrulha.*”

Em Fevereiro de 2004, o então Director da Lis, José Carlos Santos, publicava um editorial onde trabalhava o tema da igualdade, tema este que estaria a ser debatido ao nível mundial. Em Portugal, a equipa da Flor de Lis realizava uma série de formações e incentivava, nomeadamente os adultos a fazerem-no também uma vez que a igualdade ainda não se traduzia pela existência de mulheres em lugares cimeiros de chefia.

Na edição de Abril/Maio do mesmo ano e na notícia sobre o Enforma (Encontro Nacional de Formadores do CNE), realizado pela SNA (Secretaria Nacional dos Adultos), um dos temas trabalhados numa das oficinas teria sido precisamente o da “Sexualidade dos nossos adolescentes”, onde um grupo de Dirigentes se sentaram à mesa e conversaram sobre o assunto.

Da leitura da Revista Flor de Lis, podemos referir que ao longo dos 80 anos de existência enquanto Associação, o CNE não tem abordado a temática da sexualidade enquanto tal.

As principais referências a esta temática surgem, de uma forma indirecta, a partir sobretudo da década de 80, no contexto da coeducação e dos desafios que se adivinhava com a aplicação da mesma. Relembramos que os elementos do sexo feminino só foram aceites formalmente em 1976.

***PARTE TRÊS – Os Dirigentes e a
sexualidade dos adolescentes no contexto
do Corpo Nacional de Escutas***

A. Aspectos metodológicos

1. Fundamentação do Problema

A escolha do problema de estudo no trabalho que apresentamos esteve relacionado, não só com a experiência profissional adquirida através do contacto com adolescentes, mas sobretudo com as experiências vividas durante quase duas décadas na Associação que é o Corpo Nacional de Escutas, onze anos dos quais como Dirigente.

Nestes onze anos como Dirigente, acompanhei no seu percurso educativo, vários jovens, desde os 10, 11 anos até aos 20 anos, onde as questões ligadas à sexualidade foram surgindo naturalmente.

Por outro lado, e como Dirigente, frequentei todos os Cursos de Formação disponíveis e necessários, de acordo com o(s) percurso(s) previstos no CNE, tendo em 1996 feito o CAF, curso equivalente ao Curso de Formação Inicial de Formadores, e em 2002 o CDF (Curso de Directores de Formação), de forma a poder ser Formadora na Associação.

É destas primeiras experiências de formação de adultos, bem como dos vários encontros de Dirigentes que começam a surgir as preocupações relacionadas com a sexualidade dos adolescentes, nomeadamente no que se refere às vivências em campo, e das questões colocadas nos grupos.

Ainda durante o período de Fevereiro de 2003 a Outubro de 2004, tive a oportunidade de exercer o cargo de Secretária Nacional dos Adultos, onde contactei com um grande número de Dirigentes em todo o país que, de entre as necessidades sentidas, as questões ligadas à sexualidade estavam no conjunto das mais prementes, não só devido às situações que ocorriam no dia a dia das actividades mas também devido às vivências naturais enquanto Dirigentes de uma Associação Católica com todos os constrangimentos daí inerentes.

Acresce ainda o facto de a Associação ter levado a cabo uma revisão dos Cursos de Formação existentes, onde temas como a sexualidade, a coeducação e a promoção da saúde foram incluídos nos módulos a abordar. Actualmente, estamos a viver a revisão das metodologias ligadas aos jovens onde de cinco pólos educativos (carácter, desenvolvimento físico, animação da Fé, saúde, habilidade manual) passamos a ter seis áreas de desenvolvimento (afectividade, espiritualidade, físico, intelectual, carácter e social).

Finalmente, com as alterações sentidas na sociedade e a evolução dos diversos conceitos ligados à sexualidade e à adolescência, tornou-se evidente que este estudo teria todo o sentido numa Associação que tem cerca de setenta mil crianças, jovens e adultos como membros constituindo-se como a maior organização nacional de Juventude, em Portugal.

Face a tudo o que já foi exposto e tendo sempre presente os objectivos deste estudo, pareceu-nos legítimo e pertinente interrogarmo-nos sobre a imagem dos Dirigentes face à sexualidade dos seus jovens tendo por base a constituição de grupos mistos, de abrangência nacional.

O objectivo principal desta dissertação é, então, tentar perceber qual a imagem que os adultos da associação têm da sexualidade dos seus jovens, quais as dificuldades que encontram e que propostas fazem para o futuro tratamento desta temática dentro da associação, no que se refere à formação de adultos e à educação dos jovens.

Assim, faremos uma análise de conteúdo da representação que os Dirigentes têm da sexualidade tendo em conta os seguintes pontos:

- - Dada a complexidade que esta temática envolve, uma vez que deverá estar implícito *“o desenvolvimento de referências éticas, de atitudes, de afectos e de valores na família, na escola e na sociedade”*, sendo destacada a *“consciência clara da importância da tomada de decisão, de recusa de comportamento não desejado e do conhecimento de recursos para apoio quando este for necessário”* (Resolução do Conselho de Ministros n.º 124/98), como é que a sexualidade dos jovens escuteiros é percebida pelos Dirigentes que os enquadram?

- Por outro lado, e tendo em conta que no dia a dia, os Dirigentes emitem mensagens que têm implicações nos relacionamentos interpessoais, embora nem sempre sejam conscientes, como é que estes Dirigentes encaram essa sexualidade?
- Finalmente, que práticas são realizadas no trabalho com estes jovens, tendo em conta as percepções e atitudes evidenciadas anteriormente?

Destas questões, surgem os objectivos do estudo, objectivos estes que se prendem com:

- A promoção de um debate que envolva os Dirigentes da Associação sobre a temática apresentada;
- Reconhecimento dos efeitos das mensagens emitidas no quotidiano e a sua implicação no relacionamento interpessoal;
- Da reflexão conjunta pretende-se escolher o modelo de educação sexual orientador das acções a realizar;

2. Caracterização da amostra

Para o presente estudo, foi recolhida uma amostra, com quarenta e dois indivíduos, tendo em conta os seguintes pressupostos:

- a) Dirigentes investidos;
- b) Estarem acima dos 20 anos;
- c) ambos os géneros sexuais;

Os quarenta e dois sujeitos distribuíram-se por cinco grupos de discussão, de acordo com os seguintes quadros e figuras:

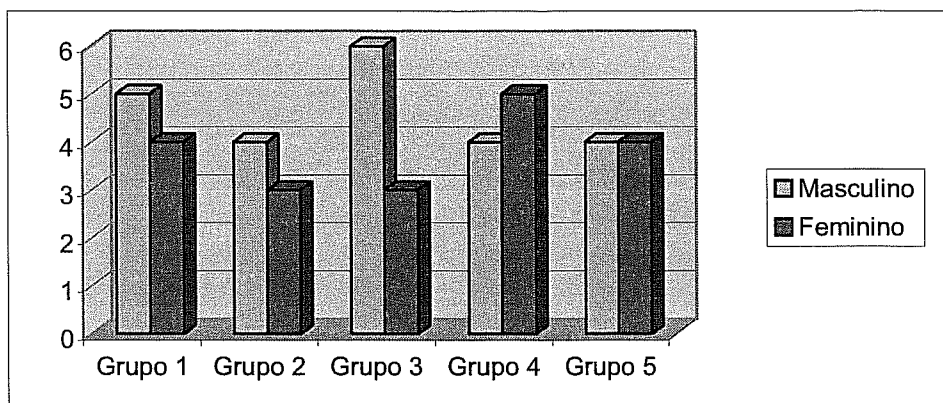


Gráfico 6 – Distribuição da amostra por género sexual e por grupo

Como se pode verificar, a amostra é bastante equilibrada no que se refere ao género sexual, dentro de cada grupo. No total, os sujeitos masculinos representam 55% da amostra.

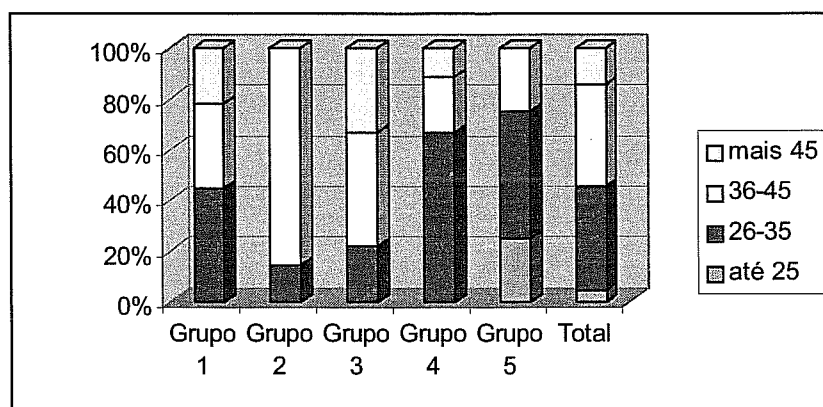


Gráfico 7 – Distribuição da idade pelos grupos e na totalidade da amostra

Quanto à idade, podemos verificar que o maior número de sujeitos se encontra entre os 26 e os 35 anos e entre os 36 e os 45 anos, com dezassete sujeitos em cada grupo etário.

Quanto ao estado civil, podemos verificar que a distribuição entre sujeitos solteiros e casados é também equilibrada. Há ainda a referir 7% dos sujeitos cujo estado civil é separado(a).

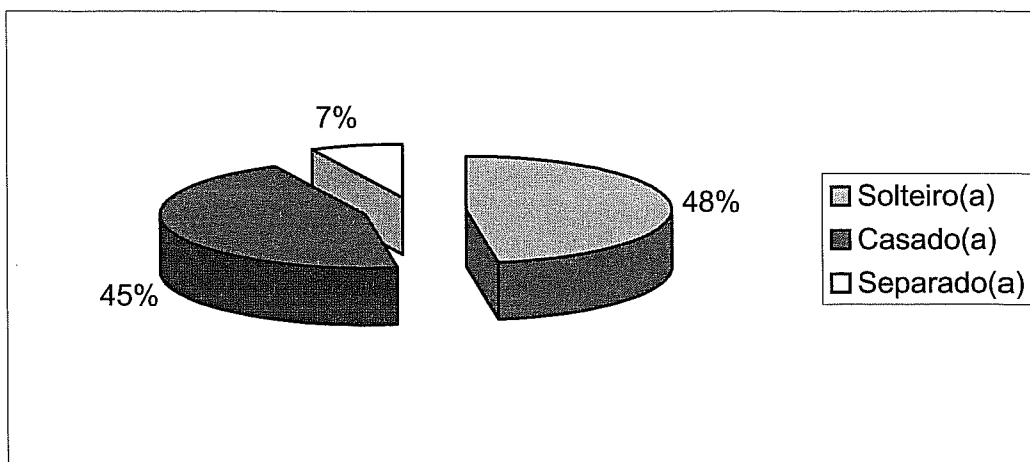


Gráfico 8 – Estado civil dos sujeitos da amostra

Nesta categoria optámos por considerar toda a amostra por não ser relevante a análise por grupo.

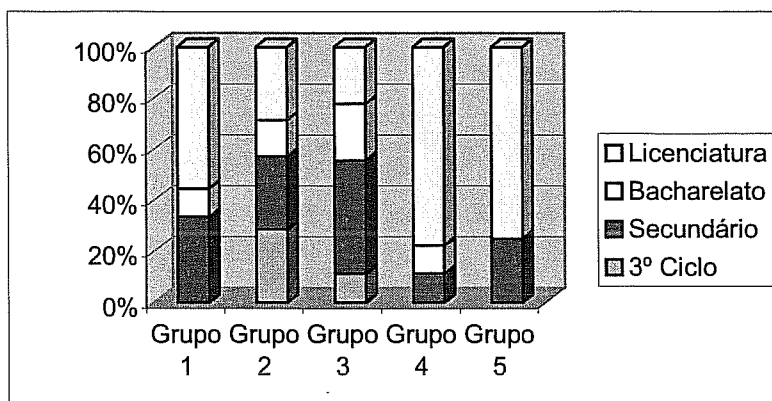


Gráfico 9 – Escolaridade por grupo

A escolaridade evidenciada pelos grupos situa-se maioritariamente no secundário e na licenciatura, havendo somente um pequeno número de sujeitos com o 3º Ciclo.

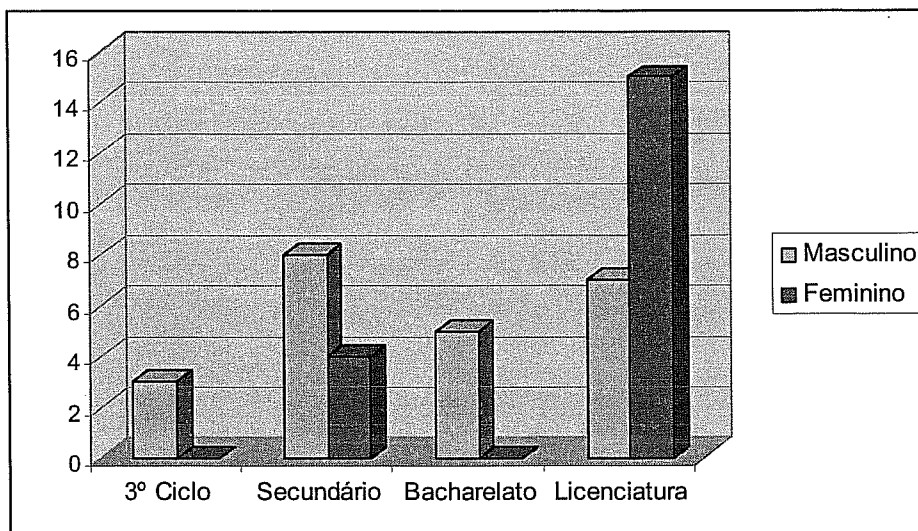


Gráfico 10 – Escolaridade por género sexual

Os sujeitos do sexo feminino têm um nível de escolaridade mais alto que os sujeitos do sexo masculino. De facto, o número de sujeitos do sexo feminino com a licenciatura é mais elevado. Nos restantes grupos, é o sexo masculino que lidera.

Em suma, a nossa amostra caracterizou-se pelo equilíbrio de género sexual, estando a maioria entre os 26 e os 45 anos, com um número semelhante entre solteiros e casados, e com uma escolaridade acima da escolaridade obrigatória, sobretudo no género feminino.

Estes dados parecem-nos importantes dado que a grande maioria presenciou ou viveu o 25 de Abril de 1974 e a evolução histórica e social que daí adveio, nomeadamente nos conceitos, processos e metodologias ao nível da Educação.

Por outro lado, assiste-se a um crescente número de Dirigentes cuja escolaridade mais elevada, poderá ser um factor de promoção do debate em torno de assuntos e temáticas que anteriormente não eram postas em causa.

3. Método de recolha de dados: o focus group

Com o presente estudo, optámos por recolher a informação de carácter qualitativo, o que nos permitiu obter informação mais aprofundada e relevante para a temática em causa.

Visando uma maior percepção do modo como os Dirigentes vêem a sexualidade, optámos pela técnica de focus group como técnica privilegiada da recolha de dados.

3.1 Breve perspectiva histórica

Os grupos de discussão constituem uma técnica com entidade própria, enquadrada na família das entrevistas grupais, com algum destaque na investigação social.

Historicamente, esta técnica foi desenvolvida e utilizada por autores anglo-saxónicos, tendo sido descrita na obra de Robert K. Merton, Marjorie Fiske e Patrícia L. Kendall, *The Focused Interview*, publicada em 1956 (Krueger, 1991). Outros autores, no entanto, advertem que a técnica descrita por Merton e seus colaboradores foi sendo modificada, adoptando novas formas na diversidade de estudos onde tem sido aplicada. O próprio Merton publica, em 1987, um artigo intitulado *The Focused Interview – continuities and discontinuities* onde refere este desenvolvimento da técnica.

O maior desenvolvimento e aplicação dos grupos de discussão foi no campo da investigação de mercados, mais do que na investigação social. Nesta última, onde teve a sua origem, produziu-se uma espécie de redescoberta e trabalha-se no retorno da técnica.

Na literatura, é recorrente a referência à pertinência desta técnica no estudo do comportamento do consumidor. A este respeito, Patton (1990) afirma que as entrevistas

de tipo focus group foram desenvolvidas ao reconhecer que muitas das decisões do consumidor são produzidas frequentemente num contexto social, em conversas com outras pessoas. E acrescenta que os investigadores de mercado começaram a utilizar os focus group na década de 50 do século passado como *“uma forma de simular o processo de tomada de decisão grupal de consumo”*, com o objectivo de obter informação mais precisa sobre as preferências do produto do consumidor.

Transcrevemos aqui um exemplo, retirado da definição de Orti (1989, p.198): *Transportada ao terreno da investigação motivacional com finalidades sociológicas... a prática da denominada dinâmica de grupo (no seu sentido mais lato) reconverte-se... na técnica qualitativa de aproximação empírica à realidade social, denominada “reunião de grupo”, “discussão de grupo” ou também “entrevista de grupo”. Trata-se, neste caso, clarifiquemos antes de mais, de uma prática sui generis, com peculiaridades próprias, que na realidade pouco ou nada tem a ver com o que se entende – de forma rigorosa – como dinâmica de grupo no âmbito da psicologia dos pequenos grupos”*.

A razão fundamental que este autor apresenta para justificar a especificidade dos grupos de discussão não é outra que *“o objectivo pragmático, macro sociológico e extra grupo”* desta técnica na sua aplicação sociológica. Por outras palavras, em *“oposição às práticas e objectivos funcionais ou terapêuticos”* dos estudos psicológicos do grupo restrito, estas *“reuniões de grupo”*, de carácter e natureza eminentemente sociológicas, também não constituem um marco para captar as representações ideológicas, valores, afectos dominantes, entre outros, de um determinado estrato, classe ou sociedade global (Orti, 1989). Nestas últimas destacam-se as contribuições de C.H. Cooley, Elton Mayo, Thrasher, W.F. Whyte, Katz e Lazarsfeld.

Os autores de *Personal Influence: the part played by People in the Flow of Mass Communications* (Katz e Lazarsfeld, 1955; citado por), salientam a importância do contexto grupal, em que o indivíduo acaba aceitando ou recusando as mensagens dos meios de comunicação de massas.

Os grupos de discussão (focus group) podem ser, então, considerados como *“uma técnica específica dentro da categoria mais ampla das entrevistas grupais”*, orientados para a obtenção de informação qualitativa (Morgan, 1988; p.12). Stewart & Shamdasani

(1990, p.21) referem este mesmo aspecto, advertindo que *“há circunstâncias e perguntas de investigação para as quais outras técnicas de grupo, distintas das tradicionais, podem ser mais apropriadas”*. Estes autores referiam-se, concretamente, à técnica de grupo nominal, à técnica Delphi, ao brainstorming e aos grupos de discussão sem moderador.

3.2 Focus Group ou Grupos de Discussão

Reconhece-se a diversidade de aplicação desta técnica (não só nos estudos de mercado como também na elaboração de questionários sociais ou na avaliação de programas de intervenção), e a sua relação com os grupos terapêuticos utilizados pelos psiquiatras. A sua definição continua, no entanto, muito ligada à experiência da investigação de mercados com as seguintes características:

- a) Objectivos ligados a estudos de carácter exploratório ou preparatório (familiarização com o tema, prova de questionários, valorização de reacção a um produto, mudança de imagem ou orientação, entre outros);
- b) Existência de um lugar habitual de realização em cenários dito formais (não naturais) de entrevista;
- c) Estilo de moderação semidirigido, geralmente com um formato de entrevista e com questões semi-estruturadas;

Se por um lado é transmitida a ideia que há uma utilização “tradicional” da técnica (investigação de audiências e estudos de mercado), por outro, há autores que defendem a sua aplicação a outros campos de investigação, ainda que de modo inovador (....)

Numa conferência sobre técnicas de investigação social, que teve lugar nos EUA, destacou-se a necessidade de *“desenvolver grupos de discussão para vários objectivos”* (Morgan, 1993). Estes objectivos incluíam a investigação básica, a avaliação de programas, a investigação orientada para a mudança e a investigação de políticas. Entre

os vários exemplos de utilização da técnica dos grupos de discussão, os conferencistas estavam particularmente interessados nos tipos de investigação para os quais os objectivos eram orientados para a mudança, incluindo o marketing social, a investigação-acção e a investigação participativa (Morgan, 1993).

Os grupos de discussão podem também ser combinados com outras técnicas qualitativas, como demonstra a prática de investigação de numerosos autores nos últimos anos, anteriormente citados. Igualmente, esta técnica possui vantagens e limitações.

3.2.1 Vantagens e limitações dos grupos de discussão

Parece-nos relevante salientar, e para que não se entenda como algo exclusivo dos grupos de discussão, que as técnicas em geral e as qualitativas em particular, não se livram da reacção (social e humana) da construção de mitos (Morgan, 1993).

As vantagens incluem a facilidade, a economia e a rapidez. Estas vantagens dos grupos de discussão frente a outras técnicas qualitativas foram salientadas inicialmente em diversos manuais sobre grupos de discussão (Morgan, 1988; Stewart & Shamdasani, 1990; Krueger, 1991). Na opinião de Morgan e corroborada por Krueger, os grupos de discussão *“(...)só podem fazer-se rapidamente em circunstâncias muito invulgaes. Ainda que o grupo em si dure somente uma ou duas horas, leva tempo a criar um conjunto efectivo de perguntas, localizar os participantes apropriados e entender a informação que proporcionam. O campo e a análise é especialmente possível que sejam caros e laboriosos, a menos que os participantes se encontrem à mão e os objectivos do projecto sejam muito limitados e directos. O mito de que os grupos de discussão se podem fazer de modo barato e rápido, levou a muitas utilizações inapropriadas dos mesmos, baseados mais na conveniência que na adequação do método aos objectivos concretos do estudo (Morgan, 1993, p. 4-5).*

De entre outras vantagens apresentadas, podemos ainda salientar a flexibilidade e a interacção grupal. A primeira está relacionada com o facto dos grupos serem considerados mais flexíveis quando comparados com outras técnicas qualitativas e

quantitativas, pois podem utilizar-se para investigar sobre uma grande variedade de temas, com pessoas diversas e numa diversidade de ambientes (Stewart & Shamdasani, 1990). Acrescentam ainda estes autores que pode ser *“uma das poucas técnicas disponíveis para a obtenção de informação de crianças ou sujeitos com dificuldades de leitura e escrita”*.

Relativamente à interacção grupal, a grande vantagem dos grupos de discussão está nas possibilidades de exploração na geração de material qualitativo, derivadas não tanto da presença de um entrevistador-moderador, mas sobretudo da presença de vários entrevistados (participantes ou actuates num contexto de grupo). A situação de grupo faz com que as respostas ou intervenções surjam como reacção às respostas ou intervenções de outros membros presentes na reunião. Trata-se do *“efeito de sinergia”* provocado pelo próprio cenário grupal e que resulta da produção de informação que poderia não acontecer nas entrevistas individuais, entre o entrevistador e entrevistado (Stewart & Shamdasani, 1990). Também Morgan (1988) e Krueger (1991) se referem a este aspecto.

Jarrett (1993) refere-se ao *“efeito de audiência”* que tem lugar nos grupos de discussão, onde cada participante é estimulado pela presença dos outros e por quem orienta a sua acção.

3.2.2 Limitações ou inconvenientes

Dentro das limitações da técnica, gostaríamos de salientar a artificialidade e a interacção grupal, que assume um duplo papel. A primeira surge em relação, sobretudo, com as técnicas de observação-participação e com os cenários criados (Morgan, 1988). A ausência da observação directa (pelo investigador) dos contextos naturais nos quais se desenvolve a acção e a vida quotidiana das pessoas reunidas nos grupos de discussão.

Em relação à interacção grupal, a mesma pode tornar-se uma desvantagem uma vez que, segundo Morgan (1988), o menor controlo do investigador sobre os dados assim gerados pode chegar a ser um problema importante, se considerar fundamental manter uma certa comparabilidade entre as entrevistas grupais.

Stewart & Shamdasani (1990) também incidem nesta limitação. Para estes autores, a dupla interacção (dos participantes entre si e com o moderador), que se produz nos grupos têm três inconvenientes potenciais:

- a) as respostas dos sujeitos dos grupo não são independentes entre si o que restringe a generalidade dos resultados;
- b) os resultados podem ser enviesados por um sujeito muito dominante;
- c) o moderador pode, ele próprio, enviesar os resultados ao proporcionar, consciente ou inconscientemente, pistas sobre que tipo de respostas é desejáveis.

Os grupos de discussão não parecem estar do conhecido problema da “desejabilidade e/ou conformidade social” na análise de dados (Morgan, 1993). No entanto, esta técnica consegue recriar ou simular, melhor que outras técnicas qualitativas, as formas discursivas sociais, uma vez que na vida quotidiana, nas conversações naturais no grupo, as pessoas guardam para si as suas opiniões mais íntimas, tendem a não “destoar” com as normas sociais de cortesia, pelo que é de esperar que nos grupos artificiais ocorre algo semelhante.

3.3 Aspectos do desenho, campo e análise dos grupos de discussão

Quando iniciamos um projecto de investigação e decidimos utilizar esta técnica, há algumas questões que se nos colocam, como quantos grupos formar? E qual a sua composição?

Nos grupos de discussão não se procura a representação estatística mas a representação tipológica, sócio-estrutural, de acordo com os propósitos da investigação e as contingências de meios e tempo. Assim sendo, o número de grupos e a sua composição irá depender de dois critérios fundamentais, para além de outros referentes à amostra, como a heterogeneidade entre grupos e a economia.

O primeiro orienta a selecção de participantes e a sua distribuição em grupos, tratando de reproduzir conversações (discursos) relevantes e/ou pertinentes, segundo os objectivos do estudo. O segundo introduz os constrangimentos de tempo e dinheiro.

Para o desenho de cada grupo deve atender-se à sua composição interna, evitando reunir sujeitos que na vida real se encontram afastadas. Krueger (1991) salienta esta ideia especificando que *“se procura homogeneidade no que se refere a profissão, classe social, escolaridade, idade, cultura ou características familiares”*.

A este respeito, Stewart & Shamdasani (1990) concluem que os grupos de discussão deveriam ser desenhados para fazer surgir e otimizar a interacção assegurando a similaridade com respeito ao estatuto socioeconómico. Estes autores distinguem o critério homogeneidade-heterogeneidade de compatibilidade. Entenda-se a (in)compatibilidade em relação com a interacção grupal adequada para um possível intercâmbio comunicativo aceitável.

Uma vez tomadas as decisões amostrais sobre o número e composição dos grupos, há que decidir como se vai contactar com os participantes e qual vai ser o lugar da reunião. É evidente e fácil de comprovar na prática profissional, que seleccionar os participantes de uma entrevista grupal e conseguir que compareçam pressupõe um trabalho mais árduo que na entrevista individual de profundidade. A figura do “intermediário” (pessoa que efectua os contactos) tem surgido com alguma frequência aliviando o investigador dessa tarefa, com o inconveniente de poder enviesar o desenho teórico dos grupos. Torna-se, assim, necessário de estabelecer condições precisas de selecção e de filtragem ou supervisão destes colaboradores.

Tradicionalmente, os cuidados a ter que surgem nos manuais especializados são a utilização de redes pessoais de comunicação ou relação social (Ibáñez, 1989; Krueger, 1991), evitar revelar ao potencial participante quaisquer informações que possa influir nas suas respostas posteriores e evitar a participação de amigos ou conhecidos, com o objectivo de restringir os riscos da preexistência do grupo na vida real (Ibáñez, 1989; Morgan, 1988).

A selecção de um lugar apropriado para a entrevista de grupo adquire uma relevância especial nesta técnica. Ibáñez (1989) considera este aspecto uma “estratégia” fundamental para a formação do grupo. Segundo este autor, esta estratégia complementa a “estratégia de selecção dos participantes”.

Krueger (1991) defende que o lugar onde se realiza a reunião deve ser o mais neutral possível, neutral em relação ao tema da discussão e com as características das pessoas convocadas.

A mensagem nestes e noutros textos semelhantes é similar: evitar espaços, cuja imagem ou marca social possa levar a inibições ou reacções estereotipadas que afectem o discurso do grupo, evitar a disposição de cadeiras ou formas de mesa que dificultam a comunicação entre iguais e a interacção grupal que se pretende favorecer com esta técnica.

A relativa neutralidade das “salas comerciais” habilitadas especificamente para estas reuniões nas empresas de investigação, é preferível a outros locais como por exemplo hotéis, locais de administração públicas, igrejas, oficinas, domicílios particulares (Ibáñez, 1989; Stewart & Shamdasani, 1990).

Morgan (1988) salienta que o lugar deve equilibrar as necessidades dos participantes e do investigador, sendo acessíveis e reunindo condições para a gravação. Este autor não crê que na investigação social haja necessidade de utilizar casas com espelhos unidireccionais, por exemplo. Estes e outros procedimentos de ocultação são considerados inúteis, não só por razões técnicas como sobretudo éticas.

3.4 A actuação do moderador e os participantes na discussão

No seu manual sobre os grupos de discussão, Ibáñez (1989) diferencia dois grandes tipos de actuação: as actuações do moderador, que se agrupam em dois momentos fundamentais da dinâmica do grupo, denominados de “provocação inicial” e “provocação continuada”, e as actuações dos sujeitos reunidos, sobre as quais se vão fazendo alusões contínuas ao abordar as actuações do moderador.

Para iniciar a discussão, não basta colocar o tema “em cima da mesa”. É necessário fazer ressaltar o interesse em discuti-lo, não caindo numa dinâmica de pergunta-resposta mas permitindo e promovendo um verdadeiro debate entre os participantes.

Segundo Ibáñez (1989), a forma de propor um tema de conversa no início de uma reunião pode variar desde o extremo da entrada directa face ao tema até ao extremo da entrada indirecta, com vantagens e inconvenientes. Os autores aconselham a adequar a abordagem aos sujeitos do grupo e consoante o tema objecto da discussão.

Uma vez proposto o tema, o moderador deve provocar no grupo o desejo de o discutir sendo este considerado o momento mais crítico, sobretudo se produz uma situação de silêncio ou se a primeira intervenção for dirigida ao moderador para este clarificar ou concretizar o tema. Canales & Peinado (1994) defendem que o moderador deve insistir em que o grupo tome a palavra, evitando emitir juízos ou dar pistas sobre o que é ou não pertinente discutir. Deste modo cada membro do grupo irá centrar-se no tema, ao ritmo das intervenções dos outros participantes, começando a funcionar o grupo enquanto tal, com uma certa autonomia.

No entanto, e ainda que o moderador não intervenha na discussão, deverá actuar como catalisador, desfazendo os bloqueios que possam surgir e controlando, até certo ponto, o seu desenvolvimento (Ibáñez, 1989). Isto supõe tarefas de manutenção ou animação da discussão, sem que esta se afaste em excesso do tema previsto.

O grupo formado e “posto em marcha” com um propósito de trabalho concreto, corre o risco de se desmembrar, de perder a palavra e resultar inoperante no que se refere aos objectivos do estudo. Assim, o moderador é concebido como o motor do grupo, com um objectivo fundamental em torno do qual orienta toda a sua actuação (Canales & Peinado, 1994). Torna-se necessário controlar os líderes e animar os tímidos (Krueger, 1991). Deriva ainda deste objectivo fundamental toda uma série de tarefas de clarificação, reformulação, interpretação, mudança de tema, conclusão da discussão e a reunião.

3.5 Análise e apresentação da informação

A análise começa com o desenho dos grupos (projecto do estudo), segue-se a recolha dos dados e, durante e imediatamente após esta recolha deve fazer-se uma análise preliminar dos dados obtidos. Finalmente, já numa fase final, faz-se uma análise mais completa e aprofundada que culminará com a elaboração do relatório final. Estas fases analíticas formam, segundo Krueger (1991) a “sequência lógica da análise” na técnica dos grupos de discussão.

O tipo de análise e relatório deve decidir-se tendo em conta os objectivos e circunstâncias de cada investigação. Stewart & Shamdasani (1990), por exemplo, salientam que dado o carácter exploratório da maioria dos estudos com grupos de discussão, poderá ser apropriado uma simples descrição narrativa. Krueger (1991), por outro lado, define que a análise apropriada deverá ser ajustada à profundidade e intensidade dos fins a que se destina o estudo, tendo em conta os meios disponíveis.

Para Ibáñez (1989), o critério mais importante para a análise deverá consistir em organizar a informação dando-lhe sentido (corpo), o que pressupõe seleccionar os dados pertinentes e integrá-los em esquemas teóricos, conceptuais.

3.6 Algumas recomendações teórico-práticas sobre o tratamento dos grupos de discussão

Durante a fase de recolha de dados, recomenda-se (depois de finalizada cada reunião), a elaboração de uma análise preliminar, que consiste num resumo sobre as intervenções, interpretações, observações sobre a dinâmica da reunião e a modificação do guião a ter em conta em grupos posteriores. Segundo Krueger (1991), esta pré-análise faz-se tendo como objectivo a confrontação de notas tiradas pelo moderador e seu ajudante (quando existe), escutar a gravação e chegarem a acordo quanto ao resumo da discussão, o modo de análise e o relatório preliminar. Este procedimento pode variar segundo os estilos dos investigadores e as circunstâncias dos estudos.

Uma vez finalizada esta fase, o processo analítico surge de forma mais intensa e completa, a partir dos resumos preliminares e das transcrições de todos os grupos. Também aqui existe alguma diversidade nos procedimentos consoante os autores.

Como exemplo, Morgan (1988) salienta como estratégias úteis:

- a) iniciar com um exame detalhado de um ou dois grupos, desenvolvendo hipóteses e esquemas de codificação que possam ser aplicados aos restantes grupos;
- b) um membro da equipa de investigação examina uma parte das transcrições enquanto que outro examina outras, de forma a catalisar os processos de descoberta de vias interpretativas e analíticas.

De forma geral, este autor defende a combinação de duas aproximações à análise dos dados dos grupos de discussão: uma, estritamente qualitativa ou etnográfica, e outra, de codificação sistemática, sugerindo grelhas de análise de conteúdo clássicas (quantitativo).

Krueger (1991), por sua vez, distingue três níveis de tratamento. O primeiro relacionado com a classificação das transcrições por temas segundo grupos ou características dos participantes; o segundo, tendo por base as descrições-resumo que o investigador faz, intercalando algumas citações mais ilustrativas do argumento resumido; finalmente, e apoiado nos tratamentos prévios, vem a análise propriamente dita, com o objectivo de sintetizar e fazer emergir os dados realmente relevantes e pertinentes para o estudo.

Finalmente este autor dedica ainda um capítulo do seu manual ao tratamento e apresentação dos tipos de relatório, habitualmente utilizados nos grupos de discussão. Apresentamos aqui três exemplos de modelos:

- a) modelo de dados directos – que consiste em introduzir o tema ou ideia básica e na continuação apresentar todos os comentários dos participantes, classificados por temas ou sub-temas. Este tipo de relatório, embora seja de elaboração mais rápida, delega o trabalho de interpretação aos leitores, sendo somente recomendado como um relatório preliminar;

- b) modelo descritivo – consiste numa descrição resumida seguida de citações ilustrativas. Supõe um grau maior de elaboração, pois exige um trabalho de síntese e selecção dos comentários mais ilustrativos acerca do tema ou temas relevantes.
- c) modelo interpretativo – nesta modalidade, o investigador dá citações ilustrativas seguidas de interpretações correspondentes. Tendo subjacente o resumo descritivo da informação (já presente no modelo de relatório anterior), adiciona-se um esforço analítico e interpretativo mais preciso.

4. Procedimento

Para a elaboração deste estudo, foi contactada a Junta Central, órgão executivo do Corpo Nacional de Escutas, através de um ofício dirigido ao Chefe Nacional.

Após uma reunião, entretanto agendada, foi possível obter autorização do mesmo e aceder à base de dados da associação.

Neste estudo exploratório foram utilizados os seguintes instrumentos: um guião elaborado por nós, com base no Programa Europeu de Promoção da Saúde “*Promover a Saúde da Juventude Europeia*” e que continha os seguintes itens:

- Qual é a vossa opinião sobre a sexualidade dos adolescentes?
- De quem acham que os adolescentes recebem informação sobre sexualidade?
- Na vossa opinião a quem é que os adolescentes recorrem, sobretudo em busca de auxílio ou de conselhos quando têm problemas ou dúvidas sobre a esfera sexual?
- Quais são as vossas questões ou preocupações principais relativamente à sexualidade dos adolescentes?

- Na vossa opinião, de que forma se poderá ultrapassar algumas das vossas preocupações em relação aos adolescentes?
- Como é que os adolescentes serão, por exemplo, daqui a dez anos?

Os focus group foram realizados durante os meses de Fevereiro, Março e Abril do ano 2004, na Associação já mencionada. Estes foram organizados tendo em conta os pressupostos da amostra: ser Dirigente investido, terem idade superior a 20 anos e de forma a que estivessem ambos os géneros sexuais representados.

A duração de cada focus group variou entre os 95 e os 110 minutos. No início de cada focus group foi sempre efectuada a apresentação e os objectivos do estudo, salientando sempre o carácter voluntário do mesmo.

A escolha desta técnica prendeu-se sobretudo com um dos pressupostos defendidos por Morgan (1993), uma vez que este estudo é de carácter exploratório de investigação orientada para a mudança a investigação de políticas, neste caso da Associação.

As principais vantagens que encontrámos no decurso da investigação foram sobretudo a economia e a rapidez, dado que se pretendia entrevistar um número de sujeitos provenientes de diversos escalões e estruturas a nível nacional. Aproveitámos também os diversos encontros programados a nível nacional para poder entrevistar Dirigentes oriundos de diversas regiões, o que se conseguiu com a colaboração de todos os participantes que se disponibilizaram prontamente para o estudo. Embora tenhamos encontrado outras vantagens como a flexibilidade e a interacção grupal, aquela que nos pareceu mais efectiva foi o facto de estarem presentes vários entrevistados uma vez que as respostas e/ou as intervenções surgiam como reacção às respostas ou intervenções de outros membros presentes nos grupos de discussão, ou seja, houve aquilo a que Morgan (1988) e Krueger (1991) se referiram como “efeito de sinergia”.

No entanto, também encontrámos algumas desvantagens e dificuldades nomeadamente quanto à necessidade do entrevistador e investigador serem a mesma pessoa o que implicou o controlo de diversos factores, como por exemplo o não deixar que o grupo divergisse do assunto que está em discussão ou identificar os intervenientes quando se

transcrevem as entrevistas para suporte em papel. Por outro lado, há que ter a consciência que as respostas dos sujeitos do grupo não são independentes entre si o que pode restringir a generalidade dos resultados.

No que se refere à constituição dos grupos, procurámos desde o início convidar sujeitos que tivessem cargos e funções diferenciadas dentro da Associação, nomeadamente Chefes de Unidade (que trabalham directamente com os adolescentes), sujeitos pertencentes à Equipa Nacional, a uma Equipa Regional, a uma Equipa Local (Agrupamento) e Formadores que desempenhassem essa função junto dos Dirigentes que trabalham directamente com os jovens.

Todos os entrevistados se conheciam e, uma grande maioria trabalhava ou já tinha trabalhado em conjunto. A escolaridade foi outro dos factores que tivemos em conta, para que o discurso de alguns sujeitos não inibisse a participação dos outros participantes.

Os espaços escolhidos para o decurso dos focus group também foram alvo da nossa preocupação. Decidimos escolher espaços reconhecidos pelos participantes, nomeadamente as suas sedes de Agrupamento ou parques escutistas onde decorriam os encontros, de forma a que não causassem estranheza. Assim sendo, optámos por locais confortáveis, cuja disposição e acústica fosse o mais adequada possível.

Efectuámos cinco focus group onde a actuação da moderadora sofreu uma evolução. Se no primeiro grupo sentimos que os participantes levaram algum tempo a descontraírem e a participar na discussão, nas entrevistas seguintes, foi sendo cada vez mais fácil deixar a discussão decorrer, sendo somente necessário trazer os grupos de volta à temática central quando havia alguma dispersão.

5. Tratamento dos Dados

Atendendo ao facto de se ter utilizado a entrevista de focus group como técnica de recolha de dados, considerou-se adequado recorrer à análise de conteúdo para a análise das mesmas.

5.1 Análise de conteúdo

Como já foi mencionado anteriormente, para a análise das entrevistas de focus group (que foram gravadas e transcritas na íntegra), utilizou-se como técnica de investigação a análise de conteúdo. Esta técnica tem como objectivo fazer uma enumeração metódica, qualitativa do conteúdo das entrevistas (neste estudo específico).

Bardin (1977, p.42) define a análise de conteúdo como *“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”*.

Terminadas as entrevistas de focus group que constituem o *corpus* (conjunto de dados que serão submetidos a uma análise), começámos por fazer uma análise preliminar dos dados obtidos. Procedemos, em primeiro lugar, à análise das entrevistas segundo as respostas aos grandes tópicos que as constituíam e, posteriormente, segundo as respostas que foram dadas a cada um dos sub-tópicos. Este procedimento foi efectuado quer por entrevista, quer por sujeito, tendo sido efectuado numa aula de Seminário de Dissertação por um conjunto formado pelo Professor Orientador do Seminário, alunos do Seminário e, posteriormente, por mim e pelos Professores Orientador e Co-Orientador da presente dissertação.

Desta análise preliminar resultou numa lista inicial de categorias (vide Anexo II), posteriormente organizadas em temas principais, passando depois à definição das suas categorias e subcategoria (Ibáñez, 1989).

Após a análise preliminar, procurámos utilizar uma das estratégias indicadas por Morgan (1988), iniciar a análise com um exame detalhado dos primeiros dois grupos, desenvolvendo algumas hipóteses e esquemas de codificação que pudessem ser aplicadas à totalidade dos grupos (vide Anexo II).

Para a apresentação dos resultados, optámos por utilizar o segundo e terceiro níveis de tratamento definidos por Krueger (1991). Tendo por base as descrições resumo anteriormente efectuadas, intercalámos com algumas citações mais ilustrativas, procurado sintetizar e fazer emergir os dados por nós considerados relevantes e pertinentes para o presente estudo.

***PARTE QUATRO – Apresentação e
Análise dos Resultados***

Após a análise de conteúdo, pudemos chegar a alguns resultados, que apresentamos em seguida.

Os resultados são apresentados segundo os temas anteriormente definidos, a saber:

Tema 1 - A adolescência vista pelos Dirigentes

Neste primeiro grupo apresentamos as questões surgidas durante as entrevistas de focus group, consoante as categorias já por nós definidas.

1.1 Caracterização geral

A adolescência ainda é encarada como um período de algum mistério, com alguma falta de compreensão por parte dos adultos e sendo, não raras vezes, denominada de idade do armário. Por outro lado, existem entrevistados que defendem o contrário, afirmando que é um período de descobertas, do eu e dos outros e da maturação das relações. De facto, os entrevistados recorrem frequentemente às suas memórias e referências do período em que foram adolescentes, comparando com a actualidade. Como exemplo ilustrativo, podemos mencionar o seguinte testemunho: *“os adolescentes...contrariamente aquilo que é normal, acho que eles estão muito mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa”* (G1, p.6).

1.2 Características físicas e psicológicas

Como características diferenciadoras, os adolescentes tendem a ter uma visão mais ampla que os adultos e uma curiosidade maior pelo que os rodeia. Gostam de descobrir e explorar as coisas por si próprias. A grande maioria dos adolescentes percorre esta etapa sem grandes dificuldades e tem acesso a muita informação. Preocupam-se quando as coisas não acontecem como estão descritas nos livros ou como lhes dizem que supostamente deveria acontecer.

Um dos dirigentes participantes do estudo afirmava, a determinada altura: *“têm uma abordagem livre, saudável e vivem de um modo mais livre e descomplexado”* (G1,p.7).

São interessantes e têm pontos de vista fora do padrão a que os adultos estão habituados. Estão mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa. Formam grupos e em cada grupo têm uma hierarquia e caminhos definidos. Necessitam e gostam de regras, não só para lhes proporcionar referências mas também para as poderem questionar. As raparigas parecem ser mais evoluídas que os rapazes, o que é compreensível dado o desenvolvimento de cada um dos géneros sexuais: *“eu acho que os jovens de hoje são muito mais abertos,...têm mais informação”* (G3, p.52). Por outro lado surge *“penso que eles vivem muito o dia a dia do grupo de amigos, aquilo que lhes é bombardeado diariamente...”* (G2, p.24).

A imagem que os adultos têm é que os adolescentes, por serem católicos ou escuteiros, são por vezes postos à margem dos grupos onde estão inseridos na escola. Por outro lado, sentem muita falta de serem ouvidos. Quando sentem que há alguém que os pode ajudar, as raparigas aproximam-se e procuram essa ajuda, o mesmo não acontecendo tão facilmente com os rapazes. Segundo os Dirigentes, os jovens afirmam vulgarmente que não estão interessados em compromissos, falando em termos como “curtir”. Fica a questão não só dos laços que estes jovens conseguem estabelecer com os outros, mas também o tipo de relação afectiva que existe entre estes e os pais e os pais entre si. Os adolescentes são ainda conotados com problemas ligados à toxicodependência e à prostituição. Um exemplo que ilustra estas opiniões: *“...nem todos os adolescentes alinham por aí, não alinham mas aqueles que não alinham, e agora estamos a falar dos nossos miúdos, os que não alinham são um bocadinho rejeitados...”* (G2, p.23)

1.3 O papel do Género

Há diferenças de actuação e comportamento pelo facto de se ser rapaz ou rapariga. Ainda existe aquilo que os entrevistados consideraram como “um padrão machista” e as preocupações podem ser de cariz diferente. Por exemplo, os rapazes podem ir a qualquer lado sem qualquer problema enquanto que as raparigas estão sujeitas a pressões de diversos tipos, o que já não acontece com tanta facilidade com os rapazes. Ainda há quem pense assim, sendo até considerado natural, pois basta interpretar os factos (leia-se *media*) e parece que as raparigas são mais “atacadas”, mais frágeis. A este propósito temos o seguinte testemunho: *“...os rapazes vão para qualquer lado sem*

qualquer problema e as raparigas estão sujeitas a agressões que... os rapazes se calhar não estão”(G1,p.12).

Há ainda a opinião maioritária que o desenvolvimento das raparigas se dá mais cedo, sobretudo na secção dos exploradores: *“eles querem brincar e pular e elas falam muito em namorar”* (G3, p.55). *“Elas pensam que sabem mais do que aquilo que sabem e na idade dos pioneiros, elas são mais desenvolvidas do que eles em termos racionais”*(G3, p.57). Os rapazes esquecem muito mais facilmente, no caso das raparigas é mais difícil a questão de serem gozadas.

Quando se trata de falar com sobre a sexualidade, alguns entrevistados são de opinião que as raparigas têm mais facilidade de falar com alguém do que os rapazes. Estes parecem ter mais ansiedade em relação ao sexo do que as raparigas, que segundo os entrevistados, não se preocupam tanto com isso. Os rapazes preocupam-se mais e principalmente nos 15, 16 anos e até mais tarde: *“colocam muito mais perguntas e perguntas que denotavam mais ansiedade e mais preocupação que as suas congéneres femininas. Estas fazem menos perguntas, sendo geralmente de pura curiosidade. Uma rapariga mais velha que diga ao grupo de amigas que nunca teve uma relação sexual, “ninguém vai gozar com ela”. Um rapaz de 18, 19 anos que diga no mesmo grupo que nunca teve uma experiência sexual, começam todos a gozar. Elas têm curiosidade mais cedo. São mais curiosas em saber mesmo as coisas como deve ser, como é que acontecem, como é que não acontecem. Os rapazes preocupam-se mais com o acto em si e têm mais curiosidade em relação a uma sensação ou ao sexo, na sexualidade”* (G4, p.86).

Tema 2 – Os intervenientes na socialização dos adolescentes

2.1 Os Adultos e os Adolescentes

Nesta categoria, as opiniões dos entrevistados continuam a ser diversas. Um grande número afirma que os adultos tendem a complexificar as situações e teorizam mais, que têm pouca capacidade para discutir este tipo de assuntos.

A sexualidade constitui um desafio para os educadores. É um papel exigente. Têm receio das perguntas dos adolescentes. Os adultos que gostam dos adolescentes devem falar com eles, partilhar e não passar ao lado das coisas. As preocupações não passam, nem mesmo quando eles entram na vida adulta. Como educadores que são, deveriam ter a preocupação de ouvir muito mais e deixarem-se interpelar pelos adolescentes. Poderiam, assim, descobrir que também têm, por vezes, medos superiores aos dos adolescentes: “...*para mim é um assunto que muito sinceramente não me sinto assim tão a vontade*” (G3, p.54). Há adultos esclarecidos e outros que não o são. Os adultos têm desconhecimento em relação não só à sexualidade como a outros aspectos sobre a adolescência. A tarefa do adulto é questionar e ser interpelado pelos outros.

Outros afirmam que os comportamentos por parte dos adultos são muito importantes porque podem ser repressores de qualquer tentativa de contacto. Uma troca de carinho que os reprima e/ou que afaste os jovens, pode levá-los ainda mais à desinformação e a refugiarem-se, a fecharem-se mais, podendo começar ou iniciar experiências de sexualidade que lhes possa causar dano, quer moral, quer físico. No testemunho de um dos entrevistados: “*nós de facto somos demasiado aprendizes de feiticeiro... isto vem sobretudo da nossa tendência de nós nos desenrascarmos e às vezes, é preferível primeiro aprender e se não soubermos, recorrermos a quem sabe, d que estar a ter atitudes más e erradas...*” (G2, p.33).

Os adultos são, por definição, marcados pela experiência e quanto mais velhos, mais difícil se torna abordar aquelas questões. Têm alguma experiência acumulada, embora defendam que os adolescentes, tal como eles, também têm experiências acumuladas que eles não tinham. Quando alguém é uma referência torna-se mais fácil a abordagem, seja por ser do mesmo género sexual, ou por criar empatia.

Esta visão do ideal de adulto confunde-se, naturalmente, com o ideal de Dirigente preconizado por um grande número de entrevistados. Se por um lado referenciam o que “deveria ser”, por outro lado falam em experiências negativas, quase sempre com terceiros: “... *um adulto, que goste dos adolescentes e se interesse por eles, pelo que eles pensam, não falar é desperdiçar oportunidades...*” (G1, p.11).

2.2 As Famílias dos Adolescentes

Segundo os entrevistados, existem muitos pais que apesar de estabelecerem uma boa relação com os seus filhos, nunca tiveram uma conversa “cara a cara” com eles. Há famílias que falam com os seus filhos sobre estas questões e outras não até porque muitas famílias têm a ideia que a sexualidade é sexo e que sexo é algo que não se fala. Defendem que os pais são muito importantes e deles depende a educação mas têm consciência que nem todos os pais estão preparados, dispostos a conversarem sobre esta temática, sem que isso signifique que a relação não seja muito boa.

A família deveria ser a primeira educadora. Sentem que, cada vez mais, a família tem menos tempo de proibir determinados programas ou visualizar todos para poder seleccionar os programas. Há pais que desistiram de fazer isso com os filhos uma vez que não estão e/ou não têm tempo porque estão muito cansados.

A representação que existe actualmente da família é de uma estrutura onde: *“...se chega tardissimo a casa, com muitos problemas para resolver, saturados do trabalho, a ganhar mal e a “refilar” com tudo e com todos. Não existem grandes laços, os miúdos entram a correr, da escola, dão um beijo quase no ar em vez de dar na cara da mãe e sentam-se. Os pais compram o carinho dos filhos, não t^m tempo para outras solicitações...”* (G2, p.42).

Por outro lado, uma família estruturada, com uma forte matriz acaba por ter resistências, anticorpos internos que possibilitam outro tipo de abordagem às situações e nota-se logo que os miúdos são mais equilibrados. Uma família desestruturada, a ausência do pai e/ou mãe, o esquecimento, a indiferença, esses miúdos facilmente se aliam a qualquer coisa que acaba por ser o grupo de referência mais próximo dele. Os problemas começam normalmente em casa porque não há comunicação.

Os pais também precisam de educação sexual para poderem depois transmitir aos filhos. Neste momento a grande maioria deles não têm ou não querem ter conhecimento dessa informação, já que estão à espera que na escola abordem e expliquem essa temática. Alguns dirigentes consideraram grave os pais não conseguirem explicar por exemplo à

filha o que é a menstruação, preveni-la, para que a rapariga saiba como agir quando isso acontecer, nomeadamente nos acampamentos. As coisas que podem e irão acontecer, de uma forma muito natural, deverão ser explicadas, não com os pais a assumirem uma posição de “irmãos mais velhos” mas como pais e não terem medo de serem considerados “bota-de-elástico”. Esta temática até poderia ser uma coisa simples de se falar em família, as suas relações e o porquê.

Para uma melhor exemplificação, transcrevemos depoimentos que considerámos interessantes:

“... eu não tive grande abertura em relação à minha filha em termos de educação sexual, porque era assim mesmo, não se falava e nós quer queiramos, quer não, por muito abertos que sejamos, somos influenciados e os valores que a educação tem. Eu acompanho muito mais a minha neta que tem sete anos que os pais nesse campo específico, é aquilo que tenho conseguido evoluir” (G3, p.63).

“... por vezes não há diálogo sincero entre os casais, sou muito amigo da minha mulher e tal, mas quando chega aquela altura há certas coisas que ela não precisa de saber... não há sinceridade e depois chega a certas alturas que, com um bocadinho de conversa passavam e agora não há coragem porque aquilo vai passando anos e depois já não se vai tendo aquele à vontade para falar nas coisas e pronto, vai-se perdendo. Muitas vezes digo coisas ao meu puto e ele não liga nada, mas depois, em determinada situação, sei lá, de pânico ou assim fora do normal em que ele precisa de uma referência e ele lembra-se daquilo que o pai lhe tinha dito para aquela altura” (G5, p.152).

2.3 Os amigos dos adolescentes

Os Dirigentes entrevistados defendem que há vários tipos de adolescentes consoante as características dos grupos onde estão inseridos. Uns lidam em grupos mistos e têm uma vivência diferente em vários aspectos. Outros fantasiam mais, são mais inibidos e/ou não partilham tanto. Consideram ser diferente falar de grupos mistos, onde há uma vivência mista, de coeducação. São de opinião que ainda hoje se sente essa diferença, da

vivência em grupos mistos e em grupos mais restritos, sobretudo nas escolas ou colégios onde existiam somente raparigas ou rapazes (onde a coeducação não existe ou existia). Nestas escolas, *“a liberdade era muito restringida e esta temática não era discutida. Em grupos mistos o à-vontade era muito diferente e os variados temas não eram discutidos com tabus e preconceitos”* (G1, p.8). O grupo continua a ser uma fonte de informação e de inter-ajuda importante uma vez que permite a discussão de coisas que de outra forma não seria possível.

No que se refere à existência e ao papel dos grupos, os dirigentes participantes no estudo defendem que, invariavelmente surge um líder natural entre eles, que dita uma vontade geral. Eles podem aprender com o grupo de pares. Se, por um lado, alguns dirigentes defendem que os adolescentes, quando em grupo, procuram sexo, imagens de sexo e pornografia, outros há que defendem que é no grupo de pares que aprendem e dão os primeiros passos nas questões da sexualidade. Eles encaram com naturalidade algumas situações e começam a saber algumas coisas, como por exemplo, a maioria já sabe o que é um penso higiénico ou para que serve. Se o líder do grupo for um rapaz, ele não transmite esse tipo de informação às raparigas. As informações no campo da sexualidade entre os jovens transmitem-se entre o grupo das raparigas e o grupo dos rapazes, o que leva a que a informação não seja, geralmente, a mais correcta.

Quanto aos relacionamentos dentro do grupo, os entrevistados são de opinião que eles começam muitos relacionamentos com as mensagens, e só quando atingem determinado nível de confiança nas mensagens é que se conhecem pessoalmente ou é que têm a coragem de falar com a parceira ou com o parceiro cara a cara. Por outro lado, há os que defendem que esta situação já acontecia antes *“já acontecia dantes na escola mas era com os papelinhos... trocar papelinhos com as amigas”* (G5, p.139). São de opinião ainda que os adolescentes não convivem, que não têm amigos ou amigas, *“não sabem jogar à bola na rua ou o que é esfolar os joelhos, só sabem jogar ao computador”* (G5, p.144). Passam muito tempo no computador e comunicam uns com os outros pela Internet, chegando mesmo a *“fazer noitadas porque estão toda a noite na Internet a falar uns com os outros”* (G5, p.144). Os jovens recorrem um pouco à imagem que têm da família, dos pais e dos avós, só em casos extremos de necessidade, em que eles sentem que há alguma urgência em agarrar-se a algo sólido. Porque de resto são os valores do grupo.

Alguns dirigentes referiram ainda que, quando os seus elementos começam a namorar, deixam de falar com os amigos “de longa data”, mesmo quando só conhecem o(a) namorado(a) há poucos meses e que “*isso é imposto por eles*”.

2.4 Os *mass media* e os adolescentes

Esta temática foi abordada em quatro dos cinco focus group. A moda afecta aquilo que os adolescentes pensam sobre os assuntos e os seus comportamentos. Se é moda ser-se completamente liberto, desprendido, ter várias experiências, então os adolescentes, na sua grande maioria irá ter este tipo de comportamentos. Estes comportamentos são passados pelas vedetas e popstars que anunciam as suas vivências e fazem disso valor.

Por outro lado, e segundo os nossos entrevistados, os adolescentes seguem os padrões que vêem na televisão ou de grupos exteriores ao local onde vivem, sobretudo se forem de origem urbana. Os filmes para adolescentes têm uma temática que é sempre sexo e em que eles acabam por ter relações sexuais pela primeira vez cada vez mais novos. O sentimento comum é que é isso que vende na televisão, este tipo de imagens e tanto se vende que as pessoas acabam por comprar. Mesmo que se queira fazer alguma triagem é muito difícil. Não se trata de filmes e de telenovelas referirem a realidade que vivemos mas pelo contrário, criarem uma realidade que se possa viver ou que eles querem que se viva. Um exemplo referenciado em por três grupos foi a telenovela juvenil “*Morangos com Açúcar*”, cujos actores principais são adolescentes. Os entrevistados, na sua maioria, consideraram que esta seria uma sexualidade vivida fora da afectividade, e que actualmente, tudo o que tem a ver com os afectos, é banalizado e alvo de um desprendimento “*porque isso não aparece nos filmes, nem nas revistas... qualquer revista de adolescente tem como tema principal as diversas “formas de engate”*” (G2, p.43).

Algumas situações que são colocadas pelos entrevistados face a este tema incidem, sobretudo nalgumas problemáticas que não são referidas nos filmes: “*... não aparece o problema do preservativo roto, ...da ovulação da rapariga, o problema da pílula do dia seguinte... nos filmes não acontece nada disso*” (G4, p.85).

Colocaram ainda algumas questões: *“Já pensaram no tipo de informação que a própria televisão passa? A informação que passa é violência, violação, rapto, pedofilia, é todos os dias e isso é que chama mais a atenção”*(G5, p.145).

2.5 O antes e o agora: as mudanças na socialização dos adolescentes

Os entrevistados recorreram aos seus modelos de infância com alguma frequência, sobretudo os Dirigentes de uma faixa etária mais avançada (acima dos 45 anos). Assim, defenderam que os modelos antigos eram conservadores, arcaicos mas eram algo que as pessoas sentiam como podendo ser contestados. Ninguém colocava qualquer questão sobre esta temática.

Como alguns exemplos, referem que havia respeito para com os adultos, para com os mais velhos, não havendo manifestações amorosas em público. Esse respeito verificava-se também na forma de tratamento, onde tratar por tu era impensável, confundindo-se o respeito com o medo. Referem ainda que houve uma época em que era considerado normal o pai levar os filhos do sexo masculino às prostitutas.

Há cerca de quarenta e cinco anos, as escolas primárias eram separadas por um muro e era impensável existirem turmas mistas. O local onde as raparigas faziam ginástica era o mais escondido possível. O equipamento desportivo utilizado era composto por uma camisola de manga comprida, umas meias altas, uns calções até ao joelho e uma saia por cima. Se algum dos rapazes espreitava através da fechadura da porta do balneário ou de alguma aula, na esperança de vislumbrar alguma coisa, *“no mínimo era expulso”*.

A coeducação, ou uma espécie de coeducação só existia nalgumas escolas cujo número de alunos não permitia a existência de turmas separadas. Segundo alguns testemunhos, as cadeiras do lado direito eram ocupadas pelas raparigas enquanto que as do lado esquerdo eram ocupadas pelos rapazes. Os pátios eram separados, as aulas de educação física eram separadas e enquanto os rapazes tinham trabalhos oficinais, as raparigas tinham labores femininos. No que se refere aos tempos livres, os rapazes podiam jogar à bola sempre que o desejassem e *“passavam tardes inteiras fora”*, coisa que não acontecia com as raparigas.

Actualmente, a situação modificou-se. Na opinião dos entrevistados, há uns anos eles faziam chantagem, *“ah se gostasses de mim ias para a cama comigo”* (G2, p.28), hoje em dia *“são elas que para mostrar que são emancipadas e que são mulheres modernas, depois, se for preciso no dia seguinte vão dizer aos amigos dele que ele não é nada de jeito na cama”* (G2, p.28), conversando mesmo sobre isto no café.

Por outro lado, é comum existirem manifestações amorosas em público, como os beijos ou *“andar agarradinhos”*. Há dirigentes que consideram que isto é um sinal de um à vontade maior que consideram saudável. Isto leva os adolescentes a sentirem-se mais à vontade para colocar questões.

Nas actividades, sentem que a introdução dos telemóveis na sociedade actual leva a novos comportamentos: *“às três da manhã andamos a tirar telemóveis porque o divertimento deles é mandar mensagens para os miúdos que estão nas outras tendas”*.

Ainda em relação à actualidade, é muito referida a questão familiar, ou seja, a forma como as famílias se estruturam, ou não, hoje em dia. Para alguns entrevistados, há uma desistência, uma falência da família nuclear e passamos para uma situação mono parental, onde a mãe continua, na maior parte dos casos, a garantir a gestão da educação dos filhos. Os pais têm medo que eles saiam de casa e que lhes aconteça alguma coisa, sobretudo se forem *“meninas, podem ser raptadas e violadas”*.

Consideram que há hoje uma ausência pura da matriz. Os dirigentes podem ser actualmente essa presença e se calhar a resposta a uma pergunta, que por vezes é desajeitada, é fundamental. Sentem que os seus adolescentes não sabem o que é certo ou errado e que a sociedade em geral e a família em particular está a ter algumas dificuldades nesta questão.

A estrutura do tempo também se modificou. O dia é para trabalhar até tarde e a noite é para divertir. Os Dirigentes consideram que os jovens mudaram completamente a estrutura do nosso tempo.

Os estilos de vida estão relacionados com as realidades locais. No litoral do país, as pessoas acham que lá existe uma correria, falta de tempo para a família, para os filhos e que o tempo parece que criou uma situação de vácuo. Por outro lado, no interior do país, os entrevistados referem que parecem existir muitos agrupamentos com igrejas “*extremamente arcaicas*”, com Dirigentes de ramos profissionais e de cultura geral se calhar muito mais retraídos do que eventualmente na faixa litoral.

Finalmente, e dentro desta temática, foi referido um episódio específico: tendo cá estado um grupo de escuteiros suecos no âmbito de uma actividade internacional, os entrevistados constataram que apesar de estes não se cumprimentarem com beijos, eram muito mais céleres em “ir para a cama”, o que levantou algumas questões interessantes dentro do grupo.

Tema 3 – A Sexualidade na adolescência segundo os Dirigentes

3.1 Visão global da sexualidade

Nesta categoria optámos por colocar todas as opiniões e ideias que surgiram durante as entrevistas que estivessem relacionadas com uma visão global da sexualidade dos adolescentes. De facto, estas opiniões foram bastante variadas e suscitaram questões que foram amplamente debatidas e desenvolvidas, sobretudo quanto ao factor idade, origem e características das diversas vivências, de uma forma global.

Os adolescentes estão a crescer e estão pouco a pouco a descobrir a sua própria sexualidade. As dúvidas que vão surgindo são cada vez em maior número e apesar de terem acesso a muita informação, esta surge-lhes sem ser filtrada e numa quantidade tal que se lhes torna difícil separar e credibilizar as fontes. Quanto à descoberta do outro, do seu corpo, das pessoas do sexo oposto, a mesma acontece, segundo os entrevistados, numa primeira fase da adolescência e o aprofundar das relações já numa fase posterior. Os entrevistados ligam a primeira fase da descoberta à idade dos exploradores (11-14 anos) e a segunda já na fase dos pioneiros (14-17 anos): “*os pioneiros já começam a ter de tal maneira uma carga de informação que aí é mais a idade da dívida do que da descoberta... essa é mais cedo...*” (G1, p.5).

No entanto, há também quem não concorde com esta ideia e que seja de opinião que os adolescentes não só sentem necessidade de falar sobre a sexualidade como este tema surge mais precocemente, havendo quem defenda que surge logo na primeira infância, como podemos ver pelo seguinte testemunho: “... *mas também há uma curiosidade natural em explorar o seu próprio corpo por parte da criança...*” (G4, p.100).

São ainda de opinião que o início de uma relação sexual activa dá-se mais cedo nas raparigas e não nos rapazes, ideia que parece contrariar algumas das estatísticas mais recentes. Segundo os participantes, este facto dever-se-á ao facto de as raparigas gostarem, geralmente de rapazes mais velhos, o que pode levar a uma primeira relação sexual mais precocemente.

As experiências por eles vividas estão também, relacionadas com a sua origem. Os entrevistados consideram que os adolescentes de origem rural têm acesso ao contacto com os animais o que lhes permite ter outra abordagem em torno da sexualidade e das relações.

Para alguns dos Dirigentes entrevistados, a sexualidade dos adolescentes está relacionada com a forma como eles encaram a relação com as pessoas do outro sexo e a relação do ponto de vista social, afectivo, formas de estar e de ser, entendendo a sexualidade de uma forma mais abrangente. Actualmente, defendem, está muito relacionada com a parte biológica (mecânica) e em diversos contextos. Consideram que a sexualidade tem outras facetas, algumas das quais difícil de explicar até pelos dirigentes pois nem eles nem os adolescentes conseguem compreender todas as dimensões pelo que se torna uma temática difícil de explicar ou falar. Se a sexualidade for valorizada, há que fazer passar a mensagem que há coisas bonitas para viver e que devem e podem ser bem vividas.

Para outro grupo de entrevistados, a sexualidade é vivida com muita falta de maturidade e de responsabilidade. No início da descoberta da sua sexualidade eles poderão ter um pouco um conflito interpessoal entre o receio do seu desenvolvimento sexual e aquilo que neste momento a sociedade impõe da naturalidade do sexo. Os adolescentes vivem com o dilema de viver a sua sexualidade e a possibilidade de contraírem as DST's. A

sexualidade continua a ser um assunto tabu, que não se fala onde deve ser falado. Relativamente a esta temática, há quem afirme *“às vezes não quer dizer que não se saiba, mas não se tem à-vontade, para não estar a cometer juízos de valor, os nossos próprios medos, os nossos próprios traumas e fobias”* (G2, p.36)

Actualmente, e segundo os entrevistados é uma questão de vergonha admitir-se que se é virgem. Por outro lado, são bombardeados diariamente sobre comportamentos responsáveis, ou pelo menos comportamentos que não sejam promíscuos mas quando *“chega a hora”*, as hormonas falam mais alto. Remetem-se para aquilo que lhes dá mais prazer momentâneo. Fica então a questão: quem é que lhes dá, quem é que lhes pode fornecer alguns valores? E que tipo de valores? A escolha por parte dos jovens, recai vulgarmente nalguns programas de televisão, como por exemplo algumas novelas mediáticas, ou ouvir uma conversa dos amigos que fornecem um conjunto de modelos estereotipados: *“as pessoas estão muito influenciadas por aquilo que lhe é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes e eles estão constantemente a ser bombardeados com essas ideias”* (G2, p.21).

Se por um lado há quem defenda que os jovens estão hoje muito mais abertos, têm mais informação, o que não quer dizer que saibam as coisas, estando já numa fase em que os jovens na idade dos pioneiros se sentem absolutamente à vontade para falar sobretudo uns com os outros sobre o assunto e, por vezes, também com alguém mais velho, por outro lado há quem seja de opinião que os adolescentes não falam abertamente sobre esta temática, uns porque não estão despertos para a sexualidade, outros porque *“até vão conseguindo encaixar a sexualidade na vida deles, se calhar necessitam, é de mais informação... quando passa para a fase da carícia é muito difícil eles contarem”* (G3, p.58).

3.2 Situações concretas relacionadas com a sexualidade dos jovens

Nesta subcategoria optámos por apresentar algumas situações concretas referidas pelos entrevistados ao longo do focus group.

Preservativo: segundo alguns entrevistados, há adolescentes que não sabem como é que se aplica, mesmo sendo de zonas de turismo, *“em que a ocasião faz o ladrão por mais católicos que sejamos”* (G2, p.27).

“Uma pioneira, que tem uma mãe médica e que não queria que esta soubesse, teve que ir a uma aula de sexualidade ou coisa do género, na escola, com o director de turma e o que este fez foi distribuir preservativos e a seguir disse-lhes para irem para casa, sem mais nada (...) A Inglaterra por ter uma taxa muito alta de gravidez na adolescência fez uma enorme campanha (...) Os miúdos vêem coisas na televisão e nós não os podemos impedir de ver mas depois fica a ideia que aqueles comportamentos são banais e torna-se difícil provar o contrário” (G3, p.74, 75 e 77)

- Menstruação: nesta situação, uma das mais referidas durante os grupos de discussão, surgiram alguns testemunhos que transcrevemos em discurso directo:

“Uma miúda entrou num ataque de histerismo porque estava a vir-lhe a menstruação pela primeira vez” (G2, p.32).

“Uma dirigente da IV Secção dizia publicamente às suas raparigas que quando tinha a menstruação deixava de tomar duche e fazer a sua higiene” (G2, p.33).

“Um dirigente, num acampamento em que veio o período pela primeira vez a uma miúda, ele tirou-a cá para fora da tenda, ela começou a chorar porque estava suja de sangue e ele pegou no telemóvel e perguntou à sua companheira, o não sei quantas (à frente da miúda) a gaja aparece aqui com sangue isto é o quê?” (G2, p.33)

• *“Outro exemplo foi uma miúda que aparece com a menstruação num raid e a ordem era para que toda a gente fosse tomar banho a seguir uma vez que havia condições para isso. Ora acontece que a cultura da miúda e os hábitos em casa eram exactamente contrários e aquilo deu polémica pois a miúda chorava, os outros gozavam com ela porque como eram mais novos não sabiam o que se estava a passar e como os valores que ela trazia de casa eram esses, não havia forma de lhe explicar que não havia nada de errado”* (G2, p.34).

Relativamente a esta situação do surgimento da menarca, os Dirigentes são de opinião que as raparigas mais velhas ajudam a mais nova, e somente nalgumas situações é que elas vêm ter com o Dirigente. Por outro lado, há Dirigentes que ficam “à rasca” quando elas vão falar com eles pois não sabem como hão-de lidar com a situação, quando até existem Dirigentes femininas no acampamento ou na actividade que, entretanto está a decorrer.

- Masturbação: parece ser uma das situações mais problemáticas para os rapazes, segundo uma parte dos Dirigentes dos grupos de discussão, pois não se sentem capazes de lidar com ela.
- Pernoitar na mesma tenda raparigas e rapazes: esta foi também uma das situações mais referenciadas. As opiniões são bastante divergentes, alguns dirigentes, um número mais reduzido, é de opinião que não vê qualquer inconveniente por isso acontecer. Outros há que “*nem pensar*”. Este último grupo, divide-se ainda nos que defendem a separação dos sexos por ser uma regra inquestionável, outros por acharem que isso também não acontece na casa de cada um e que é necessário respeitar a intimidade de cada elemento.

3.3 Mitos

Alguns dos participantes mostraram alguma perplexidade face a alguns mitos que os seus adolescentes têm, apesar de toda a informação disponível. Como exemplos, foram referenciadas a ideia do beijo engravidar (ao nível dos pré-adolescentes), de que não se engravida na primeira vez que se tem relações ou, numa outra área, não se poder fazer educação física quando se está menstruada.

Estes mitos não são originais ou actuais e é motivo de alguma preocupação que os seus elementos acreditem mais nos mitos que lhes vão sendo transmitidos do que em informação factual e correcta.

Houve ainda um grupo que referenciou uma situação específica sobre a ideia que os seus elementos têm acerca desta temática, presenciada através de uma conversa entre o

grupo de adolescentes: “...agora pode fazer-se sexo à vontade porque agora se compra na farmácia um aspegic e fica tudo bem...” (G3, p.53).

3.4 Informação

Esta categoria esteve presente em todos os grupos de discussão. Por um lado, os diversos participantes falaram na recolha e acesso à informação. Esta existe em grande quantidade e é de acesso fácil, embora alguns defendam que existem adolescentes ainda com muitas dúvidas e “*ansiedades*” devido às ideias pré-feitas ou aos mitos instituídos. Estes são, nas suas opiniões, alguns dos obstáculos para a recolha de informação considerada vital para a saúde: “*o excesso de informação gera desinformação*” (G3, p.53). Referiram ainda que a informação actualmente existente está muito relacionada com a SIDA.

Por outro lado, houve quem falasse na idade em que essa procura se inicia. Alguns são de opinião que a “*procura de informação começa muito antes da adolescência pois nessa altura as “coisas” principais estão já absorvidas embora não seja de igual forma para todos*” (G1, p.8). Essa necessidade existe e vai aumentando ou diferenciando consoante o crescimento e amadurecimento dos elementos. Outros defendem que é logo na primeira infância que surge com as primeiras perguntas sobre o corpo humano e “*de onde vêm os bebés*”.

Quanto ao futuro, os entrevistados são de opinião que os adolescentes terão mais acesso à informação “*o que não quer dizer que estejam mais informados*”. No entanto, outros afirmam que este acesso, através das novas tecnologias, lhes irá permitir colocar questões que pessoalmente não fazem. Ainda relativamente a este assunto, houve alguns Dirigentes que afirmaram que é vulgar que os seus elementos lhes coloquem questões através do Messenger. Açam que assim podem obter respostas mais facilmente e que podem ter “*conversas mais sinceras*”. Outros afirmam que esta técnica não é original uma vez que as cartas também tinham essa função, apesar de não serem tão rápidas ou imediatas. Preocupa-os o facto de os seus elementos procurarem este “*refúgio*” quando consideram que “*o viver é lado a lado*”.

Outra questão que surgiu relativamente a esta categoria está relacionada com o facto de os adolescentes não saberem ou não terem a capacidade para filtrar a informação que recolhem. Houve, inclusive um Dirigente que afirmou *“eles pensam que sabem muito e que têm um manancial de informação e quando a gente começa a utilizar a etimologia normal, eles próprios começam a corar, ficam muito aflitos porque os dirigentes falam da mesma coisa que eles às vezes falam com termos pejorativos”* (G3, p.54). A fonte de informação carece, segundo alguns entrevistados, de formação para poder dar ferramentas úteis aos adolescentes, nomeadamente no que se refere aos métodos anticoncepcionais, vantagens e desvantagens e a sua relação com os valores da família, da sociedade e do ser humano.

3.5 Consequências

As consequências apontadas são sobretudo as gravidezes precoces, não só nas raparigas mas também nas implicações que estas gravidezes precoces têm no rapaz. Outra preocupação que surge frequentemente são as doenças sexualmente transmissíveis onde a SIDA ocupa um lugar de destaque. Há uma grande preocupação de tudo quanto se relaciona com a SIDA: *“... nas raparigas são é as gravidezes precoces... e nos rapazes também, serem pais precocemente... há um problema de doenças mortais, como a SIDA e outras...”* (G1, p.12).

Tema 4 – A Educação sexual nos adolescentes vista pelos Dirigentes

4.1 O ambiente moral em mudança

Nesta categoria analisamos o ambiente moral em mudança, nomeadamente o conceito de valor e as opiniões que daí decorrem. Pudemos verificar que este foi um tema que os entrevistados sentiram de forma especial, devido às mudanças sociais que têm ocorrido nas últimas décadas.

No que se refere ao conceito propriamente dito, a maioria dos sujeitos considera que os valores têm decrescido, defendendo uns que estes provêm da família, enquanto que

outros defendem que são os pares o grupo de referência. Os mais cépticos são de opinião que os adolescentes estão a perder valores e que é junto dos amigos e/ou grupo que estes mais se diluem: *no fundo ninguém está interessado em passar valores...*”(G2, p.30). Por outro lado, existem entrevistados que consideram que tal não é verdade, que não existe um decréscimo de valores. Simplesmente estes estão em mutação numa sociedade que vai colocando também desafios diferentes aos adolescentes actuais.

Segundo os nossos entrevistados, a sexualidade joga muito com os valores dos indivíduos. É necessário educar para os valores e segundo valores de uma determinada cultura. A existência de um contexto moral pressupõe falar em valores. Quando os adolescentes falam nas suas experiências denominando-as de “curtições”, isso implica o contacto com vários parceiros e poderá ser considerado como algo despojado de valores. De facto, alguns entrevistados salientam o facto de *”o importante é ter sexo hoje e o amor fica de lado”*.

Por outro lado, há quem considere que também neste tipo de relação existe ou está subjacente algum carinho, ainda que a relação não tenha como objectivo uma duração temporal prolongada: *“quando os gajos contam do curtir com um ou curtir com outra... é meio livre... podemos dizer que é despojado de valores mas não deixa de haver algum carinho na relação, pode não ser o amor da vida deles mas existe algum carinho”* (G1, p.7). Consideram, assim, que é necessário fazer perceber quais os valores que devem estar na base do lidar com o outro. Conceitos como liberdade, respeito, casamento e bom comportamento são considerados como ultrapassados embora *“esta busca do que, se é respeito ou não, vem sempre acompanhado dessa confusão mental, ou neste caso, temperamento que é próprio da adolescência”* (G1, p.14). O conceito “curtir” era diferente há uns anos atrás. A influência de algumas figuras de referência para os adolescentes, nomeadamente os Dirigentes, têm valores que elas personificam, que defendem, que acabam por transmitir e isso também molda o comportamento. Um dos entrevistados afirmava mesmo que *“...a conversa com os adolescentes tem que ser suficientemente franca para que eles percebam que os adultos têm os seus valores e que o facto de os adolescentes terem os deles ou estarem na sua construção, não implica que o adulto deixe de afirmar o que defende, ou que esconda ou ainda que os imponha. Esta situação pode levar a um confronto de valores que até pode ser muito positivo pois tendo pontos de entendimento é possível conversar”* (G1, p.17). Outro dos entrevistados

dava o seguinte exemplo: *“os valores podem ser introduzidos através de histórias ou vivências como as bodas de prata nas paróquias para que os miúdos possam ver que é possível viver com alguém durante aquele tempo e valorizar os aspectos relacionados com isso”* (G2, p.41).

Outra questão que se colocou foram as ideias relacionadas com as vivências dos valores. Alguns entrevistados acreditam que actualmente se vivem valores que *“não são os nossos, nomeadamente os americanos e os brasileiros que nos são impingidos todos os dias”* (G2, p.21), e para os quais se sentem impotentes para lutar. São de opinião que os adolescentes estão a ser alvo desta imposição e quase todos *“vão por aí, salvo pequenas excepções”*. As pessoas estão muito, muito influenciadas por aquilo que lhes é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes. Sentem muitas dificuldades em desmistificar e/ou trabalhar os valores veiculados pelos media, pela falta de formação adequada para a temática. Num dos grupos de discussão colocaram, inclusive a questão de estarem pouco tempo com os seus adolescentes o que, para a educação para os valores seria manifestamente pouco, já que, segundo os entrevistados, é pela maneira de estar e de ser que os mesmos se transmitem.

Por outro lado sentem-se impotentes perante os outdoors e a publicidade visual espalhada pelo país pois consideram que *“muita coisa dos modelos estereotipados não significam nada porque no fundo ninguém está interessado em passar valores, toda a gente está interessada em apostar na sociedade de consumo, puro e simples, crua e dura”* (G2, p.30).

Houve ainda um grupo de entrevistados que defenderam a ideia que os adolescentes ainda se *“agarram a crenças e conceitos antigos”*, sobretudo quando alguma coisa não corre como previsto. Como exemplo deram a ideia de machismo, de como ainda está muito enraizado na juventude, sendo defendido ainda que não de forma explícita, pelas raparigas: *“uma rapariga que tenha namorado várias vezes e coiso, aceita-se, mas quando chega a hora do casamento e isso... já não é bem assim...”* (G5, p.150). Outros dois exemplos nesta área foram o facto de ainda não ser muito bem aceite a mãe estar com o filho numa actividade o pai ir com a filha a uma festa de anos e a questão de uma rapariga ter já namorado com vários rapazes. Alguns dirigentes afirmaram que

entre eles, dirigentes no primeiro caso e adolescentes no segundo, isso não é “tão bem aceite como parece”.

Finalmente, houve uma referência aos patrocínios para actividades. Alguns entrevistados defenderam que o patrocínio *“tudo permite e depois fica-se sem base nenhuma para viver o valor, o valor da vida, o respeito pelo outro, o respeito por mim próprio. A busca da base de tal fonte está nos princípios e nos valores”* (G3, p.74).

4.2 Educação sexual dos jovens na sociedade actual

Nesta categoria foram analisados os testemunhos relacionados com a educação sexual que se faz, ou não, na sociedade actual. Os entrevistados salientaram sobretudo os aspectos relacionados com o papel da família e a abordagem que é feita, ou deveria ser, pelas várias instituições, tendo em conta as idades envolvidas: *“quanto mais cedo se fala com clareza, se fala com verdade e se fala com naturalidade aos miúdos... desmistifica, retira dívidas, retira carga de ansiedade, retira angústia...”* (G1, p.6).

Defendem que esta educação não pode nem deve ser realizada fora do contexto da família ou com o desconhecimento dos pais, considerando necessário que a Associação se questione até que ponto os pais aceitam esta temática e não a consideram como uma interferência nas suas dinâmicas familiares. Por outro lado, os entrevistados questionam-se também até que ponto será gostar de um filho, o ocultar-lhe algo que faz parte do seu desenvolvimento pessoal, deixando à natureza e sobretudo aos amigos, a educação nesta temática. O que parece ser do consenso comum é que esta educação, bem como as outras, têm sido transpostas da família para a escola e desta para os escuteiros. O ideal será que isso aconteça através da família: *“...a nossa missão pode ser um complemento à missão da família, mas é um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais..”* (G3, p.63).

Quando a abordagem à sexualidade não é realizada na família, e sentem que o interesse começa a levantar no grupo, alguns sugeriram que se poderia chamar um médico, alguém da confiança do Agrupamento, um enfermeiro, *“alguém que se sinta à-vontade,*

para falar sobre sexualidade” (G2, p.44). Alguns dos entrevistados são de opinião que nem sempre os médicos ou os enfermeiros são uma boa escolha. Quando bem formados tecnicamente e de forma humana, os que lhe são mais próximos, nomeadamente os Dirigentes, podem desempenhar um papel muito importante. A acrescer a esta disponibilidade, defendem que a informação continua a ser um ponto fulcral, uma vez que isso significa *“educar-se através de várias frentes, até para distinguir muito bem os papéis que cabe a cada um proteger todos os intervenientes”*. Há inclusive em dois dos focus group quem defenda que a Igreja deve assumir um papel importante nesta educação e dar a conhecer a sua posição sem qualquer tipo de constrangimentos e através de pessoas realmente habilitadas para o efeito. Isto poderia proteger, de alguma forma, o dirigente e *“guardá-lo”* para quando o elemento necessitasse de colocar uma dúvida mais específica.

Quando se fala ao nível do Desenvolvimento físico, para eles (Dirigentes) está tudo relacionado com o aparecimento dos pêlos, o crescimento das mamas, a barba, a voz e depois a procriação. Açam que não deve ser dada em qualquer idade, que há uma idade própria para se começar embora não digam qual em concreto. Falam sobretudo na adequação da linguagem. À medida que se vai crescendo, quer a nível físico do corpo, quer a nível de sentimentos, quer a nível dos pensamentos, quer a todos os níveis há ali diversas dimensões que se vão complementando e que é necessário também explicar e dialogar sobre elas. Enfatizam muito que é um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais.

Quanto às campanhas que vão surgindo, alguns sujeitos defendem que estas consistem somente em distribuir, por exemplo, pensos higiénicos e tampões de uma determinada marca comercial, juntamente com um folheto, sendo meramente publicitárias e pouco educativas: *“...o grande problema que há neste momento é o dizerem: meu amigo tens um preservativo, tens a tua situação resolvida”* (G3, p.73). Por outro lado existem projectos bem feitos nestas áreas que poderiam e deveriam ser mais divulgados, não só nas escolas mas junto de associações ligadas ao trabalho com jovens.

4.3 O papel da Escola na Educação Sexual dos jovens

A educação sexual que se dá nas escolas é descrita como sendo única e exclusivamente mecânica e física. Falar somente nestes aspectos mais ligados à biologia, sobretudo numa idade em que outras coisas já estão despertas, *“não traz grande interesse e pode até perverter a abordagem à temática”*. É extremamente genitalizada e está a falhar na parte dos afectos, que muito antes do acto sexual, muito antes da masturbação, muito antes doutro tipo de manifestações físicas, se deveria falar logo nos lobitos, como já muitos Dirigentes o fazem, se calhar inconscientemente, mas na questão dos afectos que é muito mais importante.

Referiram ainda que, por vezes, as escolas até têm vontade e condições para realizarem projectos interessantes nesta área mas que depois não se obtém o apoio dos pais uma vez que estes afirmam *“o meu filho não fala disso em casa e não vai falar disso na escola”* (G5, p.137).

Também na escola se vivem outros problemas, que são mencionados diariamente nos *media* sendo a realidade da sexualidade uma das mais referidas ultimamente. Um dos mais referidos foi a indisciplina na escola e a autoridade dos professores. Na escola passa por vezes a ideia que a sexualidade é sexo, que é tabu, que não é para se falar nisso.

4.3.1 O papel dos Professores

Na opinião dos nossos entrevistados, a grande maioria dos professores *“não está preparada para falar sobre este assunto com os miúdos, nem preparada, nem motivada”* (G1, p.7).

São, no entanto, actores muito importantes nesta temática sobretudo porque são os adultos que estão com os adolescentes mais tempo. Para que os adolescentes possam confiar para falarem sobre assuntos pessoais é essencial o estabelecimento dessa mesma confiança. A confiança baseia-se na ideia que se tem de uma determinada pessoa e tem que ser construída. Há, no entanto, alguns perigos que podem abalar esta confiança

como as experiências vividas pelos adultos quando contactadas aos adolescentes, uma vez que podem não ser compreendidas fora do seu contexto situacional.

4.4 O acesso à contraceção e aos cuidados de saúde

Uma parte dos entrevistados refere alguma perplexidade relativamente ao planeamento familiar, nomeadamente no que se refere aos casais jovens que a seguir à primeira relação sexual procuram uma consulta de planeamento familiar.

São de opinião que há consultas que funcionam bem mas, por outro lado, existem consultas onde se limitam a *“receberem as miúdas e fornecerem-lhes métodos de planeamento familiar, que muitas vezes são prejudiciais para a vida delas e para a saúde delas e tudo sem conhecimento dos pais”* (G4, p.106). Defendem que deveria haver dois tipos de consultas, uma de carácter informativo e, num outro nível, de contraceção, pois acham que actualmente *“a informação é toda baseada só na contraceção”* (G4, p.106).

Relativamente aos anticoncepcionais, a grande intervenção nos focus group foram de Dirigentes femininas. Na sua opinião, acham que *“há muitas raparigas que se esquecem de tomar um dia mas depois tomam no dia seguinte e acham que isso não tem efeito nenhum”* (G4, p.104).

Defendem ainda que existe falta de formação e que as raparigas *“não sabem como lidar com isso até porque há pílulas para cada rapariga”* (G4, p.104). Afirmam ainda ter conhecimento que muitas raparigas tomam a pílula sem qualquer aconselhamento médico.

Tema 5 – O CNE e a Educação Sexual dos adolescentes

5.1 Os Dirigentes e a sua relação com os jovens e a Associação

Esta foi uma categoria amplamente debatida em todos os grupos de discussão. Os entrevistados, na sua grande maioria, defendem que as relações que se estabelecem entre os Dirigentes e os seus elementos são, em muitas ocasiões, de maior qualidade que na escola ou até mesmo em casa.

As preocupações saídas dos grupos dividiram-se sobretudo em dois grandes domínios: as relações que estabelecem com os adolescentes/escuteiros a seu cargo e a sua preparação ou formação para falarem sobre esta temática.

Na opinião dos Dirigentes, surgem muitas ocasiões nas quais não há comunicação, sobretudo quando os jovens sentem que poderá haver rejeição ou que os Dirigentes tenham um discurso proibitivo e moralizante sem contextualização. Afirmam que estes só partilham os seus problemas, sentimentos, entre outros, quando se consegue estabelecer uma relação de empatia entre ambos. O Dirigente pode significar a pessoa importante e de referência, muitas vezes mais que os pais pois *“os pais são sempre os pais”*.

É interessante verificar o discurso dos entrevistados enquanto dirigentes e enquanto pais. Há, inclusive, um conjunto de entrevistados que chega mesmo a afirmar que é mais fácil lidar com esta temática no seu grupo de escuteiros do que na sua própria casa, com os seus filhos.

Há Dirigentes que falam com os seus elementos sobre sexualidade. Apostam numa relação de qualidade e consideram que estão mais próximos que os professores. Sentem que os elementos confiam geralmente nos Dirigentes para falarem, embora tenham receio das questões que eles possam, eventualmente colocar. Consideram que os adolescentes têm muita curiosidade sobre a temática mas que a informação nem sempre existe em quantidade e qualidade. Açam que faz falta conversas sérias sobre isso porque *“eles gozam muito e falam muito e atiram muito para o ar mas em termos de conhecimento falta-lhes muita coisa (...) Até ao mais velhos querem mostrar que já são*

adultos e tal mas depois bem no fundo não é bem assim". Dúvidas individuais já têm surgido mas eles não *"puxam"* muito, têm sempre alguma vergonha de falar.

Há situações que podem constituir-se como um ponto de partida para a abordagem inicial e depois individualmente deverá haver essa disponibilidade para falar e ouvir. Aos Dirigentes preocupa-os se eles conseguem chegar aos adolescentes. Há Dirigentes que ao conversarem com os seus elementos, sentem que estes ficam muito surpreendidos pois não estão habituados a que os adultos se sentem com eles a conversar sobre a temática com alguma naturalidade. Consideram-se como uns facilitadores daquilo que pode vir a acontecer naquele rapaz ou naquela rapariga, de bom e de mau. Defendem que têm e devem ser capazes de falar com eles sem os julgar, estar lá a ouvir. Quando não forem detentores do conhecimento necessário, devem admitir e ir à procura de informação ou de quem saiba.

Quando surgiu a questão: *que dirigentes é que estarão preparados para viverem, com factos concretos pois não basta só ter preocupações ou dizer que é proibido, a sexualidade dos seus elementos?* Ouve quem defendesse que estes (os Dirigentes) teorizam muito e não estão preparados para viver esta temática, os problemas que isso acarreta e até inclusivamente não se disponibilizam muito para saber ou aprender mais. Consideram que, mais do que sentirem-se educadores e formadores, como alguém que vai dar qualquer coisa ou fazer qualquer coisa é importante esta presença, o estar atento às questões e às respostas que se possam vir a dar.

Na sua maioria, os Dirigentes que participaram no estudo, afirmaram não se sentirem à vontade para trabalhar esta temática sobretudo *"porque é ainda um assunto tabu, pouco falado, com pouca ou nenhuma formação e a associação também não tem tido esse cuidado"*. Consideram-se como *"aprendizes de feiticeiro"* e que está relacionado com uma tendência natural portuguesa para o *"desenrascanço"*.

Defendem que faz muita falta uma formação técnica muito bem preparada nesta área, integrada, ou não, noutras, sendo preferível aprender primeiro e recorrer a quem sabe, dentro ou fora da associação, do que estar a ter atitudes más e erradas. Por outro lado, sentem que é difícil perceber até que ponto é que são bem vindos em algumas situações que algumas famílias podem achar que há intromissão no seu domínio.

Outros participantes debateram o facto de esta abordagem estar longe de ser consensual na associação pois existe quem defenda que a sexualidade deve ser única e exclusivamente trabalhada em casa pelos pais e que não cabe à escola e muito menos aos escuteiros fazerem uma abordagem nesta temática.

No que se refere à estrutura humana da associação, consideram que é necessário acarinhar os chefes de unidade porque a associação *“tem gente muito boa e a fazer bom escutismo embora depois existam aqueles que não são dirigentes do escutismo nem coisa nenhuma”*.

Os mais difíceis de ultrapassar são as pessoas que não querem ou não se disponibilizam para se formarem. Se os dirigentes *“não tiverem à-vontade, se não tiverem um mínimo de conhecimentos para abordarem os problemas ou situações ligadas à sexualidade”*, sentem que ficam aquém do que lhes é solicitado enquanto dirigentes de escuteiros. Afirmam, no entanto, que é necessário ter consciência que nunca será possível conseguir que 80% dos dirigentes estejam preparados, devendo inclusivamente dar espaço às pessoas que conscientemente não querem ou não se sentem preparadas para lidar com esta situação.

Alguns manifestaram que no CNE não se tem muita preocupação com a parte sexual da pessoa, ou seja, não se tem cuidado, ao nível dos dirigentes, com a vivência da sexualidade dos elementos. Também defendem que não devem deixar de proibir dentro da associação alguns comportamentos só porque fora dela os adolescentes os têm.

Por outro lado, *“cada um vai dizendo as coisas pela experiência e da opinião que tem acerca delas”*. Por vezes nem tem segurança daquilo que sabe, o que *“havendo consciência disto, não é mau”*. Pode e deve haver a preocupação de esclarecer os elementos sempre que sejam solicitados para tal. Dado que a maioria dos actuais dirigentes são novos, os entrevistados são de opinião que é na formação inicial que se pode e deve apostar.

5.2 Escutismo

Consideram que esta é uma temática de extrema importância e que o escutismo é uma ajuda ótima no processo de educação global das crianças e jovens. Por vezes há um pedido de apoio e é positivo que existam agrupamentos onde a temática da sexualidade seja abordada. É possível criar uma actividade que lhes dê espaço para falar, até eles perceberem que há espaço para falarem, em grupo ou individualmente. Desejam, sobretudo, prevenir e não reagir.

O CNE é uma boa referência para os jovens. Os entrevistados consideram ter *“a arma secreta”* que é o imaginário criado por BP, pelo que defendem que há que fazer todos os esforços para repor esse imaginário, lançá-lo junto das crianças e jovens e fazê-lo suficientemente forte para que os adolescentes não necessitem procurar outras coisa à sua volta, com imaginários fúteis, de apelo ao consumo, onde o que vale é o ter prazer.

Existe coeducação há 30 anos pelo menos dentro da associação e, embora não sabendo se será muito ou pouco tempo, consideram *“ser já altura de ir pensando nestas temáticas”*. Alguns são de opinião que é necessário começar a dizer nas reuniões de pais que o escutismo existe para educar os jovens no seu desenvolvimento pessoal, não somente na sexualidade mas com esta integrada em algo de muito mais grandioso que é o seu filho. Consideram ser um grupo de referência e por isso têm alguma capacidade de demonstrar que a felicidade vale a pena, que amar vale a pena.

Defendem que a relação para a vida tem, que ser baseada em mais qualquer coisa do que o sexo e do que um contrato de compra e venda. A perspectiva na associação é virada para a educação dos valores. Um dos dirigentes dava como exemplo o seguinte testemunho: *“a minha dúvida é se eu tivesse preservativos em campo, mas se eu não posso anunciar que há, também ninguém me irá abordar para pedir preservativos que não sabem que existem em campo. E se vierem pedir preservativos, eu como chefe acho que não pode haver sexo em campo, eu não posso dar preservativos. Depende muito do trabalho ou da abordagem que é feita em cada agrupamento. Manter um clima de relacionamento bastante saudável dentro do agrupamento entre rapazes e raparigas, e mesmo entre os próprios namorados e tudo. As pessoas só extremalizam as suas acções se não tiverem nada que as oriente para a frente”*.

Defendem que nos escuteiros existe a preocupação em orientar e colocar objectivos orientadores. Afirmam ter uma relação mais aberta e informal e que a própria associação se deve “*desinibir*”. Defendem que quem foi escuteiro tem uma formação melhor inclusive para lidar com os afectos e a sexualidade. Apostam no método e que os resultados, apesar de serem bons poderiam ser melhores. A formação ao nível da sexualidade faz falta, sobretudo formação técnica

Houve também alguns Dirigentes que eram de opinião que o que motivava os seus jovens para as actividades escutistas era a possibilidade de saírem e conviverem, fora da “alçada dos pais”. Houve inclusive um dirigente que afirmou “*não é propriamente ter uma actividade escutista porque isso pouco lhes interessa*”. Defendem que a actividade nos escuteiros não devia ser um escape, para eles poderem namorar. Quando questionados sobre esta questão, alguns dos entrevistados afirmaram que quando perguntavam aos seus elementos a razão de estarem nos escuteiros, obtiam um encolher de ombros. Açam que os adolescentes não têm vontade própria e que inclusive não têm coragem para propor uma actividade cujo tema seja a sexualidade. Aqui, alguns manifestaram que, provavelmente, também seria da responsabilidade dos Dirigentes essa questão uma vez que actualmente o escutismo vai sendo dos poucos locais onde os adolescentes podem propor, desenvolver e aplicar as suas ideias e que “*o CNE precisa de coragem para assumir isso mesmo*”.

Noutro grupo de discussão e a propósito desta temática, houve Dirigentes que debateram o facto de haver valores a preservar mas cuja abordagem poderia ser diferente. Defendem que o escutismo e a vivência em pequenos grupos pode ser um sítio por excelência para viverem, conviver, criarem as suas regras, responsabilizarem-se e assumirem as consequências dos seus erros. Para tal defenderam a existência de equipas de animação mistas, que permitisse a cada um dos jovens procurar o Dirigente com quem se sentisse mais à vontade.

5.3 Formação

As pessoas que frequentaram cursos de formação sentem que estes foram úteis no sentido de lhes dar à-vontade para falar no assunto com os jovens. Consideram ser necessário existir uma estratégia para ajudar os Dirigentes, em primeiro lugar ao nível da informação para eles próprios. Esta formação tem que ser a melhor possível para que eles estejam absolutamente atentos aos momentos de oportunidade junto dos jovens, *“seja a velha conversa à volta da fogueira, aquele momento ao caminhar no raid, ou naquele momento à saída da actividade em que o escuteiro diz “Oh, Chefe, gostava de falar consigo”*.

Esta formação terá que passar por uma parte técnica, teórica sobre a sexualidade mas também de relações humanas. Os entrevistados defenderam que a sexualidade fosse falada de forma autónoma e sem estar só relacionada com a coeducação, pois consideram que são muitos conteúdos, *“demasiados até para o tempo disponível, as pessoas ficam baralhadas porque associam com a educação a sexualidade unicamente. A educação também mexe com outros campos da vida. Poderia haver um só espaço para falar sobre este assunto, para debater em concreto o que é que um chefe, qualquer chefe pode e como actuar, pois qualquer um pode ser chamado”*.

Sugeriram algumas ideias como *“associar-se às famílias, chamado os pais, convidando-os a assistir porque de certeza que muitos pais estariam interessados nessa formação e não é preciso ir muito para grandes conceitos”*.

Um dos entrevistados referiu que, numa experiência de um CIP (Curso de Iniciação Pedagógica), quando se falou da coeducação, houve reacções muito violentas e alguns dos formandos que frequentavam o curso, afirmaram que não era um assunto que tivesse ou devesse ser ali abordado. Sentiu-se da parte de alguns muita dificuldade de tocar nestas questões.

São de opinião que o Departamento Nacional de Formação deveria preocupar-se em definir linhas de orientação sobretudo no que se relaciona com a linguagem que às vezes é utilizada pelos técnicos, quando estão com os jovens, que por ser demasiado técnica, os adolescentes “desligam completamente” e não surte qualquer efeito. Defendem que o

escutismo constitui-se como um meio privilegiado de dar *“formação a uma camada importante da juventude, animadores, dirigentes, que tenham essa oportunidade no campo de dar essa formação de uma maneira simples, de maneira engraçada, de maneira prática... Os miúdos às vezes vem com questões que era importante haver alguém que saiba responder e a formação dos dirigentes é importantíssima”*.

Consideram ainda que a educação ao nível da sexualidade deveria ser uma coisa natural do próprio Movimento. Deveria ser integrado porque as pessoas aceitariam melhor, tendo por base a fé católica, sabendo para onde ir e como ir, proporcionando equilíbrio na formação.

5.4 Religião

Os Dirigentes sentem que os escuteiros vivem dois caminhos, aquilo que a Igreja diz e emana e depois aquela realidade com que são diariamente *“bombardeados”*.

Por vezes, os Dirigentes, bem como alguns Assistentes, são questionados pelos escuteiros, sobre as questões ligadas à sexualidade e ao confronto que sentem relativamente aos princípios da Igreja. A idade desempenha um papel importante já que são os mais velhos que geralmente questionam, sobretudo quando sentem abertura por parte dos adultos para o fazer.

Segundo alguns Dirigentes, há questões difíceis de compreender, sobretudo compreender aquilo que é a posição da igreja sobre o aborto, sobre o preservativo. A grande maioria não sabe e desconhece a posição da igreja sobre estas temáticas, como por exemplo, o preservativo, pelo que evitam falar sobre estas coisas. Consideram haver desinformação e que as *“pessoas vão atrás daquilo que é a opinião geral, muitas vezes aparecem pessoas a falar, um pouco em nome da igreja e gritam bem alto para toda a gente ouvir, mas que depois não sabem aquilo que estão a dizer e muitas vezes não dizem a verdade e as pessoas captam aquilo que os outros dizem e por isso captam ideias erradas das coisas”*. Em dois dos grupos de discussão onde esta categoria foi mais debatida, defendeu-se claramente que *“A igreja tem uma posição muito clara e sobretudo muito rica, e não obriga ninguém a segui-la, cada um é livre de escolher*

seguir a religião católica ou não”, defendendo que, estando no escutismo católico, a opção deveria ser clara, isto no que diz respeito aos Dirigentes.

Quando se falava dos adolescentes, os entrevistados afirmavam que esta questão também dependia dos Agrupamentos e da sua localização geográfica e cultural *pois “ser-se católico e afirmar-se católico porque se nuns sítios é perfeitamente natural, noutros não é bem assim e a pressão do grupo pode ser uma questão muito importante”*.

Os Dirigentes sentem também que a educação sexual preconizada pela Igreja é sobretudo preventiva, não havendo directrizes muito claras para as situações concretas do dia a dia.

5.5 A afectividade

Esta foi uma temática muito querida por quase todos os grupos de discussão. Os participantes são de opinião que a afectividade deve fazer parte ou ser parte integrante da sexualidade e que não deve somente ser composta e/ou baseada nos *“aspectos mecânicos”*. Consideraram que *“o caminho é mesmo trabalhar a afectividade e o resto vem na sua continuação”*.

Consideram os laços afectivos quase como uma planta, que deve ser cuidada diariamente. Os adolescentes procuram afecto que muitas vezes não sentem da parte da família. *“Esta questão da afectividade deveria ser o início de tudo pois é por aí que começam as relações entre os miúdos”*.

Por outro lado surge alguma necessidade de ter cuidado acerca da afectividade porque se essa afectividade é procurada nos dirigentes, este como irmão mais velho, que tipo de comportamento é que deverá ter para responder a determinadas carências afectivas que os jovens podem demonstrar.

Consideram que a afectividade é uma coisa que deve ser promovida, sobretudo porque acham que se inibem os afectos dos *“miúdos logo desde pequenos... os lobitos é natural que procurem mais e obtenham mais afectos”*. Alguns afirmaram não pensar muito nesta questão dos afectos mas consideraram que o trabalho em equipa ajuda muito a educar para os afectos pois obriga a respeitar as ideias do outro, a cimentar a amizade, o que ajuda à promoção da afectividade.

Outros consideraram que actualmente não envolveria, que *“é sexo puro e duro, não há afectividade nenhuma”*, e que sentem que o que *“vem de fora”* é um forte concorrente com os ideais escutistas.

***PARTE CINCO – Discussão dos
resultados***

Quantas mais tragédias terão os nossos jovens que sofrer antes que os adultos aceitem o facto de que a inocência não é preservada pela ignorância?

Susan Hayman

Quando iniciámos o presente estudo, tínhamos presente que o mesmo teria as suas dificuldades, devido não só à temática, sexualidade, como ao grupo alvo escolhido, dirigentes adultos de uma Associação Católica.

No decorrer da realização dos focus group, surgiu a necessidade de elaborar os resultados e proceder à sua discussão através de dois modelos defendidos por Krueger (1991): modelo descritivo para a apresentação dos resultados e o modelo interpretativo, utilizado para a discussão dos mesmos.

Tendo em conta este modelo, optámos por analisar os dados à luz de dois modelos, apresentados já no enquadramento teórico: López & Fuertes (1999) e Vilar (2003). O primeiro definindo as tipologias das atitudes face à sexualidade que podemos encontrar nas sociedades actuais, o segundo, que define os quatro diferentes estilos educativos nos progenitores, e que nos pareceu adequado uma vez que pretendemos analisar testemunhos de adultos face à sexualidade dos jovens adolescentes.

Tema 1 – A adolescência vista pelos Dirigentes

Neste primeiro tema, dividido em três categorias, podemos verificar que o discurso, de uma forma geral, se refere a ideias muito generalizadas e pouco aprofundadas da adolescência e sobre o que ela representa. Se por um lado temos um discurso mais liberal aberto, onde há um pequeno número de Dirigentes que vê a adolescência como uma fase muito positiva e potenciadora de ideias e formas de pensamento diversificadas e enriquecedoras, a grande maioria opta por um discurso de falsa naturalidade, em parte

devido às expectativas criadas face ao que se espera de cada um, no seio do grupo de discussão. Há claramente um discurso evitativo ou de negação, onde o recurso aos modelos vigentes na época em que os Dirigentes eram adolescentes é recorrente e se sente a necessidade de estabelecer limites morais nos comportamentos tidos como adequados.

Saliente-se, no entanto, algumas tentativas de apoio, de escuta e da necessidade que alguns Dirigentes enfatizaram em debater e conversar sobre estas questões, de forma pedagógica, evidenciando assim o surgimento de um estilo apoiante.

Tema 2 - Os Adultos e os Adolescentes

Neste tema, os discursos variam entre a atitude de falsa naturalidade, conservadoras integradas e algumas liberais abertas, sendo estas últimas defendidas por um número muito pequeno de dirigentes. De facto, a grande maioria opta por um discurso liberal combinado com comportamentos tradicionais sobre sexualidade, o que confere alguma incongruência no discurso produzido. Por outro lado, temos um outro conjunto de dirigentes que aceitam alguns aspectos e expressões da sexualidade dentro de um contexto de relações amorosas estáveis, onde prevalecem os valores da própria associação face à temática.

Relativamente às famílias dos adolescentes, o estilo adoptado é sobretudo evitativo e parece haver pouca comunicação sobre esta temática entre os dirigentes e os pais/encarregados de educação dos jovens escuteiros. O grupo de pares assume um papel importante que, segundo os dirigentes nem sempre é valorizado ou quando o é, surge de forma negativa. Afirmam que a atitude dos jovens é por vezes liberal individualista e, na sua maioria, têm dificuldade em compreender os padrões de comunicação dos seus jovens. Esta atitude é também defendida quando se fala na importância/influência dos *mass media*. Defendem que o papel desempenhado pelos meios de comunicação poderia ser mais pedagógico.

Tema 3 – A sexualidade na adolescência segundo os Dirigentes

Neste tema pudemos encontrar um grande número de atitudes do modelo descrito por López & Fuertes. Alguns dirigentes demonstram atitudes de interdição, baseadas sobretudo nos seus modelos da sua infância e adolescência, mais tradicionalistas onde predominavam sentimentos de negação e culpa face à sexualidade. Houve dirigentes que demonstraram atitudes de dependência, sobretudo no que se refere ao medo da crítica social. Outros demonstraram ainda atitudes de falsa naturalidade e ainda atitudes conservadoras integradas. No extremo oposto encontramos algumas atitudes liberais abertas. No que se refere aos estilos educativos, pudemos encontrar os quatro estilos descritos por Vilar, com maior incidência no estilo de negação e no estilo permissivo.

Se por um lado há uma preocupação séria relativamente à temática e aos jovens, por outro, surge com alguma frequência uma superficialidade nos conhecimentos mais técnicos sobre a adolescência e as suas vivências neste âmbito. O discurso é sobretudo iniciado pelas questões de saúde e as consequências que advêm da vivência dessa sexualidade para depois passar a questões mais éticas e morais, onde houve, na maioria das discussões/debates um refúgio no que são os valores aceites, à partida, por todos. Este refúgio pareceu-nos ser, frequentemente, inconsciente, o que levou a algumas ideias paradoxais.

Tema 4 – A Educação sexual nos adolescentes vista pelos Dirigentes

Neste tema surgiu claramente um estilo de negação caracterizado por atitudes de interdição e dependência. Este estilo está patente quando se fala em conceitos, sobretudo no que se refere aos valores. Por outro lado, houve também um grupo de dirigentes que demonstrou um estilo permissivo, evidenciado pelas diferenças nas mensagens para elementos do sexo masculino e feminino e pela delegação noutros agentes, como a escola e os *mass media*. As atitudes encontradas forma sobretudo de dependência, falsa naturalidade e conservadoras integradas.

Houve ainda um grupo que defendeu a necessidade de adoptar um estilo apoiante, traduzido numa atitude liberal aberta. Sentem, no entanto, dificuldades individuais na aplicação deste estilo, sobretudo por não estarem preparados para tal.

Foi ainda notório uma divisão dos géneros quando se abordou o acesso à contracepção e/ou aos cuidados de saúde, onde a grande maioria dos testemunhos foram de dirigentes femininas, tendo existido uma quase ausência de intervenção por parte dos dirigentes masculinos. Este aspecto pareceu-nos interessante na medida em que traduz claramente uma mensagem mais tradicional na qual a contracepção parece continuar a ser uma preocupação quase exclusivamente feminina.

Tema 5 – O CNE e a Educação Sexual dos adolescentes

A categoria Dirigentes do tema 5 é primordial neste estudo pois não só permite verificar “o estado da alma” dos dirigentes da associação, como os passos que eventualmente se propõem a dar. É de salientar ainda que, e isso surge também num dos focus group de forma directa e nos outros de forma indirecta, este é um tema muito comprometedor e há dirigentes, que para além de não terem formação numa área que pode ser considerada vital para o processo educativo dos seus elementos, não estão preparados para enfrentarem os seus medos, as suas inseguranças face ao seu próprio desenvolvimento pessoal.

Há neste tema dois estilos predominantes, o evitativo e o permissivo. No entanto, parece existir a necessidade de se evoluir cada vez mais para um estilo apoiante, ainda que os dirigentes não saibam como o desenvolver, quer por questões individuais, quer por se sentirem de alguma forma desapoiados. As atitudes continuam a ser entre as de dependência, falsa naturalidade e as conservadoras integradas.

O tema da Formação é um tema que os compromete e muitos Dirigentes fogem dele. Sentem que é necessário definir fazer em conjunto porque onde é que acaba a responsabilidade dos departamentos pedagógicos e onde é que começa responsabilidade do departamento dos adultos? Esta questão surge porque no CNE existem dentro dos dirigentes dois grupos maioritários, os formadores, que possuem conhecimentos ao nível da formação de formadores e que são responsáveis pela formação de novos dirigentes e pelos cursos para adultos, e os pedagógicos que são responsáveis pela animação das unidades, ou seja, que estão em contacto com as crianças e jovens.

CONCLUSÃO

Quando iniciamos este estudo, foram três os principais objectivos de estudo que procurámos desenvolver:

- Atendendo à falta, no CNE, de instrumentos e/ou ferramentas de avaliação da informação sobre a sexualidade, proceder ao diagnóstico da qualidade da mesma;
- Verificar, de acordo com a literatura, quais os estilos educativos que encontramos no contexto do Movimento Escutista;
- Determinar em que medida a percepção da sexualidade dos jovens adolescentes é influenciada pelas mensagens emitidas no quotidiano;

Na Introdução, utilizámos a definição de sexualidade da Organização Mundial de Saúde como *“um aspecto central da qualidade humana durante toda a vida, implicando sexo, identidade e papéis do género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Enquanto a sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem todas elas são sempre experimentadas e expressas. A sexualidade é influenciada pela interacção de factores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais”* (site da OMS, 2006)

Num estudo publicado na edição de 8 de Julho de 2006 do Jornal Expresso através da sua revista *Única*, os jovens davam a sua opinião sobre alguns temas, nomeadamente sobre política, economia, família, sociedade, entre outros. Deste estudo podemos salientar os seguintes resultados: no tema sobre a família, questionava-se sobre se haverá mais ou menos casamentos ao que 62,7% responderam que haverá menos casamentos no futuro, existirão mais divórcios (56,8%), que os casais terão menos filhos (63,3%) e que o pai ou a mãe continuam a ser um modelo a seguir (55,8%). Quanto à sociedade, os mesmos jovens diziam que viveremos mais satisfeitos (49,5%)

no futuro, acreditaremos menos em Deus (52,4%) e o trabalho será o mais importante na vida (39,6% contra os 23% da família).

Este foi um estudo pioneiro em diversos sentidos: por se ter realizado numa Associação com as características e a abrangência que o Corpo Nacional de Escutas tem na sociedade portuguesa, pela análise qualitativa realizada no órgão da Associação, a Revista Flor de Lis, a publicação periódica mais antiga de Portugal, pela actualidade da própria temática e pelo facto de o público-alvo deste estudo terem sido os adultos que trabalham com os jovens nos diversos níveis da Associação. Nas diversas pesquisas realizadas, poucos foram os estudos feitos no âmbito dos adultos, tendo sido esse um dos principais obstáculos ao enquadramento teórico.

Da análise realizada aos vários discursos, encontramos o que parece ser uma contradição entre o discurso e a pertença religiosa e o trabalho quotidiano da relação com os jovens.

Existem Dirigentes que evidenciam uma forte vivência da sua religiosidade de acordo com os cânones emanados pela Igreja e não colocam qualquer dificuldade ao nível do seu trabalho em prol dos jovens, nesta temática, sobretudo por considerarem ser esta uma temática interna à família.

No entanto, não foi este o sentimento da maioria dos Dirigentes participantes neste estudo. De facto, e embora revelem que vivem ou tentam viver de acordo com aquilo que consideram ser os seus valores enquanto Dirigentes católicos, quando confrontados com o trabalho junto dos jovens, sentem que os seus valores são colocados em causa pela mutabilidade e diversidade da própria comunidade onde estão inseridos, seja esta comunidade entendida como a escola, a família ou inclusivamente a paróquia onde se estabeleceu o Agrupamento. Acrescente-se ainda que a partilha feita entre os vários Dirigentes que compõem a Associação, oriundos de diversos contextos, rurais e urbanos, os leva a questionar alguns conceitos, juízos, valores preconizados, consubstanciando-se numa posição ambígua, por vezes tímida mas cada vez mais importante.

Os Dirigentes sentem que a informação existente no CNE sobre sexualidade é escassa e encontra-se dispersa. Têm dificuldade em obter formação sobre a temática e não existem linhas orientadoras da mesma, ocorrendo de acordo com a sensibilidade de cada Dirigente e/ou da Equipa de Animação que integra.

De facto, quando analisámos a Revista Flor de Lis, somente em 1977, e de uma forma tímida, surge um ênfase à adolescência e ao seu desenvolvimento, onde a sexualidade ocupa um lugar de paridade com outras dimensões (social, vocacional, filosófico). A sexualidade nunca, ou muito raramente, é falada na Revista. Quando surge, é sempre aliada à questão da coeducação, temática muito discutida no anos 80 na Associação. Nos anos 90 e seguintes, há referências diminutas à temática, muito dispersas e sem qualquer conteúdo substancial ou significativo.

Por outro lado só existe um momento, durante o percurso formativo, em que a temática é abordada (no Curso de Aprofundamento Pedagógico há uma unidade de formação com a duração de duas horas), o que sentem como manifestamente pouco. A maioria dos dirigentes participantes no estudo sentem necessidade de mais informação e formação sobre o tema em questão, uns defendendo que deveria ser preconizada uma formação de tipo monográfica com a duração de um fim-de-semana, outros que não deverá existir como uma temática única mas integrada na promoção da saúde em geral.

A posição na qual se colocam a grande maioria dos Dirigentes participantes é, ainda assim, ambígua e de expectativa, e embora sintam a necessidade de abordar estas e outras temáticas, preferem ocupar um lugar mais passivo, como se esperassem que alguém indique o “caminho a seguir” para utilizar uma expressão escutista.

De facto, e tendo em conta os desafios educativos que se colocam actualmente no que se refere ao trabalho com crianças e jovens, o CNE deverá reflectir profundamente, e no âmbito do que está a fazer relativamente à renovação da sua acção pedagógica, sobre a formação que é dada aos seus Dirigentes, nomeadamente nesta temática.

Referências Bibliográficas

- Almeida, J. (1996). *Jovens de Hoje e Daqui*. Loures: Cadernos Estudos Locais da Câmara Municipal de Loures.
- Amaro, F.; Dantas, A. & Teles, L. (1995). Sexual behaviour in the city of Lisbon. *International Journal of STD & AIDS*, 6, 35-41.
- APF (?). *Falemos de sexualidade: um guia para pais e professores*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Baden-Powell, R. (1986). *O Rasto do Fundador*. Lisboa: Edição do Corpo Nacional de Escutas.
- Baden-Powell, R. (2002). *Auxiliar do Chefe Escuta*. (4ª ed.). Lisboa: Edição do Corpo Nacional de Escutas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastin, Robert. (1980). *Baden-Powell: Cidadão do Mundo*. (2ª ed.). Lisboa: Edição do Corpo Nacional de Escutas.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (1998). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores
- Cabral, M.V. & Pais, J.M. (Coords.) (1998). *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta.
- Canales, M. & Peinado, A. (1994). Grupos de discusión, in Delgado, J.M. & Gutiérrez, J. (Coords). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales*. (287-316). Madrid: Síntesis.
- Carvalho, R. (1996). *História do Ensino em Portugal* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Claes, M. (1990). *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Conferência Episcopal Portuguesa. (2005). *Nota sobre a Educação da Sexualidade*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa.
-
- Corpo Nacional de Escutas,
- Cortesão, I. (1989). *Educação para uma sexualidade humanizada – guia para professores e pais*. Porto: Afrontamento.
- Costa, M.M. (1992). *Representações Sociais de Homens e de Mulheres – Portugal 1991*. Lisboa: CIDM-MESS
- Dias, A., Ramalheira, C., Marques, L., Seabra, M. & Antunes, M.(2002). *Educação da Sexualidade no dia-a-dia da prática educativa*. Braga: Edições Casa do Professor.
- Diniz, M.C. (1993). O Amor e a Sexualidade. In Reis, A., *História de Portugal – 20 Anos de Democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- European Group Study. (1992). Risk factors for male to female transmission of HIV. *British Medical Journal*, 298, 411-415.
- Fernandes, A. J. (1995). *Métodos e Regras para Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto: Porto Editora.
- Ferrando, M, Ibáñez, J. & Alvira, F. (1994). *El análisis de la realidad social – métodos y técnicas de investigación* (2ª ed.). Madrid: Alianza Editorial.
- Figueiredo, E. (1985). Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*, XXI (87-88-89), 1005-1020. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

- Ibáñez, J. (1989). Como se realiza una investigación mediante grupos de discusión, in Ferrando, M.G. *El análisis de la realidad social*. (489-501).Madrid: Alianza Editorial.
- IED. (1983). *Inquérito IED – Valores e Atitudes dos Jovens (Estudo Preliminar)*, Lisboa: IED
- Instituto Nacional de Estatística. (1998). *Inquérito à Fecundidade e à Família: resultados preliminares*. Lisboa: INE.
- Krueger, K. (1991). *El grupo de discusión. Guía práctica para la investigación aplicada*. Madrid: Pirámide.
- Jimenez, B. M. (1990). *La sexualidad Humana: Estudio y Perspectiva Histórica*. Madrid: Fund. Universidad Empresa.
- Jowell, R., Brook, L., Gillian, P., & Taylor, B. (1992). *British Social Attitudes – 9th Report*. Hants: Dartmouth Publishing Company.
- Leal, A. S. (1985). As políticas sociais no Portugal de hoje. *Análise Social, XXI* (87-88-89), 925-943. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- López, F. & Fuertes, A. (1989). *Para Compreender la Vida Sexual del Adolescente*. Estella: Ed. Verbo Divino.
- López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.
- López, F. & Oroz, A. (1999). *La vida sexual del adolescente*. Navarra: Verbo Divino.
- Lucas, J.S. (1993). *SIDA: A sexualidade desprevénida dos portugueses*. Lisboa: MacGraw-Hill.

- Maça, L. & Andrade, N. (1997). Mulheres, crianças e amor. Para uma História das Mentalidades Contraceptivas, *Actas do 1º Colóquio de Psicologia Social Clínica*, 9-25. Lisboa: ISPA.
- Merleau Ponty, M. (1975). *Fenomenologia da percepção*. Madrid: Península
- Meyer-Bahlburg, H. F. L. (1993). Sexuality in Early Adolescence. *Handbook of Human Sexuality*. Benjamin B. Wolman (Ed.), 62-82. London: Jason Aronson Inc.
- Miguel, Nuno S. (1989). *Os Jovens e a Sexualidade*. Lisboa: Edições Asa.
- Miller, B.C. (1998). *Families matter: A research synthesis of family influences on adolescent pregnancy*. Washington DC: National Campaign to Prevent Teen Pregnancy.
- Mónica, M.F. (1999). *Cenas da Vida Portuguesa*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Morgan, D.L. (1988). *Focus group as qualitative research*. London: Sage.
- Morgan, D.L. (1993). *Successful focus groups. Advancing the state of the art*. Newbury Park: Sage.
- Nodin, N. (2002). *A Sexualidade de A a Z*. Braga: Circulo de Leitores.
- Noronha, M. & Noronha, Z. (1994). *Adolescência: Idade crítica?* Lisboa: Plátano.
- Orti, (1989).
- Padilla Sch., E. & Silva R., M. (1995). *Sexualidade e Adolescência – Noções de Biologia, manual dos pais e do professor*. Coimbra: Fundação Família e Sociedade.

- Pagès-Poly, M.F. & Pagès, J.S. (1999). *Quando os adolescentes despertam para a sexualidade*. Lisboa: Terramar.
- Pais, J.M. (1987). Sexualidade e História, *Sexologia em Portugal*, 5-12. Lisboa: Texto Editora.
- Pais, J. M. & Cabral, M.V. (Coord.). (2003). *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses*. Lisboa: Instituto Português da Juventude.
- Patton (1990).
- Pereira, M. M. & Freitas, F. (2001). *Educação Sexual: contextos de sexualidade e adolescência*. Lisboa: Edições ASA.
- Piaget, J. (1976). *Psicologia e Pedagogia*. Lisboa: Bertrand.
- Pinto, José M. (2002). *Adolescências e escolhas: à descoberta da singularidade*. Coimbra: Quarteto.
- Roque, O. (2000). *Semiótica da cegonha: jovens, sexualidade e risco de gravidez não desejada*. Dissertação de Mestrado em Sexologia, não publicada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Rutllant, M. (Coord.) (2001). *Manual Básico de Planeamento Familiar Natural – últimos avanços no campo da regulação natural da fertilidade*. Coimbra: Fundação Família e Sociedade.
- Sampaio, M. (1987). *Escola e Educação Sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Santo, M. E. (1987). Sexualidade e Religião, *Sexologia em Portugal*, 13-28. Lisboa: Texto Editora.
- Santos, A.C., Ogando, C. & Camacho, H. (2001). *Adolescendo: Educação da Sexualidade na Escola*. Lisboa: Plátano Editora.
- Santos, M. L. (1975). Jovens Portugueses numa Sociedade em Mudança – de um inquérito a Alunos Liceais”, *Análise Social*, 11, 44.
- Secretariado Nacional do Apostolado da Oração (1987). *Concílio Ecuménico Vaticano II (Constituições-Decretos-Declarações e Documentos Pontifícios)*. Braga: Editorial A.O.
- Shah, F. & Zelnik, M. (1993). Sexuality in Adolescence. *Handbook of Human Sexuality*. Benjamin B. Wolman (Ed.).83-92. London: Jason Aronson Inc.
- Shoerter, E. (1995). *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar.
- Silva R., M. (2001). *Sexualidade e Adolescência – noções de psicologia – manual dos pais e do professor*. Coimbra: Fundação Família e Sociedade.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1999). *Psicologia do Adolescente – uma abordagem desenvolvimentalista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stewart, D. & Shamdasani, P. (1990). *Focus group. Theory and practice*. Newbury Park: Sage.
- Valles, M. (2000). *Técnicas cualitativas de investigación social – reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Síntesis.
- Vasconcelos, P. (1998). In Cabral, M.V. & Pais, J.M. (Coord.), *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta.

- Vasconcelos, P. (1999). Algumas questões sobre a sexualidade juvenil. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 21-22(2), 7-11.
- Vaz, J. M. (Coord.), Vilar, D. & Cardoso, S. (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vilar, D. (1991). As encruzilhadas da Educação Sexual. *Planeamento Familiar*, 47/48, Lisboa:APF.
- Vilar, D. (2003). *Falar disso: A educação sexual nas famílias dos Adolescentes*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Young, I. (Org.). (1999). *Manual de Formação para Professores e outros Profissionais que trabalham com Jovens*. Lisboa: Comissão das Comunidades Europeias
- Zani, B. (1991). Male and Female Patterns in the Discovery of Sexuality during Adolescence. *Journal of Adolescence*, 14, 163-178.

http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual_health.html#2
Stanley Hall. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA NA ÁREA
DE PSICOLOGIA DA SAÚDE
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
CUNH/0.2

ANEXOS

Volume I

Os Adolescentes e a sua Sexualidade: conversas com Adultos no contexto do Movimento Escutista

Olga Rebordão de Oliveira Cunha

ORIENTADOR:


Professor Doutor António Pires
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

CO-ORIENTADOR:

Professor Doutor Duarte Vilar
ISSSL – Universidade Lusófona



2008

	ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação	
Registo:	18315
Data:	8/6/09
Tel.: 21 821 17 50 • bibispa@ispa.pt	

Índice

A. Palavras e Categorias	3
B. Memorando 1	7
C. Memorando 2	33
D. Memorando 3	64
E. Focus group n.º 1	111
F. Focus group n.º 2	129
G. Focus group n.º 3	159
H. Focus group n.º 4	186
I. Focus group n.º 5	228

A. Palavras/Categorias

- Adolescentes
 - (G1; 3, 5, 6, 7, 10, 14, 15, 18)
 - (G2; 21, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 44, 45)
 - (G3; 51, 52, 54, 55, 58, 59, 77)
 - (G4; 82, 83, 84, 86, 96, 98)
 - (G5; 120, 121, 124, 126, 127, 130, 131, 134, 139, 144, 149, 152, 153)
- Actualidade
 - (G2; 28, 29, 39, 40, 44)
 - (G5; 122, 124, 125, 126, 141, 143, 146)
- Adultos
 - (G1; 7, 9, 10, 11, 15, 17)
 - (G3; 58)
 - (G5; 152)
- Afectividade
 - (G1; 3, 5, 8, 12)
 - (G2; 42, 46)
 - (G3; 57, 70)
 - (G4; 107, 109, 110, 111, 115)
- Antigamente
 - (G2; 29)
 - (G3; 54, 57)
 - (G4; 98)
 - (G5; 122, 124, 125, 142)
- Campanha
 - (G2; 24)
- Comportamentos
 - (G1; 11, 13, 14)
- Confiança
 - (G1; 17, 18)
- Consequências
 - (G1; 12)
 - (G2; 23)
 - (G3; 60)
- Cultura
 - (G3; 53, 56)
- Descoberta
 - (G1; 8, 14)
- Dirigentes
 - (G1; 5, 10, 11, 15, 16, 17, 18)
 - (G2; 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 47)
 - (G3; 51, 52, 54, 55, 56, 59, 60, 65, 67, 70, 72)
 - (G4; 83, 94, 96, 97, 101, 102, 112)
 - (G5; 150, 151)

- Educação sexual
 - (G1; 4, 6, 7)
 - (G2; 24, 26, 28, 34, 42, 44)
 - (G3; 53, 62, 63, 69, 73, 74)
 - (G4; 81, 99, 100, 101)
 - (G5; 121, 129, 136, 137, 138, 139)
- Escola
 - (G1; 4, 7)
 - (G2; 23)
 - (G3; 53)
 - (G4; 117)
 - (G5; 132, 137)
- Escolha
 - (G1; 9)
- Escutismo
 - (G1; 11, 15, 16)
 - (G2; 30, 31, 32, 34, 37, 40, 49)
 - (G3; 55, 71, 74, 75)
 - (G4; 88, 93, 94, 95, 101, 112, 113, 115, 117)
 - (G5; 122, 128, 130, 132, 133, 135, 144, 147, 148, 149)
- Experiência
 - (G1; 11, 15)
- Família
 - (G1; 4, 7, 10, 11, 18, 19)
 - (G2; 21, 22, 29, 30, 33, 34, 35, 42, 44)
 - (G3; 53, 54, 63, 64, 65, 71)
 - (G4; 80, 93, 113, 117)
 - (G5; 123, 124, 125, 128, 131, 138, 141, 144, 145, 152)
- Formação
 - (G1; 8)
 - (G2; 28, 29, 30, 31, 32, 35, 38, 45, 46, 47, 49)
 - (G3; 52, 70, 71, 72, 73, 74)
 - (G4; 78, 79, 81, 82, 96, 97, 102, 113, 114, 117)
 - (G5; 129)
- Género sexual
 - (G1; 3, 11, 12, 14)
 - (G3; 55, 57, 66)
 - (G4; 85, 86, 87, 119)
- Grupos
 - (G1; 7, 9, 12)
- Homossexualidade
 - (G4; 93)
 - (G5; 149)
- Idade
 - (G1; 11, 13)
- Imagem
 - (G2; 21)

- Informação
 - (G1; 4, 8, 9, 18, 19, 20)
 - (G3; 52, 53, 54, 62, 64, 68, 76)
 - (G4; 78, 85, 96, 103, 104)
 - (G5; 125, 126, 127)
- Liberdade
 - (G1; 7, 9)
 - (G2; 26)
- *Media*
 - (G2; 21, 22, 43)
 - (G4; 85, 98)
 - (G5; 145)
- Métodos anticoncepcionais
 - (G4; 104, 105)
- Mito
 - (G2; 41)
 - (G3; 53, 58, 64, 73)
 - (G5; 120)
- Moda
 - (G1; 13, 14)
 - (G2; 21, 43)
 - (G5; 121)
- Moral
 - (G1; 11)
- Planejamento familiar
 - (G4; 105, 106)
- Preconceito
 - (G1; 11, 12, 13, 17)
- Professores
 - (G1; 7)
- Relação
 - (G1; 4, 5)
- Religião
 - (G1; 4)
 - (G2; 24)
 - (G3; 60, 61, 62, 75)
 - (G4; 113)
 - (G5; 134, 137)
- Realidade local/outras realidades
 - (G2; 29, 32)
 - (G4; 109)
- Referência
 - (G3; 55)
- Responsabilidade
 - (G1; 6)
- Saúde
 - (G3; 76)
 - (G4; 104)

- Sexualidade
 - (G1; 3, 5, 11)
 - (G2; 21, 23, 24, 36, 41, 43, 47)
 - (G3; 51, 52, 53, 54, 58, 59, 62, 64, 66, 69, 73, 74, 75, 76)
 - (G4; 78, 79, 80, 82, 84, 89, 106)
 - (G5; 121, 124, 125, 134, 137, 140, 146)
- Situações concretas
 - (G2; 27, 32, 33, 34, 40, 46, 48)
 - (G3; 65, 66, 67, 68, 75, 77)
 - (G4; 79, 83, 87, 88, 89, 90, 91)
 - (G5; 120, 127, 128, 130, 134, 138)
- Sociedade
 - (G4; 97, 106)
 - (G5; 125, 136)
- Tecnologia
 - (G3; 62)
- Valores
 - (G1; 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17)
 - (G2; 21, 23, 30, 38, 41)
 - (G3; 74, 76)
 - (G5; 120, 122, 123, 124, 125, 142, 149, 150, 152)

B. Memorando 1

- **Adolescentes** (G1; 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 18) (G2; 21, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 44, 45) (G3; 51, 52, 54, 55, 58, 59, 77)

Segundo os entrevistados, os adolescentes são diferentes consoante o seu género sexual uma vez que se considera que as raparigas são mais evoluídas que os rapazes. Como características diferenciadoras, tendem a ter uma visão mais ampla que os adultos que os rodeiam e uma curiosidade maior pelo que os rodeia. Procuram descobrir as coisas por si próprios. Não só sentem necessidade de falar sobre a sexualidade como a mesma temática surge mais precocemente. Têm uma abordagem livre, saudável, vivem de um modo mais livre e descomplexado. São interessantes e têm pontos de vista fora do padrão a que os adultos estão habituados. As dúvidas que vão surgindo são cada vez em maior número e apesar de terem acesso a muita informação, esta surge-lhes sem ser filtrada e numa quantidade tal que se lhes torna difícil separar e credibilizar as fontes. As experiências por eles vividas estão também, relacionadas com a sua origem. Os entrevistados consideram que os adolescentes de origem rural têm acesso ao contacto com os animais o que lhes permite ter outra abordagem em torno da sexualidade e das relações. Os adolescentes estão mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa. A adolescência ainda é encarada como um período de algum mistério, com alguma falta de compreensão por parte dos adultos e sendo, não raras vezes, denominada de idade do armário. Sentem muita falta de serem ouvidos. A grande maioria dos adolescentes percorre esta etapa sem grandes dificuldades e tem acesso a muita informação. Preocupam-se quando as coisas não acontecem como estão descritas nos livros ou como lhes dizem que era suposto acontecer.

Nos adolescentes é uma questão de vergonha admitir-se que se é virgem. Nem todos os adolescentes alinham por uma sexualidade dita libertina, mas aqueles que não alinham são um pouco rejeitados. Esta vivência cria neles um pouco de conflito pois uma postura introvertida leva à rejeição no grupo pelo que alguns ou muitos optam por atirar

para a frente e vivem alguns períodos complicados. Os dirigentes pensam que os jovens não conseguem fazer a distinção entre o que lhes é proposto e o que lhes é dito, vivendo o dia a dia no grupo de amigos, sendo bombardeados diariamente e seguem o ritmo sendo-lhes apontadas poucas saídas para o seu caminho. Os adolescentes só costumam partilhar, quando partilham com um adulto, somente com um com quem se sentem mais ligados e têm sede de falar com ele, de não se sentirem rejeitados. Eles não falam mais com o adulto com medo de que estes digam que é proibido e que têm que fazer isto ou aquilo. Eles são bombardeados diariamente sobre comportamentos responsáveis, ou pelo menos comportamentos que não sejam promíscuos mas chega a hora e as hormonas falam mais alto. Remetem-se para aquilo que lhe dá mais prazer momentâneo, quem é que lhe dá, quem é que me pode fornecer alguns valores. Porque não ver esta telenovela ou ouvir uma conversa barata dos amigos que fornecem um conjunto de modelos estereotipados. Os adolescentes são conotados tb com problemas ligados à toxicodependência e à prostituição. Formam grupos e em cada grupo têm uma hierarquia e caminhos definidos. Se eles sentirem que há alguém que os pode ajudar, as miúdas vêm porque se os miúdos não se sentirem à vontade, sentem-se abandonados e deixam-se estar. Os miúdos até fazem perguntas e começam a fazê-las mesmo muito cedo. Torna-se problemático quando eles já não falam, pois provavelmente em casa já os proibiram de falar nisso. Os miúdos por serem católicos ou escuteiros, são por vezes postos à margem dos grupos onde estão inseridos na escola. Quando nós temos este tipo de rapaz ou de rapariga que nos diz que querem curtir a vida, não se querem amarrar a ninguém, se calhar se a interrogarmos há quanto tempo não dá um abraço à mãe ou ao pai, há quanto tempo não se senta ao colo da mãe independentemente da idade que tem, que laços de afectividade, de toque tem esse jovem. Os amigos sabem que é muito mau quando se acaba com um rapaz e ele está realmente apaixonado. O que é que é importante para eles naquelas idades, ter boas notas? Os papas gostarem deles? Eles precisam de regras, eles gostam de regras, mais que não seja para tentar dar a volta. Os adolescentes quando se sentem enganados nunca mais confiam em nós e nunca mais nos procuram.

Os adolescentes estão a crescer e estão pouco a pouco a descobrir a sua própria sexualidade. Provocam os adultos para verem como é que eles reagem. Os jovens estão hoje muito mais abertos, têm mais informação o que não quer dizer que saibam as coisas, sabem mais do que sabiam se calhar à dez ou à vinte anos atrás. Os jovens na

idade dos pioneiros estão já numa fase em que estão, em que se sentem absolutamente à vontade para falar sobretudo uns com os outros sobre o assunto e também com alguém mais velho. Falar abertamente também não falam muito, não estão desportos para a sexualidade, não andam a pensar na sexualidade na idade dos exploradores. Os jovens até vão conseguindo encaixar a sexualidade na vida deles, se calhar necessitam, é de mais informação. Quando passa para a fase da carícia é muito difícil eles contarem. Os adolescentes são muito saudáveis, quando o dirigente consegue estabelecer uma boa relação com o seu grupo pode significar a pessoa importante e de referência, muitas vezes mais que os pais pois os pais são sempre os pais.

- **Actualidade** (G2; 28, 29, 39, 40, 44)

As coisas actualmente são um bocado ao contrário. Há uns anos eles faziam chantagem, ah se gostasses de mim ias para a cama comigo. Agora não é isso que está a acontecer, são elas que para mostrar que são emancipadas e que são mulheres modernas, depois se for preciso, no dia seguinte vão dizer aos amigos dele que ele não é nada de jeito na cama, conversando mesmo sobre isto no café. Actualmente os pais estão divorciados, ou seja, há uma desistência, uma falência da família nuclear e passamos para uma situação mono parental, no fundo a mãe continua é quem na maior parte dos casos continua a garantir a gestão da educação dos miúdos. Há hoje uma ausência pura da matriz. Os dirigentes podem ser actualmente essa presença e se calhar essa sucessão e essa resposta a uma pergunta que por vezes é desajeitada, mas cuja resposta é fundamental. Actualmente o dia é para trabalhar até às tantas e a noite para é divertir. Eles mudaram completamente a estrutura do nosso tempo. É esse mundo que eles vivem e se calhar o mais engraçado será nós pais, educadores, dirigentes, entrarmos no jogo deles até eventualmente à própria linguagem e eles perceberem que nós sabemos, porque a gente lhes fala nisso eles ficam a perceber que a gente sabe, faze-los perceber que conhecemos um pouco do mundo deles, termos atenção à realidade e ao mundo deles. Hoje em dia não há castigos, as pessoas ficam muito admiradas quando algum jovem é castigado.

- **Adultos** (G1; 7, 9, 10, 11, 15, 17) (G3; 58)

Os adultos tendem a complexificar as situações e teorizam mais. Têm pouca capacidade para discutir este tipo de assuntos. A sexualidade constitui um desafio para os educadores. É um papel exigente. Têm receio das perguntas dos adolescentes. Os adultos que gostam dos adolescentes devem falar com eles, partilhar e não passar ao lado das coisas. As preocupações não passam, nem mesmo quando eles entram na vida adulta. Como educadores que são, deveriam ter a preocupação de ouvir muito mais e deixarem-se interpelar pelos adolescentes. Poderiam, assim, descobrir que também têm, por vezes, medos superiores aos dos adolescentes. Há adultos esclarecidos e outros que não o são. Os adultos têm desconhecimento em relação não só à sexualidade como a outros aspectos sobre a adolescência. A tarefa do adulto é questionar e ser interpelado pelos outros.

Os comportamentos por parte dos adultos são muito importantes porque podem ser repressores de qualquer tentativa de contacto. Uma troca de carinho que os reprima e/ou que os afaste, pode leva-los ainda mais à desinformação e a refugiarem-se, a fecharem-se mais neles podendo começar ou iniciar experiências de sexualidade que lhes possa causar dano, quer moral, quer físico.

- **Afectividade** (G1; 3, 5, 8, 12) (G2; 42, 46) (G3; 57, 70)

A afectividade deve fazer parte ou ser parte integrante da sexualidade. A sexualidade não deve ser somente composta e/ou baseada nos aspectos mecânicos mas também conter a afectividade como um elemento principal. É muito importante a questão da afectividade, dos afectos, do lidar com o outro. O caminho é mesmo trabalhar a afectividade e o resto vem na sua continuação.

Os laços afectivos são quase como uma planta, ou são cuidados diariamente ou então não vale a pena, que aquilo morre e depois as pessoas não se conseguem agarrar a ninguém porque não sabem amar e há miúdos extremamente carinhosos. Por outro lado é necessário ter cuidado acerca da afectividade porque se essa afectividade é procurada nos dirigentes, este como irmão mais velho, que tipo de comportamento é que deverá ter para responder a determinadas carências afectivas que os jovens podem demonstrar.

Os adolescentes procuram afecto que muitas vezes não sentem da parte da família. Esta questão da afectividade deveria ser o início de tudo pois é por aí que começam as relações entre os miúdos, bem cedo até.

- **Antigamente** (G2; 29) (G3; 54, 57)

Os modelos antigos eram conservadores, arcaicos mas eram algo que as pessoas sentiam como podendo ser contestados.

A coeducação, ou uma espécie de coeducação só existia na minha escola porque éramos poucos. As cadeiras do lado direito eram das meninas, as do lado esquerdo eram as dos rapazes, os pátios eram separados, as aulas de educação física eram separadas e enquanto os rapazes tinham trabalhos oficinais, nós tínhamos algo como trabalhos femininos. Há cerca de quarenta e cinco anos, as escolas primárias eram separadas por um muro e era impensável existirem turmas mistas. O local onde as meninas faziam ginástica era o mais escondido possível. A farda que elas usavam era composta por uma camisola de manga comprida, umas meias altas, uns calções até ao joelho e uma saia por cima. Se algum dos rapazes espreitava através da fechadura da porta do balneário ou de alguma aula, na esperança de vislumbrar alguma coisa, no mínimo era expulso.

- **Campanha** (G2, 24)

Há diversas campanhas ligadas à sexualidade ou aos aspectos com ela relacionados. Por exemplo, campanhas nas escolas ligadas a marcas comerciais de produtos higiénicos, tampões, com folhetos explicativos.

- **Comportamentos** (G1; 11, 13, 14)

Há comportamentos rotulados como não sendo normais, como por exemplo, a homossexualidade. Os padrões de comportamento existentes a alguns anos atrás estão a mudar, a modificar-se. Actualmente há adolescentes que não querem ter relações duradouras para terem mais liberdade.

- **Confiança** (G1; 17, 18)

É importante sobretudo quando relacionada com o adulto ou educador. Sentirem que podem confiar para falarem sobre assuntos pessoais é essencial para o estabelecimento dessa mesma confiança. A confiança baseia-se na ideia que se tem de uma determinada pessoa e tem que ser construída. Há, no entanto, alguns perigos que podem abalar esta confiança como as experiências vividas pelos adultos quando contadas aos adolescentes, uma vez que podem não ser compreendidas fora do seu contexto situacional.

- **Consequências** (G1; 12) (G2; 23) (G3; 60)

As consequências apontadas são sobretudo as gravidezes precoces, tanto nos rapazes como nas raparigas e as doenças sexualmente transmissíveis onde a SIDA ocupa um lugar de destaque.

Há uma grande preocupação de tudo quanto se relaciona com a SIDA.

- **Cultura** (G3; 53, 56)

As coisas estão relacionadas com a cultura de cada um e não tem a ver com os valores que foram inculcados. Tenho alguns pioneiros que falam comigo abertamente mas outros nem sequer chegar ao pé deles e ter uma conversa que para mim seria normal. Isto também pode depender das idades.

- **Descoberta** (G1; 8, 14)

A descoberta do outro, do seu corpo, das pessoas do sexo oposto numa primeira fase da adolescência e o aprofundar das relações já numa fase posterior. Os entrevistados ligam a primeira fase da descoberta à idade dos exploradores (11-14 anos) e a segunda já na fase dos pioneiros (14-17 anos).

- **Dirigentes** (G1; 5, 10, 11, 15, 16, 17, 18) (G2; 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 47) (G3; 51, 52, 54, 55, 56, 59, 60, 65, 67, 70, 72)

Há Dirigentes que falam com os seus elementos sobre sexualidade. Apostam numa relação de qualidade e conseguem estar mais próximos que os professores. Os elementos confiam geralmente nos Dirigentes para falarem pois, na sua grande maioria, têm a vantagem de conseguirem fazer parte do grupo. Por outro lado, os Dirigentes também têm receio que os adolescentes venham fazer perguntas complicadas. O dirigente não deverá criar um bicho-de-sete-cabeças e abordar o assunto com muita naturalidade. Os chefes de grupo (ou de unidade) preocupam-se em ver, no surgir das conversas o que se pode abordar. Há situações que podem constituir-se como um ponto de partida para a abordagem inicial e depois individualmente deverá haver essa disponibilidade para falar e ouvir. Não parece nada mal que a iniciativa de falar parta do Dirigente. O Chefe também pode pôr a sua experiência e há até opiniões que falam da vantagem do Dirigente ser capaz de falar sobre a sua experiência pessoal, pois pode, por vezes, ser importante e libertador até. No entanto, deve ser feito com muita cautela ao partilhar a sua experiência porque podem construir referências, legitimar maneiras de pensar através da sua experiência pessoal.

Aos Chefes preocupa-os se eles conseguem lá chegar, aos adolescentes. Achem que não tem força suficiente porque na sua ingenuidade, calam-se, não falam, não propõem, não sugerem. Há dirigentes que se sentam a conversar com os seus elementos e estes ficam pasmados pois não estão habituados a que os adultos se sentem com eles a conversar sobre a temática com alguma naturalidade. Fica a questão, que dirigentes é que estarão preparados para viverem com factos concretos pois não basta só ter preocupações ou dizer que é proibido. Teorizamos muito e não estamos preparados para viver esta temática com os problemas que isso acarreta e até inclusivamente para saber. Mais do que nos sentimos formadores, como alguém que vai dar qualquer coisa ou fazer qualquer coisa é importante esta presença, o estar atento às questões e às respostas que se possam vir a dar. É estar atento e a pouco e pouco entrar no mundo deles e conseguir chegar a eles, alguém com quem os adolescentes se sintam seguros para falar e inclusivamente para contar algumas das suas experiências. Temos é que ter abertura suficiente para nos sentarmos com eles a discutir as razões porque é que eles fazem isto, o que é que os leva a fazer isto ou aquilo, o que é que tu pensas disto ou daquilo e isto é

muito mais proveitoso, não descurando as regras existentes mas também não as impondo de forma rígida, eles é que têm que escolher o seu caminho. Eu como dirigente não me sentiria bem em chegar ao pé deles e dizer “ora bem, hoje vamos falar de sexualidade”. Os dirigentes tem que arranjar tempo para o escuteiro porque é o princípio da meada quando ele não tem ninguém que o ouve. Há ainda muitos dirigentes muito bloqueados porque é ainda um assunto tabu, pouco falado, com pouca ou nenhuma formação e a associação também não tem tido esse cuidado. Nós somos aprendizes de feiticeiro e isto vem da tendência de nos desenrascarmos. É preferível aprender primeiro e se não sabemos, recorrer a quem sabe, do que estar a ter atitudes más e erradas. Os dirigentes tem o problema de como é que hão-de abordar o problema e sobretudo de como é que isso é aceite depois pelos pais, pela família em casa. Também não podemos chegar ali e impor uma regra pois é complicado para um dirigente gerir e explicar a sexualidade aos miúdos porque o problema vem de casa. Pode é caber ao dirigente começar a avisar os pais e nas reuniões de pais começar a abrir o espírito dos pais que oportunamente se alguém fizer uma pergunta, que nós vamos responder de forma concreta. Há muitos dirigentes desformatados, com falta de sensibilidade, sabedoria, de ser uma irmão mais velho. Temos mais vantagens que os professores e muitas vezes que os pais porque estamos habitualmente em espaços de confissão de relaxamento, de companheirismo. Um chefe que não fala com os miúdos, onde as coisas não são debatidas, não tem hipóteses. Nós somos uns facilitadores daquilo que pode vir a acontecer naquele rapaz ou naquela rapariga, de bom e de mau. Temos que ser capazes de falar com eles sem os julgar, estar lá a ouvir. Se não soubermos, admitir e ir à procura de informação ou de quem saiba. Também temos que acarinhar os chefes de unidade porque a associação tem gente muito boa e a fazer bom escutismo embora depois existam aqueles que não são dirigentes do escutismo nem coisa nenhuma.

Os dirigentes acham que os mais novos são assexuados, não têm sexo. Conversamos com eles sobre as nossas próprias experiências. Esta geração de velhinhos tem ainda muitos tabus, fala-se assim da geração dos dirigentes, tabus, dificuldades... Para mim é um assunto que não me sinto assim tão à vontade. As situações que por vezes surgem foram realmente espontâneas e gostava de o ser mas não sou entendido no assunto e lidar com essa situação à vontade... sinto-me à vontade para falar com eles abertamente e eles sentem um à vontade mais que suficiente para falar abertamente comigo nesse

aspecto. Acho que é muito importante que qualquer equipa de animação dos pioneiros tenha uma figura feminina. Se eu os recriminasse à frente dos outros, se calhar eles iam fazer mais às escondidas para provocar, não é? O problema é quando os dirigentes insistem em bloquear a situação e agridem-nos de uma forma que eles ficam magoados. Se calhar a resposta mais simples é deixar estar, quando chegar a altura tu sabes como é que há-de reagir. Há uns que dizem logo que nem sequer querem ouvir falar do assunto e há outros que dizem isto. Nós como dirigentes temos alguma formação, pouca, não somos educadores formados e nunca sabemos até, a que ponto é que nós somos bem vindos em algumas situações que algumas famílias podem achar piada ou não podem achar piada. Algumas vezes noto uma certa abertura para falarem comigo sobre o tema, nomeadamente quando são mais velhos e tiveram outras experiências como a participação nos convívios fraternos. Quando há só dirigentes masculinos é um bocado... torna-se difícil não pela questão de não saber o que se há-de dizer mas como se há-de dizer. O mais difícil de ultrapassar é as pessoas que não se querem preparar. Se nós dirigentes não tivermos à vontade, se não tivermos um mínimo de conhecimentos para abordarmos esses problemas, não chegamos lá. Temos que ter consciência que nunca vamos conseguir que 80% dos dirigentes estejam preparados e se calhar também temos que dar espaço às pessoas para terem a noção de que eu por aí não vou.

- **Educação sexual** (G1; 4, 6, 7) (G2; 24, 26, 28, 34, 42, 44) (G3; 53, 62, 63, 69, 73, 74)

A educação sexual que se dá nas escolas é descrita como sendo única e exclusivamente mecânica e física. Falar somente nestes aspectos mais ligados à biologia, sobretudo numa idade em que outras coisas estão já despertas, não traz grande interesse e pode até perverter a abordagem à temática.

Há campanhas de educação sexual ou denominadas assim que consistem somente em distribuir, por exemplo, pensos higiénicos e tampões de uma determinada marca comercial, juntamente com um folheto. Com isto quero dizer que há campanhas que são sobretudo publicitárias e menos de cariz educativo. Por outro lado, as coisas não lhes são incutidas de uma maneira que os entrevistados consideram saudável, por exemplo, à mesa com a família ou no ambiente por eles conhecido em vez de ser, como acontece algumas vezes, em consultórios de técnicos, médicos, enfermeiros. Esta educação pode

até acontecer nos escuteiros ou na escola, mas sempre enquadrada num projecto educativo e não como acontece actualmente. Não adianta fazer esta educação sexual por marcação pois não é quando nós queremos mas sim quando eles perguntam. Quando isso acontece, quando a questão ou questões surgem, há que ter o à-vontade para lhes responder de forma serena e clara. Esta educação não pode nem deve ser realizada fora do contexto da família ou com o desconhecimento dos pais. Também é necessário questionarmo-nos até que ponto os pais aceitam esta temática e não a consideram como uma interferência nas suas dinâmicas familiares. Por outro lado, eu questiono-me também até que ponto será gostar do seu filho, ocultando-lhe algo que faz parte da sua natureza, deixando à natureza e sobretudo aos amigos, a educação nesta temática. O que parece ser do consenso comum é que esta educação bem como outras têm sido transpostas da família para a escola e desta para os escuteiros. O ideal será que isso aconteça através da família. Quando o interesse começa a levantar no grupo, porque não chamar um médico, alguém da nossa confiança, um enfermeiro, alguém que se sinta à-vontade, para falar sobre sexualidade. Pessoalmente acho que nem sempre os médicos ou os enfermeiros são uma boa escolha.

Quando se fala ao nível do desenvolvimento físico, para eles (dirigentes) está tudo relacionado com o aparecimento dos pelos, o crescimento das mamas, a barba, a voz e depois a procriação. Aham que não deve ser dada em qualquer idade, que há uma idade própria para se começar embora não digam qual. À medida que se vai crescendo, quer a nível físico do corpo, quer a nível dos sentimentos, quer a nível dos pensamentos, quer a todos os níveis há ali diversas dimensões que se vão complementando e que é necessário também explicar e dialogar sobre elas. É um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais e é preciso ver tudo por detrás desse crescimento. A nossa missão pode ser, assim, um complemento à família. A grande crítica à educação sexual nas escolas é que é extremamente genitalizada e está a falhar na parte dos afectos, que muito antes do acto sexual, muito antes da masturbação, muito antes doutro tipo de manifestações físicas, que deveria se calhar falar-se logo nos lobitos, como já muitas pessoas falam, se calhar não com aquela consciência mas na questão dos afectos que é muito mais importante. O grande problema que há neste momento é o dizerem “meu amigo, tens um preservativo, tens a tua situação resolvida”. Não se deverá passar só pela distribuição dos preservativos.

- **Escola** (G1; 4, 7) (G2; 23) (G3; 53)

Os entrevistados questionam-se como é que se trata a sexualidade nas escolas sendo, na sua grande maioria de opinião que é da pior maneira, de uma forma mecanizada e desprovida de valores.

Também na escola se vivem outros problemas, que são mencionados diariamente nos *media* sendo a realidade da sexualidade uma das mais referidas ultimamente.

Na escola passa por vezes a ideia que a sexualidade é sexo, que é tabu, que não é para se falar nisso.

- **Escutismo** (G1; 11, 15, 16) (G2; 30, 31, 32, 34, 37, 40, 49) (G3; 55, 71, 74, 75)

Os escuteiros podem ser importantes. Por vezes há um pedido de apoio e é positivo que existam agrupamentos onde a temática da sexualidade seja abordada. É possível criar uma actividade que lhes dê espaço para falar, até eles perceberem que há espaço para falarem, em grupo ou individualmente.

O CNE é uma boa referência para os jovens. Temos a arma secreta que é o imaginário criado por BP. H+ a que fazer todos os esforços para repor esse imaginário, lançá-lo junto dos miúdos e faze-lo suficientemente forte para que os adolescentes não necessitem procurar outras coisa à sua volta, com imaginários fúteis, de apelo ao consumo e o que vale é o medo, o ter prazer. O escutismo é uma ajuda óptima no processo de educação global dos miúdos. Estamos a demorar muito tempo a pensar e quando temos alguma coisa implementada já temos uma série de acidentes grandes (ainda não temos). Temos coeducação há 30 anos pelo menos dentro do movimento e não sei se será muito ou pouco tempo mas já era altura de irmos pensando nestas temáticas. Temos que começar a dizer nas reuniões de pais que estamos aqui para educar os miúdos no seu desenvolvimento pessoal. Não somente na sexualidade mas com esta integrada em algo de muito mais grandioso que é o seu filho. Nós somos um grupo de referência e por isso temos uma arma a nosso favor. Temos alguma capacidade

de demonstrar que a felicidade vale a pena, que amar vale a pena. A verdade, no entanto, é que também há agrupamentos que infringem as regras por todos entendidas como tal o que leva q que num agrupamento se faça de uma maneira, na boa, por exemplo, dormirem todos na mesma tenda, e noutros isso não acontece. Por incrível que pareça é o que faz que fica um pouco exposto ao ridículo.

Um ambiente à parte é que sabem situar nesse ambiente de grupo que eu penso que será diferente nesse aspecto do grupo da escola, em que eles, noto neles que eles não se retraem ou não estão a pensar “não vou fazer isto porque sou escuteiro ou sou pioneiro”, eles estão a pensar que podem ferir alguém. A maneira mais fácil a nível de uma associação como a nossa, podemos começar pela parte mais simples que é da igreja, se a gente for a ver não em relação ao final, ou seja, ao acto em si mas em relação à vida, em relação aos afectos de quando se está a falar, em relação em que o casal é mais qualquer coisa do que duas pessoas que fazem um contrato de compra e venda, a tal relação para a vida tem, que ser baseada em mais qualquer coisa do que o sexo e do que um contrato de compra e venda. A nossa perspectiva na associação é virada para a educação dos valores, completamente. Eles às vezes têm receio de serem gozados por serem escuteiros católicos.

- **Experiência** (G1; 11, 15)

Os adultos são, por definição, marcados pela experiência e quanto mais velhos mais difícil é abordarem aquelas questões. Têm alguma experiência acumulada, embora defendam que os adolescentes, tal como eles, também têm experiências acumuladas que eles não tinham.

- **Família** (G1;4, 7, 10, 11, 18, 19) (G2; 21, 22, 29, 30, 33, 34, 35, 42, 44)
(G3; 53, 54, 63, 64, 65, 71)

Existem muitos pais que apesar de estabelecerem uma boa relação com os seus filhos, nunca tiveram uma conversa cara a cara com eles. Há famílias que falam com os seus filhos sobre estas questões e outras não. Os pais são muito importantes e deles depende a educação mas nem todos os pais estão dispostos a conversarem sobre esta temática sem que isso signifique que a relação não seja muito boa. O sexo também choca um bocado os pais e eles têm dificuldade em falar nisso.

A família deveria ser a primeira educadora. Cada vez mais, a família tem menos tempo de proibir determinados programas ou visualizar todos para ver mais ou menos e orientar o que eles podem ver. Há pais que desistiram de fazer isso com os filhos. Os pais não estão e/ou não têm tempo porque estão muito cansados. A representação que existe actualmente da família é de uma estrutura que chega tardíssimo a casa, com muitos problemas para resolver, saturados do trabalho, a ganhar mal e a refilar com tudo e com todos. Por outro lado, há pais completamente indiferentes. Uma família estruturada, com uma forte matriz acaba por ter resistências, anticorpos internos que possibilitam outro tipo de abordagem às situações e nota-se logo que os miúdos são mais equilibrados. Uma família desestruturada, a ausência do pai e da mãe, o esquecimento, a indiferença, esses miúdos facilmente se aliam a qualquer coisa que acaba por ser o grupo de referência mais próximo dele. Os problemas começam normalmente em casa porque ninguém diz nada. Os pais também precisam de educação sexual para poderem depois transmitir aos filhos. Neste momento a grande maioria deles não tem ou não quer ter conhecimento dessa informação, já que estão à espera que na escola venham falar da temática. É grave os pais não conseguirem explicar por exemplo à filha o que é a menstruação, preveni-la, para que a rapariga saiba como agir quando isso acontecer, nomeadamente nos acampamentos. Não há grandes laços, os miúdos entram a correr, da escola, dão um beijo quase no ar em vez de dar na cara da mãe e sentam-se, é um corre-corre. Os pais compram o carinho dos filhos, não têm tempo.

Na família ainda passa a ideia que a sexualidade é sexo, é tabu, não é para se falar. Ai meu deus se eu alguma vez falava disto com os meus pais. Os pais não têm tempo para

se preocuparem, para olharem para os filhos, para os acompanharem. Por outras razões eu não tive grande abertura em relação à minha filha em termos de educação sexual, porque era assim mesmo, não se falava e nós quer queiramos, quer não, por muito abertos que sejamos, somos influenciados e os valores que a educação tem. Eu acompanho muito mais a minha neta que tem sete anos que os pais nesse campo específico, é aquilo que tenho conseguido evoluir. O pai deveria falar com a filha e explicar-lhe as coisas que podem acontecer mas de outra forma, há o receio de ser considerado bota-de-elástico e então há pais que parecem ser os irmãos mais velhos. Esta temática até poderia ser uma coisa simples de se falar em família, as suas relações e o porquê.

- **Formação** (G1; 8) (G2; 28, 29, 30, 31, 32, 35, 38, 45, 46, 47, 49) (G3; 52, 70, 71, 72, 73, 74)

A sociedade tem obrigação de formar as pessoas.

As pessoas que frequentaram cursos de formação aprenderam muita coisa o que lhes deu à-vontade para falar no assunto com os jovens. Temos que ter uma estratégia para ajudar os dirigentes, em primeiro lugar ao nível da informação para eles próprios. Esta formação tem que ser a melhor possível para que eles estejam absolutamente atentos a esses momentos de oportunidade junto dos jovens, seja a velha conversa à volta da fogueira, aquele momento ao caminhar no raid, ou naquele momento à saída da actividade em que o escuteiro diz “Oh, Chefe, gostava de falar consigo”. Tudo isto passa por uma boa formação e os dirigentes ainda têm muita falta de formação ao nível da educação sexual. Tem que haver mecanismos de formação o quanto antes porque temos que acompanhar os dias de hoje a os adolescentes de hoje. Nós temos que nos alertar e educar porque por exemplo, um homem casado sabe o que é uma menstruação mas provavelmente muitos não sabem como lidar com ela. Esta formação terá que passar por uma parte técnica, teórica sobre a sexualidade mas depois deve passar por uma parte de relações humanas. É necessário um sub módulo só dedicado à sexualidade. Ela está integrada na coeducação mas 2 horas não chegam. Se falarmos na sexualidade só relacionado com a coeducação não dá embora estejam muitos conteúdos, demasiados até para o tempo disponível. As pessoas ficam baralhadas porque associam com a

educação a sexualidade unicamente. A educação também mexe com outros campos da vida. Poderia haver um só espaço para falar sobre este assunto, para debater em concreto o que é que um chefe, qualquer chefe pode e como actuar, pois qualquer um pode ser chamado. Não pode ser só teórico, não pode ser só um formador, tem que ter em conta os exemplos do terreno. Poderiam até associar-se às famílias, chamado os pais, convidando-os a assistir porque de certeza que muitos pais estariam interessados nessa formaçãozinha e não é preciso ir muito para grandes conceitos. É dar pistas de como actuar se determinadas situações ocorrerem. A formação actual tem conceitos interessantes mas não dá indicadores de como actuar se por exemplo, tiver uma situação de uma gravidez na adolescência. Este é um tema que nos compromete e muitos dirigentes fogem dele. Também é necessário fazer em conjunto porque onde é que acaba a responsabilidade dos departamentos pedagógicos e onde é que começa a responsabilidade do departamento dos adultos? Isto no que toca a formações bem dadas é necessário ter cuidado porque como formadores estamos capacitados e bem para dar formação mas depois vem os pedagógicos e dizem que isto é da área deles.

Com esta experiência do CIP, a questão quando se fala da coeducação, houve reacções muito violentas e alguns dos alunos que estavam ali, não são coisas que se tenham que falar, não são coisas que têm de ser tratadas. Eu senti da parte de alguns muita dificuldade de tocar nestas questões. Ao nível da formação já se trabalha muito nesse campo embora não possa ser assim numa hora e meia de uma unidade que vai mudar as formas de actuar, de estar e de transmitir. Há uns princípios, se calahr há uma teoria que é fundamental conhecer-se para depois saber como actura. O nosso departamento de formação se preocupasse em fazer um “remédio” específico para dirigentes porque nós não chegamos aos miúdos se não sabemos falar a linguagem deles. Se eles virem que estamos preparados, temos respostas, se criarmos essa empatia para lhes proporcionar um ambiente que favoreça essa troca de emoções, é o ideal. Portanto os dirigentes adultos deviam ser melhor formados, não só no CIP mas com unidades de formação específica, encontros porque para os adultos não há problema. Poderíamos ter um apoio de pessoas bem formadas teoricamente. Não é com duas ou três horas do assunto, eu põe exemplo posso dizer aqui que posso sentir-me à vontade para estar a falar do assunto mas não me sinto à vontade para coordenar esta coisa ao nível de um agrupamento. É esta dimensão da formação e agora agarrarmos aqui e criar um curso intensivo. Não vai ser de um dia para o outro de não começarmos a pensar já. A

linguagem que às vezes é utilizada pelos técnicos, quando estão com os miúdos, é tão complicada que eles desligam completamente e não funciona.

- **Género sexual** (G1; 3, 11, 12, 14) (G3; 55, 57, 66)

Há diferenças de actuação e comportamento pelo facto de se ser rapaz ou rapariga. Ainda existe aquilo que os entrevistados consideraram como “um padrão machista” e as preocupações podem ser de cariz diferente. Por exemplo, os rapazes podem ir a qualquer lado sem qualquer problema enquanto que as raparigas estão sujeitas a agressões, que os rapazes se calhar não estão. Ainda há quem pense assim, sendo até considerado natural, pois basta interpretar os factos (leia-se *media*) e parece que as raparigas são mais “atacadas”, mais frágeis. As raparigas também se desenvolvem mais cedo pois na idade dos exploradores, aquilo que ainda é a fase da descoberta, para as raparigas já é uma fase de experimentação.

No grupo de exploradores nota-se muito a diferença dos rapazes para as raparigas, eles querem brincar e pular e elas falam muito em namorar. Elas pensam que sabem mais do que aquilo que sabem e na idade dos pioneiros, elas são mais desenvolvidas do que eles em termos racionais. Os rapazes esquecem muito mais facilmente, no caso das raparigas é mais difícil a questão de serem gozadas.

- **Grupos** (G1; 7, 9, 12)

Há vários tipos de adolescentes consoante as características dos grupos onde estão inseridos. Uns lidam em grupos mistos e têm uma vivência completamente diferente, outros fantasiam mais, são mais inibidos e/ou não partilham tanto. É sempre diferente se estamos a falar de grupos mistos, onde há uma vivência mista, de coeducação. Ainda hoje se sente essa diferença, da vivência em grupos mistos e em grupos mais restritos, sobretudo nas escolas ou colégios onde existiam somente raparigas ou rapazes (onde a coeducação não existia). Nestas escolas, a liberdade era muito restringida e esta temática não era discutida. Em grupos mistos o à-vontade era muito diferente e as coisas não eram discutidas com tabus e preconceitos. O grupo continua a ser uma fonte de informação e de inter ajuda importante uma vez que permite a discussão de coisas que de outra forma não seria possível.

- **Idade** (G1; 11, 13)

A idade dos educadores é de grande importância quando se considera a abordagem à sexualidade. O sentir-se próximo dos adolescentes em termos etários permite maior abertura. Outra das características importantes está relacionada com a experiência familiar, sobretudo quando isso ajuda na proximidade com os adultos. As ideias que cada um tem estão intimamente relacionadas com a idade, quer sejam dirigentes, quer sejam elementos.

- **Imagem** (G2; 21)

Vive-se muito pela imagem e não só nas raparigas.

- **Informação** (G1; 8, 9, 18, 19, 20) (G3; 52, 53, 54, 62, 64, 68, 76)

A procura de informação começa muito antes da adolescência pois nessa altura as “coisas” principais estão já absorvidas embora não seja de igual forma para todos. Nalguns meios haverá adolescentes ainda com muitas dúvidas e ansiedades devido aos tabus existentes, pelo que terão falta de informação e informação que é vital para a saúde. A necessidade de informação existe muito mais cedo do que possamos imaginar e é algo que se faz sentir sempre, à medida que o tempo passa, os adolescentes vão querendo saber cada vez mais. A necessidade de informação está lá, vai é sendo diferente à medida que eles vão ficando mais velhos. No futuro terão mais acesso à informação o que não quer dizer que estejam mais informados. Vão ter respostas mais rápidas e com as novas tecnologias vão poder fazer perguntas que pessoalmente não fazem. Actualmente já procuram os Dirigentes através do Messenger. Açam que assim podem obter respostas mais facilmente e que podem ter conversas mais sinceras. Já no tempo da carta era assim só que levava muito mais tempo. Actualmente há muita informação, é possível fazer perguntas, é fácil comunicar e todos estes meios permitem-nos não estar olhos nos olhos, a sentir a reacção das pessoas. No entanto o viver é lado a lado.

A questão da informação, não há assim tanta, há muita informação mas eles não assimilam tanto a informação da coisa. O excesso de informação gera desinformação. Eles pensam que sabem muito e que têm um manancial de informação e quando a gente começa a utilizar a etimologia normal, eles próprios começam a corar, ficam muito aflitos porque eu estou a falar da mesma coisa que eles às vezes falam com termos pejorativos. Eles não aprenderam foi a seleccionar a informação, a ver a fonte onde foi baseado. Obtém más informações por vezes de outros jovens sem conhecimentos. Custa a crer que haja falta de informação ou falta de esclarecimento sobretudo numa miúda que está prestes a ser menstruada e que não esteja minimamente preparada ou que não vem minimamente aconselhada, embora isto dependa da idade, da localidade, do estrato, da cultura. As pessoas não fazem filtragem da informação que recebem seja ela da Internet seja ela da televisão.

- **Media** (G2; 21, 22, 43)

Os filmes para adolescentes têm uma temática que é sempre sexo e em que eles acabam por ter relações sexuais pela primeira vez cada vez mais novos. É isso que vende na televisão, este tipo de imagens e tanto se vende que as pessoas acabam por comprar. Mesmo que se queira fazer alguma triagem é muito difícil. Não se trata de filmes e de telenovelas referirem a realidade que vivemos mas pelo contrário, criarem uma realidade que se possa viver ou que eles querem que se viva. Um exemplo interessante é o *Morangos com Açúcar* em que é passada com adolescentes e é uma sexualidade vivida fora da afectividade. Tudo o que tem a ver com os afectos, há uma banalização muito grande e um desprendimento porque isso não aparece nos filmes, nem nas revistas. Qualquer revista de adolescente, uma pessoa abre e vê lá todas as formas de engate e mais alguma.

- **Mito** (G2; 41) (G3; 53, 58, 64, 73)

Os adolescentes têm a ideia que o casamento é algo ultrapassado.

Tu agora podes fazer sexo à vontade porque agora chegas à farmácia, compras um aspegic e fica tudo bem. Nos exploradores surge muito a ideia do beijo engravidar. Da

primeira vez que se tem relações não se engravida. Os miúdos acreditam mais nos mitos que noutra tipo de informação.

- **Moda** (G1; 13, 14) (G2; 21)

A moda afecta aquilo que os adolescentes pensam sobre os assuntos e os seus comportamentos. Se é moda ser-se completamente liberto, desprendido, ter várias experiências, então os adolescentes, na sua grande maioria irá ter este tipo de comportamentos. Estas coisas são passadas pelas vedetas e popstars que anunciam as suas vivências e fazem disso valor.

Os adolescentes seguem os padrões que vêm na televisão.

- **Moral** (G1; 11)

A moral é diferente consoante são rapazes ou raparigas e está subjacente aos comportamentos esperados.

- **Liberdade** (G1; 7, 9) (G2; 26)

A liberdade é um conceito muito vasto e diferente para cada um dos entrevistados. Está relacionado com o espaço de cada um e o respeito pelo outro.

Os adolescentes gostam de liberdade até certo ponto porque a anarquia não funciona muito bem com eles, eles gostam de pensar e ter que o fazer.

- **Preconceito** (G1; 11, 12, 13, 17)

Há ainda muitos preconceitos. Por exemplo, uma relação entre dois jovens fora de qualquer compromisso, para o rapaz é considerada experiência enquanto que para a rapariga é considerado promiscuidade.

- **Professores** (G1; 7)

A grande maioria dos professores não está preparada e/ou motivada para falar de sexualidade aos seus alunos.

- **Realidade local** (G2; 29, 32)

Os estilos de vida estão relacionados com as realidades locais. No litoral do país, as pessoas acham que lá existe uma correria, falta de tempo para a família, para os filhos e que o tempo parece que criou uma situação de vácuo. Temos muitos agrupamentos com igrejas extremamente arcaicas, com dirigentes de ramos profissionais e de cultura geral se calhar muito mais retráidos do que eventualmente na faixa litoral.

- **Referência** (G3; 55)

Quando alguém é uma referência torna-se mais fácil a abordagem, seja por ser do mesmo género sexual, ou por criar empatia.

- **Relação** (G1; 4, 5)

As relações são muito mais do que a questão física ou anatómica. As relações que se estabelecem entre os Dirigentes e os seus elementos são de maior qualidade que na escola ou até mesmo em casa.

- **Religião** (G1; 4) (G2; 24) (G3; 60, 61, 62, 75)

Não se tem em conta a religião dos alunos e os valores daí subjacentes. Os adolescentes têm valores.

Os jovens vivem dois caminhos, aquilo que a nossa Igreja diz e emana e depois aquela realidade com que são diariamente bombardeados.

Eles às vezes perguntam algumas coisas mas se calhar já vem com o problema religioso de base. Eles querem saber como é que é mas depois não sabem se hão-de perguntar mais porque quando somos católicos, será que a gente deve falar do assunto e só quando têm abertura suficiente e se calhar só já os mais velhos é que são capazes de falar sobre isso, porque até ali, até uma certa idade aquilo bloqueia mesmo. Há questões difíceis de compreender, também não é fácil compreender aquilo que é a posição da igreja sobre o aborto, sobre o preservativo. A malta nunca parou um bocadinho para pensar sobre as coisas e sobretudo a quem nós nunca demos uma explicação clara, porque aquilo que eles ouvem é o diz que diz e muitas vezes não é a verdade. A grande maioria não sabe e desconhece a posição da igreja sobre estas coisas, sobre o preservativo, se calhar, eles cortam-se um bocado a falar sobre estas coisas. O preservativo é só isso, é por e usar e já está e não se percebe o que está por trás que é toda uma riqueza da vida sexual. Há muita desinformação sem dúvida. As pessoas vão atrás daquilo que é a opinião geral, muitas vezes aparecem pessoas a falar, um pouco em nome da igreja e gritam bem alto para toda a gente ouvir, mas que depois não sabem aquilo que estão a dizer e muitas vezes não dizem a verdade e as pessoas captam aquilo que os outros dizem e por isso captam ideias erradas das coisas. A igreja tem uma posição muito clara e sobretudo muito rica, cada pessoa agarra ou não agarra e cada um é livre de agarrar ou não agarrar mas há muita desinformação sobre esses temas. A questão da educação sexual as pessoas não estão interessadas em esclarecer, muitas vezes quando há debates e assim, o mais importante é logo atacar a posição da igreja. Também há muitos chefes que estão muito fora daquilo que é a posição da igreja, mas por ignorância. Vê-se claramente que as pessoas não percebem o significado das coisas e depois dizem aquilo que é comum, aquilo que está na moda, os valores são valores da moda e são esses que procuram transmitir, mas é sobretudo uma desinformação e uma ignorância quanto à posição e aos valores que a igreja transmite. Ser-se católico e afirmar-se católico porque se nuns sítios é perfeitamente natural, noutros não é bem assim e a pressão do grupo pode ser uma questão muito importante.

- **Responsabilidade (G1; 6)**

A sexualidade deve estar associada a responsabilidade, desde cedo.

- **Saúde** (G3; 76)

É bom que eles tenham consciência do preservativo e da eficácia que ele pode ter.

- **Sexualidade** (G1; 3, 5, 11) (G2; 21, 23, 24, 36, 41, 43, 47) (G3; 51, 52, 53, 54, 58, 59, 62, 64, 66, 69, 73, 74, 75, 76)

A sexualidade dos adolescentes está relacionada com a forma como eles encaram a relação com as pessoas do outro sexo e a relação do ponto de vista social, afectivo, formas de estar e de ser, entendendo a sexualidade de uma forma mais abrangente. Actualmente está muito relacionada com a parte biológica (mecânica) e em diversos contextos. Consideram que a sexualidade tem outras facetas, algumas das quais difícil de explicar até pelos dirigentes pois nem eles nem os adolescentes conseguem compreender todas as dimensões pelo que se torna difícil de explicar ou falar. Se a sexualidade for valorizada, há que fazer passar a mensagem que há coisas bonitas para viver e que devem e podem ser bem vividas.

A sexualidade é vivida com muita falta de maturidade e de responsabilidade. No início da descoberta da sua sexualidade eles poderão ter um pouco um conflito interpessoal entre o receio do seu desenvolvimento sexual e aquilo que neste momento a sociedade impõe da naturalidade do sexo. Os adolescentes vivem com o dilema de viver a sua sexualidade e a possibilidade de contraírem as DST's. A sexualidade continua a ser um assunto tabu, que não se fala onde deve ser falado. Relativamente a esta temática, às vezes não quer dizer que não se saiba, mas não se tem à-vontade, para não estar a cometer juízos de valor, os nossos próprios medos, os nossos próprios traumas e fobias. Temos que ser simples, não é com grandes teorias que a gente vai lá falar com o pioneiro, o que é isto do amor e a capacidade de amar alguém durante anos e anos. Eles sabem que o importante é ter sexo hoje e o amor fica de lado. O amor deve ser o ponto e partida e quando estamos a falar de sexualidade estamos a pensar nessa perspectiva e essa ideia do amor e da afectividade passa por ser uma grande dose de respeito pela outra pessoas e amar será fazê-los ver que a miúda de quem eu gosto, não é só para curtir, para gozar, para usar e deitar fora. Outra questão que não deixa de estar ligada à sexualidade dos adolescentes é o suicídio. Quando falamos da sexualidade dos adolescentes, reparem que fizemos sempre a repercussão para as situações de referência que temos.

A provocação dá-lhes imensos pontos e sentem-se muito superiores quando denotam que da parte do adulto não há capacidade para pegar na conversa e seguir com eles. Embora se diga que há muita abertura ainda não são temas que se falem à vontade. Sexualidade é sexo. Para falar de sexualidade tem que ser alguém muito próximo e que fale com a maior das naturalidades. Toda a gente parte do princípio que falar de sexualidade é falar de acto sexual em si. Eles contam tudo até ao beijo, da maneira mais simples e mais aberta e até são capazes de dizer quantidade que deram naquela semana. Eles não vão perguntar a questão em si. As respostas que eles dão uns aos outros é “isso não se precisa perguntar, toda a gente sabe como é que é”. Tudo o que dizia respeito à sexualidade era a parte animal que acabava de surgir. Então não precisava de se falar disso porque quando lá chegarem deixa estar que aquilo dá tudo certo. São temas que continuam a não ser fáceis de eles perguntarem a quem os pode esclarecer, há quase a ideia que não vamos falar sobre esse assunto. As dúvidas vão-se acumulando e quando precisam de as esclarecer, muitas vezes esclarecem-nas da pior forma. Quando começam a ser mais velhos aquilo deixa de ser um bicho-de-sete-cabeças. A sexualidade não é só físico, será as nossas vivências, a sexualidade começa no dia em que nós nascemos. Os dirigentes que trabalham com as secções é que se deparam com determinadas situações que gostavam de ter alguma preparação prévia. Muitas vezes a mensagem que se passa não é a mais correcta mesmo neste campo da formação. As minhas convicções podem-me dizer que se calhar devo incorporar a sexualidade numa dimensão mais vasta que é a dimensão humana e devo incorporá-la aí embora reconheça que existam outras formas de ver as coisas. Muitas destas questões, mesmo ao nível da associação também são um bocado difíceis de compreender. O mal não está de facto no preservativo, acho que o mal está em entregar o preservativo sem mais nada, poderiam entregar depois de se envolver o preservativo noutra série de coisas. A questão da sexualidade tem que partir de um tema mais vasto que é a promoção da saúde.

- **Situações concretas** (G2; 27, 32, 33, 34, 40, 46, 48) (G3; 65, 66, 67, 68, 74, 75, 77)

Preservativo – há adolescentes que não sabem como é que se aplica, mesmo sendo de zonas de turismo, em que a ocasião faz o ladrão por mais católicos que sejamos. Uma miúda entrou num ataque de histerismo porque estava a vir-lhe a menstruação pela

primeira vez. Uma dirigente da IV Secção dizia publicamente às suas raparigas que quando tinha a menstruação deixava de tomar duche e fazer a sua higiene. Um dirigente, num acampamento em que veio o período pela primeira vez a uma miúda, ele tirou-a cá para fora da tenda, ela começou a chorar porque estava suja de sangue e ele pegou no telemóvel e perguntou à sua companheira, o não sei quantas (à frente da miúda) a gaja aparece aqui com sangue isto é o quê?” Outro exemplo foi uma miúda que aparece com a menstruação num raid e a ordem era para que toda a gente fosse tomar banho a seguir uma vez que havia condições para isso. Ora acontece que a cultura da miúda e os hábitos em casa eram exactamente contrários e aquilo deu polémica pois a miúda chorava, os outros gozavam com ela porque como eram mais novos não sabiam o que se estava a passar e como os valores que ela trazia de casa eram esses, não havia forma de lhe explicar que não havia nada de errado. As questões começam a colocar-se no final dos exploradores, quando as raparigas estão com 13, 14 anos e nos rapazes no início dos pioneiros em que se perguntam “porquê amar? porquê viver com alguém, eu comecei a namorar mas eu quero curtir, não quero namorar, e quando alguém lhe diz assim “mas porque é que queres prejudicar aquela que gosta de ti..., por exemplo falando na questão do amor, do amor que ele lhe vende porque ouviu dizer que o que interessa é engatar a fulana para... porque lhe interessa a relação sexual, não é? Hoje com uma e amanhã com outra. Outra situação é perante a homossexualidade como é que hão-de os dirigentes reagir. Num acampamento estava um grupo pioneiro com outro e a determinada altura, aparece uma miúda na tenda onde o pioneiro ia dormir. Ele estava com os pioneiros do outro agrupamento. O chefe foi ver quem estava e quem não estava não tendo visto a rapariga. Os outros disseram-lhe para ele não dizer nada ao chefe e a miúda passou lá a noite. O miúdo sentiu-se mal porque achava que como guia não poderia fazer aquilo mas pressionado pelos outros fez, o que fez com que andasse angustiado e quisesse mesmo sair do grupo pioneiro por não ter cumprido com a parte dele.

Quando uma miúda apareceu com a menstruação, as mais velhas tomaram conta do assunto e enquanto os dirigentes decidiam ou não decidiam já tinham arranjado solução ou sabiam como resolver. Com os rapazes, a situação do problema das masturbações torna-se complicado porque eles não sabem como é que hão-de lidar com o problema. Uma rapariga foi conversar com o dirigente masculino que ficou um pouco à rasca e não compreende porque é que ela veio conversar com ele quando poderia ter ido

conversar com outra rapariga qualquer sobre a menstruação. Uma pioneira, que tem uma mãe médica e que não queria que esta soubesse, teve que ir a uma aula de sexualidade ou coisa do género, na escola, com o director de turma e o que este fez foi distribuir preservativos e a seguir disse-lhes para irem para casa, sem mais nada. A Inglaterra por ter uma taxa muito alta de gravidez na adolescência fez uma enorme campanha. Os miúdos vêem coisas na televisão e nós não os podemos impedir de ver mas depois fica a ideia que aqueles comportamentos são banais e torna-se difícil provar o contrário.

- **Tecnologia** (G3; 62)

Para eles a Internet é absolutamente normal.

- **Valores** (G1; 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17) (G2; 21, 23, 30, 38, 41) (G3; 74, 76)

A sexualidade joga muito com os valores dos indivíduos. É necessário educar para os valores e segundo valores de uma determinada cultura. A existência de um contexto moral pressupõe falar em valores. Quando os adolescentes falam nas suas experiências denominando-as de “curtições”, isso implica o contacto com vários parceiros e poderá ser considerado como algo despojado de valores. Por outro lado, há quem considere que também neste tipo de relação existe ou está subjacente algum carinho, ainda que a relação não tenha como objectivo uma duração temporal prolongada. Consideram, assim, que é necessário fazer perceber quais os valores que devem estar na base do lidar com o outro. Conceitos como liberdade, respeito e bom comportamento são considerados como ultrapassados embora seja importante pensar e reflectir onde é que eu estou a gostar, a respeitar e a não magoar. Esta busca do que, se é respeito ou não, vem sempre acompanhado dessa confusão mental, ou neste caso, temperamento que é próprio da adolescência. O conceito “curtir” era diferente há uns anos atrás. A influência de algumas figuras de referência para os adolescentes têm valores que elas personificam, que defendem, que acabam por transmitir e isso também molda o comportamento. A conversa com os adolescentes tem que ser suficientemente franca para que eles percebam que os adultos têm os seus valores e que o facto de os adolescentes terem os deles ou estarem na sua construção, não implica que o adulto

deixe de afirmar o que defende, ou que esconda ou ainda que os imponha. Esta situação pode levar a um confronto de valores que até pode ser muito positivo pois tendo pontos de entendimento é possível conversar.

Estamos a viver valores que não são os nossos, nomeadamente os americanos e os brasileiros que nos são impingidos todos os dias. Valores esses que é complicado uma pessoa dizer que não. Os adolescentes estão a ser alvo desta imposição e quase todos vão por aí, salvo pequenas exceções... as pessoas estão muito, muito influenciadas por aquilo que lhes é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes. Aqueles valores que se vêem nos filmes e depois pensam e aquela parte ninguém explica muito bem, não tenho formação para isto, e aquilo gera-lhes grandes tensões internas e eles lutam com isso no dia a dia. É importante nós como unidade e quando falamos nos nossos valores esquecemo-nos de uma realidade que nós estamos hora e meia, duas horas com os nossos miúdos e as restantes horas eles estão a viver na sociedade civil. A dificuldade que nós temos em transmitir valores que nós defendemos, com apelos que existem de forma sistemática como outdoors, cartazes, e há que lidar com estas duas realidades. Muita coisa dos modelos estereotipados não significam nada porque no fundo ninguém está interessado em passar valores, toda a gente está interessada em apostar na sociedade de consumo, puro e simples, crua e dura. Nós temos que meter a ideia aos nossos miúdos que ser escuteiro não é nenhum mal e ser católico é bom, ser escuteiro é bom. Os valores podem ser introduzidos através de histórias ou vivências como as bodas de prata nas paróquias para que os miúdos possam ver que é possível viver com alguém durante aquele tempo e valorizar os aspectos relacionados com isso.

O patrocínio tudo permite e depois fica-se sem base nenhuma para viver o valor, o valor da vida, o respeito pelo outro, o respeito por mim próprio. A busca da base de tal fonte está nos princípios e nos valores.

C. Memorando 3

- **Adolescentes** (G1; 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 18) (G2; 21, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 44, 45) (G3; 51, 52, 54, 55, 58, 59, 77)

A adolescência ainda é encarada como um período de algum mistério, com alguma falta de compreensão por parte dos adultos e sendo, não raras vezes, denominada de idade do armário. Por outro lado, existem entrevistados que defendem o contrário, afirmando que é um período de descobertas, do eu e dos outros e da maturação das relações. De facto, os entrevistados recorrem frequentemente às suas memórias e referências do período em que foram adolescentes, comparando com a actualidade. **(adolescência propriamente dita)**

Como características diferenciadoras, os adolescentes tendem a ter uma visão mais ampla que os adultos e uma curiosidade maior pelo que os rodeia. Gostam de descobrir e explorar as coisas por si próprios. A grande maioria dos adolescentes percorre esta etapa sem grandes dificuldades e tem acesso a muita informação. Preocupam-se quando as coisas não acontecem como estão descritas nos livros ou como lhes dizem que supostamente deveria acontecer. Têm uma abordagem livre, saudável, vivem de um modo mais livre e descomplexado. São interessantes e têm pontos de vista fora do padrão a que os adultos estão habituados. Estão mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa. Formam grupos e em cada grupo têm uma hierarquia e caminhos definidos. Necessitam e gostam de regras, não só para lhes proporcionar referências mas também para as poderem questionar. As raparigas parecem ser mais evoluídas que os rapazes, o que é compreensível dado o desenvolvimento de cada um dos géneros sexuais. Ainda nesta distinção dos géneros sexuais, os Dirigentes têm a ideia que os amigos de um adolescente sabem que é muito mau quando se acaba com um rapaz e ele está realmente apaixonado, não havendo qualquer referência deste género no que se refere aos elementos do sexo feminino.

A imagem que os adultos têm é que os adolescentes, por serem católicos ou escuteiros, são por vezes postos à margem dos grupos onde estão inseridos na escola. Por outro lado, sentem muita falta de serem ouvidos. Quando sentem que há alguém que os pode

ajudar, as raparigas aproximam-se e procuram essa ajuda, o mesmo não acontecendo tão facilmente com os rapazes. Segundo os Dirigentes, os jovens afirmam vulgarmente que não estão interessados em compromissos, falando em termos como “curtir”. Fica a questão não só dos laços que estes jovens conseguem estabelecer com os outros, mas também o tipo de relação afectiva que existe entre estes e os pais e os pais entre si. Os adolescentes são ainda conotados com problemas ligados à toxicod dependência e à prostituição. **(características físicas e psicológicas dos adolescentes)**

Os adolescentes estão a crescer e estão pouco a pouco a descobrir a sua própria sexualidade. As dúvidas que vão surgindo são cada vez em maior número e apesar de terem acesso a muita informação, esta surge-lhes sem ser filtrada e numa quantidade tal que se lhes torna difícil separar e credibilizar as fontes.

Não só sentem necessidade de falar sobre a sexualidade como a temática surge mais precocemente, havendo quem defenda que surge logo na primeira infância, enquanto que outros afirmam que não, que só mesmo na adolescência surgem as preocupações ligadas à sexualidade. Existem adolescentes que falam abertamente mas outros nem sequer querem ou deixam abordar o tema. Esta situação depende também das idades.

O que parece acontecer é que os adultos, sejam eles pais ou dirigentes dos escuteiros, as questões da sexualidade surgem quando os seus filhos ou escuteiros “chegam” à adolescência.

As experiências por eles vividas estão também, relacionadas com a sua origem. Os entrevistados consideram que os adolescentes de origem rural têm acesso ao contacto com os animais o que lhes permite ter outra abordagem em torno da sexualidade e das relações. Penso que isso talvez fosse verdade há alguns anos atrás mas actualmente não parece que isso aconteça, sobretudo com o acesso à Internet e à televisão. Esta questão surgiu através, sobretudo de um pequeno grupo de dirigentes já acima dos 45 anos, o que pode ajudar a explicar esta ideia.

Os comportamentos dos adolescentes ao nível da sexualidade são, também eles, vistos de formas muito diferentes. Por um lado há quem defenda que, nem todos os adolescentes alinham por uma sexualidade dita libertina ou pela moda da altura. No entanto, aqueles que não o fazem segundo os padrões da moda vigentes, correm o risco

de ser rejeitados. Mais uma vez a relação ao grupo. Esta pressão grupal faz com que alguns, senão mesmo a maioria, vá atrás e procure desempenhar um papel que nem sempre está de acordo com a sua maneira de ser. Isto leva os adolescentes a viverem períodos de conflito internos.

Actualmente, e segundo os entrevistados é uma questão de vergonha admitir-se que se é virgem. Por outro lado, são bombardeados diariamente sobre comportamentos responsáveis, ou pelo menos comportamentos que não sejam promíscuos mas quando “chega a hora”, as hormonas falam mais alto. Remetem-se para aquilo que lhes dá mais prazer momentâneo. Fica então a questão: quem é que lhes dá, quem é que lhes pode fornecer alguns valores? E que tipo de valores? A escolha por parte dos jovens, recai vulgarmente nalguns programas de televisão, como por exemplo algumas novelas mediáticas, ou ouvir uma conversa “barata” dos amigos que fornecem um conjunto de modelos estereotipados.

Os jovens estão hoje muito mais abertos, têm mais informação o que não quer dizer que saibam as coisas, sabem mais do que sabiam se calhar à dez ou à vinte anos atrás. Os jovens na idade dos pioneiros estão já numa fase em que estão, em que se sentem absolutamente à vontade para falar sobretudo uns com os outros sobre o assunto e, por vezes, também com alguém mais velho. Falar abertamente também não falam muito, não estão despertos para a sexualidade. Os jovens até vão conseguindo encaixar a sexualidade na vida deles, se calhar necessitam, é de mais informação. Quando passa para a fase da carícia é muito difícil eles contarem. **(a sua visão relativamente à sexualidade)**

Os dirigentes pensam que os jovens não conseguem fazer a distinção entre o que lhes é proposto e o que lhes é dito, vivendo o dia a dia no grupo de amigos, sendo bombardeados diariamente e “seguindo o rio”, sendo-lhes apontadas poucas saídas para o seu caminho. Os adolescentes só costumem partilhar com um adulto, quando se sentem mais ligados e têm sede de falar, de serem ouvidos. Isso acontece quando se estabelece uma relação de empatia entre o adulto, aqui referenciado como sendo o Dirigente dos Escuteiros e os seus elementos. O não falarem com o adulto tem, na sua origem um medo de rejeição ou que estes digam que é proibido e que têm que fazer isto

ou aquilo. Os adolescentes quando se sentem enganados nunca mais confiam no adulto e nunca mais o procuram. Gostam de provocar os adultos para verem como é que eles reagem. Os adolescentes são muito saudáveis, quando o dirigente consegue estabelecer uma boa relação com o seu grupo pode significar a pessoa importante e de referência, muitas vezes mais que os pais pois os pais são sempre os pais.

É interessante verificar o discurso dos entrevistados enquanto dirigentes e enquanto pais. Há até uma boa parte deles que chega mesmo a afirmar que é mais fácil lidar com esta temática no seu grupo de escuteiros do que na sua própria casa, com os seus filhos. Levanto aqui uma questão que tem a ver com a ligação afectiva e a discussão em torno da temática, será que a existência de laços afectivos fortes pode constituir um impedimento para trabalhar esta área? Não deveria a mesma servir como ponto de encontro? **(relação com os adultos)**

- **Antigamente** (G2; 29) (G3; 54, 57) **vs Actualidade** (G2; 28, 29, 39, 40, 44)

Os entrevistados recorreram aos seus modelos de infância com alguma frequência, sobretudo os Dirigentes de uma faixa etária mais avançada (acima dos 45 anos). Assim, defenderam que os modelos antigos eram conservadores, arcaicos mas eram algo que as pessoas sentiam como podendo ser contestados.

Há cerca de quarenta e cinco anos, as escolas primárias eram separadas por um muro e era impensável existirem turmas mistas. O local onde as raparigas faziam ginástica era o mais escondido possível. O equipamento desportivo utilizado era composto por uma camisola de manga comprida, umas meias altas, uns calções até ao joelho e uma saia por cima. Se algum dos rapazes espreitava através da fechadura da porta do balneário ou de alguma aula, na esperança de vislumbrar alguma coisa, no mínimo era expulso.

A coeducação, ou uma espécie de coeducação só existia nalgumas escolas cujo número de alunos não permitia a existência de turmas separadas. Segundo alguns testemunhos, as cadeiras do lado direito eram ocupadas pelas raparigas enquanto que as do lado esquerdo eram ocupadas pelos rapazes. Os pátios eram separados, as aulas de educação física eram separadas e enquanto os rapazes tinham trabalhos oficinais, as raparigas tinham trabalhos femininos.

No que se refere à Associação, não existiram raparigas no escutismo até cerca de 1976, 1977, data em que foram alterados os estatutos numa assembleia nada pacífica (ver enquadramento teórico, cap. ...

Actualmente, a situação modificou-se. Na opinião dos entrevistados, há uns anos eles faziam chantagem, “ah se gostasses de mim ias para a cama comigo”. Agora não é isso que está a acontecer, são as raparigas que, para mostrar que são emancipadas e que são mulheres modernas, insistem nas relações sexuais, podendo inclusivamente “rebaixar” a performance do rapaz com quem estiveram junto dos amigos dele, conversando mesmo sobre isto no café. Penso que estas opiniões são demasiado generalizadas e com enormes juízos de valor tendo por base o facto de serem raparigas a ter este tipo de atitude, algo que ainda não é aceite pela sociedade actual. Não ponho em causa a atitude de menosprezar o rapaz mas sim pelo facto de como se trata de uma rapariga a fazê-lo, tem logo outras conotações. Isto sai corroborado por algumas opiniões também descritas nos focus group, onde sobretudo as Dirigentes do sexo feminino alertam para o facto de no que se refere ao género sexual, a existência de vários parceiros, que não necessariamente ao mesmo tempo, é considerado de forma muito pejorativa sendo uma rapariga e de forma ainda positiva sendo um rapaz o que demonstra que se calhar as características ou os valores não se modificaram tanto como alguns querem fazer passar.

Ainda em relação à actualidade, é muito referido a questão familiar, ou seja, a forma como as famílias se estruturam, ou não, hoje em dia. Para alguns entrevistados, há uma desistência, uma falência da família nuclear e passamos para uma situação mono parental, onde a mãe continua, na maior parte dos casos, a garantir a gestão da educação dos filhos. Há hoje uma ausência pura da matriz. Os dirigentes podem ser actualmente essa presença e se calhar a resposta a uma pergunta, que por vezes é desajeitada, é fundamental.

A estrutura do tempo também se modificou. O dia é para trabalhar até às tantas e a noite é para divertir. Os Dirigentes consideram que os jovens mudaram completamente a estrutura do nosso tempo. O que me parece é que esta mudança não se deve aos jovens de hoje mas provavelmente à geração anterior, que por motivos históricos recentes (Revolução do 25 de Abril de 1974), levaram a modificar toda uma estrutura ou matriz;

como alguns denominam, da sociedade então vigente. Se entretanto temos a sociedade que eles, os jovens dessa altura ambicionaram, será outra questão a levantar pois dadas algumas respostas entretanto obtidas nos focus group, parece haver um número grande de Dirigentes que se sentem, se calhar, mais perdidos que os seus elementos e que se refugiam em discursos muito ligados ao “antigamente é que era bom”. Se por um lado, isso pode significar que se tentam agarrar aos tais modelos que discordam mas perante os quais sentem segurança, por outro é preocupante que isso suceda numa associação com cerca de 60 000 jovens dos quais cerca de 80% são jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 22 anos.

Também há Dirigentes que defendem que é necessário adaptarem-se ao mundo dos seus jovens, inclusivamente adoptando a sua linguagem própria de forma a fazê-los perceber que conhecem um pouco do mundo deles e têm atenção à realidade e ao mundo deles. Esta maneira de estar representa, provavelmente, o oposto e pode tornar-se tão perigoso e nefasto como as ideias anteriores, uma vez que indicia uma insegurança tão grande ou ainda maior.

- **Adultos** (G1; 7, 9, 10, 11, 15, 17) (G3; 58)

Os adultos tendem a complexificar as situações e teorizam mais. Têm pouca capacidade para discutir este tipo de assuntos. A sexualidade constitui um desafio para os educadores. É um papel exigente. Têm receio das perguntas dos adolescentes. Os adultos que gostam dos adolescentes devem falar com eles, partilhar e não passar ao lado das coisas. As preocupações não passam, nem mesmo quando eles entram na vida adulta. Como educadores que são, deveriam ter a preocupação de ouvir muito mais e deixarem-se interpelar pelos adolescentes. Poderiam, assim, descobrir que também têm, por vezes, medos superiores aos dos adolescentes. Há adultos esclarecidos e outros que não o são. Os adultos têm desconhecimento em relação não só à sexualidade como a outros aspectos sobre a adolescência. A tarefa do adulto é questionar e ser interpelado pelos outros.

Os comportamentos por parte dos adultos são muito importantes porque podem ser repressores de qualquer tentativa de contacto. Uma troca de carinho que os reprima e/ou que os afaste, pode levá-los ainda mais à desinformação e a refugiarem-se, a fecharem-

se mais neles podendo começar ou iniciar experiências de sexualidade que lhes possa causar dano, quer moral, quer físico.

Os adultos são, por definição, marcados pela experiência e quanto mais velhos mais difícil é abordarem aquelas questões. Têm alguma experiência acumulada, embora defendam que os adolescentes, tal como eles, também têm experiências acumuladas que eles não tinham.

Esta visão do ideal de adulto confunde-se, naturalmente, com o ideal de Dirigente preconizado por um grande número de entrevistados. No entanto, resolvi criar um espaço específico até verificar se poderá ou deverá ser encaixado noutra local, provavelmente na categoria ligada aos Dirigentes ou numa mais geral ligada aos educadores, onde poderão estar incluídos os pais, os professores e os dirigentes dos escuteiros.

○ **Afectividade** (G1; 3, 5, 8, 12) (G2; 42, 46) (G3; 57, 70)

A afectividade deve fazer parte ou ser parte integrante da sexualidade. A sexualidade não deve ser somente composta e/ou baseada nos aspectos mecânicos mas também conter a afectividade como um elemento principal. É muito importante a questão da afectividade, dos afectos, do lidar com o outro. O caminho é mesmo trabalhar a afectividade e o resto vem na sua continuação.

Os laços afectivos são quase como uma planta, ou são cuidados diariamente ou então não vale a pena, que aquilo morre e depois as pessoas não se conseguem agarrar a ninguém porque não sabem amar e há miúdos extremamente carinhosos. Por outro lado é necessário ter cuidado acerca da afectividade porque se essa afectividade é procurada nos dirigentes, este como irmão mais velho, que tipo de comportamento é que deverá ter para responder a determinadas carências afectivas que os jovens podem demonstrar.

Os adolescentes procuram afecto que muitas vezes não sentem da parte da família. Esta questão da afectividade deveria ser o início de tudo pois é por aí que começam as relações entre os miúdos, bem cedo até.

- **Comportamentos** (G1; 11, 13, 14)

Há comportamentos rotulados como não sendo normais, como por exemplo, a homossexualidade. Os padrões de comportamento existentes há alguns anos atrás estão a mudar, a modificar-se. Actualmente há adolescentes que não querem ter relações duradoiras para terem mais liberdade.

Esta categoria vai decerto ser inserida noutra ou noutras.

- **Confiança** (G1; 17, 18)

È importante sobretudo quando relacionada com o adulto ou educador. Sentirem que podem confiar para falarem sobre assuntos pessoais é essencial para o estabelecimento dessa mesma confiança. A confiança baseia-se na ideia que se tem de uma determinada pessoa e tem que ser construída. Há, no entanto, alguns perigos que podem abalar esta confiança como as experiências vividas pelos adultos quando contadas aos adolescentes, uma vez que podem não ser compreendidas fora do seu contexto situacional.

Provavelmente esta categoria será incluída numa categoria mais geral denominada valores.

- **Consequências** (G1; 12) (G2; 23) (G3; 60)

As consequências apontadas são sobretudo as gravidezes precoces, tanto nos rapazes como nas raparigas e as doenças sexualmente transmissíveis onde a SIDA ocupa um lugar de destaque. Há uma grande preocupação de tudo quanto se relaciona com a SIDA.

Esta questão de se ligar a SIDA à temática da sexualidade preocupa-me um pouco já que é muito comum e pode induzir em erro aquando do tratamento do tema. Efectivamente, há acções, de sensibilização, formação que iniciam a discussão da sexualidade nos adolescentes ou ligada à adolescência, pelas características físicas e

pelos problemas que podem advir de uma sexualidade dita de mal vivida. Parece-me pouco ético ou mesmo perverso tratar-se de algo como a sexualidade iniciando com os problemas que daí possam advir. É extremamente negativo e dá à sexualidade um carácter extremamente pejorativo.

- **Cultura** (G3; 53, 56)

As coisas estão relacionadas com a cultura de cada um e não têm a ver com os valores que foram incutidos, segundo alguns entrevistados. O que me parece aqui é que esta questão dita cultural poderá ser inserido no campo educativo ou na estrutura familiar, já que a dita “cultura”, mais não é que as vivências e exemplos transmitidos sobretudo pelos pais e familiares próximos.

- **Descoberta** (G1; 8, 14)

A descoberta do outro, do seu corpo, das pessoas do sexo oposto numa primeira fase da adolescência e o aprofundar das relações já numa fase posterior. Os entrevistados ligam a primeira fase da descoberta à idade dos exploradores (11-14 anos) e a segunda já na fase dos pioneiros (14-17 anos).

Esta é outra categoria que está relacionada com a área dos adolescentes e da sua sexualidade.

- **Dirigentes** (G1; 5, 10, 11, 15, 16, 17, 18) (G2; 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 47) (G3; 51, 52, 54, 55, 56, 59, 60, 65, 67, 70, 72)

Há Dirigentes que falam com os seus elementos sobre sexualidade. Apostam numa relação de qualidade e conseguem estar mais próximos que os professores. Os elementos confiam geralmente nos Dirigentes para falarem pois, na sua grande maioria, têm a vantagem de conseguirem fazer parte do grupo. Por outro lado, os Dirigentes também têm receio que os adolescentes venham fazer perguntas complicadas. O dirigente não deverá criar um bicho-de-sete-cabeças e abordar o assunto com muita naturalidade. Os chefes de grupo (ou de unidade) preocupam-se em ver, no surgir das conversas o que se pode abordar. Há situações que podem constituir-se como um ponto

de partida para a abordagem inicial e depois individualmente deverá haver essa disponibilidade para falar e ouvir. Não parece nada mal que a iniciativa de falar parta do Dirigente. O Chefe também pode pôr a sua experiência e há até opiniões que falam da vantagem do Dirigente ser capaz de falar sobre a sua experiência pessoal, pois pode, por vezes, ser importante e libertador até. No entanto, deve ser feito com muita cautela ao partilhar a sua experiência porque podem construir referências, legitimar maneiras de pensar através da sua experiência pessoal.

Aos Chefes preocupa-os se eles conseguem chegar aos adolescentes. São de opinião que não têm força suficiente porque na sua ingenuidade, calam-se, não falam, não propõem, não sugerem. Há dirigentes que se sentam a conversar com os seus elementos e estes ficam muito surpreendidos pois não estão habituados a que os adultos se sentem com eles a conversar sobre a temática com alguma naturalidade. Fica a questão, que dirigentes é que estarão preparados para viverem, com factos concretos pois não basta só ter preocupações ou dizer que é proibido, a sexualidade dos seus elementos?

Teorizam muito e não estão preparados para viver esta temática com os problemas que isso acarreta e até inclusivamente não se disponibilizam muito para saber ou aprender mais. Consideram que, mais do que sentirem-se educadores e formadores, como alguém que vai dar qualquer coisa ou fazer qualquer coisa é importante esta presença, o estar atento às questões e às respostas que se possam vir a dar. É estar atento e a pouco e pouco entrar no mundo deles e conseguir chegar a eles, alguém com quem os adolescentes se sintam seguros para falar e inclusivamente para contar algumas das suas experiências. O Dirigente deve ter abertura suficiente para se sentar com eles a discutir as razões porque é que eles fazem isto, o que é que os leva a fazer isto ou aquilo, o que é que pensam disto ou daquilo e isto é muito mais proveitoso, não descurando as regras existentes mas também não as impondo de forma rígida, eles é que têm que escolher o seu caminho. Na sua maioria, os Dirigentes que participaram no estudo, afirmaram não se sentirem à vontade para fazer algo como chegar ao pé deles e dizer “ora bem, hoje vamos falar de sexualidade”. Os dirigentes tem que arranjar tempo para o escuteiro porque é o princípio da meada quando ele não tem ninguém que o ouve. Há ainda muitos dirigentes bloqueados porque é ainda um assunto tabu, pouco falado, com pouca ou nenhuma formação e a associação também não tem tido esse cuidado. Consideram-se

como “aprendizes de feiticeiro” e isto vem da tendência de, culturalmente (seja lá o que isto for) haver uma tendência natural portuguesa para o “desenrascanço”.

Defendem que faz muita falta uma formação técnica muito bem preparada nesta área, integrada, ou não, noutras, sendo preferível aprender primeiro e recorrer a quem sabe, dentro ou fora da associação, do que estar a ter atitudes más e erradas. Os dirigentes tem o problema de como é que hão-de abordar o problema e sobretudo de como é que isso é aceite depois pelos pais, pela família em casa. Também consideram ser contraproducente chegar ali e impor uma regra pois é complicado para um dirigente gerir e explicar a sexualidade aos miúdos porque o problema vem de casa. Pode é caber ao dirigente começar a avisar os pais e nas reuniões de pais, começar a abrir o espírito dos pais e dizer-lhes que oportunamente se alguém fizer uma pergunta, esta será respondida de forma concreta. De qualquer das formas, esta abordagem está longe de ser consensual na associação pois há quem defenda que a sexualidade deve ser única e exclusivamente trabalhada em casa pelos pais e que não cabe à escola e muito menos aos escuteiros fazerem uma abordagem nesta temática.

Há muitos dirigentes “desformatados”, com falta de sensibilidade, sabedoria, de ser um irmão mais velho. Têm mais vantagens que os professores e muitas vezes que os pais porque estão habitualmente em espaços de confissão, de relaxamento, de companheirismo. Um chefe que não fala com os seus elementos, onde as coisas não são debatidas, não tem hipóteses. Consideram-se como uns facilitadores daquilo que pode vir a acontecer naquele rapaz ou naquela rapariga, de bom e de mau. Defendem que têm e devem ser capazes de falar com eles sem os julgar, estar lá a ouvir. Quando não forem detentores do conhecimento necessário, devem admitir e ir à procura de informação ou de quem saiba.

No que se refere à estrutura humana da associação, consideram que é necessário acarinhar os chefes de unidade porque a associação tem gente muito boa e a fazer bom escutismo embora depois existam aqueles que não são dirigentes do escutismo nem coisa nenhuma.

Os dirigentes acham que os mais novos são assexuados, não têm sexo. Conversam com eles sobre as suas próprias experiências. Há uma geração de Dirigentes tem ainda muitos tabus, fala-se assim da geração dos dirigentes, tabus, dificuldades...

Para uma parte dos participantes nos focus group, é um assunto para o qual não se sentem assim tão à vontade. As situações que por vezes surgiram foram realmente espontâneas e gostavam de o ser mais “entendidos” no assunto e lidar com essa situação à vontade... alguns afirmam sentirem-se à vontade para falar com os adolescentes abertamente e acham que estes sentem um à vontade mais que suficiente para falar abertamente com eles nesse aspecto. Para tal acham que é muito importante que qualquer equipa de animação dos pioneiros tenha uma figura feminina.

Defendem que nunca se deve expô-los à frente dos outros, porque se calhar eles iam fazer mais às escondidas para provocar. O problema é quando os dirigentes insistem em bloquear a situação e agridem-nos de uma forma que eles ficam magoados. Se calhar, a resposta mais simples e mais comum é “deixa estar, quando chegar a altura tu sabes como é que hás-de reagir”. Há uns que dizem logo que nem sequer querem ouvir falar do assunto e há outros que dizem isto. Os dirigentes consideram que têm pouca ou nenhuma formação, pois, não se consideram educadores formados nesta área específica da sexualidade. Por outro lado, sentem que é difícil perceber até que ponto é que são bem vindos em algumas situações que algumas famílias podem achar piada ou não podem achar piada.

Algumas vezes notam uma certa abertura para falarem com os Assistentes sobre o tema, nomeadamente quando são mais velhos e tiveram outras experiências como a participação nos convívios fraternos. Quando há só dirigentes masculinos torna-se difícil não pela questão de não saber o que se há-de dizer mas como se há-de dizer.

Os mais difíceis de ultrapassar são as pessoas que não querem ou não se disponibilizam para se formarem. Se os dirigentes não tiverem à vontade, se não tiverem um mínimo de conhecimentos para abordarem os problemas ou situações ligadas à sexualidade, sentem que ficam aquém do que lhes é solicitado enquanto dirigentes de escuteiros. Afirmam, no entanto, que é necessário ter consciência que nunca será possível conseguir que 80%

dos dirigentes estejam preparados, devendo inclusivamente dar espaço às pessoas que conscientemente não querem ou não se sentem preparadas para lidar com esta situação.

Esta categoria é primordial neste estudo a meu ver pois não só permite verificar “o estado da alma” dos dirigentes da associação, como os passos que eventualmente se propõem a dar. É de salientar ainda que, e isso surge também num dos focus group de forma directa e nos outros de forma indirecta, que este é um tema muito comprometedor e que há dirigentes, que para além de não terem formação numa área que pode ser considerada vital para o processo educativo dos seus elementos, não estão preparados para enfrentarem os seus medos, as suas inseguranças face ao seu próprio desenvolvimento pessoal. Necessita ainda de uma análise mais aprofundada pois há ideias aqui que se repetem, embora com uma linguagem diferente.

- **Educação sexual** (G1; 4, 6, 7) (G2; 24, 26, 28, 34, 42, 44) (G3; 53, 62, 63, 69, 73, 74)

A educação sexual que se dá nas escolas é descrita como sendo única e exclusivamente mecânica e física. Falar somente nestes aspectos mais ligados à biologia, sobretudo numa idade em que outras coisas estão já despertas, não traz grande interesse e pode até perverter a abordagem à temática.

Há campanhas de educação sexual ou denominadas assim que consistem somente em distribuir, por exemplo, pensos higiénicos e tampões de uma determinada marca comercial, juntamente com um folheto. Com isto quero dizer que há campanhas que são sobretudo publicitárias e menos de cariz educativo. Por outro lado, existem projectos bem feitos nestas áreas que poderiam e deveriam ser mais divulgados, não só nas escolas mas junto de associações ligadas ao trabalho com jovens.

As coisas não lhes são incutidas de uma maneira que os entrevistados consideram saudável, por exemplo, à mesa com a família ou no ambiente por eles conhecido em vez de ser, como acontece algumas vezes, em consultórios de técnicos, médicos, enfermeiros. Esta educação pode até acontecer nos escuteiros ou na escola, mas sempre enquadrada num projecto educativo e não como acontece actualmente. Não adianta

fazer esta educação sexual por marcação pois não é quando os adultos querem mas sim quando eles perguntam. Quando isso acontece, quando a questão ou questões surgem, há que ter o à-vontade para lhes responder de forma serena e clara.

Esta educação não pode nem deve ser realizada fora do contexto da família ou com o desconhecimento dos pais. Também é necessário questionarmo-nos até que ponto os pais aceitam esta temática e não a consideram como uma interferência nas suas dinâmicas familiares. Por outro lado, os entrevistados questionam-se também até que ponto será gostar de um filho, o ocultar-lhe algo que faz parte do seu desenvolvimento pessoal, deixando à natureza e sobretudo aos amigos, a educação nesta temática. O que parece ser do consenso comum é que esta educação bem como outras têm sido transpostas da família para a escola e desta para os escuteiros. O ideal será que isso aconteça através da família. Quando o interesse começa a levantar no grupo, porque não chamar um médico, alguém da nossa confiança, um enfermeiro, alguém que se sinta à-vontade, para falar sobre sexualidade. Pessoalmente acho que nem sempre os médicos ou os enfermeiros são uma boa escolha. Quando bem formados tecnicamente e de forma humana, os que lhes são mais próximos podem desempenhar um papel muito importante quando surgem as dúvidas. Claro que isso não retira a necessidade de se informar, pode é educar-se através de várias frentes, até para distinguir muito bem os papéis que cabe a cada um e proteger todos os intervenientes. Há inclusive em dois dos focus group quem defenda que a igreja deve assumir um papel importante nesta educação e dar a conhecer a sua posição sem qualquer tipo de constrangimentos e através de pessoas realmente habilitadas para o efeito. Isto poderá proteger, de alguma forma, o dirigente e “guardá-lo” para quando o elemento necessitar de colocar uma dúvida mais específica.

Quando se fala ao nível do desenvolvimento físico, para eles (dirigentes) está tudo relacionado com o aparecimento dos pelos, o crescimento das mamas, a barba, a voz e depois a procriação. Aham que não deve ser dada em qualquer idade, que há uma idade própria para se começar embora não digam qual. À medida que se vai crescendo, quer a nível físico do corpo, quer a nível dos sentimentos, quer a nível dos pensamentos, quer a todos os níveis há ali diversas dimensões que se vão complementando e que é necessário também explicar e dialogar sobre elas. É um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais e é preciso ver tudo por detrás desse crescimento. A missão da

associação pode ser, assim, um complemento à família. A grande crítica à educação sexual nas escolas é que é extremamente genitalizada e está a falhar na parte dos afectos, que muito antes do acto sexual, muito antes da masturbação, muito antes doutro tipo de manifestações físicas, que deveria se calhar falar-se logo nos lobitos, como já muitos dirigentes o fazem, se calhar não com a consciência disso, mas na questão dos afectos que é muito mais importante. O grande problema que há neste momento é o dizerem “meu amigo, tens um preservativo, tens a tua situação resolvida”. Não se deverá passar só pela distribuição dos preservativos.

- **Escola** (G1; 4, 7) (G2; 23) (G3; 53)

Os entrevistados questionam-se como é que se trata a sexualidade nas escolas sendo, na sua grande maioria de opinião que é da pior maneira, de uma forma mecanizada e desprovida de valores.

Também na escola se vivem outros problemas, que são mencionados diariamente nos *media* sendo a realidade da sexualidade uma das mais referidas ultimamente.

Na escola passa por vezes a ideia que a sexualidade é sexo, que é tabu, que não é para se falar nisso.

Esta abordagem já foi feita anteriormente na categoria da educação sexual pelo que não sei se será de manter esta.

- **Escutismo** (G1; 11, 15, 16) (G2; 30, 31, 32, 34, 37, 40, 49) (G3; 55, 71, 74, 75)

Os escuteiros podem ser importantes. Por vezes há um pedido de apoio e é positivo que existam agrupamentos onde a temática da sexualidade seja abordada. É possível criar uma actividade que lhes dê espaço para falar, até eles perceberem que há espaço para falarem, em grupo ou individualmente.

O CNE é uma boa referência para os jovens. Os entrevistados consideram ter “a arma secreta” que é o imaginário criado por BP, pelo que defendem que há que fazer todos os

esforços para repor esse imaginário, lançá-lo junto das crianças e jovens e fazê-lo suficientemente forte para que os adolescentes não necessitem procurar outras coisas à sua volta, com imaginários fúteis, de apelo ao consumo, onde o que vale é o ter prazer.

O escutismo é uma ajuda ótima no processo de educação global das crianças e jovens. Consideram que esta é uma temática de extrema importância e que há que fazer algo pois são de opinião que estão a demorar muito tempo a pensar, quando é necessário também agir e implementar alguma coisa antes que surja alguma situação considerada complicada, ou seja, desejam prevenir e não reagir.

Existe coeducação há 30 anos pelo menos dentro da associação e, embora não sabendo se será muito ou pouco tempo, consideram ser já altura de ir pensando nestas temáticas. Alguns são de opinião que é necessário começar a dizer nas reuniões de pais que o escutismo existe para educar os jovens no seu desenvolvimento pessoal, não somente na sexualidade mas com esta integrada em algo de muito mais grandioso que é o seu filho. Consideram ser um grupo de referência e por isso têm alguma capacidade de demonstrar que a felicidade vale a pena, que amar vale a pena. A verdade, no entanto, é que também há agrupamentos que infringem as regras por todos entendidas como tal, o que leva a que num agrupamento se faça de uma maneira, por exemplo, dormirem todos na mesma tenda, e noutros isso não aconteça.

Por ser um ambiente onde os jovens vão porque querem e não porque são obrigados como acontece na escola, alguns dirigentes que participaram nos focus group, consideram que os adolescentes não se retraem tanto ou não estão a pensar “não vou fazer isto porque sou escuteiro ou sou pioneiro”, eles estão a pensar que podem ferir alguém.

Consideram ainda que a maneira mais fácil a nível de uma associação como o CNE, é começar pela parte mais simples que é da igreja, não em relação ao final, ou seja, ao acto em si mas em relação à vida, em relação aos afectos, quando se fala, por exemplo numa relação em que o casal é mais qualquer coisa do que duas pessoas que fazem um contrato de compra e venda. Defendem que a tal relação para a vida tem, que ser baseada em mais qualquer coisa do que o sexo e do que um contrato de compra e venda. A perspectiva na associação é virada para a educação dos valores.

Esta é outra das categorias importantes, como é que os dirigentes vêem o papel do escutismo e nomeadamente do escutismo católico, na abordagem à sexualidade dos adolescentes. Está relacionada com outra que tem a ver com a religião.

- **Família** (G1; 4, 7, 10, 11, 18, 19) (G2; 21, 22, 29, 30, 33, 34, 35, 42, 44)
(G3; 53, 54, 63, 64, 65, 71)

Existem muitos pais que apesar de estabelecerem uma boa relação com os seus filhos, nunca tiveram uma conversa cara a cara com eles. Há famílias que falam com os seus filhos sobre estas questões e outras não. Na família ainda passa a ideia que a sexualidade é sexo, é tabu, não é para se falar.

Os pais são muito importantes e deles depende a educação mas nem todos os pais estão dispostos a conversarem sobre esta temática sem que isso signifique que a relação não seja muito boa. O sexo também choca um bocado os pais e eles têm dificuldade em falar nisso.

A família deveria ser a primeira educadora. Cada vez mais, a família tem menos tempo de proibir determinados programas ou visualizar todos para ver mais ou menos e orientar o que eles podem ver. Há pais que desistiram de fazer isso com os filhos. Os pais não estão e/ou não têm tempo porque estão muito cansados. A representação que existe actualmente da família é de uma estrutura que chega tardíssimo a casa, com muitos problemas para resolver, saturados do trabalho, a ganhar mal e a refilar com tudo e com todos. Não há grandes laços, os miúdos entram a correr, da escola, dão um beijo quase no ar em vez de dar na cara da mãe e sentam-se, é um corre-corre. Os pais compram o carinho dos filhos, não têm tempo

Por outro lado, há pais completamente indiferentes. Uma família estruturada, com uma forte matriz acaba por ter resistências, anticorpos internos que possibilitam outro tipo de abordagem às situações e nota-se logo que os miúdos são mais equilibrados. Uma família desestruturada, a ausência do pai e da mãe, o esquecimento, a indiferença, esses miúdos facilmente se aliam a qualquer coisa que acaba por ser o grupo de referência mais próximo dele. Os problemas começam normalmente em casa porque ninguém diz nada.

Os pais também precisam de educação sexual para poderem depois transmitir aos filhos. Neste momento a grande maioria deles não tem ou não quer ter conhecimento dessa informação, já que estão à espera que na escola venham falar da temática. Alguns dirigentes consideraram grave os pais não conseguirem explicar por exemplo à filha o que é a menstruação, preveni-la, para que a rapariga saiba como agir quando isso acontecer, nomeadamente nos acampamentos. As coisas que podem e irão acontecer, de uma forma muito natural, deverão ser explicadas, não com os pais assumirem uma posição de “irmãos mais velhos” mas como pais e não terem medo de serem considerados bota-de-elástico. Esta temática até poderia ser uma coisa simples de se falar em família, as suas relações e o porquê.

Alguns dirigentes falaram, por vezes, enquanto pais tendo havido o seguinte depoimento interessante e que transcrevo:

“... eu não tive grande abertura em relação à minha filha em termos de educação sexual, porque era assim mesmo, não se falava e nós quer queiramos, quer não, por muito abertos que sejamos, somos influenciados e os valores que a educação tem. Eu acompanho muito mais a minha neta que tem sete anos que os pais nesse campo específico, é aquilo que tenho conseguido evoluir”.

- **Formação** (G1; 8) (G2; 28, 29, 30, 31, 32, 35, 38, 45, 46, 47, 49) (G3; 52, 70, 71, 72, 73, 74)

As pessoas que frequentaram cursos de formação aprenderam muita coisa o que lhes deu à-vontade para falar no assunto com os jovens. Consideram ser necessário existir uma estratégia para ajudar os dirigentes, em primeiro lugar ao nível da informação para eles próprios. Esta formação tem que ser a melhor possível para que eles estejam absolutamente atentos a esses momentos de oportunidade junto dos jovens, seja a velha conversa à volta da fogueira, aquele momento ao caminhar no raid, ou naquele momento à saída da actividade em que o escuteiro diz “Oh, Chefe, gostava de falar consigo”. Tudo isto passa por uma boa formação e os dirigentes ainda têm muita falta de formação ao nível da educação sexual. Tem que haver mecanismos de formação o quanto antes porque é imperioso acompanhar os dias de hoje e os adolescentes de hoje.

Esta formação terá que passar por uma parte técnica, teórica sobre a sexualidade mas depois deve passar por uma parte de relações humanas. É necessário um sub módulo só dedicado à sexualidade. Ela está integrada na coeducação mas duas horas não chegam. Se a sexualidade for falada só relacionada com a coeducação não dá embora estejam muitos conteúdos, demasiados até para o tempo disponível. As pessoas ficam baralhadas porque associam com a educação a sexualidade unicamente. A educação também mexe com outros campos da vida. Poderia haver um só espaço para falar sobre este assunto, para debater em concreto o que é que um chefe, qualquer chefe pode e como actuar, pois qualquer um pode ser chamado. Não pode ser só teórico, não pode ser só um formador, tem que ter em conta os exemplos do terreno. Poderiam até associar-se às famílias, chamado os pais, convidando-os a assistir porque de certeza que muitos pais estariam interessados nessa formação e não é preciso ir muito para grandes conceitos. É dar pistas de como actuar se determinadas situações ocorrerem. A formação actual tem conceitos interessantes mas não dá indicadores de como actuar se por exemplo, tiver uma situação de uma gravidez na adolescência. Este é um tema que os compromete e muitos dirigentes fogem dele. Também é necessário fazer em conjunto porque onde é que acaba a responsabilidade dos departamentos pedagógicos e onde é que começa responsabilidade do departamento dos adultos? Esta questão surge porque no CNE existem dentro dos dirigentes dois grupos maioritários, os formadores, que possuem conhecimentos ao nível da formação de formadores e que são responsáveis pela formação de novos dirigentes e pelos cursos para adultos, e os pedagógicos que são responsáveis pela animação das unidades, ou seja, que estão em contacto com as crianças e jovens.

Numa experiência de um CIP (Curso de Iniciação Pedagógica), quando se falou da coeducação, houve reacções muito violentas e alguns dos formandos que estavam ali, afirmaram que não era um assunto que tivesse ou devesse ser ali abordado. Sentiu-se da parte de alguns muita dificuldade de tocar nestas questões.

Ao nível da formação já se trabalha muito nesse campo embora não possa ser assim numa hora e meia de uma unidade que se vai conseguir mudar as formas de actuar, de estar e de transmitir. Há uns princípios, que é fundamental conhecer-se para depois saber como se actua. O departamento de formação deveria preocupar-se em definir

linhas de orientação e construir inclusivamente algo específico para dirigentes porque os dirigentes, na sua grande maioria, sentem dificuldade em chegar aos jovens se não souberem falar a linguagem deles. Se sentirem que estão preparados, que têm respostas, se for criada empatia para lhes proporcionar um ambiente que favoreça essa troca de emoções, é o ideal.

Portanto os dirigentes adultos deviam ser melhor formados, não só no CIP mas com unidades de formação específica, encontros, ou outro tipo de estratégias, ter um apoio de pessoas bem formadas teoricamente. Há dirigentes que se sentem, à vontade para estar a falar do assunto mas já não têm o mesmo à vontade para coordenar a coisa ao nível de um agrupamento. Acham que não vai ser de um dia para o outro mas que é necessário pensar e agir já.

Outra questão que colocaram está relacionada com a linguagem que às vezes é utilizada pelos técnicos, quando estão com os jovens, que por ser demasiado técnica, os adolescentes “desligam completamente” e não surte qualquer efeito.

- **Género sexual** (G1; 3, 11, 12, 14) (G3; 55, 57, 66)

Há diferenças de actuação e comportamento pelo facto de se ser rapaz ou rapariga. Ainda existe aquilo que os entrevistados consideraram como “um padrão machista” e as preocupações podem ser de cariz diferente. Por exemplo, os rapazes podem ir a qualquer lado sem qualquer problema enquanto que as raparigas estão sujeitas a agressões, que os rapazes se calhar não estão. Ainda há quem pense assim, sendo até considerado natural, pois basta interpretar os factos (leia-se *media*) e parece que as raparigas são mais “atacadas”, mais frágeis. As raparigas também se desenvolvem mais cedo pois na idade dos exploradores, aquilo que ainda é a fase da descoberta, para as raparigas já é uma fase de experimentação.

No grupo de exploradores nota-se muito a diferença dos rapazes para as raparigas, eles querem brincar e pular e elas falam muito em namorar. Elas pensam que sabem mais do que aquilo que sabem e na idade dos pioneiros, elas são mais desenvolvidas do que eles

em termos racionais. Os rapazes esquecem muito mais facilmente, no caso das raparigas é mais difícil a questão de serem gozadas.

- **Grupos** (G1; 7, 9, 12)

Há vários tipos de adolescentes consoante as características dos grupos onde estão inseridos. Uns lidam em grupos mistos e têm uma vivência completamente diferente, outros fantasiam mais, são mais inibidos e/ou não partilham tanto. É sempre diferente se estamos a falar de grupos mistos, onde há uma vivência mista, de coeducação. Ainda hoje se sente essa diferença, da vivência em grupos mistos e em grupos mais restritos, sobretudo nas escolas ou colégios onde existiam somente raparigas ou rapazes (onde a coeducação não existia). Nestas escolas, a liberdade era muito restringida e esta temática não era discutida. Em grupos mistos o à-vontade era muito diferente e as coisas não eram discutidas com tabus e preconceitos. O grupo continua a ser uma fonte de informação e de inter ajuda importante uma vez que permite a discussão de coisas que de outra forma não seria possível.

- **Idade** (G1; 11, 13)

A idade dos educadores é de grande importância quando se considera a abordagem à sexualidade. O sentir-se próximo dos adolescentes em termos etários permite maior abertura. Outra das características importantes está relacionada com a experiência familiar, sobretudo quando isso ajuda na proximidade com os adultos. As ideias que cada um tem estão intimamente relacionadas com a idade, quer sejam dirigentes, quer sejam elementos.

- **Informação** (G1; 8, 9, 18, 19, 20) (G3; 52, 53, 54, 62, 64, 68, 76)

A procura de informação começa muito antes da adolescência pois nessa altura as “coisas” principais estão já absorvidas embora não seja de igual forma para todos. Nalguns meios haverá adolescentes ainda com muitas dúvidas e ansiedades devido aos tabus existentes, pelo que terão falta de informação e informação que é vital para a saúde. A necessidade de informação existe muito mais cedo do que possamos imaginar e é algo que se faz sentir sempre, à medida que o tempo passa, os adolescentes vão

querendo saber cada vez mais. A necessidade de informação está lá, vai é sendo diferente à medida que eles vão ficando mais velhos. No futuro terão mais acesso à informação o que não quer dizer que estejam mais informados. Vão ter respostas mais rápidas e com as novas tecnologias vão poder fazer perguntas que pessoalmente não fazem. Actualmente já procuram os Dirigentes através do Messenger. Achrom que assim podem obter respostas mais facilmente e que podem ter conversas mais sinceras. Já no tempo da carta era assim só que levava muito mais tempo. Actualmente há muita informação, é possível fazer perguntas, é fácil comunicar e todos estes meios permitem-nos não estar olhos nos olhos, a sentir a reacção das pessoas. No entanto o viver é lado a lado.

A questão da informação, não há assim tanta, há muita informação mas eles não assimilam tanto a informação da coisa. O excesso de informação gera desinformação. Eles pensam que sabem muito e que têm um manancial de informação e quando a gente começa a utilizar a etimologia normal, eles próprios começam a corar, ficam muito aflitos porque os dirigentes falam da mesma coisa que eles às vezes falam com termos pejorativos. Eles não aprenderam foi a seleccionar a informação, a ver a fonte onde foi baseado. Obtém informações erradas por vezes de outros jovens sem conhecimentos. Custa a crer que haja falta de informação ou falta de esclarecimento sobretudo numa miúda que está prestes a ser menstruada e que não esteja minimamente preparada ou que não vem minimamente aconselhada, embora isto dependa da idade, da localidade, do estrato, da cultura. As pessoas não fazem filtragem da informação que recebem seja ela da Internet seja ela da televisão.

- *Media* (G2; 21, 22, 43)

Os filmes para adolescentes têm uma temática que é sempre sexo e em que eles acabam por ter relações sexuais pela primeira vez cada vez mais novos. É isso que vende na televisão, este tipo de imagens e tanto se vende que as pessoas acabam por comprar. Mesmo que se queira fazer alguma triagem é muito difícil. Não se trata de filmes e de telenovelas referirem a realidade que vivemos mas pelo contrário, criarem uma realidade que se possa viver ou que eles querem que se viva. Um exemplo interessante é o *Morangos com Açúcar* em que é passada com adolescentes e é uma sexualidade

vivida fora da afectividade. Tudo o que tem a ver com os afectos, há uma banalização muito grande e um desprendimento porque isso não aparece nos filmes, nem nas revistas. Qualquer revista de adolescente tem como tema principal as diversas “formas de engate”.

O que eu acho interessante nesta categoria ou neste tema é a constante desculpabilização dos educadores através da televisão e dos programas que passa. Parecem-me argumentos demasiado fáceis para explicar as coisas tal como os dirigentes fizeram sentir, embora não descure o facto de haver programas feitos deliberadamente em torno de um determinado público-alvo e realizados de forma a ir e encontro às ideias actualmente dominantes. Por outro lado poderia ter sido questionado a relação que os adultos têm com as “suas “ revistas, como por exemplo as playboy, maxims, etc.

- **Mito** (G2; 41) (G3; 53, 58, 64, 73)

Os adolescentes têm a ideia que o casamento é algo ultrapassado.

Agora pode fazer-se sexo à vontade porque agora se compra na farmácia um aspegic e fica tudo bem. Nos exploradores surge muito a ideia do beijo engravidar. Da primeira vez que se tem relações não se engravida. Os miúdos acreditam mais nos mitos que noutra tipo de informação.

Esta categoria tem única e exclusivamente algumas das situações que surgiram no decorrer das entrevistas de grupo. Provavelmente será para incluir noutras categorias.

- **Moda** (G1; 13, 14) (G2; 21)

A moda afecta aquilo que os adolescentes pensam sobre os assuntos e os seus comportamentos. Se é moda ser-se completamente liberto, desprendido, ter várias experiências, então os adolescentes, na sua grande maioria irá ter este tipo de comportamentos. Estas coisas são passadas pelas vedetas e popstars que anunciam as suas vivências e fazem disso valor.

Os adolescentes seguem os padrões que vêem na televisão.

- **Moral** (G1; 11)

A moral é diferente consoante são rapazes ou raparigas e está subjacente aos comportamentos esperados.

- **Liberdade** (G1; 7, 9) (G2; 26)

A liberdade é um conceito muito vasto e diferente para cada um dos entrevistados. Está relacionado com o espaço de cada um e o respeito pelo outro.

Os adolescentes gostam de liberdade até certo ponto porque a anarquia não funciona muito bem com eles, eles gostam de pensar e ter que o fazer.

- **Preconceito** (G1; 11, 12, 13, 17)

Há ainda muitos preconceitos. Por exemplo, uma relação entre dois jovens fora de qualquer compromisso, para o rapaz é considerada experiência enquanto que para a rapariga é considerado promiscuidade.

- **Professores** (G1; 7)

A grande maioria dos professores não está preparada e/ou motivada para falar de sexualidade aos seus alunos.

- **Realidade local** (G2; 29, 32)

Os estilos de vida estão relacionados com as realidades locais. No litoral do país, as pessoas acham que lá existe uma correria, falta de tempo para a família, para pos filhos e que o tempo parece que criou uma situação de vácuo. Temos muitos agrupamentos

com igrejas extremamente arcaicas, com dirigentes de ramos profissionais e de cultura geral se calhar muito mais retraídos do que eventualmente na faixa litoral.

- **Referência** (G3; 55)

Quando alguém é uma referência torna-se mais fácil a abordagem, seja por ser do mesmo género sexual, ou por criar empatia.

- **Relação** (G1; 4, 5)

As relações são muito mais do que a questão física ou anatómica. As relações que se estabelecem entre os Dirigentes e os seus elementos são de maior qualidade que na escola ou até mesmo em casa.

- **Religião** (G1; 4) (G2; 24) (G3; 60, 61, 62, 75)

Não se tem em conta a religião dos alunos e os valores daí subjacentes. Os Dirigentes sentem que os escuteiros vivem dois caminhos, aquilo que a Igreja diz e emana e depois aquela realidade com que são diariamente bombardeados.

Por vezes, questionam os seus Dirigentes e alguns Assistentes, sobre as questões ligadas à sexualidade e ao confronto que sentem relativamente aos princípios da Igreja, no entanto, não sabem como não-de colocar as questões sem que sejam mal interpretados. Estas questões estão também relacionadas com a idade já que são os mais velhos que geralmente perguntam e quando já sentem uma abertura por parte dos adultos para o fazer.

Segundo alguns Dirigentes, há questões difíceis de compreender, sobretudo compreender aquilo que é a posição da igreja sobre o aborto, sobre o preservativo. Sentem que os Dirigentes nunca pararam um bocadinho para pensar sobre as coisas e sobretudo que alguns assistentes nunca deram uma explicação clara, porque aquilo que eles ouvem é o que diz e muitas vezes não é a verdade. A grande maioria não sabe e

desconhece a posição da igreja sobre estas coisas, sobre o preservativo, se calhar, pelo que evitam falar sobre estas coisas. O preservativo é só isso, é por e usar e já está e não se percebe o que está por trás que é toda uma riqueza da vida sexual. Há muita desinformação sem dúvida. As pessoas vão atrás daquilo que é a opinião geral, muitas vezes aparecem pessoas a falar, um pouco em nome da igreja e gritam bem alto para toda a gente ouvir, mas que depois não sabem aquilo que estão a dizer e muitas vezes não dizem a verdade e as pessoas captam aquilo que os outros dizem e por isso captam ideias erradas das coisas. A igreja tem uma posição muito clara e sobretudo muito rica, e não obriga ninguém a segui-la, cada um é livre de escolher seguir a religião católica ou não, mas há muita desinformação sobre esses temas.

A questão da educação sexual as pessoas não estão interessadas em esclarecer, muitas vezes quando há debates e assim, o mais importante é logo atacar a posição da igreja. Também há muitos chefes que estão muito fora daquilo que é a posição da igreja, mas por ignorância. Vê-se claramente que as pessoas não percebem o significado das coisas e depois dizem aquilo que é comum, aquilo que está na moda, os valores são valores da moda e são esses que procuram transmitir, mas é sobretudo uma desinformação e uma ignorância quanto à posição e aos valores que a igreja transmite. Ser-se católico e afirmar-se católico porque se nuns sítios é perfeitamente natural, noutros não é bem assim e a pressão do grupo pode ser uma questão muito importante.

Esta é uma opinião dada por dois dos Assistentes que participaram em dois dos grupos.

- **Sexualidade** (G1; 3, 5, 11) (G2; 21, 23, 24, 36, 41, 43, 47) (G3; 51, 52, 53, 54, 58, 59, 62, 64, 66, 69, 73, 74, 75, 76)

A sexualidade dos adolescentes está relacionada com a forma como eles encaram a relação com as pessoas do outro sexo e a relação do ponto de vista social, afectivo, formas de estar e de ser, entendendo a sexualidade de uma forma mais abrangente. Actualmente está muito relacionada com a parte biológica (mecânica) e em diversos contextos. Consideram que a sexualidade tem outras facetas, algumas das quais difícil de explicar até pelos dirigentes pois nem eles nem os adolescentes conseguem compreender todas as dimensões pelo que se torna difícil de explicar ou falar. Se a

sexualidade for valorizada, há que fazer passar a mensagem que há coisas bonitas para viver e que devem e podem ser bem vividas.

A sexualidade é vivida com muita falta de maturidade e de responsabilidade. No início da descoberta da sua sexualidade eles poderão ter um pouco um conflito interpessoal entre o receio do seu desenvolvimento sexual e aquilo que neste momento a sociedade impõe da naturalidade do sexo. Os adolescentes vivem com o dilema de viver a sua sexualidade e a possibilidade de contraírem as DST's. A sexualidade continua a ser um assunto tabu, que não se fala onde deve ser falado. Relativamente a esta temática, às vezes não quer dizer que não se saiba, mas não se tem à-vontade, para não estar a cometer juízos de valor, os nossos próprios medos, os nossos próprios traumas e fobias.

As coisas têm que ser simples, não é com grandes teorias que se vai lá falar com o pioneiro, o que é isto do amor e a capacidade de amar alguém durante anos e anos. Eles sabem que o importante é ter sexo hoje e o amor fica de lado. O amor deve ser o ponto e partida e quando estamos a falar de sexualidade estamos a pensar nessa perspectiva e essa ideia do amor e da afectividade passa por ser uma grande dose de respeito pela outra pessoas e amar será fazê-los ver que a miúda de quem eu gosto, não é só para curtir, para gozar, para usar e deitar fora. Outra questão que não deixa de estar ligada à sexualidade dos adolescentes é o suicídio. Quando falamos da sexualidade dos adolescentes, reparem que fizemos sempre a repercussão para as situações de referência que temos.

A provocação dá-lhes imensos pontos e sentem-se muito superiores quando denotam que da parte do adulto não há capacidade para pegar na conversa e seguir com eles. Embora se diga que há muita abertura ainda não são temas que se falem à vontade. Sexualidade é sexo. Para falar de sexualidade tem que ser alguém muito próximo e que fale com a maior das naturalidades. Toda a gente parte do princípio que falar de sexualidade é falar do acto sexual em si. Eles contam tudo até ao beijo, da maneira mais simples e mais aberta e até são capazes de dizer quantidade que deram naquela semana. Eles não vão perguntar a questão em si. As respostas que eles dão uns aos outros é “isso não se precisa perguntar, toda a gente sabe como é que é”. Tudo o que dizia respeito à sexualidade era a parte animal que acabava de surgir. Então não precisava de se falar disso porque quando lá chegarem deixa estar que aquilo dá tudo certo. São temas que

continuam a não ser fáceis de eles perguntarem a quem os pode esclarecer, há quase a ideia que não vamos falar sobre esse assunto. As dúvidas vão-se acumulando e quando precisam de as esclarecer, muitas vezes esclarecem-nas da pior forma. Quando começam a ser mais velhos aquilo deixa de ser um bicho-de-sete-cabeças. A sexualidade não é só físico, será as nossas vivências, a sexualidade começa no dia em que nós nascemos. Os dirigentes que trabalham com as secções são quem se depara com determinadas situações que gostavam de ter alguma preparação prévia. Muitas vezes a mensagem que se passa não é a mais correcta mesmo neste campo da formação. As minhas convicções podem-me dizer que se calhar devo incorporar a sexualidade numa dimensão mais vasta que é a dimensão humana e devo incorporá-la aí embora reconheça que existam outras formas de ver as coisas. Muitas destas questões, mesmo ao nível da associação também são difíceis de compreender. O mal não está de facto no preservativo, acho que o mal está em entregar o preservativo sem mais nada, poderiam entregar depois de se envolver o preservativo noutra série de coisas. A questão da sexualidade tem que partir de um tema mais vasto que é a promoção da saúde.

- **Situações concretas** (G2; 27, 32, 33, 34, 40, 46, 48) (G3; 65, 66, 67, 68, 74, 75, 77)

Preservativo – há adolescentes que não sabem como é que se aplica, mesmo sendo de zonas de turismo, em que a ocasião faz o ladrão por mais católicos que sejamos. Uma miúda entrou num ataque de histerismo porque estava a vir-lhe a menstruação pela primeira vez. Uma dirigente da IV Secção dizia publicamente às suas raparigas que quando tinha a menstruação deixava de tomar duche e fazer a sua higiene. Um dirigente, num acampamento em que veio o período pela primeira vez a uma miúda, ele tirou-a cá para fora da tenda, ela começou a chorar porque estava suja de sangue e ele pegou no telemóvel e perguntou à sua companheira, o não sei quantas (à frente da miúda) a gaja aparece aqui com sangue isto é o quê?” Outro exemplo foi uma miúda que aparece com a menstruação num raid e a ordem era para que toda a gente fosse tomar banho a seguir uma vez que havia condições para isso. Ora acontece que a cultura da miúda e os hábitos em casa eram exactamente contrários e aquilo deu polémica pois a miúda chorava, os outros gozavam com ela porque como eram mais novos não sabiam o que se estava a passar e como os valores que ela trazia de casa eram esses, não havia forma de

lhe explicar que não havia nada de errado. As questões começam a colocar-se no final dos exploradores, quando as raparigas estão com 13, 14 anos e nos rapazes no início dos pioneiros em que se perguntam “porquê amar? porquê viver com alguém, eu comecei a namorar mas eu quero curtir, não quero namorar, e quando alguém lhe diz assim “mas porque é que queres prejudicar aquela que gosta de ti..., por exemplo falando na questão do amor, do amor que ele lhe vende porque ouviu dizer que o que interessa é engatar a fulana para... porque lhe interessa a relação sexual, não é? Hoje com uma e amanhã com outra. Outra situação é perante a homossexualidade como é que hão-de os dirigentes reagir. Num acampamento estava um grupo pioneiro com outro e a determinada altura, aparece uma miúda na tenda onde o pioneiro ia dormir. Ele estava com os pioneiros do outro agrupamento. O chefe foi ver quem estava e quem não estava não tendo visto a rapariga. Os outros disseram-lhe para ele não dizer nada ao chefe e a miúda passou lá a noite. O miúdo sentiu-se mal porque achava que como guia não poderia fazer aquilo mas pressionado pelos outros fez, o que fez com que andasse angustiado e quisesse mesmo sair do grupo pioneiro por não ter cumprido com a parte dele.

Quando uma miúda apareceu com a menstruação, as mais velhas tomaram conta do assunto e enquanto os dirigentes decidiam ou não decidiam já tinham arranjado solução ou sabiam como resolver. Com os rapazes, a situação do problema das masturbações torna-se complicado porque eles não sabem como é que hão-de lidar com o problema. Uma rapariga foi conversar com o dirigente masculino que ficou um pouco à rasca e não compreende porque é que ela veio conversar com ele quando poderia ter ido conversar com outra rapariga qualquer sobre a menstruação. Uma pioneira, que tem uma mãe médica e que não queria que esta soubesse, teve que ir a uma aula de sexualidade ou coisa do género, na escola, com o director de turma e o que este fez foi distribuir preservativos e a seguir disse-lhes para irem para casa, sem mais nada. A Inglaterra por ter uma taxa muito alta de gravidez na adolescência fez uma enorme campanha. Os miúdos vêem coisas na televisão e nós não os podemos impedir de ver mas depois fica a ideia que aqueles comportamentos são banais e torna-se difícil provar o contrário.

- **Valores** (G1; 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17) (G2; 21, 23, 30, 38, 41) (G3; 74, 76)

A sexualidade joga muito com os valores dos indivíduos. É necessário educar para os valores e segundo valores de uma determinada cultura. A existência de um contexto moral pressupõe falar em valores. Quando os adolescentes falam nas suas experiências denominando-as de “curtições”, isso implica o contacto com vários parceiros e poderá ser considerado como algo despojado de valores. Por outro lado, há quem considere que também neste tipo de relação existe ou está subjacente algum carinho, ainda que a relação não tenha como objectivo uma duração temporal prolongada. Consideram, assim, que é necessário fazer perceber quais os valores que devem estar na base do lidar com o outro. Conceitos como liberdade, respeito e bom comportamento são considerados como ultrapassados embora seja importante pensar e reflectir onde é que eu estou a gostar, a respeitar e a não magoar. Esta busca do que, se é respeito ou não, vem sempre acompanhado dessa confusão mental, ou neste caso, temperamento que é próprio da adolescência. O conceito “curtir” era diferente há uns anos atrás. A influência de algumas figuras de referência para os adolescentes têm valores que elas personificam, que defendem, que acabam por transmitir e isso também molda o comportamento. A conversa com os adolescentes tem que ser suficientemente franca para que eles percebam que os adultos têm os seus valores e que o facto de os adolescentes terem os deles ou estarem na sua construção, não implica que o adulto deixe de afirmar o que defende, ou que esconda ou ainda que os imponha. Esta situação pode levar a um confronto de valores que até pode ser muito positivo pois tendo pontos de entendimento é possível conversar.

Estamos a viver valores que não são os nossos, nomeadamente os americanos e os brasileiros que nos são impingidos todos os dias. Valores esses que é complicado uma pessoa dizer que não. Os adolescentes estão a ser alvo desta imposição e quase todos vão por aí, salvo pequenas excepções... as pessoas estão muito, muito influenciadas por aquilo que lhes é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes. Aqueles valores que se vêem nos filmes e depois pensam e aquela parte ninguém explica muito bem, não tenho formação para isto, e aquilo gera-lhes grandes tensões internas e eles lutam com isso no dia a dia. É importante nós como unidade e quando falamos nos nossos valores esquecemo-nos de uma realidade que nós estamos hora e

meia, duas horas com os nossos miúdos e as restantes horas eles estão a viver na sociedade civil. A dificuldade que nós temos em transmitir valores que nós defendemos, com apelos que existem de forma sistemática como outdoors, cartazes, e há que lidar com estas duas realidades. Muita coisa dos modelos estereotipados não significam nada porque no fundo ninguém está interessado em passar valores, toda a gente está interessada em apostar na sociedade de consumo, puro e simples, crua e dura. Nós temos que meter a ideia aos nossos miúdos que ser escuteiro não é nenhum mal e ser católico é bom, ser escuteiro é bom. Os valores podem ser introduzidos através de histórias ou vivências como as bodas de prata nas paróquias para que os miúdos possam ver que é possível viver com alguém durante aquele tempo e valorizar os aspectos relacionados com isso.

O patrocínio tudo permite e depois fica-se sem base nenhuma para viver o valor, o valor da vida, o respeito pelo outro, o respeito por mim próprio. A busca da base de tal fonte está nos princípios e nos valores.

D. Memorando 3

- **Adolescentes**

- (G1; 3, 4, 5, 6, 7, 8,9, 11, 12, 13, 14, 15, 18)
- (G2; 21, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 44, 45)
- (G3; 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 66, 77)
- (G4; 83, 84, 85, 86, 87, 96, 98, 119)
- (G5; 120, 121, 124, 126, 127, 130, 131, 134, 139, 144, 149, 152, 153)

- **Adolescência propriamente dita**

A adolescência ainda é encarada como um período de algum mistério, com alguma falta de compreensão por parte dos adultos e sendo, não raras vezes, denominada de idade do armário. Por outro lado, existem entrevistados que defendem o contrário, afirmando que é um período de descobertas, do eu e dos outros e da maturação das relações. De facto, os entrevistados recorrem frequentemente às suas memórias e referencias do período em que foram adolescentes, comparando com a actualidade.

- **Características físicas e psicológicas dos adolescentes**

Como características diferenciadoras, os adolescentes tendem a ter uma visão mais ampla que os adultos e uma curiosidade maior pelo que os rodeia. Gostam de descobrir e explorar as coisas por si próprias. A grande maioria dos adolescentes percorre esta etapa sem grandes dificuldades e tem acesso a muita informação. Preocupam-se quando as coisas não acontecem como estão descritas nos livros ou como lhes dizem que supostamente deveria acontecer. Têm uma abordagem livre, saudável, vivem de um modo mais livre e descomplexado. São interessantes e têm pontos de vista fora do padrão a que os adultos estão habituados. Estão mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa. Formam grupos e em cada grupo têm uma hierarquia e caminhos definidos. Necessitam e gostam de regras, não só para lhes proporcionar referências mas também para as poderem questionar. As raparigas parecem ser mais evoluídas que os rapazes, o que é compreensível dado o desenvolvimento de cada um

dos géneros sexuais. Ainda nesta distinção dos géneros sexuais, os Dirigentes têm a ideia que os amigos de um adolescente sabem que é muito mau quando se acaba com um rapaz e ele está realmente apaixonado, não havendo qualquer referência deste género no que se refere aos elementos do sexo feminino.

A imagem que os adultos têm é que os adolescentes, por serem católicos ou escuteiros, são por vezes postos à margem dos grupos onde estão inseridos na escola. Por outro lado, sentem muita falta de serem ouvidos. Quando sentem que há alguém que os pode ajudar, as raparigas aproximam-se e procuram essa ajuda, o mesmo não acontecendo tão facilmente com os rapazes. Segundo os Dirigentes, os jovens afirmam vulgarmente que não estão interessados em compromissos, falando em termos como “curtir”. Fica a questão não só dos laços que estes jovens conseguem estabelecer com os outros, mas também o tipo de relação afectiva que existe entre estes e os pais e os pais entre si. Os adolescentes são ainda conotados com problemas ligados à toxicodependência e à prostituição.

➤ **Visão face à sexualidade**

Os adolescentes estão a crescer e estão pouco a pouco a descobrir a sua própria sexualidade. As dúvidas que vão surgindo são cada vez em maior número e apesar de terem acesso a muita informação, esta surge-lhes sem ser filtrada e numa quantidade tal que se lhes torna difícil separar e credibilizar as fontes. Quanto à descoberta do outro, do seu corpo, das pessoas do sexo oposto, a mesma acontece, segundo os entrevistados, numa primeira fase da adolescência e o aprofundar das relações já numa fase posterior. Os entrevistados ligam a primeira fase da descoberta à idade dos exploradores (11-14 anos) e a segunda já na fase dos pioneiros (14-17 anos).

Os Dirigentes são de opinião que os adolescentes não só sentem necessidade de falar sobre a sexualidade como a temática surge mais precocemente, havendo quem defenda que surge logo na primeira infância, enquanto que outros afirmam que não, que só mesmo na adolescência surgem as preocupações ligadas à sexualidade. Existem adolescentes que falam abertamente mas outros nem sequer querem ou deixam abordar o tema. Esta situação depende também das idades.

O que parece acontecer é que os adultos, sejam eles pais ou dirigentes dos escuteiros, quando se referem às questões da sexualidade, são de opinião que estas surgem quando os seus filhos ou escuteiros “chegam” à adolescência.

As experiências por eles vividas estão também, relacionadas com a sua origem. Os entrevistados consideram que os adolescentes de origem rural têm acesso ao contacto com os animais o que lhes permite ter outra abordagem em torno da sexualidade e das relações.

Comentário meu: Penso que isso talvez fosse verdade há alguns anos atrás mas actualmente não parece que isso aconteça, sobretudo com o acesso à Internet e à televisão. Esta questão surgiu através, sobretudo de um pequeno grupo de dirigentes já acima dos 45 anos, o que pode ajudar a explicar esta ideia.

Os comportamentos dos adolescentes ao nível da sexualidade são, também eles, vistos de formas muito diferenciadas. Por um lado há quem defenda que, nem todos os adolescentes alinham por uma sexualidade dita libertina ou pela moda da altura. No entanto, aqueles que não o fazem segundo os padrões da moda vigentes, correm o risco de serem rejeitados. Mais uma vez a relação ao grupo. Esta pressão grupal faz com que alguns, “*senão mesmo a maioria*”, siga a tendência e procure desempenhar um papel que nem sempre está de acordo com a sua maneira de ser. Isto leva os adolescentes a viverem períodos de conflito internos.

Actualmente, e segundo os entrevistados é uma questão de vergonha admitir-se que se é virgem. Por outro lado, são bombardeados diariamente sobre comportamentos responsáveis, ou pelo menos comportamentos que não sejam promíscuos mas quando “chega a hora”, as hormonas falam mais alto. Remetem-se para aquilo que lhes dá mais prazer momentâneo. Fica então a questão: quem é que lhes dá, quem é que lhes pode fornecer alguns valores? E que tipo de valores? A escolha por parte dos jovens, recai vulgarmente nalguns programas de televisão, como por exemplo algumas novelas mediáticas, ou ouvir uma conversa “barata” dos amigos que fornecem um conjunto de modelos estereotipados.

Os jovens estão hoje muito mais abertos, têm mais informação o que não quer dizer que saibam as coisas, sabem mais do que sabiam se calhar há dez ou há vinte anos atrás. Os jovens na idade dos pioneiros estão já numa fase em que estão, em que se sentem absolutamente à vontade para falar sobretudo uns com os outros sobre o assunto e, por vezes, também com alguém mais velho. Falar abertamente também não falam muito, não estão despertos para a sexualidade. Os jovens até vão conseguindo encaixar a sexualidade na vida deles, se calhar necessitam, é de mais informação. Quando passa para a fase da carícia é muito difícil eles contarem.

➤ **Relação com os adultos**

Os dirigentes pensam que os jovens não conseguem fazer a distinção entre o que lhes é proposto e o que lhes é dito, vivendo o dia a dia no grupo de amigos, sendo bombardeados diariamente e “seguindo o rio”, sendo-lhes apontadas poucas saídas para o seu caminho. Os adolescentes só costumam partilhar com um adulto, quando se sentem mais ligados e têm sede de falar, de serem ouvidos. Isso acontece quando se estabelece uma relação de empatia entre o adulto, aqui referenciado como sendo o Dirigente dos Escuteiros e os seus elementos. O não falarem com o adulto tem, na sua origem um medo de rejeição ou que estes digam que é proibido e que têm que fazer isto ou aquilo. Os adolescentes quando se sentem enganados nunca mais confiam no adulto e nunca mais o procuram. Gostam de provocar os adultos para verem como é que eles reagem. Os adolescentes são muito saudáveis, quando o dirigente consegue estabelecer uma boa relação com o seu grupo pode significar a pessoa importante e de referência, muitas vezes mais que os pais pois os pais são sempre os pais.

É interessante verificar o discurso dos entrevistados enquanto dirigentes e enquanto pais. Há até uma boa parte deles que chega mesmo a afirmar que é mais fácil lidar com esta temática no seu grupo de escuteiros do que na sua própria casa, com os seus filhos.

Comentário meu: Levanto aqui uma questão que tem a ver com a ligação afectiva e a discussão em torno da temática, será que a existência de laços afectivos fortes pode constituir um impedimento para trabalhar esta área? Não deveria a mesma servir como ponto de encontro?

Os nossos entrevistados referem ainda que as adolescentes falam com as mães primeiro pois há uma identificação de género sexual. O à vontade das raparigas relativamente à figura masculina é mais invulgar porque também não há da parte da imagem masculina uma abordagem ao assunto. Elas não se sentem à vontade para falar porque o pai também não fala. A partir do momento em que elas vêem uma figura masculina a abordar o assunto e a pô-las à vontade para esse tema, começam a questionar mais.

Já os rapazes na adolescência deveriam estar mais à vontade e não estão. Vão ficando cada vez mais ansiosos porque *“não querem ficar para trás em relação aos outros membros do grupo”*. O rapaz tem alguma dificuldade em falar com as dirigentes femininas.

O início de uma relação sexual activa dá-se mais cedo nas raparigas e não nos rapazes, ideia que parece contrariar algumas das estatísticas mais recentes. Segundo os participantes, este facto dever-se-á ao facto de as raparigas gostarem, geralmente de rapazes mais velhos, o que pode levar a uma primeira relação sexual mais precocemente.

Ainda nesta temática, alguns dirigentes referem que os adolescentes querem viver sem tabus. Que têm muita curiosidade sobre a temática mas que a informação nem sempre existe em quantidade e qualidade.

Acham que fazem falta conversas sérias sobre isso porque *“eles gozam muito e falam muito e atiram muito para o ar mas em termos de conhecimento falta-lhes muita coisa (...)*. Até ao mais velhos *querem mostrar que já são adultos e tal mas depois bem no fundo não é bem assim”*. Dúvidas individuais já têm surgido mas eles não *“puxam”* muito, têm sempre alguma vergonha de falar.

➤ Grupo de pares

Há vários tipos de adolescentes consoante as características dos grupos onde estão inseridos. Uns lidam em grupos mistos e têm uma vivência completamente diferente, outros fantasiam mais, são mais inibidos e/ou não partilham tanto. É sempre diferente se estamos a falar de grupos mistos, onde há uma vivência mista, de coeducação. Ainda

hoje se sente essa diferença, da vivência em grupos mistos e em grupos mais restritos, sobretudo nas escolas ou colégios onde existiam somente raparigas ou rapazes (onde a coeducação não existia). Nestas escolas, a liberdade era muito restringida e esta temática não era discutida. Em grupos mistos o à-vontade era muito diferente e as coisas não eram discutidas com tabus e preconceitos. O grupo continua a ser uma fonte de informação e de inter ajuda importante uma vez que permite a discussão de coisas que de outra forma não seria possível.

No que se refere à existência e ao papel dos grupos, os dirigentes participantes no estudo defendem que, invariavelmente surge um líder natural entre eles, que dite uma vontade geral. Eles podem aprender com o grupo de pares. Se, por um lado, alguns dirigentes defendem que os adolescentes, quando em grupo, procuram sexo, imagens de sexo e pornografia, outros há que defendem que é no grupo de pares que aprendem e dão os primeiros passos nas questões da sexualidade. Eles encaram com naturalidade, já começam a saber algumas coisas, como por exemplo, a maioria já sabe o que é um penso higiênico ou para que serve. Se o líder do grupo for um rapaz, ele não transmite esse tipo de informação às raparigas. As informações no campo da sexualidade entre os jovens transmitem-se entre o grupo das raparigas e o grupo dos rapazes, o que leva a que a informação não seja a mais correcta.

Quanto aos relacionamentos dentro do grupo, os entrevistados são de opinião que eles começam muitos relacionamentos com as mensagens, e só quando atinge determinado nível de confiança nas mensagens é que eles conhecem pessoalmente ou é que têm a coragem de falar com a parceira ou com o parceiro cara a cara. Achrom que não convivem, que não têm amigos ou amigas, *“não sabem jogar à bola na rua ou o que é esfolar os joelhos, só sabem jogar ao computador”*. Passam muito tempo no computador e comunicam uns com os outros pela Internet, chegando mesmo a *“fazer noitadas porque estão toda a noite na Internet a falar uns com os outros”*. Os jovens recorrem um pouco à imagem que têm da família, dos pais e dos avós, só em casos extremos de necessidade, em que eles sentem que há alguma urgência em agarrar-se a algo sólido. Porque de resto são os valores do grupo.

Alguns dirigentes referiram ainda que, quando os seus elementos começam a namorar, deixam de falar com os amigos “de longa data”, mesmo quando só conhecem o(a) namorado(a) há poucos meses e que “*isso é imposto por eles*”.

➤ **Género sexual**

Há diferenças de actuação e comportamento pelo facto de se ser rapaz ou rapariga. Ainda existe aquilo que os entrevistados consideraram como “um padrão machista” e as preocupações podem ser de cariz diferente. Por exemplo, os rapazes podem ir a qualquer lado sem qualquer problema enquanto que as raparigas estão sujeitas a agressões, que os rapazes se calhar não estão. Ainda há quem pense assim, sendo até considerado natural, pois basta interpretar os factos (leia-se *media*) e parece que as raparigas são mais “atacadas”, mais frágeis. As raparigas também se desenvolvem mais cedo pois na idade dos exploradores, aquilo que ainda é a fase da descoberta, para as raparigas já é uma fase de experimentação.

No grupo de exploradores nota-se muito a diferença dos rapazes para as raparigas, eles querem brincar e pular e elas falam muito em namorar. Elas pensam que sabem mais do que aquilo que sabem e na idade dos pioneiros, elas são mais desenvolvidas do que eles em termos racionais. Os rapazes esquecem muito mais facilmente, no caso das raparigas é mais difícil a questão de serem gozadas.

As raparigas têm mais facilidade de falar com alguém do que os rapazes. Os rapazes têm mais ansiedade em relação ao sexo do que as raparigas, que segundo os entrevistados, não se preocupam tanto com isso. Os rapazes preocupam-se mais e principalmente nos 15, 16 anos e até mais tarde. Colocam muito mais perguntas e perguntas que denotavam mais ansiedade e mais preocupação que as suas congéneres femininas. Estas fazem menos perguntas, sendo geralmente de pura curiosidade. Uma rapariga mais velha que diga ao grupo de amigas que nunca teve uma relação sexual, “*ninguém vai gozar com ela*”. Um rapaz de 18, 19 anos que diga no mesmo grupo que nunca teve uma experiência sexual, começam todos a *gozar*. Elas têm curiosidade mais cedo. São mais curiosas em saber mesmo as coisas como deve ser, como é que

acontecem, como é que não acontecem. Os rapazes preocupam-se mais com o acto em si e têm mais curiosidade em relação a uma sensação ou ao sexo, na sexualidade.

➤ **Moda**

A moda afecta aquilo que os adolescentes pensam sobre os assuntos e os seus comportamentos. Se é moda ser-se completamente liberto, desprendido, ter várias experiências, então os adolescentes, na sua grande maioria irá ter este tipo de comportamentos. Estes comportamentos são passados pelas vedetas e popstars que anunciam as suas vivências e fazem disso valor.

Os adolescentes seguem os padrões que vêem na televisão ou de grupos exteriores ao local onde vivem, sobretudo se forem de origem urbana.

• **Antigamente vs Actualidade**

(G2; 29) (G3; 54, 57) (G4; 98) (G5; 122, 124, 125, 142)

(G2; 28, 29, 39, 40, 44) (G5; 122, 124, 125, 126, 136, 141, 143, 146)

➤ **Antigamente**

Os entrevistados recorreram aos seus modelos de infância com alguma frequência, sobretudo os Dirigentes de uma faixa etária mais avançada (acima dos 45 anos). Assim, defenderam que os modelos antigos eram conservadores, arcaicos mas eram algo que as pessoas sentiam como podendo ser contestados. Ninguém colocava qualquer questão sobre esta temática.

Como alguns exemplos, referem que havia respeito para com os adultos, para com os mais velhos, não havendo manifestações amorosas em público. Esse respeito verificava-se também na forma de tratamento, onde tratar por tu era impensável, confundindo-se o respeito com o medo. Referem ainda que houve uma época em que era considerado normal os pais levarem os filhos do sexo masculino às prostitutas.

Há cerca de quarenta e cinco anos, as escolas primárias eram separadas por um muro e era impensável existirem turmas mistas. O local onde as raparigas faziam ginástica era o mais escondido possível. O equipamento desportivo utilizado era composto por uma camisola de manga comprida, umas meias altas, uns calções até ao joelho e uma saia por cima. Se algum dos rapazes espreitava através da fechadura da porta do balneário ou de alguma aula, na esperança de vislumbrar alguma coisa, *“no mínimo era expulso”*.

A coeducação, ou uma espécie de coeducação só existia nalgumas escolas cujo número de alunos não permitia a existência de turmas separadas. Segundo alguns testemunhos, as cadeiras do lado direito eram ocupadas pelas raparigas enquanto que as do lado esquerdo eram ocupadas pelos rapazes. Os pátios eram separados, as aulas de educação física eram separadas e enquanto os rapazes tinham trabalhos oficinais, as raparigas tinham trabalhos femininos. No que se refere aos tempos livres, os rapazes podiam jogar à bola sempre que o desejassem e *“passavam tardes inteiras fora”*, coisa que não acontecia com as raparigas.

➤ Actualmente

Actualmente, a situação modificou-se. Na opinião dos entrevistados, há uns anos eles faziam chantagem, *“ah se gostasses de mim ias para a cama comigo”*. Actualmente não é isso que acontece, dado que as raparigas, para mostrar que são emancipadas e que são mulheres modernas, insistem nas relações sexuais, podendo inclusivamente *“rebaixar”* a performance do rapaz com quem estiveram junto dos amigos dele, conversando mesmo sobre isto no café.

Por outro lado, é comum existirem manifestações amorosas em público, como os beijos ou *“andar agarradinhos”*. Há dirigentes que consideram que isto é um sinal de um à vontade maior que consideram saudável. Isto leva os adolescentes a sentirem-se mais à vontade para colocar questões.

Nas actividades, sentem que a introdução dos telemóveis na sociedade actual leva a novos comportamentos: *“às três da manhã andamos a tirar telemóveis porque o divertimento deles é mandar mensagens para os miúdos que estão nas outras tendas”*.

Comentário meu: Penso que estas opiniões são demasiado generalizadas e com enormes juízos de valor tendo por base o facto de serem raparigas a ter este tipo de atitude, algo que ainda não é aceite pela sociedade actual. Não ponho em causa a atitude de menosprezar o rapaz mas sim pelo facto de como se trata de uma rapariga a fazê-lo, tem logo outras conotações. Isto sai corroborado por algumas opiniões também descritas nos focus group, onde sobretudo as Dirigentes do sexo feminino alertam para o facto de no que se refere ao género sexual, a existência de vários parceiros, que não necessariamente ao mesmo tempo, é considerado de forma muito pejorativa sendo uma rapariga e de forma ainda positiva sendo um rapaz o que demonstra que se calhar as características ou os valores não se modificaram tanto como alguns querem fazer pensar. Nesta questão há uma grande divisão de opiniões, uns muito conservadores e outros mais liberais.

Ainda em relação à actualidade, é muito referido a questão familiar, ou seja, a forma como as famílias se estruturam, ou não, hoje em dia. Para alguns entrevistados, há uma desistência, uma falência da família nuclear e passamos para uma situação mono parental, onde a mãe continua, na maior parte dos casos, a garantir a gestão da educação dos filhos. Os pais têm medo que eles saiam de casa e que lhes aconteça alguma coisa, sobretudo se forem *“meninas, podem ser raptadas e violadas”*.

Consideram que há hoje uma ausência pura da matriz. Os dirigentes podem ser actualmente essa presença e se calhar a resposta a uma pergunta, que por vezes é desajeitada, é fundamental. Sentem que os seus adolescentes não sabem o que é certo ou errado e que a sociedade em geral e a família em particular está a ter algumas dificuldades nesta questão.

A estrutura do tempo também se modificou. O dia é para trabalhar até tarde e a noite é para divertir. Os Dirigentes consideram que os jovens mudaram completamente a estrutura do nosso tempo.

Comentário meu: O que me parece é que esta mudança não se deve aos jovens de hoje mas provavelmente à geração anterior, que por motivos históricos recentes (Revolução do 25 de Abril de 1974), levaram a modificar toda uma estrutura ou matriz, como alguns denominam, da sociedade então vigente. Se entretanto temos a sociedade que

eles, os jovens dessa altura ambicionaram, será outra questão a levantar pois dadas algumas respostas entretanto obtidas nos focus group, parece haver um número grande de Dirigentes que se sentem, se calhar, mais perdidos que os seus elementos e que se refugiam em discursos muito ligados ao “antigamente é que era bom”. Se por um lado, isso pode significar que se tentam agarrar aos tais modelos que discordam mas perante os quais sentem segurança, por outro é preocupante que isso suceda numa associação com cerca de 60 000 jovens dos quais cerca de 80% são jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 22 anos.

Também há Dirigentes que defendem que é necessário adaptarem-se ao mundo dos seus jovens, inclusivamente adoptando a sua linguagem própria de forma a fazê-los perceber que conhecem um pouco do mundo deles e têm atenção à realidade e ao mundo deles. Esta maneira de estar representa, provavelmente, o oposto e pode tornar-se tão perigoso e nefasto como as ideias anteriores, uma vez que indicia uma insegurança tão grande ou ainda maior.

TEMA 3 – Intervenientes

➤ Adultos

- **Adultos** (G1; 7, 9, 10, 11, 15, 17) (G3; 55, 58) (G5; 152)

Os adultos tendem a complexificar as situações e teorizam mais. Têm pouca capacidade para discutir este tipo de assuntos. A sexualidade constitui um desafio para os educadores. É um papel exigente. Têm receio das perguntas dos adolescentes. Os adultos que gostam dos adolescentes devem falar com eles, partilhar e não passar ao lado das coisas. As preocupações não passam, nem mesmo quando eles entram na vida adulta. Como educadores que são, deveriam ter a preocupação de ouvir muito mais e deixarem-se interpelar pelos adolescentes. Poderiam, assim, descobrir que também têm, por vezes, medos superiores aos dos adolescentes. Há adultos esclarecidos e outros que não o são. Os adultos têm desconhecimento em relação não só à sexualidade como a

outros aspectos sobre a adolescência. A tarefa do adulto é questionar e ser interpelado pelos outros.

Os comportamentos por parte dos adultos são muito importantes porque podem ser repressores de qualquer tentativa de contacto. Uma troca de carinho que os reprima e/ou que afaste os jovens, pode levá-los ainda mais à desinformação e a refugiarem-se, a fecharem-se mais, podendo começar ou iniciar experiências de sexualidade que lhes possa causar dano, quer moral, quer físico.

Os adultos são, por definição, marcados pela experiência e quanto mais velhos, mais difícil se torna abordarem aquelas questões. Têm alguma experiência acumulada, embora defendam que os adolescentes, tal como eles, também têm experiências acumuladas que eles não tinham.

Quando alguém é uma referência torna-se mais fácil a abordagem, seja por ser do mesmo género sexual, ou por criar empatia.

Comentário meu: Esta visão do ideal de adulto confunde-se, naturalmente, com o ideal de Dirigente preconizado por um grande número de entrevistados. No entanto, resolvi criar um espaço específico até verificar se poderá ou deverá ser encaixado noutra local, provavelmente na categoria ligada aos Dirigentes ou numa mais geral ligada aos educadores, onde poderão estar incluídos os pais, os professores e os dirigentes dos escuteiros.

➤ Dirigentes

- **Dirigentes** (G1; 5, 10, 11, 15, 16, 17, 18) (G2; 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 47) (G3; 51, 52, 54, 55, 56, 59, 60, 65, 67, 70, 72) (G4; 83, 94, 96, 97, 101, 102, 112) (G5; 150, 151)

Há Dirigentes que falam com os seus elementos sobre sexualidade. Apostam numa relação de qualidade e conseguem estar mais próximos que os professores. Os elementos confiam geralmente nos Dirigentes para falarem pois, na sua grande maioria,

têm a vantagem de conseguirem fazer parte do grupo. Por outro lado, os Dirigentes também têm receio que os adolescentes venham fazer perguntas complicadas. O dirigente não deverá criar um bicho-de-sete-cabeças e abordar o assunto com muita naturalidade. Os chefes de grupo (ou de unidade) preocupam-se em ver, no surgir das conversas o que se pode abordar. Há situações que podem constituir-se como um ponto de partida para a abordagem inicial e depois individualmente deverá haver essa disponibilidade para falar e ouvir. Não parece nada mal que a iniciativa de falar parta do Dirigente. O Chefe também pode pôr a sua experiência e há até opiniões que falam da vantagem do Dirigente ser capaz de falar sobre a sua experiência pessoal, pois pode, por vezes, ser importante e libertador até. No entanto, deve ser feito com muita cautela ao partilhar a sua experiência porque podem construir referências, legitimar maneiras de pensar através da sua experiência pessoal.

Aos Chefes preocupa-os se eles conseguem chegar aos adolescentes. São de opinião que não têm força suficiente porque na sua ingenuidade, calam-se, não falam, não propõem, não sugerem. Há dirigentes que se sentam a conversar com os seus elementos e estes ficam muito surpreendidos pois não estão habituados a que os adultos se sentem com eles a conversar sobre a temática com alguma naturalidade. Fica a questão, que dirigentes é que estarão preparados para viverem, com factos concretos pois não basta só ter preocupações ou dizer que é proibido, a sexualidade dos seus elementos?

Teorizam muito e não estão preparados para viver esta temática com os problemas que isso acarreta e até inclusivamente não se disponibilizam muito para saber ou aprender mais. Consideram que, mais do que sentirem-se educadores e formadores, como alguém que vai dar qualquer coisa ou fazer qualquer coisa é importante esta presença, o estar atento às questões e às respostas que se possam vir a dar. É estar atento e a pouco e pouco entrar no mundo deles e conseguir chegar a eles, alguém com quem os adolescentes se sintam seguros para falar e inclusivamente para contar algumas das suas experiências. O Dirigente deve ter abertura suficiente para se sentar com eles a discutir as razões porque é que eles fazem isto, o que é que os leva a fazer isto ou aquilo, o que é que pensam disto ou daquilo e isto é muito mais proveitoso, não descurando as regras existentes mas também não as impondo de forma rígida, eles é que têm que escolher o seu caminho. Na sua maioria, os Dirigentes que participaram no estudo, afirmaram não se sentirem à vontade para fazer algo como chegar ao pé deles e dizer “ora bem, hoje

vamos falar de sexualidade”. Os dirigentes tem que arranjar tempo para o escuteiro porque é o princípio da meada quando ele não tem ninguém que o ouve. Há ainda muitos dirigentes bloqueados porque é ainda um assunto tabu, pouco falado, com pouca ou nenhuma formação e a associação também não tem tido esse cuidado. Consideram-se como “aprendizes de feiticeiro” e isto vem da tendência de, culturalmente (seja lá o que isto for) haver uma tendência natural portuguesa para o “desenrascanço”.

Defendem que faz muita falta uma formação técnica muito bem preparada nesta área, integrada, ou não, noutras, sendo preferível aprender primeiro e recorrer a quem sabe, dentro ou fora da associação, do que estar a ter atitudes más e erradas. Os dirigentes tem o problema de como é que hão-de abordar o problema e sobretudo de como é que isso é aceite depois pelos pais, pela família em casa. Também consideram ser contraproducente chegar ali e impor uma regra pois é complicado para um dirigente gerir e explicar a sexualidade aos miúdos porque o problema vem de casa. Pode é caber ao dirigente começar a avisar os pais e nas reuniões de pais, começar a abrir o espírito dos pais e dizer-lhes que oportunamente se alguém fizer uma pergunta, esta será respondida de forma concreta. De qualquer das formas, esta abordagem está longe de ser consensual na associação pois há quem defenda que a sexualidade deve ser única e exclusivamente trabalhada em casa pelos pais e que não cabe à escola e muito menos aos escuteiros fazerem uma abordagem nesta temática.

Há muitos dirigentes “desformatados”, com falta de sensibilidade, sabedoria, de ser um irmão mais velho. Têm mais vantagens que os professores e muitas vezes que os pais porque estão habitualmente em espaços de confissão, de relaxamento, de companheirismo. Um chefe que não fala com os seus elementos, onde as coisas não são debatidas, não tem hipóteses. Consideram-se como uns facilitadores daquilo que pode vir a acontecer naquele rapaz ou naquela rapariga, de bom e de mau. Defendem que têm e devem ser capazes de falar com eles sem os julgar, estar lá a ouvir. Quando não forem detentores do conhecimento necessário, devem admitir e ir à procura de informação ou de quem saiba.

No que se refere à estrutura humana da associação, consideram que é necessário acarinhar os chefes de unidade porque a associação tem gente muito boa e a fazer bom

escutismo embora depois existam aqueles que não são dirigentes do escutismo nem coisa nenhuma.

Os dirigentes acham que os mais novos são assexuados, não têm sexo. Conversam com eles sobre as suas próprias experiências. Há uma geração de Dirigentes tem ainda muitos tabus, fala-se assim da geração dos dirigentes, tabus, dificuldades...

Para uma parte dos participantes nos focus group, é um assunto para o qual não se sentem assim tão à vontade. As situações que por vezes surgiram foram realmente espontâneas e gostavam de o ser mais “entendidos” no assunto e lidar com essa situação à vontade... alguns afirmam sentirem-se à vontade para falar com os adolescentes abertamente e acham que estes sentem um à vontade mais que suficiente para falar abertamente com eles nesse aspecto. Para tal acham que é muito importante que qualquer equipa de animação dos pioneiros tenha uma figura feminina.

Defendem que nunca se deve expô-los à frente dos outros, porque se calhar eles iam fazer mais às escondidas para provocar. O problema é quando os dirigentes insistem em bloquear a situação e agridem-nos de uma forma que eles ficam magoados. Se calhar, a resposta mais simples e mais comum é “deixa estar, quando chegar a altura tu sabes como é que hás-de reagir”. Há uns que dizem logo que nem sequer querem ouvir falar do assunto e há outros que dizem isto. Os dirigentes consideram que têm pouca ou nenhuma formação, pois, não se consideram educadores formados nesta área específica da sexualidade. Por outro lado, sentem que é difícil perceber até que ponto é que são bem vindos em algumas situações que algumas famílias podem achar piada ou não podem achar piada.

Algumas vezes notam uma certa abertura para falarem com os Assistentes sobre o tema, nomeadamente quando são mais velhos e tiveram outras experiências como a participação nos convívios fraternos. Quando há só dirigentes masculinos torna-se difícil não pela questão de não saber o que se há-de dizer mas como se há-de dizer.

Os mais difíceis de ultrapassar são as pessoas que não querem ou não se disponibilizam para se formarem. Se os dirigentes não tiverem à vontade, se não tiverem um mínimo de conhecimentos para abordarem os problemas ou situações ligadas à sexualidade, sentem

que ficam aquém do que lhes é solicitado enquanto dirigentes de escuteiros. Afirmam, no entanto, que é necessário ter consciência que nunca será possível conseguir que 80% dos dirigentes estejam preparados, devendo inclusivamente dar espaço às pessoas que conscientemente não querem ou não se sentem preparadas para lidar com esta situação.

Esta categoria é primordial neste estudo a meu ver pois não só permite verificar “o estado da alma” dos dirigentes da associação, como os passos que eventualmente se propõem a dar. É de salientar ainda que, e isso surge também num dos focus group de forma directa e nos outros de forma indirecta, que este é um tema muito comprometedor e que há dirigentes, que para além de não terem formação numa área que pode ser considerada vital para o processo educativo dos seus elementos, não estão preparados para enfrentarem os seus medos, as suas inseguranças face ao seu próprio desenvolvimento pessoal. Necessita ainda de uma análise mais aprofundada pois há ideias aqui que se repetem, embora com uma linguagem diferente.

*** faz falta uma direcção mista e é preciso haver alguma quantidade de dirigentes, inclusive nas equipas de animação onde alguns entrevistados referem que nos seus agrupamentos conseguiram fazer equipas de animação mistas. Nalguns casos têm mesmo o casal o que evita o afastamento do dirigente quando casa ou quando inicia namoro.

Em termos de dirigentes pode-se desmistificar a questão de falar com um ou outro membro masculino ou feminino, os adolescentes porque estabelecem uma bóia relação com o seu chefe. No CNE não se tem muita preocupação com a parte sexual da pessoa, ou seja, não se tem cuidado, ao nível dos dirigentes, da sexualidade dos elementos. Os dirigentes sabem que as situações acontecem e que estas acontecem com alguma vulgaridade em locais conhecidos pelo que a preocupação dos dirigentes deveria ser se os seus elementos têm a noção do que estão a fazer. Também defendem que não devem deixar de proibir dentro da associação só porque fora dela os adolescentes têm esses comportamentos. O Dirigente tem uma facilidade de falar com os seus escuteiros que por vezes sente que não tem com os filhos. Por outro lado, cada um vai dizendo as coisas pela experiência e da opinião que tem acerca delas. Por vezes nem tem segurança daquilo que sabe, o que havendo consciência disto, não é mau. Pode e deve haver a

preocupação de esclarecer os elementos sempre que sejam solicitados para tal. No entanto, há que ter consciência que ainda existem muitos dirigentes para quem falar de sexualidade não é fácil embora os elementos provavelmente também não os procurem para tal. Dado que a maioria dos actuais dirigentes são novos, os entrevistados são de opinião que é na formação inicial que se pode e deve apostar.

➤ Família

(G1; 4, 7, 10, 11, 18, 19) (G2; 21, 22, 29, 30, 33, 34, 35, 42, 44) (G3; 53, 54, 63, 64, 65, 71) (G4; 80, 93, 113, 117) (G5; 123, 124, 125, 128, 131, 138, 141, 144, 145, 152)

Existem muitos pais que apesar de estabelecerem uma boa relação com os seus filhos, nunca tiveram uma conversa cara a cara com eles. Há famílias que falam com os seus filhos sobre estas questões e outras não. Na família ainda passa a ideia que a sexualidade é sexo, é tabu, não é para se falar.

Os pais são muito importantes e deles depende a educação mas nem todos os pais estão dispostos a conversarem sobre esta temática sem que isso signifique que a relação não seja muito boa. O sexo também choca um bocado os pais e eles têm dificuldade em falar nisso.

A família deveria ser a primeira educadora. Cada vez mais, a família tem menos tempo de proibir determinados programas ou visualizar todos para ver mais ou menos e orientar o que eles podem ver. Há pais que desistiram de fazer isso com os filhos. Os pais não estão e/ou não têm tempo porque estão muito cansados. A representação que existe actualmente da família é de uma estrutura que chega tardíssimo a casa, com muitos problemas para resolver, saturados do trabalho, a ganhar mal e a refilar com tudo e com todos. Não há grandes laços, os miúdos entram a correr, da escola, dão um beijo quase no ar em vez de dar na cara da mãe e sentam-se, é um corre-corre. Os pais compram o carinho dos filhos, não têm tempo

Por outro lado, há pais completamente indiferentes. Uma família estruturada, com uma forte matriz acaba por ter resistências, anticorpos internos que possibilitam outro tipo de

abordagem às situações e nota-se logo que os miúdos são mais equilibrados. Uma família desestruturada, a ausência do pai e da mãe, o esquecimento, a indiferença, esses miúdos facilmente se aliam a qualquer coisa que acaba por ser o grupo de referência mais próximo dele. Os problemas começam normalmente em casa porque ninguém diz nada.

Os pais também precisam de educação sexual para poderem depois transmitir aos filhos. Neste momento a grande maioria deles não tem ou não quer ter conhecimento dessa informação, já que estão à espera que na escola venham falar da temática. Alguns dirigentes consideraram grave os pais não conseguirem explicar por exemplo à filha o que é a menstruação, preveni-la, para que a rapariga saiba como agir quando isso acontecer, nomeadamente nos acampamentos. As coisas que podem e irão acontecer, de uma forma muito natural, deverão ser explicadas, não com os pais assumirem uma posição de “irmãos mais velhos” mas como pais e não terem medo de serem considerados bota-de-elástico. Esta temática até poderia ser uma coisa simples de se falar em família, as suas relações e o porquê.

Alguns dirigentes falaram, por vezes, enquanto pais tendo havido o seguinte depoimento interessante e que transcrevo:

“... eu não tive grande abertura em relação à minha filha em termos de educação sexual, porque era assim mesmo, não se falava e nós quer queiramos, quer não, por muito abertos que sejamos, somos influenciados e os valores que a educação tem. Eu acompanho muito mais a minha neta que tem sete anos que os pais nesse campo específico, é aquilo que tenho conseguido evoluir”.

- **Cultura** (G3; 53, 56)

As coisas estão relacionadas com a cultura de cada um e não têm a ver com os valores que foram incutidos, segundo alguns entrevistados. O que me parece aqui é que esta questão dita cultural poderá ser inserido no campo educativo ou na estrutura familiar, já que a dita “cultura”, mais não é que as vivências e exemplos transmitidos sobretudo pelos pais e familiares próximos.

*** Depende um bocado da família em que os miúdos estão inseridos, e da abertura que há para falar, para falar desse tema. Relativamente à homossexualidade, o pai estava muito preocupado para que lado ele ia dar. No que se refere à educação sexual, os pais também podem não querer que os filhos façam parte, envolve os pais. Na escola não ensinam, em casa não falam.

Falta de tempo dos pais para acompanharem os filhos. Há pais que tiveram uma educação rígida, 8 e passaram aos filhos o 80. As mães não trabalhavam ou tinham mais tempo para estar connosco e hoje em dia saem os dois para trabalhar e os miúdos vêm-se ao final do dia, por isso, o que acontece na rua, aquilo que vão crescendo deles próprios, é que vai surgindo dessas coisas. Hoje em dia, também os pais já sabem que os miúdos namoram, não o precisam fazer às escondidas, e até lhes perguntamos quando são pequenos, com 6 anos se eles têm namorada e achamos piada. Quando os pais tentam passar algumas coisas, até pode servir de referência mas não ligam muito. Por outro lado há pais que não criticam os filhos porque têm receio que estes digam que eles são retrógrados. Quanto a situações como a menstruação, há miúdas que não estão minimamente preparadas para isso acontecer numa actividade, depende também da família. Na educação sexual, deveria passar pelos pais pois eles conhecem melhor os filhos e sabem quando é que lhes hão-de dizer. Quando há pais separados, depois o pai está com uma pessoa, a mãe está com outra pessoa e isso também influencia muito as atitudes dos miúdos. Os pais são egoístas pois dão tudo aos filhos mas ao fim e ao cabo não dão nada, dão é bens materiais mas não dão os outros. As mães tinham 8, elas têm 80 porque as mães vêm-se nelas o que não tiveram, a liberdade que não tiveram. Os pais, em relação às raparigas, têm menos liberdade, eu dou muito por isso, quase inconscientemente isso acontece, e os rapazes sempre têm mais liberdade. Nos tempos livres, muitos dos miúdos saem da escola e é para a natação, da natação para a música, é para a dança e não sei quê, eles não têm tempo para brincar. Quando se vive me prédios, então é mais difícil. Por vezes não há diálogo sincero entre os casais, sou muito amigo da minha mulher e tal, mas quando chega aquela altura há certas coisas que ela não precisa de saber... não há sinceridade e depois chega a certas alturas que, com um bocadinho de conversa passavam e agora não há coragem porque aquilo vai passando anos e depois já não se vai tendo aquele à vontade para falar nas coisas e pronto, vai-se

perdendo. Muitas vezes digo coisas ao meu puto e ele não liga nada, mas depois, em determinada situação, sei lá, de pânico ou assim fora do normal em que ele precisa de uma referência e ele lembra-se daquilo que o pai lhe tinha dito para aquela altura.

TEMA 4 – Sexualidade

➤ Sexualidade propriamente dita

- **Relação** (G1; 4, 5)

As relações são muito mais do que a questão física ou anatómica. As relações que se estabelecem entre os Dirigentes e os seus elementos são de maior qualidade que na escola ou até mesmo em casa.

- **Idade** (G1; 11, 13)

A idade dos educadores é de grande importância quando se considera a abordagem à sexualidade. O sentir-se próximo dos adolescentes em termos etários permite maior abertura. Outra das características importantes está relacionada com a experiência familiar, sobretudo quando isso ajuda na proximidade com os adultos. As ideias que cada um tem estão intimamente relacionadas com a idade, quer sejam dirigentes, quer sejam elementos.

- **Sexualidade** (G1; 3, 5, 11) (G2; 21, 23, 24, 36, 41, 43, 47) (G3; 51, 52, 53, 54, 58, 59, 62, 64, 66, 69, 73, 74, 75, 76) (G4; 78, 79, 80, 82, 84, 89, 106) (G5; 121, 124, 125, 134, 137, 140, 146)

A sexualidade dos adolescentes está relacionada com a forma como eles encaram a relação com as pessoas do outro sexo e a relação do ponto de vista social, afectivo,

formas de estar e de ser, entendendo a sexualidade de uma forma mais abrangente. Actualmente está muito relacionada com a parte biológica (mecânica) e em diversos contextos. Consideram que a sexualidade tem outras facetas, algumas das quais difícil de explicar até pelos dirigentes pois nem eles nem os adolescentes conseguem compreender todas as dimensões pelo que se torna difícil de explicar ou falar. Se a sexualidade for valorizada, há que fazer passar a mensagem que há coisas bonitas para viver e que devem e podem ser bem vividas.

A sexualidade é vivida com muita falta de maturidade e de responsabilidade. No início da descoberta da sua sexualidade eles poderão ter um pouco um conflito interpessoal entre o receio do seu desenvolvimento sexual e aquilo que neste momento a sociedade impõe da naturalidade do sexo. Os adolescentes vivem com o dilema de viver a sua sexualidade e a possibilidade de contraírem as DST's. A sexualidade continua a ser um assunto tabu, que não se fala onde deve ser falado. Relativamente a esta temática, às vezes não quer dizer que não se saiba, mas não se tem à-vontade, para não estar a cometer juízos de valor, os nossos próprios medos, os nossos próprios traumas e fobias.

As coisas têm que ser simples, não é com grandes teorias que se vai lá falar com o pioneiro, o que é isto do amor e a capacidade de amar alguém durante anos e anos. Eles sabem que o importante é ter sexo hoje e o amor fica de lado. O amor deve ser o ponto e partida e quando estamos a falar de sexualidade estamos a pensar nessa perspectiva e essa ideia do amor e da afectividade passa por ser uma grande dose de respeito pela outra pessoas e amar será fazê-los ver que a miúda de quem eu gosto, não é só para curtir, para gozar, para usar e deitar fora. Outra questão que não deixa de estar ligada à sexualidade dos adolescentes é o suicídio. Quando falamos da sexualidade dos adolescentes, reparem que fizemos sempre a repercussão para as situações de referência que temos.

A provocação dá-lhes imensos pontos e sentem-se muito superiores quando denotam que da parte do adulto não há capacidade para pegar na conversa e seguir com eles. Embora se diga que há muita abertura ainda não são temas que se falem à vontade. Sexualidade é sexo. Para falar de sexualidade tem que ser alguém muito próximo e que fale com a maior das naturalidades. Toda a gente parte do princípio que falar de sexualidade é falar d acto sexual em si. Eles contam tudo até ao beijo, da maneira mais

simples e mais aberta e até são capazes de dizer quantidade que deram naquela semana. Eles não vão perguntar a questão em si. As respostas que eles dão uns aos outros é “isso não se precisa perguntar, toda a gente sabe como é que é”. Tudo o que dizia respeito à sexualidade era a parte animal que acabava de surgir. Então não precisava de se falar disso porque quando lá chegarem deixa estar que aquilo dá tudo certo. São temas que continuam a não ser fáceis de eles perguntarem a quem os pode esclarecer, há quase a ideia que não vamos falar sobre esse assunto. As dúvidas vão-se acumulando e quando precisam de as esclarecer, muitas vezes esclarecem-nas da pior forma. Quando começam a ser mais velhos aquilo deixa de ser um bicho-de-sete-cabeças. A sexualidade não é só físico, será as nossas vivências, a sexualidade começa no dia em que nós nascemos. Os dirigentes que trabalham com as secções são quem se depara com determinadas situações que gostavam de ter alguma preparação prévia. Muitas vezes a mensagem que se passa não é a mais correcta mesmo neste campo da formação. As minhas convicções podem-me dizer que se calhar devo incorporar a sexualidade numa dimensão mais vasta que é a dimensão humana e devo incorporá-la aí embora reconheça que existam outras formas de ver as coisas. Muitas destas questões, mesmo ao nível da associação também são difíceis de compreender. O mal não está de facto no preservativo, acho que o mal está em entregar o preservativo sem mais nada, poderiam entregar depois de se envolver o preservativo noutra série de coisas. A questão da sexualidade tem que partir de um tema mais vasto que é a promoção da saúde.

*** Os jovens vivem a sexualidade hoje dia com pressa. Em casa não se fala de sexualidade. Também há um bocadinho de medo. Não sabemos como é que podemos ir, por onde é que devemos ir. É quase preciso ter a autorização dos pais para se poder falar de sexualidade nas escolas. O meu filho tinha dificuldade em falar disso comigo. Estamos a incidir mais sobre a sexualidade no corpo, como corpo da sexualidade. Eu acho que há sexualidade mas a forma como eles na educação sexual olham para a sexualidade. Muito mais os adolescentes e as adolescentes pensam na vertente sexo e não na vertente sexualidade. A vertente sexo, na resposta e estímulos, a sensações, e na vertente sexualidade em termos de formação e informação. Há muita alusão e pouca informação. Estamos todos rodeados de alusões a sexo. A forma como se encara a sexualidade e o sexo na Suécia não tem nada a ver como se encara cá. A sexualidade tem muito mais a ver do que pura e simplesmente contracepção.

As idades das pessoas são diferentes, os juízos são diferentes e há pessoas que despertam mais cedo, outras despertam mais tarde e acho que eles acabam por demonstrar que têm a necessidade de saber mais. Eles estão mais desinibidos em relação à sexualidade, acho que não há uma diferença grande na maneira como eles vêem a sexualidade embora... nós se calhar, pensávamos quase da mesma maneira como eles pensam agora, temos as mesmas ideias, só que não andávamos aí de megafone na mão, como às vezes eles andam a proclamar isso, éramos jovens mais reservados. Eles lidam muito com a sexualidade, com mais à vontade, com outro conhecimento, também há extremos, há aqueles, que já têm mais algum conhecimento, outros que não têm conhecimento nenhum. Eles também têm vergonha, de mostrar que não sabem uma coisa ou ter de perguntar como é que porque os outros e os que sabem não dizem nada porque também medo de estar a dizer e não ser bem assim.

É um tema complexo para se falar nos escuteiros porque depois temos sempre que falar nos métodos contraceptivos, se quisermos abordar o tema com adolescentes de uma forma equilibrada. Em que idade se deve começar a falar de sexualidade? Aos 4, 5 anos? Quando queremos explicar alguma coisa, eles dizem logo, ah, a agente já sabe. Seria interessante eles conseguirem ouvir o que pensa o parceiro, em termos de género feminino e masculino, mas normalmente acho que não têm muita tendência para isso, para terem à vontade para falar sobre isso. Os pioneiros mais velhos já conversam uns com os outros... tão mais à vontade para falar sobre todos os assuntos, entre eles.

Facto dos miúdos não conviverem uns com os outros. Esta aprendizagem da sexualidade só não se perde havendo irmãos e irmãs, porque sendo filhos únicos chega ali e perde-se. Na escola também falam uns com os outros. Vão começando a falar com os outros, e são coisas que, da mesma forma que a língua se transmite, e aprendem a falar qualquer outra língua, o transmitir o hábito, a sexualidade vai também dessa forma, o estar a falar com o outro, estar a falar com a menina, levantam a saia da menina, porque é diferente e depois essas coisas, perder, não se perde agora a informação se é melhor ou pior, aí sim...

➤ Situações concretas

- **Situações concretas** (G2; 27, 32, 33, 34, 40, 46, 48) (G3; 65, 66, 67, 68, 74, 75, 77) (G4; 79, 83, 87, 88, 89, 90, 91) (G5; 120, 127, 128, 130, 134, 138)

Preservativo – há adolescentes que não sabem como é que se aplica, mesmo sendo de zonas de turismo, em que a ocasião faz o ladrão por mais católicos que sejamos. Uma miúda entrou num ataque de histerismo porque estava a vir-lhe a menstruação pela primeira vez. Uma dirigente da IV Secção dizia publicamente às suas raparigas que quando tinha a menstruação deixava de tomar duche e fazer a sua higiene. Um dirigente, num acampamento em que veio o período pela primeira vez a uma miúda, ele tirou-a cá para fora da tenda, ela começou a chorar porque estava suja de sangue e ele pegou no telemóvel e perguntou à sua companheira, o não sei quantas (à frente da miúda) a gaja aparece aqui com sangue isto é o quê?” Outro exemplo foi uma miúda que aparece com a menstruação num raid e a ordem era para que toda a gente fosse tomar banho a seguir uma vez que havia condições para isso. Ora acontece que a cultura da miúda e os hábitos em casa eram exactamente contrários e aquilo deu polémica pois a miúda chorava, os outros gozavam com ela porque como eram mais novos não sabiam o que se estava a passar e como os valores que ela trazia de casa eram esses, não havia forma de lhe explicar que não havia nada de errado. As questões começam a colocar-se no final dos exploradores, quando as raparigas estão com 13, 14 anos e nos rapazes no início dos pioneiros em que se perguntam “porquê amar? porquê viver com alguém, eu comecei a namorar mas eu quero curtir, não quero namorar, e quando alguém lhe diz assim “mas porque é que queres prejudicar aquela que gosta de ti..., por exemplo falando na questão do amor, do amor que ele lhe vende porque ouviu dizer que o que interessa é engatar a fulana para... porque lhe interessa a relação sexual, não é? Hoje com uma e amanhã com outra. Outra situação é perante a homossexualidade como é que hão-de os dirigentes reagir. Num acampamento estava um grupo pioneiro com outro e a determinada altura, aparece uma miúda na tenda onde o pioneiro ia dormir. Ele estava com os pioneiros do outro agrupamento. O chefe foi ver quem estava e quem não estava não tendo visto a rapariga. Os outros disseram-lhe para ele não dizer nada ao chefe e a

miúda passou lá a noite. O miúdo sentiu-se mal porque achava que como guia não poderia fazer aquilo mas pressionado pelos outros fez, o que fez com que andasse angustiado e quisesse mesmo sair do grupo pioneiro por não ter cumprido com a parte dele.

Quando uma miúda apareceu com a menstruação, as mais velhas tomaram conta do assunto e enquanto os dirigentes decidiam ou não decidiam já tinham arranjado solução ou sabiam como resolver. Com os rapazes, a situação do problema das masturbações torna-se complicado porque eles não sabem como é que hão-de lidar com o problema. Uma rapariga foi conversar com o dirigente masculino que ficou um pouco à rasca e não compreende porque é que ela veio conversar com ele quando poderia ter ido conversar com outra rapariga qualquer sobre a menstruação. Uma pioneira, que tem uma mãe médica e que não queria que esta soubesse, teve que ir a uma aula de sexualidade ou coisa do género, na escola, com o director de turma e o que este fez foi distribuir preservativos e a seguir disse-lhes para irem para casa, sem mais nada. A Inglaterra por ter uma taxa muito alta de gravidez na adolescência fez uma enorme campanha. Os miúdos vêem coisas na televisão e nós não os podemos impedir de ver mas depois fica a ideia que aqueles comportamentos são banais e torna-se difícil provar o contrário.

*** Rapruga que aparece o período pela primeira vez? Não é um drama, não é doença, não faz mal a ninguém. Será que nós sabemos fazer alguma coisa? Que resposta é que podemos dar? Eu acho que não estamos preparados para isso. Já nem se fala no grávida. Nestes anos nunca ninguém me abordou com uma dúvida específica, ou já não as têm ou não têm coragem de admitir. Houve uma situação em que um caminheiro perguntou se deveria haver preservativos na caixa de primeiros socorros. Os suecos ficaram admiradíssimos de nos escuteiros em Portugal não se ter em conta o facto de poder haver relações sexuais em campo. Tivemos muitas conversas sobre o aborto, sobre sexualidade na adolescência principalmente com os suecos. No acampamento nacional da Suécia distribuíram, e essa era a anedota, uma grande quantidade de preservativos e pílulas do dia seguinte e não chegaram. Nós cá não distribuímos preservativos nos acampamentos, nem nos nacionais.

Eles acharam que era normal estar todos na mesma tenda e nós dissemos que não era correcto. As raparigas têm sempre vergonha de mostrarem que têm um penso higiénico na mala. Há miúdas que não acampam quando tem a menstruação. Não se sentem bem por uma questão de higiene e porque também tem a ver com os pais. Uma mãe avisou-nos que isso era possível acontecer e que a miúda estava à espera, de uma forma muito natural. Cá fora das tendas, por vezes temos situações desagradáveis porque eles ignoram completamente a presença do adulto e continuam ali deitados no chão em cima de um pano como se nada fosse. Uma vez tive um grupo de pioneiros que quiseram falar sobre gravidez e uma das miúdas disse que aquilo não era para falar ali, não sabia onde mas que ali não era. Há rapazes que levam os preservativos para o acampamento e alguns até mostram, oh chefe está aqui, embora esses sejam aqueles que não fazem nada.

➤ Valores

- **Valores** (G1; 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17) (G2; 21, 23, 30, 38, 41) (G3; 74, 76) (G5; 120, 122, 123, 124, 125, 142, 149, 150, 152)

A sexualidade joga muito com os valores dos indivíduos. É necessário educar para os valores e segundo valores de uma determinada cultura. A existência de um contexto moral pressupõe falar em valores. Quando os adolescentes falam nas suas experiências denominando-as de “curtições”, isso implica o contacto com vários parceiros e poderá ser considerado como algo despojado de valores. Por outro lado, há quem considere que também neste tipo de relação existe ou está subjacente algum carinho, ainda que a relação não tenha como objectivo uma duração temporal prolongada. Consideram, assim, que é necessário fazer perceber quais os valores que devem estar na base do lidar com o outro. Conceitos como liberdade, respeito e bom comportamento são considerados como ultrapassados embora seja importante pensar e reflectir onde é que eu estou a gostar, a respeitar e a não magoar. Esta busca do que, se é respeito ou não, vem sempre acompanhado dessa confusão mental, ou neste caso, temperamento que é próprio da adolescência. O conceito “curtir” era diferente há uns anos atrás. A influência de algumas figuras de referência para os adolescentes têm valores que elas personificam, que defendem, que acabam por transmitir e isso também molda o comportamento. A conversa com os adolescentes tem que ser suficientemente franca

para que eles percebam que os adultos têm os seus valores e que o facto de os adolescentes terem os deles ou estarem na sua construção, não implica que o adulto deixe de afirmar o que defende, ou que esconda ou ainda que os imponha. Esta situação pode levar a um confronto de valores que até pode ser muito positivo pois tendo pontos de entendimento é possível conversar.

Estamos a viver valores que não são os nossos, nomeadamente os americanos e os brasileiros que nos são impingidos todos os dias. Valores esses que é complicado uma pessoa dizer que não. Os adolescentes estão a ser alvo desta imposição e quase todos vão por aí, salvo pequenas excepções... as pessoas estão muito, muito influenciadas por aquilo que lhes é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes. Aqueles valores que se vêem nos filmes e depois pensam e aquela parte ninguém explica muito bem, não tenho formação para isto, e aquilo gera-lhes grandes tensões internas e eles lutam com isso no dia a dia. É importante nós como unidade e quando falamos nos nossos valores esquecemo-nos de uma realidade que nós estamos hora e meia, duas horas com os nossos miúdos e as restantes horas eles estão a viver na sociedade civil. A dificuldade que nós temos em transmitir valores que nós defendemos, com apelos que existem de forma sistemática como outdoors, cartazes, e há que lidar com estas duas realidades. Muita coisa dos modelos estereotipados não significam nada porque no fundo ninguém está interessado em passar valores, toda a gente está interessada em apostar na sociedade de consumo, puro e simples, crua e dura. Nós temos que meter a ideia aos nossos miúdos que ser escuteiro não é nenhum mal e ser católico é bom, ser escuteiro é bom. Os valores podem ser introduzidos através de histórias ou vivências como as bodas de prata nas paróquias para que os miúdos possam ver que é possível viver com alguém durante aquele tempo e valorizar os aspectos relacionados com isso.

O patrocínio tudo permite e depois fica-se sem base nenhuma para viver o valor, o valor da vida, o respeito pelo outro, o respeito por mim próprio. A busca da base de tal fonte está nos princípios e nos valores.

***por vezes querem andar para a frente e andam para trás. Os valores estão um bocado em baixo porque algumas das miúdas que eu detectei a fazerem alguns desses namoricos assim de telemóvel dizem isto é só para curtir, portanto o curtir é diferente de

namorar e não tem nada, e uma coisa não implica a outra. Os valores têm decrescido. Uns acham que vem das famílias, outros do grupo de pares. Os valores que pensamos que estão correctos, eles também têm valores. Penso que começaram por querer negar-nos todos os valores que os pais ou os adultos tentam transmitir, sejam chefes, seja nestas questões do namoro, ou nas questões de disciplina, de afecto seja no que for. Eles uns com os outros vão perdendo os valores, aqueles que ainda os levam, vão-nos perdendo com os amigos. Dá-se liberdade, não se explica é os valores porque se agente explicar os valores, se calhar eles depois já sabem distinguir mas nós damos liberdade e não explicamos porquê. Os nossos valores antigos estão enraizados, não se aceita certas modernices. Aquela coisa do machismo, do domínio do rapaz sobre a rapariga, também se sente muito isso. Mesmo às vezes assumido pela própria rapariga, infelizmente, nós podemos mudar muito mas quando chega a hora da verdade, volta-se ao antigo. Os valores são sempre esses, uma rapariga que tenha namorado várias vezes, aceita-se mas quando chega a hora do casamento e isso já não é bem assim. Relativamente aos dirigentes, também não é para todos os casais a mãe estar com o filho numa actividade e o pai ir com a filha a uma festa de anos.

- **Liberdade** (G1; 7, 9) (G2; 26)

A liberdade é um conceito muito vasto e diferente para cada um dos entrevistados. Está relacionado com o espaço de cada um e o respeito pelo outro.

Os adolescentes gostam de liberdade até certo ponto porque a anarquia não funciona muito bem com eles, eles gostam de pensar e ter que o fazer.

- **Preconceito** (G1; 11, 12, 13, 17)

Há ainda muitos preconceitos. Por exemplo, uma relação entre dois jovens fora de qualquer compromisso, para o rapaz é considerada experiência enquanto que para a rapariga é considerado promiscuidade.

➤ **Confiança** (G1; 17, 18)

É importante sobretudo quando relacionada com o adulto ou educador. Sentirem que podem confiar para falarem sobre assuntos pessoais é essencial para o estabelecimento dessa mesma confiança. A confiança baseia-se na ideia que se tem de uma determinada pessoa e tem que ser construída. Há, no entanto, alguns perigos que podem abalar esta confiança como as experiências vividas pelos adultos quando contadas aos adolescentes, uma vez que podem não ser compreendidas fora do seu contexto situacional.

Provavelmente esta categoria será incluída numa categoria mais geral denominada valores.

➤ **Comportamentos**

• **Comportamentos** (G1; 11, 13, 14)

Há comportamentos rotulados como não sendo normais, como por exemplo, a homossexualidade. Os padrões de comportamento existentes há alguns anos atrás estão a mudar, a modificar-se. Actualmente há adolescentes que não querem ter relações duradoiras para terem mais liberdade.

Esta categoria vai decerto ser inserida noutra ou noutras.

➤ **Mitos**

• **Mito** (G2; 41) (G3; 53, 58, 64, 73) (G5; 120)

Os adolescentes têm a ideia que o casamento é algo ultrapassado.

Agora pode fazer-se sexo à vontade porque agora se compra na farmácia um aspegic e fica tudo bem. Nos exploradores surge muito a ideia do beijo engravidar. Da primeira vez que se tem relações não se engravida. Os miúdos acreditam mais nos mitos que noutro tipo de informação.

Não poder fazer educação física quando está com o período.

Esta categoria tem única e exclusivamente algumas das situações que surgiram no decorrer das entrevistas de grupo. Provavelmente será para incluir noutras categorias.

TEMA 5 – Instituições

➤ Escola

- **Escola** (G1; 4, 7) (G2; 23) (G3; 53) (G4; 117) (G5; 132, 137)

Os entrevistados questionam-se como é que se trata a sexualidade nas escolas sendo, na sua grande maioria de opinião que é da pior maneira, de uma forma mecanizada e desprovida de valores.

Também na escola se vivem outros problemas, que são mencionados diariamente nos *media* sendo a realidade da sexualidade uma das mais referidas ultimamente.

Na escola passa por vezes a ideia que a sexualidade é sexo, que é tabu, que não é para se falar nisso.

Esta abordagem já foi feita anteriormente na categoria da educação sexual pelo que não sei se será de manter esta.

*** Na escola usam e abusam dos professores, fazem o que querem porque sabem que os professores não lhes podem fazer nada.

Toda a gente fala que a escola tem que ter e não sei quantos, mas a seguir a escola tem e depois eles querem chegar lá e dizer que, eh pá, o meu filho não fala disso em casa, não vai falar na escola.

○ Professores

• Professores (G1; 7)

A grande maioria dos professores não está preparada e/ou motivada para falar de sexualidade aos seus alunos.

➤ Escutismo

- **Escutismo** (G1; 11, 15, 16) (G2; 30, 31, 32, 34, 37, 40, 49) (G3; 55, 71, 74, 75) (G4; 82, 88, 93, 94, 95, 101, 112, 113, 115, 117) (G5; 121, 122, 128, 130, 132, 133, 135, 144, 147, 148, 149)

Os escuteiros podem ser importantes. Por vezes há um pedido de apoio e é positivo que existam agrupamentos onde a temática da sexualidade seja abordada. É possível criar uma actividade que lhes dê espaço para falar, até eles perceberem que há espaço para falarem, em grupo ou individualmente.

O CNE é uma boa referência para os jovens. Os entrevistados consideram ter "a arma secreta" que é o imaginário criado por BP, pelo que defendem que há que fazer todos os esforços para repor esse imaginário, lançá-lo junto das crianças e jovens e fazê-lo suficientemente forte para que os adolescentes não necessitem procurar outras coisa à sua volta, com imaginários fúteis, de apelo ao consumo, onde o que vale é o ter prazer.

O escutismo é uma ajuda ótima no processo de educação global das crianças e jovens. Consideram que esta é uma temática de extrema importância e que há que fazer algo pois são de opinião que estão a demorar muito tempo a pensar, quando é necessário também agir e implementar alguma coisa antes que surja alguma situação considerada complicada, ou seja, desejam prevenir e não reagir.

Existe coeducação há 30 anos pelo menos dentro da associação e, embora não sabendo se será muito ou pouco tempo, consideram ser já altura de ir pensando nestas temáticas. Alguns são de opinião que é necessário começar a dizer nas reuniões de pais que o

escutismo existe para educar os jovens no seu desenvolvimento pessoal, não somente na sexualidade mas com esta integrada em algo de muito mais grandioso que é o seu filho. Consideram ser um grupo de referência e por isso têm alguma capacidade de demonstrar que a felicidade vale a pena, que amar vale a pena. A verdade, no entanto, é que também há agrupamentos que infringem as regras por todos entendidas como tal, o que leva a que num agrupamento se faça de uma maneira, por exemplo, dormirem todos na mesma tenda, e noutros isso não aconteça.

Por ser um ambiente onde os jovens vão porque querem e não porque são obrigados como acontece na escola, alguns dirigentes que participaram nos focus group, consideram que os adolescentes não se retraem tanto ou não estão a pensar “não vou fazer isto porque sou escuteiro ou sou pioneiro”, eles estão a pensar que podem ferir alguém.

Consideram ainda que a maneira mais fácil a nível de uma associação como o CNE, é começar pela parte mais simples que é da igreja, não em relação ao final, ou seja, ao acto em si mas em relação à vida, em relação aos afectos, quando se fala, por exemplo numa relação em que o casal é mais qualquer coisa do que duas pessoas que fazem um contrato de compra e venda. Defendem que a tal relação para a vida tem, que ser baseada em mais qualquer coisa do que o sexo e do que um contrato de compra e venda. A perspectiva na associação é virada para a educação dos valores.

Esta é outra das categorias importantes, como é que os dirigentes vêem o papel do escutismo e nomeadamente do escutismo católico, na abordagem à sexualidade dos adolescentes. Está relacionada com outra que tem a ver com a religião.

*** As exploradoras falam mas com os dirigentes rapazes não. Nós em termos de educação, temos que ter as coisas suficientemente explicadas para que possamos entender onde é que pode levar. A minha dúvida é se eu tivesse preservativos em campo, mas se eu não posso anunciar que há, também ninguém me irá abordar para pedir preservativos que não sabem que existem em campo. E se vierem pedir preservativos, eu como chefe acho que não pode haver sexo em campo, eu não posso dar preservativos. Depende muito do trabalho ou da abordagem que é feita em cada agrupamento. Manter um clima de relacionamento bastante saudável dentro do

agrupamento entre rapazes e raparigas, e mesmo entre os próprios namorados e tudo. As pessoas só extremalizam as suas acções se não tiverem nada que as oriente para a frente. Não é encherem de actividade mas se os pusermos com outra actividade, com dinâmica, com actividade em que eles sabem para o que é que estão. À noite as coisas são alimentadas, as ideias são baralhadas e aqui nos escuteiros há uma certa preocupação em orientar, em impor objectivos concretos à frente. Nós temos uma relação mais próxima, mais aberta, num ambiente mais informal. Depois também vivemos situações extremas, aprendemos a conhecer os outros e aprendemos a conhecemo-nos a nós. A própria associação se deve desinibir. No geral não há abertura para tratar deste assunto. Quem passou pelos escuteiros tem uma melhor formação e uma melhor bagagem para lidar com os afectos e inclusive a sua sexualidade. O certo é que o nosso método de educação dá resultado, dá bons resultados. Se calhar podia dar melhores. A formação ao nível da sexualidade faz falta, formação técnica. Se nos escuteiros houver uma fonte segura.

Têm lá uns rapazes conhecidos ou os nossos rapazes querem fazer uma actividade com o grupo de, não sei onde, porque há lá umas miúdas que conhecem da escola e pelo convívio é que marcam as actividades. Não é propriamente ter uma actividade escutista porque isso pouco lhes interessa. Uma atitude correcta por parte da mãe dar conhecimento aos dirigentes que a acompanham e nesse caso é sempre bom a questão de haver gente do sexo feminino. A actividade nos escuteiros não devia ser um escape, para eles poderem namorar. Eles aproveitavam um pouco o poder sair de casa e eram as actividades dos escuteiros para poderem namorar e poderem estar mais à vontade. A gente pergunta-lhes porque é que vem para as actividades dos escuteiros e eles encolhem os ombros mas o certo é que vêm. Eu acho que eles não têm vontade própria e há um outro que é líder e que diz amanhã vamos todos aos escuteiros e eles vêm. Eu vou à actividade e fulano também deve ir por isso tu também vais. Se ele não for os outros também não vão. Não é o sistema de patrulhas que os cativa porque eles não querem trabalhar, não são as reuniões de equipa porque eles não participam nelas, eles usam os telemóveis para comunicar. As actividades... ou a actividade está bem preparada pelos chefes e eles fazem ou então tem que a preparar e é mais complicado. A dedicação com que aparecem nas actividades. Eles nem sequer têm coragem para propor um empreendimento cujo tema seja a sexualidade. Se calhar é também por culpa nossa, nem eles se calhar imaginam que podem fazer um empreendimento que tenha

esse tema como pano de fundo. Há valores que temos que defender e continuar a preservar por eles mas devemos ter um certo cuidado na abordagem ou na imposição desse tipo de situações. O Cne precisa um bocadinho de coragem para assumir essa posição. Eles gostam de vir para aqui porque isto hoje em dia já vai sendo dos poucos sítios que eles têm para conviver fora da escola. O escutismo é, para alguns deles, o refúgio além da escola. O local onde eles encontram os amigos. Eles irem para as actividades hoje em dia será também um pouco uma oportunidade que eles têm, quase sem querer, ir conversando sobre esses assuntos e tirando talvez os intervalos da escola e as actividades dos escuteiros, não têm oportunidades nenhuma de conversar sobre a sexualidade. Estes miúdos têm agora muito pouco tempo com o grupo de amigos dialogar, apesar das regras que são dos escuteiros. As amizades também levam um pouco mais de tempo porque se calhar, antigamente vínhamos todos os dias à sede e agora é só uma ou duas vezes por semana. Se calhar devíamos ter um programa, devíamos motivar esse tipo de assuntos nem que seja para que eles depois acompanhassem com a informação decente nas conversas próprias entre eles. Acho que é um sítio onde eles podem viver por excelência, conviver, criar as regras deles, responsabilizarem-se por aquilo que fazem, aprender com os próprios erros. Temos que ser realistas, temos que ensinar o que é correcto, o que é que são os nossos valores mas também quais os procedimentos, como é que a natureza funciona nessas situações e como é que tudo isto apesar de ser natural deve ser encarado. Temos o preconceito da sociedade relativamente a nós, que os acampamentos são uns bacanais e se vamos explorar um pouco mais isso a nível da sede ou público tendemos a ser crucificados. O facto de ser um escutismo católico, temos que estar enquadrados nas próprias regras que a própria igreja nos dita, e enquanto assim for temos que ser um bocado cautelosos e se calhar não abordar determinados assuntos ou então aborda-los de forma incompleta e dizer que os padrões correctos são estes...

- **Formação** (G1; 8) (G2; 28, 29, 30, 31, 32, 35, 38, 45, 46, 47, 49) (G3; 52, 70, 71, 72, 73, 74) (G4; 78, 79, 81, 82, 96, 97, 102, 113, 114, 117) (G5; 129)

As pessoas que frequentaram cursos de formação aprenderam muita coisa o que lhes deu à-vontade para falar no assunto com os jovens. Consideram ser necessário existir uma estratégia para ajudar os dirigentes, em primeiro lugar ao nível da informação para

eles próprios. Esta formação tem que ser a melhor possível para que eles estejam absolutamente atentos a esses momentos de oportunidade junto dos jovens, seja a velha conversa à volta da fogueira, aquele momento ao caminhar no raid, ou naquele momento à saída da actividade em que o escuteiro diz “Oh, Chefe, gostava de falar consigo”. Tudo isto passa por uma boa formação e os dirigentes ainda têm muita falta de formação ao nível da educação sexual. Tem que haver mecanismos de formação o quanto antes porque é imperioso acompanhar os dias de hoje e os adolescentes de hoje.

Esta formação terá que passar por uma parte técnica, teórica sobre a sexualidade mas depois deve passar por uma parte de relações humanas. É necessário um sub módulo só dedicado à sexualidade. Ela está integrada na coeducação mas duas horas não chegam. Se a sexualidade for falada só relacionada com a coeducação não dá embora estejam muitos conteúdos, demasiados até para o tempo disponível. As pessoas ficam baralhadas porque associam com a educação a sexualidade unicamente. A educação também mexe com outros campos da vida. Poderia haver um só espaço para falar sobre este assunto, para debater em concreto o que é que um chefe, qualquer chefe pode e como actuar, pois qualquer um pode ser chamado. Não pode ser só teórico, não pode ser só um formador, tem que ter em conta os exemplos do terreno. Poderiam até associar-se às famílias, chamado os pais, convidando-os a assistir porque de certeza que muitos pais estariam interessados nessa formação e não é preciso ir muito para grandes conceitos. É dar pistas de como actuar se determinadas situações ocorrerem. A formação actual tem conceitos interessantes mas não dá indicadores de como actuar se por exemplo, tiver uma situação de uma gravidez na adolescência. Este é um tema que os compromete e muitos dirigentes fogem dele. Também é necessário fazer em conjunto porque onde é que acaba a responsabilidade dos departamentos pedagógicos e onde é que começa responsabilidade do departamento dos adultos? Esta questão surge porque no CNE existem dentro dos dirigentes dois grupos maioritários, os formadores, que possuem conhecimentos ao nível da formação de formadores e que são responsáveis pela formação de novos dirigentes e pelos cursos para adultos, e os pedagógicos que são responsáveis pela animação das unidades, ou seja, que estão em contacto com as crianças e jovens.

Numa experiência de um CIP (Curso de Iniciação Pedagógica), quando se falou da coeducação, houve reacções muito violentas e alguns dos formandos que estavam ali,

afirmaram que não era um assunto que tivesse ou devesse ser ali abordado. Sentiu-se da parte de alguns muita dificuldade de tocar nestas questões.

Ao nível da formação já se trabalha muito nesse campo embora não possa ser assim numa hora e meia de uma unidade que se vai conseguir mudar as formas de actuar, de estar e de transmitir. Há uns princípios, que é fundamental conhecer-se para depois saber como se actua. O departamento de formação deveria preocupar-se em definir linhas de orientação e construir inclusivamente algo específico para dirigentes porque os dirigentes, na sua grande maioria, sentem dificuldade em chegar aos jovens se não souberem falar a linguagem deles. Se sentirem que estão preparados, que têm respostas, se for criada empatia para lhes proporcionar um ambiente que favoreça essa troca de emoções, é o ideal.

Portanto os dirigentes adultos deviam ser melhor formados, não só no CIP mas com unidades de formação específica, encontros, ou outro tipo de estratégias, ter um apoio de pessoas bem formadas teoricamente. Há dirigentes que se sentem, à vontade para estar a falar do assunto mas já não têm o mesmo à vontade para coordenar a coisa ao nível de um agrupamento. Aham que não vai ser de um dia para o outro mas que é necessário pensar e agir já.

Outra questão que colocaram está relacionada com a linguagem que às vezes é utilizada pelos técnicos, quando estão com os jovens, que por ser demasiado técnica, os adolescentes “desligam completamente” e não surte qualquer efeito.

*** Fala-se pouco e o pouco que se fala, fala-se mal. Não creio que estejamos preparados para falar mais coisas. Há pouca formação em termos de sexualidade. Tem que haver umas formas inteligentes, temos que estar informados para saber o que é que estamos a falar. Na formação dos próprios dirigentes não há formação sexual para as crianças, é uma lacuna muito grave e grande para um sector que só lida com crianças. Crianças jovens, adolescentes, e não há uma formação prática. Abortda-se muito é, o João namora com a Teresa, deram um beijinho no acampamento e agora? Tudo isto tem imensos passos a dar. O primeiro passo é estarmos formados e sabermos com o que estamos a lidar. Não é um compêndio de medicina que precisamos saber, não é um

tratado completo. Se nós todos não sabemos não vamos inventar, convém que saibamos alguém a quem possamos recorrer. Formação há pouca ou nenhuma. É mais virado para a parte da boa educação. Haver formação para todos e também a orientação da igreja em relação a isto. Nós temos um meio privilegiado de dar formação a uma camada importante da juventude, animadores, dirigentes, que tenham essa oportunidade no campo de dar essa formação de uma maneira simples, de maneira engraçada, de maneira prática e deixamos passar. Os miúdos às vezes vem com questões que era importante haver alguém que saiba responder e a formação dos dirigentes é importantíssima. Antigamente se calhar o convívio são, chegava para educar os afectos dos nossos miúdos. Se eu for para uma acção de formação sobre sexualidade, em que sei que se vai falar de tudo, eu digo ainda bem. Se eu for ter com um dirigente de sessenta e tal anos e disser isto mesmo provavelmente ele não põe lá os pés. Esta educação deve ser uma coisa natural do próprio movimento. Tem que ser integrado porque as pessoas aceitam melhor se for integrado, temos a base da fé católica pelo que sabemos por onde devemos ir e não devemos pintar uma coisa que queremos que seja claríssima. Tem que haver equilíbrio na formação. As pessoas não procuram somente uma vez a formação.

➤ **Media**

- **Media** (G2; 21, 22, 43) (G4; 85, 98) (G5; 121)

Os filmes para adolescentes têm uma temática que é sempre sexo e em que eles acabam por ter relações sexuais pela primeira vez cada vez mais novos. É isso que vende na televisão, este tipo de imagens e tanto se vende que as pessoas acabam por comprar. Mesmo que se queira fazer alguma triagem é muito difícil. Não se trata de filmes e de telenovelas referirem a realidade que vivemos mas pelo contrário, criarem uma realidade que se possa viver ou que eles querem que se viva. Um exemplo interessante é o *Morangos com Açúcar* em que é passada com adolescentes e é uma sexualidade vivida fora da afectividade. Tudo o que tem a ver com os afectos, há uma banalização muito grande e um desprendimento porque isso não aparece nos filmes, nem nas revistas. Qualquer revista de adolescente tem como tema principal as diversas “formas de engate”.

O que eu acho interessante nesta categoria ou neste tema é a constante desculpabilização dos educadores através da televisão e dos programas que passa. Parecem-me argumentos demasiado fáceis para explicar as coisas tal como os dirigentes fizeram sentir, embora não descure o facto de haver programas feitos deliberadamente em torno de um determinado público-alvo e realizados de forma a ir e encontro às ideias actualmente dominantes. Por outro lado poderia ter sido questionado a relação que os adultos têm com as “suas “ revistas, como por exemplo as playboy, maxims, etc.

Nos filmes não aparece o problema do preservativo roto, não aparece o problema da ovulação da rapariga, não aparece o problema da pílula do dia seguinte nos filmes não acontece nada disso. A pressão vem dos meios de publicidade. Já pensaram no tipo de informação que a própria televisão passa? A informação que passa é violência, violação, rapto, pedofilia, é todos os dias e isso é que chama mais a atenção.

➤ **Religião**

- **Religião** (G1; 4) (G2; 24) (G3; 60, 61, 62, 75) (G4; 113)
(G5; 134,137)

Não se tem em conta a religião dos alunos e os valores daí subjacentes. Os Dirigentes sentem que os escuteiros vivem dois caminhos, aquilo que a Igreja diz e emana e depois aquela realidade com que são diariamente bombardeados.

Por vezes, questionam os seus Dirigentes e alguns Assistentes, sobre as questões ligadas à sexualidade e ao confronto que sentem relativamente aos princípios da Igreja, no entanto, não sabem como hão-de colocar as questões sem que sejam mal interpretados. Estas questões estão também relacionadas com a idade já que são os mais velhos que geralmente perguntam e quando já sentem uma abertura por parte dos adultos para o fazer.

Segundo alguns Dirigentes, há questões difíceis de compreender, sobretudo compreender aquilo que é a posição da igreja sobre o aborto, sobre o preservativo. Sentem que os Dirigentes nunca pararam um bocadinho para pensar sobre as coisas e sobretudo que alguns assistentes nunca deram uma explicação clara, porque aquilo que eles ouvem é o diz que diz e muitas vezes não é a verdade. A grande maioria não sabe e desconhece a posição da igreja sobre estas coisas, sobre o preservativo, se calhar, pelo que evitam falar sobre estas coisas. O preservativo é só isso, é por e usar e já está e não se percebe o que está por trás que é toda uma riqueza da vida sexual. Há muita desinformação sem dúvida. As pessoas vão atrás daquilo que é a opinião geral, muitas vezes aparecem pessoas a falar, um pouco em nome da igreja e gritam bem alto para toda a gente ouvir, mas que depois não sabem aquilo que estão a dizer e muitas vezes não dizem a verdade e as pessoas captam aquilo que os outros dizem e por isso captam ideias erradas das coisas. A igreja tem uma posição muito clara e sobretudo muito rica, e não obriga ninguém a segui-la, cada um é livre de escolher seguir a religião católica ou não, mas há muita desinformação sobre esses temas.

A questão da educação sexual as pessoas não estão interessadas em esclarecer, muitas vezes quando há debates e assim, o mais importante é logo atacar a posição da igreja. Também há muitos chefes que estão muito fora daquilo que é a posição da igreja, mas por ignorância. Vê-se claramente que as pessoas não percebem o significado das coisas e depois dizem aquilo que é comum, aquilo que está na moda, os valores são valores da moda e são esses que procuram transmitir, mas é sobretudo uma desinformação e uma ignorância quanto à posição e aos valores que a igreja transmite. Ser-se católico e afirmar-se católico porque se nuns sítios é perfeitamente natural, noutros não é bem assim e a pressão do grupo pode ser uma questão muito importante.

Esta é uma opinião dada por dois dos Assistentes que participaram em dois dos grupos.

*** Não há o à vontade na igreja para tratar este assunto. Enquanto a igreja defender que se deve optar pelo copo de água, nós não temos à vontade para falar nessas coisas. A igreja há-de apontar as soluções para o que devia ser e isso é prevenir.

➤ Realidade Local

- **Realidade local** (G2; 29, 32)(G4; 109)

Os estilos de vida estão relacionados com as realidades locais. No litoral do país, as pessoas acham que lá existe uma correria, falta de tempo para a família, para os filhos e que o tempo parece que criou uma situação de vácuo. Temos muitos agrupamentos com igrejas extremamente arcaicas, com dirigentes de ramos profissionais e de cultura geral se calhar muito mais retraídos do que eventualmente na faixa litoral.

Por outro lado, e tendo cá estado um grupo de escuteiros suecos no âmbito de uma actividade internacional, os entrevistados constataram que apesar de estes não se cumprimentarem com beijos, eram muito mais céleres em “ir para a cama”, o que levantou algumas questões interessantes dentro do grupo.

TEMA 6 – Saúde e Educação

➤ Educação Sexual

- **Educação sexual** (G1; 4, 6, 7) (G2; 24, 26, 28, 34, 42, 44) (G3; 53, 62, 63, 69, 73, 74) (G4; 81, 99, 100, 101) (G5; 121, 129, 136, 137, 138, 139)

A educação sexual que se dá nas escolas é descrita como sendo única e exclusivamente mecânica e física. Falar somente nestes aspectos mais ligados à biologia, sobretudo numa idade em que outras coisas estão já despertas, não traz grande interesse e pode até perverter a abordagem à temática.

Há campanhas de educação sexual ou denominadas assim que consistem somente em distribuir, por exemplo, pensos higiénicos e tampões de uma determinada marca comercial, juntamente com um folheto. Com isto quero dizer que há campanhas que são

sobretudo publicitárias e menos de cariz educativo. Por outro lado, existem projectos bem feitos nestas áreas que poderiam e deveriam ser mais divulgados, não só nas escolas mas junto de associações ligadas ao trabalho com jovens.

As coisas não lhes são incutidas de uma maneira que os entrevistados consideram saudável, por exemplo, à mesa com a família ou no ambiente por eles conhecido em vez de ser, como acontece algumas vezes, em consultórios de técnicos, médicos, enfermeiros. Esta educação pode até acontecer nos escuteiros ou na escola, mas sempre enquadrada num projecto educativo e não como acontece actualmente. Não adianta fazer esta educação sexual por marcação pois não é quando os adultos querem mas sim quando eles perguntam. Quando isso acontece, quando a questão ou questões surgem, há que ter o à-vontade para lhes responder de forma serena e clara.

Esta educação não pode nem deve ser realizada fora do contexto da família ou com o desconhecimento dos pais. Também é necessário questionarmo-nos até que ponto os pais aceitam esta temática e não a consideram como uma interferência nas suas dinâmicas familiares. Por outro lado, os entrevistados questionam-se também até que ponto será gostar de um filho, o ocultar-lhe algo que faz parte do seu desenvolvimento pessoal, deixando à natureza e sobretudo aos amigos, a educação nesta temática. O que parece ser do consenso comum é que esta educação bem como outras têm sido transpostas da família para a escola e desta para os escuteiros. O ideal será que isso aconteça através da família. Quando o interesse começa a levantar no grupo, porque não chamar um médico, alguém da nossa confiança, um enfermeiro, alguém que se sinta à-vontade, para falar sobre sexualidade. Pessoalmente acho que nem sempre os médicos ou os enfermeiros são uma boa escolha. Quando bem formados tecnicamente e de forma humana, os que lhes são mais próximos podem desempenhar um papel muito importante quando surgem as dúvidas. Claro que isso não retira a necessidade de se informar, pode é educar-se através de várias frentes, até para distinguir muito bem os papéis que cabe a cada um e proteger todos os intervenientes. Há inclusive em dois dos focus group quem defenda que a igreja deve assumir um papel importante nesta educação e dar a conhecer a sua posição sem qualquer tipo de constrangimentos e através de pessoas realmente habilitadas para o efeito. Isto poderá proteger, de alguma forma, o dirigente e “guardá-lo” para quando o elemento necessitar de colocar uma dúvida mais específica.

Quando se fala ao nível do desenvolvimento físico, para eles (dirigentes) está tudo relacionado com o aparecimento dos pelos, o crescimento das mamas, a barba, a voz e depois a procriação. Aham que não deve ser dada em qualquer idade, que há uma idade própria para se começar embora não digam qual. À medida que se vai crescendo, quer a nível físico do corpo, quer a nível dos sentimentos, quer a nível dos pensamentos, quer a todos os níveis há ali diversas dimensões que se vão complementando e que é necessário também explicar e dialogar sobre elas. É um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais e é preciso ver tudo por detrás desse crescimento. A missão da associação pode ser, assim, um complemento à família. A grande crítica à educação sexual nas escolas é que é extremamente genitalizada e está a falhar na parte dos afectos, que muito antes do acto sexual, muito antes da masturbação, muito antes doutro tipo de manifestações físicas, que deveria se calhar falar-se logo nos lobitos, como já muitos dirigentes o fazem, se calhar não com a consciência disso, mas na questão dos afectos que é muito mais importante. O grande problema que há neste momento é o dizerem “meu amigo, tens um preservativo, tens a tua situação resolvida”. Não se deverá passar só pela distribuição dos preservativos.

*** Já há livros que explicam de uma forma, com uma abordagem simpática e agradável, dentro da idade deles. Na escola há professores que abordam e outros que não abordam. O iniciar tem a ver com cada miúdo, tem que ser obviamente numa linguagem adaptada. Um miúdo com 5 anos deve ter formação para a sexualidade mas adaptada à sua idade, com uma linguagem que o miúdo perceba e acho que esta educação deve ser uma coisa normal. Se até aos 16 anos, dizemos que não vamos falar disso e depois chegamos lá e dizemos tens isto e isto,..., não funciona. Deve começar por uma formação básica e para qualquer pessoa, com uma linguagem adaptada. Deve-se ter cuidado para as crianças não saltarem etapas com na idade, embora elas tenham já curiosidade natural em explorar o seu próprio corpo. Há formas de explicar, ou de abordar esses temas até com uma naturalidade para não assustar a criança ou para não criar depois conflitos. A formação que há actualmente sobre sexualidade é a menina tem pipi e o menino tem pilinha. Quando as crianças perguntam é responder e não ir mais além. O mais importante é as pessoas serem terem abertura para ser capazes de falar com os miúdos. Isso acho que nos escuteiros temos bastante, conseguimos criar uma relação bastante mais próxima e aberta.

Não podemos agora querer que seja, olha pessoal, vamos agora falar de educação sexual. É bom que sejam eles a puxar porque também é que eles se sentem preparados para perceber e para ouvir e impingir acaba por ser pior. Se cai na facilidade de se dar preservativos e de se falar de4 preservativos e dos métodos contraceptivos quando não se faz o acompanhamento em termos do que deve ser certo e errado, daquilo que deve ser defendido e da amizade e respeito pelo outro e da liberdade acabar quando começa... Isto tem que começar com as famílias, isto não é o cne nem a escola que vai ensinar. O problema que nos afecta é que se nós começássemos com os lobitos, com pequenas provas e pequeninos conhecimentos a serem incutidos, e acompanhando depois nas etapas e nas secções seguintes podia ser que houvesse um programa completo sobre esta matéria, já que a escola não tem. Tem que ser na família, nós temos que começar na família. Temos que aproveitar as oportunidades que nos vão surgindo, agora também chegarmos ali e impingirmos... é mais fácil nós chegarmos a casa, comprarmos uns filmes, uns livros e não sei quê, olha está aqui e se tiveres dúvidas depois pergunta-me. De pois o rapaz ou a rapariga depois tem vergonha e vêem aquilo mas perguntar não perguntam, ficam com a dúvida.

○ **Métodos anticoncepcionais** (G4; 104, 105)

Há muitas raparigas que se esquecem de tomar um dia mas depois tomam no dia seguinte e acham que isso não tem efeito nenhum. Elas não têm formação e não sabem como lidar com isso até porque há pílulas para cada rapariga. As miúdas que tomam a pílula para as dores menstruais, se não tomarem um dia não se preocupam muito embora a pílula também tenha efeito sobre o corpo da mulher. Tomam a pílula às escondidas.

○ **Planeamento familiar** ((G4; 105, 106)

Tenho curiosidade em saber o que tem aquele planeamento familiar. Casais jovens que a seguir à primeira vez procuram um planeamento familiar. Há consultas que funcionam bem. Outra coisa é receberem as miúdas e fornecerem-lhe métodos de planeamento familiar, que muitas vezes são prejudiciais para a vida delas e para a saúde delas e tudo sem conhecimento dos pais. Isto é que podia ser só de informação. A informação é toda baseada só na contracepção.

- **Afectividade**

- **Afectividade** (G1; 3, 5, 8, 12) (G2; 42, 46) (G3; 57, 70) (G4; 107, 109, 110, 111, 115)

A afectividade deve fazer parte ou ser parte integrante da sexualidade. A sexualidade não deve ser somente composta e/ou baseada nos aspectos mecânicos mas também conter a afectividade como um elemento principal. É muito importante a questão da afectividade, dos afectos, do lidar com o outro. O caminho é mesmo trabalhar a afectividade e o resto vem na sua continuação.

Os laços afectivos são quase como uma planta, ou são cuidados diariamente ou então não vale a pena, que aquilo morre e depois as pessoas não se conseguem agarrar a ninguém porque não sabem amar e há miúdos extremamente carinhosos. Por outro lado é necessário ter cuidado acerca da afectividade porque se essa afectividade é procurada nos dirigentes, este como irmão mais velho, que tipo de comportamento é que deverá ter para responder a determinadas carências afectivas que os jovens podem demonstrar.

Os adolescentes procuram afecto que muitas vezes não sentem da parte da família. Esta questão da afectividade deveria ser o início de tudo pois é por aí que começam as relações entre os miúdos, bem cedo até.

*** A afectividade é uma coisa que deve ser promovida, em quase todo o lado se inibem os afectos. Nós em termos de escutismo não há tanto essa inibição porque é uma coisa normalíssima. Essa desinibição de afectos é importante para eles perceberem que é natural e que há necessidades de afectos diferentes. Os lobitos é natural que procurem mais e obtenham mais afectos. Vê-se muito que eles nos escuteiros vêm buscar afectos nos dirigentes que não têm em casa. Os escuteiros tocaram os meus afectos também, ao principio fazia-me um bocado de confusão esta coisa dos beijinhos. Uma pessoa que se chegue ao pé de outra pessoa para manifestar esse afecto, às vezes também pode não ser

bem recebida. Os portugueses são muito mais afectivos de uma forma geral, temos o hábito de cumprimentar raparigas, os rapazes, raparigas e as raparigas entre si, com dois beijos neste caso. Hoje em dia, não há envolvimento, é sexo puro e duro, não há afectividade nenhuma e esta questão da afectividade é também importante, nós gostamos de cultivar essa afectividade, estamos sempre todos à vontade uns com os outros, mesmo a brincadeira dos moches, isso é uma demonstração de afecto e não nos importamos do contacto, de tocar nas pessoas e não sei quê. Se calhar há pessoas que não gostam de sentir isso, há que respeitar essas pessoas, criar amizades também é uma forma de demonstrar que a afectividade também está presente, eu acho que nós nos escuteiros fazemos muito pela educação dos afectos. Eu não penso na educação dos afectos mas o trabalho em equipa ajuda muito a educar os afectos. Ao pôr-nos a trabalhar em conjunto, de certa maneira estamos a educar os afectos deles. Porque estamos a obrigá-los a trabalhar todos para o mesmo objectivo, e isso vai fazer com que eles se sintam afectivamente ligados uns com os outros. Nós educávamos os afectos pelo nosso exemplo. Hoje em dia os exemplos já são tantos, e eles têm fora dos escuteiros exemplos tão contrários aos nossos.

➤ **Saúde**

○ **Consequências**

- **Consequências** (G1; 12) (G2; 23) (G3; 60)

As consequências apontadas são sobretudo as gravidezes precoces, tanto nos rapazes como nas raparigas e as doenças sexualmente transmissíveis onde a SIDA ocupa um lugar de destaque. Há uma grande preocupação de tudo quanto se relaciona com a SIDA.

Esta questão de se ligar a SIDA à temática da sexualidade preocupa-me um pouco já que é muito comum e pode induzir em erro aquando do tratamento do tema. Efectivamente, há acções, de sensibilização, formação que iniciam a discussão da sexualidade nos adolescentes ou ligada à adolescência, pelas características físicas e pelos problemas que podem advir de uma sexualidade dita de mal vivida. Parece-me

pouco ético ou mesmo perverso tratar-se de algo como a sexualidade iniciando com os problemas que daí possam advir. É extremamente negativo e dá à sexualidade um carácter extremamente pejorativo.

➤ Informação

- **Informação** (G1; 8, 9, 18, 19, 20) (G3; 52, 53, 54, 62, 64, 68, 76) (G4; 78, 85, 96, 103, 104) (G5; 125, 126, 127)

A procura de informação começa muito antes da adolescência pois nessa altura as “coisas” principais estão já absorvidas embora não seja de igual forma para todos. Nalguns meios haverá adolescentes ainda com muitas dúvidas e ansiedades devido aos tabus existentes, pelo que terão falta de informação e informação que é vital para a saúde. A necessidade de informação existe muito mais cedo do que possamos imaginar e é algo que se faz sentir sempre, à medida que o tempo passa, os adolescentes vão querendo saber cada vez mais. A necessidade de informação está lá, vai é sendo diferente à medida que eles vão ficando mais velhos. No futuro terão mais acesso à informação o que não quer dizer que estejam mais informados. Vão ter respostas mais rápidas e com as novas tecnologias vão poder fazer perguntas que pessoalmente não fazem. Actualmente já procuram os Dirigentes através do Messenger. Acham que assim podem obter respostas mais facilmente e que podem ter conversas mais sinceras. Já no tempo da carta era assim só que levava muito mais tempo. Actualmente há muita informação, é possível fazer perguntas, é fácil comunicar e todos estes meios permitem-nos não estar olhos nos olhos, a sentir a reacção das pessoas. No entanto o viver é lado a lado.

A questão da informação, não há assim tanta, há muita informação mas eles não assimilam tanto a informação da coisa. O excesso de informação gera desinformação. Eles pensam que sabem muito e que têm um manancial de informação e quando a gente começa a utilizar a etimologia normal, eles próprios começam a corar, ficam muito aflitos porque os dirigentes falam da mesma coisa que eles às vezes falam com termos pejorativos. Eles não aprenderam foi a seleccionar a informação, a ver a fonte onde foi

baseado. Obtém informações erradas por vezes de outros jovens sem conhecimentos. Custa a crer que haja falta de informação ou falta de esclarecimento sobretudo numa miúda que está prestes a ser menstruada e que não esteja minimamente preparada ou que não vem minimamente aconselhada, embora isto dependa da idade, da localidade, do estrato, da cultura. As pessoas não fazem filtragem da informação que recebem seja ela da Internet seja ela da televisão.

*** eles têm muito mais informação, até há informação a mais e é o papel dos dirigentes quando formados descodificar um pouco essas mensagens também. Os miúdos têm acesso a essas coisas todas. As coisas estão muito mais expostas. É necessário que eles tenham a informação e formação, para perceberem o acto que estão a fazer, que saibam o que estão a fazer. Há uns tempos houve um inquérito nas escolas sobre a sexualidade e que realmente eles mostraram que não sabem, ou o que sabem está mal. Alguns não têm a noção de que podem engravidar com uma maior facilidade de que pensam que consequências também em relação a contraceptivos, a pílula do dia seguinte ou mesmo o próprio aborto, as consequências que traz para uma rapariga e principalmente quanto mais nova, mais grave é... os preservativos evitam a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, oq eu é mentira, pois pode evitar algumas mas não evita todas.

A nível da informação, quer do conhecimento do homem quer do conhecimento da mulher hoje em dia eles têm uma ferramenta que nós não tínhamos, por isso é que estão mais à vontade e se calhar têm mais informação e predisposição para isso. Com a Internet consegue-se tudo ou quase tudo lá, que lhes dá mais vontade para falar e para fazer e para estar, portanto deixa de ser tanto tabu, acaba por ser mais tabu para nós.

A informação que lhes chega se calhar também não é a mais correcta, é tal história da colocação do preservativo, quer dizer, uma banana porque se calhar não é isso que se devia pretender e que se devia, eu não acho que eles estejam melhor ou pior em relação a esse aspecto, acho que eles estão iguais em relação à informação. Eles estão piores. Nós também não tínhamos informação e procurávamos a informação. Nós procurávamos era com uns valores e eles não, agora é o geral. Nós já tínhamos os valores antes, já tínhamos o valor da amizade, se calhar do amor, se eles tivessem tanta informação porque é que continua a haver tanta gravidez indesejada. A informação agora é por causa da sida.

Focus group n.º 1

Data: 14 de Fevereiro 2004

Duração: 1H25min

Olga - Qual é a vossa opinião sobre a sexualidade dos adolescentes?

Luís – o que é que achamos sobre ...

Helena – a forma como eles encaram a relação com as pessoas do outro sexo e a relação do ponto de vista social, afectivo, formas de estar e de ser ... ah. ... se entendermos a sexualidade de uma forma assim mais abrangente, o essencial é ... as diferenças entre o sexo e as suas características próprias e a forma como se relacionam e estão aptas a entender as diferentes perspectivas e as diferentes formas de estar na vida ... pelo facto de ser rapaz ou rapariga... é a ideia que eu faço... quando realmente falamos de questões de relacionamento sexual, provavelmente num contexto em que lhes perguntássemos isso a eles, era essa a primeira coisa que eles abordariam... mas acho que é mais amplo do que isso...

Olga – Porquê?

Helena - ...

Pedro – a questão é uma questão factual para que nós... vamos lá a ver, a adolescência é uma idade muito díspar em termos de ambos os sexos, em termos de rapaz e de rapariga, portanto, pode haver aí uma grande diferença... ah... é óbvio que é uma idade, para muitos, é uma idade de descoberta... em várias áreas... de descoberta, procurar, digamos assim... enfim, conforme os casos pessoais e individuais... ah... pode ser uma descoberta como dizia a Lena... de uma sexualidade no sentido amplo, da afectividade do... do encontro do outro, do relacionamento afectivo, etc., ... poderá ir portanto até... nalguns casos, até uma sexualidade genital... é uma questão... depende muito dos casos... é uma idade marcada sobretudo pela descoberta.

Patrícia: eu concordo com o Pedro...

Helena: curiosamente, quando penso... se imaginar na idade dos adolescentes, imagino que eles terão uma visão... a visão deles tende para ser... uma visão ampla, mais do que nós possamos imaginar à partida e uma curiosidade maior para lá do que existe numa relação física... eu acho que... se calhar também é uma questão de gostar que é assim... e

que eles próprios entendem que é mais do que... a questão física ou anatómica, mas é também, perceberem o que é isto das relações com as outras pessoas, as pessoas são diferentes e eles próprios perceberem as questões de interesses diferentes, atracção, assuntos comuns, funcionamento dos grupos também acho que tem a ver... acho que predomina... uma visão abrangente...

João S. – eu concordo com isso... acho que o que se foca muito é o que não tem... a grande maioria tá bem e sabe, tem muitas informações... pode ter dúvidas na altura de vida mas depois, se calhar, a partir de determinada altura, sabe o que é que deve fazer e também faz a escolha... é um bocado essa parte, a anatómica, física, mas também sabe que se calhar isso implica outro compromisso... pelo menos acredito nisso, a maioria está com esse sentido... e não é só o querer que isso aconteça, acho que acontece mesmo. Acho também que a questão é que, como isso se calhar é o mais abrangente... o resto, quando isso não acontece, a pessoa tem tendência para pensar porque é que isso não acontece, ou porque é que isto está assim desta maneira, mas acho que também tem a ver com a perspectiva até da adolescência em geral... há os pessimistas e os optimistas... e a maioria é optimista, digo sinceramente.

Helena – estava aqui a imaginar, ao ouvir-te, e não sei se induzida pelo facto de sermos todos Dirigentes, de facto esta resposta à idade dos adolescentes, ao responder tenho tido sempre em mente a idade dos pioneiros... e agora também estava a pensar, e se não for num contexto que nós conhecemos, escutista, como é que é em geral, nas escolas, na vivência para lá da nossa associação...

Helena G. – eu tenho uma amiga que fez um trabalho no âmbito desta nova disciplina... e ela foi terminantemente proibida de falar em valores... a educação sexual que se dá na escola, é só mecânica, é só física, e isso depois leva a que os miúdos, que não estão só virados para aí, e acredito que não estão, sejam eles cristãos ou não, eles próprios assumem essa parte da comunicação, e é isso que a escola...

Helena – o que é que há na escola hoje?... a educação sexual já existe hoje?

Helena G. – parece que vai existir uma disciplina que se vai chamar educação para a saúde mas é... no fundo... o nome foi escolhido para não ter uma conotação, mas de facto, o conteúdo vai ser... no âmbito da educação sexual.

João S. – A minha mãe é Professora e Directora de Turma e parece que isso vai ser uma das componentes da direcção de turma. Ela às vezes fala nisso. A minha mãe é uma pessoa nada preconceituosa nem nada... mas também nunca teve, se calhar, uma conversa cara a cara, sobre isso, por exemplo, umas coisas eu fui descobrindo, outras

foram acontecendo naturalmente e podia ter acontecido mas nunca aconteceu e sempre senti apoio em casa... e agora se a minha mãe tiver que falar disto a miúdos que não... ela dá português e inglês, é essa a questão e isso preocupa-me, também essa história porque me parece que... por exemplo acho que nós conseguimos estar mais próximo que os professores, temos menos miúdos e apostamos numa relação de qualidade, e se calhar, é mais fácil e produtivo assim do que ser uma disciplina, se calhar é mais importante... eu lembro-me de uma tentativa, quando era pioneiro, em que o nosso chefe falou sobre sexualidade connosco e acho que foi espectacular, pelo menos por nós... habitualmente falávamos uns com os outros mas... mas com ele podias falar de outras coisas, podias falar de afectividade, podias falar de ... pronto, de outras coisas que não fosse só sobre as miúdas e tal...

Helena – e nós era sobre os miúdos... quando estás a falar... quando estamos aqui a conversar, a forma como encaras o conceito, é esta ligação lá fora... tem interesse.

Patrícia – a questão é se... a mim o que mais me preocupa é se se vai... se é o aspecto mecânico... como é que hei-de dizer... que vai ser passado e se se vai tirar o sentimento e a afectividade porque para essa abrangência, acho que joga muito mais... joga muito mais os nossos valores, os nossos motivos, os nossos sentimentos, a maneira de nós nos relacionarmos com os outros, tudo isso é que faz o conjunto não é, faz com que... neste caso, os jovens entre os 14 e os 17 anos consigam ter... viver aquela altura de mudança, de descoberta de uma forma construtiva e que... dali para a frente os possa ajudar e os possa orientar de alguma maneira...

João S. – a imagem que eu tou a ter, enquanto a Lena estava a falar no lado dos pioneiros... eu estou... nesta parte da descoberta... falando pelo menos da parte inicial, eu tenho muito mais associado aos exploradores. É que cada vez mais cedo se fala disto e os miúdos sentem necessidade de falar disto, saber o que é que é. É óbvio que se calhar, nos pioneiros é depois uma fase um bocadinho mais avançada, se calhar até já se começa a falar de outro tipo de sexualidade, doutras coisas que acontecem, coisas que até para nós é difícil de explicar, e aí é que também, coisas que eles sabem, se calhar não compreendem, nem nós... e outras coisas... que é mais difícil falar, ao fim e ao cabo. Se calhar as outras é mais natural, é mais fácil... porque os pioneiros já começam a ter de tal maneira uma carga de informação que aí é mais a idade da dúvida do que da descoberta, sinceramente.

Luís – já agora... eu preciso que este aspecto que foi agora aqui frisado... falar deste assunto fora de um contexto mais... só por pensarmos que isto deixa de ser educação

para passar a ser instrução, uma disciplina de instrução sexual porque é apenas dizer como é que as coisas funcionam... quando se entra em querer realmente educar, tem que se educar segundo valores de uma determinada cultura, seja aqui, em África, seja muçulmana, seja o que for... há uma coisa subjacente a isto tudo e retirar desse contexto é sempre distorcer... ou é muito redutor... por outro lado, penso que quanto mais cedo se fala com clareza, se fala com verdade e se fala com naturalidade aos miúdos, quanto mais cedo, mais pequenos, melhor... desmistifica, retira dúvidas, retira carga de ansiedade, retira angústia, que mais tarde ou mais cedo aparece. Isto tem que ser a coisa mais natural deste mundo. Por isso é que os miúdos, enfim, que às vezes são educados no campo e vão vendo como é que as coisas se passam nos animais e tudo... quer dizer, os pais naturalmente falam no assunto e portanto, quer dizer, depois é natural. Agora chega uma fase em que também penso que é preciso falar, associar a isto responsabilidade, porque se não associarmos a responsabilidade então ficamos na fase dos animais só, que é uma primeira fase em que penso que já se pode falar disso a miúdos de cinco, seis anos, agora, não podemos é ficar só nessa fase do animal, depois na fase do homem, é preciso falar sobre a responsabilidade... eu não sei se devia dizer isto mas é assim... a minha mãe, eu já não era assim tão novo como isso mas ela disse-me assim... olha que uma rapariga pelo menos sabe sempre que teve um filho e tem hipótese de educá-lo, e às vezes um rapaz pode ter um filho em qualquer lado sem saber sequer que tem um filho, já viste o que é ter um filho, espalhado aí por qualquer lado e nunca ter sequer a hipótese... nem sequer saber que o tinhas, nem a hipóteses de o educar? Eu penso que isto apela à responsabilidade e isso em mim calou muito profundamente... isto é... nós estamos a pensar que estamos num contexto moral e de falar em valores, isto faz sentido... agora, se realmente, o que se vai falar aos miúdos, enfim, e já numa idade em que todos os instintos estão despertos, apenas em instrução mecânica, é evidente que na minha opinião vai dar asneira... bem, mais do que já deu, não sei...

Helena G. – estava-me a lembrar de uma coisa, que não sei se hei-de partilhar... estava a pensar nas etapas do nosso sistema de progresso... a autonomia, a responsabilidade e a animação... (gargalhadas)

João A. – para já eu acho que... os adolescentes, acho que eles são... contrariamente aquilo que é normal, a ideia, acho que eles estão muito mais conscientes das coisas do que a maioria das pessoas pensa... não acho nada que a adolescência seja a idade da descoberta... sobretudo se estivermos a falar da adolescência superior, aí pelos 16, 17

anos. Não acho nada que seja a idade da descoberta... ah... sinceramente, acho que na generalidade, eles têm alguma... abordagem saudável... isto é, livre e saudável, saudável no que... do ponto de vista de ter de uma grande... ter agarrado à sua sexualidade uma grande carga de valor... mas parece-me que não há uma... uma... não há nenhuma intenção ou coisa que o valha... isto é... eles vivem de um modo muito mais livre, mais descomplexado, acho eu... acho que eles realizam a sexualidade do seu corpo de uma forma mais... relativamente descomplexada. Acho que a agente põe as coisas mais complicadas do que os próprios adolescentes penso eu. Teorizamos mais, pomos uma carga... ah... e acho que, basicamente esta questão da liberdade, por coincidência ou não, agora ando a ler um livro do Daniel Sampaio, o “Vozes e Ruídos” e entretanto as entrevistas que os adolescentes dão... são interessantes, são... têm pontos de vista sobre alguns fenómenos que a gente hoje em dia comenta, muito fora do normal, fora do normal, quer dizer, fora daquilo que a gente pensa e vê, não é... deste ponto de vista também é um bocado, mesmo quando os gajos contam do curtir com um ou curtir com outra... é meio livre... podemos dizer que é despojado de valores mas não deixa de haver, na minha opinião, na base, algum carinho na relação. Pode não ser o amor da vida deles mas existe algum carinho, acho eu... ah... e portanto... acho que são estas as ideias que me vêm à cabeça sobre esta temática... é um bocado essa... alguma liberdade... ah... alguma liberdade... é isso.

Teresa – concordo com algumas coisas e discordo de outras... eu sou chefe de grupo pioneiro, eles falam muito nisso... isto é para pensar em relação aos escuteiros?... é que eu também separo um bocado as coisas porque acho que há vários tipos de adolescentes. Há aqueles que lidam em grupos mistos e que têm também uma vivência completamente diferente... e há outros que fantasiam mais, outros que se inibem mais, não partilham tanto e não sei fazer aqui essa separação... é para falar de tudo?... É pá... é assim, hoje em dia diz-se assim... hoje em dia, há muitos anos... no meu tempo, as coisas eram... não despertávamos tão cedo... porque já passei por lá, não é... e acho que havia o que há hoje em dia. Há os preparados, pela família e há outros que não. Então a escola vem aí para os preparar... e se calhar da pior maneira, que é da maneira mecanizada... e também porque, como tu dizes, a tua mãe, tal como outros professores, não está preparada para falar sobre este assunto com os miúdos. Nem preparada, nem motivada, nem sei como é que eles vão resolver isso, mas pronto... eu não gostaria de estar na pele dela, sinceramente... não sei a que idades é que vão dar isso mas eles são capazes de dar bailinho aos professores, aí isso são...

Patrícia – eu tive um professor, no ciclo, um professor de ciências da natureza, num colégio de raparigas, e o professor homem, a falar do aparelho reprodutor, e todas essas questões ligadas ao tema, as aulas foram dadas por acetatos, muito rápidas e sem perguntas... porque coitado do senhor, ele sentia-se tão mal, que passava-nos essa sensação e ele queria acabar aquilo o mais rapidamente possível e nós estávamos... pronto... toda essa parte ele passou... e não era o método dele... era acetato atrás de acetato e sem perguntas.

Olga - De quem acham que os adolescentes recebem informação sobre sexualidade?

Helena – Eu acho que é de todos e de tudo...

Luís - ... eu acho que isso começa tudo muito antes da adolescência, e aí já estou a dizer que tanto faz no meu tempo como agora... de uma maneira geral, de tanto quanto me lembro... a ideia que eu tenho é que isso começa muito antes da adolescência, quer dizer, na adolescência, a informação... as coisas principais estão absorvidas. Agora, apesar disso, eu diria que, nalguns meios, porque isto não é igual em todos... nalguns meios, há miúdos e haverá adolescentes ainda com grandes dúvidas e grandes... enfim, por causa dos tabus, por causa de... não se falar no assunto, portanto, com falta de informação, mais informação que é vital para a saúde...

Helena – concordo consigo, que a informação existe muito mais cedo do que nós possamos imaginar, acho que é sobretudo nos exploradores... sim, a informação há sempre e a necessidade de saber também à medida que o tempo passa. Agora o que eu acho é que, se olharmos para os exploradores, por exemplo, tem tudo muito a ver com aquela excitação toda de estar a descobrir como é que é o corpo do outro, das pessoas do outro sexo, é muito focado nesses aspectos dessa descoberta, que depois, acho que à medida que os adolescentes vão ficando mais velhos, vão progredindo na idade, eles vão perceber que isso não é tudo, isso não chega e vão descobrindo o que está para além disso... porque é que as miúdas reagem assim, porque é que os rapazes não são deste jeito, o que é que está por detrás, o que é que agrada, o que é que não agrada, os comportamentos... e então esse... é isso que eu acho que nós... nós sociedade... aqueles que na sociedade têm obrigação de formar... tenho dúvidas que tenhamos já percebido bem que isso é tão ou mais importante do que todas as descobertas que estão antes... essa questão da afectividade, dos afectos, do lidar com o outro... e depois a partir daí perceber quais são os valores que devem estar na base do lidar com o outro... o que é que é o meu espaço, a minha liberdade, o meu respeito pelo outro, que conceitos é que são esses... acho que... conceitos abstractos como liberdade, respeito e bom

comportamento já eram, não colam... eles têm outros e raramente os adultos têm capacidade de discutir este tipo de coisas, acho que isto é muito mais importante, porque quando estamos a falar de assuntos dentro da idade dos nossos pioneiros, isto não tem nada a ver com este tipo de informação. Eu acho que a necessidade de informação está lá, ela vai é sendo diferente à medida que eles vão ficando mais velhos...

João A – eu acho que isso ocorre sempre... e em tudo e nesta idade, e sobretudo neste assunto...

Helena – e é claramente como diz a Teresa, é sempre diferente se estamos a falar de grupos mistos, onde há uma vivência mista, de coeducação, não é, é isso que nós chamamos... ou de grupos que vivem isoladamente como foi o caso que a Patrícia nos contou...

Patrícia – e nessa altura eu já era escuteira, já tinha uma experiência com um grupo misto de há muito tempo, os meus amigos da rua era um grupo misto... só depois é que se verificou... e o problema foi mais notório... e penso que ainda hoje se sente essa diferença, de vivência entre um grupo misto e um grupo muito restrito porque a liberdade era muito... e o à-vontade era muito diferente onde as coisas não são discutidas com tabus e preconceitos... mesmo hoje, já não estou no grupo em questão, mas mesmo hoje, o grupo continua a ser uma fonte de informação, de uma inter ajuda importante, apesar de já sabermos que podemos contar com outras pessoas também... coisa que não acontecia tanto na altura, e que penso que continua a verificar-se...

Olga – mais alguma coisa que queiram acrescentar?...

João S. – eu acho também que o grupo ainda é o mais... o sítio onde se partilha mais informação... até porque é onde se fazem as escolhas... há pessoal que escolhe de uma forma e outro que faz escolhas... vai à procura de algo mais... em que ainda há, se calhar... o que podemos chamar respeito, em que a minha liberdade acaba onde começa a do outro...

Helena - ... e onde é que eu estou a gostar, a respeitar e a não magoar? Onde é que eu estou a baralhar isto tudo ou se estou a ser perfeitamente egoísta...

João S. – e isso vai exigir muito mais de cada um... ter muito mais estrutura...

Helena – e é um desafio maior para os educadores... explicar o que... o funcionamento...

João A. - ... esta busca do que... se é respeito, se não é, vem sempre acompanhado dessa confusão mental, ou neste caso, temperamento que é próprio da adolescência...

Helena - ... eu arriscava-me a dizer quantas vezes não termina na adolescência... cada vez mais... as perguntas não ficam todas respondidas mas essa fase é claramente assim e é... e esse papel do educador é muito mais... eu pessoalmente acho muito mais interessante mas também muito exigente... a parte anatómica, o funcionamento, isso é tudo muito básico, o que é que tem... as pessoas aprendem isso nos livros, se quiserem...

João S. - ... já para não falar somente nos Pioneiros, a nível de nós, alguns Dirigentes, que estamos só aos fins de semana, funciona melhor do que... por exemplo, fizemos uma experiência no nosso clã, que andava um bocado... estava a trabalhar o tema da descoberta pessoal... e neste caso houve lá uma parte de uma carta de clã, de um clã de Espanha, que tinha o tema homem e mulher, caminhos... e que veio suscitar exactamente esta conversa do compromisso, da relação entre um e outro, e a verdade é que isso surtiu efeito... a análise de uma única frase fez com que... mas isso era também porque confiavam em nós para falar, todo o grupo. O que é um facto é que muitos Dirigentes do CNE, como nós, temos a vantagem de conseguirmos fazer parte do grupo. Alguns não, mas há outros que são... e acho que a maioria é... por isso...

Olga - e o resto do grupo, acham também que os adolescentes recorrem aos seus Chefes?

Helena - ... acho que sim... desde que eles sintam que o podem fazer... pelo menos os Dirigentes que não são preconceituosos...

Patrícia - eu acho que depende um bocado da educação...

Teresa - ... exactamente... os pais são muito importantes...

Patrícia - ... nem todos têm pais dispostos a ter esse tipo de conversa...

João S. - ... e pode-se ter uma relação espectacular que... e isso não é questão de ser tabu, é... o facto de não haver conversa, pode não afectar a relação pai-filho...

Helena - também acho que pode não afectar...

João S. - não afecta, tenho casos desses que não afecta... mas chega um ponto que também... porque o sexo também choca um bocado os pais e eles têm dificuldade em falar nisso...

Olga - Na vossa opinião a quem é que os adolescentes recorrem, sobretudo em busca de auxílio ou de conselhos quando têm problemas ou dúvidas sobre a esfera sexual?

Helena - ... ai meu Deus, se eles perguntam... esse é logo a primeira...

Luís - ... isso não está um bocadinho ultrapassado?

Patrícia - ... depende dos Dirigentes...

Luís – os pais, os Dirigentes... os adultos em geral têm medo que eles venham fazer uma pergunta, é?

Helena G. – das perguntas dos Dirigentes não tenho...

Patrícia – eu já trabalhei com pioneiros e não tinha medo das perguntas mas também sentia-me próxima deles devido à idade... não tínhamos uma diferença etária assim tão grande... e a minha experiência familiar também me ajudava a ter proximidade com os adultos... não vejo como se possa ter medo deles fazerem uma pergunta... mas sei que há muita gente que assim o pensa... assim um bocadinho como... eu não queria dizer isto porque sou um bocado contra isto mas há pessoas que... e todos nós ficamos marcados pela nossa experiência... quanto mais velhos mais difícil é para eles abordarem aquelas questões com toda a gente e isso vai marcando sempre um bocado...

João A. - ... eu acho que é como o Chefe Luís estava a contar, isto de falar... dos pais para os filhos... acho que os escuteiros podem ser importantes... depois há também aquele padrão machista, que ainda existe um bocado, relativamente aos rapazes e às raparigas... portanto acho que pode haver aqui alguma... as preocupações podem ser um bocadinho de cariz diferente... há toda uma moral... eu diria que... à margem disto, eu diria que um adulto, que gosta de adolescentes e se interesse por eles, pelo que eles pensam, não falar é desperdiçar energias e oportunidades, passarem ao lado das coisas giras que tem a sexualidade na adolescência ou noutra idade qualquer... e também pode ser meio triste a gente perceber que as pessoas estão a viver momentos e oportunidades sem lhes conseguirem dar algum valor..., isso, diria eu, seria... ou vejo algum receio... sobretudo com alguns educadores, penso que deveria ser uma preocupação de nós como dirigentes... até do ponto de vista... ao valorizarmos a sexualidade, ser um bocado nesta base, fazer passar a mensagem que há aqui algumas coisas bonitas para viver e que devem e podem ser bem vividas...

Helena - ... eu concordo com o que diz o João em relação aos adultos, nomeadamente os pais... (imperceptível)... os comportamentos que, de uma maneira geral, se rotulam de não normais, como sejam as questões, de homossexualidade, acho que aí, por um lado é difícil encontrarmos gente preparada para falar sobre isso... há ainda um medo, um medo muito grande e que traz imensos preconceitos... ah... pessoalmente também não tenho muitas respostas, tenho muitas dúvidas, mas gosto de pensar que seria capaz de discutir esse assunto sem demasiados preconceitos, mas de facto é um assunto muito complicado...

João S. - ... eu queria só dizer uma coisa em relação a este assunto... não o da homossexualidade mas em relação à sexualidade em geral... acho que o caminho é mesmo trabalhar mais a afectividade que o resto vem como seguimento e a história de fazer parte do grupo... houve uma situação numa escola onde houve um estudo em que fazia parte a distribuição de preservativos nalgumas escolas e se haveria diminuição na taxa da gravidez. Isso aconteceu mas chegaram à conclusão que não tinha tido a ver com a distribuição dos preservativos mas sim devido ao debate que se fez em torno dessa distribuição... discussão entre as pessoas que envolveu toda a gente para falar de coisas que doutra forma não teria acontecido... enquanto que nos outros sítios “nem quero que me falem”, não interessa, é tabu... então a coisa...o mau acontece...

Olga - Quais são as vossas questões ou preocupações principais relativamente à sexualidade dos adolescentes?

Luís – eu acho que nas raparigas é as gravidezes precoces... e nos rapazes também, serem pais precocemente... forçosamente isso causa problemas sobretudo às mulheres... e hoje, hoje... aqui há uns anos a esta parte há um problema de doenças mortais, como a SIDA e outras... pelo menos a informação... isto constitui uma preocupação para qualquer adulto responsável... já para não falar dos pais... por outro lado, uma preocupação é assim... eu sempre encarei... e tenho consciência que se calhar já não é assim... os rapazes vão para qualquer lado sem qualquer problema e as raparigas estão sujeitas a agressões... que os rapazes se calhar não estão... ou eu nunca vi que estivessem sujeitos a agressões e por isso... por exemplo, estou-me a lembrar que quando as minhas filhas eram adolescentes e queriam ir para a boate, antes de sair da boate telefonavam, às seis da manhã, e eu metia-me no carro e ia lá buscá-las à porta a essa hora... eu deixava-as ir porque elas também tinham o direito a ir mas não queria que elas viessem sozinhas àquela hora para casa... porquê... se calhar, dentro da maneira como fui educado, daquilo que eu pensei, se fossem rapazes diria desenrasquem-se... não estava para os ir buscar...

Helena – mas isso vem de encontro ao que o João estava a dizer... e deixe ver se eu percebi bem... isso é natural porque basta interpretar os factos e parece que as raparigas são mais “atacadas”, são mais frágeis, etc. ... agora a questão é, vamos interpretar o mesmo acontecimento numa relação entre dois jovens muito jovens, normalmente fora de qualquer compromisso, para o rapaz é experiência, para a rapariga é promiscuidade...

Luís – Aí não...

Helena – mas é muito este tipo de pensamento...

Luís – acredito que ainda haja quem veja isso assim...

Teresa – aos mais velhos... embora ache que isso está a mudar

Helena – os novos também... as perguntas que eles fazem...

Helena G. - ... e os comentários...

João S. – e depois também há aquela história do querer curtir... nós usámos isso e tinha mais a ver com esta parte, e se calhar o curtir agora tem muito mais daquilo que o João falava, se calhar já começa a ter algum carinho... eu também acredito que isso está a acontecer mas... mas ainda há muito esta ideia...

Patrícia – aliás, eu acho que ainda há muito aquela... ouvem-se comentários muitas vezes de pioneiros e... os caminheiros já têm outro estilo de pensamento, mas que comentam “olha aquela, andou com não sei quantos...” e eu quando estava com pioneiros sempre vi isso, eles próprios descriminavam algumas raparigas por causa disso, e diziam mesmo uns aos outros “tu já andas com aquela? Olha que ela não interessa a ninguém”. Eles têm este tipo de reacção, eles não gostam... para eles está tudo bem, para elas... já não interessa...

Pedro - ... é um bocado aquele velho mito social em que o sonho de um homem é ser o primeiro homem de uma mulher e o sonho de uma mulher é ser a última mulher do homem... (gargalhadas)... e esse mito social ainda está um bocado... vigente...

Teresa – é isso, acho que não, acho que tá bem esse sentimento, essa coisa que acabaste de dizer, acho...

Luís – ele começou por dizer que era um mito social...

Pedro – já estive muito mais vigente do que está hoje mas ainda há resquícios...

Luís – aqui há cinquenta ou cem anos atrás, os padrões eram mais homogêneos em termos sociais, comportamentos sociais do que são hoje. Hoje realmente é muito difícil de definir porque há, cada grupo, cada... os rurais, os da cidade, os escuteiros, há uma diferença muito grande... quando a Teresa diz, não é assim, está a ter em corte um determinado universo... quando ele diz é isto assim, é outro grupo... cada grupo... há uma dispersão muito grande, quer de valores, quer de maneira de encarar isto. Onde há uns anos atrás, isto eram padrões quase uniformes... na sociedade...

Helena – mas hoje em dia acho que também há outro fenómeno, que afecta aquilo que os adolescentes pensam sobre os assuntos e os seus comportamentos e o fenómeno das modas, de vez em quando é moda ser-se completamente liberto, despendido, ter montes de experiências. Agora o que está na moda, tanto quanto me apercebo e aquilo que vou vendo de vez em quando é... as vedetas, popstars, que anunciam e fazem disso valor...

ou seja, a influência que algumas figuras de referência para os adolescentes e não só, para algumas pessoas em geral têm, os valores que elas personificarem, que elas defendem, acabam por se transmitir e isso também molda o comportamento...

Teresa - ... no outro dia veio uma mãe ter comigo e disse-me “olhe que a minha filha está com as hormonas todas aos saltos!” e era uma exploradora... e não é que estava mesmo!?... eu acho que as miúdas estão muito mais evoluídas que os homens... e depois as hormonas atacam as miúdas mas os miúdos não lhes ligam nenhuma... nos exploradores...

Luís – mas isso é uma coisa que foi sempre assim e assim será...

Helena – vamos ouvir a Nucha...

Helena G. – tive um explorador que esteve, há uns tempos, apaixonadíssimo por uma exploradora e veio ter comigo p’ra pedir alguns conselhos: “achas que lhe devo pedir neste acampamento? Falo antes ou depois?”... mas agora já mudou, já é outra... acho que nunca se declarou àquela... mas andam... não sei, acho que eles são muito... muito... não sei...

Patrícia – eu acho que nos exploradores é muito querido, acho que é muito de descoberta mas no sentido do que é que eles sentem...

Teresa – mas é da parte dos rapazes porque as meninas já se vão encostando...

Helena G. – mas é diferente dos pioneiros...

Teresa – eu tinha lá um gordinho que me dizia “eu vou escrever uma carta” e eu disse-lhe “escreve”, depois não sei se ele chegou a escrever porque mudei de secção.

Helena G. – eu vinha num raid e ouvi uma das miúdas dizer “eu agora não quero relações duradoiras” agora só quero conhecer...”

Patrícia – e agora eles vão dizer que aquela agora já conhecem... eu estou a lembrar-me de uma que era exploradora e que gostava muito de andar ao pé dos pioneiros...

Pedro – em 98/99, quando foi o Jamboree do Chile, e eu fui ao Jamboree e quando fomos no autocarro de Santiago do Chile para... era para aí uma hora de viagem, e eu ia sentado lá atrás no autocarro e ia também um grupo não sei bem de onde, e uma pioneira, que falava com outros suficientemente alto para toda a gente ouvir, e a certa altura a menina dizia com uma descontracção: “... sim, porque para as coisas ficarem bem definidas, anteontem acabei com o meu namorado para as coisas estarem mais livres esta semana...”

Olga - Na vossa opinião, de que forma se poderá ultrapassar algumas das vossas preocupações em relação aos adolescentes?

Patrícia – eu acho que aquilo que o chefe disse há bocado, é por aí, não criar um bicho-de-sete-cabeças, abordar com muita naturalidade, não deixar as coisas do tipo “a ver se não vêm falar connosco...”

Luís – preocupações que eu disse... a mim não passam, foi com as minhas filhas e há-de ser com as minhas netas...

Helena – eu acho que passa por os adultos ouvirem muito mais, deixarem-se interpelar pelos adolescentes e descobrirem que afinal... se pudéssemos medir os receios de uns e de outros, se calhar descobriríamos que os nossos são maiores...

Luís – claramente, isso é verdade... mas também temos alguma experiência acumulada...

Helena – como eles também têm experiência acumulada, que nós não tínhamos...

Luís - ... receio do adulto “ide aqui fazer um raid”, uma patrulha ou duas sozinhos, eles não têm medo nenhum, vão por aí a fora mas ele em receio porque pensa eles vão por aí afora e pode acontecer alguma coisa... pode não dizer qual é o receio mas tem...

João S. – eu acho que somos pessoas algo esclarecidas e... mas a questão é que nem toda a gente o é e é também como fazer suscitar isso... a dificuldade é mais nesse ponto... parece-me porque quando uma pessoa vê que nos agrupamentos isso acontece, isso é bom sinal, pode não acontecer em público, até é desejável que não aconteça em público mas... o pedido de apoio... mas acho que é positivo haver agrupamentos onde isto se fala...

Helena – esta questão das preocupações dos adultos em relação aos adolescentes, acho que existem, não só em relação à sexualidade dos adolescentes, mas também em relação a um conjunto de outras questões, ou seja, a adolescência por si só é um período que ainda hoje é encarado com algum mistério, com alguma falta de compreensão... é a idade do armário... acho que este desconhecimento dos adultos se verificam em relação a sexualidade da adolescência e a muitos outros porque acho que é um desconhecimento geral sobre a adolescência e o que é que ela encerra...

João S. – eu, essencialmente, a minha preocupação como chefe de grupo era também ver, no surgir das nossas conversas com os miúdos, tipo “agora vamos ensinar nós a ver o que é que os miúdos sabem”, não, os miúdos chegavam e tinha que haver um bocado de conversa, tipo... e isso eu noto que lá acontece naturalmente, entre o pessoal e os miúdos, que é, um vai à escola, vai ver as notas, pergunta-lhe como é que estão as

coisas em casa, os pais, etc.... mas isso... essa preocupação geral que... o escutismo é também para ajudar na vida, não é para... não interessa saber só o que é ir acampar, que é bom, mas o importante é o resto e isso acho que... tanto surge na questão para a sexualidade como para o resto... a questão é sentir que isso é o essencial...

Helena – disponibilidade...

João A. – eu acho que o nosso papel... como Dirigentes... acho que... não faz mal... não forçar... eu acho que é possível criar uma actividade que lhes dê espaço para falar, até para eles perceberem que há espaço para falar... provocar que haja uma qualquer... uma actividade... à volta de uns chouriços e pão... não é lançar só para cima da mesa mas é termos aqui uma intervenção um bocadinho mais à frente até porque se calhar eles por vezes... pode ser um ponto de partida para o resto e depois individualmente que haja essa disponibilidade para falar e ouvir... não me parece nada mal que sejamos nós a tomar a iniciativa de falar...

João S. – só um exemplo que aconteceu com um grupo ali de Aveiro... numa actividade, havia ali um tempo morto e a malta perguntou, então o que querem fazer... e eles entraram meio a brincar, meio a sério, que queriam falar de prostituição, e nós dissemos, ai é?, querem falar disso?, então vamos lá, e isto porque tínhamos passado por uma zona onde havia prostituição de rua. Aquilo suscitou uma tal conversa que nem imaginam... foi muito importante para eles porque permitiu crescer não só ao nível das questões da sexualidade mas sobretudo ao nível humano, aquilo marcou-os... as pessoas que eu conhecia daquele clã vão-se lembrar sempre daquilo... claro que não precisa de ser tão forte, basta criar... no meu caso, nos pioneiros foi uma historiazinha, um rapaz tinha engravidado uma rapariga e que depois não tinha assumido a coisa, etc., e perguntava qual era a nossa postura em relação a isto, se fosse um amigo teu. O que é que farias, e só isso fez com que estivéssemos muito tempo na conversa à volta da fogueira... só isso deu p'ra ver com quem é que poderíamos contar e até que ponto podíamos também magoar alguém...

João A. – mas dos dez mil dirigentes que nós temos, muitos são os pais que a gente diz que não falam, que não sei quê...

Pedro – acredito que muitos não estão preparados para falar... às vezes a impropriedade para falar faz mais mosca do que... muitas vezes nem é pela questão de terem valores mais abertos ou menos abertos, mais antiquados ou menos antiquados, nem é por uma questão dessas... é uma questão, como é que hei-de dizer... de inabilidade ou de falta

de tacto às vezes, ou até de estrutura psicológica para acolher uma conversa com um outro à-vontade também...

João S. – eu acho que tem mais a ver com o conceito. Às vezes uma pessoa, mesmo em coisas tão simples de... isto de assumir ou não assumir com uma rapariga... há preconceitos, às vezes é a questão do chefe também de tar a pôr a sua experiência, o que acha disso com o que se deve seguir as coisas... às vezes é mais como... olha, como a história da homossexualidade e de muitas outras coisas, que também tem a ver com isso... a mim o que me preocupa mais que ao falar disto, mesmo inconscientemente, eu passar um preconceito nosso, vá lá... e isso acontece, isso às vezes é que é o mais complicado... nós tentamos não ser preconceituosos mas às vezes acontece, não é, e isso topa-se. A questão é mesmo essa...

Patrícia – uma vez tivemos no meu agrupamento um tipo de debate em que estava um pai, um padre, uma enfermeira... vários pontos de vista... e eu lembro-me... não assisti ao debate propriamente dito, mas lembro-me que foi muito importante porque o feedback que saiu daquela noite foi que as pessoas nunca pensaram que o chefe fosse capaz de estar ali e até falar da vida pessoal dele, contar ali da sua experiência... e isso é como abrir uma porta, não é? Cada um ficou a achar que... que podia falar com ele...

Pedro – aquilo que o João estava a falar do passar o preconceito, eu acho que a conversa, vamos lá a ver, tem que ser suficientemente franca para que ele perceba que eu tenho os meus valores e que ele pode ter os dele ou estar na construção dos dele e que eu não deixo de dizer os meus mas não os estou a impor mas eu também não os escondo... às vezes até pode haver ali na conversa confronto de valores, ele pensa de uma maneira e age de uma maneira e eu dizer pessoalmente não concordo ou não sei quantos mas temos pontos de entendimento para conseguir conversar e isso ser frutuoso e poder permitir construir pessoalmente... por isso acho importante o animador não impor os seus valores mas também não os esconder...

Helena – e se não concordar, isso não quer dizer fazer um juízo de valor...

Pedro – exactamente, dizer não é a minha maneira de viver a coisa mas...

Helena – exacto, e quanto muito acho que é o nosso... se assim podemos dizer... a nossa tarefa como adulto é questionar... a ideia não é “vou-te dizer como é que é” ou “estas são as minhas ideias” mas ser questionado, ser interpelado pela outra pessoa pode não ser naquele momento mas mais tarde ou mais cedo ela vai... porque foi questionada e levada a pensar em coisas que nunca pensou, ou ter questões para colocar a alguém ou

procurar respostas ou vai ela própria encontrar essas respostas e assim faz o seu caminho...

Pedro – e principalmente eu acho que o que é preciso é ouvir... e às vezes ouvir, ouvir, ouvir... porque o que realmente eles sentem falta é de serem ouvidos e... às vezes a conversa, a pessoa acaba só por falar um bocado no fim porque passaram o tempo todo a serem eles a falar e isso, às vezes é importante e libertador até... reparem, é preciso ter um bocado de cuidado do chefe partilhar a sua experiência porque às vezes podem... construir referências, legitimar maneiras de pensar através da sua experiência pessoal, aí acho que há um certo perigozinho, aí acho que deve haver muita cautela...

Helena – e depois também pode... imaginarmos que a confiança do adulto se baseava num determinado... numa determinada ideia que tem da pessoa, do adulto, e isso é que constrói a confiança... é um par de referência de algum jeito... eu não vejo de negativo de todo a partilha de experiências mas tem que ser uma relação que está construída e onde isso é possível porque logo à partida dizerem, eu vou-te contar como é que foi comigo... uma experiência minha, o que é que me aconteceu, o que é que eu fiz ou deixei de fazer, pode abalar esta confiança...

Pedro – o pior de tudo é dizer “isto é assim porque comigo também foi assim... quando se entra neste tipo de argumentos...

Helena – sabem o que me ocorreu logo no início?... é que isto pareceu-me uma ideia muito gira... pôr as pessoas a conversar sobre um tema que seja interessante... sobretudo após um dia de reunião... venha de lá essa pergunta...

Olga – como é que cada um de vós imagina os adolescentes daqui a dez anos?

João S. – eu acho que na generalidade os adolescentes vão ser iguais... sobretudo no cerne...

Pedro - ... vão ter as mesmas dúvidas e os mesmos problemas, as mesmas ansiedades, etc., só que irão vivê-las num ambiente sociocultural diferente... é o mesmo animal numa personagem diferente... basicamente...

João S. - ... as mesmas preocupações? Nunca se sabe... agora a sério...

Teresa – é igual... daqui a dez anos é igual... mais tecnologia, mais telemóvel, mais computador, mais Internet...

João A. - ... não digo mais informados mas com mais acesso à informação... mais móveis...

Helena – com pais e educadores diferentes de certo...

João A. – diferentes? Essa agora teve graça...

Helena – sim, até pela natureza da própria experiência dos pais e educadores, quer dizer... agora aqueles que têm 25, 26, 27 anos, daqui a dez anos vão ter... bem talvez não tenham filhos adolescentes, mas agora pessoal da nossa idade, trinta e poucos anos, que têm filhos com poucos anos...

Pedro - acho que os pais vão ser diferentes porque viveram uma série de experiências diferentes eles próprios... não sei... acho mesmo que vão ser diferentes...agora há uma questão que é... não sei se serão melhores pais, nomeadamente melhores pais de adolescentes. Uma das coisas que...

Helena - nós somos todos novos... ou quase todos...

João S. - somos todos novos, exacto mas não há ninguém que nos ensine a ser pais! Se calhar temos as nossas referências de quando éramos filhos e eventualmente agarramos nisso e... mesmo esta questão de como se lida com os adolescentes, de se... é através daquilo que a gente vai ouvindo... Agora isto para dizer que apesar das experiências das pessoas serem diferentes e que farão deles pais diferentes, mas não necessariamente mais qualificados para estarem mais atentos, acompanharem mais...

Patrícia - Tu achas que vão ser mais disponíveis? Ou menos...

João S. - vão ter mais disponibilidade no geral. Sociologicamente acho que as pessoas vão ter mais disponibilidade, o que não quer dizer que possam estar mais disponíveis para ouvir os filhos.

Helena - Não sei a disponibilidade no geral é maior ou menor mas as solicitações são muito maiores!

Teresa - Acho é que vão ter respostas muito mais rápidas!

Luís - vão tendo?...

Helena G. - falando em interacção... eu acho que o messenger permite que eles façam perguntas que ao vivo não fazem!

Teresa – é o sms...

Helena G. – por isso acho que é muito mais fácil e eu sinto isso, eu sinto muito isso com eles, às vezes fazem-me perguntas que depois ao vivo... e também acham que podem obter respostas mais facilmente, e pode haver conversas mais sinceras...

Teresa – é o confessionalário...

Luís – eu acho que desde o tempo da carta foi assim...

João S. - ... mas demorava muito tempo...

Teresa – uma pessoa diz numa carta coisas que não diz pessoalmente...e agora dizes online...

Helena G. – mas não é só isso! É a frequência com que comunicas assim! Porque comunicas por um aparelho ou telefone ou carta ou computador... e depois onde é que tu vives, de facto e é posto à prova todos os supostos conhecimentos que adquiriste por trás de muito... é depois no contacto pessoal. Aí é que tenho alguma curiosidade em perceber como é que vai ser. Há muita informação, é possível fazer perguntas, é fácil comunicar, esses meios todos permitem-nos não estar a olhar nos olhos, a sentir a reacção das outras pessoas, até se fazem umas perguntas, até se obtém umas informações mas o viver depois é lado a lado...

Patrícia – então porque é que não voltamos a ter esta conversa daqui a dez anos...

Focus group n.º 2

Data: 27 de Fevereiro de 2004

Duração: 1h 40

Olga: Eu gostava de começar por perguntar qual é a vossa opinião sobre a sexualidade dos adolescentes? Como é que eles a vivem, ou não vivem...

Salgado: Eu dá-me a impressão que eles seguem um bocadinho os padrões que vêem na televisão e não de algo que lhes tenha sido dado, nomeadamente pela família que deveriam ser os primeiros educadores. Dá-me esta impressão

Sameiro: Eu acho que está a ser vivida com uma falta de maturidade e de responsabilidade...dá-me a sensação para além do que o Salgado disse, vive-se muito pela imagem, não só a questão alimentar nas raparigas e agora também pelos rapazes mas é uma questão de... de vergonha já no grupo aos 16 e 17 anos, admitir-se que se é virgem...e acho que se estão a perder valores nesse sentido...no fundo estamos a viver valores que não são nossos, nomeadamente os americanos e os brasileiros que nos são impingidos todos os dias...

Salgado: valores esses que nos entram em casa e que é um pouco complicado para uma pessoa estar a dizer que não, valores esses dos americanos que segundo já ouvi, eles próprios estão a errar nessa forma de estar...

Olga: e acham que todos os adolescentes estão a impor esses valores?

Helena: eu penso que sim salvo pequenas exceções...as pessoas estão muito...muito influenciadas por aquilo que lhes é transmitido a nível dos audiovisuais, nomeadamente televisão e filmes, e eles estão constantemente a ser bombardeados com essas ideias. Alias, eu detesto, pessoalmente ver filmes de adolescentes porque eles são essencialmente...eles...a temática daquilo é sempre sexo, em que eles acabam pela 1ª vez de ter sexo cada vez mais novos... se olharmos para as telenovelas, que eu não vejo mas às vezes passo, até me espante que nos enredos haja envolvimento de miúdos de 6 e 7 anos que já têm namorada, já têm um encontro e aquilo já parece tão natural que até faz confusão... mas a verdade é que se calhar aquilo até nem se passa assim, se calhar

até estão a impingir a ideia assim e qualquer dia estamos todos a viver assim... que aquilo está constantemente a ser transmitido assim...

Salgado: Também é isso que se vende na televisão...vende-se este tipo de imagens... o que não quer dizer que seja realmente a verdade.

Helena: Mas tanto se vende que as pessoas acabam por comprar

Salgado: Ah sim, agora começam a comprá-las

Alguém - A questão é essa tanto se vende que acabam por comprar. E cada vez, e esta é uma realidade, e eu não tenho filhos adolescentes, o meu é maior e já passou por essa fase... aaa...mas de qualquer das formas repare, cada vez menos nós temos menos tempo de... ah... proibir determinados programas ou visualizar todos para ver mais ou menos e orientar o que eles podem ver mas os miúdos em casa, abrem a televisão e vêem tudo o que lhes aparece à frente.

Salgado: Se me permite...eu desisti de fazer isso com os meus filhos, sobretudo com a minha filha... eu tenho 4, com várias idades e a certa altura acabei por desistir de fazer isso... não valia a pena... mesmo que quisesse fazer alguma triagem era impossível, começa logo às 8h da manhã e vai até às tantas da manhã...cada vez a crescer mais, aquilo vai numa escala de subida, quanto mais tarde, pior as imagens que vão aparecendo...

Helena: o pior é que neste momento até nem sequer é o quanto mais tarde. Em horário nobre há imagens a passar...

Jorge: Há situações complicadas, mesmo um bocado ridículas que é o seguinte por exemplo, não se trata de filmes e de telenovelas referirem a realidade que vivemos mas pelo contrário. Criarem uma realidade que se possa viver ou que eles querem que se viva, e há coisas tão contraditórias como isto por exemplo, temos o programa do Herman SIC, que tem rodinha de vez em quando (...) e é bom que se saiba no horário nobre e temos também pior ainda o “Levanta-te e Ri” que é daqueles com bolinha também e tem lá crianças a assistir. Portanto, isto é um pouco a contradição do próprio sistema. E mais, no caso das telenovelas e que eu por acaso vejo de vez em quando que é por exemplo um interessante na TVI que é o Morangos com Açúcar se não me engano é passada com adolescentes e é uma sexualidade vivida fora da afectividade inclusivamente com junta separa, casa descasa e então inclusivamente já se sabe, isto é um bocado caricato mas eu vou dizer, por exemplo o Pipo está com a Joana, já a pediu em casamento e já toda a gente sabe que ele a vai trair. Portanto, as coisas são vividas assim, portanto a gente sabe, inclusivamente os pais deles também estão em processo de

separação portanto há um quase tornar, uma tentativa de tornar normal aquilo que são realidades anormais, porque por exemplo disseram há bocado e é verdade, de facto, nem todos os adolescentes alinham por aí, não alinham mas aqueles que não alinham, e agora estamos a falar dos nossos miúdos os que não alinham, são um bocadinho rejeitados

Pedro: Na questão da rejeição, no início da descoberta da sua sexualidade eles poderão ter um pouco o conflito interpessoal entre o receio do seu desenvolvimento sexual e aquilo que neste momento a sociedade impõe da naturalidade do sexo. Isso cria, penso eu, neles um pouco de conflito “qual será a postura que devo ter, não posso ter uma postura introvertida porque senão sou rejeitado do grupo, portanto tenho de por isto de uma forma natural e vivo durante alguns períodos, um período um bocado difícil”.

Octávio: Há um medo intrínseco também neles que tem a ver com as Doenças Sexualmente transmissíveis (DST) que quando se está a falar da sexualidade esquece-se nós somos todos crescidos mas eles guardam normalmente e ficam com este dilema, se é natural, se é... aqueles valores que se vêem nos filmes e depois pensam e aquela parte, ninguém me explica muito bem, não tenho formação para isto, e aquilo gera-lhes acho que gera grandes tensões internas e eles lutam com isso no dia a dia.

João Coelho: Eu tenho 3 filhos, uma a sair da adolescência tem 21, outra tem 17 e o mais novo tem 14. E como é que eles a vivem... isto os Morangos com Açúcar é sem dúvida o exemplo que nós temos, nós movimento, porque eu penso que é importante nós como unidade e quando falamos nos nossos valores esquecemo-nos de uma realidade que nós estamos hora e meia, 2 horas com os nossos miúdos e as restantes horas eles estão a viver na sociedade civil, estão a viver na escola com todos os problemas que nós ouvimos e sabemos que se passam em termos de sexualidade. A realidade do tema da sexualidade como é que se vive nas escolas. O horário e os Morangos com Açúcar é aquilo que eu vivo com os meus 2 mais novos, a mais velha talvez não porque não tem muito tempo para se preocupar com isso mas ficam vidrados em toda aquela tramóia que é o junta separa, e quem é que está com quem quando a gente vai a apanhar 3 ou 4 dias depois, aquilo já mudou, quer dizer e já ninguém está com ninguém e depois é a dificuldade que nós temos em transmitir valores que nós defendemos com apelos sistemática seja aonde for até em cartazes outdoors etc., etc. sobre temas tão, tão quer dizer, que eles depois e, e tento lidar com estas duas realidades e tento lhes dizer que eles também são jovens desta época com tudo aquilo que lhes é mostrado, são situações extremamente complicadas e a gente vai para o supermercado e vemos as vitrinas com...lá já no supermercado e depois conseguir responder quando nós

temos a abertura sequer para abordar, e depois também é um problema, continuando a ser assunto tabu, continuando a ser assunto de que não se fala aonde deve ser falado por vezes as ausências de ser... de se abordar... e penso que eles actualmente... até porque eu penso que actualmente os jovens não conseguem fazer esta distinção entre o que lhes é proposto ou aquilo que lhes é dito... penso que eles vivem muito o dia a dia do grupo de amigos, aquilo que lhes é bombardeado diariamente e seque o rumo, seguem o rio e se calhar têm poucos momentos em que lhes são apontadas saídas para esse mesmo caminhar e é isso que me preocupa a mim, como é que nós conseguimos chegar... campanhas por exemplo da luta contra a sida que são apoiadas por todas as classes, pelo Presidente da República e outras pessoas que eles vêem como importantes, e depois nós, na nossa ingenuidade, calamo-nos, não falamos, não propomos, não sugerimos e eu penso que eles vivem muito estes dois caminhos aquilo que a nossa Igreja diz e emana e depois aquela realidade com que ele é diariamente bombardeado.

Mafalda: Posso dar um exemplo...eu estive a trabalhar com um grupo de jovens de um bairro de risco aqui de Aveiro, no âmbito do programa do Centro Universitário da Fé...

Olga: Eu pedia / queria que falássemos todos para o grupo...

Mafalda: (cont) e eram jovens adolescentes, e lembro-me que um dia as meninas chegaram, vieram da escola, e chegaram traziam um daqueles kits que uma marca qualquer lhe foi dar, tinha um penso, um tampão, aquelas coisas e tinha explicações... é um mínimo dos mínimos de qualquer parecida com educação sexual e lembro-me de que elas estavam a mostrar aquilo umas às outras e eu sentei-me a conversar com elas e elas ficaram pasmadas a olhar para mim e deu-me ideia que não estavam habituadas que um adulto se sentasse com eles a conversar sobre aquilo com um mínimo de naturalidade ” vocês sabem isto, vocês fazem aquilo, vocês isto, vocês aquilo, o que é que vocês acham disto, o que vocês acham daquilo”, acho que eles...e elas começaram a conversar. A princípio retraíram-se mas a seguir começaram a conversar e foram falando. Estivemos ali, e ainda foi um bom bocado. Eu acho que eles ao mesmo tempo que só partilham isto com um adulto têm sede de que falem com eles que não os rejeitem

João Coelho: com a mesma linguagem

Mafalda: com a mesma linguagem exactamente. É a tal quebra do tabu não é?

João Coelho: O que a mim me preocupa muito como formador, como responsável pela formação é quais dos nossos dirigentes é que estão preparados para viverem com factos concretos. Não basta só ter preocupações, não basta só dizer que é proibido... os muitos

milhares que nós temos, qual deles sem os teóricos, aqueles que estão no terreno, aqueles que estão de sapatilhas e botas com a tenda montada lá no local, são esses que vivem os problemas não somos nós

Olga: Exactamente.

João Coelho: nós só teorizamos se calhar infelizmente muito mas aquele que está no local, aquele que lida com esse problema quais dos nossos dirigentes é que está preparado para viver essa...para saberem...vá lá...para saberem

Jorge: é uma questão que nós estamos aqui a ver como formadores mas parece-me que seria uma ideia interessante que um vivi um bocado a experiência. Não sou pai mas sou tio. Que é o seguinte: mais do que nós nos sentirmos como formadores, de alguém que vai dar qualquer coisa ou vai fazer qualquer coisa é mais esta presença este estar atento às perguntas e respostas deles eu posso dar algumas... dar alguns exemplos... concretamente eu tinha uma sobrinha que estava em França, dá-me a ideia que não tinha uma grande abertura com os pais nesse sentido, talvez pelo medo ou coisa parecida ou não... E então aproveitava as férias grandes que vinha para cá e começava a conversar comigo. E recordo-me uma vez, ela começa a fazer uma pergunta e eu... e isto e aquilo... e eu respondia exactamente aquilo que ela queria mas de um forma que ela quase... e chegou a um ponto que diz a minha mãe “ Ó pá deixa o teu tio descansado” e ela só disse assim “ deixa avó porque eu tenho de aproveitar o tempo que tenho aqui com o tio” e foi uma... simplesmente ela perguntava as coisas mais elementares e coisas que ela de facto perguntava e eu claro, respondia. E sempre as coisas, às vezes até de uma forma provocatória e às vezes até em relação à Igreja e a utilização dos preservativos e eu... muito muito abertamente, quer dizer acho que criei uma maneira de ser naquela miúda que aliás aconteceu também com outra minha sobrinha também, que era esse à vontade de falar nas coisas. Hoje não tenho problema nenhum em apontar-lhe, não tenho problema que eles falem diante de mim disso e eu a falar com eles nessas questões. È que estarmos atentos e pouco a pouco entrarmos no mundo deles e depois sem “é pá, se eu digo isto” se calhar o que é que vai pensar é arranjar primeiro uma segurança, alguém com quem se sintam seguros e por outro lado às vezes também um bocadinho experimentar.

? **Homem:** eles fazem muitos testes

Mafalda: Eu tenho a impressão que eles não falam mais connosco medo que lhes digamos isso é proibido isso é assim isso é assado, tens de fazer isto, tens de fazer aquilo. Porque se nós tivermos a abertura suficiente para nos sentarmos com eles a

discutir as razões porque eles fazem isto, o que é que te leva a fazer isto ou aquilo, o que é que tu pensas disto, o que é que tu pensas daquilo eu acho que é muito mais proveitoso para eles sentem-se livres, nós não, quer dizer há certas normas há certas regras mas não as impomos, elas existem, agora tu é que tens que decidir o teu caminho dentro destas normas, porque é que deverás fazer isto e fazer aquilo, eu acho que eles gostam disto também. Eles gostam muito de liberdade mas até determinado ponto, porque anarquia não funciona muito bem com eles, eles gostam que os púnhamos a pensar.

Maria: Eu tenho 10 sobrinhos, 4 deles estão entre os 21 e os 16. A rapariga tem 17 e os 3 rapazes têm 16, 18 e 21. E eu fiz um curso do Projecto Vida sobre Sida, Sexualidade e Toxicodpendência em 94, que me deu algum à vontade para lhes responder. Eu não me sentia bem de chegar à beira deles e dizer “ora bem, hoje vamos falar de sexualidade” não adianta porque eles são bombardeados diariamente sobre comportamentos responsáveis, ou pelo menos comportamentos que não sejam promíscuos mas chega a hora e as hormonas falam mais alto isto porquê? Porque não lhes é incutido de maneira saudável, à mesa, com a família o mundo que eles conhecem. Pode até ser nos Escuteiros, pode até ser na escola. Mas se calhar na escola não é com a postura com que está a acontecer agora. E eu vejo pelos meus sobrinhos que dizem assim: (...) Então o meu sobrinho que hoje tem 21 anos diz-me assim “ Então e eles vão por a professora que é a maior solteirona da escola chega lá cheia de frustrações naquela cabeça, (...) a análise do miúdo que na altura tinha 18 anos e foi a análise que ele fez. Ela era conhecida por ninguém pegar nela, era a cota da escola e ainda por cima era aquela que cada vez que estava um casal aos beijos cá fora ela já começava a mandar vir, chamava a empregada, não sei quê não sei que mais, eles vão por aquela mulher, bem ela abria a boca e toda a gente se ria “ah e a experiência” é extremamente complicado estar-se do outro lado a falar porque não adianta porque não é quando nós queremos, é quando eles perguntam. E quando eles perguntam ter à vontade para é extremamente complicado. Eu passei 3 fins-de-semana em Lisboa e depois fui trabalhando um bocado com os meus sobrinhos. Dá muito jeito ter cobaias em casa porque depois nos Escuteiros quando me perguntavam já me sentia à vontade. E posso-lhes dizer que tive uma experiência. Para mim depois tremi um bocado. Isto aconteceu em 98, fui com um Agrupamento de Viana à Expo e ficámos na sede dos Escuteiros dos Olivais e havia uma promoção na altura na Expo que era o “Love Boat”. A imagem até era um preservativo a boiar na água. E então andavam lá a fazer a promoção; andavam 2 preservativos gigantes que eram o Pai

e a Mãe e depois havia um preservativo pequenino no caminho. Eu estava com 16 pioneiros e 1 sobrinho que agora tem 18 anos na altura tinha para aí 13. Então eles davam um preservativo e davam um autocolante. E eles “E tal Maria...” nós tínhamos ido com alguns, com poucos à Torre Vasco da Gama, quando nos encontrámos à noite – e os outros tinham ficado a ver um concerto. O meu sobrinho estava comigo e eu disse-lhes “querem ir lá, vão lá” e os miúdos foram. O meu sobrinho vem com 13 anos com uma autocolante muito triste e diz “então?” “olha temos preservativos para os outros também, uma caixa muito gira, uma carteirinha”. O meu sobrinho vem (...) com o autocolante “Então não te deram?!” e eu com uma vontade rir desgraçada “Não”, “Então vai lá pedir outra vez”. O miúdo lá vai com o autocolante na mão tipo eu já tenho autocolante e os gajos tumba, autocolante outra vez, e ele “oh anda lá com isso se não eles não me dão”. É porque ele estava a fazer colecção das carteirinhas. Já havia um que era com uma baliza, joga com segurança. Havia umas carteirinhas na altura muito engraçadas onde o invólucro pronto, e o miúdo andava a fazer colecção, sempre gostou. Então eu fui lá com eles e eles explicaram que tiveram sérios problemas, em 98, na Expo, na capital de Portugal porque houve pais a insultá-los e quase a bater-lhes porque eles deram a miúdos de 15 e 16 anos preservativos. Pronto, era o preservativo e era o autocolante. Isto aconteceu à noite, eles levaram realmente para os pioneiros, para os Exploradores não porque também acho que temos de ter algum cuidado. Às vezes se calhar somos nós que tentamos e mudamos, às vezes fazemos mais asneiras ainda. No dia seguinte tinham ido Às compras, os Exploradores mais o Chefe e fiquei eu com os Pioneiros. E então estava praí 5 pioneiros nos beliches e eles tavam muito calados nas camaratas e eu fui ver o que eles estavam a fazer e entretanto fui à mochila buscar não sei o quê e eles estavam a ler atentamente o que estava escrito dentro da carteira. Todos concentradíssimos. Estavam aí uns 3 com 17/18 concentradíssimos e eu olhei para eles “estão a ver se aprendem alguma coisa?” e continuei a mexer na mochila e então há um que perde o medo e diz “Oh chefe, qual é a taxa de eficácia disto, aqui não diz?”. “Oh pá isso depende se é ou não é bem aplicado. E eles e... pronto, se é bem aplicado. E eu comecei-me a aperceber que eles não faziam a mínima ideia de como é que aquilo se aplicava. E eles são de uma zona onde há imensos turistas no Verão, é uma zona de turismo, a ocasião faz o ladrão e estamos a falar de jovens, por mais católicos que nós sejamos nós sabemos que as coisas acontecem e eu simplesmente sabia que eles não se (...) bem tanto é que comecei a brincar “então toda a gente sabe?” e tinha lá o líder “Eu sei” “ai sabes Zé Mário, então vamos experimentar aquilo no Sérgio (que era o mais

tímido) e o Sérgio ficou muito atrapalhado. “Vá Sérgio 2 dedinhos e começamos um bocado na brincadeira. Ele começa a meter aquilo e eu “hei, hei, hei, calma. Nem isso é um engodo nem tu vais para um jogo nocturno. Se alguma coisa vai sair há que deixar espaço.” E eu comecei um bocado a brincar e tal. No fim a fazer de conta como é que se tirava, porque aprendi tudo no curso e deu-me à vontade para falar com eles sobre isso, dei o nozinho e tirei “ok e agora o que sai daqui de dentro é o Macguiver”. Pronto. E eu no fim sinceramente fiquei apavorada com aquilo que tinha feito. Até que ponto eles iam chegar a casa comentar com os pais “Eh fomos para a Expo e a chefe Maria – a maior parte das pessoas sabe que eu sou solteira, ainda por cima sou conhecida pela chefe dos calções – até nos esteve a ensinar como é que se põe um preservativo” (risos) Eu não sei até que ponto os pais vão aceitar isto bem ou não porque se muitas das vezes não aceitam na escola. Ó pá nós temos...quando... e eu lembro-me perfeitamente, isto aconteceu com um sobrinho meu na escola primária por causa da Assembleia da República fizeram na escola primária para aí na 4ª classe, fizeram um organigrama da Assembleia da República e para os miúdos conseguirem memorizar melhor aquilo recortaram fotografias dos políticos e puderam. Houve uma mãe que não achou grande piada e queria bater na professora porque não tinha nada que mudar a ideologia política do filho. Portanto, se nós continuamos a ter este tipo de atitudes com coisas bem mais simples é um bocado complicado. Mas continuo a achar e os meus sobrinhos vêm muitas vezes falar comigo, nomeadamente mesmo sobre sentimentos e por acréscimo os amigos dos meus sobrinhos. Como sou a tia quase cota como eles dizem, saio com eles à noite e tal, muitas vezes vem à baila, conversa-se sobre isso e há uns tempos atrás, um amigo meu de 21 anos que está no 2º ano da faculdade de Direito dizia “Sabes Sameiro. Antigamente é que era bom” antigamente até apreço (...) ” os dinossauros não tinham a ver naquela fase em que dava trabalho, conquistar uma mulher.” Porque esta história também agora as coisas são um bocado ao contrário. Há uns anos atrás eles faziam chantagem “Ah, se gostasses mesmo de mim ias comigo para a cama” Agora não é isso que está a acontecer, são elas que para mostrar que são emancipadas e que são mulheres modernas, depois, se for preciso no dia seguinte vão dizer aos amigos dele que ele não é nada de jeito na cama, e eu já me apercebi disso no café, conversas de café, miúdas que estão no secundário.

Henrique: Eu gostava de regressar um bocado antes que é o seguinte. Há uma constatação pelo menos naquilo que eu vejo no nosso Núcleo, que é de 17 Agrupamentos, e no outro dia estávamos os Chefes de Agrupamento a falar, em média

mais de 50% naquela zona de Lisboa tem miúdos, os pais estão divorciados, ou seja há uma desistência, uma falência da família nuclear e passamos para uma situação mono parental, ou seja, no fundo a mãe que na maior parte dos casos continua a garantir a gestão da educação dos miúdos. Essa ausência somada a um determinado estilo de vida, de talvez não tanto no interior do país mas mais na zona litoral do país se assemelha à correria, à falta de tempo para a família, para os filhos, nota-se em tempo que criou uma situação de vácuo, vácuo em relação a quê? As matrizes de testemunho que no meu tempo, antigamente, mesmo que eu as contestasse eram um modelo que eu poderia contestar, eram arcaicos, conservadores, não sei quê... hoje dá-se outra coisa que é a ausência pura e simples de matriz e para mim quem é que veio preencher este vácuo, que era aquilo que vocês falavam à bocado que era os media e isto meus caros amigos, para mim, eu falo com conhecimento de causa, trabalho numa casa que é especialista nisto que é a manipulação através do marketing das consciências utilizando até a tua profissão e dou o caso dos Morangos com Açúcar, a confusão dos Morangos com Açúcar é feito através de um guionista que recebe indicações de marketing dadas por peritos que são fulanos da área da publicidade, o target toda a gente sabe qual é que quer, ou seja, sabem que àquela hora eles querem disparar um conjunto de spots, os spots vão provocar um conjunto de apelos junto dum determinado target, que é aquelas idades então temos de preencher um vazio, um vazio que são um determinado conjunto de modelos com estereótipos que eles querem e são essas as instruções que são dadas (...) e quando vocês olham os Morangos com Açúcar e dizem assim “eu não vejo que raio onde é que está aquela representação?! Parece que são uns betinhos de uma determinada zona, até parece que a escola deve ser a escola modelo, que os miúdos falam assim” mas o que é certo é que quando nós vemos as audiências aquilo reflecte cerca de 70% da massa das pessoas que vêm é alta nova, e é malta que está entre os 11 e os 15 a partir dos 15 há um fosso. O que é que acontece? Acontece que tudo aquilo daqueles Morangos com Açúcar que eu estou a falar aqui um bocado off the record por isso, se eu disser isto (...) mata-me, é assim, aquilo é uma máquina perversa e eu sei de muitas máquinas perversas o que é que acontece, ou nós estamos CNE, isto estamos aqui a falar do CNE e sei que outros movimentos católicos estão com esta preocupação, ou nós temos uma preocupação quase militar de arranjar uma estratégia para ajudar os nossos dirigentes, primeiro que tudo num primeiro nível a ter informação eles próprios porque para nos tais momentos em que eles nos procuram visto que os pais não estão não têm tempo porque estão extraordinariamente cansados, toda a gente agora (...) a

representação da família que existe chega tardíssimo a casa, com milhares de problemas para resolver, saturado do trabalho, ganha mal, a refilar com tudo e com todos “oh pai diz-me o que é isto, passei a gostar de uma garota” e ele diz “olha chateia-me amanhã ou no fim de semana porque hoje estou terrivelmente cansado” e isto na melhor das hipóteses porque há outros que são perfeitamente indiferentes e eu sei por experiência no meu Agrupamento e noutros que têm miúdos que de facto têm grupos de referência e nós por acaso também somos, o CNE é uma referência para os jovens, aqui a “boa arma” é nós proporcionarmos aos dirigentes a melhor formação possível para que eles estejam absolutamente atentos a esses momentos de oportunidade junto dos jovens. Ou seja, a velha conversa à volta da fogueira, aquele momento a caminhar no raide, aquele momento em que ele à saída da actividade “Oh chefe gostava de falar consigo”, nós arranjarmos, fizemos das tripas coração mais uma vez os dirigentes e arranjam tempo para o escuteiro porque é o princípio da meada quando ele não tem ninguém que o ouve ele remete-se para aquilo que lhe dá mais prazer momentâneo, quem é que lhe dá, quem é que me pode fornecer alguns valores E porque não ver esta telenovela, ouvir esta conversa barata destes meus colegas que me dizem um conjunto de modelos estereotipados mas depois aquilo que significa nada porque no fundo ninguém está interessado em passar valores, toda a gente está interessado em apostar na sociedade de consumo, pura e simples, crua e dura. É isto, é esta a mensagem que eles querem, eles estão-se a borrifar na pessoa humana. Eu acho que aqui nós temos de nos estruturar de outra forma para ver se por um lado verificar ponto numero 1, os agrupamentos têm uma grande sensibilidade para ver quem é a massa humana que temos em miúdos, porque se as famílias estão apoiadas não estão apoiadas, se as famílias desestruturadas ou não e depois é assim, vocês aqui uma família estruturada tem uma forte matriz por aí fora acaba por ter resistências, anticorpos internos que possibilitam e vocês vêm até nos próprios miúdos se são miúdos um pouquinho mais equilibrados com a capacidade de discernimento e por aí fora, aqueles que mais ou menos são tontos e se deixam ir a gente tem de ver o percurso que está por trás. É uma família desestruturada, é a ausência do pai, da mãe, o esquecimento, a indiferença e por aí fora. E esses são miúdos que facilmente se aliaram a qualquer coisa. O que quer dizer que o grupo de referencia mais próximo dele e por isto é que eu acho até, e isto é uma coisa polémica que tem vindo a surgir em Lisboa que é às tantas fazer uma discriminação positiva da relação das entradas para os escuteiros que é entre uma família altamente estruturada qual é a mais valia para o miúdo, quer dizer de ele ter ou não ter os escuteiros, e pá vai tudo correr

bem com ele não estando nos escuteiros vai correr tudo bem enquanto para outro os escuteiros é como pão para a boca porque ele não tendo escuteiros não vai ter nada é um deserto à volta dele e então às vezes aquela velha historia de fazer a entrada do miúdo pela lista de chegada pode ser perversa porque nós podemos estar a fazer a diferença na vida daquele miúdo por isso é que até se começa a discutir fazer esta discriminação mas porquê? Porque esta é uma batalha que temos que vencer com fracos meios, os meios que estão do outro lado são, e eu digo com consciência do que eu estou a dizer com absoluta calma, consciente do que estou a dizer, são pérfidos não olha a meios e utilizam tácticas e técnicas científicas mesmo e tu sabes que é verdade para atingir e manietar as pessoas com determinados vícios e comportamentos, com determinado... Basta ver o que é uma hora um rapaz com 15 anos a ver a MTV e ver o conteúdo, sentem-se vocês e observem eu tenho filhos desta idade e já me dei a esse trabalho, é pá foi uma estuxa, que é para ver o que e qual é o imaginário que aqui está... Nós só temos aqui 1 arma secreta, nós já tínhamos, BP já nos tinha dado o imaginário, é fazer os possíveis e impossíveis para repor o imaginário escutista no sitio certo, lançá-lo junto dos miúdos e faze-lo suficientemente forte para que ele se distraia em relação aos ataques à volta que estão a ver se convocam outro tipo de imaginários, fúteis, do consumo epá o que vale é o medo o que vale é o prazer, hum.... Não há busca de felicidade, não às vezes o que dói, não é que às vezes custa um bocado... Agora, que eu acho que tudo isto passa por uma formação. Por isso é que eu cada vez mais acho que antes de chagar aos miúdos cuidado ver bem quem são os dirigentes que temos junto dos miúdos. Se são dirigentes que vão que disformar ou formatar monstros mais vale não termos estes dirigentes. Eu neste momento até costumo dizer: “O CNE não serve para educar adultos, server, é uma ajuda óptima no processo de educação global dos miúdos não dos adultos. Os adultos podem-se formar, podem andar para trás e para a frente. Agora quando vemos que há um fulano que já não vai lá, já não há tempo, já não há 15 anos de espera a ver se ele volta, quer dizer é-lhe dado, fornecido alguns instrumentos a ver se ele se recicla a tal, agora não dá, não dá. Temos de ir buscar rapidamente outro recurso porque os miúdos estão lá e não vão estar 10 anos à espera não é, que a gente tenha um óptimo recurso adulto para ser aquele fulano que naquele momento tem uma palavra a dizer óptima para lhe fazer mudar de rumo, não é? E às vezes assusta-me ver a falta de formação que os dirigentes têm mesmo nesta área de educação sexual.

João C.: Mas isto que a gente acabámos de ouvir é uma realidade de uma capital de uma faixa que a gente ouve falar desenvolvida quer teoricamente quer no acesso aos meios e estamos a esquecer de uma faixa territorial onde temos muitos agrupamentos com igrejas extremamente arcaicas em termos de este tipo de rotação, com dirigentes de ramos profissionais e de cultura geral se calhar muito mais retraídos do que eventualmente da faixa litoral e com uma juventude como todos nós sabemos problemas de toxicod dependência e até mesmo de prostituição se sente de uma forma muito sentida nos pequenos meios nesta época em que as testamos porque migrou dos meios grandes para as periferias e estamos agora a viver muito estes tipos de situações e com dirigentes que eventualmente ainda muito bloqueados porque ainda é um assunto que ainda é tabu ser falado e com a pouca formação, pouca não, nenhuma, que nós lhe proporcionámos. Penso que isto é fundamental porque eles depressa, como nós formamos equipa eles também formam clãs e formam grupos e em cada grupo eles têm a sua hierarquia e têm os seus caminhos definidos, e é isto que nós temos de combater, temos que o quanto antes chegar e de alguma forma proporcionar aos nossos dirigentes eu posso contar que quando estava no agrupamento de Santarém tive por parte de um dirigente que estava comigo, não é que eu tivesse muita formação, talvez estivesse mais desperto mas por exemplo em que uma miúda entra num ataque de histerismo porque estava-lhe a vir a primeira menstruação. Qual dos nossos dirigentes é que está preparado para viver um situação daquelas. Eu estou a falar do acto mais simples do início de uma sexualidade já não estou a falar em nada muito mais complexo não é? Quer dizer, e é estes caminhos, porque tudo isto é extremamente complicado, nós e eu penso que tem que haver mecanismos de formação, tem que haver quanto antes porque nós temos que acompanhar estes, não podemos, porque senão a gente corre o risco, estamos a demorar muito tempo a pensar e quando temos alguma coisa implementada já temos uma série de acidentes grandes que graças a Deus não temos, também temos a coeducação à 30 anos dentro do movimento não sei se é um tempo demasiado largo ou não se calhar já era altura de nós termos pensado nisto quando admitimos em 74 a coeducação.

Henrique: Só um entre parêntesis é assim só para provar que essa coeducação já está à 30 anos muitas vezes ainda não é visível e mesmo num meio citadino como Lisboa, perto de Lisboa nós tivemos uma chefe de 4ª secção, tu conhecestes também, esteve num CAP e publicamente dizia às suas raparigas que quando tinha a menstruação deixava de tomar duche, de fazer a sua higiene, quer dizer ligava a um mito que eu sei que existia, ou seja e ela não conseguia resolver aquilo. E era uma pessoa, nós por mais que

fizéssemos para a repor um pouco na realidade e inclusivamente foi devidamente enquadrada numa das unidades de formação sobre esta área ela teve sempre serias dificuldades e aqui está um sinal de que às vezes é muito duro há este exemplo e há outros exemplos como recentemente, há coisa de uns meses me contaram no nosso núcleo em que o rapaz, exactamente esse caso de aparecer a primeira menstruação e o chefe à frente da miúda, tira-a cá para fora porque ela começou a chorar e as colegas “ela está toda suja com sangue” e o chefe, era só chefe masculino que estava em campo, ele vai, pega no telemóvel e diz para a sua companheira “Ó não sei quantas (à frente da miúda) a gaja aparece aqui com sangue isto é o quê?”

Alguém: Minha nossa!

Alguém: Isso preocupa-me

Henrique: Isto é o que não se deve fazer. Nós de facto somos demasiados aprendizes de feiticeiro. Eu acho que o nosso... Isto vem sobretudo da nossa tendência de nós nos desenrascarmos. E às vezes é preferível primeiro aprender e se não sabemos recorrer a quem sabe, do que estar a ter atitudes más e erradas que naquele caso a miúda só podia dizer “este chefe, este irmão mais velho é um incompetente”. Não consigo perceber o que se passa.

João C.: Mas ele ainda agarrou no telefone e pediu ajuda à esposa, agora se calhar quantas situações e nós estamos a ver este exemplo, se calhar é o mais simples, quantas situações é que se calhar não fica a miúda abandonada à sua própria estranheza “valha-me Deus o que me está a acontecer?” e se calhar quantos é que não se alheiam sequer da dar apoio, e estamos só a falar deste pequeno exemplo.

Mafalda: Eu acho que eles, se eles sentirem que há alguém que os pode ajudar, as miúdas vêm, que eu lembro-me num regional aconteceu-nos isso elas eram exploradoras e eu estava na Alcateia e elas vieram falar comigo porque elas sentiram um à vontade, porque se os miúdos não se sentirem à vontade sentem-se abandonados, pois deixam-se estar.

Helena: Pegando ali numa história do chefe. Isto é problemático porque isto é assim, os miúdos até fazem perguntas e começam a fazê-las muito, muito cedo quando é tão simples explicar e era tão fácil seguir por aí. O problema começa em casa porque ninguém diz nada. Eu falo tudo com a minha filhas mas falo desde que ela começou a falar, para cada pergunta dei-lhe uma resposta banal que se foi concretizando ao longo dos tempos mas também é muito problemático quando eles já não falam porque em casa já lhes proibiram de falar nisso. Depois nós os Dirigentes temos 1 problema como

vamos falar e pela forma como isso depois aparece em casa e depois que é o seguinte, nós temos de informar os miúdos não nos podemos chocar e ainda temos que levar as coisas à família de forma que elas sejam aceites. E eu pego na questão da menstruação. Eu tive num acampamento em que o chefe da secção do acampamento era médico, portanto uma pessoa extremamente informada. A miúda aparece com a menstruação e eles feito 1 raide e a ordem era para que toda a gente fosse tomar banho a seguir uma vez que havia condições para isso ora acontece que a cultura da miúda e os hábitos em casa era exactamente contrários, e aquilo deu lá uma polémica que vou-vos contar a miúda chorava baba e ranho quando eu lá cheguei e fui perguntar o que é que estava a acontecer, que aquilo não era normal, e os outros gozavam, os rapazes gozavam coitados eram pequenitos não estavam a perceber nada do que estava a acontecer, aquilo era uma festa, ela não queria tomar banho as outras iam-se rindo, iam gozando com a situação não tavam na situação dela e na cabeça dela porque os valores que ela trazia de casa eram esses, era não tomar banho e tá a ver, explicar à miúda que não havia nada de errado, tirando-a de 1 cultura que vinha de trás, não é muito simples, é que a gente também não pode chegar ali e ar a regra certa é muito complicado para 1 dirigente gerir e explicar a sexualidade aos miúdos porque o problema vem de casa, (se calhar terá que começar por) até porque nós temos de começar a avisar os pais e nas reuniões de pais começar a abrir o espírito aos pais que oportunamente se alguém nos fizer uma pergunta, que nós vamos responder de forma concreta para se aparecer em casa não ser assim “Olha mas eles agora andam a falar disto”, para não ter acontecido como a chefe diz “Olha às tantas andam a dizer que...” Se calhar a gente tem de começar a dizer nas reuniões de pais, olhe o Escutismo é isto e isto, não estamos para formar os miúdos em todas as dinâmicas, não temos aulas de sexualidade mas se algum miúdo fizer alguma pergunta ou se houver alguma intervenção olhem que nós vamos responder no concreto porque nós também temos 2 coisas, confrontamo-nos com o tabu, aqueles que o têm confrontam-nos com o miúdo e confrontamo-nos com a família que têm para trás.

Pedro: Já agora a questão tanto da sexualidade como na generalidade da educação tem sido transposta dos pais para a escola e dos pais para os escuteiros. Neste momento eu penso que seriam exactamente os pais que precisavam de educação sexual para poder depois transmitir aos filhos. Neste momento eles não têm, ou querem ter conhecimento dessa informação já estão à espera que na escola venham falar da coisa por forma a que eles venham a perceber e buscam aos escuteiros, “nos escuteiros eles também saberão como explicar as coisas” penso que é grave de certa forma os pais não conseguirem

explicar a uma rapariga, preveni-la, “olha isto vai-se passar assim, vai-se não sei que mais, tens de estar atenta a isto, etc.” Há aqui uma informação que se por acaso acontecer num acampamento que ela sabe como reagir...

Helena: Mas eu ainda lhe digo outra coisa com esse chefe. Por exemplo eu não justifico que esse chefe, para já se calhar os chefes, nós também temos de alertar-nos e educar-nos em determinada forma porque vamos lá a ver um homem que é casado sabe perfeitamente bem o que é uma menstruação, o que a mulher que tem um período e sabe resolver o problema (...) “Acontece-me isto assim assim agora não tenho nada como é que eu vou resolver isto?” Agora ele também não foi desperto para a forma de resolver o problema porque duvido que ele estivesse na ignorância da situação nós temos que passar isto, um bocadinho entre nós da responsabilidade que temos desta... Não sabe... Não acredito que não estivesse, a gente às vezes é que estamos despertos para esta sensibilidade de dizer as coisas.

João C.: E a coragem, se calhar é a coragem de falar.

Helena: Se calhar era a forma de fugir, também pode ser.

Henrique: Só para reforçar uma coisa, às vezes isto parece fora do contexto mas é assim, todos os dias de manhã arrependo-me de algum dia ter aceite pertencer a uma equipa de núcleo por um lado teve uma coisa boa descentrou-me dos agrupamentos onde sempre vivi e permitiu-me ver o que é a realidade por isso à bocado ouvir o chefe a falar que iam visitar os agrupamentos que é exactamente aquilo que estamos a fazer, mas todos os dias tenho tormentos e pesadelos porque de repente começo a ver cada traste, que é a melhor expressão que eu às vezes utilizo, quando eu vejo dirigentes que são desformatados, há tanta falta de sensibilidade, sabedoria, ser um irmão mais velho que é aquilo que eu acho. Dou-lhe um exemplo (...) Colaboro no CPM que não tem nada haver com os escuteiros e houve um excelentíssimo casal, um senhor que tem que foi a primeira coisa que soube dizer que era licenciado em química e no entanto quando foi a parte sobre os métodos que eram dados até por uma, ele virou-se à frente de toda a gente e disse assim, estavam só homens, não sei se vocês sabem há uma parte do CPM que se dividem, e ele vira-se “não, isso é para ela não tenho nada haver com isso” quer dizer um fulano que é de Lisboa, que tem a mania que é snob porque Lisboa tem um bocado essa mania, eu sou de lá (risos) licenciado por isso muito importante e sai-se com esta asneira por isso é assim, nós apanha-mos um bocado de tudo, a cultura que as pessoas possam ter a instrução ou estudos acumulados na cabeça não significam nada em termos de sabedoria e vivência da vida e o que me assusta sobretudo, voltando à

historia dos miúdos é eu ver que temos, são mais aqueles às vezes que fabricam monstros do que aqueles que estão a fazer um bom trabalho e peço a Deus que seja só mesmo no meu núcleo, tem esta perversidade e em metade dos agrupamentos, em 17 agrupamentos todos eles vivem problemas existenciais no recurso de adultos não é com miúdos não é com...

Maria: Nós temos que...Não adianta, não adianta estar com grandes coisas e acho que nós nos escuteiros não é o rebanho que faz monge nem a farda que faz o escuteiro e nós não somos nem mais nem menos que os outros. Temos se calhar mais vantagem, nomeadamente que os professores e nomeadamente os pais porque estamos habitualmente em espaços de confissão, de relaxar, de companheirismo. Nós somos os cotas que estamos com eles, mas não deixamos de ser aqueles cotas que fazem (...) com eles à mesma e que levamos a mochila às costas; não somos aqueles que dizemos “vai fazer”, mas que “vamos fazer”, e há uma ligação? Faz com que estejamos mais próximos deles. De qualquer das maneiras...

Alguém: Isso quando conseguimos estar ao pé deles...

Maria: Mas é que é curioso...

Alguém: Podemos estar e não estar com eles.

Maria: Exactamente, só que é curioso que muitas das vezes acontece, e eu há bocado estava a falar do médico, eu quando tive o curso do projecto de vida tive unidades de formação com uma pessoa que é um médico que escreve nomeadamente para os jornais sobre sexualidade, e ele começou por brincar connosco e foi extremamente agradável, em Viana quando fizemos a réplica desse curso foi bastante engraçado porque o médico que nós arranjámos começou duma maneira muito simples, ele disse: “Sexualidade é extremamente fácil de falar sobre, não me peçam é para falar disto à minha filha de 12 anos”. E é o que ele diz, “eu habitualmente tenho pessoas da minha confiança, que quando ela me faz perguntas eu digo: opa desculpa, eu não te consigo explicar isso porque eu vou cometer juízos de valor porque eu sou teu pai, e como não confio, pá não te dar ideias erradas, prefiro que fales ca tua tia ca tua prima...” É tão simples quanto isto. Às vezes basta (?), não quer dizer que não se saiba, mas se não se tem à vontade, pa não se tar a cometer juízos de valor, os nossos próprios medos, os nossos próprios traumas e fobias, pode ser uma maneira. É passar para alguém da nossa confiança em que eles confiem também.

Helena: Mas isso não resolve o problema de como é que os chefes do CNE vão resolver a nossa questão.

Olga: Nomeadamente tendo em conta os valores da igreja que temos sempre subjacente.

Mafalda: Posso dar uma ideia? Ali seguindo o que o Henrique estava a dizer há bocado sobre os grupos de referência, eu penso que será um pouco isso, porque é uma arma que nós temos a nosso favor, é que nós somos um grupo de referência. Um exemplo, não tem haver directamente haver com a sexualidade, mas é um exemplo como outro qualquer. No outro dia estive a falar com um chefe que me disse que na localidade dele a escola começou a ter muitos problemas de violência e os miúdos vinham pá reunião queixar-se sistematicamente que lhe batiam, que lhe tentavam roubar as coisas, e os chefes pronto, alguma coisa tinham de fazer. Reuniram os miúdos e disseram-lhe: “É assim, num escuteiro ninguém toca, vocês são escuteiros e vocês vão ter que passar a mensagem de que num escuteiro ninguém toca”. Então a escola tinha miúdos desde 12 anos até ao 12º, portanto metia desde os exploradores até caminheiros. Então o que é que os miúdos começaram a fazer? Eles conheciam-se não é, quando viam alguém do grupo a ser maltratado ou a ser ameaçado começaram-se a chamar uns aos outros. Era engraçadíssimo porque começaram-se a juntar e começavam-se a juntar à volta daquele. Apareciam, apareciam simplesmente e ficavam ali a ver. Então diz ele que: “Resultou tão bem tão bem porque os miúdos que os estavam a ameaçar de repente tinham 20 ou 30 atrás deles e não se podia fazer nada”. e a determinada altura em toda a escola começou a passar a mensagem que num escuteiro não se tocava. “Ele é escuteiro, olha que ele é escuteiro”. Mas funcionou, porquê? Porque o chefe, e os chefes, em todas as reuniões foram mentalizando, mentalizando e mentalizando, era uma questão de mentalização. É claro que para isto há que ter preparação. Um chefe que não fala com os miúdos, um chefe onde as coisas não são debatidas, não tem hipóteses. Mas se calhar terá de ser por aí. Os miúdos são gozados, e eles simplesmente dizem: “Não eu não sou escuteiro”. Ser escuteiro marca a diferença.

Jorge: Eu por acaso queria pegar nisso porque ainda há bocado falou-se no facto de por vezes de quando os miúdos por serem escuteiros ou por serem católicos às vezes são um bocado postos de parte nos grupos onde estão inseridos na escola e eu gostava de saber a vossa opinião, se isso acontece se não acontece, por cause deste contraste de valores de ideias e de...

Maria: Eu acho que acontece, mas acho que, e eu lembro-me de quando passei pela secundária, quando, por exemplo ontem tive uma colega que aconteceu com ela, foi gozada por ser... Estava na catequese, penso que estava na catequese e alguém se meteu com ela. Ela virou-se para ele: "Ando porquê? Tens alguma coisa haver com isso?" A resposta dela, e quem estava a gozar com ela ficou "ah não, não tenho nada haver com isso". Foi a resposta que ela deu. O que acontece muitas vezes é que nós encolhem-nos... Os miúdos encolhem-se não é? E se começarem a ser mentalizados de que enfrenta, diz que sim senhora e o que é que a pessoa tem haver com isso, porque eles a determinada altura param de gozar, como vêm que a pessoa não se amedronta, não tem vergonha daquilo que é e com isso eles não conseguem lutar.

Octávio: E é isso que nós temos que meter aos nossos miúdos, a ideia de que ser escuteiro não é nenhum mal, e ser católico... Ser escuteiro é o que é bom, ser católico é o que é bom.

- Será que a gente transmite essa força aos nossos rapazes?

- Aí é que está o problema.

- Aí deve falhar muito esta parte...

- Nestes últimos dez anos isso mudou...

- Está em alteração, não há dúvidas que está, mas dá-me a impressão que em muitos sítios, muitas zonas, já nem sei muito bem definir qual é a zona, se do litoral se não é, nota-se que, já está a mudar, mas falta ainda a introdução desta força. És escuteiro és diferente dos outros, és melhor até que os outros...

António: Se calhar a formação dos chefes terá de passar por uma parte técnica, teórica sobre a sexualidade, mas depois deve passar por uma parte de relações humanas. Como transmitir isto às crianças (...).

Octávio: É assim, eu queria dizer portanto, eu tenho uma criança com 7 anos, e eu e a mãe desde cedo nos preparamos, entre aspas, pa estarmos preparados e conversava-mos "se ele nos perguntar isto, como vamos responder?", no sentido de termos com as agulhas afinadas. Sempre conseguimos uma abertura (...) fala-me disto fala-me daquilo e ele tá a conseguir tudo o que quer. Pergunta aquelas coisinhas com que acha que está com mais à vontade com a mãe à mãe, nos contextos mais variados do que for e vai conseguindo, e uma vez fartei-me de rir com ele em casa porque ele disse: "ó pai eu já sei muito sobre isso, mas quando eu precisar eu pergunto-te".

António: Com 7 anos?

Octávio: E eu fiquei..Pronto, mas realmente é preciso estarmos, do que estar a armar (...) devemos ter a consciência de que temos que nos preparar mas que não devemos impor eles...

Jorge: A formação deve ser para os adultos e não para as crianças.

Octávio: Exactamente. Só queria dizer mais uma coisinha, que é assim, eu e a minha esposa temos uma relação excepcional, (...), transmitimos isso ao (...), os valores da igreja, tudo isso. Há dias de manhã távamos a preparar o pequeno-almoço e o meu filho vira-se pá minha esposa: “Ó mãe quando é que estás a pensar divorciar-te?”. A minha esposa ficou... “Ó filho eu quando casei com o teu pai”, (...) assustado, “eu quando casei com o teu pai estava a pensar viver sempre com ele”, “ah, tá bem prontos”. Quer dizer, são valores de tal maneira fortes, que mesmo, dentro daqueles valores tradicionais, eles têm necessidade de questionar se isso é verdade se aqueles valores lá fora não são (?) que os verdadeiros, eles ficam baralhados.

Jorge: Ou se (...) ou se calhar a grande maioria (...).

Octávio: Fizemos uma reflexão os dois, “tens feito algum comentário?”, ficámos... Mexeu connosco (...)

Henrique: Nós saímos um pouco do tema adolescentes, Jorge, e entrámos um pouco no tema de adultos, que também nos interessa aqui de facto, mas creio que ainda à... Uns 15 dias talvez fiz uma palestra para os pais sobre este tema “Educação Hoje” e creio que para nós o problema é este, nós estarmos conscientes do tema (...), não é talvez o nosso mas é o que eles vivem e de facto essa presença, mais do que realmente termos ideias, apresentarmos... Não, é sermos essa presença se calhar essa sucessão e essa resposta a uma pergunta que por vezes é completamente desajeitada, mas é isso, isso é que, e uma resposta para isso é fundamental, quer dizer a presença do pai, a presença do professor a presença, do dirigente, a presença do amigo porque senão acontece que é contra a seita, a seita tem um radar. Há bocado falámos da televisão, mas eu por exemplo recorde-me, falei aos pais sobre o carácter (?) das mensagens de certas canções. Dou graças a Deus por o inglês deles ser fraco (risos) seria um perigo. Portanto eu falei disso das canções, falei de outras coisas. Ainda ontem tive a oportunidade de ler um site espanhol, uma coisa interessantíssima sobre exactamente uma marca da juventude de hoje, a chamada...Agora não me recorde, pouco interessa também, ah era qualquer coisa do agente da noite, qualquer coisa assim, (?) hoje vivem de noite. Nós tínhamos a ideia que o dia era pa trabalhar a noite é pa descansar, a gente hoje, em Espanha é pior claro, o dia é para se trabalhar até às tantas (...) porque a noite é para se divertir. Eles mudaram

completamente a estrutura do próprio tempo, e é um bocado isso, e é um bocado (...), porque de facto é esse mundo que eles vivem e se calhar o mais engraçado será nós, pais, educadores, dirigentes, entrarmos no jogo deles até eventualmente à própria linguagem e eles perceberem que nós sabemos, porque quando a gente lhes fala nisso eles ficam “alto, mas ele sabe”, se a gente (...) aquela terminologia do “era fixe” não sei que mais, que eu por acaso detesto, mas enfim, mas é... é... fazê-los perceber que conhecemos um pouco o mundo deles e aí eles... Nós é uma questão de atenção à realidade, e vamos vivendo num mundo que não é nosso mas é deles.

Jorge: O que eu acho, (?) a matéria, o barro que... Não estou a dizer barro para nós moldarmos, é barro para alguém, entre aspas, o moldar. É assim, nós somos uns facilitadores daquilo que pode vir a acontecer naquele rapaz ou naquela rapariga, de bom ou de mau. E acho que (?) tem mais poder com a capacidade que eu tenho de dar um testemunho ou um exemplo, e eu dou... É assim, há aqui dois níveis: um é aquilo que falámos, a questão mais técnica. Possibilidades dentro do escutismo e mesmo porque não, duma forma bem feita bem enquadrada, fazer uma abordagem técnica mesmo à sexualidade, explicar (...) é preferível que eles saibam por nós determinadas coisas do que saibam na esquina do bairro, ou na escola, mal dito mal concebido ou mal explicado, ou até com milhares de ordinarices pelo meio e que vão ficar a pensar que aquilo, que sexualidade é uma ordinarice. Não tem nada haver, tem haver com a biologia e até fazer se calhar ali um atelier e envolvê-los nisso. Depois há um segundo nível...

Mafalda: E esse é o mais simples.

Henrique: É é, mas isso 1 um atelier ou 2 faz-se na boa. Não é complicado de fazer. Agora, há outro nível que é mais importante. Enquanto que, e isto sobretudo começa a acontecer na parte, na ponta final, já nos 13 14 anos sobretudo nas raparigas e talvez nos rapazes já nos 14 ponto final dos exploradores, ali no início dos pioneiros, que é: “porquê amar? Porquê viver com alguém? Eu comecei a namorar, mas eu quero curtir não quero namorar”. E quando alguém lhe diz assim “mas porquê tu prejudicares aquela que gosta de ti...” Por exemplo, falando-lhe da questão do amor, do amor que ele lhe vende porque ouviu dizer que interessa é engatar a fulana para... porque lhe interessa a relação sexual, não é? Hoje com uma, amanhã com outra. Aliás porque (...). E nós temos o contraponto, somos capaz de fundamentar pelo nosso exemplo, ponto numero 1, e talvez fundamentar do ponto de vista teórico também, temos alguma capacidade de demonstrar que a felicidade vale a pena, que amar vale a pena. Agora, falar com um

adolescente é... Temos que ser simples, não é com grandes teorias que a gente vai lá falar com o pioneiro, o que é isto do amor e a capacidade de amar alguém durante anos e anos e anos, que ainda é possível, que é por exemplo uma coisa que às vezes me aterroriza. Trabalhei com pioneiros e às vezes eles diziam “isso é farsola, o casamento porque já deu o que tinha a dar”. Então mas porquê? “Olha à tua volta” E eu disse não, tu é que tas a ver mal (?), só tas a ver algumas árvores da floresta, não tas a ver é a floresta toda, e quando depois proporcionamos a alguns deles, “olha este caso, olha aquele caso” eram pessoas que ele conhecia. “Então e como é que tu me explicas que estas pessoas estejam há 40 anos? (...) momentos bons, momentos maus, mas conseguiram superar ele e ela, (?) em conjunto e não sei quê. Há aqui uma carga de valores que a gente começa a introduzir contando histórias, não é?

Jorge: Há um aspecto, é uma questão já, podia dizer pastoral, que é o seguinte por exemplo, uma coisa que estamos a valorizar muito a nível de paróquia lá por cima, é as bodas de prata matrimoniais, que é para dizer à gente nove que há gente que chega a 25 e depois a de 50, portanto há muita gente que chega, portanto valorizar esses aspectos positivos. Creio que passámos de repente com essa intervenção (?) passámos para um patamar completamente diferente, mais elevado que é o caso da educação para a (?) e para o amor, quer dizer, nós estávamos ainda um pouco na questão da sexualidade, e aí (...), mas cá está.

António: Como é que explica, como é que explica que, agora vamos pôr aqui uma questão que é assim, aquilo que eles sabem é o importante é ter sexo hoje.

Maria: E o amor fica de lado...

Jorge: E se eu vou preconizar a mensagem na igreja é, não para ter eventualmente sexo mas chamar alguém.

Maria: Isso é pressuposto.

Jorge: E eu tenho que lhe passar essa mensagem está a perceber? Não é uma questão de um discurso posterior de valores...

Pedro: Não, isso aqui, nós aqui na discussão, claro que esse deve ser o ponto de partida e creio que nós partimos disso, quando estamos a falar de sexualidade estamos a pensar nessa perspectiva, mas é importante realmente que eles também a entendam, e essa ideia do amor e da afectividade passa por uma grande dose de respeito pela outra pessoa não é, portanto é para amar não para (?) a expressão creio que é correcta, embora seja do tal vocabulário moderno, e esse é de facto o grande problema, é fazê-los ver que a miúda de quem eu gosto, não sei que mais, não é só para curtir, para gozar, para usar e deitar

fora. Transmitir esses valores, isso é através da família. E se calhar, eu costumo dizer às vezes que é preciso haver (...) a pessoa noutra perspectiva não na perspectiva de objecto, de digamos objecto de prazer, do que seja. Esses são os tais valores que nós temos de transmitir e que é mais difícil, e isso só (...)

Maria: Por causa de se estar a falar de fé e de sentimentos, quando nós temos este tipo de rapaz ou de rapariga que nos diz que querem curtir a vida, não se querem amarrar a ninguém, se calhar se a interrogarmos à quanto tempo não dá um abraço há mãe ou ao pai, há quanto tempo não se senta ao colo da mãe independentemente da idade que tem, que laços de afectividade, de toque é que tem esse jovem, seja ele pré-adolescente, adolescente ou jovem adulto. Não há grandes laços, os miúdos entram no carro a correr, da escola, dão um beijo quase no ar em vez de dar na cara da mãe sentam-se, é o corre-corre, é um.... Havia um reclame há uns anos atrás que era um miúdo que o pai estava a ver televisão, estava no sofá a ler o jornal ou coisa do género, não me lembro muito bem, sei que ele chegava à beira do pai e o pai fazia-lhe sempre sinal para esperar, e ele ia descendo, não sei se vocês se lembram desse... Então ele estava sentado numa cadeira quando o pai se decide a ir lá, tem uma barreira (?) já não consegue passar porque ele não o aceita, e acho que há (?) ...

Alguém: Isso não foi uma publicidade...

Maria: Foi uma campanha, era uma campanha. Sim mas era um spot, não um spot publicitário, mas pronto era uma campanha.

Alguém: Foi uma campanha de alerta para (...)

Maria: Só que isso serve para tudo, porque, para mim os laços afectivos é quase como uma planta, ou são cuidados diariamente ou então não vale a pena, que aquilo morre e depois as pessoas não se conseguem agarrar a ninguém porque não sabem amar, e os miúdos de hoje (...) falar de todos como é óbvio, há miúdos extremamente carinhosos, e se há coisa que me agrada bastante é ver um miúdo de 15 anos no meio de um grupo inteiro, ou 16, com a namorada, não ter vergonha de estar de mão dada com ela, não ter... Aqueles pequenos gestos, aquelas mariquices, eles não terem medo de demonstrar a um grupo de amigos que o sexo é (...) como todos pensam não é, porque é o que, todos querem que eles pensem, pura e simplesmente ele está ali e isso a mim faz-me sorrir, tal como me faz sorrir as bodas de ouro, tal como me faz sorrir... Opa, esses pequenos gestos de carinho e solidariedade que às vezes as pessoas não... Já está a (...) Vivo em (?) e a minha mãe tem 73 anos, e vivemos um bocado um ritual, não consigo sair de casa para este tipo de fins-de-semana, sempre que vá passar a noite fora de casa a

minha mãe costuma-me dar um abraço e boa sorte, pronto. Curiosamente no outro dia nós fomos juntas ao café, antes de eu ir a Monção, eu ia dar umas unidades e tal, e a minha mãe “pronto tá bem, xau e boa viagem” e eu “mãe!” e ela “ah já me esquecia”. Levantou-se e deu-me um abraço de boa sorte (...) na minha geração, na geração da minha mãe e eles ficaram assim... E eu assim “ah, eu não vou para lado nenhum sem o abraço e boa sorte da minha mãe, quero lá saber”. E uma colega minha, da minha idade, do meu bairro sempre que viaja comigo, fica ao meu lado nos (?) e depois esteve a chorar com a minha mãe porque não sabe quando foi a ultima vez que deu um beijo à mãe. Curiosamente ela é extremamente carinhosa com os filhos que tem. E pode acontecer o inverso. Agora, eu acho que tem que se cultivar os afectos, há um desprendimento e uma banalização muito grande, porque isso não aparece nos filmes, isso não aparece nas revistas. Qualquer revista para adolescente, uma pessoa abre e vê lá todas as formas de engate e mais algumas, eu gosto de ler aquelas coisas, acho que tenho de estar informada (...) rapazes. Desculpa, mas acho que aquilo são esquemas a mais, é quase como a história da... Não, a sério, opa, é ao pormenor, mas ao pormenor mais ínfimo. Olha duas vezes, piscas o olho três vezes, coças a orelha, mexes na (?). Por amor de Deus, aquilo é um bocado, aquilo é um manual. Eles não (..) os sentimentos, se magoar uma pessoa por se estar a fazer um teste de cobaia, dessa pessoa (...) Dá-me a sensação que as raparigas conseguem (?) com as amigas, e admitem e choram e contam a toda a gente “ele é um burro, deu-me com os pés” e tal, e não conseguem dar um bocado a volta, os rapazes sofrem mais, pelo menos na paixão dá-me a sensação que são mais choninhas e pronto...

Alguém: (...) o homem não se pode apaixonar.

Maria: Não, é curioso que alguns têm falado comigo quer meus sobrinhos, quer amigos dos meus sobrinhos, que eles estão lá em baixo, e os próprios amigos preocupados é que me vêm dizer “olha, vê lá se vais falar com o não sei quantos porque a outra acabou com ele e ele está de rastos”. Os amigos sabem que aquilo é muito mau porque quando se acaba com um rapaz e ele realmente está apaixonado, é mau. A sério, a mim preocupa-me mais o desgosto amoroso de um rapaz do que a uma rapariga. O rapaz não se abre tão facilmente. E depois temos outra questão, que não deixa de estar ligada à sexualidade dos adolescentes que é o suicídio dos adolescentes, que é uma coisa que a mim me assusta imenso. Pura e simplesmente isto não deixa de ser frustrações. O que é que é importante para eles naquelas idades? Ter boas notas? Os papás gostarem deles? Opa, sem não tirarem boas notas os papás também têm tempo para darem um braço e

não deixam de dar a nota para pagar as férias na colónia de férias não sei aonde, ou dar o (?), não interessa. Hoje em dia, cada vez mais os pais compram o carinho dos filhos, não têm tempo. Opa eu não (?) um rapaz que tenha 20 anos, que tenha estourado já 3 carros de 0 km e o pai continua a dar-lhe carros, quer matar o filho de uma vez não? Mas isto aconteceu...

Alguém: Fica mais barato.

Maria: Não a sério, mas é que isto acontece. Não há castigos, as pessoas ficam admiradas quando pura e simplesmente os jovens são castigados. Tenho o exemplo de um sobrinho meu. A minha irmã disse-lhe “vais fazer 18 anos, eu e o pai damos-te a carta, mas cuidado com as notas nesta altura que têm que estar ótimas” (?) o rapaz “18 anos tá bem, a carta está no papo” Isto aconteceu 3 anos atrás. Sim senhor, na altura de ele fazer anos a minha irmã foi saber as notas, e as notas dele, o professor pura e simplesmente disse “ele tem-se baldado, não é que seja burro, tem-se baldado, baldou-se pura e simplesmente”. A minha irmã “ai é, tá bem”. Quando o meu sobrinho chegou a casa ela conversou com o meu cunhado, tava feita a promessa só se as notas tivessem lá. O meu sobrinho já se tinha gabado aos amigos todos “huh, vou tirar a carta” e não sei o quê “vou fazer o exame no dia dos meus anos”, todo contente. A minha irmã perguntou-lhe o que é que ele queria pó aniversário e ele disse “ó, já sabes é a carta”. “Pois, mas a carta era dependente das notas, lembras-te daquela história?” e ele “vá lá”. “Perfume, camisola... O que é que queres?”. E ele “ou a carta ou nada” e ela “pronto, olha vai ser o primeiro aniversário que não te vou dar nada”. Chorou, chorou, chorou, chorou, e a mãe telefonou para a minha casa para falar com a minha mãe e (...) “não lhe vou dar nada, não lhe vou dar nada (...) ele pura e simplesmente tomou a coisa como certa. Os amigos deles confirmaram tudo. “E é verdade? Então mas não vai dar a carta ao filho por causa das notas, a sério, vai castigá-lo?” Não acreditavam nenhuma e ficavam admirados. É aquilo que a Mafalda dizia quando começamos.

João C.: Eles precisam de regras, eles gostam de regras. Mais que não seja para tentar dar a volta (...) e isto se nós conseguirmos como dirigentes do CME, falar com eles sem os julgar, não é moldá-los (?) como estava a dizer o Henrique, mas principalmente estar lá a ouvir. Pá, e se não sabemos admitimos, “não sei vou pesquisar e depois digo-te”. Ou até se virmos que o interesse começa a levantar, porque não chamar um médico, alguém da nossa confiança, um enfermeiro, opa, alguém que se sinta à vontade, ou até o próprio sistema (...), se calhar é uma coisa que os vais (...) sobre sexualidade não é? E

isso dá-nos... Quando não sabemos que (?) existe... Isso acho que é crucial porque eles uma vez enganados nunca mais confiam em nós e nunca mais nos procuram.

Mafalda: um ponto de partida. Eu penso que, agora por falar em formação de adultos, eu penso que seria necessário que (...) houvesse um submundo dedicado única e exclusivamente à sexualidade. Ela está integrada na (?) educação, ela está, mas está integrada na (?) educação. E o problema é que eu tentei dar aqui tudo, que lá está, e dei tudo e não tive tempo, as 2 horas não chegam. Quando nós só falamos sobre a perspectiva... Se falamos só sobre a sexualidade relacionado com a (?) educação, não dá, mas todos os conteúdos que lá estão, os estereótipos, (?) sexuais, etc., etc. que estão lá e têm que ser dados não é, com isso tudo não se consegue dar. Eu penso que as pessoas ficam baralhadas porque associam com a educação, a sexualidade unicamente. Não é? E esquecem que a (?) educação mexe com outros campos da vida. Portanto, eu penso que seria de todo aconselhado que se fizesse um sub modo só sobre sexualidade, até mesmo para haver tempo para debates deste tipo e para ensinar aos chefes algumas coisas (...). Só que no sítio que é a força dos dirigentes não é, porque até eles fazerem um (?) ainda demora, e nós sabemos que há muitos que há muitos dirigentes que se tornam chefes de unidade e o têm sido apenas não é, naquele espaço em que não fazem (?) às vezes surgem coisas do arco da velha. Aquele telefonema era uma delas não é... Seria (...) haver uma, uma... Um espaço só para este assunto, para debater em concreto o que é que um chefe, qualquer chefe, porque qualquer chefe pode ser chamado, muitas vezes é um chefe de unidade não é. Se o explorador... Foi o que eu disse. Por exemplo, no acampamento regional a miúda tinha o chefe de unidade com ela e foi ao chefe de unidade que ela foi falar.

João C.: Não é só o teórico, não é só o formador não é (...)

Alguém: Exactamente. Não é não, não, é um qualquer, é o que está no terreno. E às vezes não é o chefe e unidade não é, é aquele que tem o (?).

Mafalda: Eu diria que não (...) torna-se sei lá, numa base de (?), donde daí poderiam associar-se às famílias, porque se for assim os pais não podem (?), mas no (?) nós podemos chamar os pais (?), e nomeadamente a assistir, porque há muitos pais que de certeza estão muito necessitados dessa formaçozinha (...) não é preciso muito, não é preciso grandes conceitos, ir por aquela basezinha que é simples, que é a tal pergunta que aquela criancinha às vezes rasteia, que nos até tropeça com facilidade e no entanto só têm uma resposta simples.

João C.: Mas pelo menos ali uma hora, uma hora e meia obrigatória...

Alguém: Eu acho que sim.

João C.: Em que se ponha as pessoas a pensar que isto não é uma coisa, não é chegar lá com “ah é só saber a teoria e depois vocês chegam lá e fazem o que querem com os meninos”. Não, é ensinar-lhes que, o que é que vocês fazem se vos acontecer isto, se vos acontecer isto. Tem lá coisas muito interessantes, só que eu não tenho tempo para falar sobre a sexualidade na adolescência, em termos por exemplo de o que é que eu faço quando há uma gravidez na adolescência. Eu não tenho tempo porque eles começam a falar e as duas horas não me chegam, o ano passado demorei 4 horas.

Helena: Isso é como aqui, é como aqui que (...) mas há bocado quando se falava na (...) é extremamente importante para eles. Mas agora também é preciso ter cuidado acerca da afectividade porque se essa afectividade é procurada nos dirigentes (...) irmão mais velho, como é que o dirigente, qual é o comportamento que a gente terá que ter para responder a certas carências afectivas que os jovens podem demonstrar ...

João C.: Agora, mas para além disso tudo, para além disso tudo, ainda há outros problemas agregados, quer seja que não procurando o dirigente pode tentar procurar o (?) mais velho, (...), pode procurar o irmão também, portanto a parte da homossexualidade como é que é, como é que os dirigentes poderão reagir a essa situação... Duas situações que dariam para muito mais horas (?) para o próximo grupo que pegue na homossexualidade.

Alguém: Eu só queria deixar uma reflexãozinha que é assim, eu quando cheguei, (?) mais ou menos (...)

(...)

Pedro: Aí é que está, é que as pessoas as pessoas não viram este atelier, como é que eu hei-de dizer, como uma forma (?), acharam que vinham aqui ter uma aula de qualquer coisa que já sabiam.

- Não

- Não

Maria: Os comentários que eu ouvi, não, os comentários que eu ouvi (?) sexualidade “ah, eu já sei aquilo”

Pedro: Exactamente

Octávio: Eu acho que foi.

Maria: Não, verdade eu já sei, agora não estava à espera de vir aqui aprender aquilo que eu já sei, que foi a ideia que eu dava sensação que quando fugiram para os outros, passou. (...) explicar, isso já sei, já não lá vou.

Pedro: É assim, este tema compromete-nos ao passo que os outro não.

Jorge: Também é uma realidade, também é uma realidade.

Helena: É verdade.

Pedro: Nós falámos da sexualidade dos adolescentes, reparem que fizemos sempre a repercussão para as situações de referência que temos. E isto preocupou-me um bocadinho (?) dirigentes, eu gostei muito da frase que disse que às vezes (...) Eu assusto-me muito e digo-te uma coisa, eu tenho, eu acho que nós temos que acarinhar muito os chefes de unidade que temos e... Porque este novo CNE tem cá gente muito boa por essas regiões fora, há aqui gente mesmo muito boa a fazer muito bom escutismo, mas temos aqui um conjunto de dirigentes que não são dirigentes do CNE nem de coisíssima nenhuma.

Henrique: O mais grave é que só temos a selecção natural (?) o (?) revelar essas situações, e isso penso eu que é bastante grave porque não temos a nível nenhum a possibilidade de intervir directamente. Uma pessoa está num (?), numa junta regional e eu digo isso porque estive (...) apesar de ter estado 6 meses fechados num hospital (...). Apercebemo-nos das situações, toda a gente se apercebe, a comunidade apercebe-se mas não há um mecanismo directo a afastar-nos aquela pessoa, e temos que deixar que aquilo avance, que a selecção natural vá actuando e que as coisas se vão degradando e até saírem de lá tanto mal tanto mal e isso...

Alguém: Acabam por as pessoas não (...) façam limpeza que já devia ter sido feita há alguns tempos.

Alguém: Pois exactamente.

Olga: Por pegarem nos caminheiros, há uma das coisas que em termos de formação e nesta área, porque pegámos neta área da sexualidade que eu também acho que tem sido um tema um bocado complicado, na sexualidade e na promoção da saúde em geral, que às vezes não é só a questão da sexualidade, até que ponto a formação inter pares poderá funcionar, qual é a vossa opinião? Ou seja, de caminheiro para caminheira, de pioneiro para pioneiro ou seja haver um conjunto de miúdos que possa ter um... Eu penso que informação eles têm, pode é não ser a mais adequada, e depois eles vão buscar informação Internet, mas nós também sabemos que não é só, desculpem-me o termo, sacar informação da Internet, é preciso filtrar, e eles não filtram. Não filtram da televisão, não filtram da Internet, e até que ponto houve uma formação bem dada, se funcionaria, se não funcionaria.

António: Houve aqui há uns tempos aqui em Aveiro uma, foi uma mãe que falou comigo, que era um sobrinho dela que estava noutro agrupamento que lhe veio contar e não sabia o que é que havia de fazer. Foram para um acampamento com outro agrupamento, o miúdo é (?), pioneiro, e a determinada altura ao se deitar aparece-lhe uma rapariga na tenda. Ele estava com outros pioneiros do outro agrupamento, portanto estavam a dormir na mesma tenda. Aparece a miúda lá e esconde-se. (..) o chefe vai ver quem estava e quem não estava e não a viu e eles respondem “ai tá tudo bem tá tudo bem” . “Então vá, toca a dormir”. E ele, os outros “cala-te, cala-te, não digas nada não sei quê, não digas nada não sei que mais” e o miúdo naquela coisa calou-se e ela passou a noite com ele, e o miúdo a seguir não queria (?) porque ele tinha aquela ideia de que o guia não fazia aquilo, só que ao mesmo tempo estava pressionado pelos outros e faz. E aquilo meteu-lhe uma confusão tão... Ele andava angustiado e andava (?) se saía do agrupamento. O chefe não percebia porque é que porque é que ele não queria sair porque ele não queria contar e o miúdo andava angustiadíssimo sem saber o que é que havia de fazer. Não sei como é que o caso ficou, ela entretanto veio perguntar o que é que se poderia eventualmente fazer não é. Claro que para mim a única coisa que se pode fazer num caso destes é contar ao chefe, o chefe já devia saber, mas claro que para contar ao chefe o miúdo tem e ter uma base de apoio de trás para aguentar, porque (...) o miúdo não passou. Foi (?) diferente do meu, e um dia conta ao chefe, porque (?) e ele vai dizer ao chefe que havia, e que a seguir (...) como os outros.

Helena: (...) regiões que digamos, no mesmo CNE, o dormirem dentro da mesma tenda, sexos diferentes...

António: Claro, mas como, como... Na minha região não é normal, na minha região não é normal, e os chefes não permitem não é, e os chefes não permitem. Portanto aquilo foi, a miúda pelos vistos não aconteceu absolutamente nada só que ela não devia ali estar não é, e o problema do miúdo foi ela estar a fazer uma coisa proibida e ele não ter a coragem de dizer não é.

Helena: Olha, isso eu...

António: Seria se calhar, aos guias principalmente, seria importante incutir-lhes a ideia de que eles não... É assim, guia, guia, não pode estar a fazer aquilo que os outros querem, tem de fazer aquilo que é certo mesmo que isso implique às vezes ir contra a maré não é, embora seja complicado mas se calhar talvez por aí não é, tentar e a partir daí criar um grupo de pressão. Neste caso seria por exemplo os guias não é, que se defendiam uns aos outros quando há um problema deste tipo, porque por exemplo

aquele miúdo não tinha o apoio de ninguém e não havia guia que o sustenta-se ali, não havia colega que o sustenta-se.

Helena: Mas eu vou pegar na questão de dormirem todos na mesma tenda. Lembra-me que houve, e eu sou de há muitos anos atrás, e, que os rapazes dormiam numa tenda e as raparigas dormiam noutra. De repente começou toda a gente a dormir com toda a gente e eu sinceramente, pode-se estar muito atrasada mas ainda não compreendi porque se houver uma necessidade, se eu tiver uma tenda desata chover preciso de ficar e há uma necessidade de arreá-la não vejo porque não agora se eu saio e vou devidamente esquematizada não vejo porque sim e por acaso fiz uma unidade de formação sobre sexualidade...

Pedro: Mas quem permite isso sabe muito pouco sobre co-educação.

Helena: Mas a verdade é que isso se vê e eu uma vez fiz uma unidade de formação sobre sexologia dado pelo Departamento Nacional salvo erro até foi com um medico e ele dizia “isso não tem cabimento absolutamente nenhum”.

Pedro: (...)

Helena: Não me lembro já quem foi, não me lembra quem foi. E ele diz isso “não se deve nem tem lógica fazer-se isso os miúdos estão em crescimento, as hormonas estão a funcionar porque fazer uma mistura destas sem sentido absolutamente nenhum.” Mas a verdade é que ainda há agrupamentos que fazem e depois é assim, quando há um agrupamento que faz numa boa e aparece um agrupamento que até nem faz quem fica ridículo por incrível que pareça não é aquele que não faz (...) Mas por acaso nenhum daqueles fazia, não é, aquilo foi feito, ela escondeu-se, ela escondeu-se, não é aquilo foi mesmo o fruto proibido.

Pedro: (...) Uma questão que tem haver com uma coisa que a Olga disse, mas que tem haver mas que tem haver com uma duvida acerca dos caminheiros e pegando na formação bem dada, palavras tuas, e isto não só para a sexualidade mas também para outras situações, aonde é que acaba a responsabilidade dos departamentos pedagógicos e onde é que começa a responsabilidade dos departamentos de recursos adultos? Isto no que toca a formações bem dadas porque se nós pensarmos em nós como formadores de adultos e dar formação especifica sobre sexualidade sobre isto sobre aquilo a chefes de caminheiros e caminheiros, pioneiros, aquilo que seja, podemos ir correndo o risco e já estou a falar com conhecimento de causa de termos a meter na área dos pedagógicos “é calma lá isso é a nossa área” e portanto isso também devia ser um pouco definido o que é fazer formação, fazer formação e o que é estar no dia a dia, só na parte pedagógica do

dia-a-dia com as secções. Eu e o Henrique nós (...) escolhemos como estágio final na prática dos nossos formandos, fazerem, prepararem do início até ao fim um curso para chefes de equipa. Correu lindamente só que os pedagógicos não foi muito aceito porque estávamos a meter, que não devemos dar formação, que os chefes dos pedagógicos é que devem dar formação a eles. Isso devia ser uma linha um pouco, devia ser um pouco definido. A grande questão da formação é que muitas vezes os pedagógicos podem estar a criar esses cursos para chefes e... Mas de formação não percebem nada. E depois vão para as unidades de formação sabem dar objectivos, não sabem nada sobre postura, sobre comportamentos, sobre relacionamentos, não sei quantos não sei que mais e em vez de estarem a formar podem estar a deformar um pouco as situações.

Helena: Para tentar transmitir ideias próprias.

Mafalda: Até pode acontecer nos termos a dar uma coisa nos cursos (...) e eles darem outras não é.

Pedro: E portanto é exactamente essa definição que devia ser feita, devia ser feita, quer dizer, que se calhar nós em princípio não deveríamos só ter a responsabilidade (...) da formação dos adultos mas em coisas específicas para fazer cursos e unidades de formação de estarmos sentados à mesa e etc. se calhar a responsabilidade deveria continuar a ser nossa. Outra coisa que eu acho nos CAP's deveria pelo menos para que o chefe de grupo fique 1 pouco mais perto, 1 precisar de dar uma unidade de formação sobre o clã, etc. por aí fora devia haver uma lavadela obviamente não no CAF mas unidades de formação sobre iniciação à formação para pelo menos dizer "olha a postura que devemos ter é esta, deves (...) conhecimento inicialmente sobre o que se vai fazer, dos objectivos, não sei que mais, deve ter um ritmo portanto que se calhar uma unidade de formação desse (...) formação é extremamente importante fazer parte dos CAF's.

Focus group n.º 3

Data: 29 Março 2004

Duração: 1h 25m

Olga - Como é que vocês acham que os dirigentes vêm hoje em dia a sexualidade nos adolescentes?

Luís - Como é que os gajos vêm a sexualidade nos adolescentes?

Olga - sim.

Manuel - Não vêm.

Luís - Não sei eles fecham muito os olhos (risos), quer dizer, (...) eles acham que os mais novos são assexuados, que não têm sexo (risos)... Não, mas as pessoas calaram-se por causa disso por isso é que eu estou a dizer (...) A Conceição (...) o que ias dizer, diz lá:

Maria - Não, em relação aquilo que o Luís disse, pelo menos no meu agrupamento não é isso que se passa, não sei se é por sermos todos um bocado mais novos e ... já há algum tempo que estamos a fazer o acompanhamento deles temo-nos apercebido que eles estão a crescer e estão a pouco e pouco a descobrir a sua própria sexualidade e não há, não há esse fechar dos olhos, conversamos com eles sobre as nossas próprias experiências ... pronto, acho que temos mais abertura em relação a isso.

Luís - (...) se calhar é mais fácil de interpretar abre os olhos é uma coisa que era a fase do tocar e hoje é alguma coisa que, mesmo nos próprios putos, se calhar... especialmente nos exploradores... e até mesmo nos pioneiros, contam muito com o chefe (...) fase que substitui o teu confessor, como é que vai o andamento das coisas.

Helena - Eu acho que não é tanto assim, eu sinto... não, não, mas eu penso é que por vezes se nota que há uma provocação, para ver até como é que o adulto vai reagir com essa situação.

Luís - Não, eu estou a falar da sexualidade de um modo geral

Helena - Exactamente há atitudes que são, há atitudes que denotam alguma provocação ... e hoje dá-lhe imensos pontos e sentem-se muito ... muito superiores quando denotam que da parte do adulto não há capacidade para pegar na conversa e seguir com eles ... isso nota-se em alguns ainda hoje, adultos

Lúis - Bom, eu da experiência que tenho com os putos e as minhas efectivamente são, nunca hei-de esquecer, até pelo contrario, cometi algumas (...) e mesmo naquela altura em que eles começam a ser mais velhos, quando passam para os pioneiro, eles colocam as questões muito cordatas, o que é que acha? Para já eles não me tratam por você ... e eles colocam mais ou menos assim e em relação ao resto da equipa de animação, acho que as coisas têm que funcionar assim um bocado, eu acho que começa a haver alguns problemas quando se tenta muito separar as coisas ... picar muito no sistema, rapazes para um lado, raparigas para outro, dividir as coisas, frisar muitas vezes as coisas, especialmente nos primeiros acho que dá um efeito imediatamente ao contrário, quando querem separar muito as coisas eles fazem sempre e insistem sempre nem que seja ... para fazer pirraça e dar a volta ... eu acho que os jovens de hoje são muito mais abertos e já... quer dizer, têm mais informação e não quer dizer que saibam as coisas, quer dizer estão mais à vontade para falar das coisas e (...) sabem mais do que sabiam se calhar há 10 anos atrás, ou há vinte anos atrás (...). Só é que o assunto é uma coisa que não é muito complicada de os abordar. É capaz de falar com os pais, com o irmão mais velho e que seja mais velho, mas se calhar com alguém que trabalhe com eles e que seja mais velho é capaz de ser mais fácil.

Helena - Mas isso é a perspectiva dos miúdos, numa perspectiva (...) com esta experiência do CIP, a questão quando se fala da coeducação, houve reacções muito violentas a alguns dos alunos que estavam ali, não são coisas que se tenham que falar, não são coisas que têm que ser tratadas, é certo que depois temos outras culturas, temos os Angolanos e os de Cabo Verde que consideram que são (...) a gente estar a falar nessas coisas, embora eu que seja uma pessoa que tenham ensino superior não é? Mas mesmo dos nossos, eu senti da parte de alguns muita dificuldade de tocar nestas questões...

António - embora se diga que há muita abertura ainda não são temas que se falem à vontade.

Helena - E esta geração dos mais velhinhos ainda tem muitos tabus (...) fala-se assim da geração dos dirigentes, tabus, dificuldades (...)

António - E mesmo até a questão da informação, não há assim tanta, há muita informação, agora eles não assimilam tanto a informação da coisa... eu recordo-me na actividade que tivemos lá em (local), dos pioneiros, e escuta, aquela que é caminheira do agrupamento aqui de (local) que estava lá, como é que ela se chama?... Ela apanhou uma conversa lá à noite com uns miúdos que estavam nas tendas e tal, e depois

estivemos todos... não sei se também estavas lá... apanhou uma conversa deste género “Épa isto portanto tu podes fazer sexo à vontade porque agora chegas à farmácia compras um aspegic e fica tudo bem (risos), portanto isso é um sinal, é um sinal de ...

Helena - De boa informação...

António - De boa informação, precisamente. Eu no meu agrupamento não sinto que haja à vontade para , da malta para falar comigo pronto. Comigo já é natural que eles não se sintam à vontade para falar dessas coisas, embora eu de vez em quando puxe muito, mas mesmo em relação a outros chefes, à Mafalda, que é rapariga, que é jovem, mesmo aí não vejo que haja assim uma abertura tão grande para falar à vontade destas coisas, não é?

Helena - Não, eu noto mesmo da parte deles, estou a lembrar-me de algumas saídas, de algumas respostas que eles dão, ultimamente aqui com o CIP, estão cinquenta e quatro no sítio de maneira que são muitas opiniões e quando se fala de qualquer coisa ao nível do desenvolvimento físico, (...) e para eles está tudo relacionado com o aparecimento dos pelos, o crescimento das mamas, a barba, a voz e depois o podermos fazer meninos (risos)...

Manuel - Mas isso tem a ver com a cultura instalada, tem a ver com forma como nós próprios... as palavras, não tem a ver com valores que foram incutidos a nós próprios, eu tenho alguns meus pioneiros que falam mais ou menos abertamente comigo, mas são dois ou três casos particulares, depois tenho outros que nem sequer (...) chegar ao pé deles e ter uma conversa normal, que para mim seria normal, agora isso também é fruto da nossa cultura, da nossa e da deles porque parecendo que não se calhar ainda hoje na escola e na família passa um bocado sexo, sexualidade é tabu, não é para se falar e depois.

Helena – Não, sexualidade é sexo...

Manuel - E depois a curte..., pois sexualidade é sexo – pois – e depois acontece aquilo do aspegic e depois há a tal, o excesso de informação que gera desinformação...

António – mas entre eles falam...

Manuel - entre eles falam...

Helena - ...de sabedoria que cada um adquire há sua maneira e por vezes não, ... há uma falta de acompanhamento quando depois a gente ouve falar de criar a disciplina de educação sexual nas escolas e não sei se é necessário criar uma disciplina sobre isso ... seria certamente criar momentos em que fosse possível uma conversa franca ... e lembro-me que eu quando tinha essa idade (...) exactamente (riso) altura em que

coeducação só existia no meu colégio porque éramos poucos, portanto havia uma sala, as cadeiras do lado direito eram das meninas, as do lado esquerdo eram as dos rapazes, os pátios eram separados, as aulas de educação física eram separadas e enquanto eles tinham, salvo o erro, trabalhos oficinais nós tínhamos ... nós tínhamos outra coisa que eu já não me lembro que por acaso tínhamos uma professora que gostávamos imenso e que, com muita franqueza, falávamos com ela e ela falava connosco, ela era professora de biologia, não sei se por isso estaríamos mais à vontade ou não com estas questões, porque em casa “ai meu Deus, se alguma vez eu falava uma coisa destas com os meus pais”, ... e penso que aqui também teve alguma influência, era alguém que... que estava muito próximo de nós, com uma linguagem muito ... muito nossa também e que, com a maior das naturalidades, conversava-se sobre, como sabes às vezes as conversas mais idiotas “oh professora, a que idade é que a gente pode começar a namorar?”, essa era ... era sagrada, essa questão aparecia sempre, mas depois ... de uma forma tão natural as conversas surgiam e com ela ali sentada e nós sentados no chão, isto ... (risos) era muito avançado para a época, não era? ... Mas é verdade, eu depois tive já outras experiências também com jovens do insucesso escolar e tentando com eles trabalhar um pouco as questões da sexualidade (...) eles pensam que sabem muito e que têm um manancial de informação e quando a gente começa a usar a etimologia normal, eles próprios começam a corar, ficam muito aflitos porque eu estou a falar da mesma coisa que eles falam às vezes com termos pejorativos... na segunda vez vão assim com um bocado de receio ver como é que é... as coisas já surgem muito natural ... as conversas ... a desmistificação da parte ... até da literatura, da banda desenhada, da música, do (...) tudo isso transfere muita coisa e é engraçado trabalhar com eles nessas coisas.

Maria - E os outros meninos do grupo?

Francisco – eu estou com pioneiros tanto a nível do agrupamento... e é claro que sabemos que os pioneiros, digamos que entre aspas (...) nesse sentido, eu, no que me toca para mim é um assunto que muito sinceramente não me sinto assim tão à vontade ... sei lá, tanto na forma ou no sentido de os esclarecer se eles precisarem, mas faço-o sempre que necessário à minha maneira e como sei ... mas eu acho que os pioneiros já estão numa fase ... esses jovens nessa faixa etária já estão numa fase em que estão ... em que se sentem absolutamente à vontade para falar sobretudo uns com os outros sobre o assunto e também com alguém mais velho, não é que com isto eu possa dizer que tenho conversas acessíveis ou frequentes acerca do assunto, não antes pelo contrário. Mas as que surgiram foram conversas que surgiram espontaneamente, portanto, nunca fiz pré

sinal no sentido de sacar isto ou estar a procurar aquilo, não. Foram poucas mas foram situações que foram realmente espontâneas ... em que realmente o esclarecimento da minha parte, acho que não sou um entendido no assunto, gostava de o ser mas não sou e lidar com essa situação à vontade ... mas acho que surto um certo efeito e sinto-me à vontade para falar com eles abertamente e eles sentem um à vontade mais que suficiente para falar abertamente comigo nesse aspecto ... à parte disso, considero também que é importante e relativamente aos pioneiros, que qualquer equipe de animação, apesar de eles terem todo esse à vontade de expor a situação, acho que é muito importante que qualquer equipe, por exemplo, de animação de pioneiro esteja uma figura feminina, acho que é importante ... para já, essa proximidade ou a abordagem desse assunto talvez seja mais frequente e a (...) talvez seja mais fácil e a abordagem seja mais fácil também ... mas eu noto ... noto que eles sentem à vontade, há bocado quando a (...) estava a dizer que eles por vezes provocam para ver as nossas reacções se somos incapazes ou não de agir ou de lhes dizer alguma coisa eu acho que eles, mais uma vez, eles sentem-se absolutamente à vontade e há uma coisa que eu ... que eu aprecio e gosto neles, é que quando estão em grupo, quando estão no grupo que (...) seja em actividade ou fora dela, para sentir-se que é um ambiente ... um ambiente à parte é que sabem situar nesse ambiente de grupo que eu penso que será diferente nesse aspecto do grupo de escola, em que eles, noto neles que eles não se retraem ou não estão a pensar “não vou fazer isto porque sou escuteiro ou porque sou pioneiro, pode parecer mal”, não, eu acho que ... que eles estão a pensar que podem ferir alguém ... ou com um gesto ou com uma atitude e são coisas que por naturalidade eu já próprio têm maneiras de viver diferentes e têm hábitos diferentes do que naturalmente na escola

Maria – eu tenho o grupo de exploradores e, não sei, nota-se muito a diferença dos rapazes para as raparigas, eles querem brincar e pular e não sei quê e elas falam muito em namorar “e agora não vejo o meu namorado e vou acampar e depois não o vejo”, nota-se muito a diferença. Falar abertamente também não falam muito porque, acho que também não estão muito despertos para a sexualidade é mais aquela coisa dos namorados, mas é um namoro (...) à inocência, não ... não andam a pensar na sexualidade ... Depois tenho um caszinho de namorados (risos) que nos acampamentos, qualquer momento que podem se juntam mas os outros mais pequenos começam a recriminar “tão, mas tu pensas que eu não vejo, tás sempre agarrado a ela, sempre agarrado a ela” (risos) e não sei quê, “e depois a gente quer fazer as actividades e tu brincas com ela” (risos), mas é que ela, pronto eu acho ... às vezes, é actividades e

pronto (risos), é outro tipo de actividades. Há certos dirigentes que não gostam muito de ver esta situação, quando eles estão muito juntos, mas às vezes, eu não digo nada, pronto, não é o sítio ideal para fazer aquilo, pelo menos não estão a fazer nada de mal e se não fizerem aquilo ali se calhar vão fazer atrás de uma árvore (risos), mas escondidos, para fazer aquilo ali e não fazer mal nenhum nem a ninguém.

Maria - Ah, está bem, mas quer dizer se eu os recriminasse à frente do outros eles se calhar iam fazer mais às escondidas para provocar, não é? Para provocação. Acho que temos que agir mais naturalmente às vezes, mesmo que cá dentro não achemos às vezes que eles estão a fazer alguma coisa em sítio próprio. Há dirigentes, que eu já reparei, não vêm isto com bons olhos.

Francisco - É assim, desculpa interromper ...

Maria - Mesmo às vezes a cultura, mas isso depende das idades.

Francisco - Eu, por exemplo, no meu grupo também tenho um casamento ... e (...) dá-me um certo gozo, uma certa alegria ver o comportamento deles em campo. ... Eu sou amigo deles, conheço-os razoavelmente mas não estou com eles no dia a dia, não estou com eles na escola, mas penso que a conduta deles será semelhante àquela quando estão no grupo, seja na sede seja fora da sede seja onde for ... épa e dá um gozo ver porque parece-me ser, para já aos meus olhos, não sei, quem sou eu para julgar, mas parece-me ser bastante saudável ... eles não tomam atitudes, por exemplo, de provocar, seja a provocar algum elemento da equipa de animação ou para provocar algum amigo deles, seja da equipa ou seja do ... não, eles têm as atitudes deles, meigas é verdade mas muito ... muito soft quer dizer, muito subtis, não machucam nem agredem ninguém que se aperceba de alguma coisa, têm uma maneira de estar, épa, francamente, épa cinco estrelas ... amigos, conversam ... não há atitude dele ou da parte dela de estar a falar com este ou ele a falar com a outra, não, fazem a vidinha deles normal, de equipa, porque são grupos diferentes, mas se saírem ao fim da tarde ou a meio da manhã com a (...) e fazer uma carícia, por exemplo ... é de louvar (...) a atitude deles e sobretudo o modo de estarem e de saberem estar.

Maria - São idades diferentes, que idade é que eles têm?

Francisco - Olha, por exemplo, ele tem 17 e ela tem ... tem 16.

Maria - Pronto, ela tem 12 e ele tem 13, pronto é assim; não tarda nada estão agarrados, estão de mão dada, estão abraçados, não é..

Luís - Eu acho que é absolutamente normal, até porque ... o que acho anormal é os dirigentes, o problema, eu acho que é quando os dirigentes insistem em bloquear a

situação... agredem-nos de uma forma que eles ficam magoados e isso é muito complicado e essa situação depois deixa de ser ... eles deixam de achar que aquilo é normal e então ... criam erros e (...) embora possa acontecer só com um ou com dois ou coisa do género mas todos os outros quando vêm as reacções ... ao lado não sabem se no dia a seguir à do lado vêm uma reacção igual, então cria-se um ambiente ... aqui a gente tem de pintar isto de uma cor de maneira a que toda a gente ache que isto está certo.(...) Elas e as exploradoras já são muito inteligentes e já têm ... pronto já têm (...) a visão, as vezes até o problema é que elas pensam que sabem de mais do que aquilo que sabem, mas nas pioneiras nota-se perfeitamente que elas são bastante mais desenvolvidas que eles em termos racionais então nota-se bastante, os pioneiros são mais a força bruta e (...)

Francisco - tenho lá um miúdo que, épa o miúdo é terrível quer dizer anda sempre “oh (...)” (risos), quer dizer eu acho piada porque já ninguém lhe passa chapa (risos) mas, puxa os cabelos a esta, puxa os cabelos àquela, faz uma meiguice a esta, outra àquela e tal, mas já ninguém lhe passa chapa, estás a perceber. Mas eu levo-me a crer que isso é consequência de ... talvez da procura, talvez da procura de algum, de algum afecto, que se calhar não sinta da parte da família, é o que eu... é a primeira apreciação, é isso que eu vejo, é isso que eu sinto da parte dele e ... e compreendo-o e nesse sentido até tolero, até tolero a ambição ou a busca de algo nesse sentido, da parte dele, mas pronto, ele quer ser levado a sério... porque é mesmo assim (risos) é o que ele faz (risos) é verdade

Carlos - A minha participação (risos) é pouco relevante, na medida em que, quando eu era explorador há 45 anos, como devem calcular (risos) não havia grandes hipóteses ... eu costumo dizer nos cursos que ... as escolas primárias ... que ainda existem muitas delas eram aos pares, uma era para os meninos e a outra era as meninas, separadas por um muro, era impensável até turmas mistas, por consequência, inclusivamente o horário dos recreios era disfarçado, mais tarde na escola técnica onde eu andei, também me recordo que ... o local onde as meninas faziam ginastica e eu já descrevo, como, vocês sabem tão bem como eu qual era a farda da ginastica das meninas, o local era o mais recôndito possível e ninguém podia sequer olhar para elas e a farda das meninas era uma camisola de manga comprida, umas meias altas, uns calções até ao joelho e uma saia por cima ... dos calções e escondidas lá num sitio onde não havia hipótese de subir. Recordo-me também que de vez em quando, e havia uma repressão tremenda, quando alguém, algum dos rapazes espreitava através da fechadura, sei lá da porta do balneário ... ou de uma aula na esperança de vislumbrar alguma coisa, no mínimo era expulso,

imediatamente pronto, acabava-se pura e simplesmente. Como eu também não contacto, não trabalho directamente com jovens hoje, é capaz da (risos) da minha participação neste campo não ser mais... não ser a ideal. No entanto, os chefes de agrupamento com certeza que terão mais experiência, os actuais, não é, o (...) por exemplo.

Manuel - (...) gostava só de acrescentar ... de reafirmar um ponto que o senhor há bocado disse e que eu acho que é muito verdade, é que eles, a sexualidade mais ou menos, eles, jovens até ... até a vão conseguindo encaixar na vida deles, se calhar necessitam de mais informação, informação real (...) do que aquela que têm. Mas depois, comportamentos da parte dos adultos, não estamos a falar dos sexos, mas da parte dos adultos, repressores de qualquer, como o Francisco referia também, qualquer troca de carinho que reprime e que os afasta, isso só os leva a desinformarem-se mais e a refugiarem-se... a fecharem-se mais neles e a partir daí começam a ter ... experiências de sexualidade esquisitíssimas que a eles próprios lhes faz mal e depois fecham-se neles e começam a entrar em círculos viciados e fechados.

Luís - E depois é ... a própria sexualidade é quase (...) sexualidade é sexo, mas o acto sexual em si e a sexualidade são duas coisas diferentes, de todos os modos temos sexo (...) há certas manifestações que poderiam ser mais simples para eles e eles depois criam ideias daquelas, por exemplo, os exploradores surge muito a ideia do beijo engravidar, isto surge muito especialmente nos exploradores (...) especialmente elas perguntam, ela pergunta (...) quando há uma certa intimidade... pelas conversas mais enroladas que possam parecer e a gente começa a achar estranho o enrolar da conversa, para de repente surgir uma pergunta, estás a perceber, que é automaticamente reprimida pelas mais velhas, se o beijo engravida (...) não é? Mas entra no pormenor ou por exemplo como ela estava a falar do aspegic e essas coisas são as tais más informações porque ... toda a gente parte do principio que falar de sexualidade é falar do acto sexual em si e aí eles por um lado, eles falar do acto sexual em si eles ficam (...) mas quando se chega ao ponto do acto sexual em si ... nem que seja ... eles contam tudo até ao beijo ... da maneira mais simples e mais aberta e até são capazes de dizer a quantidade que deram naquela semana, alguns contam (risos), vocês riem-se mas as coisas...

Manuel - Faz Parte da evolução.

Luís - Faz parte do que é importante para eles, não é? ... Pronto, para nos não tem lógica nenhuma a gente desata a rir, mas pronto a gente tem que lhe dar a devida atenção e quando se passa a caricias já é uma muito...

Carlos - E depois há formadores com uma mania das estatísticas.

Luís - Exacto. Depois quando passa para a fase da carícia já é uma coisa muito difícil de eles contarem ... porque já entra na fase em que eles não sabem se podem contar abertamente se não podem então aquilo enrolam ... e ... e eventualmente alguns que tenham ultrapassado a fase de procriar especialmente os casais também nunca chegam a essa fase quando chegam ali àquela fase, mesmo que queiram saber alguma coisa sobre a questão, eles não vão perguntar pela questão em si, pronto. E depois eles ouvem uma resposta ... que eles próprios às vezes dão uns aos outros, é “isso não se precisa perguntar, toda a gente sabe como é que é”, é quase é como andarmos (...) e é quase daquelas coisas, tudo o que dizia respeito à sexualidade era a parte animal que acabava de surgir ... fugia de algum lado e ninguém precisava de nos ensinar, isto foi-me dito mais que uma vez, já estou quase como ali o nosso chefe, não foi assim há tantos anos mas a ideia é geral era essa e então não se precisava falar disso porque, a partir dali quando lá chegarem deixa estar que aquilo da tudo certo, pronto ... se não vocês nunca tinham aparecido e hoje a gente acaba de uma maneira, quer dizer tentamos ser mais abertos ... até dizemos que estamos abertos para estas questões e tudo como o Chico, mas depois quando começam a apertar com a questão ... se calhar a resposta mais simples é “deixa estar, quando chegar a altura tu sabes como é que hás-de reagir”(risos)

Manuel - Isso é quando ?(...)

Luís - Mas é uma resposta que se a gente tiver a noção que a conversa se está a dirigir para ali se calhar a maioria dos dirigentes ... há uns que dizem logo que nem sequer querem ouvir falar do assunto e há outros que dizem logo essa, pronto. É uma resposta que ... se for dita de uma maneira mais floreada não vai ferir os sentimentos de ninguém e não se vai, porque, ... depois hoje ... nós como dirigentes temos alguma formação, pouca, mas ... não somos educadores formados não é, e nunca sabemos até ... a que ponto é que nós somos bem vindos em algumas situações que algumas famílias podem achar piada ou não podem achar piada e isso a nós adultos restringe-nos mais do que propriamente a questão que ... que a criança tá... que a criança, o jovem está a colocar. Será que eu devo falar ... mais? Será que depois o feed back da questão ... como é que isso vai surgir, porque depois eles, naturalmente, dizem assim “ah, mas o meu chefe disse-me que isso era natural como a água”, não é ?... Se calhar não se poderá entrar por esse caminho, é isso ... a nós é que nos bloqueia um bocado talvez, especialmente, há alguns que ainda estiveram nos corredores das raparigas e dos rapazes, leva sempre um bocado ... será que os pais deles vão achar piada a que a gente diga isto é natural... depois em relação ao ... Depois em relação à outra parte que também os ouço muitos, é

muito comunicada a questão de ... de tudo quanto é relacionado com a sida, com a contracepção etc.... que eles às vezes perguntam-me algumas coisas mas se calhar muitos deles vêm já com o problema ... o problema religioso de base ... porque ... aquilo as vezes ... eles querem saber como é que é mas depois não sabem se hão-de perguntar mais porque quando somos católicos, será que a gente deve falar do assunto e só quando têm abertura suficiente e se calhar só já os mais velhos é que são capazes de falar sobre isso, porque até ali até a uma certa idade aquilo bloqueia mesmo.

Olga - Por acaso era uma coisa que eu gostava de perguntar, que comentássemos aqui, porque não nos podemos esquecer que somos realmente uma associação católica e que alguns poderão sentir-se inibidos apesar da própria igreja ter documentos ...bastante interessantes ... bastante interessantes de se lerem e de se debaterem e são coisas que nomeadamente não são debatidas na nossa associação, são documentos que estão escritos alguns já há algum tempo, têm os seus valores muito ... muito .. claros... necessariamente, mas que se calhar seriam bons motivos para discutir com eles, às vezes a ideia que eu tenho às vezes também nos adolescente é que... é que fazem uma ideia tão retrograda às vezes das questões da igreja que nem sequer procuram ... eles nem sequer procuram perceber a posição da igreja em determinado ... determinado assunto e eu falo por mim quando era caminheira, sobretudo quando começou a surgir a questão do aborto, aquilo foi muito complicado na nossa altura.

António - Não quer dizer há questões ... há questões que são difíceis de compreender, também não é fácil compreender aquilo que é a posição da igreja sobre o aborto, sobre o preservativo ...

Olga - Eu disse o aborto por ser uma questão feminina.

António - Sim, sobre a sexualidade em geral. Mas agora, eu algumas vezes ... algumas vezes noto uma certa abertura para falarem comigo sobre o tema, nomeadamente quando são mais velhos e quando já participaram, por exemplo, nos convívios fraternos em que lhes é colocada em par os temas e em que ... em que eles são .. em que é um espírito que é vivido que os ajuda a abrirem-se e não terem medo de falar, eu, por exemplo, a um jovem que tinha feito um convívio fraterno, eu noto nele uma grande abertura para falar, pronto, para falar de todas as coisas sem problema nenhum e sobretudo uma grande compreensão. Agora se calhar malta que nunca parou um bocadinho para pensar sobre as coisas e sobretudo a quem nós nunca demos uma explicação clara; porque o que eles ouvem é o diz que se diz que muitas vezes não é verdade ... e a verdade é que se calhar nós também investimos concretamente para

agarrar e falar nesse tema e abordar as coisas claramente, com clareza, não é? Mas que ainda não ... ainda há pouco tempo num dos encontros que fizemos da 3ª secção, eu lançava só uma série de questões, porque naquele momento não podia desenvolver o tema e eu perguntei-lhes se eles conheciam qual era a posição da igreja sobre esses temas, só que foi só mesmo o lançar a pergunta porque não dava ... não dava para mais.

Olga - E que reacção é que tiveram?

António - Houve uns que disseram que sabiam, mas a grande maioria não... não sabe, e isso é claramente, desconhece a posição da igreja sobre as coisas, daí que como ele diz e muito bem, por exemplo, sobre o preservativo se calhar eles cortam-se um bocadinho a falar sobre as coisas, porque ... porque, claro eu estou a lembrar-me de uma campanha em Espanha que era “Ponte-lo, proporce-lo” que é mais ou menos o que ... o ...(...) da peça, o preservativo é só isso, é pôr e usar e já está e não ... e não se percebe o que está por trás que é toda a riqueza da vida sexual não é?... Essencialmente acho que é isso ... há muita desinformação sem dúvida.

Olga - O que é que acham que isso se atribui, essa falta de informação, não só em termos da exposição da igreja, mas até da desinformação ao nível do aspegic e do ...

António - Muitas vezes ... mas muitas vezes eles, portanto, o que é natural também, vão atrás daquilo que é opinião geral ... a opinião geral das pessoas. E até muitas vezes aparecem pessoas a falar, um pouco em nome da igreja e gritam bem alto para toda a gente ouvir, mas que depois não sabem aquilo que estão a dizer e muitas vezes não dizem a verdade, isso... isso é claro e como não dizem a verdade as pessoas captam aquilo que os outros dizem e por isso captam ideias erradas das coisas. Porque, eu estudei em parte, é uma das disciplinas que a gente tem é precisamente sobre a sexualidade, a moral sexual e é um semestre inteiro a falar destas coisas e claro e acho que a igreja tem uma posição muito clara e sobretudo uma posição muito rica, agora cada pessoa agarra ou não agarra e cada um é livre de agarrar ou não agarrar, agora se calhar há muita desinformação sobre esses temas e sobretudo, basta ver sobre esta questão da educação sexual, muitas vezes as pessoas mais ... não estão interessadas em esclarecer, muitas vezes quando há debates e assim, o mais importante é logo atacar a posição da igreja, não é? Esclarecer... nem é ... muitas vezes nem é tanto apresentar o seu ponto de vista, mas é atacar ... mas se calhar, nos também ainda temos muito trabalho a fazer nesse campo no sentido de informar e de ... de levar as pessoas a ter ideias claras sobre isto, mas acho também que, nesse campo também há muitos chefes que... estão ... estão muito fora daquilo que é a posição da igreja, mas por ignorância

não ... não por outra coisa, por ignorância simplesmente. Porque eu já me confrontei com algumas ... com algumas opiniões, pronto que se vê claramente que as pessoas não percebem o significado das coisas e depois dizem aquilo que é comum, aquilo que está na moda, os valores são os valores da moda e são esses é que procuram transmitir, mas é sobretudo uma desinformação e uma ignorância quanto à posição e aos valores que a igreja transmite neste campo, tenho dito.

Luís - E depois não há ninguém ... as coisas falam-se, por exemplo tudo o que ele acabou de dizer ... é até onde se vai normalmente ... é até onde se vai normalmente, mas nunca se ... é raro passar-se daí, quer dizer é o mesmo do que fazer, hoje a velocidade da informação é uma coisa alucinante é o chegar à internet escrevem mais três palavras e aparecem 200.000 coisas sobre o assunto, qualquer assunto, agora eles não aprenderam foi a seleccionar a informação ou seja a ver a fonte e a saber onde é que é baseado e os autores e são coisas que a nós adultos, hoje podemos estar um bocado alertados para isso e quando andamos à procura de alguma informação, vamos ver a fonte dessa informação. Mas ... se calhar se for uma coisa que não seja muito importante ou que não seja uma coisa que a gente quer só saber por saber se calhar digitamos só por uma questão de ver o que é que há sobre o assunto, eles não têm essa preocupação porque aquilo para eles ... é assim como hoje para nós é a televisão, não é? Aquela coisa perfeitamente normal que se enquadra e que a gente ... pronto ... para eles a internet é uma coisa absolutamente normal ... mais normal do que é para nós, para ela tem pouquíssimos anos não é ... e se calhar eles chegam ali e têm a informação e chegam ... e diz assim a posição ... temos o que é politicamente correcto de se explicar, depois não há tempo para passar a 2ª fase e eles depois não perguntam a 2ª fase. Para já porque são temas que continuam a não ser fáceis de eles perguntarem a quem os pode esclarecer sobre isto ou sobre aquilo e depois há quase a ideia criada (...) o nosso assistente, há quase a ideia criada que não vamos falar desse assunto ... pronto ... não vamos.

Olga - Com que idade é que acham que se deve começar a falar desse assunto?

Maria - ... Desde logo

António - Eu acho que isso não é próprio para qualquer (...) uma idade.

Olga - Faz parte do desenvolvimento.

António - Pois, faz parte do desenvolvimento, mas ... aliás eu acho que nessas coisas, ainda está tarde, eu ouvi uma conferência de um psicólogo aqui da universidade de Évora que dizia, a falar sobre a família em que explicava as diversas transformações que se iam operando na família e falava sempre em termos de crise: um namoro implica

crise, o casarem-se implica crise; o ter o primeiro filho implica a crise e assim sucessivamente. Eu creio ... em relação à sexualidade é a mesma coisa, isto à medida que se vai crescendo ... quer a nível físico do corpo, quer a nível dos sentimentos, quer a nível dos pensamentos, quer a todos os níveis há ali diversas dimensões que se vão complementando e que é necessário também explicar e dialogar sobre elas, para que quem as sofre, neste caso os rapazes e as raparigas as possam compreender, mas acho que isso é um papel que deve começar por ser sobretudo dos pais, porque os pais é que devem ser os primeiros que devem estar atentos às transformações que se vão operando na vida dos filhos. Não basta dizer “ai que bonito, tá a crescer”, mas é preciso ver tudo o que está por trás desse crescimento. Claro que a nossa missão pode ser, digamos assim, um complemento à missão da família, mas isso, sem dúvida os pais têm que ser os primeiros a estar atentos e sobretudo se calhar a quebrarem determinadas barreiras para serem capazes de dizer coisas e de falar as coisas.

Olga - Nunca houve nenhum pai que tivesse chegado ao pé de vocês e tivesse pedido ajuda nesse campo?

- ... Não

Marta - (...) No jardim-de-infância houve um miúdo que me disse assim, estávamos a falar de (...) e não sei quê e ele disse ”olha, sabes qualquer dia vou ter um mano”, “ai sim Miguel, então porquê?”, “o meu pai já tá a guardar as sementes” (risos)

António - Quer dizer muitas vezes. (risos)

Marta - Não sei que sementes é que eram. (risos)

António - Muitas vezes não falam directamente mas se nós estivermos atentos às vezes, foi aquilo que nós também já falámos aqui, às vezes pode ser uma conversa banal, uma coisa secundária que se formos a ver bem está ali por trás uma tentativa de tocar o tema, não é? Se calhar...

Olga - Normalmente acontece nos miúdos mais pequenos é quando vêm um irmão “como é que aquilo aconteceu”.

Carlos - Pois, não se esqueçam de um pequeno pormenor; os pais não têm tempo para se preocuparem, para olharem para os filhos, para os acompanharem, para se preocuparem com as mutações que eles vão sofrendo muito menos para chegarem ao pé de algum dirigente ou de uma educadora e preocuparem-se com isso. Eu digo-vos que por outras razões eu não tive grande abertura em relação à minha filha em termos de educação sexual, porque era assim mesmo, não se falava e nós quer queiramos quer não, por muito abertos que sejamos, somos influenciados e os valores que a educação tem

(...) mas digo-vos que neste momento, nesse campo específico eu acompanho muito mais a minha neta, que tem sete anos, do que os pais. Pronto... também têm aqui um grande valor da minha parte é aquilo que eu tenho conseguido evoluir (risos), (...) é um valor que é meu. Mas é assim; os pais têm muito que fazer, quando têm algum bocadinho livre piram-se, vão-se embora, vão para a discoteca, vão passear, vão para fins-de-semana e os filhos vão ficando e provavelmente as dúvidas vão-se acumulando e quando precisam de as esclarecer, muitas vezes esclarecem-nas da pior forma, não é (...) não lhes podemos dizer que também é... só desinformação... falou-se aí do aspegic... Estava eu a dizer que à semelhança dessas más informações que são colhidas aqui no (...), de opiniões, por vezes de outros jovens sem conhecimento, como esse conceito de que a primeira vez que se tem relações sexuais não se engravida, pronto, e eu garanto-vos que é mentira, porque comigo aconteceu. (risos) (...)

Olga - Mas é verdade é uma das... é uma das...

Carlos - O testemunho vivo e provado do que eu disse (...)

Olga - Mas é um dos mitos que tem havido muito...

Carlos - Eu casei no dia 1 de Janeiro e no dia 12 de Outubro tava já cá a pequena (risos) e atenção, não estejam a olhar para mim (risos).

António - Vai-se confessar (...)

Carlos - Não só eu era pessoa de respeito ... a educação que me deram foi assim e eu aceitei-a perfeitamente, portanto, não tive relações sexuais extra... ante...

Helena - Pré matrimoniais.

António - Mas eu posso contar...

Luís - Posso bater só uma palminha? (risos)

António - Passou-se um caso há pouco tempo ... de uns gaiatos que foram para uma visita de estudo e depois... isto é para vermos até que ponto é que às vezes as pessoas, os adultos, mesmo têm medo de se meter nas questões, não é? E depois, na visita de estudo, no autocarro um rapaz envolveu-se com uma rapariga e toda a gente achou muito bem, não é. Pronto, também não havia nada de mal, só que o que é que aconteceu... o rapaz tinha 18 anos, a gaiata tinha 13 e os colegas agarraram nos telemóveis... toca a tirar fotografias e a espalhar pela vila toda... toda a gente soube o que aconteceu. Quando chegou aos ouvidos do pai... o pai até é advogado, o pai agarrou um processo disciplinar à directora de turma porque não devia ter permitido aquilo, o pai da rapariga. E agora estão as coisas assim um bocado embrulhadas, nomeadamente porque os gaiatos também dizem que não viram nada e não sei quê. Mas

isto é uma forma de ver como os adultos também têm medo de... naquele momento... de tomar uma decisão e se calhar até de informar; se calhar aquele pai deveria, em vez de levantar o escândalo todo, se calhar deveria falar com a filha e explicar-lhe que se calhar as coisas podem acontecer mas de outra forma e tal, que o rapaz é muito mais velho e se calhar não... não é? Se calhar há um bocado ainda um certo receio de falar das coisas abertamente é mais fácil utilizar a repressão e...

Helena - Mas também o receio de ser considerado bota de elástico, porque eu também passei por... há pouco tempo por uma situação em que, estando os pais presentes, tive eu que chamar à atenção... estávamos juntos, era um grupo, estava toda a gente e se... se tinham tanta necessidade de tanta carícia escusavam de o estar a fazer em cima da mesa ao pé de todos nós e os pais estavam ali e diz-me ela “ eu tenho medo de falar porque ela entende-me mal “ e o espectáculo era pouco.

Olga - Eles acham que são as maiores dificuldades que os dirigentes têm em lidar com a questão da sexualidade, por exemplo, têm surgido algumas questões nomeadamente com coisas tão simples como o aparecimento da menarca nas raparigas e que há dirigentes que não sabem como é que hão-de lidar e às vezes lidam de uma forma...pouco adequada à situação...lembrei-me deste porque tem sido um dos casos que têm surgido nomeadamente, sobretudo quando o dirigente é homem e que desata a ligar para a mulher a perguntar o que é que faz em pleno acampamento porque...uma miúda apareceu com a menstruação...o que me leva a questionar, sendo um dirigente casado, o porquê destas dúvidas?

- (...)Risos

Luís - Enquanto a gente decide o que é que há-de fazer e não decide já as outras mais velhas da equipa já arranjam solução ou já sabem como resolver(...), o que não quer dizer que não se torne uma situação, quando há só dirigentes masculinos é um bocado... torna-se difícil não pela questão de não saber o que se há-de dizer mas como se há-de dizer... porque para todos os efeitos é má altura pode ser natural se for preparada para isso mas pode ser anormal se não foi preparada para isso, isso tem a ver um pouco com a educação que ela tem a nível familiar, se em casa nunca se falou no assunto, ela nunca ficou preparada para a questão e aquilo se calhar até ver (...) e aquele peso e aquela estatura e aquilo que aconteceu naquela altura, se calhar até um bocadinho menos do que estava previsto ... é um bocado dramático para a própria rapariga por essa mesma questão... mas não quer dizer que, eu pelo menos a nível, enquanto trabalhei e trabalhei durante muito tempo sem auxiliares e só depois tive, quando os meus exploradores

chegaram a dirigentes é que começaram a auxiliar ... e nunca tive assim, pronto nunca tive assim uma situação dessas precisamente por isso se calhar nós somos um dos trios mais calmo (risos) e isso ajuda bastante... alguns. Com os rapazes a situação do problema das masturbações torna-se complicado porque eles não sabem como é que hão-de lidar com o problema, aquilo é uma coisa que aparece, eles deparam-se com uma coisa nova e depois aquilo é mais ou menos por aquilo que ouvem e há alguns que depois dizem que aquilo faz mal há outros que dizem que faz bem e depois aquilo é uma grande (...) quando aquela coisa surge. Depois quando começam a ser mais velhos aquilo deixa de ser um bicho de sete cabeças, mas quando aquilo ... especialmente nos mais novos as conversas de tenda, são coisas extremamente engraçadas a nível (...) embora não ache que...

- (...)

Luís - Não, porque depois há sempre um (risos), porque aquilo são coisas fora do normal, quer dizer da religião, para já ... isto começa a acontecer quando o agrupamento começa a ter um certo funcionamento em que os miúdos depois vêm em magotes, não é. Vêm de duas patrulhas ou vêm de (...) e é a patrulha toda, que são todos mais ou menos da mesma idade, o que é engraçadíssimo. Depois há sempre um que tem mais porque já tem mais confiança com o chefe porque, sei lá, o irmão já lá estava e eles já tinham e então é capaz de fazer o relato, mais ou menos, do que se passou e porque é que eles tinham estado a falar até às tantas, porque depois a nossa preocupação é que eles descansem e ... aquilo não dá descanso nenhum (risos). É um comportamento (...) e depois aquilo é muito engraçado porque eles ... não sei como é que as coisas eram encaradas noutros tempos eu acho, normalmente a gente brinca um bocadinho com a situação ... é normal. O pior é quando os mais velhos se apercebem da situação, aí são um bocado gozões e há um ou outro que fica um bocado mal visto, mas depois quando se apercebe que aquilo é absolutamente normal... há pessoal que vê aquilo ... porque os rapazes são um bocadinho mais ... esquecem muito mais facilmente se fosse com as raparigas era mais difícil a questão do serem gozados... os putos, eles, rapazes naquela idade depressa ultrapassam aquela questão, são capaz de ficar vermelhos, azuis, cor de rosa se um mais velho arranja maneira de ... (risos)

Helena - Tornar público.

Luís - Tornar pública a questão, agora se aquilo não se tornou público ... pronto, foi só a nível de (...), ...

Helena – Passou...

Lúís - ... é fácil, mesmo quando se torna público passado umas horas ou no outro dia a coisa ... faz de conta que não aconteceu nada. Mas é uma situação engraçada que acontece sempre nos exploradores. Especialmente quando os grupos são grandes.

Francisco - Sobre essa questão ... a questão da menstruação em acampamentos (...), foi uma situação que nunca me surgiu, mas ...penso que sinto-me razoavelmente à vontade para falar com a miúda acerca disso se é que ela tenha à vontade e coragem de falar disso ao chefe, por isso é que eu à pouco referi que por vezes é importante um elemento feminino na equipe de animação, mas, sinto-me presentemente, como qualquer elemento feminino do meu grupo pioneiro ... se fosse o caso, estou certo que não, penso eu e se viesse a acontecer acho que me sentia suficientemente à vontade para falar no assunto. A sério, tenho duas filhas, uma já tem 13 anos e uma já menstrua há quase dois anos e foi um assunto, antes de o ser que era abordado e quando aconteceu foi um... pronto (...), constou-se, era assunto de família e visto numa perspectiva até alegre e não de ... digamos no sentimento mais triste ou de dor, nada disso. Relativamente, eu, por exemplo, a minha filha ... relativamente à posição, a mim ao pai, sempre teve um grande à vontade e eu orgulho-me bastante disso, o suficiente para ela, se precisar, por exemplo, de pensos higiénicos se por algum motivo não os tiver, ela pedir ao pai “importas-te de ir comprar pensos?” e eu vou, mas se por exemplo eu lhe disser assim ... “Joana, vais tu ali ao mini mercado e compras tu”, isto para ela é muito complicado e ela foge ali ... “oh pai então vais lá ou não vais”, “vou, vou”, “ opá não te esqueças que é deste assim e assim”, “tá bem”, e também já aconteceu uma situação ou várias situações até e ela precisar e diz “olha pai eu tenho que levar” eu frequentemente também vou às compras e ela (...), (risos), é verdade, vejo que é uma coisa que ... mas eu aí também a compreendo, que é ... vejo que é uma coisa dela, é nossa e que não quer transparecer para mais alguém e eu tento respeitar isso e compreendo-a perfeitamente, mas... por outro lado a miúda mostra aquele à vontade ... o à vontade dela em relação a (...), é nesse sentido que eu acho que se me deparasse com uma situação dessas ... acho que em campo, fosse onde fosse, penso que resolveria a situação ... talvez na conversa mais indicada (...)

Manuel - Eu há bocado ia contar e posso contar, aconteceu aqui há alguns anos quando fui para o agrupamento (...) a meio do acampamento a rapariga apareceu-lhe o período, foi a primeira vez (...) um bocado mais tarde e ela sabia que iria aparecer mais tarde ou mais cedo... mais cedo ou mais tarde, estava uma chefe em campo mas a rapariga, hoje é minha pioneira ... mas a rapariga veio ter comigo conversar, para dizer o que é que

fazia e não sei quê e vinha com um misto de vergonha (risos) e ao mesmo tempo vinha assim muito aflita porque tinha de resolver a situação dela (risos) e eu fiquei muito aflito (...) para o Fialho, e eu fiquei assim um bocado... sem saber como é que havia de resolver a situação, até porque havia mais elementos femininos em campo.

Helena - Resolveram ou solucionaram?

Manuel - Solucionaram, pronto... havia mais elementos femininos em campo, havia mais uma chefe, havia mais duas colegas dela, havia mais três pioneiras, havia mais uma caminheira e a rapariga teve logo que vir conversar comigo, podia ter ido conversar com outra qualquer, pronto, lembro-me que na altura ... e depois perguntei “porque é que não vais falar com a chefe?”, “porque eu não tenho à vontade com a chefe” e eu fiquei assim um bocado à rasca, pronto, depois lá tentei ir com ela falar com a chefe, ela lá falou com a chefe e a chefe lá arranjou maneira de solucionar o problema da rapariga que (...), mas achei piada porque a rapariga sentiu-se mais à vontade com um homem para falar de uma coisa que era a primeira vez que ela sabia que ia acontecer mas não sabia bem quando nem como se calhar.

Francisco - (...) há bocado o Luís estava a falar, eu posso estar um pouco longe da realidade, não sei, mas eu penso que essa falta de preparação ou a falta de informação, eu custa-me bastante a crer, que haja essa falta de informação ou essa falta de esclarecimento, relativamente (...) sobretudo a uma miúda que está prestes a ser menstruada, não esteja minimamente preparada ou que não vem minimamente aconselhada...

Helena - depende da idade, da localidade, do estrato, da cultura ...

Francisco - ...mas mesmo assim... mesmo assim, miúdas mesmo com ,sei lá, 11 anos (...) custa-me a crer que não houvesse ... nunca houvesse a mínima preparação ou esclarecimento.

Marta - Eu tive um caso desses de uma... a miúda na altura ainda era lobita e o que é que ela fez, disse há mais pequenina para me ir dizer o que se estava a passar e a pequenina quando chegou ao pé de mim, tinha na altura 6 anos agora a Ana Luís, disse-me “Cristina vai lá num instante”, “então mas o que é que foi?”, “vai lá que a Maria tem uma ferida”, “tem uma ferida? Então mas vocês foram à casa de banho, então caiu?”, “não, vai lá num instante e leva uns lenços que ela tem as cuecas cheínhas de sangue”, a outra não sabia porque era uma miúda com problemas e a pequenina não sabia também explicar mas ela soube dizer à pequenina para ir dizer o que se estava a passar, por isso não sabe ... aquela miúda não sabia, ela já tinha 10,11 anos.

Francisco - Há situações... há situações...

Luís - A maioria das pessoas associa só à idade e não está só associado à idade.

Manuel - Exactamente

Francisco - Há situações em que as miúdas se sucedem numa idade... posso? Por exemplo, a minha filha com o desenvolvimento que ela teve, diziam-me que provavelmente a miúda quando tiver 9 anos vai ser menstruada (...) ela teve um desenvolvimento muito rápido, mas o certo é que não foi aos 10... foi aos 10 e qualquer coisa, pode haver situações dessas que realmente os pais não estejam suficientemente (...) que isso possa acontecer tão depressa, mas... épa, na idade comum... das miúdas épa eu não sei se é falta de informação ou de sensibilização ... mas eu acho que é mais de informação.

António - Mas eu também acho que há um ponto importante que é assim, hoje quer-se fazer querer que tudo é natural que tudo é muito falado, que deve falar-se de tudo, mas há coisas que também são muito nossas e que não são assim para banalizar sobretudo.

Helena - tem-se falado muito ... muito, quer dizer agora até com a tentativa de renovar algumas coisas é, por exemplo, a questão dos afectos, porque a grande crítica que tem sido feita, por exemplo, à tentativa da interrupção da educação sexual nas escolas, seja ela uma disciplina própria ou algo transversal é que está muito genitalizada, está muito biológica e que se está a falhar na parte dos afectos que muito antes do acto sexual, muito antes da masturbação, muito antes doutro tipo de manifestações físicas que deveria se calhar logo nos lobitos falar-se, como já muitas pessoas falam, se calhar não com aquela consciência mas na questão dos afectos e que é muito mais importante se calhar saber que uma relação não é só o acto sexual em si, tem muito mais para além disso...

Olga - ...eu queria perguntar-vos qual era um bocadinho a vossa opinião e de que formas é que acham que se podia ajudar os dirigentes a ... a falar nos afectos e depois fazer a ligação...

Helena - ...a sexualidade não é só o físico será ... será as nossas vivências, há quem diga até que a sexualidade começa no dia em que nascemos... os dirigentes que trabalham com as secções é que se deparam com determinadas situações que gostavam de ter alguma preparação prévia...

Olga - A minha questão é, como é que se faz essa preparação sem ser do tipo... pronto, agora vamos ... encontrámo-nos todos e vamos falar de sexo, como se fosse uma coisa também natural ou mais natural, seja ela formal

Francisco - (...) este é o meu modo de ver as coisas mas tudo tem um princípio e um crescimento gradual e digamos que deveria ser o quanto antes e talvez começar mesmo por esse princípio ser uma questão... falava da questão dos afectos ou afectividade de uma miúda em relação ao miúdo ou vice versa e logo bem cedo... desde a idade dos 6 ou 7 anos, não sei se eles compreendem ou iam perceber isso mas... talvez logo bem cedo ou 8 ou 9 e começar, digamos que assim com uns princípios em que o crescimento seja gradual e gradualmente e paralelamente à sua idade.

António - Mas a nível da formação já se trabalha bastante nesse campo, uma vez que toda a dimensão psicológica da evolução ... há um módulo que trata isso, pelo menos quando eu fiz o CIP, agora não sei se...

Helena - Sim, mas não pode ser ... não pode ser assim numa hora e meia de uma unidade de (...) que vai mudar as formas de actuar, de estar e de transmitir.

Carlos - E num CIP que se faz uma vez.

António - Mas há uns princípios, se calhar há uma teoria que é fundamental conhecer-se para depois saber como actuar.

Carlos - Eu vejo com bons olhos, por exemplo, que o nosso departamento de formação se preocupasse em fazer um ... “remédio” específico para dirigentes (...) porque nós não chegamos aos miúdos se não sabemos falar a linguagem deles.

António - Claro.

Carlos - Se eles virem que nós estamos preparados, temos respostas, se criarmos essa empatia para lhes proporcionar um ambiente que favoreça essa troca de emoções ... é o ideal. Portanto os dirigentes adultos deviam ser melhor formados, não só no CIP mas com unidades de formação específica, encontros porque para eles epá desculpa lá, para os adultos não há problema (...)

Helena - Ai é que esta enganado.

- (...)

Luís - Eu acho que comentários a nível geral no CNE me vai trazer ... problemas porque é ... problemas vai sempre trazer, mas acho que o mais difícil de ultrapassar é... pessoas que não se querem preparar... tal e qual como temos pessoas que não se querem preparar para aplicar pura e simplesmente um método do programa (...) têm lá uma metodologia em vigor muito mais resistências tem em aplicar a mudança (...)

Olga - É preciso trabalhar alguns aspectos...

Luís - Mas por exemplo em vez de se falar de uma maneira tão complicada a gente fala tanto hoje em dia e se calhar são das coisas que eu acho (...) uma coisa que era simples

de falar é nas relações da família, e o porquê nas relações da família: são coisas que qualquer um pode falar e há uma palavra mágica, que aqui quando se pôs o gravador e quando se falou de sexo ou de sexualidade,... toda a minha gente bloqueou, não é porque ninguém quer dizer asneiras, nós todos temos o nosso orgulho pessoal e à excepção de um ou dois que é mais parvo (risos)ninguém gosta de dizer asneiras e então nós próprios nos controlamos de maneira a dizer o mínimo de asneiras possíveis, estamos a ser gravados isso é complicado, agora se calhar a maneira mais fácil a nível de uma associação como é a nossa que tem uma relação com a igreja que é faz parte integrante de, de dos serviços da associação, podemos começar pela parte mais simples que é a da igreja ... se a gente for a ver não em relação ao final, ou seja ao acto em si mas em relação à vida, em relação aos afectos de quando se está a falar, em relação em que o casal é mais qualquer coisa do que duas pessoas que fazem um contrato de compra e venda, porque a igreja também não vê isso dessa maneira ... a tal relação para a vida tem que ser baseada mais qualquer coisa do que o sexo e do que um contrato de compra e venda, são essa as coisa que às vezes nós com os pormenorezinhos, preocupamo-nos é, é explicar tudo que não é só um contrato de compra e venda, não é só por sexo mas esquecemo-nos do resto e porque é das tais coisas é natural, mas às vezes é preciso falar disso e é importante falar disso porque depois os tais cursos de casamentos quando eles chegam a fazer os cursos de casamentos tornam-se verdadeiras sachadas ... os CPM's (...) risos mas às vezes tornam-se verdadeiras sachadas porque as pessoas não sabem dizer o que é correcto e o que não é. Mas como eles (..) como não houve formação anterior, nem conhecimento anterior(...) as pessoas não se expõem mas se calhar por ai em relação à associação acho que era melhor visto portanto, poderia ter um apoio de pessoas bem formadas teoricamente bem formada, que todos os assistentes têm que ter isso todos os agrupamentos têm que ter um assistente... os que têm 80 anos não duram os 80 anos (risos) portanto a gente pode com aquilo que conta. Isto também não é uma coisa que a gente decida fazer agora e se vá fazer já a partir de segunda feira, só depois é que a gente há-de pensar como é que isto pode começar, e se calhar depois de andar um pouco para a frente é mais fácil, e a gente vamos pensar que quem manda no CNE é ... a gente tem um sistema democrático, teoricamente e a concentração da massa do CNE está nos grandes núcleos e no Norte, e o Norte nestas coisas, temos que reconhecer, eu pelo menos acho não quer dizer que seja essa a realidade mas dá-me a impressão que assim é muito mais fechado do que propriamente (...) para além de termos os velhos de 80anos como assistentes, termos muitos digamos assim

missionários, que andam para cá, além disto tudo aí as coisas alteram-se um bocadinho, à coisas que são toleradas aqui ao normal de igreja que se calhar no Norte (...) quer dizer são teoricamente toleráveis, mas na prática ninguém as tolera. Porque eu não estou a ver quer dizer não estou a ver uma proposta ir a um conselho nacional e nós colocarmos a coisa nessa posição (risos).

Carlos - Se não educarmos os dirigentes.

Luís - Dirigentes tudo bem agora é assim, não é com 2 ou 3 horas do assunto, eu por exemplo posso dizer aqui posso-me sentir à vontade para estar a falar do assunto, mas não me sinto há vontade (...) de tentar coordenar esta coisa ao nível de um agrupamento(...) com uma acção de formação ou seja a gente temos que ter consciência que a nível dos agrupamentos, os responsáveis das secções(...) mas têm que ter em consciência que aquilo que se formam os dirigentes, eles têm que ver como podem ir trabalhando (...) eu não estou a ver as coisas serem assim tão simples...

Carlos - ...se calhar porque não têm preparação Luís. Não são suficientes cinco módulos de formação para ultrapassar as barreiras culturais...

- (...)

Carlos - Mas é que se não começar-mos de alguma maneira, há sempre os contra...

Luís - É as tais coisas se calhar seria mais simples porque a gente, os convívios, os convívios, não atirem os problemas para cima dos assistentes.

Luís - Ele tem razão numa coisa os convívios são tantos que teoricamente seriam só introspecções que se fazem em que as pessoas aprendem a abrir-se para o exterior, estou a falar mal?

António - Mas só teoricamente, só teoricamente (...).

- (risos)

António - Não, teoricamente e na prática e eu tenho essa experiência na minha paróquia que se calhar malta com quem eu nunca consegui falar a sério sobre uns determinados temas, depois de um convívio sem problema nenhum.

Carlos - Porque se nós dirigentes adultos não estivermos há vontade, se não tivermos um mínimo de conhecimento para abordar-mos esses problemas, não chegamos lá não é.

Helena - Sabe que eu também lhe digo uma coisa que temos que ter em consciência que nunca vamos conseguir que 80% dos dirigentes estejam preparados e se calhar também temos que dar espaço as pessoas para terem a noção de que eu por aqui não vou não me sinto há vontade e deixar espaço para as pessoas poderem dizer isso.

Carlos - ...desculpem lá há 16 o 17 anos atrás não haviam cursos nesta região, cursos de formação não havia, qualquer curso não havia, quem tinha um bocado livre, entregava-se-lhe a chave e era na prática... liam-se uns livros, umas coisas, e foi assim que me fiz dirigente... ora tem que haver alguma coisa que mude isto, se não fizermos nada para que essa mudança se verifique continuaremos sempre (...).

António - E sempre se realçou... também não podemos pensar que é esta dimensão da formação e agora é agarrarmos aqui e criar um curso intensivo...

Helena - Exactamente.

António - Porque isto é a formação pessoal que cada um também deve procurar e ...

Carlos - E demora ... e demora, não vai ser de um dia para o outro e se não começarmos a pensar já, se assim o entendermos, se acharmos que é um assunto importante se não começarmos a pensar já, continuaremos mais uma década a ... a discutir.

Helena - Não, porque continua a ... , os miúdos continuam a ter realmente muitos mitos, aqueles mitos que nós ouvimos já não sei há quanto tempo e os miúdos conseguem acreditar mais nos mitos do que muitas vezes na própria ... noutra tipo de informação.

Olga - E na mensagem que é dada pelo seu par.

Helena - Exactamente, por outro lado, também, a linguagem que às vezes é utilizada pelos técnicos, quando estão com os miúdos, é tão complicada que eles desligam completamente e não funciona.

António - Não ... sobretudo, acho que o grande problema que há neste momento é o dizerem “meu amigo tens um preservativo, tens a tua situação resolvida”

Helena - Pois, não basta.

António - Hoje, inclusivamente, (...), hoje inclusivamente, ainda há pouco tempo eu falei com ... um grupo de dois ou três adolescentes de uma escola de Lisboa, que são da minha família, que vinham muito contentes porque tiveram uma aula de sexualidade. Então o que é que foi a sexualidade? Foi uma enfermeira que foi para lá, que falou muito bem e no fim agarrou em três preservativos a cada um e “minha amiga, meu amigo, agora tens aqui a solução”, quer dizer, se calhar muitas vezes a mensagem que se passa não é a mais correcta mesmo neste campo da formação, porque isto também varia de cabeça para cabeça. ...As minhas convicções podem-me dizer que se calhar devo incorporar a sexualidade numa dimensão mais vasta que é a dimensão humana e devo incorporá-la aí e procurar ... colocá-la no seu sítio certo e se calhar pode vir outro técnico com outra convicção e que diz “meu amigo já não há nada a fazer, isto temos a taxa mais alta de ... mães adolescentes da Europa, meu amigo, isto a solução está só no

prazer batido, não vamos educar... não vamos educar por outro campo, não há nada a fazer porque não resulta, porque...”

Helena - Isto está a ser uma desinformação muito maior e aconteceu-me agora aqui há coisa de 15 dias com uma (...) de pioneira, ainda por cima ela sentiu-se um bocado apalpada com aquilo, porque a mãe é médica e ela não queria que a mãe soubesse, tinha que ir também a uma aula de sexualidade ou qualquer coisa na escola, com o director de turma e o que o director de turma lhes fez foi distribuir os preservativos e a seguir disse-lhe “e agora amigos vão para casa (...) aos pais”, isto foi *ipsis verbis*, a miúda estava... se a minha mãe sonha uma coisa destas.

Carlos - Depois dessa distribuição e quando chegarem a vias de facto, envergonham-se de os utilizar, porque é uma perda de confiança na ... o que é que depois a companheira vai pensar se eu vou usar o preservativo, e depois não o usam.

António - Mas a nossa perspectiva na associação é muito diferente dessa, completamente, a educação para os valores é completamente ...

Olga - Ter qualquer coisa de diferente, completamente, tal como já tem, mas pode ir muito mais longe, porque o problema também é assim, é muito mais mediático entregar os preservativos do que levar anos e anos a educar para os valores.

Helena - Até porque não se deverá passar só pelos... preservativos distribuídos, não é?

António - Embora a questão, muitas destas questões, mesmo a nível da associação também são um bocado difíceis de compreender, porque estou a lembrar-me quando nós fomos aos (local) que nos deram um dossier com várias coisas lá dentro e onde vinha um folheto, que eu já não lembro o que é que era mas que levantou logo um grande surtili, porque... aliás não sei se era até sobre o preservativo.

Francisco Era, era sobre o preservativo e sobretudo o desenho e o preservativo e os dizeres.

António - Depois...

Helena - Deve ter sido um patrocínio?

António - Isso mesmo, fomos perguntar à chefia de campo o que é que aconteceu, não podia ser “ah, foi um patrocínio”.

Helena - E pronto e um patrocínio tudo permite. Não, é que depois fica-se sem base nenhuma para o viver o valor, o valor da vida, o do respeito pelo outro, o respeito por mim próprio...

Olga - Sabem que isso podia ter sido uma excelente oportunidade para de uma forma informal falar sobre a situação com eles, por exemplo.

Manuel - Eu acho que o mal não está de facto no preservativo, acho que o mal está em entregar o preservativo sem mais nada, poderiam entregar depois de se envolver o preservativo numa série de outras coisas.

Olga - Pessoalmente, eu acho isso muito estranho, porque os (naturais do local) até são bastante conservadores em determinadas matérias.

Francisco - Ali de maneira alguma, ali talvez...

Manuel - Os (naturais do local) conservadores? Tu tens essa ideia?

Francisco - Ali talvez fosse de uma maneira avançada ou talvez (...) e gostam de uma maneira assim um tanto ou quanto fria e seca.

Helena - São mais fechados.

Francisco - Achei, achei isso, percebes.

Luís - A questão da promiscuidade não quer dizer que em termos gerais de sociedade (...), até pelo contrário, se calhar até são, porque o encobrimento dessas situações leva a essa situação, leva mesmo a essa situação.

Helena - Mas, em termos de associação...

Manuel - Temos que marcar a diferença.

Helena - Eu acho que sim, e não termos medo, porque uma das coisas que eu noto nos miúdos, eles às vezes têm algum receio de serem gozados por serem escuteiros católicos, por exemplo, alguns ... demonstram isso.

Manuel - Uma pressão social grande a favor de ... Noutros sítios não, é perfeitamente natural, é a vida deles, é... tá perfeitamente, mas há outros sítios que não, eu para vos dar assim uma ideia... conheci um sítio onde era muito complicado porque havia pais que não punham o pé na igreja, houve pais que não deixavam os miúdos serem baptizados, eles queriam ser escuteiros e houve miúdos que tiveram que esperar pelos 18 anos para poderem optar pelo seu baptismo, portanto e ainda temos comunidades em que as coisas... em que é difícil ser-se escuteiro católico, ser-se católico e afirmar-se católico porque se nuns sítios é perfeitamente natural noutros não é bem assim e a pressão do grupo pode ser uma pressão muito ... e eles às vezes escondem um bocado essa situação. É claro, esta questão dos preservativos tem sido ... tem sido amplamente discutida, que eu penso que Portugal também está a dar... está a ver o que é que foi feito noutros países da Europa, que foi esta questão dos preservativos e, por exemplo, a Inglaterra tem uma taxa alta de gravidez na adolescência e fez uma campanha enormíssima de ...

Francisco - Eu acho que pecamos bastante, quer dizer, no sentido de dar sempre alguém ou outros países como exemplo.

Helena - Mas acho que é bom para ver os erros que eles cometeram...

Francisco - Mas já estamos caídos neles. Enquanto sobre a conversa do preservativo, o Luís estava a falar (...) e agora (...) à descoberta, quer dizer... como à bocado o Luís estava a falar, primeiro ele usa uma fonte, ele usa uma base, o que é que isto nos pode dar? Arranjar algum fundamento para então depois, no fim de arranjar esse fundamento e de o transmitir então aparecer o preservativo. Não sei se me estou a fazer entender? Enquanto que aqui é quase como o inverso, toma o preservativo (...) os valores e os actos cobre-os tu.

Helena - Francisco, mas tem havido muito, sobretudo com o mediatismo das questões, e vejamos que a televisão, ainda para muita gente, o que se diz na televisão, tudo é verdade ... tudo é verdade, quer dizer, as pessoas não fazem, é aquilo que vocês diziam logo no início, as pessoas não fazem a filtragem da informação que recebem seja ela da internet seja ela da televisão, e por exemplo temos uma telenovela como os morangos com açúcar, cujos valores são assim um bocadinho ... (...) mas depois toda a historia todo o desenvolvimento e às vezes quando tentam aparecer com alguma mais... moralidade...

António - A busca da base digamos de tal fonte a busca da base e voltamos aos princípios, e aos valores e aos valores a partir daí (...)

Helena - Eu sou muito sincera e penso que esta questão da sexualidade, vai ter que partir por um tema mais vasto que é a promoção da saúde, e a partir daí pegar-se nos vários... da sexualidade que necessitamos, quer dizer e em termos de promoção da saúde é um termo muito mais fácil de a associação comece a trabalhar, mas olhem que ainda há muita gente reticente, muita gente muita gente.

Luís - É bom que eles têm consciência do uso do preservativo e da eficácia que ele pode ter, mas também é bom que eles tenham noção de que fazer sexo pela primeira vez as vezes pode ser como a (...) (risos) por isso às vezes é questão de nunca lhe terem dito isso se calhar se eles já tivessem ouvido dizer que o sexo era como a (...) eles se calhar deviam pensar noutras coisas (risos)

Helena - Não sei não é que as vezes já ouviram, mas as pessoas que aquilo é dito por outras pessoas mais velhas (...) Luís

Olga - Nós próprios temos a noção que as coisa só acontecem aos outros, e às vezes não tomamos certos cuidados e à coisas que podem acontecer no dia a dia (risos) e tu não precisas de ter uma vida tão promiscua para que elas aconteçam...

Manuel - Mas que eu penso que os miúdos vendo nós não os podemos impedir de ver, quer dizer pronto, mas vendo (...) mas banalizam-se comportamentos, que se deixa de ter depois qualquer tipo de resposta ou contrária para provar que as coisas são diferentes, muitas vezes quando se fazem as questões é sobretudo à procura de balizas. À procura de balizas... mas espera lá isto não parece nunca muito, eles acham que aquilo é demasiado mas depois procuram balizas e se não há alguém adulto com algum bom senso, sobretudo bom senso porque não é preciso ter muitos conhecimentos mas sobretudo bom senso, eles próprios também ficam um bocado confusos com certas coisas porque eles próprios já acham que aquilo é, assim uns enredos assim um bocado.

Helena - São muito abusados...

Manuel - Sim, sim.

Carlos - Essa telenovela tem uma audiência extraordinária

Marta - Tem, tem

Carlos - Mas em termos de jovens, e eu duvido que acham muitos adultos que os acompanhem nessa altura, aí é que está.

Helena - É a hora de jantar.

Carlos - E esses valores são, são (risos) recolhidos pelos jovens assim sem informação e acontece essa banalização, o miúdo depois começa-se a convencer que aquilo é assim e pronto, e então está tudo.

Luís - Pois que eu também acho que os adolescentes são muito saudáveis felizmente e também penso que quando o dirigente consegue estabelecer uma boa relação com o seu grupo pode significar a pessoa muito mais que os pais, mas eu penso que isso é natural porque os pais são sempre os pais, e ou são os pais muito especiais de corrida mas mesmo assim é sempre mais fácil ir ter com alguém que não está na nossa casa no dia a dia nas 24 horas (...) porque quando há laços afectivos...

Focus group n.º 4

Data: 20 Maio 2004

Duração: 1h45m

Olga - como é que vocês acham que os adolescentes vivem a sexualidade hoje em dia?

Luísa - Com pressa. Não sei. Eu há 3 anos que lido com meninos até aos 10 anos, portanto não sou desse (...) (risos).

Francisco - Ah, mas esses também têm.

Luísa - Não. Mas é adolescência.

Olga - Se quiserem falar um bocadinho sobre as outras secções não tem problema nenhum. Pronto, isto é mais focalizado sobretudo nos adolescentes mas não tem que ser só nos adolescentes.

Manuel - Eu acho que eles tem muito mais informação. Eu tenho 31 anos e vejo em relação à minha geração enquanto adolescente. Hoje à imensa informação. Se calhar até à informação a mais, e aí muitas vezes acho que é o papel dos dirigentes quando também formados, devem decodificar um bocadinho as mensagens, que hoje em qualquer coisa, nós vimos um gelado, um anúncio dum gelado que tem apelo à sexualidade, quase, temos pouca informação, há pouca matéria, há poucas coisas formativas. Há muita informação mas muita pouca coisa formativa. Isso,...acho que nós temos aqui um papel principal: é decodificar algumas dessas mensagens. Em casa não se fala de sexualidade. Quase ninguém, ninguém daquele grupo de pessoas com quem ainda me dou, jovens, na adolescência não se fala; acabam por falar com amigos. E basta se calhar, se alguém me vier perguntar coisas e eu também não souber, eu vou dar informação como eu sei. Se calhar é má. Portanto...e isto pode-se passar. Fala-se pouco, o pouco que se fala fala-se mal, e não creio que estejamos preparados para falar mais coisas. Acho que há pouca formação em termos de sexualidade. Como abordar, não é chegar aqui e: “então agora meus meninos vamos todos falar de...”. Tem que a haver umas formas inteligentes e para isso nós também temos que reparar que enquanto dirigentes, enquanto animadores, enquanto amigos na rua de jovens na adolescência, temos que estar informados para saber o que é que estamos a falar. Que a não ser: vamos falar, dizer as coisas que passam pela cabeça, que eu acho que é assim, muitas vezes podemos estar a desviar até níveis de formação de jovens adolescentes. Em

termos de métodos, também há um bocadinho o medo. Não sabemos como é que podemos ir, por onde é que devemos ir. É quase preciso ter a autorização dos pais para se poder falar de sexualidade nas escolas.

Francisco - Não é preciso...

Manuel - Quase que é. Chega a haver casos de pais a dizer: “Não, não. Os meus filhos não precisam de...”. Isto é um bocado geral nas escolas, os pais não deixam. Se calhar até aí vocês depois diziam: “Esses pais falam ou não falam, se fazem essa...”. Por isso ficamos quase numa encruzilhada em termos de como abordar e os procedimentos. No outro campo, homens, mulheres, rapazes e raparigas, dirigentes e animadores, eu se calhar vou confiar totalmente na (...), vou confiar totalmente numa rapariga de 13 anos: período. Eu dizia: “Não é comigo. Fala já com a Ana Rita”. Mas pode haver uma ocasião em que estamos só os três rapazes, é uma situação real, em campo. “Rapariga aparece período primeira vez”. Não é um drama, não é doença, não faz mal a ninguém. Mas...será que nós sabemos fazer alguma coisa? Qual a nossa reacção? Que resposta é que podemos dar? E eu acho que não estamos preparados para isso. Os dirigentes, mesmo em termos de CNE pode ser que isto aqui novas estruturas passem por isso agora. Na formação dos próprios dirigentes não há formação sexual para as crianças. E acho que é uma lacuna muito grande e muito grave para um sector que só lida com crianças. Crianças jovens, adolescentes, e não há uma formação prática. Aborda-se muito é: “O João namora com a Teresa. Deram um beijinho no acampamento. E agora?”

Manuel - Exactamente. Mas nem se fala no grávida. A formação passa independentemente nos sítios (...).

Francisco - É a educação e é a abordagem que se faz quando...

Ana - Mas é que tu...

Francisco - Não é a abordagem

Manuel - Mas é que tu dizes isto e daria medo. E acho que tudo isto tem imensos passos a dar. O primeiro passo: é estarmos formados e sabermos com o que estamos a lidar, sabermos algo. Não é um compêndio de medicina que precisamos de saber. Não é um tratado completo que precisamos de saber, qual a melhor abordagem, por onde é que podemos ir e a quem é que devemos encaminhar. Se eu não sei, não vou inventar. Se nós todos não sabemos, não vamos inventar. Pelo menos convém que saibamos alguém a quem possamos recorrer. E muitas vezes também não temos essa pessoa.

Olga - O.K. Mais opiniões?...

Ana - Mas há escolas que agora...por exemplo o Francisco tem na disciplina de ciências, tem sexualidade. Tem...jogos, filmes e outro dia fui para as ciências com ele e foi engraçado porque ele começa-se a rir e corre imenso. (...) fazer perguntas dali, naturalmente, porque...estava a (...) aquilo que era um assunto que ele tinha de aprender, e... E...pronto, e há aqui (...) : “Ai mãe mas temos de falar nisso? ”, “Então mas não vais ter teste amanhã, de várias matérias? Temos de falar.” Começava-se a rir e...risinhos, e não sei quê. E tem um pouco...uma dificuldade que ele tinha em falar comigo sobre...isso.

Francisco - Penso que ele não estava à vontade para falar contigo sobre isso, sobre...o assunto.

Ana - Não. Não, exactamente porque...e focámos muito mais a partir desse fim de tarde a matéria aí, para ver se ele desembrulhava um bocadinho, e se começava a falar comigo sobre isso. Em relação ao antes e o depois, em termos de épocas,...eu lembro-me, eu tenho 38 anos, portanto já foi há bastante tempo, eu lembro-me perfeitamente: nós somos três raparigas que a minha mãe tinha, uns livros, umas enciclopédias da sexualidade que era dividida por anos. Era dos 8 aos 10, depois era dos 12 aos...não sei quê, e a minha mãe ia-nos dando os livros consoante as idades que nós íamos tendo.

Francisco - Agora diz-me só: entregava-te o livro e tu tinhas que ler e depois se tivesses dúvidas e necessidade...

Ana - Não. Não era ler. Era...oferecia-nos o livro consoante a idade que íamos tendo. Portanto acho que depende um bocado da família em que os miúdos estão inseridos, e da abertura que há para falar, para falar desse tema. Acho que não há padrões. Sim, há escolas e estamos a falar do Salesianos de (...), que...que os miúdos aprendem (...) e tudo.

Francisco - Mas aprendem a fazer...

Olga - Mas atenção, era o que eu queria dizer: eles na sexualidade dão o aparelho reprodutor, é...que não é bem a mesma coisa...

Ana - Não. Dão sexualidade.

Olga - Dão?

Ana - Dão sexualidade. Dão sexualidade.

Francisco - Essa é era ideia que eu tinha do que faz parte do programa educativo que eles têm em ciências (...) é o aparelho reprodutor e...

Ana - Eu também pensava que era só isso mas eles vão, vão para além disso.

Olga - Que tipos de coisas é que sente que eles dão para além do aparelho reprodutor?

Ana - Dão a forma, como é que eles dizem, como nascem os bebés, em que explicam a altura da idade deles.

Francisco - Que a cegonha vem.

Ana - Hã?

Francisco - Que a cegonha vem não sei aonde.

Ana - Não. De maneira nenhuma. Explica-lhes como se fazem, logicamente adequada à idade deles. E depois acabam na história de pílulas, preservativos, para que servem, o que é que têm que (...). Acho que é uma abordagem para a idade, ele tem 11 anos .

Alguém - Será que é agora que também me vão explicar como (...).

Ana - (...) Erraste ele tem 11, não tem 12. Portanto acho que é uma abordagem simpática e ... dentro da idade deles. E acho que é saudável. E acho que todas as escolas deviam fazer o mesmo.

Francisco - Se não fazem mesmo?... (...) As escolas. Se não faz parte do programa do... (...).

Ana - Pode fazer, se está no livro.

Helena – Isso é polémico.

Francisco – Não. Não há programa. (...)

Ana – Deve haver livros que abordam mais ou menos.

Rita - Mas isso depois também depende da pessoa que apanhas ou não apanhas. Porque há pessoas que abordam uns assuntos, e há outros que não abordam outros assuntos.

Ana - Exactamente. Entre (...)

Olga - Aliás (...) o que o ministério diz é que todos os professores em todas as aulas devem abordar o (...) mesmo sem ter preparação nenhuma.

Ana - Ponto final.

Olga - Claro que é um absurdo.

Francisco - Na aula de matemática (...)

Rita - Temos aqui uma raiz quadrada com um...

Ana - É um bocado esquisito.

Olga - E nos escuteiros?

Ana - Formação...não há. Acho eu... pois,...não tenho a certeza.

Olga - Há um módulo. Uma unidade de formação no módulo nos CAP's

Ana - Nos CAP's?

Olga - Sim. Nos CAP's.

Luísa - Mas tem a ver com a boa educação.

Francisco - É mesmo, na parte do CIP há...

Ana - Sim, mas isso é muito superficial Luísa.

Luísa - Não. Não isso não é tão superficial mas tem...

Ana - Sim, mas no sítio...

Luísa - É muito mais virado para a parte da boa educação.

Ana - Exactamente.

Luísa - Não é propriamente uma educação da sexualidade.

Ana - O que eu acho que fazia falta...

Luísa - É uma educação dos dirigentes para lidar com a sexualidade dos...dos elementos, basicamente.

Bernardo - Eu já não me lembro bem da pergunta inicial mas ... mas os dois temas que eu vejo, que estamos a incidir mais sobre um é a sexualidade no corpo, como corpo da sexualidade. E depois há o...que eu acho que há a sexualidade, mas a ... educação sexual, e a maneira como eles olham para a sexualidade. E não para o corpo ou deixa de...não sei quais é que eram as abordagens que...

Olga - Depende daquilo que acharem importante. Se acharem que é importante um bocadinho ver como é que os dirigentes olham para a sexualidade dos seus membros de cada uma das secções, porque em principio só há diferenças do Lobitos para os Caminheiros, e como é que eles lidam, um bocadinho pegando naquilo que o Bernardo disse, com as situações do dia a dia que surgem, que às vezes não é só o período, que normalmente até é uma coisa que pode aparecer. Pela primeira vez num acampamento e o que é que se faz ? , mas até outras situações que vocês se lembrem que possam acontecer ou que tenham acontecido, ou que tenham ouvido contar, ou...e como é que isso poderá ser, como se poderá lidar com essa situação. E esta questão, também acho que era importante pegar nesta questão do à vontade deles para falar. Se eles tem à vontade para falar com os dirigentes, se notam que os pais estão ou que não falam...

Ana - Não,...as exploradoras falam, mas...com rapazes..., com dirigentes rapazes não. Geralmente tem esse tipo... sublime de falar. Mas (...) coisas não. Fazem-se um bocadinho (...) e: "Então vamos embora. Só quero falar com a Ana e vai-te embora e...não sei quê." Eu acho que fica toda a gente a dizer: "Mas o que é que se passa?" e pronto. (risos)

Manuel - É claro.

Ana - Mas pronto...mas respondem o máximo quer dos outros exploradores quer dos próprios dirigentes.

Francisco - Mas já agora uma pergunta: As exploradoras o que é que se deve perguntar? Tipo, vêm dizer que estão apaixonadas por aquele, não sei quê...

Ana - Não. Não há (...) de período. Vai falar em termos de (...)

Olga - É natural...(....)

Ana - Não acho que...sabes que no ano passado no Verão elas estavam com (...), porque eu estava com imensos casos, e estava...e um deles estava a ser um pouco complicado, e ... às tantas (...) o Fred até é uma pessoa que...nós já falámos nesse assunto em termos de reunião (...) e o Fred tem uma abertura para isso, não consegue...vai saber lidar 100% com isso, mas tem abertura e tem receptividade porque tem...

Francisco - Mas vai ficar aflito se vierem falar com ele?...

Ana - Não. Não vai. Como ele aborda o assunto como nós próprios, já não sei, mas não vai. E este tipo vai estar um bocado a falar ainda mais com o Zé e com o Fred, porque ... eles tem um bocadinho de (...)

Helena - Mas ainda terá de falar esse assunto com o Pai?

Ana - Mas eu não gosto. Mas eu não gosto porque...acho que depende um bocado de do meu gosto. Porque não?...

Helena - É a figura masculina. É só por isso.

Ana - Não vejo porque não.

Rita - Mais seguramente falam com a mãe primeiro do que...

Ana - Eu sei. Eu sei mas (...)

Helena - ...é uma identificação do sexo.

Ana - Claro isso é (...) ,mas não vejo porque não possam...

Rita - Ninguém está a dizer que não pode. Mas o que acontece é que (...)

Ana - Sim. É o (...) Mas acho que se pode...em termos de dirigentes, e estou a falar de dirigentes, acho que se pode desmistificar um bocado isso.

Ricardo - Eu aí acho que não é uma questão de se é com o Pai, ou se é com a mãe. Eu acho que muitas vezes o à vontade das raparigas relativamente à figura masculina, como ainda agora estava a dizer, nasce um bocado porque também não há da parte da imagem masculina uma abordagem ao assunto.

Ana - Exactamente.

Ricardo - E por isso elas não, não se sentem à vontade para falar, porque o pai também não fala. Eu digo isto porquê: em termos de escutismo, a minha relação com essas idades, não..., com as idades da adolescência não é grande ou é quase nula. Mas

trabalho muito com essas idades há muitos anos em campos de férias. E talvez das primeiras perguntas que eu faça às raparigas, aí separadamente dos rapazes, porque sei que há sempre o riso e a piada e o não sei quê, exactamente se elas vão ter o período na altura em que lá estão, essas coisas todas. E elas ao início ficam...depende. Mas também aí também depende delas. Umas ficam meio retraídas e lá dizem muito em medo que sim, ou que não, ou que não sabem, ou que ainda não têm, ou que não sei quê não sei quê. E a partir do momento em que elas vêm uma figura masculina a abordar o assunto e a pô-las à vontade para esse tema, daí para a frente as coisas funcionam um bocadinho melhor. Portanto...elas já não têm tanta vergonha de dizer: “Olha Ricardo estou com o período, não sei quê..., não posso fazer o jogo da piscina, ou não sei quê não sei que mais” E depois aí entra também: “Então mas não podes porquê? Não usas tampões? Nunca usaste” , “Ai não nunca usei.” , “Então vai...”. Aí sim, a gente encaminha para a pessoa certa (risos), que é a pessoa da enfermaria. Ou será a pessoa da enfermaria porque poderá ser um rapaz ou uma rapariga qualquer.

Francisco - Uma outra monitora.

Ricardo - Uma outra monitora. E portanto: “Então vai lá que ela vai dar o atelier do tampão... E... “Ah, mas eu não sei...” , “Vá, não tenhas medo nenhum porque há muita gente que usa e não vais ser a primeira... Eu já usei e... Eu já usei quando era pequenina e a minha mãe punha-me e portanto não havia problema nenhum. E acho que é por aí a questão de se calhar elas não estão um tanto à vontade, porque a figura masculina não é normal dirigir-se a elas no tema de esse assunto. Agora uma coisa que eu concordo com o Bernardo no que ele disse é que, uma coisa eu acho que é a sexualidade, outra coisa é sexo. E acho que muito mais os adolescentes e as adolescentes pensam na vertente SEXO e não na vertente SEXUALIDADE. E eu faço aqui a separação porquê? A vertente SEXO, na resposta e estímulos, a sensações. E na vertente SEXUALIDADE em termos de informação e formação. Aí concordo perfeitamente com o Bernardo. Acho que não há... Eu até não acho que haja informação. Eu acho é que há muita alusão e pouca informação. Estamos todos rodeados de alusões a Sexo em tudo o que é lado: no gelado da OLÁ, no carro, na bicicleta, nos anúncios, nas bebidas,...tudo. 90% dos anúncios de hoje em dia tem uma alusão ao sexo, ou a estímulos sexuais. E depois não há o outro lado de...explicar-lhe, de descodificar a explicar o porquê. A explicar como é que se faz, o que é que se sente, como é que é, o que é que é perigoso, o que não é perigoso, o que é que se deve fazer, etc. E...

Luísa - Mas não é só os anúncios. É os anúncios, é as telenovelas, é...

Ricardo - É tudo. Os filmes, é...

Luísa - (...) os programas também sempre a puxar para o mesmo...

Ricardo - Hoje em dia, hoje em dia...

Luísa - Acendes a televisão, e...

Ricardo - Tens que dizer uma coisa... Onde quer que se vá e aí sim cada vez mais, os miúdos (eu digo miúdos), os miúdos têm acessos a essas coisas todas. Está ali à mão de semear. Se calhar quando eu tinha 15 anos, para ver qualquer coisa de sexo tinha de ir ao clube de vídeo e alugar um filme. Não havia muito mais. Agora não. Agora já tenho Internet! Pronto. O.k. Já tenho Internet, e portanto, há muito mais...as coisas estão muito mais expostas, e...torna-se muito mais complicado até...mesmo para nós os ensinarmos porque às tantas eles como vêm tanta coisa, pensam que quase não precisam de serem ensinados porque já sabem. Porque já viram, porque não seu quê. Só que nos filmes não aparece o problema do preservativo roto, não aparece o problema da ovulação da rapariga, não aparece o problema da pílula do dia seguinte nos filmes, não acontece nada disso.

Olga - É aí que a matemática é importante.

Rita - A raiz quadrada... Ainda há bocado estava a pensar nisso.

Ricardo - Exacto. (...) Aqueles dias antes ou depois, aquilo é importante, para se fazer contas. Utilizar as máquinas de calcular.

Ricardo - Há quem se arrependa de se ter enganado a contar 2 mais 2.

Helena - Acho que eles nem têm tempo de processar a informação toda...

Ricardo - Não sabem. E não sabem e não sabem.

Rita - E também há os que se armam a dizer que sabem e também não sabem.

Ricardo - Exactamente. Mas isso é mais rapazes.

Rita - Por mim acho que isso acontece mais nos rapazes, do que nas raparigas.

Ricardo - Isso é mais rapazes.

Rita - É por isso que eu também acho que as raparigas têm mais facilidade em falar com alguém do que os rapazes. Não sei...é uma ideia que eu tenho.

Ricardo - O rapazes nunca costumam dar parte fraca....

Rita - E quando dão é um bocado...(.)

Ricardo - É o macho. É a questão do macho isso aí, pronto...

Ana - Não há nada a fazer.

Rita - Já se sabe.

Luísa – Eles têm sempre que falar.

Ricardo - Ah pois.

Luísa - Eu acho que os rapazes têm muita mais ansiedade em relação ao sexo do que as raparigas. As raparigas não se preocupam tanto com isso. Os rapazes preocupam-se mais, e principalmente nos 15 e 16 anos e até mais tarde.

Francisco - Eu acho que estás a perder uns episódios.

Olga - Não. É...(risos) Nesta idade já são as raparigas...

Francisco - Agora a falar a sério, por aquilo que eu tenho visto...

Luísa - É a idade em que normalmente eles devia estar mais à vontade e não estão. Vão ficando cada vez mais ansiosos.

Francisco - Vão ficando mais ansiosos como se vêm mais velhos e querem que os outros rapazes (...) que já tiveram a sua primeira vez, ou têm uma vida sexual activa, e eles ainda não tiveram a sua primeira experiência. Começam por ficar ansiosos porque também querem e não querem ficar para trás em relação aos outros elementos do grupo. Mas acho que até mesmo as raparigas, começam mais cedo do que a maior parte dos rapazes.

Luísa - Está bem. Mas eu estou a falar dos rapazes. Os rapazes têm muito mais ansiedade em relação ao sexo do que as raparigas. Eu acho isso. Outro dia tive a dar uma informação, e...os rapazes fizeram muito mais perguntas, que era a universitárias, os rapazes fizeram muito mais perguntas, e perguntas que denotavam muito mais ansiedade e muito mais preocupação do que as raparigas. As raparigas fizeram muito menos perguntas, e não só fizeram muito menos perguntas como as perguntas delas eram perguntas de pura curiosidade. Enquanto que na maior parte das perguntas dos rapazes, notava-se...preocupação.

Francisco - Mas é um bocado pela psicologia de grupo que (...). Uma rapariga mais velha que diga ao grupo de amigas que nunca teve uma relação sexual, ninguém vai gozar com ela. Um rapaz de 18 ou 19 anos que diga no mesmo grupo que nunca teve uma experiência sexual, olha que é óbvio (...) começam todos a gozar.

Helena - Em relação às idades, pronto... Em relação a isso da idades, as raparigas começam mais cedo: é que geralmente os rapazes que adoram essas raparigas são mais velhos. Então, e elas aí ainda não têm força ou capacidade de negar uma coisa dessas. (...) ainda também estão ansiosas e inseguras são levadas. Mas acho que não é aí que se nota que as raparigas também têm essa ansiedade, a preocupação tal como estava a...

Francisco - Eu acho que elas também... causa-nos preocupação, eu acho que é um facto que acontece mais cedo para as raparigas do que para os rapazes. Só que muitas raparigas...

Luísa - O que acontece mais cedo (...)?

Helena - Eu acho que desperta a curiosidade mais cedo. Elas têm curiosidade mais cedo. Falo por mim, é que no Brasil eles ensinam isso nas escolas. Eu tive três formações extras, não sei quê. Era (...), ou não para se falar só de sexualidade, formação. E eu lembro-me que as raparigas eram muito mais curiosas em saber mesmo as coisas como deve de ser, como é que acontecem, como é que não acontecem. Até para as preservar e terem maior cuidado, e os rapazes eram mais na vertente que a Luísa teve a dizer e preocupação e ansiedade e no acto em si e curiosidade em relação a uma sensação ou ao sexo, na sexualidade.

Olga - E os vossos elementos?

Francisco - Nos últimos 5 ou 6 anos trabalhei sempre com os caminheiros. As dúvidas que há, ...que eu me lembre, nestes anos nunca ninguém me abordou com uma dúvida específica. Ou já não as têm, ou não têm coragem de o admitir. Pelo menos nunca me abordaram a mim para o fazer.

Helena - Mas já houve uma situação em que um caminheiro perguntou se deveria haver preservativo na caixa de primeiros socorros. E eu não me lembro depois como você respondeu ou não.

Francisco - Exacto. Por acaso estava a esquecer dessa...

Ana - O que é que disseste?

Francisco - Aconteceu. Por acaso não me tenho lembrado. Mas aconteceu o ano passado numa preparação de um grande acampamento. Devíamos ter (...), devíamos ter estrangeiros (...) e o caminheiro que estava responsável pelos primeiros socorros, disse que ia comprar preservativos para ter nos primeiros socorros.

Olga - Ele disse ou perguntou?

Francisco - Já não me lembro como foi. Mas que ia comprar preservativos (...) A minha reacção na altura foi: Não! Porque em campo: Sim! Pelo menos na minha abordagem, retrógrada, ou não, à questão, em campo não há sexo.

- (...)

Francisco - Claro. Não sei até que ponto é retrógrada, ou não, mas nas actividades em campo ou, (...)

Olga - Mas... não haver preservativos, não quer dizer que não haja sexo...

Manuel - O problema é que há.

Olga - Pois...exactamente.

Ricardo - E nós todos sabemos que há. (...)

Francisco - Mas também qual é a intenção do meu papel? Eu não sirvo para... Eu sei.

Luísa - Mas nós todos sabermos que há, parece o dia a dia.

Manuel - Ó Luísa, mas não é o dia a dia das (...)

Helena - Está bem. Mas (...)

Ricardo - (...) agora é que vamos entrar no debate.

Ana - Pois...estava a ver que isto estava muito fraco.

Manuel - Não vamos promover (...) Nós em termos de educação, o novo...o nosso programa educativo, temos que ter as coisas suficientemente explicadas para que possamos entender onde é pode levar.

Francisco - Mas agora a minha grande duvida era: se eu tivesse preservativos, em campo (...) eu não posso dizer que há... Mas se eu não posso anunciar que há, também ninguém me irá abordar para pedir preservativos que não sabem que existem em campo. E se me vierem pedir preservativos, eu como chefe acho que não pode haver sexo em campo, eu não posso dar preservativos,...hum?

Manuel - Não deve.

Helena - Não. Nem sequer (...)

Ana - Preservativos, não há, mas há sempre castidade. É?

Francisco - Mas é o que eu estou a dizer. Eu nunca poderia ter...não faz sentido eu ter preservativos em campos levados,...a chefia, o socorrista levar (...) eu não vou anunciar que há.

Manuel - Claro.

Francisco - Porque se eu não anunciar eles também não vão (...) saber que há.

- (...)

Manuel - Há. É normal e não é visto como uma coisa...

Luísa - Os Suecos ficaram admiradíssimos de nos escuteiros cá em Portugal não haver sexo normalmente, não se ter isso em conta.

Suecos - Ficaram admiradíssimos?

Luísa - Ficaram admiradíssimos. Tiveram conversas (...)

Rita - Isso é depois de dizeres que não. Já não (...)

Manuel - Mas isso é diferente. A forma como se encara a sexualidade e o sexo na Suécia não tem nada a ver como se encara (...)

Francisco - Não. Mas eu acho piada que eles (...). Nas regras de um contingente sueco por exemplo é...acho estranho que eles achem normalíssimo ter sexo em campo, porque num contingente em campo a regra é: se tocassem em álcool, eram expulsos. Era a regra de um contingente. Agora: não pode haver álcool e pode haver sexo? (...)

Ricardo - O quê? O quê? O quê? O quê?

Luísa - Esses episódios...

- (...)

Rita - Eu acho que já não dormia nos acampamentos...fugia.

Luísa - As tendas dos estrangeiros eram lá para o fundo e eu não ia fazer (...) as dos miúdos estavam ali todas ao lado da minha (...). Mas tivemos muitas conversas. Tivemos conversas sobre o aborto, tivemos muitas conversas sobre a sexualidade na adolescência, principalmente com os Suecos. Tivemos conversas sobre muita coisa.

Francisco - Sim. Sim.

Luísa - E umas das coisas que eles ficaram admiradíssimos, foi por eu ter falado com os franceses. Porque havia dois franceses.

Francisco - (...) gémeos siameses.

Luísa - Eles deram-nos a alcunha de gémeos siameses, porque estava-mos sempre colados.

Bernardo - O casal?

Luísa - Sim. Graças a Deus.

Luísa - E o mais...e o que era mais estranho ainda é que era um casal com um amigo, que estava sempre com outro...

Manuel - oh pá (...) expressão francesa que (...) de algum lado. (risos)

Luísa - Eu estava com as outras actividades e o (...) que era o dirigente que estava durante o dia com eles, que tem a idade do Francisco, veio ter comigo e pediu-me para eu falar com eles porque já não aguentava mais porque eles não faziam nada. (risos) Para além de que andavam na marmelada o dia inteiro, eu já não os podia ver. E eu perguntei-lhe: "Mas como é que queres que eu aborde se..."

Bernardo - E o Francisco?

Luísa - Então eu como sou a mais velha do agrupamento, e a mais...experiente.

Ricardo - Mais...mãe.

Luísa - Não. Mais experiente e mais (...) e a mais rígida na moral, penso eu que sou...

Ricardo - É a mãe.

Luísa - Sou a mãe do agrupamento...às vezes acham...às vezes os recados que me dão é: “Deixa passar. Não digas tanto...” Desta vez vieram e eu deixei passar. Não estava ali mais (...) e fiz conta que não via. Então aí o Pedro veio ter comigo e pediu-me e eu disse-lhe: “ Como é que queres que eu...” , e ele: “Ah diz-lhe que eles estão só um com o outro e nem convivem com as outras pessoas” então eu fui falar com eles, em Francês, e tive uma certa dificuldade porque não tenho assim uma fluência em francês para estes assuntos, mas tive-lhes a explicar que nós não ficávamos muito à vontade, que eles tinham vindo para, para...conviver com os outros, e que qualquer dos portugueses, os Suecos ou isso se calhar estavam mais habituados aos franceses mas qualquer dos portugueses quando os viam os dois colados um ao outro, não eram capazes de ir conversar com eles e viravam a cara para o outro lado e faziam a conta que não viam. E que se eles continuassem sempre assim não ia haver convívio nenhum porque ninguém era sequer capaz de falar com eles e que era uma pena, tinham aquelas duas semanas...

Francisco - Acabam por desperdiçar a actividade

Luísa - ...desperdiçar actividade, e eles perceberam muito bem e aceitaram muito bem e melhoraram bastante, e acabou-se o ... Mas acho que devem ter passado o recado, então os suecos, vieram ter comigo e...perguntaram-me porque é que eu tinha ido falar com os franceses, se cá nós em Portugal não era normal fazer isso. Pronto, é claro que não. Nós vínhamos para cá pelas actividades, querem andar na marmelada vão para casa. “Ah...havia de ver como são as coisas nos movimentos de juventude na Suécia” (...) (risos)

Francisco - Era isso que eu ia buscar.

Luísa - Era isso que eu estava a dizer (...)

Helena - O de hoje tem lá que tem lá um Pedro de Portugal. Não sei quem é.

Bernardo - Mas isso é o que eu acho...

Luísa - Então depois tiveram-me a contar que por exemplo, no acampamento nacional na Suécia distribuíram...a anedota era a quantidade de preservativos e pílulas do dia seguinte que tinham levado para lá e não tinham chegado. Tinham sido assim...em quantidades abismais e não tinham chegado, e eu...

Ricardo - Isso também pode ser a teoria da cerveja: gasta-se muito mais cerveja que não se bebe quando é de borla do que quando não se paga.

Luísa - Pois, mas isto é o que eles me diziam. E eu disse-lhe: “Pois,...cá nós não distribuímos preservativos nos acampamentos, nem nos nacionais” , e... na última noite eles estavam,...eu não estive com eles nos últimos dias, só tive com eles na primeira semana, eles depois foram para Leiria, e na última noite estavam a fazer os casaizinhos.

Francisco - Na última noite em Sintra? Ou...

Luísa - Sim. Na última noite em Sintra, estavam a fazer os casaizinhos. Aquele que tu gostavas muito que eu quando te fui contar tu disseste: “Não eu acho que ele é um (...), não digas isso.” Estava...(.) no meio da brincadeira, dizia-lhe que se tinha combinado com a Christine, se a Christine conseguisse...eu não me lembro da palavra que ele disse...engatar o (...)- Mais ou menos apostar, ele...a Christine engatava o Frederic e o Jonas a Carolina.(risos)

Manuel - Pois...Naturalmente. (...)

Luísa - Ele veio...(risos)...

Francisco - Ele é alguma “bicha” de saias (...)

Luísa - Mas ele diz aqui numa...ele diz uma palavra qualquer, que eu fiquei sem saber muito bem o que é que lhe havia de dizer, não lhe ia dizer (...) , porque ele no fundo estava era a (...) a ver o que eles lhe diziam e...óbvio o que eu lhe dizia, e eu...eu não me lembro que palavra é que eu lhe disse...eu disse-lhe: “E...que palavra tão feia!” , e ele: “Ah...se calhar a tradução não é muito boa.” E eu pensei: “Bem, se calhar a (...) é que não é muito boa”, e claro só me deitei quando toda a gente se tinha ido deitar.

Francisco - Não. Mas esse era um cartão que também só chegou...

Manuel - E passos sonoros aos pés das tendas a assobiar e a (...)

Francisco - Eu também só tive conhecimento também a seguir à actividade que isto tinha sido feito pelos Suecos, então tinha os nomes dos vários rapazes, acho que também está aqui uma das raparigas aqui da Sueca, então era tipo o cartão, para ver quem é que copulava mais na actividade. Felizmente a actividade correu bem, devemos ter cumprido o nosso papel.

Olga - Isso aí é um ponto?

Francisco - É um ponto. Mas supostamente um ponto é um beijinho.

Helena - E assim: 1 ponto era o beijinho, beijinho normal, 2 pontos é... (risos). Sei lá o (...)

Francisco - Das duas uma ou (...) a pontuação, ou pelo menos as actividade correram de tal maneira...foram de tal maneira,...intensas...

Helena - O 2 era...meio termo

Bernardo - Era mesmo sexo. 2 era...(…)

Ricardo - (….) para dar umas voltas.

Francisco - Felizmente só houve um ponto.

Ricardo - E este score board (risos) Que era do... O verdadeiro está na Suécia (…)

Luísa - Nós estivemos na...

Manuel - A da ponta é que se...

Luísa - Eu tinha dessas conversas com eles e...eles fazia-lhes imensa confusão. De nós...o escutismo cá ser assim.

Francisco - Não. Para eles também deve ser uma espécie de (….) e eles acham normal. Se não se ia começar sexta ou sábado à noite, e ele disse-me tipo se às tantas da manhã a discoteca está fechada, se ainda não têm ninguém a (….) a rapariga ou o rapaz mais próximo de ti, é com quem vão para casa.

Luísa - Depois o ambiente no último dia de acampamento, esse aí foi um bocado...

Helena - Um bocado quê?

Luísa - “Então vamos embora sem...”

Manuel - Sem três?...

Luísa - Sem nada...(…)

Manuel - E agora?

Francisco - Hum?

Manuel - E agora? E agora? Ou seja, qual é a nossa abordagem...

Bernardo - Mas eu acho que estamos a viver em países, mas... (….) mesmo dentro de Portugal, o escutismo...há escutismo assim, extremamente...há agrupamentos que... só no estrangeiro e depois há outros que são completamente...direitos e seguem tudo à risca e...

Francisco - (….) por uma abordagem que é feita...

Luísa - Há muitas realidades. Há agrupamentos que têm realidades que não têm nada a ver connosco.

Francisco - A sério. Não é preciso ir muito longe. Na última actividade que nós tivemos com um clã amigo, às tantas ir numa caminhada em que era suposto ter restringido o peso (…), agora fugindo novamente da questão sexo e voltando à questão álcool, que para nós também é proibido em actividade, só apenas em circunstâncias muito especiais, como já tivemos, uma mostra de cultura portuguesa em Itália da última vez...

Luísa - Hum...isso é (…)

Francisco - Nós na ultima caminhada, um dos caminheiros de outro acampamento tinha na mochila nada mais nada menos do que dois litros de cerveja, duas litrosas mais uma garrafa de Vodka, e mais uma porcaria qualquer, e era perfeitamente normal para eles, para aquele clã levarem esta quantidade de álcool. E ainda bem que estávamos a restringir o peso, se não tivesse-mos que restringir o peso (...) (risos) era um barril às costas e esquece o resto das coisas.

Luísa - Bem...uma grade com os (...)

Francisco - Portanto, depende muito do trabalho ou da abordagem que é feita em cada agrupamento.

Helena - E em relação à homossexualidade? Eu digo isto porque houve comentários de rapazes que pelo menos julgavam ser homossexuais e a mãe disse: “Olha meu filho, cuidado não fica muito perto daquele rapaz porque ele é assim um bocado esquisito”, e se ele for mesmo esquisito, (...) os animadores têm que tomar alguma providência...têm que...sei lá...não fazem nada? ficam de vigia pelo menos? Ou...

Francisco - A minha abordagem aí iria (...) como os outros: “Não há sexo. Não há sexo”.

Manuel - Pelo menos que saiba... Que eu não veja... E é desta visão que...

Francisco - Mas aquilo que eu queria dizer...

Helena - (...) nos outros.

Francisco - Não acho que seja preciso tratar como se fosse um problema, uma doença. É uma opção diferente que essa pessoa tem. Acho que se deve tratar exactamente a questão da homossexualidade como se trata...

Helena - Porque isso é marginalizar...querendo ou não, e depois você também tem que abordar os outros elementos todos com relação à realidade de esse um só, para saber viver irmãmente.

Rita - Nós temos um caso de um pioneiro, que ele é assim meio...

Luísa - Aliás ele veio para cá por causa disso.

Bernardo - Ele vai para os caminheiros.

Luísa - Não. Mas ele entrou para Alcateia por causa disso.

Ana - Porque é que vai (...)

Luísa - Entrou para a Alcateia por causa disso, porque o pai principalmente estava muito preocupado e a que lado ele ia dar (...) escuteiros. Ele disse-me a mim que o ia pôr nos escuteiros.

Bernardo - Mas eu acho que aqui nos escuteiros, pelo menos no (local), a ideia que eu tenho do agrupamento é que...

Rita – E ele é muito gozado, é muito complicado.

Francisco - Mas é pelas atitudes afeminadas que ele toma.

Helena - Está bem, mas (...)

Ana - Falas assim,...

Manuel - A forma de ele estar.

Ana - Não. Não é a forma de ele estar.

Luísa - Quem é que se deve pronunciar que é problemático... aquele pai, o ano passado começou a assumir-se como homossexual, perante os outros...

Helena - O Pai??...

Rita - Olha,...nem sabia.

Francisco - Também não. (...)

Luísa - Não. Eu depois tive uma conversa com ele e (...)

Helena - Luísa! Luísa!

Luísa - Não. Não o proibi, mas tive uma conversa com ele acerca de...

Francisco - Mas realimentaste-o sexualmente ou?...

Luísa - Não. Não (...) mas...ele ia contar-vos essas coisas.

Bernardo - Eu acho que aqui no (local) nós temos tido a sorte ou estou muito enganado, que é...as pessoas...o ambiente aqui dentro já...é tão normal dentro da regra. Que não acho que há assim, ou não é preciso, ou não temos assim muita preocupação com a parte sexual das pessoas. Mas ...num campo de férias que o Ricardo estava a falar, que já há isso, que os miúdos já são bem mais (...) aqui lá está, é tudo um bocado mais ou menos a mesma gente, não têm ideias assim muito obtusas, e...agora no caso...

Francisco - Tirando alguns...

Bernardo - Salvo raras exceções...mas...

Luísa - Nós temos (...)

Bernardo - Em geral as pessoas que estão aqui, estão bem formadas.

Luísa - Não. E dentro do acampamento temos em geral, desde os dirigentes...tirando raras exceções (risos) , desde os dirigentes até...é um bom exemplo de que temos conseguido, aliás é uma das coisas que temos conseguido bastante bem no agrupamento, que é manter um clima de relacionamento bastante saudável dentro do agrupamento entre rapazes e raparigas, e mesmo entre os próprio namorados e tudo.

Ricardo - Acho que aí é principalmente porque talvez o objectivo seja impedir que eles estejam lá, namorar, ou estejam lá na marmelada ou como é que se chama...mas também esse é um objectivo, para que isso não aconteça para que não leve a coisas mais graves, mas essencialmente é porque nós temos a consciência também, e isso é uma arma que também usamos, mas também é objectivo de...eles perdem tempo de actividade, e perdem tempo de equipa ou de patrulha, e portanto...o objectivismo do escutismo não é esse.

Luísa - O que eu acho que é saudável, é que nós conseguimos normalmente manter as coisas na ordem sem precisar de estar a falar. Quantas vezes é que tiveste conversas com os miúdos por causa disso? É muito raro.

Bernardo - Lá está. Porque (...)

Luísa - Normalmente é com os novos.

- (...)

Luísa - Normalmente quando é preciso é com os novos.

Bernardo - Isto aqui nos escuteiros é onde a maior parte das pessoas é normal, ou então tem...está bem formada. Agora no caso de um campo de férias, mais lá para Norte, isso já é uma realidade muito vivida e, ...já não uma preocupação. Por isso é que eu também acho que aí estamos bem formados para no caso de ser preciso intervir. Mas acho que passa muito pela actividade. Se...é o que acontece com a...falando da juventude em geral: as pessoas só extremalizam as suas acções se...ou levam para caminhos mais esquisitos se não tiverem nada que os oriente para a frente. Divagam, andam para a esquerda e para a direita e saem de estrada normal. Se tiverem, não é encherem de actividade, mas se os pusermos com outra actividade, com dinâmica, com actividade em que eles sabem para o que é que estão.

- (...)

Bernardo - A tendência é menor para eles se desviarem da situação normal.

Ricardo - Pois, como se costuma dizer, quanto mais tempo (...) para pensar, mais ela (...) porcaria.

Bernardo - E se for (...) nada mal.

Manuel - (...) é o normal deles. Têm a escola. A escola é só isso, depois fora disso, ...aquilo anda tão longe, nem falando da noite total, que as coisas são alimentadas, os vícios são todos alimentados, as ideias ficam todas baralhadas. Mas para ele, tem uma orientação, e...aqui nos escuteiros há uma certa preocupação, ou nos (...) temos de ver. Acho que há uma certa preocupação em orientar, em impor objectivos concretos à

frente, e...pôr desafios que eles nem que...nem digo seu quer deixar de pensar, mas diminuir ao máximo o tempo que eles perdem a pensar nessas coisas.

Luísa - Eu acho que aqui damos-lhes principalmente alternativas, até a pessoa pensar nos namoros e nos beijinhos e (...)

Francisco - Quanto maior for o programa de actividades e mais intenso forem (...)

Helena - (...) esvazia a oficina do (...)

Manuel - Mesmo assim sempre que (...) Francisco sabe qual é, o que é que se passa (...) , nós sabermos que as coisas acontecem, estando nós nos locais onde as coisas acontecem, a nossa preocupação é saber se as pessoas têm uma noção do que estão a fazer. Ou seja, se a actividade sexual nos miúdos que há...

Luísa - Oh Manuel, desculpa lá, mas se dois dos caminheiros decidirem ir para os acampamentos para se meterem na cama um com o outro, eu quero lá saber se eles sabem o que estão a fazer ou se não sabem o que estão a fazer. Quer dizer... eu quero saber mas... (...)

Manuel - (...) Acho que deve haver a preocupação de ... não é saber o que é que eles estão a fazer, é que eles saibam o que eles estão a fazer.

Luísa - Sim.

Manuel - Que eles tenham a informação e a formação, para perceberem o acto que estão a fazerem. E acho que isso é uma preocupação nossa, que deve haver.

- (...)

Francisco - (...) uma coisa: à partida não, vou partir do principio que eu não sei à priori o que se ia passar, saber uma coisa destas após o acto consumado (...) uma conversa para mim...

Manuel - (...) é que haja formação, para todos, não vai ser se foram só vocês os dois, ou se foram só vocês os quatro, haja em termos de formação para todos, (...) (risos) que haja formação e informação para todos, para saberem tudo...não é tudo que vão ter que saber, mas as consequências (...) prática e neste caso também a orientação da igreja em relação...pronto...neste caso...

Luísa - ... e afinal vêm fazer escolhas na vida, ou seja, vão...

Bernardo - Mas e (...) ser escuteiro ao Sábado ou aos (...), pronto ao sábado ele não faz nada porque não se pode fazer e, fora do sábado ser uma pessoa um bocadinho normal e, consoante se mete uma máscara para se ir ao sábado mete a mão na consciência e depois faz isso. (...)

Luísa - Está bem. Mas Bernardo, uma coisa é ires evitar completamente isso.

Bernardo - Não, mas...

Luísa - Toda a gente lhe chama cínica nos escuteiros. Ele é (...) e não sei quê, porque (...): “Ah, eles não andaram na marmelada lá fora porque é que hão de andar nos escuteiros?” . Nos escuteiros não podem andar. Eu sei que eles lá fora vão fumar e vão beber e vão ter outro comportamento. Não vou deixar de tentar de ensiná-los a...terem consciência daquilo que andam a fazer, e que agora...

Helena - Nem que seja...

Luísa - ...agora não vou deixar de proibir aqui só porque lá fora eles vão fazer.

Manuel - Claro. O que eu estou a dizer é que nós numa formação que sabemos que não existe lá fora, e nós temos um meio privilegiadíssimo de dar formação a uma camada importante de juventude, o maior movimento de juventude que há, (...) animadores, dirigentes, que tenham essa oportunidade no campo de dar essa formação de uma maneira simples, de maneira engraçada, de maneira prática...

Luísa - Facilitada.

Manuel - ...facilitada também. Porque é que não aproveitamos essa oportunidade? E deixamos passar, passar. Cá nunca vai acontecer. Ou connosco...

Francisco - Não. Não é isso. Mas (...) a educação, o melhor exemplo que podemos dar não é uma convivência saudável com...? respeito?... Saber estar... Isso é o que nós esperamos que haja... Mas é isso. E dentro da prática tem que haver agora outro tipo de abordagem, outro tipo de...

Manuel - Mas (...) isso. Não basta isso.

Luísa - Hoje em dia já não vai. Eu acho que até à aqui um tempo bastava. Agora cada vez basta menos porque a sociedade tem desmistificado o sexo de tal maneira que criou mitos novos. Antigamente era aquele exagero de que se desse um beijinho ficava à espera de bebé. Agora caímos no contrário, quem não foi para a cama com este ou com aquele, ou depois de ter saído uma vez com um rapaz e não acabar na cama com ele, é normal. Um rapaz que não consiga ir para a cama com uma rapariga ou que não consiga ir para a cama com esta e com aquela e com outra e com...é normal. E...esta desmistificação criou mitos muito mais fortes. Eu acho que os miúdos da idade dos nossos caminheiros agora e para baixo,...estão...os nossos caminheiros ainda nem todos apanharam essa...ainda nem todos estão apanhados nessa, nessa mentalidade. Mas para baixo calculo que vão ficando mais. Com certeza que eu tenho mais relacionamento com os caminheiros, em que eles se sentem profundamente

pressionados para ter uma vida sexual activa. Porque se não tiverem uma vida sexual activa são anormais. São...”betinhos”.

- (...)

Helena - São ridicularizados.

Ricardo - O problema é que muitas vezes essa pressão, é feita por pessoas que também não a têm. Todos fazem pressão para ter, mas nenhum deles tem.

Manuel - Novamente não temos (...), que o animador deve ser.

Luísa - Não. Mas é que o problema é que esta pressão é feita em miúdos.

Manuel - Entre os pares. Entre os seus pares.

Luísa - Não é só. Porque esta pressão não vem só dos miúdos. Esta pressão vem dos meios de publicidade. Era o que o Ricardo estava a dizer à bocado. É os anúncios, é a televisão, é isto, é aquilo, é aqueloutro, e é inclusive os próprios pais que os amigos mais velhos para serem muito porreiros, muito amigalhões: “Então e as namoradas? Já tens namoradas? E o namorado? Já tens namorado? E não sei quê e mais não sei que mais...” E como não têm outra conversa muitas vezes para ter com gente mais nova, a conversa é...

- (risos) (...)

Luísa - ... é os engates e não sei quê e mais não sei que mais e isto e aquilo.

Helena - E há pessoas que também proporcionam isso. Pelo menos no Brasil havia uma época que o normal era os pais levavam os filhos de 14, 15 anos para as prostitutas, para...terem a primeira vez, porque queriam que fossem homens, e...

Francisco - E tu dizes que não, mas também...

Helena - Mas também há uma pressão até por parte deles.

- (...)

Ricardo - (...) não deixou de acontecer alguma coisa.

Helena - Graças a Deus. Ainda bem que não. Mas quer dizer, eu acho que...

Manuel - E não foi há muito tempo.

Helena - Do mesmo que...

Ana - Cá em Portugal foi (...)

Helena - Da mesma forma que estes (...) levaram a isso. Também há amigos ou outras pessoas influentes que possam,...também (...) uma coisa dessas.

- (...) aonde?

Helena - Não. Mas é que isso (...) não é?

Ricardo - Mas não estou a dizer nos centros urbanos. Não estou a dizer nos centros urbanos, em Portugal...acredito, e acredito que ainda haja...

Ricardo - Ainda há... Não há tanto mas assim e não foi há muito tempo que isso deixou de...

- (...)

Ricardo - Hã?

Manuel - E vês em classes altas que...

Rita - Depende.

Manuel - Os próprios pais levarem os filhos a prostitutas.

- (risos)

- (...) digo eu que (...)

Olga - E em que idade é que acham que devem começar essa, essa...porque no fundo somos um movimento educativo, educamos cidadãos para a vida. Quer dizer...em que idade é que isso se deve começar a fazer? E com que contornos? Porque vocês fizeram a distinção entre sexualidade e sexo, e pegando na questão da sexualidade, de que forma e que idade é que se poderá iniciar essa educação?

Ricardo - Eu acho que isso depende (...)

Manuel - (...) “Fizeste 10 anos, então agora anda cá.”

- (...)

Manuel - Isso depende de cada miúdo... Agora...tem é que ser obviamente uma linguagem adaptada...

Rita - Diferente.

Manuel - ...adaptada...um miúdo com...5 anos, percebe mais do que se passa, deve ter...deve ter a formação para a sexualidade. Agora é claro, tem adaptada à idade que tem...uma linguagem que seja uma coisa...que o miúdo perceba. Não é a (...) escalação H. Mas acho que essa educação não deve ser uma coisa normal. Não deve ser...

Olga - Mas quanto mais cedo eles se habituarem, mais naturalmente depois se vai falando as coisas e...

Manuel - Mas quem acabou...carta de condução antes dos 18 anos, nem pensar em não sei quê. Aos 18 anos “Thum! Thum!” É quase o que se passa em relação à sexualidade. Porque as pessoas é: “Até aos 16 anos não vamos falar nisso.” Aos 16 anos: “Tens isto e isto e isto...”

Olga - E se calhar já começou aos 15...

Manuel - Dizemos...em relação à sexualidade deve começar de início...deve começar por uma formação básica...qualquer pessoa. Ora obviamente com uma linguagem adaptada como se faz...a linguagem que se usa com os lobitos e as actividades, tudo isso, é adaptada à idade, os exploradores também, os pioneiros também, e...

Olga - (...) começa pela (...)

Helena - As crianças mais novas

Manuel - (...) deve acompanhar a formação...

Francisco - O que eu acho é que se deve ter cuidado para não se fazer as crianças saltarem etapas na idade. Depois tem de ser com...

Helena - Não. Não é isso...

Francisco - Mas é só no sentido de...parece que às vezes já não sabem...não podem ser crianças...não...

Helena - Não é isso. Mas também há uma curiosidade natural em explorar o seu próprio corpo por parte da criança.

Francisco - Sim. Eu sei (...)

Helena - “Ai que horror meu filho! Não sei quê ... Tira a mão daí!”

- (risos)

Helena - Não sei. Também há formas de explicar, ou de abordar esses temas até com uma naturalidade para não assustar a criança ou para não criar depois conflitos, e ela não chegar depois mais tarde a ter uma boa relação para ter uma boa conversa com você...Isso não resulta...

Manuel - A formação que há da sexualidade nas crianças é...o miúdo pequenino: “A menina tem pipi, o menino tem pilinha”.

Helena - Sim. E basta.

Manuel - Pronto. E se ele diz: “...não sei quê pilinha” ahhh...

Helena - E depois quando perguntam, é responder à pergunta deles. Não é ir mais além, porque a gente tem (...) com tudo e mais alguma coisa, quando (...)

Rita - Ainda ficam completamente baralhados.

Francisco - Por acaso eu tenho que estar às 14h com a criança (...)

Rita - Já tu vais no sétimo livro da enciclopédia (...)

Manuel - Mas eu tirei a primeira frase da primeira folha (...) (risos) (...) primeiro volume.

Luísa - Eu acho que o mais importante é as pessoas terem...abertura para ser capazes de falar com a (...) com os miúdos. Isso acho que nos escuteiros temos bastante...conseguimos criar uma relação bastante mais...

Olga - Próxima...

Luísa - Próxima, e muito mais aberta do que...do que noutros lados. Para já, porque vivemos muito juntos, e depois vivemos...

Manuel - Num ambiente mais informal.

Luísa - ...vivemos...mais informal. Não. Mas (...)

Manuel - (...) nem a sala de aula, nem a sala de casa.

Luísa - Vivemos...temos mais proximidade. Mas depois também vivemos situações extremas. O que é acontece nos escuteiros? Nós (...) com os miúdos às vezes, pelos miúdos e por nós, até às vezes ir (...). E nessas situações, aprendemos a conhecer os outros e aprendemos a conhecemo-nos a nós, e aprendemos, e criamos uma relação muito mais próxima com as pessoas que nos conhecem, melhor, nos escuteiros nós conhecemo-nos muito bem uns aos outros. Porque conhecemos as falhas...os erros, as partes mais fortes, e...por isso ajuda a termos uma proximidade com os miúdos, que é difícil de eles terem com outras pessoas, ou outros adultos.

Olga - O que é que te (...)

Luísa - Para esse tipo de convívios, abre-nos a porta e podemos falar com muito mais naturalidade. Eu sou muito mais...quer dizer eu posso falar com muito mais naturalidade de sexualidade e isso com os meus escuteiros do que com os meus filhos. Com os meus filhos há sempre aquela barreira de que eu sou mãe dos meus filhos.

Francisco - O pior é quando é dois em um.

Luísa - Há uns anos que não tenho nenhum filho na minha secção.

Francisco - Daqui a dois anos.

Luísa - Hã?

Francisco - Daqui a dois anos já lá tens um...

Luísa - Mas com esse eu não consigo falar.

- (risos)

Luísa - Talvez quando ele for meu caminheiro.

Olga - Mas nós começámos esta conversa quando o Bernardo colocou essa questão de que os dirigentes não se sentem preparados para...

Rita - E não. Cada um vai dizendo as coisas um bocado da experiência e da opinião que tem das coisas. Eu se calhar tenho uma opinião de um assunto, ele tem outra (...)

Helena - Ou às vezes nem tem segurança naquilo que sabe, para depois dizer.

Manuel - Se houver segurança que não sabe, já é bom.

Helena - Sim. Mas é que...(risos)...quando sabe...

Luísa - Mas também não podes ajudar muito, porque eles querem pessoas que saibam, que saibam...

Manuel - Está bem. Eu sei. Exacto. Mas o que estou a dizer é...é não ter segurança de que não sei, do que...tentar fazer. Entendes?

- (...)

Manuel - Exactamente.

Luísa - Mas os miúdos às vezes vêm com dúvidas e com questões que é importante haver quem saiba...aliás era o que eu estava a tentar...

Manuel - Por isso é que a formação dos dirigentes é importantíssima.

Luísa - Era o que eu estava à bocado. Antigamente, se calhar, só o nosso convívio são, chegava para educar os afectos dos nossos miúdos...

- (...)

Luísa - ...miúdos. Hoje em dia também acreditem que...acho que já não chega. Acho que nós temos que ter solução.

Francisco - Mas se calhar não ia bastar essa...com a educação saudável que nós promovemos, e a estar em aberto a...

- (...)

Francisco - ...a esclarecê-los sempre que solicitados para isso.

Luísa - Mas esclarecê-los em quê?

Francisco - Não sei. No que (...)

Ricardo - Sim. Mas a questão, a questão está exactamente aí.

Luísa - Eles sabem mais que tu hoje em dia. Eles sabem de mais.

Francisco - Certo. E cada vez mais cedo.

Luísa - Bem, e há (...)

Helena - Eles acham que sabem.

- (...)

Helena - Não sei se sabem assim tanto...

Bernardo - Não. Eles acham que sabem

Helena - (...) as perguntas nas revistas e não sei quê....

Ricardo - Não sabem. A questão é essa. A questão é essa.

Luísa - Não sabem.

Manuel - (...) são feitas pelas editoras.

Helena - Está bem. Mas (...)

- (risos)

Ana - Mas espero que seja. Espero que seja mesmo.

- (risos)

Manuel - Posso apresentar-lhe dois ou três (...) ?

Helena - Não. Mas...

- (risos)

Helena - Não. Mas há uns tempos atrás houve um inquérito qualquer nas escolas sobre a sexualidade e que realmente eles mostraram que não sabem.

Manuel - Eu sei. Mostraram que não sabem.

Luísa - Não. O que eles sabem (...)

Helena - O que sabem está mal.

Luísa - Pois...a maior parte. Mas eles acham que sabem, e sabem muita coisa. Só que a maior parte das coisas está errada.

Olga - Que mitos é que acham que estão ainda assim...vigentes?

Luísa - Ainda?...

Olga - Ou novos, ou velhos, ou...?

Helena - De como engravidar. Acho que alguns não têm noção de que podem engravidar com uma maior facilidade de que pensam.

Manuel - Sim...a facilidade. O mito é mais de como não engravidar.

Helena - Como não...

Manuel - Um tipo dar (...) voltas sobre ele próprio, bate três vezes no chão e não engravida.

Rita - E que na primeira vez nunca se engravida.

Manuel - Exactamente.

Rita - Mas...quase regra: nenhuma.

Manuel - Exacto.

Luísa - (...) há (...) peso...

- (risos).

Luísa - ... excepção à regra.

Helena - Que consequências também em relação a contraceptivos e não sei quê, a pílula do dia seguinte ou mesmo o próprio aborto, as consequências que traz para uma rapariga e principalmente quanto mais nova, mais grave é...em termos psicológicos,

físicos...e pronto...na integridade da rapariga. Acho que eles não têm noção do que é que é...todos os (...) traem muito isso.

Luísa - Aliás, algum dos mitos de hoje em dia...são propagados pelo...

Helena - Que fazer o aborto é muito...

Luísa - Não. Mas são propagados pela própria sociedade.

Helena - Sim.

Luísa - Fazer o aborto é nada. Não tem importância nenhuma, antes pelo contrário ajuda a menina, é uma ajuda à menina, que os preservativos evitam a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, o que é mentira, pode evitar algumas mas não evita todas, e não evita completamente nenhuma. Que...estes dois, ...

- (risos) ...(...)

Ana - Ficaste assustado de repente...

Luísa - Eu estou a preparar uma formação... (risos)... Estes dois mitos, são mitos que é a própria, a nossa própria sociedade, que está propositadamente a lançar. Mas qualquer médico sabe que isto é mentira. Se quisesse (...). Qualquer senhor deputado sabe que isto é mentira...e cada vez continuam...

Ricardo - E falaste das próprias doenças sexualmente transmissíveis, fora sida, são um mito. São um mito, são um tabu, é coisa que não se fala.

Helena - E a prova é...

Ricardo - Porque se pensa que é...são doenças do século passado...

Rita - E pensa-se que tudo acontece aos outros...

Ricardo - Para além disso, para além disso, mas isso é um mal nosso. É de cada um de nós. Isso é um mal do...

Luísa - Não. E é também uma característica da adolescência.

Ricardo - ...mal do...da humanidade.

Helena - Mas a própria pílula, acho que também. Há muitas raparigas que esquecem de tomar um dia, mas depois tomam no dia seguinte e acham que isso não tem efeito nenhum.

Manuel - Tomam duas no (...)

Helena - Ou tomam duas, tomam três, "Ai (...) vou-me prevenir mais, tomo quatro todos os dias", percebem? Eles não têm formação e não sabem sequer como lidar com isso. E há tipos de pílulas para cada rapariga (...) seu funcionamento.

Luísa - Há as médicas ginecologistas que dão a pílula para que as pessoas se previnam.

Helena - E há a para borbulhas, para não sei quê, para se regularizarem...

Luísa - Quer dizer, não é norma...é para se descansar as mãezinhas.

Helena - Sim.

Luísa - Porque assim estão descansadas. Só que as miúdas que estão a tomar a pílula para as dores de barriga, se não tomarem um dia não se preocupam muito.

Helena - Mas a própria pílula também tem efeito sobre o corpo da mulher.

Luísa - Pois tem.

Helena - E isso as pessoas não expõem também.

Luísa - Pois não.

Ricardo - Sim, porque a médica não (...) pílula certa... (risos)

Luísa - Aliás, eu estou a dizer isto porque foi uma amiga de uma amiga minha que é médica ginecologista que me disse: “Mas tens que dar (...) isso à sua filha”, eu disse: “Não. Obrigado”, “Ai eu dei logo às minhas filhas, que assim fiquei logo descansada. E ao rapaz...”

Francisco - (...) ensinar nada, toma a pílula e...

Luísa - ...e ao rapaz, dou-lhe sempre...sou eu que lhe compro os preservativos”. Eu disse-lhe: “Eu não. Se encontrar um lá em casa vai logo para o lixo.”, “Ai que horror!”, “É mesmo assim.”

Helena - Às vezes tomam pílula até escondido. Os pais não sabem, as mães não sabem. Não têm orientação nenhuma, e se calhar não perguntam a uma médica, ou...acham que sabem.

Manuel - Isto quando é por uma médica. Quando é a pílula (...) também lhe diz: “Toma esta não sei quê (...)

Helena - Eu por acaso tenho curiosidade em saber o que tem aquele planeamento familiar. Porque eu já ouvi jovens, casais jovens que a seguir à primeira vez procuram um planeamento familiar.

Manuel - Há consultas de planeamento familiar que funcionam bem.

Luísa - Há consultas de planeamento familiar que funcionam bem, e para além disso...

Helena - De que é que falam?...

Luísa - ...além disso, na nova biblioteca de (local), uma parte de planeamento familiar com consulta de ginecologia, onde recebem miúdas de 12, 13, 14 ou 15 anos, as idade todas, miúdas ou rapazes, sem conhecimento dos pais. Quando isto foi inaugurado veio no jornal das regiões e a sala que por acaso as fotografaram, tinha uma médica de ginecologia.

Ricardo - E agora eu pergunto, achas isso mal? O não conhecimento dos pais? Porquê?

Luísa - Porque a sociedade está a retirar a autoridade dos pais...

Rita - Até uma certa idade também acho que sim.

Manuel - Depende dos meios. Há meios onde isso é (...)

Ricardo - Eu acho que se calhar...

Luísa - Até aos 18 anos.

Ricardo - Eu uma coisa que o Bernardo disse muito bem: "Já que em casa não se fala..."

Francisco - Não se fala. Era isso que eu estava a pensar.

Ricardo - E independentemente das coisas que se vêm cá fora...

Luísa - Uma coisa é falar. Outra coisa é receberem miúdas e fornecerem-lhes métodos de planeamento familiar, que muitas vezes são prejudiciais para a vida delas e para a saúde delas e tudo, sem conhecimento dos pais.

Ricardo - Aí concordo.

Helena - Mas é aí (...) eles não vão lá para essas consultas (...) tratamento.

- (...)

Luísa - ...fornecimentos de métodos de planeamento familiar.

Ricardo - Mas isto é que podia ser só de informação.

Luísa - Não. Não. Não.

Ricardo - Eu acho que se for informação (...) nada contra.

Olga - A maior parte das (...) recorrem a esse tipo de coisas é mesmo para arranjam os contraceptivos e assim...

Luísa - Depende da formação. Porque a formação que tem sido dada nas outras (...)

Ricardo - Não. Não é formação. É informação.

Luísa - Mas a formação ou a informação que tem sido dada nas escolas...houve um grupo de médicos aqui em Cascais que se juntaram com muitas boas intenções para darem informação. E eu quer dizer, cruzei-me com a informação deles em várias etapas. Depois chegavam a casa e iam contando. E a informação é toda baseada no planeamento familiar...da contraceção...só. Para pura e simplesmente métodos de contraceção. Isso não é informação. A sexualidade tem muito mais a ver do que pura e simplesmente contraceção.

Helena - Até o próprio funcionamento do corpo e a adaptação do corpo (...)

Luísa - Eles ensinavam na medida de que era necessário com base para compreender os métodos contraceptivos, e mais nada.

Olga - Eu acho que falou aí numa coisa que eu considero muito importante, que é a questão da afectividade na educação para os afectos, e pegando naquilo que vocês estão a dizer, de que forma é que nós podemos fazê-lo no escutismo? Porque como o Bernardo disse, somos a maior associação juvenil do país. Somos 70 000, sensivelmente, 10 000 dirigentes, 60 000 miúdos se calhar com uma boa formação para os afectos em primeira-mão e se calhar depois para a sexualidade, se calhar a formação inter-pares iria funcionando a favor destas coisas. Agora de que forma é que se poderia...

Manuel - Lá está uma coisa que nós temos de boa, deve ser promovida, que é não (...) os afectos. Que é uma coisa que no escutismo é feito. Em quase todo o lado se inibem os afectos...em que não há...

Olga - De que forma Manuel?

Manuel - Eu não sei..."Luísa, minha filha..." eu, um meio social posso inibir o afecto chegando a casa e não lhe dar um beijinho à Luísa, vejo na rua...não há, as pessoas têm medo. Se eu andar de mão dada com a Luísa, pode ser visto mal. Eu sou pai a Luísa é filha. E aí os miúdos depois também passam um bocadinho isso. Acho que nós em termos de escutismo não há tanto essa inibição porque é uma coisa normalíssima.

Luísa - Não há aqui no (...) não sei se (...)

Manuel - Pois tens razão, tens razão.

Luísa - Se é assim...

Manuel - Estamos os dois a correr (...) o chefe, o...Ricardo: "Vai lá dar um abraço à Ana Rita, vou passar, fizeste não sei quê..." Acho que é desinibir afectos. O que é natural e que é muito (...) O Ricardo dizer (...), se calhar no Norte se o Ricardo for dar um grande abraço à Ana Rita...

Luísa - O agrupamento fecha porque os pais chamam lá (...) (risos)

Manuel - É uma coisa perfeitamente (...) aí nós promovemos também a afectividade que passa também um bocadinho por aí. Não é só, nem é...mas acho que essa desinibição de afectos é importante para eles perceberem que é natural.

Helena - Mas também há necessidades de afectos diferentes.

Manuel - Claro que há, obviamente.

Helena - Os Lobitos é natural que procurem mais e obtenham mais afectos.

Manuel - Mas isso também se vê, nos Lobitos vê-se muito que eles nos escuteiros vêm buscar afectos nos dirigentes que não têm...

Francisco - Em casa.

Manuel - ...não têm em casa.

Ricardo - Ah, perfeitamente.

Manuel - Que é a tal coisa da mãe galinha. Em que se vê os Lobitos que estão mais carenciados, ...

Ana - E os Exploradores também.

Manuel - Mas ainda não estão naquela idade que ainda não...

Helena - Sim. Mas não é (...)

Manuel - Porque ainda não retraem a (...) enquanto não percebem são colados permanentemente, pedem atenção, pedem carinho. Portanto os mais velhos começam a dizer: “ (...) precisa na mesma...

Helena - Sim. E no (...)

Manuel - E acho que isso passa também um bocadinho por nós de fazermos com que a demonstração à afectividade seja uma coisa normal. Não é a promoção...é uma coisa normal ir dar um beijinho a uma miúda que passou (...) uma coisa extraordinária, nem que seja assim que a vejo: “Olá. Tudo bem? Um beijinho para trás e para a frente. Vi a ontem, vi a hoje, sempre que a vejo vou-lhe dar um beijinho”

Olga - Essa miúda (...) gosta de dar beijinhos...

Manuel - Vejo-te agora. Mas,...é uma demonstração de afecto normal e que tem que ser entendida como natural.

Luísa - Aliás eu vou-vos confessar uma coisa: eu quando entrei para os escuteiros eu fiquei chocadíssima com isso. Porque andavam sempre todos amontoados em cima um dos outros.

Helena - A maior parte...

- (...)

Helena - Não se pode exagerar. Também tens que saber que vais (...).

Ricardo - Eu na altura fazia (...)

Luísa - Mas não tem mal. Não tem mal, (...)

- (...)

Manuel - O jogo da (...)

- (risos)

Luísa - Não. Comparado com aquilo que ele estava habituado, que era: “Não me toques”. Chegava aqui, por exemplo à noite, está toda a gente, está tudo encostado num canto, todos por cima uns dos outros, adormecem uns por cima dos outros e não sei quê, fazia-me muita confusão.

- (...)

- (risos)

Luísa - Quer dizer...os escuteiros tocaram os meus afectos também.

Manuel - Vá lá...

Luísa - Já não me faz diferença nenhuma, mas

Francisco - Estás desinibida?...

Luísa - Estou muito mais desinibida.

- (risos)

Luísa - Mas ao principio fazia-me um bocado de confusão,...

Manuel - Aliás ainda faz a cultura portuguesa dar muitos beijinhos, portanto...(...) muito secos, bacalhaus secos, passou bens, melões e distância...

Luísa - Mas aí nem (...) beijinhos dava. (...) de manhã e à noite, mais nada.

Francisco - Só uma questão muito rápida dos nossos amigos suecos, porque faz-me uma confusão uma coisa que era, se calhar quando eles estavam aos beijinhos e abraços...

Manuel - (...) iam para a tenda.

Francisco - Não. Quando estão aos...

- (risos)

Francisco - Mas como estão a ser (...) são muito mais (...) do que nós, são capazes de estender a mão, não são capazes de dar um beijinho, mas depois muito mais rapidamente...

Manuel - Vão para a cama.

Francisco - ...rapidamente vão para a cama.

Manuel - Perfeitamente.

Luísa - (...) e são muito mais frios quando estão ali frente a uma pessoa, mas... E sabes porquê?

Francisco - Mas depois assim sem mais nem menos são capazes de atacar (...)

Luísa - Não. Eles são muito mais frios do que nós. Aquela actividade que eles tinham do abraço em grupo, que era a que fazia duas filas, e depois as filas iam-se abraçando uns aos outros. Isso é uma educação de afectos deles. Que é o serem capazes de se abraçarem a outras pessoas. Porque eles não são. O que eles (...)

Helena - O Jonas era uma pedra era. Era horrível abraçar o Jonas.

- (risos)

- (...)

Helena - Não. Mas também há isto: uma pessoa que se chegue ao pé da outra para manifestar esse afecto, às vezes também pode não ser bem recebida.

Luísa - Não. Mas eu já o (...), por isso é que as...isso fazia parte da educação dos (...)

Helena - Isso também faz parte da educação dos...filhos.

Ricardo - Nesse aspectos os portugueses são muito mais afectivos de uma forma geral. Porque temos o hábito de cumprimentar raparigas, os rapazes, raparigas e as raparigas entre si, com dois beijos neste caso, ou um ou três, não interessa. Quando noutros países essa cultura nem sequer existe. A cultura “beijinho” não existe.

Olga - Mas isso é...isso é...

Ricardo - Rapazes e raparigas a cumprimentar é com um passou-bem, (...) Exactamente, (...) na Bélgica ou na Holanda. Não é...por exemplo os franceses já se cumprimentam com três beijinhos e os suíços também, etc. E relativamente à Suécia, tenho um amigo meu que esteve lá a estagiar, que ele é do Algarve, e na altura até era descomprometido e não lhe fazia confusão nenhuma a questão do sexo de cada dia com uma diferente, e ele acabou por “se fartar, se chatear”, não é pelo facto de: “Ah já estou cansado de...todos os dias a mesma coisa!”. Não. É porque não há envolvimento. É sexo puro e duro. Não há envolvimento. Não há afectividade nenhuma. É mesmo, chega, vai e já está. E pronto, e portanto, e nós portugueses não somos assim. Portanto a questão da afectividade, também é importante, e portanto nessas culturas que essa afectividade não existe tanto...não estamos habituados, e portanto nós gostamos de cultivar essa afectividade e, eu acho que nós...lá está, no Estoril, pelo menos é uma coisa que eu me lembro desde sempre de...de estamos sempre todos muito à vontade uns com os outros, mesmo a brincadeira dos “moches”, se calhar isso é uma demonstração de afecto e não nos importamos do contacto, de tocar nas pessoas e não sei quê,...

Olga - Então...(...)

Ricardo - ...porque, se calhar há pessoas que não gostam daquele,...de se sentir apertados e o calor e as pessoas estarem...

Helena - Também há que respeitar essas pessoas.

Ricardo - Exacto. E depois também se criam...também se criam grandes amizades. A questão de se criarem grandes amizades também é uma forma, acho eu, de demonstrar que a afectividade também está presente.

Luísa - Mas estávamos a falar da educação dada dos afectos. Eu acho que nós nos escuteiros fazemos muito pela educação dos afectos. Mas...

Ricardo - Mas eu acho que fazemos isso inconscientemente.

Luísa - Não. Muitas vezes é um trabalho em equipa.

Francisco - (...) de uma forma subtil...

Ricardo - Não. Não fazemos sequer pensar. Eu não penso na educação dos afectos.

Luísa - Não. Mas o trabalho em equipa, ajuda muito a educar os afectos. Porque ajuda a...

Ricardo - Claro que sim.

Luísa - ...ajuda a...para já a pôr-nos a trabalhar em conjunto. Ao pôr-nos a trabalhar em conjunto, de certa maneira estamos a educar os afectos deles. Porque estamos a...obrigá-los a trabalhar todos para o mesmo objectivo, e isso vai fazer com que eles se sintam afectivamente ligados uns com os outros. Aliás todos nós encontramos um escuteiro ao fim de uma data de anos e é uma festa!

Olga - Até mesmo quando não o conhecemos. Basta ter...

Luísa - Até mesmo quando não o conhecemos, mas...

- (...)

- (risos)

Luísa - Todos nós vamos para actividades em que digam: "Ai eu fui escuteiro, e tive com um senhor..." e ficam horas a falar conosco e a falar das actividades, e do que fez e do que não fez...

Ana - Era teu amigo Luísa. E (...)

Luísa - Não é isso...

Ana - (...) teu amigo (...)

Luísa - Por acaso não gosto nada dele.

- (risos)

Helena - Luísa (...) algumas vezes.

Rita - Mas ele não justificou (...) na festa (...) nos escuteiros há não sei quantos anos.

Ana - Eu também (...) também.

Luísa - Mas, deste não gosto, apesar de ele ter sido escuteiro. Não gosto da postura...

Ana - Mas ele gostava de ti.

Luísa - Ah. Ele gosta é de conversa. Não tinha mais nada que fazer... Comia dos nossos biscoitos também.

- (risos)

Ana - E os miúdos depois comeram todos (...)

Olga - Como é que acham assim para...como é que acham então que deve ser feita essa formação para dirigentes? Com os miúdos, e aí concordo inteiramente com vocês que se

deve esperar, e aquilo que se aprende no estágio é bem aprendido, que se deve responder só à pergunta deles e...

Helena - Ao nível deles...

Olga - ...e que deve surgir, normalmente há miúdos que surge muito mais cedo, porque...ou porque vão ter irmãos, ou porque já não acreditam na cegonha e: “Não. Não. Desculpa lá, vai lá tu aprender porque estás mas é enganado”...

Helena - “Ah, eu até vi na novela como é que se faz.”, ou...

Olga - Exactamente...

Manuel - Com o (...) e tudo ele também já não ...

Olga - ...também já não alinha nessa, mas também não se deve adiantar e deve-se...cada miúdo tem o seu tempo próprio. Mas em relação aos dirigentes, eu devo-vos dizer que há dirigentes que vivem muito mal a sua própria sexualidade. Quer dizer, eles lidam com os nossos miúdos semanalmente, agora: de que forma é que nós poderemos em termos de associação, ajudar, ou formar, ou educar, ou...?

Manuel - Acho que a própria associação se deve desinibir. Nós temos uma camada...

Luísa - Até que ponto?...

Manuel- Não...(...) QB.

- (risos)

Manuel - Nós também só (...) (risos) acho que nós temos ainda, ainda temos velhos...caquéticos, ainda temos muitos dirigentes velhos para quem falar de sexualidade não é fácil. É dar no mesmo, esqueçam! Pronto,...e acho que enquanto assim estiver, não vamos avançar muito.

Luísa - Não. Mas eu acho que esse é para esquecer. Porque os próprios miúdos conseguem compreender isso.

Manuel - Eu sei. Mas isso encrava o sistema.

Luísa - Não. Mas os próprios (...)

Francisco - Mas esses os miúdos não vão falar com eles.

Manuel - (...) mas nós não estamos a falar para dez ou para vinte miúdos, o que fizemos é para o movimento inteiro.

Luísa - Mas a maioria dos nossos dirigentes são novos.

Helena - Eu acho que (...) geral...

Manuel - Nós temos que fazer...o melhor sitio onde temos isso é nos CIP's neste momento.

Olga - Nós temos dirigentes...

Manuel - Toda a gente tem que (...)

Olga - Nós temos dirigentes novos que têm muitos problemas em lidar com estas questões.

Manuel - Em 10 000, se não tiveres...(…)

Helena - Eu acho que no geral não há essa abertura tão há vontade para tratar do assunto. E até não há essa orientação tão segura por parte...novos, velhos, até por parte da igreja com relação ao assunto. Porque poucos abordam. Até é de certa forma (...) um assunto assim um bocado...

Manuel - Mas se eu fôr para uma acção de formação sobre sexualidade, em que sei que se vai falar de tudo, eu digo: ainda bem. Se eu for ter com um dirigente de sessenta e tal anos, sei lá: “Vamos ter uma formação sobre sexualidade onde se vai falar de tudo”...

- (risos)

Manuel - ...nem pensar.

Helena - Está bem. Mas também envolve os pais. Os pais também podem não querer que os filhos façam parte, percebe? Também há um...

Manuel - Mas esta educação deve ser uma coisa natural, do próprio movimento.

Luísa - Sim. Eu acho que os nossos dirigentes precisam de formação.

Manuel - Precisam. E não deve ser uma coisa extraordinária onde vaia-se saber que houve uma acção de formação sobre sexualidade nos escuteiros, ou no escutismo.

Luísa - Principalmente se for (...) dirigentes.

- (risos)

Manuel - Não tem que ser surpresa. Tem que ser natural o percurso de formação que nós damos no...nesta...na caminhada... (...) lobito, ou...

Francisco - É mais uma área de progresso.

Manuel - Exactamente. Que é natural. E que deve ser...agora...não queremos ser os super-heróis que sabemos tudo, os formadores, os sexólogos do movimento.

Helena - Eu acho que tem...

Manuel - Por isso é que...nós vemos assim. Como alguns bons aí na parte da (...) que são uns óptimos a explicar nos nós, outros óptimos a explicar socorrismo, outros óptimos a explicar seja lá o que for, também deve haver também em termos de formação, gente que seja, ...que esteja apta para esse encaminhamento. Seja em termos de núcleo, seja em termos de região, que possa haver (...) acompanhamento e que haja formação para os dirigentes...todos.

Helena - Eu acho até que...

Manuel - Ainda é cedo.

Helena - ...se houver um paralelismo até com um...desenvolvimento moral ligado com a sexualidade, até acho que é bem mais...

Manuel - Aí já temos...(risos)

Helena - Sim. Mas é melhor. As pessoas aceitam melhor do que se for só isolado, quer dizer só a parte da sexologia em si, não envolvendo depois valores, princípios e a moralidade...que está presente, que faz parte da consciência das pessoas.

Manuel - Eu percebo e nós temos. Temos obviamente na fé católica, temos...sabemos por onde devemos de ir...

Helena - Sabemos, mas nem todos sabem...

Manuel - Sim. Nem sempre sabemos por onde devemos ir, agora...não devemos...

Helena - Nem todos sabem...

Manuel - ...não devemos...pintar uma coisa diferente e nem irmos por outros caminhos por uma coisa que queremos que seja claríssima.

Helena - Pois. É isso. Eu só acho que tem que estar paralelo. Eu acho que tem que haver um equilíbrio entre as duas partes na formação.

Manuel - Sim. Sim.

Helena - Porque até acho que dá uma certa credibilidade para essa formação.

Manuel - O que eu acho é que não devemos é esconder nem dizermos: “vamos por aqui...” e afinal vamos por outro que o ...

Helena - Não. Isso nunca.

Manuel - Nós devemos ser muito claros e as pessoas devem saber exactamente como é que são as coisas.

Helena - Porque isso é uma boa orientação. É uma orientação segura. E essas, as pessoas seguem. Agora uma orientação frágil e que também não é nada segura, e que não vem de fontes credíveis, acho que não...acho que ninguém segue, ou dificilmente vão seguir.

Manuel - Aliás, como devíamos (...) era quase uma avaliação psicológica dos próprios dirigentes.

Helena - Sim. Que (...) dirigentes.

- (risos)

Helena - Ficamos com o emprego.

Manuel - Se calhar era melhor... Bom, mas assim é muito mais longe, isso aí é para outras...

Luísa - Isso pode-se discutir, mas o que é certo, é ... (...)

- (risos)

Manuel - Então , mas é uma coisa (...)

Luísa - Os nossos resultados, se tu fores ver não são tão maus como isso, antes pelo contrário. Por isso...acho que...

Manuel - Se calhar...(...) exactamente!

- (...)

Helena - Sim. Mas isso para outras realidades....

Luísa - Em termos da educação que estamos a dar...Hã?...

Helena - Para outra realidades, eu acho que a gente não está a falar no geral.

Luísa - Não. Eu estou a falar no geral. Quem passou pelos escuteiros, tem uma melhor formação e uma melhor bagagem para lidar com os afectos e inclusive a sua sexualidade. Para lidar com a questão, por exemplo da responsabilidade, da disciplina, de trabalho árduo, de entrega a objectivos, do que os outros miúdos que não passaram pelos escuteiros. E isto são bons resultados.

Manuel - É a triste realidade de que tiveram qualquer coisa e não tiveram nada. Aqui (...)

Luísa - Ou seja, apesar de todas as falhas e aquilo em que os nossos dirigentes ficam aquém daquilo que nós gostaríamos, e que nós próprios ficamos também aquém daquilo que nós gostaríamos...o que é certo é que o nosso método de educação dá resultado, dá bons resultados. Se calhar podia dar melhores. Se calhar podemos trabalhar para que vá dar melhores resultados. E há uma coisa que eu acho que temos que ter o cuidado de não nos deixarmos ultrapassar pelos tempos. O que é certo é que hoje em dia eu acho que a sexualidade...a formação a nível da sexualidade faz falta. Formação técnica. Porque...está.era um tema...era tabu. Estava o assunto resolvido. Porque não se falava nisso...

- (risos)

Luísa - Era fácil de resolver. Agora...não só se fala como se vive de uma maneira muito mais...às vezes muito desordenada. Antigamente era o que o Francisco estava a dizer...educávamos os afectos pelo nosso exemplo. Hoje em dia os exemplos já são tantos, e eles têm fora dos escuteiros exemplos tão contrários ao nosso, e tantos exemplos que só o nosso já não chega. Temos que lhes dar razões, temos que lhes dar...

Helena - Orientações.

Luísa - ...dar orientações, que a maior parte das pessoas não têm. Eu por exemplo fui fazer um curso de sexualidade e ajudou-me imenso. Fui fazer um curso de sexualidade para ver se o curso era bom e para...para ajudar os meus filhos. Estavam todos na altura da adolescência e nunca tive propriamente problemas em falar com eles, aliás sempre tentei educar a sexualidade dos meus filhos desde que eles nasceram, falando há vontade com eles e tudo... Com alguns foi mais difícil porque não estão comigo desde que nasceram, então vão começar (...) desde que nasceram, podia começar mais tarde mas...e até por isto também, achei que precisava de mais... é um tema de que eu tenho falado muitas horas, tenho muitas horas de prática...

- (...)

Luísa - ...prática...e...se me pudessem ter dado mais do que aquilo que eu tinha, óptimo. Porque no curso deram-me muito mais, e deram-me o principal. Não é que propriamente eu tinha aprendido muita coisa, só que aprendi maneiras de expressar aquilo que eu sinto...

- (...)

Luísa - ...sinto...que antes eu não tinha. Explicar aquilo que eu quero e as razões porque quero, que eu antes não tinha maneira de falar com os meus filhos. Havia certas coisas que eu sabia, mas...não as sabia transmitir. Eu sabia ou dizia-lhes: “ (...) vai para ali” , “Mas porquê?” , “Porque é para ali que se deve ir...”. Agora, porque é que é para ali que se deve ir? Era...a dificuldade é isso. Agora depois de fazer este curso, eu consigo dizer-lhes (...) e já preciso de dizer-lhes: “Vai para ali.”, disse: “Olha, eu acho que o melhor caminho é para ali, porque isto e isto e isto.” . tenho um raciocínio e uma série de...

Helena - Argumentações.

Luísa - ...série de argumentações que antes não tinha, e que têm-me ajudado imenso.
(...)

Francisco - (...) formação no sitio da barra, porque (...)

Luísa - Aliás, os chefes de equipa, uma das coisas que pediram, foi uma formação em sexualidade. Quando eu perguntei da outra vez quais eram os temas que eles queriam, uma das coisas que eles falaram foi sexualidade.

Olga - É assim: (...) pessoas sentem falta de alguma coisa.

Luísa - E eram os chefes de equipa dos caminheiros...

- (...)

Helena - Na escola não ensinam. Em casa não falam. Nos escuteiros, ...mal ou assim...quer dizer de onde é que eles extraem essa formação toda ou uma fonte...eles não têm uma fonte segura a quem recorrer para depois terem.

- (...)

Helena - Há também, (...)

Luísa - Isso é deformação.

Helena - Sim.

Rita - Foi o que nós tivemos, no fundo...(....).

Helena - E se nos escuteiros pelo menos houver essa fonte segura...

Olga - A nós também acho que nos custa mais se (...) se não tivermos esse...essa informação.

Helena - Pois. Eles têm que começar por nós para depois chegar aos miúdos.

Olga - É um bocadinho a ideia que...é um bocadinho essa a ideia do mestrado. Eu não acredito em teses de mestrado para ficarem nas prateleiras. Sou sincera. Por isso não vale a pena. Pronto...e a ideia é um bocadinho realmente essa: é tentar perceber de que forma a nossa associação vê a sexualidade e de que forma é que vê que ela pode ser trabalhada, porque...não basta pegar nas pessoas: “Agora vamos falar de sexualidade!” Isso não funciona. Nitidamente não é? E é preciso saber até que ponto e em que níveis é que as coisas estão porque...

Helena - Até porque acho que tem uma coisa que é: as pessoas não procuram uma vez só a formação... Porque há os períodos em que depois com a prática tem mais dúvidas ainda e...

Olga - Exactamente.

Helena - ...e estão mais inseguras ainda, e voltam outra vez. Ele (...) para depois voltar, ou ter mais informação ou formação, para depois se ir formando...

Manuel - Até para ganhar confiança...

Helena - ...formando...e ganhar confiança.

Manuel - Até noutros cursos de formação em que as primeiras sessões está tudo calado e nas segundas já estão mais à vontade, já falam melhor com o grupo, já tiveram dois intervalos, onde deu para conversar, já estão mais à vontade, já não estão tão inibidos para fazer certas perguntas...

Helena - Isso é uma formação continua...

Manuel - E depois já direitos a casa, começam a descodificar isto tudo: “Mas será que isto assim, assim, assim...”, vai aumentar, é a tal história.

Helena - Tem que ser uma formação continua.

Olga - Sim. Nestas áreas sobretudo...porque são áreas muito melindrosas e uma das experiências que eu tenho tido é que por exemplo nestas conversas mais informais, os dirigentes na sua maioria sentem esta dificuldade e expressam-nas. Mas é sempre em (...) muito pequenos. Sempre. E nunca poderá ser formações para grandes grupos. Terão que ser sempre coisas, ...porque isto mexe com os sentimentos de cada um. Como eu vos disse, há dirigentes que têm exposto algumas das suas experiências. Por acaso por causa daquele mito demos uma coisa muito engraçada há uns dias, por causa do mito de não engravidar pela primeira vez. Houve um dirigente com cinquenta e poucos anos disse: “Os adultos hoje em dia pensam que não se engravida pela primeira vez mas isso é mentira e eu experienciei isso.” Pronto, e estas coisas quando as pessoas verbalizam coisas muito pessoais, é sinal de que já começa a haver um certo à vontade...e não sei se concordam muito com a questão da idade. E infelizmente tenho visto dirigentes muito novos com atitudes muito pouco...coisas tão...tão como isto: Houve uma situação de um dirigente que foi dito por...de um dirigente relativamente novo que uma miúda teve a menarca pela primeira vez e ele desatou aos berros no acampamento que não sabia o que havia de fazer. Todo o acampamento ficou a saber que a miúda tinha tido a menarca. Isto para a miúda foi extremamente traumatizante como podem calcular, sobretudo como a mãe não tinha explicado que aquilo poderia suceder.

- (...)

- (risos)

Helena - Ah!...(...)

Olga - Mas é assim, apesar de ser um bocadinho residual...

Francisco - Mas ainda existem destas situações...

Olga - Mas ainda existem destas situações...e as pessoas não sabem como lidar às vezes com situações tão simples.

Francisco - Não. Mas às vezes...

Manuel - E se calhar em vez de ter os tais preservativos na caixa de primeiro socorros, se calhar era uma boa ideia, de vez em quando meter lá uns pensos higiénicos.

Helena - Isso (...)

Manuel - Mas há agrupamentos que não...

Rita - Nós levamos sempre. (...) fazem sempre falta, depois temos que comprar. O que é uma chatice (...)

Manuel - As raparigas que têm (...) não há formação...

Francisco - Mas uma coisa: isso que eu estava a dizer...

- (...)...

Francisco - Em relação a isso, eu acho que há certas coisas que depois também são muito difíceis de educar, neste caso os dirigentes, mesmo que o dirigente não saiba o que fazer ou como lidar com a situação (...) é também uma falta de sensibilidade. Se nós...é não saber, e não saber estar...

- (...)

Francisco - Saber lidar com uma situação que para ele...podia não saber explicar ou tranquilizar a miúda, mas...

- (...)

Francisco - ...mas...não podem...

Helena - Mas isto é uma coisa tão simples como...a menstruação. Agora eu pergunto, quantos rapazes não têm os sonhos molhados e nunca dizem nada a ninguém, nem sequer ao chefe, homem. Que aí também compreendo que o rapaz tenha alguma dificuldade em falar com as dirigentes femininas, e tinha pioneiros, e tinha um caminheiro que já estava na fase de uma dimensão que me dava um certo apoio eu sei que eles se sentiam muito mais há vontade para falar com ele. Primeiro porque tinha uma idade mais próxima, apesar de não ser uma idade tão separada, e depois porque ele era rapaz...quer dizer... E quantas vezes é que isso acontece e...

Francisco - Mas enquanto as raparigas falam mais facilmente com as mulheres sobre a menstruação...

Helena - Às vezes depende.

Francisco - E que elas... acho que têm mais à-vontade... ou é mais fácil falar nisso...

Entrevista 5

Data: 26 de Maio 2004

Duração: 1h 40m

Olga - Eu queria começar por uma pergunta mais geral... sobre qual é a vossa opinião sobre a sexualidade dos adolescentes? Podem pensar não só em idades dos pioneiros, exploradores mas também nos adolescentes em geral, com quem contactam e como é que eles vivem a sexualidade deles...

António - A meu ver acho que eles querem viver sem tabus, mas no fundo no fundo... se calhar não é bem assim

Olga - O que é que é para eles um tabu ou...

António - Eles ao fim ao cabo, ainda agora no último coiso eles acharam que era normal poderem estar todos na mesma tenda e nós dissemos que, prontos, não é correcto, “há mas os meus pais não sei quê” e eu tive-lhes de fazer ver que mais tarde a coisa é difícil e eles “Ah, não é bem assim e tal” mas a gente depois em contrapartida vê os a namorar e já não podem falar com o amigo... já vem com eles há bastantes anos, já não podem sair com este, já não podem ir para acampamentos porque a namorada não vai. Portanto querem andar para a frente mas andam mais para trás, é o que eu noto ali ... de resto, mais profundo ...

Sónia - Acho que eles têm muita curiosidade em, nesse tipo de assuntos, e muitas vezes mandam bocas que não sabem muito bem o que querem dizer mas pronto, depois tão sempre a gozar com o gay e com sei lá mais o quê mas falam muito, lá está, falam muito pró grupo, pronto para parecerem que sabem muito, mas falta-lhes muita informação. Por acaso aqui há tempos num conselho de guias estavam a comentar que uma colega não podia ir à natação porque, não podia ir, tinha dito que não ia à natação nessa semana porque estava com a menstruação. Portanto disse que não podia ir... “Ah, pois então elas nunca podem fazer educação física nem podem fazer nada disso” isto não tem directamente a ver, quer dizer, tem.... e depois eu lá lhes tive a dizer que uma coisa não implica a outra que tudo bem, por vezes até se podem sentir mal, e tal mas que não queria dizer e tal, mas eles nem sequer sabiam o que era a menstruação, quer dizer

estavam a falar que as colegas não podiam ir mas no fundo nem sequer sabiam e ali acabei por explicar calmamente, seriamente como se estivesse a falar para as outras colegas... e eles estavam com muita atenção durante, eu acho que lhes faz falta um bocado de conversas sérias sobre isso porque eles gozam muito e falam muito e atiram muitos tapos mas acho que não, em termos de conhecimento, pronto falta-lhes muita coisa...

António – Até os mais velhos querem mostrar que já são adultos e tal mas depois bem no fundo não é bem assim...

Olga - Quando é que notam mais... que tipo de coisas, por exemplo, como a menstruação, que também está relacionada com a sexualidade...

Sónia - Sim, sim exactamente até por aí acaba por, sei lá... mas eu acho que estamos a falar de sexualidade basicamente do ciclo da mulher, etc. e... acho que esse tipo de ... mas também não pode ser assim, a gente não pode querer agora a educação sexual e “agora pessoal vamos sentar e falar da educação sexual”, acho que é bom que sejam eles a puxar porque também é que eles se sentem preparados para perceber e para ouvir e... e impingir acaba por ser pior porque é capaz, não sei, causar-lhes interesse... as idades, as pessoas são diferentes, os juízos são diferentes e há pessoas que despertam mais cedo outras despertam mais tarde e acho que eles é que acabam por demonstrar que têm a necessidade de saber mais... pronto, foi a primeira vez alguém falou assim...que eu tive em grupo... que falei em grupo sobre isso. Agora dúvidas individuais, assim coiso já tem surgido mas pronto eles também não puxam muito, entre eles e tal é sempre a tal historia que eles... não sabem nada e com os adultos têm sempre alguma vergonha de falar acho que têm, não é vergonha mas continua a custar-lhes prontos, acho que... mas...

João - No nosso grupo de pioneiros temos assistindo ultimamente até com os nossos moços e as moças mais novas que as últimas actividades onde têm participado e nós temos tomado atenção mais a esse aspecto pá, e todos os aspectos afectivos entre a roda de rapazes e raparigas não propriamente aqueles do mesmo grupo mas dos grupos exteriores à cidade tem-lhes moldado pá todos os objectivos pá que querem ter nos próximos tempos, eles querem ir prá (local) ou pró (local) ou não sei prá onde... têm lá uns rapazes conhecidos ou os nossos rapazes querem fazer uma actividade com o grupo de, ali de não sei quê, porque lá há umas miúdas que conhecem da escola tudo ao fim ao cabo é acaba por estar um bocado de ser subjacente o facto de poderem, quererem

conviver, não é propriamente o ter a actividade escutista que isso pouco lhes interessa, é mais o assunto que possa gerar daí, é o conviver, então

António - Tu também eras assim ...

João - E pá se calhar era ...

António - Mas se calhar não eras tanto...

João - Se calhar era mas eu não dizia ao chefe e eles dizem, eles têm o á vontade para me dizer, não é que me digam que queremos fazer a actividade com aqueles porque as miúdas isto ou aquilo, mas eu pergunto-lhes de imediato “Então porque é que é o agrupamento de (local), nem sequer é da nossa região” depois começam-se a rir, “tu tens alguma miúda lá na escola, umas miúdas giras e tal” ...

António - Porque eles precisam dos chefes para tomar as decisões ...

João - E depois há noite, essa agente farta-se de rir, quer dizer às 3 da manhã andamos a tirar telemóveis porque o divertimento deles é mandar mensagens prós miúdos que estão noutras tendas e nós rimo-nos porque achamos saudável, pronto não é saudável estar a noite toda acordado, para nós é também um jogo e acaba por ser tudo natural, pensamos nós, porque também como diz o António, pá antigamente também era assim embora não fosse desta forma tão geral

Pedro - Isso era uma questão de respeito que nós tínhamos para com os adultos chamemos assim, o pessoal mais velho, não nos viam a dar beijinhos à frente de ninguém, aquela coisa assim, enquanto que hoje em dia já é comum porque daí ser assim mais ... falar tão à vontade era impensável os filhos chamarem tu prá qui ou tu pra acolá aos próprios pais e hoje em dia isso acontece né, portanto já começa um pouco daí o à-vontade que se cria nessas coisas e começam a banalizar pronto sobre essas coisas assim e mais alguma

Sónia - Eu acho que a educação... ter caído noutro extremo porque nós, antigamente o respeito era tanto que havia medo de fazer e agora é o contrário

António – E agora é o exagero...É, não há um meio-termo e informação correcta

Sónia - Pode-se fazer tudo, tá tudo bem, tudo é aceite, e depois quando queremos impor o respeito já não conseguimos...

João - É, os valores estão um bocado em baixo porque algumas das miúdas que eu detectei a fazerem alguns desses namoricos assim de telemóvel, nada mais de concreto pelo menos que eu tivesse visto, e eu perguntei “ouve lá, mas tu tens namorada”, ou “tens namorado” aliás, “há mas isto aqui é só para curtir”, portanto o curtir é diferente do namorar e não tem nada, e uma coisa não implica a outra

Sónia - Pode-se curtir enquanto se namora, essa é nova...

Pedro - Portanto eu acho que em termos de valores, pelo menos, não tou a dizer que seja genérico, mas, nalgumas, pelo menos aqui... têm decrescido um bocadinho em termos de valores, padrões.

Sónia - Eu quando era adolescente havia o curtir e o namorar ...

Cristina - É verdade... e era diferente...

Sónia - ... E era diferente mas quando se namorava não se curtia

António - agora não ...

João - Bem eu acho que isto também não é geral, penso eu, quer dizer foi uma resposta da miúda, quer dizer nem sei se ...

Olga - Mas de onde é que acham que vêm esses valores, não deixam de ser valores, podem é não ser se calhar os valores que nós estávamos...

António - Ah, vêm das famílias ...

João - Não acredito, eu acho que vêm mais do grupo...

António - Não, das famílias porque eu conheço alguns que os pais tinham 8 e passaram aos filhos 80, e então eles confundem um bocado os valores

Pedro - É mais se calhar a falta de tempo dos pais de acompanham os filhos

António - É também, e depois querem ...

Pedro - E de... exigir e de impor algumas coisas que as mães antigamente, no nosso tempo de catraios, as mães não trabalhavam ou tinham mais tempo para estar connosco e assim assim, hoje em dia não, saem os 2 para trabalhar e os miúdos vêm-se ao final do dia, portanto, o que acontece na rua, aquilo que vão crescendo deles próprios é que vai, surgindo dessas coisas

Sónia - Também e depois é essa a questão, por exemplo, quando nós éramos mais miúdos, eu sou doutra geração, vocês já são mais velhos ...

António - Mas tu também... também já tens umas rugas... (risos)

Sónia - Não, mas eu acho quando, pronto, era a tal história, a gente podia fazer mas era às escondidas porque não se aceitava não sei quê, agora estou a falar como uma pessoa... mas prontos, agora, eu também era muito nova, também fazia avarias e tal coiso, namorava às escondidas e tal, agora o meu filho, eu sei que ele namora às escondidas mas ele quando, em relação aos meus pais não podia dizer porque era tabu e depois não sei quê tinha de ser às escondidas por respeito e não sei quê, mas eu sei que os meus filhos namoram às escondidas e então como eu não quero que eles namorem às escondidas, tipo “tá tudo bem, iá”, podes dizer “então namoras”, “então é muito giro”,

quer dizer, os miúdos têm 6 anos e agente já lhes está a falar, a perguntar se têm namoradas e achamos piada, e qual é a tua namorada e não sei quê e falamos à vontade com eles “então aquela miúda é gira e tal”, “então e tal andas a curtir com ela” eu acho que e capaz de a gente até entrar na conversa deles e de aceitar tudo e nós, nós próprios, as gerações dos pais são capazes de não distinguir o limite, e pronto, e estarem a esquecer-se que não estão a impor, a passar

Pedro - Os valores

Sónia - ... esses valores que agente pensa que são os correctos, pronto olha, eles também têm os seus valores...

João - Eles acima de tudo, penso que começam por querer negar-nos todos os valores que, pá, os pais ou os adultos tentam transmitir, sejam chefes... seja nestas questões de namoro, ou seja, nestas questões da disciplina de afecto seja no que for, eles tentam acima de tudo negar, contrariar, fazer aquilo, acima de tudo, que eles ditam entre eles ou que haja um líder natural entre eles que, pelo menos entre os pioneiros assim acontece, para que haja uma vontade geral dos pioneiros num determinado sentido é preciso que haja lá aquele indivíduo ou aquele, ou aquele, que são lá os 2 ou 3 chave do grupo que digam vamos fazer isto porque os chefes estão a pedir ou porque ...Ou porque eu digo que é assim, porque senão ... Porque os chefes dizem... Ou porque os pais dizem como é que deve ser feito ou como é que se deve fazer ou como é que se deve vir ou como é que se deve alcançar para eles não, penso eu que... serve como referência mas não ligam muito

António – E os lobitos, como é que é?... Também já vêem telenovelas... (risos)

Paulo - Eu acho que não haverá uma diferença tão grande entre... estas gerações e da do nosso tempo e do tempo de agora mas o que há é, como já foi falado aqui, talvez eles sejam, não se envergonhem tanto, ou estejam mais há vontade ou sejam, não é mais há vontade, é ... Mais desinibidos, às vezes, até na questão de, é naquela, não conheço uma pessoa de lado nenhum, não é, não chego lá e “então tás bom” e não sei quê, e eles têm mais há vontade de pronto, seja pró chefe, seja prós pais seja lá o que for, e isso depois também se nota na questão em relação à sexualidade, eles estão mais, talvez, desinibidos em relação à sexualidade embora depois, acho que não há uma diferença grande na maneira como eles vêm a sexualidade embora... temporal não é... nós tínhamos, se calhar, pensávamos quase da mesma maneira como eles pensam agora, temos as mesmas ideias, só que não andávamos aí de megafone na mão, né, como às vezes eles andam, a proclamar isso, não é, éramos jovens mais reservados e podíamos

efectuar mais entre nós ou conquistar mais qualquer coisa e se calhar até tínhamos as dúvidas, eles agora se calhar perguntam e nós não perguntávamos, se calhar guardávamos para nós, ou tirávamos as dúvidas entre nós, não é, se calhar eles agora sentem, estão mais à vontade para procurar sobre esses assuntos...

António - Não, o que eu acho também é que os pais hoje em dia para dizer não a um filho pensam logo que estão a criticá-los porque são retrógrados e não sei quê porque estou a negar uma, digamos, o progresso e então cai-se no exagero, em vez de se dizer não deixa-se fazer tudo e depois, prontos, eles, uns com os outros vão perdendo os valores, aqueles que ainda levam, mais ou menos, uma orientação séria, vão perdendo os valores em relação aos amigos, e então é assim. Acho que, aliás, a nossa sociedade é assim, já quando foi a revolução também não se tinha a liberdade e passou-se para o extremo oposto da liberdade, hoje em dia é assim, a liberdade, a minha liberdade é... incomodar todos... mas a liberdade do outro já acaba quando começa a minha, pois a minha é que conta, não interessa a dos outros e então, andamos sempre nisto, é o que eu noto nisso.

Pedro - Mas a nível da informação, quer do conhecimento do homem quer do conhecimento da mulher hoje em dia eles têm uma ferramenta que nós não tínhamos, por isso é que estão mais à vontade e se calhar têm mais informação e predisposição para isso, que é a Internet, consegue-se tudo lá, ou quase tudo, imagens, trinta por uma linha, que lhes dá mais há vontade para falar e para fazer e para estar, portanto deixa de ser tanto tabu, acaba por ser mais tabu para nós, já com, se não somos cotas, para lá caminhamos, para eles já somos, para eles em relação a nós é que, nós é que temos o tabu e não eles, eles já lidam muito, se calhar, com a sexualidade, com mais à vontade, com outro conhecimento, também há extremos, há aqueles que já têm mais algum conhecimento, outros que não têm conhecimento nenhum, mas isso é uma das coisas que já favorece muito, esta informação.

Olga - Mas o facto de eles terem acesso a essa informação não significa, se calhar, como foi dito aqui, ainda à bocado, que eles saibam as coisas

António - Não porque eles também têm vergonha, eles não têm, por exemplo, nota-se que eles têm vergonha de mostrar que não sabem uma coisa ou ter de perguntar como é que é porque os outros... “É maçada e não sei quantos”, o problema é esse, e os que sabem também não dizem porque também têm medo de estar a dizer e não ser bem assim. Nota-se ali, digamos que, se calhar ainda estão piores que nós, no nosso tempo

Sónia - Isso eu acho que não...

António - Acho que nota-se muito isso... nota-se muito que eles...

Sónia - Mas eles podem aprender... pelo menos com o grupo de pares..., eu acho...

Cristina - Nós quando éramos novos tínhamos uma noção do que era certo e o que era errado, e agora eles perderam um bocado essa noção, a liberdade é tal, a falta de informação é muita e eles chegam a um ponto e não sabem o que estão a fazer, se é certo se é errado, até porque os pais e a sociedade em geral, a escola, não está a passar os valores do que é certo e do que é errado

Sónia - O que eu acho não é ... o problema não é a falta de informação porque ...

António - Eles têm informação... mas não a procuram, não a procuram...

Sónia - A informação... a informação que eles procuram, não é, lá está, não é o imediato

António - Eles não procuram

Sónia - Então não procuram, eles procuram sexo

António - Não procuram

Sónia - Eles procuram imagens de sexo

António - Não, eles procuram pornografia

Sónia - Ou isso, pronto

António - É totalmente diferente

Sónia - É, mas eles procuram exactamente ...

António - Não, aí está, aí está

Sónia - E a informação que lhes chega se calhar também não é a mais correcta, por se calhar também é à base, enfim, é a tal história da colocação do preservativo, quer dizer... uma banana, não sei quê, porque se calhar não é isso que se devia pretender e que se devia, é a tal questão do certo e do errado também acho eu, eu não acho que eles estejam piores ou melhores em relação a esse aspecto, acho que eles estão iguais em relação à informação, àquilo que sabem em relação à informação que têm

António - Eles estão piores, eles estão piores

Sónia - Nós também não tínhamos informação e procurávamos a informação

António - Pois mas nós quando a procurávamos era com uns valores e eles não, eles agora é o geral e o geral não diz nada

Sónia - Porque nós já tínhamos os valores antes, nós já tínhamos o valor da amizade, já tínhamos o valor, se calhar, do amor, já tínhamos ... antes de ...

António - Porque se eles tivessem tanta informação porque é que continua a haver tanta gravidez indesejada e essas coisas

Sónia - Porque nunca... a informação não é a mais certa

António - Porque eles não procuram

Sónia – Nós... tu também não procuravas

António - Se calhar procurava

Olga - Também dá um bocado a ideia de que, eles às vezes até sabem a informação e sabem que têm de ter determinados cuidados...

António - Não, mas, por exemplo, a informação agora por causa da sida

Olga - ... continuam a achar que as coisas só acontecem aos outros

António - Então, aí está, eles têm a informação toda só que eles não vão procurá-la ...

Paulo - Eles se calhar têm mais agora

António - Pois, só que eles não vão procurá-la porque, é pá, “se me vêm a ver isto dizem logo que eu sou de 3º mundo e que ando à procura disto e não sei quê”, isso é logo... digamos que é timidez, vergonha

Sónia - Mas isso eu acho que já era igual antigamente

António - Não era tanto

Sónia - Eu acho que entre o grupo, lá está, se aparecia uns que... era basicamente igual, alguém não saber, uma pessoa do grupo, era sempre gozado, se ficasse, eu acho ...

António - Não era tão gozado à vontade como é agora

Olga - Falaram ainda à bocado na questão da menstruação, como é que eles lidam, por exemplo, se há alguém e, não é tão incomum assim, que uma rapariga tenha a menstruação pela primeira vez num acampamento, numa actividade, como é que ...

Sónia - Eu acho que, eles até sabem, no geral eles sabem, e lidam com alguma naturalidade ou pelo menos tentam lidar com naturalidade, é a tal história de tentarem não mostrar que não sabem...

Pedro - Mas daí a ter respeito um pouco, rapazes e raparigas a terem respeito um pouco assim ...

Sónia - Sim, isso eu acho que sim, podem é sei lá, as raparigas têm sempre vergonha de mostrar que têm um penso higiénico na mala, ou “essa parte não vejas”, não sei quê, “isso aí não podes ver”...

Paulo - Isso mete esses paradoxos

Sónia - Convém que sejam eles ... já encaram com naturalidade, mas mesmo nos exploradores acho que começam a encarar com... que encaram com naturalidade pronto, que não... já começam a saber algumas coisas, acho que a maioria já sabe o que é um penso higiénico ou para que é que serve e depois algumas têm uma altura do mês em que, acho eu, que eles sabem mais às vezes ...

Paulo - E depois também caso a caso ...

Sónia - Pois

Paulo - Depende também em casa o que é que, qual é que foi a preparação que houve para isso, quando é que há a primeira vez que pode acontecer numa actividade e se esteja a preparar as mentalidades para isso ou não

João - Mas temos miúdos que não vão, miúdas que não vão acampar quando estão com a menstruação

Olga - Mas porquê, elas não se sentem bem ou pelos os pais ...

Paulo - É uma questão de educação dos pais ...

Sónia - Isso eu acho que sim ...

Pedro - Se calhar não se sentem bem também por uma questão de higiene e ...

Paulo - Na minha opinião tem um bocado haver com os pais ...

Sónia - Tem, nós antes das margaridas houve uma mãe que ...

João - Os pais não sabem...

Sónia - Ah, sabem... os pais, ouve uma mãe que veio ter connosco antes das margaridas e que disse que a minha miúda deve estar para lhe aparecer o período pela primeira vez”

António - Ah, o.k., estamos a falar pela primeira vez

Sónia - “Ela vai prevenida, já sabe, como é eu é ou não sei quê, encara um bocado isso com naturalidade, está à espera, é capaz, pode ser que sim, pode ser que não, pronto, está na altura possível”, e ela estava muito à vontade, pronto, porque ela falou nisso à frente da filha

Paulo - Cá está, essa é uma atitude correcta, da parte da mãe, dar conhecimento aos dirigentes que a acompanham e nesse caso é sempre bom a questão de haver gente de sexo feminino, pelo menos as raparigas que estão nessa fase ...

Pedro - Sentem-se mais à vontade

Paulo - ... Sentem-se mais à vontade

Sónia - Pois, mas também acredito que haja outros miúdos que, se calhar, nem sabem que rapazes conforme as raparigas, normalmente dão-se também umas pelas outras, quantos é que falam nisso, nem quanto mais seja umas pelas outras, mas rapazes até acredito que haja alguns que não sabem muito bem, que se calhar ate já ouviram as tais bocas dos amigos e tal, e ela não vai à natação porque está com a menstruação, mas se calhar, há alguns, que se calhar, não sabem muito bem... porque também chegam com 10 anos aos exploradores e se calhar nunca lhes foi... depende das famílias... os pais conhecem melhor os filhos e sabem quando é que lhes hão-de dizer... e é por isso é que

também não sei se devemos ser nós a falar desse tipo de coisas, a tomar essa iniciativa sem que... metermo-nos um bocado à frente dos pais, acho que esse papel é dos pais... mas acho que depende dos pais, a informação que eles têm em relação a isso... por isso é que temos casos muito diferentes...

Cristina – Eu tenho um filho com oito anos, ele este ano está no 3º ano e, este ano, fizeram um trabalho muito giro na escola sobre o corpo humano e depois a professora dividiu aquilo em grupos, os miúdos por grupos pelas diversas partes do corpo, e ao meu filho calhou logo a parte da reprodução... e foi muito engraçado... achei muito engraçado porque ele mostrou curiosidade em saber mas... uma curiosidade, a coisa mais natural do mundo, pronto, ele a perguntar-me as coisas, sem maldade nenhuma, eu estando habituada aos exploradores e aos pioneiros... viam um pénis, aquilo era uma chacota, viam uma vagina aquilo era... aquelas coisas assim... e o miúdo, pronto, eu depois... na altura ele tinha-se esquecido do livro em casa e eu fui lá levar-lho à escola e achei uma piada enorme porque eu fui lá na altura do recreio, à hora do almoço, que era quando eu tinha possibilidades de lá ir... e vinham os colegas todos para ver o livro, porque aquilo era um livro que a minha mãe tinha... a minha mãe teve sempre uns livros que tinha lá, que eram do Círculo de Leitores e eram sobre Sexualidade, e depois eram até aos 7 anos, ... dos 5 até aos 7 anos, aconselhável, e depois era outro livro dos 9 aos 12, assim essas idades, e a minha mãe teve sempre aquilo escondido, sempre... e eu ... quando descobri, uma vez descobri, e ia lá ver...(risos), e foi assim que eu fui sabendo algumas coisas, mas a minha mãe nunca me mostrou, nunca pegou no livro e veio-me mostrar, ela se calhar, quando comprou aquilo foi com a intenção de um dia chegar ao pé de mim ou das minhas irmãs, mas ela nunca me mostrou, eu descobri lá o livro, e depois mais tarde chamava as minhas irmãs, para irmos lá ver, quando a minha mãe não estava em casa, aquelas coisas dos miúdos não é... (risos). Mas eu levei esse livro lá à escola, e achei piada porque todos os miúdos, até dos outros anos, e mais velhos e não sei quantos, de volta dos livros “Ah, tão giro, tem aqui coisas tão interessantes para o nosso trabalho”, essas coisas todas, achei uma piada enorme (risos). Se calhar se noutras escolas fosse assim uma abordagem assim tão natural, os miúdos depois mais tarde também comessem a... as outras coisas mais naturalmente, se calhar era mais fácil ele qualquer dúvida que ter vir lá falar, porque nós andámos à procura nas enciclopédias, sobre os órgãos do corpo humano, reprodutores, da mulher e do homem, os ovários e aquelas coisas todas, andavam muito interessados porque depois tinham que fazer um cartaz para apresentar, e o puto andava todo entusiasmado

porque ele do grupo era quem tinha mais trabalho (risos). Mas pronto, achei bastante piada, porque já tive a trabalhar com os exploradores e já tive a trabalhar com os pioneiros, e são idades com situações às vezes um bocado complicadas... e até mesmo os pioneiros, os pioneiros é por causa dos namoricos, aquelas situações... tivemos uma vez uma situação, havia lá uns namorados, no meu grupo, a Rita e o Bruno, e depois eles gostavam de ir para dentro da tenda namorar e depois os outros criticavam e começavam a chamar “Ó chefe eles já estão outra vez dentro da tenda” (risos). Mas pronto, eu falei várias vezes com eles, eles queriam aproveitar era para estar, para estar sozinhos, não é, para estar aos beijinhos e uns abraços, não é, não era mais que isso pelo menos nos acampamentos. Mas pronto... A Sónia depois falava muito com ela mas ... (risos)

Olga - Acham que é mais complicada a questão das tendas com os pioneiros?

António – Já achei mais, há uns anos atrás, agora não é tanto...

João - Desde que conheçam os donos, eles já não... já não trabalham assim, mas no princípio, no princípio era normal irem para dentro das tendas e nós darmos com os meninos lá dentro das tendas a encostar os sapatos.... Agora, já sabem como é que a coisa ia... já não é dentro das tendas mas é cá fora, e às vezes temos situações até desagradáveis porque ignoram completamente a presença de um adulto, e continuam ali deitados no chão em cima de um pano de tenda na rua, como se nada fosse e estivéssemos ali num... num oásis e a pessoa tem que mandar ali dois berros, mandar um para cada ponta, e faz-me um bocado de impressão essas coisas, né?

António – Ou um balde de água fria, também serve. (risos)

Pedro – Nós costumamos ver um pouco... e eu falei também de quando fui chefe dos pioneiros... eu, eu casei com uma escuteira, portanto...e namorei algum tempo com ela, e éramos os dois escuteiros. No entanto, ... no entanto, nas actividades de escuteiros, tirando nós que nos conhecíamos, não é, quem estivesse de fora, não sabia sequer se éramos namorados ou se deixávamos de ser. Porque tentávamos ter um comportamento normal, não... não... podíamos se calhar andar até de mão dada ou assim.... mas de resto, fora da actividade, cidadãos normais, não é. Nós tentamos fazer um bocado, quer dizer, ver que não devia ser, a actividade de escuteiros não devia ser um escape, digamos, para eles poderem namorar. Porque eles aproveitavam um pouco o poder sair de casa, tinham um bocado esta... este álibi que eram as actividades dos escuteiros para poderem namorar à vontade e poderem estar mais à vontade, se calhar outras situações, não tinham assim oportunidade para poderem sair, para estar longe de casa. Mesmo

assim... era complicado às vezes conseguir transmitir isso porque eles não conseguiam perceber.

Olga – Porque é que acham que eles não conseguem perceber estas questões?

António – Eles conseguir conseguem, eles é que não querem. Não lhes foi imposto isso...

Sónia – Não, porque... acho que eles consideram que... que é normal o que eles fazem, é a tal história...

António – Porque não lhes foi ensinado isso, porque não... eles o respeito têm pouco.

João - isso é simplesmente uma questão de respeito e...

António - Porque lhes foi ensinado, tudo o que eles faziam até lá...

Cristina – Mas olha que é um bocado complicado, eu lembrei-me que o Pedro ficou um bocado... Por causa de uma miúda que... que está lá dos exploradores, que os pais estão separados, aquela miúda que mora aqui ao lado... lembro-me que o Pedro se deitou tardíssimo a conversar com a miúda. Porque os pais estão separados, depois o pai não... lá está, já há seis meses que não vê o pai, depois o pai tem uma namorada que também não sabe dele, não tem notícias dele... E depois essas confusões de famílias separadas, depois o pai tá com uma pessoa, a mãe tá com outra pessoa, e acho que isso também influencia muito as atitudes dos miúdos.

João – Os padrões, os valores

Sónia - Exacto. Eu no meu grupo tenho vinte e tal miúdos, e tenho praí cinco que têm os pais separados...

João - Eu uma vez reparei que os miúdos sabem quais são todos os seus direitos, e não querem saber quais são os seus deveres, porque uma vez agarrei dois pelas orelhas pelo facto de terem andado a... à luta, enquanto eu estava ausente numa reunião, e quando cheguei a campo, uma das guias da equipa já tinha ido embora, que o pai já tinha... durante o acampamento nacional...no último dia... o pai andava ali perto, eu fui ter uma reunião, e enquanto fui à reunião andaram ali à batatada com... entre as duas equipas, e quando cheguei já se tinha ido embora. Eh pá, eu passei-me dos carretos, mandei-lhes uns berros, e mandei-lhes carregar umas coisas... eh pá mas... só... só os convenci quando os agarrei pelas orelhas, com força, e os obriguei a carregar o material todo da outra equipa. Mas... houve logo um deles que me ameaçou pá, e que me punha em tribunal, porque eu não lhe podia tocar, e eu... fiquei assim... porque o homem sabia todos os seus direitos, pá. Os deveres é que não, os deveres do respeito pelos outros, a integridade física etc. isso não. Agora um adulto bater num miúdo ou um

professor bater num aluno, eles sabem perfeitamente que não pode. Por isso é que eles na escola usam e abusam dos professores, e fazem o que querem, porque sabem que os professores não lhes podem fazer nada, e sabem quais são as faltazinhas que podem dar e como é que podem dar, etc.

Olga – Mas eles, por exemplo, aqui nos escuteiros vêm por que querem estar. O que é que os faz... se eles não acreditam nestes valores, o que é que os faz continuarem a vir?

António - Acho que eles andam engrupidos...

Olga – E não é só aqui no vosso agrupamento...

Paulo – Mas essa questão ... por acaso... está bem presente. A gente costuma começar as actividades ao domingo de manhã, vamos sempre à missa às 9h00. e a seguir temos actividade. E então juntei os pioneiros e os exploradores, que eram os lobitos que estavam em acampamento, pronto... e fui eu que pus essa questão... porque tinha sido um peditório da caritas.... e estávamos ali numa grande conversa e eu pus essa questão “você estão aqui porquê? Porque é que se levantam ao domingo, para tarem aqui à 9h00 para virem à missa, quando podiam vir à missa mais tarde... porque é que vocês vêm aqui às actividades dos escuteiros? Acho que deviam pensar sobre isso, porque às vezes não consigo perceber porque é que vocês vêm às actividades”... e pronto... já estamos juntos desde 94, já fomos bem mais, pronto, é o que eu costumo dizer, estamos a apostar mais na qualidade e não tanto na quantidade. Mas o que é certo é que eles vêm e... e a gente faz-lhes essa pergunta.... Eles trabalham com as secções, até podem falar mais sobre isso do que eu... Mas a gente põe-lhes essa questão e eles encolhem os ombros, mas o certo é que eles continuam a aparecer, não há nenhum que... eu penso que esse a quem puxaste as orelhas continua aí, é o... não é?... pronto, o que é certo é que eles vêm à mesma.

António – Eu acho que eles... eles não têm vontade própria. E então há um ou outro que é líder, e basta-lhe dizer “e pá amanhã vamos todos aos escuteiros” e eles vêm. Que é mesmo assim, que eu tenho notado em certas actividades que há um que diz “e pá eu vou à actividade, e fulano tal também é pra ir, e tu também vais”, e ele vai. Se ele não for os outros também não vão.

Sónia – eles se calhar lá no fundo no fundo andam é à procura do...

João – Isso é uma questão que nós também já nos pusemos. O que é que eles vêm cá fazer, porque se nós dissermos assim “e pá eles estão à espera de uma grande actividade para participarem” não é, porque nós nas grandes actividades, nós vamos 5, 6, 10 gajos, no máximo, portanto, não é à espera das grandes actividades que eles estão. O

Acampamento Regional quando estão inscritos, uma equipa, não é nada disso que eles estão à espera, também não sei.

António – Vão em rolos, acho que é por rolos. Basta um dizer “eh pá vamos todos porque já vai fulano tal e... se ele não for eu também não vou” é assim.

João – Eles gostam.

António – Sim, eles gostam, agora... não têm vontade própria.

João – Não é o sistema de patrulhas que os cativa, porque eles não querem trabalhar. Não são reuniões de equipa, fazendo parte do sistema de patrulhas, porque eles não participam nelas, eles usam os telemóveis para comunicar. As actividades... ele até vão aparecendo... mas a dedicação com que eles aparecem nestas actividades é... é discutível, não é. É discutível. Ou a actividade está bem preparada pelos chefes e eles fazem ou eles vão ter que a preparar o que é complicado...

Paulo – mas se calhar estamos a discutir um tema porreira para depois fazer uma grande actividade, e vais ver que eles parecem todos... (risos) “A sexualidade... então vamos lá ouvir o que é que o chefe vai dizer... vão passar um vídeo, vão fazer o quê”...

Pedro – Eles nem têm sequer... não sei se coragem é o termo mais correcto, mas vou usar agora... coragem para propor um empreendimento cujo tema seja sexualidade.

António – Não têm não...

Paulo – Se calhar até por culpa nossa. Nem eles se calhar imaginam que podem fazer um empreendimento em que tenha por tema de fundo a sexualidade.

Sónia – Não, porque se eles falassem de sexualidade é a tal história... eles pensam em sexo.

António – Eu por exemplo... tenho um exemplo agora. Por exemplo, tenho um guia de grupo que tem uma certa influência neles. Nós fomos à Serra da Estrela, foram... não foram mais porque nós limitamos aquilo. Porque o guia de grupo foi e apareceram muitos. A seguir ele não vai ao encontro regional e só foram 6, 7. Ao passo que para o acampamento nacional já estão mais inscritos, porque o guia de grupo vai. Por isso é que eu digo, eles vão, atrás do... e basta ele dizer “eh pá não, eu vou... e vai este” e eles vão. Eles não têm vontade. Eles têm que ter alguém que lhes diga o que é que têm que fazer. Eles por eles não têm iniciativa.

Olga – Então, é assim... uma questão que eu coloco é: então por exemplo, dando formação a alguns elementos chave dalguns grupos, se calhar conseguiríamos chegar aos outros.

António – Mas... aquilo de repente muda, também... porque aquele vai mantendo a liderança. Mas depois de repente basta ele começar a namorar ou... e prontos deixam de ir atrás dele e vão atrás doutro.

João – Por exemplo se o líder do grupo for um rapaz, ele não transmite esse tipo de informação às raparigas. As informações no campo da sexualidade entre os jovens transmitem-se entre o grupo das raparigas e o grupo dos rapazes, e às vezes aquilo nem sequer é o mais próximo do correcto. E tive uma vez uma vez um grupo de pioneiros nos açores e disse “eh pá vocês querem falar sobre gravidez” e há uma moça que me diz assim “ó chefe isso não é pra falar aqui”... “então é pra falar aonde?” “ah não sei, mas não é para falar aqui”. É um tema sempre um bocado complexo para a gente falar nos escuteiros, porque depois temos sempre que falar também em métodos contraceptivos, não é, se quisermos abordar o tema com adolescentes de uma forma equilibrada, penso eu. E... uma jovem de 14 anos, diz logo que isso não é para o chefe falar, toda envergonhada...

Pedro – Porque isso também, a conversa dos filhos depois com os pais, os pais podem também ficar chocados...

João – Pois, é essa a sensibilidade...

Pedro – Então a minha filha... podem ficar chocados também nesse sentido...

João – Pois... e qual é a preparação que nós temos para isso...

Sónia – Eu também pensei nisso, quando eles me abordaram da menstruação e o... pensei, não sei, porque não sei se foi a primeira vez que eles ouviram se não foi, não sei o que é os pais falarem disso, eles agora vão para casa e os pais vão pensar que a chefe teve a falar de ... de sexualidade... não sei, mas pronto por acaso não... e é a tal história, nós no CAP não falámos sobre isso, por acaso acho que era uma coisa que podíamos abordar nos CAPs.

António – Isso este ano já se fala.

João – Mas fala-se em quê?

António – Fala-se em sexualidade e fala-se em métodos contraceptivos

Olga – Essa é a grande polémica...

João – Pois, porque enquanto a Igreja defender que se deve optar pelo copo de água, a gente, pá, não tem à vontade para falar sobre esta matéria. Sabendo à partida, que os nossos rapazinhos ali vão para os acampamentos e todos levam o preservativo na carteira, quanto mais não seja para. E mostram “ó chefe tá aqui! Ó chefe tá aqui!” e normalmente aqueles que mostram são aqueles que não fazem nada.

Sónia – Está na carteira, onde a gente tem as fotografias...

António – E depois quando chega à altura não o usam, isso é sempre assim, porque senão depois estragam aquele (risos) e depois...

Olga – mas até que ponto é que um movimento como o nosso, que tem o peso que eu acho que tem, e não somos tão poucos como isso, até que ponto é nós não podemos ser um bocadinho a vanguarda dos movimentos católicos em determinados aspectos. Porque as coisas existem, somos um dos países da Europa que tem as maiores taxas de gravidez na adolescência., para não falar de outro tipo de coisas. Temos os casos de VIH a subir em flecha, mas a subir! E normalmente eles são infectados... porque aparecem... normalmente o período de incubação é de 10, 15 anos, aparecem na vida activa quando as pessoas têm aí 25, 30, 35, portanto foram infectados na adolescência não é? Até que ponto é que isto não são dados que permitam... nós somos dirigentes católicos mas também somos dirigentes pessoas e... até que ponto é que... isto está a entrar um bocadinho em contradição.

Pedro – Mas temos que ter um certo cuidado relativamente a isso, quer dizer... também há valores que nós temos que defender e temos que continuar a preservar por eles e... dentro de... estatutariamente e dentro de algumas normas... mas devemos ter um certo cuidado na abordagem ou na imposição desse tipo de situações.

Sónia – Porque é a tal coisa, depois podemos cair... quando dantes se curtia ou se namorava e agora já se curte e se namora...

Pedro – Ao contrário, namora-se e curte-se.

João - Eu... eu acho que acima de tudo...

Sónia – Quer dizer... daqui a nada... dantes o curtir era só dar uns beijos...

João – Não, não, o curtir é sem... é... é fazer tudo, mas sem compromisso... é o conceito mais actualizado. Mas, mas eu acho que acima de tudo...

Olga – Também é um bocadinho a provocação.

João – Eu acho que acima de tudo o CNE precisava de ter um bocadinho de coragem para assumir esta situação. Não era ser liberal não é? Mas quando a gente repara, normalmente... eu lembro-me que uma vez no acampamento nacional, no último dia de actividade dos caminheiros, era o concerto de rock dentro de uma tenda, e que depois, quem quisesse ir da tenda até ao mar, que eram cerca de 100 metros, tinha que tropeçar em cerca de 20 casais que estavam espalhados ao longo da areia. Estavam a dialogar, com certeza (risos). E depois, quando se faz um... um Rover ... um Rover... europeu em Portugal, em que é obrigatório ter lata de preservativos, mas não se pode ter cerveja

nem tabaco, também é... é alguma coisa que também, relativamente aos valores do CNE também não entra muito bem aqui no encadeamento. Quer dizer... andamos a esconder a cabeça da avestruz e a deixar o cu todo de fora.

Paulo - Não era só o CNE era a junção das três associações.

João - Eu percebo isso, mas também não vi lá ninguém a bater com a mão na mesa a dizer que... que temos que ter cá cerveja.

Paulo - Foi questionada essa questão dos preservativos...

Olga - Perderam-se horas a discutir isso...

João - Está bem, pronto, mas se calhar... nós estamos ainda na caudazinha do que é que se está a passar... em termos de união europeia

Paulo - Aí atenção... a união europeia... é que...

João - Eu compreendo, as regras vêm de cima e as imposições vêm daí.

António - Isso aí é o espelho da nossa sociedade. É o que eu digo, o que eu dizia ainda há bocado. Eles procuram a pornografia, não procuram o sexo. Isso é a mesma coisa. Nós damos-lhes os preservativos mas no entanto, não falamos daquilo, poça, eh pá isso não é nada connosco, é assim. Continuamos a escondermo-nos!

Sónia - Era isso que eu ia a dizer. É que eu acho... é a tal história da perda de valores. É que se... se se cai na facilidade de se dar preservativos e de se falar dos preservativos e dos métodos contraceptivos e em... quando não se faz o acompanhamento em termos do que deve ser certo e errado, daquilo que deve ser defendido e da amizade e respeito pelo outro e da liberdade acabar quando começa... quer dizer se eu namoro com este e estou a curtir com aquele, estou a enganar este, ... não... e isso se calhar não é dito.

João - Mas pronto, isso são os velhos argumentos, o que nós sempre temos defendido noutros campos, na política, na saúde, etc. Oh pá o que... o que é um facto é que as coisas são assim, as coisas são assim e não vão voltar atrás nunca mais. Não vai aparecer ninguém neste país a dizer que a partir de hoje os jovens são... os livros deles são 20% de moral e 80% de disciplina, não, as coisas daqui para frente são assim, porque é a gente não há-de assumir as coisas?

Sónia - Mas assim como? É... é... tudo liberdade, tá-se bem?

João - Não, a gente passa a vida dizer que não se fala na família disto, não se fala naquilo...que se devia falar...

António - E continua-se a não falar.

João - Eh pá, é evidente, tem que haver um esforço paralelo, mas a gente tem que ver que o problema não... não é ir pró copo de água, a gente tem que assumir que a

realidade é mais carne... terra a terra do que propriamente nós a queiramos, pá... moralmente entender, pá.

Sónia - Sim, e lá está... não podemos idealizar a coisa, não é, não podemos achar que é tudo muito bonito e que se a gente falar assim que eles deixam de ser...

João - A Igreja há-de apontar sempre as soluções pró que devia ser... eh... as soluções pá... é prevenir.

Sónia - isso eu também acho, mas se... mas se falarmos só em termos práticos cada vez perdemos mais o que é valorizado, o que é...

Olga - Mas isso traz outras coisas. Em que idade é que se devia começar a falar de sexualidade, e de que tipo de sexualidade?

António - Desde pequeno.

Olga - E esse pequeno...

Cristina - Desde sempre

António - 4, 5 anos. Porque, quer dizer, é uma coisa natural... é o convívio, é o convívio em casa com a família.

João - Mas por exemplo a nível do CNE, começar com os lobitos, pronto.

António - Mas isto... isto tem que começar com as famílias, isto não é não é o CNE nem a escola que vai ensinar...

João - Pois é, mas o problema concreto que nos afecta, é que se nós começássemos nos lobitos com pequenas provas e pequenos conhecimentos a serem incutidos, e acompanhando depois nas etapas e nas secções seguintes podia ser que houvesse um programa completo sobre esta matéria. Já que a escola não tem...

António - O... o problema é isso. Toda a gente fala que a escola tem que ter e não sei quantos... mas a seguir a escola tem e depois eles querem chegar lá e dizer que "eh pá, o meu filho em casa não fala disso, não vai falar na escola!".

João - A escola tem mas já é tarde.

António - E tá, tem que ser desde pequeninos, tem que ser na família. Nós temos que começar na família.

Sónia - Não é no secundário que...

António - Os pais não ensinam nada. O problema é esse!

Olga - Os pais nunca vos perguntaram... em relação a essa situação...?

Sónia - A coisa mais próxima que me aconteceu foi esta mãe que me falou em relação à miúda... muito naturalmente... mas de resto....

António - Mas isso é uma mãe... é uma mãe ... agora se calhar tens lá 100 mães e falou-te uma... as outras se calhar nem querem ouvir falar... é preferível nem ir ao acampamento, é mesmo assim. Por isso é que eu digo, se a gente não começa nas famílias, não somos nós mais tarde, né, com 6, 7 anos que se vai emendar uma coisa que não começou ali com 2, 3 anos...

Cristina - E não é com 3 horas por semana, que nós aqui estamos 2, 3 horas por semana...

António - E temos que ter outras actividades também, não é...

Sónia - Isso é como tudo... essas coisas surgem naturalmente, não é...

António - Isso começa em casa...

Sónia - Nós também já falamos de tanta coisa que... isso são... são coisas que surgem naturalmente, e se acontecer... há-de acontecer uma miúda aparecer com o período ou ter o período num acampamento... é uma situação em que se pode falar nisso... não sei se havemos de esperar pelas autoridades para falar nisso....

António - Temos de aproveitar é as oportunidades que nos vão surgindo, agora também chegarmos ali e impingirmos...

Pedro - Imagina-te numa situação dessas que aparece uma miúda que teve pela primeira vez o período num acampamento, mete-la em cima do palanque... “tão a ver?” (risos)

Sónia - Não, mas pode-se por exemplo falar com ela e com as amigas. É isso que eu acho, não é juntar ali o grupo todo, pronto “hoje vamos falar”...

Pedro - Porque eu lembro-me de uma história que o João estava dizer, que é tu vais falar de uma coisa com as meninas, e os meninos ficam à parte

Sónia - Não. Olha que eu com os meninos falei no conselho de guias que eram só rapazes.

Pedro - Noutra oportunidade... noutra oportunidade se calhar aquela miúda...

Paulo - Mas pronto, passado uns tempos pode-se abordar o assunto e falar a todos, sem falar de nomes e assim..

António - O mal da sociedade é o mal da família, aliás e a gente vê aqui se tu dizes que tens aí tantos casais separados

Sónia - Olha em 22 miúdos tenho 10 filhos de pais separados.

António - Aí tá, e porquê? Porque os pais são egoístas, ao fim e ao cabo, dão tudo aos filhos, mas ao fim e ao cabo são é egoístas eles não dão nada, dão é os bens materiais mas não dão os outros...

Sónia - E eu tenho outros que os pais também... não são separados mas...

António – Separam-se de vez em quando... Mas é mesmo assim... mas é mesmo assim... porque é mais fácil nós chegarmos a casa, comprarmos uns filmes, uns livros e não sei quê “olha tá aqui, depois se tiveres dúvidas pergunta-me”. Depois o rapaz ou a rapariga depois têm vergonha e vêem aquilo mas perguntar não perguntam, ficam com a dúvida, muitas vezes é o que se vê. É chegar ali e dizer “anda cá... olha isto é assim e assim e não sei quê”, é quando eles fazem perguntas. Se já difícil a gente enfrentá-los, e... por isso é que existe o telemóvel, a gente em vez de falarmos directamente com as pessoas telefonamos “oh e tal não sei quantos, é preciso isto e aquilo”, que é para não enfrentar as pessoas. Hoje em dia é raro uma pessoa enfrentar outra e dizer “eh pá isto tem que ser assim, e tem que ser assado”, não, porque as pessoas fogem.

Paulo -É assim, tu fazes... “pera aí pega aí no telemóvel que eu vou pra rua falar contigo”. (risos)

António - Tava desgraçado

Sónia - Há bocado funcionou... tavam lá a discutir por causa das aulas de condução que eles têm que ter e às tantas um “vou-me embora que ninguém se entende” “então, afinal quem é que vai à aula”... e diz assim “então, a gente távamos a discutir isso, e tu porque é que foste embora?” “então, foram-se embora” “não, ele é que se foi embora”.

António - As pessoas fogem um bocado

Sónia - E depois telefonou, pra combinar! (risos).

João - Os putos relativamente a essas... a essas questões das mensagens, eles começam muitos relacionamentos com as mensagens, e só quando aquilo acusa determinado nível de confiança nas mensagenzinhas é que eles se conhecem pessoalmente ou é que têm a coragem de falar com a parceira ou com o parceiro cara a cara.

António - E muitas vezes a mensagem é daqui para ali, às vezes estão ao lado um do outro.

Sónia - Ah, isso já acontecia dantes na escola mas era com os papelinhos... trocar papelinhos com as amigas...

António - Não, não, era diferente, já era diferente, no meu tempo não era...

João - Talvez seja, talvez seja um paralelo (risos) talvez seja um paralelo. Agora a primeira coisa que os miúdos querem é o telemóvel um do outro.

Sónia - É, o número do telemóvel...

António - Não, mas é, hoje em dia as pessoas não se enfrentam umas às outras.

Sónia - Mas isso depende das pessoas, porque eu acho que este ano até tenho um grupo mais ou menos porreirinho, não ligam muito, acho eu...o ano passado são...eram

completamente diferentes do... eu tenho um grupo de pioneiros que eram exploradores o ano passado, eram complexamente diferentes do grupo que tenho este ano... eram muito mais viradas pra isso.

António - Agora tem uma diferença, já têm telemóveis com fotografia, já mandam fotografia.

Olga – Mas a gente pode falar de uma coisa também interessante, que é o facto de os rapazes não quererem saber, ou... ou não se importarem com um determinado número de informações e as raparigas... da informação passar de grupo sexual para grupo sexual. Mas se calhar aos rapazes era interessante saber... as coisas das raparigas para às vezes não serem apanhados na curva, por exemplo.

António - Mas se a gente quiser explicar eles dizem logo “ah não é preciso, a gente já sabe”. A diferença é essa.

Sónia - Pois é... seria interessante eles conseguirem ouvir o que pensa o parceiro... em termos de género feminino e masculino, mas normalmente acho que não têm muita tendência pra isso.. para terem à vontade de falar sobre isso

António - Hoje em dia eles já sabem tudo “fogo, os velhos vêm cá dar moral” não..

João - Mas eu penso que... os pioneiros mais velhos já conversam uns com os outros... tão mais à vontade para falar sobre todos os assuntos, entre eles.

António - O que eu noto é o que eu disse logo no início. Lá na Serra da Estrela, como tava frio, porque é que eles não dormem todos na mesma tenda. E eu disse que não, e o João também disse. “ah, mas a minha mãe deixa”... “mas isso é a tua mãe e é em tua casa”. Porque depois a seguir chegas lá... “o teu namorado...”; “o meu namorado? Ele aceita!”; “ele aceita? Isso é tudo muito bonito, mas as coisas não é bem assim”... eh pá é mesmo assim, eles não... eles pra eles não há problemas nenhuns, mas depois a seguir vem... vem a tempestade. É mesmo assim, eles não tão informados das coisas. E então... e também não querem ouvir.

Pedro - Mas dormirem todos na mesma tenda não tem mal nenhum...se não for um par... agora se for bastante pessoal...

António - Não, mas ouve, tudo bem...Depois a seguir, na noite a seguir dormiram todos juntos, debaixo de telha (risos)

Paulo -...Se nós temos que estar a acantonar, está tudo na mesma sala, não há qualquer problema... nós estamos lá a vigiar...

Olga - Menos nos lobitos.

Paulo - Pronto, mas isso os lobitos ...é mais liberal.(risos)

Sônia - Eu aconteceu-me uma vez nos pioneiros...

Antônio - E depois é mais tarde que vêm os problemas, e que “a culpa é do chefe porque então o chefe não nos explicou”...

Sônia - Foi num acampamento regional... num encontro regional, foi acantonamento, e os rapazes dormiram num salão e as raparigas dormiram em salas, e no outro dia de manhã tava um rapaz dentro de uma rapariga... (risos) com uma rapariga dentro de um saco-cama, não tavam as raparigas todas a dormir... (risos)

Antônio - Afinal havia um raparigo...

Paulo - Caracterizou-se durante a noite e vocês não repararam (risos)

Sônia - Ele era o único que não sabia onde é que havia de dormir (risos)

Antônio - Nesse aspecto, as raparigas são piores que os rapazes.

Sônia - Agora são, agora são.

Cristina - As coisas mudam..

Paulo - Eu estive numa situação... agora aí à 6 anos ou 7, uma rapariga convenceu um rapaz a sair da tenda dos rapazes para ela ir pra lá... mas apanhei-os não foi... e então... ele não sabia onde é que havia de se meter, e ela... “pá, a minha mãe não se importa”...pois, não, às 3 da manhã ir pô-la a casa a mãe não se importava, mas tava era à rasca que eu lá fosse pô-la. Foi remédio santo. Mas prontos, é... ela é que convenceu... e ele não queria, mas ela... e eu a ouvir a conversa, por isso é que deixei eles trocarem e depois fui lá mostrar (risos). Foi mesmo assim...

Antônio - Elas são piores que eles...

Olga – Porquê?

Antônio - Eu... eu vejo o seguinte... as mães, tinham 8. Elas têm o 80 porque as mães vêem-se nelas o que não tiveram, a liberdade que não tiveram. Então, em vez de explicarem às filhas, mais ou menos, “olha faz-se isto mais aquilo” não, é à vontade, ninguém cobra...

Pedro - Eu penso que...

Antônio - Sucede isso muita vez, não estou a dizer no geral...

Pedro - Os pais.. às raparigas... os pais em relação às raparigas têm... é... têm menos liberdade, eu dou muito por isso... quase inconscientemente isso acontece. E os rapazes sempre têm mais liberdade, acabam por...

Sônia - Por darem menos importância.

Pedro - Por darem menos importância ou... de não ligar tanto à situação de estarem sozinhos ou não sei quê, enquanto que as raparigas, quando se sentem mais à vontade ou com um controle menor, se calhar têm a tendência de...

Sónia - Eu também, quando era nova, queria tar era ao pé dos rapazes, e no entanto nunca tive nenhum namorado enquanto... até aos... 20 anos não namorei. Eu, eu tinha... tenho mais duas irmãs, mais novas do que eu. O convívio que eu tinha com rapazes era na escola com colegas. Agora quando eu vim para os escuteiros, já... já foi mais crescida. Mas ia para campos de férias ou para aquelas...

Pedro - Colónias de férias.

Sónia - Colónias de férias... eu era daquelas que queria estar sempre na camarata dos rapazes.

Cristina - É como eu... mas isso é porque és... isso é porque és maria-rapaz como eu.

Sónia - Claro, eu queria era jogar à bola e não me deixavam... Em minha casa não me deixavam fazer isso...

António - Pois, mas isso é um bocadinho diferente... porque hoje em dia o que eu comparo...

Sónia - Não, porque eu estou a falar em relação aos rapazes não havia esse problema, queriam jogar à bola e os pais deixavam e passavam a tarde inteira fora de casa a jogar à bola ou a andar de bicicleta... mas as raparigas...

António - Pois, mas isso era antigamente... isso era antigamente. E agora dá-se muita liberdade às raparigas, porque as mães ao fim e ao cabo não tinham essa liberdade. Eu comparo isso um bocado é com os avós em relação aos pais. Enquanto são pais, castigam e não deixam fazer, depois são avós “eh pá, deixa-o andar, deixa-o fazer, e coiso” porquê?... a responsabilidade já não é deles.

Sónia - Eu acho que nesse sentido dá-se liberdade naquilo que não se deve dar e não se dá liberdade àquilo que se deve dar.

António - Não, ouve... ouve pode-se dar liberdade, não se explica é os valores, porque se a gente explicar os valores, se calhar, eles próprios depois já sabem distinguir... eh pá... “eu posso ser assim mas vou até um limite”... agora, nós darmos liberdade mas não explicarmos o porquê...

Sónia - Mas sabes qual era o problema... eu quando era nova passava imenso tempo fora de casa e a minha mãe chateava-se muito comigo, porque eu ia jogar à bola e não sei quê, porque as minhas colegas estavam todas em casa e eu era a única que estava

sempre na rua. Mas eu e os meus colegas que éramos um grupo grande, passávamos o dia todo na rua, e a minha mãe tinha que me chamar aos berros para ir jantar.

António - Mas é que tu sabias até onde é que podias ir

Sónia - Exactamente, porque tinha liberdade, e tinha responsabilidade sobre aquilo que eu fazia, se fizesse mal tinha que... se a gente se chateasse andámos à porrada mas tínhamos que resolver os nossos problemas, não aparecia lá nenhum adulto para resolver os nossos problemas. Mas e agora os miúdos andam na rua a brincar? Não andam, porque os pais não os deixam sair de casa.

Cristina - Pois não...

Pedro - Mas as coisas agora são diferentes...

Sónia - Pois são.

António - E eles andam em casa para tarem ao computador e essas coisas...

Sónia - E porque os pais têm medo que eles saiam de casa porque têm medo que lhes aconteça alguma coisa. Ainda por cima se são meninas, podem ser raptadas, e podem ser violadas, e é tudo assim, e têm medo...

António - Mas isso é só na cidade...

Sónia - Compara a vivência que ele teve...

Pedro - Os meus miúdos agora não vão brincar para a rua. Se vão, “vai com eles” e não sei quê. E eu dantes, quando era da idade deles, vinha pra aqui... lá está, isto agora é tudo prédios e não sei quê... isto aqui onde nós estamos na altura era um olival. E eu conheci isso tudo assim...

Sónia - Mas se fosse um olival agora, também não os deixavas entrar dentro do olival.

Pedro - Mas deixa-me só dizer.. aquilo que tavas a dizer de ser responsável e não sei quê... eu fugia um bocado da regra de horário, tinha que tar em casa às x horas, etc, etc... se não...

António - Sofrias o castigo.

Pedro - um dia fui ali para baixo, cheguei a casa tardíssimo, já ninguém sabia de mim, já bem de noite, no Verão, sem relógio né, na brincadeira não é, cheguei a casa tardíssimo, o meu pai...

João - O cinto não chegou...

Pedro - Sim, mas e porquê? Porque além disso depois menti: “Então onde é que estavas?” “, “ah, estava ali no olival”...

(risos)

Sónia - Mas é verdade. E eu lembro-me, porque quando eu era nova éramos cerca de 20 na rua, e agora também há lá miúdos eu não vejo um miúdo a andar de bicicleta na rua, e se vejo, anda de bicicleta com o pai. Eles não convivem, eles não têm amigos, eles não têm amigas, eles não têm... não têm ... não sabem jogar à bola na rua não sabem o que é... partir... esfolar os joelhos, eles não sabem isso, só sabem jogar ao computador, porque os pais têm medo de os tirar de casa, é verdade, os pais só têm vergonha de... de que os filhos saiam de casa e vão bater à porta do vizinho “queres vir brincar” não “ó pai o António pode vir brincar comigo amanhã?” “ah ainda vamos ver”...

António - Mas isso é só aqui na cidade...

Sónia - “Podes telefonar à mãe do António para ver se...”. Eu morava na cidade! Eu morava no sítio onde moro agora!

António - Tu não moravas na cidade, tu moravas numa cidade pequena. Agora a cidade tá no dobro ou no triplo.

Sónia - Está bem, mas é esse o problema que nós temos. Eu acho que também é um bocado por isso.

António - Porque eles agora passam muito tempo é no computador e então comunicam uns com os outros é pela Internet. Tu tens aí miúdos que são capazes de fazer noitadas porque estão a noite toda na Internet a falar uns prós outros. Quando nós, no nosso tempo, ouve lá, íamos ter com eles e vamos pró baile. Por baile, isto agora, o que é isso discotecas... se for para lá ir conviver é mas é para a Internet.

Sónia - Eu acho que ele não são responsáveis sobre aquilo que fazem, porque não fazem, e isso... por isso é que eles também gostam de vir para aqui por isto hoje em dia começa ser dos poucos tempos que eles têm fora da escola para conviver.

António - E a culpa também é dos pais porque há muitos que saem da escola é para a natação, da natação é para a música, é para a dança é não sei quê, eles não têm tempo para brincar...

Cristina - ... Para eles não poderem brincar...

António - O que está errado...

Sónia - Mas se eles tiverem em casa, não saem de casa porque têm medo de os pôr fora de casa, é verdade. Eu vejo isso lá na minha rua, é uma rua que está fechada ao trânsito, os carros só passam... é um beco sem saída, os miúdos tão lá, que eu vejo-os a passar prá escola, existem miúdos, mas eles não se conhecem.

Cristina - E são vivendas...

Sónia - E são vivendas, não é uma zona de prédios.

Cristina - Nos prédios é mais difícil às vezes...

Sónia - Que não tem trânsito, que eles podiam... ó pá, o que eu brinquei lá, aquilo que eu lá passei...

António - Eu já não digo isso porque ... lá onde eu moro anda tudo na mesma. Andam na mesma na rua, partem cabeças contra muros de bicicleta e não sei quê.

Sónia - Mas eu conheço mães, que têm miúdos e que moram na aldeia e também não os deixam sair de casa porque têm medo que lhes aconteça alguma coisa

António - E eles estão a viver, os pais tão a viver a vida que não tiveram nos filhos...

Sónia - E eles não são responsáveis por aquilo que fazem...

António - É a mesma história que o meu filho tem que ser doutor porque eu não fui...

Sónia - Eu quando era nova, eu e lá os meus vizinhos, agarrámos na bicicleta e fomos pró Castelo de Bode com a bicicleta sem os meus pais saberem. Cheguei lá, horas de me vir embora antes que eles me descobrissem e vim-me embora. Alguma vez... isto hoje em dia era impossível. De 20 em 20 minutos estão os pais a ver onde é que andam os filhos se eles tão de bicicleta...

Cristina - Não há actividades que eles um dia não levem telemóveis pra mandar mensagens... Nós não tínhamos telemóvel...

Olga - Mas isso traz outra questão, porque é que os pais fazem isso?

António - Porque é que dão logo os telemóveis desde pequenos...

Olga - Não, mas porque é que os pais os trancam em casa? Já pensaram no tipo de informação que a própria televisão passa?

Sónia - É isso que eu ia para dizer. Eu acho que a informação que passa é basicamente... são e... e mais em alguns canais, que ainda por cima são os que as pessoas mais vêem, o que chama mais a atenção é isso... é a violência, é a violação, é rapto, é pedofilia, é todos os dias...

António - Em minha casa é assim... tá sol, tudo para rua!

Pedro - Por acaso, não é por causa disso que não os deixo ir pra rua brincar sozinhos... é porque eles não tem espaço, eu não gosto... na estrada passam carros, e é um beco também aqui ao lado. Passa um carro e não sei quê, eles tão a jogar à bola dão um pontapé na pedra e estão carros estacionados a toda à volta.

Sónia - Pois, também não há espaço...

Pedro - Eu até prefiro pegar neles e vir pró meio do pinhal, e vá, "agora vão praí à vontade".

António - Antes de ontem agarrei na bicicleta... "vá olha, vai lá para estrada".

Pedro - Porque dantes saía e estava aqui no olival, era aqui ao lado, estava aqui um olival, brincava aqui... também era tudo olival...

António - Isso depende das pessoas, é o que eu digo, isto começa na família.

Sónia - Eu tenho uma vizinha minha que tem um filho que anda no 4º ano e o miúdo quando sai das aulas é que pergunta à mãe “ó mãe podes telefonar prá mãe do Francisco para ele ir lá a casa brincar comigo?”, e mesmo quando o Francisco vai lá a casa brincar com ele, eles não saem de dentro da vivenda. É uma vivenda... tem ali para brincar e não saem dali... e moram nas traseiras... moram ao pé de mim, aquilo é tudo becos sem saída!

António - Vão deixando de ter espaço pra brincar...

Sónia - Oh, ali têm, fogo... então não têm! Não estás a ver nas traseiras da piscina, têm aquele olival todo até às traseiras da estrada do hospital.

António - Olha... olha, porque eu conheço... porque eles a seguir mandam uma bola pró quintal do vizinho e o vizinho vem cá fora dá-lhes a bola e prega-lhes um raspanete...

Paulo - Eu jogava à bola lá no pátio da sede, na rua dos moinhos, e a bola... quando a bola ia lá pró outro lado, e agora quem é vai lá apanhar... à mulherzinha ou... à velha ou...

João - À bruxa... (risos)

Olga - Eu então trago uma coisa para a provocação que é: o facto de os miúdos não conviverem uns com os outros, até que ponto é que... esta aprendizagem da sexualidade do outro, porque também se trata disso... até que ponto é que isso também se pode perder, e por outro lado em que é que o escutismo os pode ajudar a reencontra o estar com o outro e...

António - Isso só não se perde é havendo irmãs e irmãos. Então sendo filhos únicos chega ali e perde-se.

Paulo - Isso perder nunca se perde, porque na escola...

Pedro - Falam uns com os outros.

Paulo - Vão começando a falar uns com os outros, e são coisas que, da mesma forma que a língua se transmite, e aprendem a falar qualquer outra língua, o transmitir o hábito, a sexualidade vai também dessa forma, o tar a falar com o outro, tar a falar com a menina, e depois... levantam a saia da menina... porque é uma menina e porque é diferente e depois essas coisas. Agora... perder não se perde, agora a informação, se é melhor ou se é pior, aí sim...

Pedro - Eu cá como convivo dentro da escola... acabo por... o escutismo... penso que para alguns deles será o... o... além da escola...

Paulo - O refúgio.

Pedro - Não é o refúgio, é o local onde eles encontram, às vezes ponha na dúvida se é os amigos deles, é porque é o grupo de amigos deles, se são os escuteiros, se é mais os outros que já vêm da escola e de outros sítios. Mas pronto, eu digo um bocado isto porque dantes os meus amigos era os escuteiros, não é... os da escola tinha os colegas da escola, mas isso depois da escola, voltava-os a ver na segunda feira, quem eu via diariamente depois do horário da escola e ao fim de semana era o meu grupo... o meu grupo mais chegado que era a minha patrulha, o meu grupo de exploradores ou de pioneiros. Agora, eles irem para as actividades hoje em dia será também um pouco uma oportunidade que eles têm de, quase sem querer, ir conversando sobre esses assuntos e... tirando talvez os intervalos da escola e estes, as actividades dos escuteiros, não têm mais oportunidades nenhuma de... de conversar sobre sexualidade. Agora penso... não sei... será o...

João - Eu acho que pra falar deste tipo de temas não são os 10 ou os 15 minutos, ou 20 minutos que eles têm nas aulas que gera este tipo de conversa... estas conversas quando eu era adolescente ou era criança, tinha lá com... ou com os escuteiros, naturalmente nos acampamentos, ou com o meu grupo de amigos da rua, quando a gente estava horas a contar histórias uns aos outros sentados lá na fogueira ou à roda do rio ou à pesca... Estes miúdos hoje em dia têm muito pouco tempo com o grupo de amigos pra... nos escuteiros, penso eu anda é o único sítio onde a gente lhes pode proporcionar... dentro de... claro, é evidente... dentro das regras que são dos escuteiros, alguns espaços onde podem dialogar os temas que quiserem, não é, e dentro de alguma... de algum... à vontade entre eles. Eh pá, o problema que se cria aqui é que não são... às vezes para criar aqui uma amizade pode demorar algum tempo, porque as actividades... se antigamente todos os dias vinhas à sede, eles hoje em dia vêm à sede uma ou duas vezes por semana não é?

Pedro - Pois já para não falar o meu grupo de amigos é daqui, mesmo os meus vizinhos eram todos escuteiros, aqui do bairro da caixa, eram todos escuteiros.

João - Porque se vinha todos os dias à sede ou dia sim, dia não. Agora não, agora é diferente. Agora termos amigos para fará deste assuntos da sexualidade à vontade não em 10 minutos de intervalos na escola, não é a caminho da escola que pode demorar 20 minutos a pé... só sobre estes assuntos pá, nem é no desporto, porque depois... vão a

competições, é o duche, vão para casa... não sei, se calhar aqui os escuteiros é o sítio por excelência. Já que já não há grupos de amigos lá nas ruas, não é... porque infelizmente as ruas já não são o que eram... se calhar devíamos ter um programa... devíamos motivar esse tipo de assuntos nem que seja pra que eles depois acompanhassem com a informação decente nas conversa próprias entre eles.

Sónia - Eu acho que sim, acho que... é um sitio onde eles podem... viver por excelência, conviver... criar as regras deles... responsabilizar-se por aquilo que fazem, aprender com os próprios erros, acho que... só aqui mesmo.

António - Eles não saem da sede... tão em casa na mesma....

João - Agora também não é correcto estar a ensinar, o caminho do bem e... e que o correcto é isto, isto e isto. Não, a gente temos que ser realistas, temos que ensinar o que é que é o correcto, o que é que são os valores, mas também quais são os procedimentos e... como é que a natureza funciona nessas situações e como é que tudo isto apesar de natural deve ser encarado.

Pedro - Isto deve ser... depois temos o preconceito da sociedade relativamente a nós...

João - Pois, por isso é que a gente não mexe nisso, por isso é que a gente não mexe nesses assuntos.

Pedro - Já temos a... da fama não nos livramos, que nos acampamentos aquilo é um...

Cristina - Um bacanal... é um bacanal.

Pedro - Um bacanal muito grande. E se vamos banalizar ou explorar um pouco mais isso a nível de sede ou a nível de público, tendemos a ser crucificados...

João - Mas já é uma grande glória... já é uma grande glória em 10 ou 12 anos que teve aí nunca ter a televisão pegado num caso desses dos escuteiros... eles bem tentam com os escuteiros perdidos na neve mas...

Sónia - Para depois dizerem que afinal não era nada disso. (risos)

João - Com tanta pedofilia e tanto não sei quê... temos muito azar, mas de facto lá dados concretos nunca se apanhou.

Pedro - Lutamos sempre com esse bicho que é a sociedade, também temos que saber lidar com isso... que às vezes é um bocado complicado.

João - Não, a sociedade e às vezes a própria... e o próprio facto de ser um escutismo católico, não é... temos que estar enquadrados nas próprias regras que a própria Igreja Católica Portuguesa nos dita, não é... e quanto a isso, enquanto assim for, temos que ser um bocado mais cautelosos e se calhar não abordar determinados assuntos e é assim mesmo

Pedro - Ou abordá-los assim...

João - Ou então estarmos a abordá-los de uma forma incompleta, e dizer que os padrões correctos são estes, três pontinhos...

Pedro – Agora, se Deus quiser...

Olga – Mais algum comentário, alguma coisa que não se tenha falado?

João – Nunca... nunca... nestas conversas nunca abordaram o assunto da homossexualidade entre eles?

Olga – Muito ao de leve. E foi num grupo onde estava um assistente presente. Tenho-vos a dizer que foi uma surpresa muito agradável. A posição e a forma como esse assistente participou nessas conversas foi muito, muito interessante.

António - Por exemplo aqui, eles... podem haver, mas o que eles dizem é que têm amigos que são homossexuais, eles não.

João – Esse é um assunto ainda mais... se sobre relações sexuais é um bocado... agora sobre...

António - Eu apanhei-os... lá entre eles a falar... mas... eles têm amigos. Podem ser mas não mostram. Têm amigos.

Olga – Mas nós temos uma sociedade que não admite, de maneira nenhuma, ainda a homossexualidade.

António - Não admite nada. Nós por muito que digamos que estamos a evoluir... os valores estão lá fixos. A gente vê, eu vejo aí miúdos que... quando não namoram e não sei quantos... isso agora é... é tudo para a frente. Começam a namorar e já não podem falar com os amigos que já conhecem de longa data, e então tão a namorar e às vezes só se conheceram à meia dúzia de meses.

Olga – Mas imposto pelo namorado ou pela namorada, imposto...

João – Sim, sim, sim, sim, sim.

António – Imposto entre eles, eh pá... imposto entre eles.

João - Eles hoje são terríveis, hoje até largam os escuteiros quando um larga os escuteiros.

António - Por isso é que eu continuo a dizer, isto... os nossos valores... os nossos valores antigos estão sempre... estão enraizados. Não se aceita certas modernices.

Olga – Mesmo os próprios miúdos...

António - Os próprios miúdos, mesmo. Não é os mais velhos.

Pedro - É aquela sensação de posse...

João - É... e aquela coisa do machismo, do domínio do rapaz sobre a rapariga, também se sente muito isso. Mesmo às vezes assumido pela própria rapariga, infelizmente...

Paulo - É a conclusão que eu tenho nesta... é que nós podemos mudar muito, mas quando chega a hora da verdade, volta-se ao antigo. E a gente naquele programa, o Big Brother, esses valores vieram ao de cima.... Nas expulsões e isso, isso veio tudo ao de cima. Em certos programas que se vêem na televisão. Nem tudo é errado na televisão, mas no geral, é isso que vem ao de cima é... os valores antigos, os novos não... e a gente vai aceitando... mas quando chega a hora da verdade, é posto de lado... por isso é que... não sei...

Olga - Mas o que é um facto é que está aqui uma direcção... mista...

João - Sim, mas nós os homens aguentamos... (risos)

Olga - ...e aí há... ora nós entrámos no CNE... as mulheres entraram no CNE depois de grande polémica, depois de uma grande polémica, em 77, 78, depois de um agrande polémica. Por acaso tive a oportunidade de conversar com uma das pessoas que abriu as portas a...

João - Nós aqui já tínhamos, já tínhamos...

Pedro - Nós aqui... havia a sede das raparigas e a sede dos rapazes, também por uma questão de espaço. Mas havia a chefe do grupo das raparigas e o chefe do grupo dos rapazes.

João - Mas antes de haver mesmo... senhoras no CNE, já tínhamos aqui as...aquelas moças do lenço verde e as...

Olga - As Aquelás, foram as primeiras experiências...

João - Mas aqui as novidade só vieram depois de 78. Tínhamos as Guias, que...

Pedro - Mas... lá está, apareceram as raparigas no CNE, e... aqui em Tomar pelo menos acabaram as Guias... mudaram-se...

Sónia - Há coisas que vão mudando... há coisas que não...

António - Mas os valores são sempre esses... e nota-se, por exemplo, uma rapariga que tenha namorado várias vezes e coiso, aceita-se, mas quando chega a hora do casamento e isso... já não é bem assim...

Paulo - Mas eu já agora, em relação aqui à direcção mista... também é preciso haver alguma quantidade de dirigentes... mas por acaso nós até... aqui é equilibrado, homens e mulheres a nível de dirigentes. Até nas equipas de animação conseguimos, que é importantíssimo, ter... homens e mulheres.

António - Só na 1ª secção é que não... mas... tirando isso (risos)

Sónia - Mas já houve (risos)

João - Não há nenhum homem que aguento putos.

António - Já houve, que eu já fui dirigente de Lobitos. Mas já ando há tantos anos nisto que eles já são... pró ano Caminheiros. Alguns já são chefes.

Olga – Continua a haver muita dificuldade em... sobretudo as mulheres, quando casam e têm os filhos, poderem continuar no escutismo. No escutismo e noutro tipo de actividades. E quem continua, por vezes, ou há um excelente relacionamento ou então há muitos problemas entre os casais. Não é raro o caso de pessoas ou que se separam, ou que a pessoa deixa ou...

Pedro - Nós aqui, na grande maioria, está cá o casal. Na maioria, não é todos os casos. Depois temos os casos... tem aqui a Sónia, que é um caso exemplar... o namorado não é escuteiro..

João - Mas já lhe disse, que quando casar sai, quando casar sai, não foi?

Sónia - Quem é que disse?

João - O teu homem.

Sónia – Quando casar eu saio? Não, já temos discutido isso...

Pedro - Mas da parte dela, a disponibilidade tem sido a mesma, pelo menos por enquanto, e eu nunca vi o namorado... se calhar chateia-te a cabeça não é? (risos)

Sónia – Já... depois de tantos anos...

Pedro - Que nós, falo por mim... que eu desse por isso nunca o vi estar a chatear agora... sei lá, isso lá entre eles não sei...

Sónia – Não, mas não...

Pedro – Agora, não sei depois no futuro como será, que é um caso diferente... diferente... temos o caso... por exemplo temos a Leonor, que entrou já para o escutismo como dirigente... e pronto... que o marido não é...mas... agora assim...

Sónia - Mas e eu...aviso já que para o ano vou sair...

Cristina - Qual ano? (risos)

Pedro - Não, temos vários casos daqueles pioneiros e caminheiros que depois acabam por... namorar e casarem e virem para cá os dois e temos o caso de um que é escuteiro e ao começar a namorar trouxe para cá a namorada, neste caso... a Cristina, por exemplo, e temos mais cá no agrupamento assim, até mais cedo, sem ser logo pra dirigente.

Sónia - E depois temos aqueles que nunca conseguiram trazer os namorados, nem vão conseguir...

António - Felizes desses! (risos)

Pedro - Mas compreendo que é...

Olga – Tem havido situações complicadas, porque as pessoas não aceitam muito bem ainda. A sensação que eu tenho é que as pessoas ainda não aceitam muito bem, por exemplo, aceitam que o pai deixe os filhos com a mãe para ir acampar e não sei quê, mas o contrário já é muito mais complicado.

Paulo - Eu vou dar o meu caso... numa festa de anos.... Numa festa de anos da filha de um colega meu, ia a Diana comigo, porque... só eu e ela, não estava cá João que foi acampar para a Serra da Estrela e aquilo fez um bocado de confusão... a João estar na Serra da Estrela numa actividade de escuteiros e eu estar com a minha filha, a acompanhar a minha filha numa festa de anos, ela não conhecia a rapariga de lado nenhum... de eu estar em casa digamos assim e ela tar em casa, digamos assim...

Olga – Isto pegando naquilo que eu disse ainda há bocado sobre os valores, porque eu também acho que somos todos muito liberais mas quando chega à altura da liberdade estas coisas ainda há. Por isso é que eu às vezes não percebo muito bem como é que esta questão dos valores afinal se transmite. Porque no fundo eles estão lá, alguns valores assim mais incutidos, mas depois... aquilo mistura-se assim um bocado.

António – Muitas vezes é por não haver mesmo diálogo sincero... mesmo entre casais... isto é assim eu... sou muito amigo da minha mulher e tal, mas quando chega aquela altura há certas coisas que ela não precisa de saber... não há sinceridade e depois quando chega a certas alturas que.... com um bocadinho de conversa passavam e agora já não há coragem porque aquilo vai passando anos e depois já não se vai tendo aquele à vontade para falar das coisas e pronto, e vai-se perdendo... E é o que sucede em relação ao resto. Eu vejo aqui em relação aos miúdos e não só em relação aos miúdos, em relação aos graúdos, fala-se à vontade, de tudo um pouco, mas quando é mais aprofundado a gente corta um bocado porque... depois se calhar somos apanhados em situações que nós não queremos responder... e então pronto, é assim...

João – Eu sobre essa situação faço se calhar um bocado de paralelismo com o que vejo no meu puto. Eu digo-lhe determinada coisa, em determinada situação, ele não liga nada... “pá faz assim pá”, e ele não liga nada, o que lhe digo não significa nada. Mas depois em situações, sei lá de pânico ou assim fora do normal em ele precisa de uma referência e ele lá se lembra da... daquele tipo de instrução que o pai tinha dado para aquela altura. E eu penso que estes jovens, também um pouco a esta imagem, recorrem um pouco às imagens que têm da família, do pai e dos avós, só em casos extremos de

alguma necessidade, em que eles entendem que há alguma urgência em agarrar-se a algo sólido. Porque de resto são os valores do grupo, aqueles mais... mais...

Olga – Mais de moda...

João – Sim, e eles de facto, só em determinadas situações é que recorrem de facto àquilo que o pai lhes disse, e ao que o chefe disse, e ao que o professor disse... aquilo é que está bem...

António – Mas acho que é um factor mais de... de sinceridade...por exemplo... é casada, não é? E se precisar de ter um jantar só entre mulheres, e ao chegar a casa é que apanha o marido a dizer “olha, afinal fomos à discoteca ainda”, né... e eu se tiver... não tenho coiso de dizer “olha, estive aqui, estive acá”... mas se calhar à gente que já não diz isso e depois em conversas mais tarde descaem-se e aí é que se vai vendo “olha ele também me mente”, depois vai ela mentir...

João – Não é mentir...

António – Mas a certas alturas que... já não há aquela sinceridade, mesmo que um esteja a ser sincero com o outro já há aquela desconfiança... e pronto, e depois já há certas coisas que já não se deixa fazer porque... fica mal...

Cristina – Os meus colegas... faz-lhes muita... eu trabalho com mais cinco homens, e às vezes faz-lhes muita... confusão (risos). O ano passado o Pedro teve no Rover Way... teve quase um mês acampado, teve lá no princípio e ficou até ao fim... é... faz-lhes muitas coisas... “Então tu deixa-lo ir assim, tá lá muita gente, e lá tar a dormir sozinho e”... aquelas conversas e... e eu vou jantar com eles, há pessoas que convidam, há clientes... e eu vou com os meus colegas, não levo o marido atrás e... pronto eles ao princípio era complicado “então tu deixa-lo ir assim”, e eu deixo... “então e a gente no fim queria ir ali ao bar”... e eu “tudo bem, se vocês não se importarem que eu vá com vocês eu vou”, “e então e o teu marido não se importa?”... (risos)

António – Isto é... aquela conversa que se devia ensinar os miúdos aos 3, 4 anos, isto o namoro é mesma coisa, a gente quando começa no namoro a omitir qualquer coisa e vai... vai andando com os casais, até que chega ao ponto que já são tantas coisas que tem que dar em separação, porque as pessoas depois também fartam-se, e então hoje em dia, é mais fácil... mandar dar a volta do que tar a tolerar o... o companheiro... por isso é que eu aconselho as pessoas a não... não casar... (risos) que é mesmo assim. Enquanto eu... e aliás a gente... eu conheço casos que chegaram a viver juntos 10, 15, 20 anos e no dia em que passaram o papel, foi cada um pra seu lado... pronto... deixaram...

Pedro – Sensação de posse... foi se calhar a sensação de desconfiança...

António – Pois... porque o papel, durante tantos anos não foi preciso e agora... se calhar foi isso...então... a sociedade portuguesa é assim, quando chega a hora da verdade...

Pedro – Não é só nós...

António – Não é no geral não, porque eu, aliás as... minhas primas estão em França já há muitos anos e eu... lidei muito lá com os franceses e eles... já não havia muito isso.

Pedro – São menos liberais.

António – Não, porquê... já lá apanharam duas guerras, também lá... na terra deles e coiso e então... totalmente diferente, há vontade, e aliás cheguei e ter lá uma... uma rapariga que... uma vez me explicou que... prontos, pra namorar um português era difícil porque... ele ao saber que ela já tinha tido não sei quantos namorados, e que se calhar já não aceitava... e eu disse-lhe “olha que nem todos são assim” mas ela... aí tá, de pé atrás porque sabe como é que é a nossa mentalidade.

Olga – Mas também há uma coisa, nós temos 30 anos de... de revolução, e 30 anos em termos de História de um país não é muito para... é muito pouquinho, quer dizer, aquilo de passarmos do 8 ao 80 é verdade, e agora estamos a tentar ir ali para o 44, mas...

António – Mas não conseguimos...

Olga - ... mas passou muito pouco tempo ainda, e ao mesmo tempo estamos a tentar apanhar todo o resto na Europa, quer dizer é muita coisa junta e... e às tantas estamos também um bocado baralhados.

Sónia – Acho que devíamos tentar chegar a um acordo.

António – É... é, tu, eu, e nós que estamos aqui começamos nas nossas casas, agora assim... de qualquer maneira, mesmo assim... eu, há um ou dois que já não é bem igual... é assim... porque eu conheço casos concretos que passaram do 8 pro 80, os filhos, aquilo... é... é apoio em tudo.

João – Eh pá o 80, é como dizia um jovem americano depois de conhecer, depois de conhecer... lá na Base das Lajes e ter estado a conversar 15 minutos com uma miúda portuguesa “Então e como é que é com sexo, fazes?”, era assim, passados 15 minutos de estar a conversar... (risos) E mas e... “What about sex? Como é que é?”... (risos) E não, não conhecia a miúda há mais de...

António – E se calhar... tu vais pró estrangeiro e é capaz de chegar uma miúda ao pé de ti, “como é que é, queres vir?”... Já assisti a casos desses... Eh pá, é...porquê? Então? A mulher não é igual ao homem?

João – Os nossos putos também não dizem “vamos curtir esta noite”?

Sónia – Eh pá, mas eu também não acho normal o americano, e é homem, não estou a dizer por ser mulher...

António – Não, não, ouve, aí tá... lá já se chegou a essa maturidade...

Sónia – Qual maturidade?

Olga – Também não sei se será maturidade, eu também aí concordo um bocadinho...

António – Não, mas é... nós também não estamos pra isso...

Olga – Eu acho os americanos um povo um bocado paradoxal... porque eles são do mais... são do mais retrógrado que pode haver...

António – Eu não tou a falar dos americanos... eu não tou a falar dos americanos, eu tou a falar na Europa...

Cristina – Eles vivem do 8 e 80...

Pedro - Foi um escândalo nos Estados Unidos

Olga – é um escândalo nos Estados Unidos uma mulher andar de... amamentar uma criança... em público... portanto...

João – Eles não permitem topless, por exemplo.

António - Os Estados Unidos não são exemplo porque eles têm uma liberdade controlada...

João – Vem logo a polícia, se tu estás na praia em topless...

António – Lá, lá...

Olga – Lá têm mais armas per capita do que nós temos telemóveis, e nós já somos um país... (risos)

António – Isso é verdade, que eu cheguei a parar lá em estações de serviço no meio do nada e ter lá armas, só não trouxe porque tinha que passar na alfândega, e se as trouxesse... porque eles vinham... porque de resto lá, nós vamos ali numa avenida...